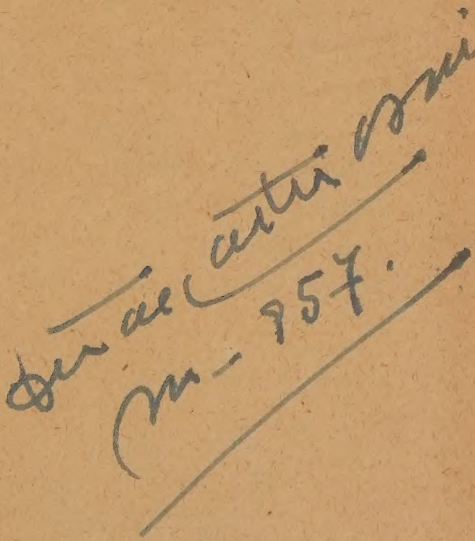
UNIVERSITY OF ARIZONA
39001022051455

Digitized by the Internet Archive
in 2026

https://archive.org/details/historiadalitera0000jose_v0z4

Historia da Literatura Portuguesa



Obras de José Agostinho

A Chave dos Lusiadas, *prefaciados, parafraseados e anotados, encad.* 20$00

Historia de Portugal, *de 1820 a 1910, continuação da de Schaeffer, 1.º volume.* . . . . . 35$00

Historia de Portugal, *2.º volume* . . 35$00

Camilo e a sua psycologia . . . . 8$00

Eça de Queiroz. . . . . . 8$00

Obras Posthumas de Eça de Queiroz e a critica. . . . . . 8$00

Alexandre Herculano . . . . . 10$00

A' Roda de Portugal, *2 volumes* . . 20$00

O Judeu Errante *(verso)* . . . . . 2$50

Caminho das Lagrimas *(romance)*. . 10$00

A saír em 2.ª edição:

Tragedia Maritima

PQ
9011
A35
1927

JOSÉ AGOSTINHO

Historia da Literatura Portuguesa

1927
CASA EDITORA DE A. FIGUEIRINHAS
Rua das Oliveiras, 71 e 87
PORTO

DIREITOS RESERVADOS

** Composto e impresso **
na «Tipografia Civilização»,
de Barbosa, Patrício & C.ª,
T. de Cedofeita, 54 – Porto.

NOTA PREAMBULAR

Escrita depois da impressão de todo o livro, esta nota só pode chamar-se *preambular* por ser colada aqui, antes da *Introdução*.

O seu fim principal é uma correcção importante. A-pesar-de não querermos resolver quaisquer problemas históricos da nossa literatura, nós, a pág. 114-115, apresentámos a opinião de T. Braga sôbre o nascimento e o pai de Gil Vicente. E, fiados demais na memória e em vez de falarmos dos prováveis progenitores, G. Vicente e uma dama de apelido Borges, atribuimos ao sr. dr. Mendes dos Remédios a quási convicção de que o nosso Plauto nasceu em 1470. Enfim, na nota à pag. 115, deixámos a impressão de que aquele eminente publicista e mestre tal deixaria transparecer na sua *História da Literatura Portuguesa*. Não é assim. O sr. dr. M. dos Remédios traz na sua *História*, a propósito, apenas um parentesis *(1470? 1540?)*; e é no prefácio à sua magnifica edição das *Obras de Gil Vicente* (Coímbra, 1907) que toca no assunto, mas para julgar algures, com Brancamp Freire, que a base de certas investigações de B. Rebelo e B. Freire sôbre o nascimento de

G. Vicente tanto pode provar que o nosso Plauto nasceu em 1470 como em 1542.

Esta correcção não a podiamos nem deviamos protrair, e muito menos conglobar com a que noutra edição teremos de fazer a várias erratas, lapsos e precipitações, classificadoras e definidoras, decerto benemèritamente apontadas pela crítica conscienciosa.

E, como os leitores verão, poucas vezes tocámos em problemas similares, que pomos tanto de parte como a discussão dos métodos de crítica literária — razão única porque não fazemos a menor referência, fàcilmente causadora de digressões à flor de qualquer discordância, aos trabalhos valiosos do sr. dr. Fidelino de Figueiredo e doutros.

O nosso fim é simples: *a)* divisão singela, quanto possível positiva, das épocas, com a sua caracterização nítida; *b)* estudo rápido, mas desapaixonado e franco, de escolas, obras e autores; *c)* auto-relêvo da psicologia da Raça na evolução dos géneros literários; *d)* corajosa e conscienciosa reabilitação dos injustamente esquecidos, e redução de consagrações arbitrárias.

E seja-nos lícito fechar esta nota com um vivo agradecimento àqueles que com devoção muito tocante atenderam os nossos pedidos de conselhos e esclarecimentos. Dignou-se dar-nos alvitres basilares, ouvindo a leitura dos primeiros capítulos, o ilustre professor, homem de sciência e publicista, sr. dr. Evaristo Gomes Saraiva, glória veneranda do nosso Ensino. Outros, como o sr. Dr. Mendes dos Remédios, como o notável homem de sciência e director da *Broteria*, sr. P.e Joaquim da Silva Tavares, como o sr. coronel J. T. Paes de Figueiredo, antigo presidente das Constituintes da República, distinto matemático e scientista, e ainda o sr. Manuel Alves de Oliveira, um dos talentosos directores da revista *Gil Vicente*, o sr. João Baptista Maria de Oliveira, ilustrado e carinhoso amigo e o sr. Jaime Balsemão, escritor distinto, competiram em zêlo e boa vontade, em solicitude e bom critério, ministrando-nos excelentes subsídios, que nunca poderemos agradecer bastante.

O AUTOR.

INTRODUÇÃO

1 — *Historia da literatura portuguesa* é a parte da nossa Historia que enumera e analisa todas as produções literarias dos portugueses.

A *enumeração* abrange todas as produções em prosa ou em verso, quer escritas, quer transmitidas pela tradição oral.

A *análise* dispõe dos seguintes elementos:

a) Estudo prévio do carácter da Raça;

b) Estudo da época mundial e do meio nacional;

c) Estudo da evolução da língua;

d) Análise da influência da tradição;

e) Verificação do grau de consciência com que o poeta ou o prosador interpretou o sentimento nacional e o puro progresso humano;

f) Estudo da psicologia dos autores, cotejando as suas obras com as conclusões dos possíveis dados biográficos.

2 — Geralmente, costumam admitir 3 épocas na historia da literatura portuguesa: *a Medieval* (Sec. XII-XV, abrangendo 2 Escolas — a *Provençal* ou dos *Trovadores* — 1200 a 1385, e a dos *Poetas palacianos e dos cronistas* — 1385 a 1521); a *Classica* (Sec. XVI-XVIII, abrangendo 3 Escolas — a *Italiana* ou *Quinhentista* — 1521 a 1580 — a *Gongorica* ou *Seiscentista* — 1580 a 1700 — e a *Arcádica* ou *Francesa* — 1700 a 1825); e emfim a *Romantica* (Sec. XIX-XX, abrangendo 2 Escolas, a *Romantica propriamente dita* — 1825 a 1860, e a *Realista* — 1860 até hoje).

3 — Mas, encarados mais filosòficamente os documentos literários de Portugal, devemos notar 8 épocas: *Época de formação* (Escola medieval ou provençal); *Época de consolidação* (Escola dos poetas palacianos e dos cronistas); *Época de perfeição* (Escola italiana ou Quinhentista); *Época de decadência* (Escola Gongórica); *Época de reconstrução* (Escola Arcádica ou Francesa); *Época de desorientação* (Escola Romântica); *Época de desnacionalização* (Escola Realista); e *Época de neo-reconstrução* (Escola Tradicionalista-Regionalista).

A 1.ª corre paralela à existência da dinastia Afonsina. A 2.ª decorre de 1385 a 1521 (de D. João I a D. João III). A 3.ª decorre de 1521 a 1580. A 4.ª decorre de 1580 a 1700. A 5.ª decorre desde 1700 a 1826. A 6.ª decorre desde 1826 a 1860. A 7.ª decorre desde 1860 a 1915. Enfim, a 8.ª vem de 1915 até aos nossos dias.

Divisão feita um pouco
idiota confusionista

4 — A 1.ª Época acentua o poder e originalidade do espírito lusitâno em luta com o espírito estrangeiro, no amor das tradições, mas recebendo daquêle invencíveis influências. A 2.ª Época revela a expressão quási definitiva do sentimento nacional através das tendências assimiladoras e eruditas. A 3.ª Época manifesta o grau de perfeição com que o sentimento nacional se afirmou dentro da Renascença. A 4.ª Época demonstra a depressão do sentimento nacional dentro da depressão social e politica, sacrificando ao hispanismo a originalidade portuguesa. A 5.ª Época afirma a ansia de ressurgimento, bastante desvirtuada pelo intelectualismo pombalino. A 6.ª Época patenteia os efeitos do intelectualismo pombalino, peorados pelo espírito estrangeiro do liberalismo, apezar das intenções tradicionalistas dos primeiros romanticos. A 7.ª Época ostenta desdém irónico pelo sentimento nacional e profundo scepticismo sôbre os destinos da Raça. A 8.ª Época, reconstrutora da Historia, moralizadora da Arte, e reabilitadora da Sinarquia (1) nacional, integra o espírito do Passado

(1) A *Sinarquia* é o regime político que, com muito menos defeitos do que qualidades, assegura a paz e a ordem das nações dentro de leis nacionalizadoras e positivas. Comparticipa do melhor que tem a Monarquia e do melhor que tem a República, realizando a única positiva solução político-social, porque assegura, quanto possivel, o meio-termo indispensavel à saúde dos organismos nacionais. Como o seu nome o diz, a Sinarquia é o govêrno num povo por meio das suas forças vivas (*representação corporativa*), que, nos seus

nos progressos do Presente e nas sólidas esperanças do Futuro.

---

congressos especiais, elaboram as leis necessárias à prosperidade de cada corporação, apresentando-as depois, por meio de delegados seus, numa assembleia nacional (*côrtes tradicionais*), onde as diversas reclamações são examinadas, no sentido de se harmonizarem para o melhor bem comum, pelos representantes do Conselho de Estado. Este Conselho, constituído por membros dos Estados tradicionais, pelos representantes do Clero, da Nobreza (Universidades, Magistratura e Exercito) e do Povo (Comercio, Industria, Operariado), redige as conclusões legislativas que o interesse nacional impõe e submete-as ao poder regulador dum Chefe de Estado vitalício, convenientemente educado para exercer o govêrno supremo. A História diz-nos que os povos, quando põem de parte a estéril discussão de regimes, encontram na Sinarquia as virtudes monarquicas dum bom poder central e as virtudes republicanas duma inteligente descentralização provincial e municipal, e progridem sem o menor perigo de despotismo ou de anarquia, fruindo a possivel liberdade humana.

Confusão e simplismo

PRIMEIRA ÉPOCA

ÉPOCA DE FORMAÇÃO

(Escola Provençal)

PRIMEIRA ÉPOCA

I

A Raça, a Época, o Meio — A língua e a literatura — A arte provençal.

1 — **Caracter da Raça** — Grande vibração patriotico-eligiosa. Influência meridional, determinada pelo factor geográ-ico: alternativa de clima marítimo e de clima das montanhas, de endência cosmopolita e mercantil, favorecendo a vida marítima, de tradicional amor à independência, herdado dos lusitanos e equintado pela luta contra os árabes, favorecendo a vida agrí-ola e a estabilidade social e política dentro do regionalismo e do unicipalismo. Sentimentalismo e heroismo profundos, resíduos o mercantilismo fenício e do fatalismo árabe, mas profundas aracterísticas nacionais, de origem celtibera e fortificadas pela oçura do clima e pela riqueza do solo: bravura generosa e idea-ista, seguida fàcilmente de desalento e apatia; sugestionabili-ade excessiva; uma mobilidade extrema, que passa fàcilmente o orgulhoso amor das tradições à delirante paixão por ideais ovos e exóticos. Ao mesmo tempo, negação para a vida prática para trabalhos e estudos profundos. Mais imaginação do que azão. Mais poder de assimilação do que de criação. Mais impul-ionismo do que vontade.

2 — **Carácter da época** — (Aspecto-social-político). om o início das *Cruzadas*, o Ocidente cristão pretendeu não ó conquistar os Logares-Santos, punindo as afrontas sacrílegas os infieis, como conter as ambições invasoras dos povos do

Oriente. A tomada de Jerusalém e a de Constantinopla signifi
cam triunfos gloriosos da Cristandade. Mas os Cruzados troux
ram comsigo bastantes vícios orientais. Prova-o a corrupção d
Ordem dos Templarios. O Cristianismo, pois, começou a ser en
venenado pelo Oriente, progressando por isso a luta, mais o
menos clara, dos reis, dos Nobres e do Povo contra o Cler
Contudo, as providenciais invasões dos Turcos uniram solidàri
mente os povos católicos. E, entretanto, as descobertas da busso
e da pólvora sugeriam ao Ocidente, e de um modo particular,
Península, a audácia dos descobrimentos e das conquistas.
superioridade bélica do Ocidente firmava-se como uma espécie d
dogma social e político.

Carácter da época — (Aspecto literário). Elabor
ção, influenciada pelos poetas romanos, (Ovidio principalment
pela imaginação germânica e pelo espírito árabe.

Povos orientadores: Itália e França.

Povos imitadores: Espanha, Portugal, Alemanha e I
glaterra.

1.º período

Itália . . .

Poesias místicas de S. Francisco de Assis, v
sando a Democracia cristã — Poesias amor
sas de Guido Cavalcante e de Cino de Pistoi
sendo êste um jurisconsulto notável — Trab
lhos linguisticos de Brunetto Latini — A *D
vina Comédia* de Dante, visando a consolid
ção do Catolicismo e da Monarquia, vari
versos e valiosos trabalhos linguísticos, de-v
ras fundamentais, do mesmo grande poeta.

2.º período

Poesias primorosas, mas por vezes pagãs,
sentimento, e trabalhos linguísticos, de F
trarcha — Contos licenciosos, mas brilha
tes, declarando a decadência do espírito re
gioso e cavalheiresco *(Decameron)*, de Boc
cio, autor tambem de bons trabalhos erúdit

1.º período

Hegemonia literária, artística e ética da Provença, a pesar-da vitória da lingua *d'oïl* sobre a lingua *d'oc*. (A Provença, reino desde 879 — depois de desmembrado o Imperio de Carlos Magno e simples condado desde 943 — conseguiu ser a sede da civilisação medieval, graças à sua prosperidade politica e económica e à sua educação moral e mental). A França recebeu a influência da arte provençal e propagou-a com brilho.

França..

2.º período

Triunfo progressivo dos trovadores e jograis, cantando principalmente as glorias e os lances do reinado de Carlos Magno, os feitos e as galanterias da Cavalaria, a Religião, Lendas maravilhosas, etc.— *Guilherme de Lorris* escreve o *Roman de la Rose*— A arte dramatica nasce com os *Mistérios*, peças alegóricas e de assunto sacro. *João Michel* é o mais cotado dêsses poetas dramaturgos. A história desponta na *Chronique* de *Gautier de Coincy*. A Universidade de Paris (1200) metodizando o ensino das escolas regidas antes por Guilherme de Champeaux, Abélard, Pedro Lombard, etc., começa a disciplina, da lingua, das letras e das sciências.

1.º período

O modêlo provençal inspira vários poetas qu
encaram a figura do Cid como os francese
encararam a de Carlos Magno — *O rei Afons*
o Sábio, escreve as *Cantigas de Santa Mari*
e *Las siete partidas*, com a colaboração d
varios escritores, dando um repositório pre
cioso sôbre história, vida social, lingua espa
nhola, legislação, etc. — Inicia-se a História d
Espanha.

Espanha.

2.º período

Juan Ruiz, Arcipreste de Hita, escreve poesia
religiosas, satíricas e alegóricas — Outros po
tas imitam as trovas de amor e religiosas d
Afonso Sabio — Pedro Lopes de Ayalla avult
com o célebre *Rimado del Palácio — Calist*
e Melibeia (ou *Celestina*), tragi-comédia e
21 actos, inicia a arte dramática na Espanh

1.º período

Os *Minnesingers* (poetas amorosos) imitam ing
nuamente os trovadores da Provença.

Alemanha

2.º período

Os *Meistersingers* (mestres da arte poética) co
põem o *Nichelungenlied*, uma especie de Ca
cioneiro épico.

1.º período

Inglaterra

Formada a língua inglesa, surde o ciclo poético do Rei Artur e da Távola redonda — Lendas galesas e bretãs — Os menestreis imitam os trovadores.

2.º período

Bacon, Duns Scott e outros iniciam a literatura erudita — A língua inglesa fixa-se na fusão do saxão e do normando — Chaucer é o primeiro poeta disciplinado. Imita Boccacio nos *Canterbury Tales* (23 contos).

3 — **Caracter do meio português** — O meio português, além dos impulsos racicos e da influência da época, que fica descrita ràpidamente, sofreu a influência das vicissitudes políticas que o distinguiram do meio hispano. D. Afonso Henriques encarnou, em obras e sentimentos, a vontade nacional, apoiando se na Igreja, mas atraiu a influência estrangeira, um pouco orientalizada, na valorização dos Cruzados. D. Sancho I reforçou essa influência na obra do povoamento, ao chamar colonos estrangeiros que provavelmente trouxeram comsigo a tendência nórdica para a rebeldia e bastantes paixões e vícios importados do Oriente.

As lutas contra a Santa Sé nos reinados de D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II e especialmente D. Afonso III acusam bastante o espírito estrangeiro orientalizado. D. Diniz, colhendo sabiamente em estrangeiros a vida das nossas letras e sciências, revelou na sua luta pelos Templarios contra Roma uma complacência excessiva com o espírito estrangeiro. Mas fundou o pinhal de Leiria, antevendo os destinos da Raça e legislou em benefício puro da nacionalidade, educando-a para poder aliar gloriosamente a Cruz à Espada. D. Afonso IV e D. Pedro I reforçaram as tendências celtiberas, ou sentimentais, da Raça, mas consolidando bastante o espírito de heroismo e

justiça. Emfim, D. Fernando, nas suas oscilações entre o imperialismo hispânico e a autonomia nacional, firmada em alianças com povos nórdicos, acalorou o sentimento nacional que, em oposição à política internacional do rei, se manifestou intransigentemente anti-hispâno e até xenófobo. Mas D. Fernando, fomentando o comercio e a marinha, e com leis como a das sesmarias, etc., foi benemérito da nacionalidade. A literatura recebeu, pois, como directriz de grande influência, dum lado, o espírito estrangeiro, e, do outro lado, a reacção apaixonada do espírito nacional que vibrou superiormente em Aljubarrota e Ceuta.

4 — **Formação da nossa língua** — Os elementos de formação da nossa língua foram: *a)* resíduos da língua dos aborígenes do território de Portugal — resíduos modificados pela sucessão das invasões; *b)* influência predominante do latim bárbaro, muito modificado pelos godos e pelos árabes; *c)* a necessidade avistada pelos cultos, de diferenciar nítidamente na Península a nova nacionalidade, o que foi inspirando aos eruditos a disciplina dos elementos foneticos e a organisação da sintaxe.

5 — **Emergência da nossa literatura** — Foram suas causas determinantes: *a)* o facto da independência política, a reclamar trabalhos históricos e canções patrióticas sôbre o movimento emancipador, pretendendo justificar, até no progresso das letras, a autonomia portuguesa; *b)* a formação, gradualmente disciplinada, da nossa língua; *c)* o freqüente convivio com estrangeiros, principalmente com os Cruzados. Muitos dêles cultivavam a arte e a poesia provençal (1) que depois impressionou profundamente o nosso caracter sugestionável.

---

(1) Os Portugueses conheceram a poesia provençal desde os 1.os tempos da Monarquia. As relações dos nossos reis, por meio de casamentos, alianças politicas, cruzadas, etc., com os povos estrangeiros, mais ou menos visinhos da Provença; a vinda para Portugal de vários fidalgos estrangeiros (principalmente nos reinados de D. Sancho I e de D. Afonso III, que viveu 13 anos em França); as freqüentes visitas feitas a Portugal por vários trovadores e jograis estrangeiros que

1 — **O espírito da arte e da poesia provençal** — Na Provença a maior expressão da arte era a poesia, ou simplesmente amorosa, ou amorosa e épica, ou satirico-nacionalista, profundamente humana. Os poetas chamavam-se *trovadores*. As poesias chamavam-se *trovas*. O espírito das *trovas* era patriótico, religioso e amoroso. Mas, com o volver dos tempos, o ideal trovadoresco ficou sendo quási só o amor da Mulher e da sua honra — defendida à custa do próprio sangue. O *trovador* era um poeta nómada, sempre belicoso e sempre amoroso, mas com devoção fidalga. Cavaleiro andante, saüdava em verso, e cantando e tocando, as lindas castelãs, que defendia com heroismo, ao mesmo tempo que punia os opressores dos velhos, das viuvas e dos órfãos. O espírito da arte e da poesia provençal era, pois, cristão. Por isso, havia trovadores em todas as classes, desde o trono às

---

freqüentavam as principais côrtes europeias; são as maiores causas não só da emergência da nossa literatura como da adopção da Escola da Provença ou dos Trovadores. No mesmo sentido actuaram as colações de prelados estrangeiros nas dioceses portuguesas e a vinda de sábios estrangeiros, chamados pelos nossos reis, desde D. Diniz. Estes sábios propagavam a cultura provençal, como soberana.

Entretanto, a nossa língua não desmentia a lei da formação das línguas românicas, que acusam a influência do latim na transformação regular dos sons e das formas gramaticais e na essência dos vocabulários. E, se isto não quere dizer que se devam menosprezar os elementos celticos e outros, confirma, sem dúvida, as leis de derivação latina: *persistencia do acento latino*, *supressão da vogal brusca* e *queda da consoante medial*. (Vid. *Questões da lingua portuguesa*, por Adolfo Coelho).

camadas populares, a confraternizarem com ardor. Mas, de ordinario, os verdadeiros trovadores eram fidalgos.

2 — **A técnica da poesia provençal** — Os trovadores *trovavam* e acompanhavam nos alaúdes as *trovas*, ou colecções de *versos*, que formavam *cantigas, cantares ou canções*. Dividiam as poesias em *estrofes*, que podiam ter os seguintes nomes: *chansõ (canção)*, quando era de inspiração superior e por isso usada pelos cavaleiros (1); *sirventes* (2), quando de carácter satirico; *descort* (3), quando escritas em várias línguas ou em caprichosos versos (4); *tensão* (5), quando constituem uma espécie de palestra-torneio entre dois trovadores que, lutando cada um pelo seu tema, se sujeitavam depois à decisão dum árbitro; *plang* ou *planh*, lamentos amorosos; etc. (6).

As repetições das rimas nas estrofes eram chamadas os *refrãos* ou *estribilhos*. O ultimo ou ultimos versos tinham o nome de *finda*.

---

(1) Era variadíssima de rimas e versos. Se era breve e simples, chamavam-lhe *chansoneta* ou *cançoneta*.

(2) Ou *sirventesca* ou *sirvente*.

(3) Ou *descórdo*, ou *desacórdo*.

(4) O trovador carpia desditas amorosas.

(5) Ou *tense* ou *contense*.

(6) Havia ainda a *cantiga de escarneo* e *mal-dizer*, satírica, a *pastorela* (écloga entre o trovador e uma pastora). *alba e serena* (cantos matutinos ou vespertinos), *bailias* ou *bailadas*, versando danças. cantigas de *romaria*, *barcarolas*, (vida marítima), etc. Mas hoje dá-se o apreço principal às *cantigas de amigo* e às *cantigas de amor*. As 1.as traduzem as lamentações da amada ao seu amigo. As 2.as são as confidências e queixas do namorado à sua dama.

3 — **Classificação dos poetas provençais** — Dividiam-se em três categorias, segundo a finalidade da sua arte: *trovadores, segreis* e *jograis.*

O *trovador* era poeta e músico por vocação, sem pensar em lucros materiais. O *segrel* fazia da sua arte uma profissão. O *jogral* cantava versos dos outros, embora por vezes inventasse novas cantigas e tambem novos modilhos para o instrumento que tocava.

II

Os nossos trovadores

1 — Os mais antigos trovadores portugueses são *João Soares de Paiva* e *Pai Soares* (coe vos de D. Afonso Henriques). Ha noticia de *jo grais* na côrte de D. Sancho I — um *Acompa niado* e um *Bonamis*. Enfim, os poetas d *Cancioneiro da Ajuda* devem ter sido ou pro ximamente anteriores a D. Afonso Henriques ou seus coevos, ao tempo da fundação da Mo narquia Portuguesa.

2 — **Cancioneiros** — São colecções de gran des folhas de pergaminho, onde foram escrita as poesias de varios trovadores, acompanhada da notação musical propria para o seu cant Dessas folhas se formaram fasciculos e depoi livros. No *Cancioneiro da Ajuda* encontramo as trovas mais antigas e ingénuas. No *Cancio neiro da Vaticana* temos trovas de El-Rei D. D nis e de diversos poetas do seu tempo (1). Est

(1) Os Cancioneiros galaico-portuguêses (ou verdade ramente provençais) que possuimos são três: *Cancioneiro Ajuda*, chamado tambem do *Colégio dos Nobres* e *Livro*

Cancioneiro, como os dois, a que nos referimos na nota, demonstra que a influência provençal veio encontrar em Portugal uma poesia de-veras portuguesa, cheia de paixão e imaginação, e que fazia vibrar muito as classes humildes e trabalhadoras. Atestam-no as antigas e deliciosas *serranilhas*, os *clamores*, *tamos* e *arremedilhos*, etc.

3 — **El-Rei D. Denis** — É o nosso maior poeta da Escola Provençal e da Epoca de Formação. Foi genuíno produto do melhor do seu tempo e do seu meio. Aymeric d'Ebrard e Domingos Jardo — o 1.º um sábio francês e o 2.º um erúdito bispo português, mas educado em França — deram-lhe a orientação scientífica e literária. A essa disciplina mental se deve a fundação da Universidade de Coimbra, a ordem

---

Cancioneiro do Conde de Barcellos, o *Cancioneiro da Vaticana*, e o de *Colocci-Brancuti*. O 1.º foi chamado do *Colégio dos Nobres*, porque pertenceu muito tempo à biblioteca daquele colégio, e teve o nome de *Livro das Cantigas do Conde de Barcellos*, por julgarem que todas as suas canções eram da lavra do Infante D. Pedro, conde de Barcellos — o que não tem fundamento. Hoje chama-se *de Lisboa*, por estar depositado na Biblioteca da Academia. Encerra 310 canções completas e 27 fragmentos de canções. 5 delas também se encontram no *Canc. da Vaticana*. O *Canc. da Vaticana* deve o seu nome a ter sido encontrado na Biblioteca Vaticana, em Roma, quando reinava El-Rei D. João III. Encerra 1.205 canções — O Canc. *Colocci-Brancuti* deve o seu nome ao dos seus possuidores, o humanista Colocci e o conde Brancuti. Monacci em 1880 publicou só 476 canções dêsse *Canc.*, porque as restantes (somavam todas 1.675) encontram-se no *Canc. da Vaticana*.

Os *Cancioneiros* são valiosos como documentação linguística, literária, histórica e social, caraterizando belamente a época, os costumes, etc.

para serem traduzidas as obras de Afonso, o Sábio, de Espanha, e as de Rázis, de Córdova, historiador e geógrafo árabe, bem como a afluência de trovadores e jograis galegos, leoneses e castelhanos em constante visita à nossa côrte.

D. Denis, porém, não exprimiu completamente o *meio português*. Pôs de banda, na arte como na política, o espírito belicoso do seu povo, comprazendo-se em traduzir a melancolia amorosa da Raça, e tambem a sua bondosa malícia. As notas da sua biografia explicam bastante essa predilecção. Era dado a aventuras galantes. Colhia nas letras o ideal da paz dentro dos prazeres artísticos, avessos à austeridade dos costumes. Contudo, se muito o cativava a forma, vibrava de sentimento assás profundo, porque, embora frouxo de moralidade, não deixava de admirar os grandes movimentos do coração. Foi grande a sua influência no espírito literário, que aliás efeminou bastante. D. Denis nasceu em 1279 e morreu em 1325. No *Canc. da Vaticana*, temos todas as suas poesias.

4 — **D. Pedro, conde de Barcelos** — Filho bastardo de D. Denis, foi trovador amoroso como o pai, mais por espírito de imitação do que por vocação pura. As suas trovas (*Canc. da Vaticana*) não têm bastante originalidade e espontaneidade. Lembram mais exercícios métricos do que verdadeiras poesias. Amoroso e satírico, segundo o capricho e não segundo o sentimento, merece apenas registo a titulo de curiosidade.

Transparece demais nos seus versos a simples vangloria. Mas o que se sabe da sua vida condiz com aquela mediocridade moral e mental.—Seu irmão *D. Afonso Sanches,* outro filho bastardo de D. Denis, não tem grande direito ao registo simples do seu nome. Era menos do que medíocre em inspiração e técnica. Estes dois príncipes quási nada influiram na nossa evolução literária.

5 — **Diversos trovadores** — Além de Vasco Gil e Abril Peres — que trovaram nos reinados de D. Afonso II e D. Sancho II — e além de Pero Velho e Martim Soares, notamos, no reinado de D. Afonso III, Vasco Gil, Fernão Garcia Esgaravunha, Afonso Lopes Baião, Martim Marinho e Pero Marinho, João Lobeira, etc. Deixaram *cantigas de amigo, cantigas de amor* e *cantigas de escárneo e mal-dizer.* Na sua maioria revelam sentimento e malícia, e, ás vezes, melancolia muito portuguesa.

Pelas referências doutros trovadores, parece que F. G. Esgaravunha foi o mais primoroso trovador do seu tempo, o de lirismo mais apaixonado.

6 — **Reliquias da poesia portuguesa** — São apocrifas as seguintes composições portuguesas, levianamente admitidas por Teófilo Braga como produtos da Época de Formação: *Canção de Gonçalo Hermoguez,* o *Traga Mouros, Poema da Cava,* ou *da perda* ou *da destruição da Espanha, Cartas de Egas Moniz Coelho a Violante, sua dama* (são 2 cartas), *Trovas dos*

Figueiredos ou *Canção do Figueiral*. João Pedro Ribeiro (1759-1836) desmascarou, depois dum estudo profundo, essa falsificação, que deve ter-se realizado ao romper do Século XVII.

III

Os primeiros prosadores

1 — Os nossos primeiros prosadores foram os monges, que, biógrafos de Santos e de monarcas cavalheirescos, perpetuaram com ardor as glórias dos seus Conventos e Ordens. Pouco depois vêm os nobres que quiseram deixar à sua descendencia notas vivas das glórias e honras de suas familias. Nessas notas ficaram dados históricos de valor positivo, de mistura com grandes ampliações de feitos e até com fantasias maravilhosas, ao sabor do orgulho das linhagens, e das lendas populares.

Portanto, os nossos primeiros prosadores foram mais ou menos [illegible] historiadores, que emergiram logo nos primeiros tempos da Monarquia, querendo deixar memoria da santidade dos vultos da Igreja ou das proezas e serviços dos mais ilustres antepassados. Assim apareceram, as Lendas de vários Santos, as Histórias de vários Cavaleiros, diversas narrativas e exposições de leis em latim bárbaro, e os *Livros de Linhagens*, mais tarde chamados *Nobiliários*. E assim se

foram constituindo os alicerces da Historia de Portugal, fruto da lição e cotejo dêsses repositórios de mosteiros, casas fidalgas e tradições populares.

De todos os *Nobiliários,* o mais completo e precioso é o chamado do D. Pedro, conde de Barcelos. Esse *Nobiliário,* porém, não é todo do bastardo de D. Denis. O infante apenas foi um dos colaboradores duma grande obra, que outros tinham iniciado nos primeiros tempos da Monarquia e que outros, depois do conde, continuaram com grande cópia de factos e reflexões, enquanto como que paralelamente se iam elaborando os *Cronicões,* que, na sua evolução narrativa e crítica, deram as *Crónicas* regulares. Assim, os monges e os nobres criaram arquivos, cujos documentos vários escritores aglutinaram mais tarde como elementos da história geral, inspirada pelos brios da nacionalidade. A nossa história, portanto, começou a ser feita tanto pela paixão religiosa e patriótica como pela fantasia, mas sôbre um fundo razoável de verdade.

2 — Ao mesmo tempo, a influência provençal despertava nos portugueses o pendor, muito proprio da raça, para as narrativas de façanhas e casos estupendos. Emfim, o proprio orgulho nacional, e até a necessidade instintiva de o justificar, estimulavam os portugueses a frizarem e cultivarem a *novela* ou *romance de cavalaria.*

E, se a originalidade não cunhou muito os nossos *romances,* que versaram principalmente

assuntos estrangeiros de mais voga na Europa, assinalou de-veras no *Ciclo dos Amadises* (1) o trovador português Lobeira, autor do *Amadis de Gaula.*

Contudo, se a originalidade artistica do nosso grande trovador é notavel, *por ser o autor do primeiro livro de cavalaria que se escreveu na Europa,* não acusa a profunda influência do meio português. É antes um brilhante produto da civilização geral do seu tempo. Por isso, tem sido possível contestar-se na Europa a tradição, depois rectificada a favor do português João Lobeira, que reivindica para o trovador português Vasco de Lobeira — a autoria do *Amadis de Gaula.*

---

(1) Geralmente admitem-se três grandes grupos de novelas de cavalaria com íntima conexão entre si e correspondentes a três ciclos históricos: *O Ciclo francês ou Carolíngio*, *O Ciclo bretão ou Arturiano* e o *Ciclo Greco-latino.*

Ao 1.º desses *Ciclos* pertencem as *Canções das Gestas* (*Canção de Roland*, *Canções de Ogier*, *de Gerardo de Roussillon*, *de Raul de Cambrai*, etc). Cantam os feitos de Carlos Magno e dos seus 12 Pares na Espanha e na Itália, em luta contra os Saxões. Essas *Canções*, de carácter apaixonadamente político e heroico, foram substituidas (Sec. XII-XV) pela prosa das novelas de cavalaria. Ao 2.º desses *Ciclos*, pertencem os poemas e romances que cantam as proezas do último rei dos Bretões, *Artus* ou *Artur*. Há grande cópia de lendas. As principais são: a da *Tavola Redonda* e a do *Santo Graal*. O espirito dêste ciclo é épico, mas adoçado pela galantaria e cheio de ternura céltica. Os 12 cavaleiros da Tavola Redonda lembram os 12 pares de França em valentia audaz, mas excedem-nos em cortezia. Um espirito *feérico* e *mágico* se sobrepõe ao fundo religioso. Os trovadores bretões percorriam o seu país, cantando *lais*, ou pequenos cantos, acompanhados com música. O 3.º ciclo é como que um regresso à vida greco-ro-

SINTESE

A literatura portuguesa forma-se, utilizando as tradições religiosas do Clero, as tradições heroicas da Nobreza e as lendas maravilhosas, épicas e amorosas do Povo.

— O lirismo nacional, rude e ingénuo, mas rico de originalidade, cria-se nas fainas agrícolas e pastoris que alternam com as guerreiras. Depois desenvolve-se com os lentos progressos da língua, modificando-se, pouco a pouco, sob a influência dos eruditos que impõem o espírito provençal. Assim evolute, mas perdendo muito a espontaneidade do sentimento e adaptando as formas cultas e artificiais. Cria cada vez menos, porque imita demais.

— A prosa adestra-se na História, que se baseia principalmente em tradições e lendas. O monumento mais antigo é a *Crónica breve do Arquivo Nacional* (1).

— A língua, influenciada pelas tendências eruditas de poetas e prosadores, aproxima-se das regras latinas, mas conservando fortes reservas celticas e árabes.

— A filosofia, nos seus vagidos, apresenta um grande cunho aristotelico, orientado pelo espirito católico em oposição à corrente árabe, representada por Averoés.

---

mana, evocando as figuras mais nobres e lendárias da Grecia e de Roma (Priamo, Aquiles, Heitor, Helena, Eneias, etc.). A influência dêstes 3 ciclos na nossa incipiente literatura foi grande. Todo o Portugal lê, ou ouve ler, há seculos, a História de Carlos Magno e dos seus Pares (1.º Ciclo). D. Denis refere-se a varios herois do *Ciclo Bretão*. O mesmo fez Fernão Lopes. No reinado de D. João I foi traduzida a *História dos cavaleiros da Tavola Redonda e da demanda do Santo Graal*. Nunalvares imitou a castidade de Galaaz. D. Duarte tinha na sua biblioteca os poemas *Tristão e Merlim*, monumentos do *Ciclo Bretão*. A influência do Ciclo Greco-latino é evidente em numerosas lendas que entressacham a nossa história.

(1) Seguem-se: *Crónicas breves e memórias avulsas de Santa Cruz*, *Crónica dos Vicentes*, *Crónica da Conquista do Algarve*, *Vida de Santa Isabel*, etc.

SEGUNDA ÉPOCA

ÉPOCA DE CONSOLIDAÇÃO

(Escola dos poetas palatinos e cronistas)

SEGUNDA ÉPOCA

Época de consolidação — Modificações da Raça, da Época e do Meio.

1 — **Carácter da Raça** — Modifica-se, dando gradual predomínio ao mercantilismo e à própria pirataria, mas revelando tambem heroismos extremos, quási mórbidos, e uma ardente devoção religiosa, mas deprimida pela superstição. Enfim, a raça vai-se deprimindo no contacto directo com o Oriente e recebe subtís influências heterodoxas no desenvolvimento mundial do seu empório.

2 — **Carácter da Epoca** — (Aspecto social-político). Com o esplendor dos Medicis, luzem os primeiros clarões da Renascença. A Igreja é profligada por perigosas heresias (as de João Huss e Jerónimo de Praga), mas a dignificação da França pelo heroismo e martírio de Joana d'Arc fortifica-a no coração da Europa. Os Turcos, tomando Constantinopla, ameaçam a civilização europeia, obrigando-a a vigiar melhor a sua política. A invenção da imprensa favorece a difusão das letras e das sciências, mas tambem instrumenta a guerra religiosa, soprada há muito, e que obrigou Roma a consolidar a Inquisição. Realiza-se a unidade da Espanha, que, logo depois de expulsar os Arabes, compete com Portugal nos descobrimentos e conquistas (navegações de Colombo, circunnavegação de Fernão de Magalhães, etc.). Leão X fortifica a Renascença, e Carlos V disputa à França a hegemonia, ao mesmo tempo que ameaça a Reforma, ainda prègada com relativa moderação por Lutero. A Reforma tende a alastrar, pronunciando-se francamente a heterodoxia luterana.

Aspecto literário:

Itália — *Lourenço de Medicis*, ditador de Florença, imit
Petrarca com felicidade e imprime grand
vida à poesia italiana, aprimorando-a, porém
com bastante arte pela arte. O preceptor do
filhos de L. de Medicis (*Angelo Policiano*
robustece com prestigio as tendências huma
nistas da Renascença incipiente.

França — O poeta satírico *Villon* pinta nos *Testamento*
(*Grand* e *Petit*) o seu tempo e o seu mei
com ironia bastante caustica, depois de *Froi*
sart, nas pisadas de *Willehardouin* e *Joinville*
desempenhar na historia da França o pap
de Herodoto ou do nosso Fernão Lopes.

Espanha — João de Mena (poema alegórico *Labirinto*) n
cionaliza superiormente a arte espanhola, f
rindo com elevação a nota patriótica. E, alé
do célebre *Cancioneiro de Baena*, repositór
dos versos de 60 poetas espanhois, sendo u
dêles o famoso *Macias, Jorge Manrique* f
soberbas estrofes provençais, e *Garcia Ordoñ*
de Montalvo adapta o nosso *Amadis de Gaul*

Inglaterra — Continua sob o império do Ciclo Bretão ou Art
riano, cuja influência Portugal recebeu com
vinda de D. Filipa de Lencastre, que foi e
posa de D. João I.

Alemanha — Avulta entre os *Meitersingers* o poeta Brand
autor do poema *Barca dos Loucos*, abundan
em alegorias de bom espírito filoséfico.

3 — Carácter do meio português — À como que hipertensão, talvez já mórbida, das qualidades da Raça e à progressiva hipertrofia dos defeitos vão-se sobrepondo as tendências agitadas da época e certo novi-paganismo que deriva dos exageros da Renascença. D. João I, com Nunalvares e João das Regras, encarnara as qualidades portuguesas — heroísmo e honra — e os defeitos — astúcia, ambição política, pouco escrupulosa. D. Duarte lembrara a cultura e o pacifismo de D. Diniz, enquanto o Infante D. Henrique ampliava o espírito de D. Afonso Henriques no ardor dos descobrimentos e das conquistas. D. Afonso V retemperara a Raça em Africa, mas pendera como D. Fernando para a utopia do imperialismo hispânico em benefício de Portugal. D. João II consolidava superiormente o poder real, mas deprimindo bastante a Sinarquia no exagerado abatimento da Nobreza. Enfim, D. Manuel, colhendo com bom senso o fruto dos esforços dos seus antecessores, engolfou-se talvez demais no luzimento dos feitos e das riquezas sem grande resistência à onda desmoralizadora. Entretanto, a Universidade de Coimbra ia substituindo o Ensino do Clero, ministrado nos mosteiros, ampliando-o sem dúvida dentro do espírito da Igreja, que o amparou e favoreceu, mas preparando de-longe, como que sem dar por isso, a supremacia leiga na instrução e educação do povo. E ao mesmo tempo a língua, desprendendo-se das formas primitivas e confusas, aproximava-se mais do latim literário, mas sacrificando talvez demais os subsídios populares aos eruditos.

A Escola dos poetas palatinos

1 — **A Escola dos poetas palacianos** foi o produto lógico do esplendor progressivo da côrte portuguesa. Os seus poetas são fidalgos, que têm as qualidades e defeitos da raça e da época e propendem para a influência espanhola. A ambição inspira-lhes processos aduladores, que os golpes sangrentos de D. João II como que converteram em processos inevitaveis. Sopra vagamente o espírito de scepticismo que vem da Reforma. Aos efeitos do sistema de adulação e intriga aliam-se as nocivas influências do Império da India, enriquecendo tão materialmente os heróis que lhes foi empobrecendo lamentavelmente o carácter.

2 — A Imprensa veio fortalecer os progressos literários e até auxiliar o saneamento moral exercido depois pela Inquisição e pela Companhia de Jesus. Portugal teve a sua primeira tipografia em 1471, isto é, antes da Itália, da França, da Espanha, da Holanda, da Polónia da Inglaterra, da propria Alemanha. Mas o espírito oriental, importado já por meio dos Cruzados e dissimuladamente radicado pelo contacto febril com a India, foi agravando os defeitos e deprimindo as qualidades e virtudes.

Os Poetas

1 — O documento capital da *Escola dos poetas palacianos* é o *Cancioneiro Geral*, organizado por Garcia de Rezende, e que é o fecho da nossa poesia medieval.

2 — **Garcia de Rezende** — Êste poeta era no fundo um analista penetrante e astuto. Secretario particular de D. João II, compreendeu admiravelmente a psicologia do soberano em cujas boas graças viveu sempre. Habilmente, colheu todos os elementos do seu Cancioneiro, sabendo conciliar o prestígio que tinha na côrte com um incontestavel apêgo ás boas letras nacionais. A sua habilidade na arte de viver e a sua inteligência pronta, ao mesmo tempo que magnificamente ponderada, impuseram-no a D. Manuel I, que o encorporou na famosa embaixada ao papa Leão X. Mas, de-veras hábil para tudo — poesia, história, música, desenho — o hábito de servir e de obedecer aos reis e grandes senhores, deprimiu-lhe muito as provaveis qualidades superiores. Essas qualidades evidenciam-se na elegante simplicidade e na riqueza de pormenores típicos (usanças, indumentária, aspectos sociais e políticos, informações dialogadas sôbre o espírito da época) derramados na sua aliás plagiária *Vida e feitos de D. João II* (1).

(1) Alexandre Herculano desdenhou do valor histórico desta obra não só considerando a simples decalque da *Cró-*

Garcia de Rezende foi um notável assimilador e coleccionador. A sua *Miscelânea e variedade de histórias,* crónica rimada dos sucessos do seu tempo, revela mais o observador paciente, às vezes malicioso, do que o historiador disciplinado, e mais o versejador fácil do que o verdadeiro poeta, capaz de exercer uma influência definitiva e característica. A frivolidade e superficialidade do meio palatino — funestamente deprimido pelo espírito de estratégica lisonja — influiram demais na acção e sentimento de Garcia de Rezende, cuja vida, relativamente longa (1470-1536) revela que o habilidoso alentejano — era natural de Evora — adoptou talvez a resignada convicção de que só curvando-se e insinuando-se com prudencia poderia prestar alguns serviços à pátria e às letras.

3 — Em 1516 foi dado à estampa o *Cancioneiro Geral.* O seu título completo é *Cancioneiro Geral, ordenado e emendado por Garcia de Rezende.* E traz, a seguir, a nota: *Começou-se em Almeirim e acabou-se na muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa.*

O espírito crítico de Garcia de Rezende não tem valor. A colecção é feita ao acaso, sem qualquer método. Sucedem-se as poesias, em português ou em espanhol, de poetas já finados ou ainda vivos, sem outra finalidade que não seja, como o coleccionador declara, dar uma di-

nica de D. João II pelo historiador Ruy de Pina, como julgando-a simples feixe de triviais anedotas.

versão a El-Rei D. Manuel I. Enfim, negam-lhe até a originalidade da idea (1). Mas o seu tempo fica precisamente pintado e descrito, até por acusar, como muito bem diz um escritor espanhol (2), o singular olvido a que os poetas palacianos votavam não só a vida heroica do povo como as suas proprias glórias, tão épicas e tão inapartáveis das glórias puras da Raça. E, por isso mesmo, escasseia deploràvelmente nêsse tempo a verdadeira poesia que exige liberdade saüdável de consciência e bom espírito de justiça. Enfim, por isso mesmo, a influência do *Cancioneiro Geral* não afectou muito o sentimento rácico e nacional (3). Contudo, se Garcia de Rezende, como coleccionador, pareceu transigir demais com as pretensões dos poetas palacianos (que tiveram, contudo, a virtude das intenções hispanófilas na sua resistência ao espírito triunfal da Escola Italiana), alevantou-se bastante como poeta na sua poesia dedicada à morte de D. Inês de Castro (4), con-

---

(1) Fernando del Castillo publicara na Espanha (Valencia, 1511) o seu *Cancioneiro Geral*.

(2) Menendez y Pelayo. (Vid. *Hist. de Lit. Port.*, Dr. Mendes dos Remedios).

(3) Teófilo Braga (*Manual da Hist. da Lit. Port.*) diz, a propósito: — A maior parte dessas composições eram *improvisadas* nos serões do paço sôbre qualquer pretexto que animasse a reunião; um propunha o têma, em forma da *Pregunta*, etc... Outras vezes, tomava o carácter de processo forense simulado, em que a própria rainha D. Leonor vinha dar a sentença.

(4) Versos cheios de movimento e de bela elevação e que inspiraram depois as inimitáveis estrofes do nosso supremo cantor — diz o Dr. M. dos Remedios (*Obr. cit.*).

firmando a hipótese de que, possuidor de qualidades eminentes, as deprimisse ou por falta de carácter forte ou por lhe ser impossivel contrariar o seu complexo ambiente.

Enfim, é certo que a nossa poesia, ao arrancar-se à influência provençal, se deixou dominar pelo que tinha de mais frivolo a influência espanhola, aliás mais lógica e até benefica do que aquela, por estar mais próxima das nossas fontes rácicas. Mas o povo português, estimulado por motivos políticos e talvez pelo pressentimento da próxima-futura absorpção de Portugal, conservou-se indiferente, se não hostil, à escola dos poetas palacianos. E Garcia de Rezende, não querendo ou não sabendo coleccionar metòdicamente as várias poesias do *Cancioneiro Geral* — versos sem alma e sem elevação, com rarissimos golpes de puro sentimento — mais retóricos do que sentidos, amorosos, satíricos, epigramáticos, mas sem relampagos épicos e sem ideal nobre — agravou a falta de interêsse do *Cancioneiro Geral*. Dir-se-ia que, folgando com a quási nulidade de tantas rimas, aproveitava com astúcia o bom ensejo para afirmar, como poeta, a incontestável superioridade que o distanciava muito dos demais versejadores palatinos.

4 — As mil poesias do *Cancioneiro Geral* são da lavra de vários poetas, em geral bilingues, espanhois e portugueses, imitadores dos poetas castelhanos João de Mena e Santillana. Entre os portugueses, avultam Nunalvares Pe-

reira, o Santo Condestável, D. João de Menezes, Alvaro de Brito Pestana, D. João Manuel, Duarte de Brito, Antonio Mendes, de Portalegre, Luiz Henriques, Conde de Vimioso, Jorge de Rezende, Fernão Brandão, Garcia de Rezende, etc. (1).

(1) Um dos poetas do *Cancioneiro Geral* que, escrevendo só em espanhol, eram, contudo, portugueses, foi o condestável D. Pedro, filho do ilustre infante D. Pedro, duque de Coimbra, que morreu na triste refrega de Alfarrobeira. O condestável D. Pedro tambem escreveu a *Sátira de felice e infelice vida*, eruditamente anotada, a *Tragedia de la insigne Reyña Doña Isabel* e as belas *Coplas del contempto del mundo* ou *Poema del menosprezo del mundo*. O condestável D. Pedro (1429-1466) foi expatriado por motivos políticos. Viveu sete anos em Castela. Figura na literatura espanhola.

Prosadores

1 — *Os prosadores mais ilustres* dêste período são: *D. João I, D. Duarte, D. Pedro, duque de Coimbra, 2.º filho de D. João I,* e os historiadores *Fernão Lopes, Gomes Eannes de Zurara e Ruy de Pina.*

2 — **D. João I** (1365-1433) deixou, colaborado por varios, um interessante *Livro de Montaria,* colectânea de regras sobre a arte da caça. Esta obra acusa grandes progressos linguísticos e artísticos. Se, tècnicamente, tem o bom valor que lhe dá o ter sido feita de harmonia com os monteiros mais notáveis, vale de-certo mais pelo seu significado literário. O genero do assunto pouco revela a psicologia do autor, mas diz bastante da sua educação física e das tendências desportivas da nobreza do seu tempo. E, embora seja verosímil que os colaboradores regrassem e limassem muito o estilo do livro, deixa avistar em D. João I um notável vulgarizador, pelo menos. Pena é que se perdessem o seu *Livro de Horas de Santa Maria,* o livro *Salmos* para finados e ainda uma obra sôbre montaria. Os simples títulos dêsses livros perdidos asseguram bastante que o espírito de D. João I, tão afeiçoado à política e à arte da guerra, tinha uma boa cultura religiosa e talvez filosófica. Contudo, tambem não é inverosímil que a rainha D. Filipa de Len-

castre, princesa inglesa, primorosamente educada, tivesse influido muito nos ideais elevados e até na disciplina de linguagem do antigo Mestre de Aviz. Se falava e escrevia uma língua diferente da nossa, é mais que provável ter recebido uma sofrível educação humanista.

3 — **D. Duarte** (1391-1438). Foi um pensador de vulto, devotado, por sólida educação e por inclinação hereditária — a mãe era de austeros costumes e de grande capacidade moralizadora — aos mais árduos problemas da moral. Apaixonado cumpridor de todos os deveres como rei e como simples homem, e, ao mesmo tempo, senhor duma erudição extensa e intensa, D. Duarte imprimiu à prosa muita vida e harmonia, aprimorando-a com arte conscienciosa. Por isso, influiu muito na literatura do seu tempo, desgafando-a bastante das influências excessivamente amorais que a vinham deprimindo, dando-lhe mais largos horizontes mentais e um rumo verbal digno de aplauso. O seu *Leal Conselheiro* atesta penetração de espírito, bom senso dirigente, riqueza de noções e rara perícia expressiva.

4 — **D. Pedro**, duque de Coimbra, 2.º filho de D. João I, é uma alta figura mental e moral e um prosador de qualidades notáveis. A sua erudição era grande. Conquistara-a em muitas viagens pela Europa, que lhe enriqueceram e adestraram a robusta inteligência, o delicado sentimento e a honesta vontade. Produto superior do meio palatino, que sua mãe austerizara

em costumes e iluminara com bons estímulos do saber proveitoso, D. Pedro não se apartou um ápice do caminho dirigente e disciplinador de seus irmãos ilustres. O grande Infante, de não menor estatura mental e moral do que o glorioso D. Henrique, compartilhou, porém, com D. Duarte e D. Fernando, o Infante Santo, um singular património de desventuras. Regente modelar, sitiaram-no e dilaceraram-no as intrigas palatinas que por fim o haviam de trucidar, vingando-se da sua primazia moralizadora e reconstrutora, na sangrenta escaramuça de Alfarrobeira. A *Virtuosa Bemfeitoria,* obra filosófica que, decalcando Séneca, oferece tantas novidades no estudo de varios aspectos morais, assinala o complexo valor do seu poderoso espírito, opulento de senso prático e aprofundador, e manifesta raro poder estilístico — vigor, clareza, harmonia expressiva. O infante D. Pedro (1392-1449), que, além de traduzir várias obras latinas, tambem escreveu diversas poesias, foi em tudo vítima do espírito anti-sinarquista que começou a abastardar subtilmente a Raça na aurora da sua maior glória — os descobrimentos e as conquistas (1).

(1) Dêste tempo é o livro anónimo *A Côrte Imperial*, manuscrito dado a lume nos nossos dias, em 1910, como a *Virtuosa Bemfeitoria*. É uma obra apologetica do catolicismo, em luta polemistica contra o judaismo e o maometismo. O sr. dr. M. dos Remédios (*Obr. cit.*) encarece-lhe o tom elevado e tolerante e a beleza da linguagem.

Historiadores

1—**Fernão Lopes**—A História de Portugal iniciara-se nos *Nobiliários* (1). Mas, se a Nobreza forneceu preciosos elementos á História, o Clero, colaborador ardente na vida da nacionalidade, não só precedeu a Nobreza nessa obra como a reforçou com os valiosos subsídios colhidos nos arquivos dos conventos, com o que se podia colher nas constituições episcopais, intimamente ligadas à nossa organisação social e política, e até com a elaboração dos agiologios que, mais ou menos, vinculavam a nação, cristã por excelência, à vida social e política da Europa. Por seu turno, o Povo contribuiu com pitorescas lendas e narrativas, poetisadoras em geral de todos os elementos positivos da História, e

(1) Segundo alguns, o primeiro historiador português foi, depois de João Camelo, prior de Santa Cruz e capelão de D. Afonso Henriques, *D. Pedro Alfarde* (m. em 1190), natural de Coimbra, Prior-mór de Santa Cruz. Escreveu: *Memórias dos que acompanharam nas conquistas a El-Rei D. Afonso Henriques*, obra que continuaria a de João Camelo, o 1.º cronista do Reino—*Sumário das famílias e primeiros conquistadores destes Reinos*, e que àtribuiram a *Pedro Alfadio*. Mas êste escritor viveu no reinado de D. Sancho II e a obra que deixou intitula-se *De sacrificiis antiquis Lusitanorum*. E tambem mais tarde *João das Regras*, o astuto chanceler de D. João I, (1362-1442) parece ter sido historiador. Seria o autor dum *Sumário dos Reis de Portugal*. (Vid. *Teatro Historico, Genealógico y Panegirico de la Casa de Sousa*, pelo abade Manuel de Sousa Moreira, pag. 171, nota à margem).

tambem com a letra dos seus forais, baseadores de direitos e regalias que reclamavam a viva emergência de vários homens e factos. Mas a propria complexidade dos elementos, se não a diversidade de capacidades e probidades narrativas, não podia deixar-nos dar a verdadeira História sem que imperasse um critério penetrante e seguro, coordenador e ao mesmo tempo conscienciosamente destrinçador e julgador. Qualidades assim eminentes e indispensáveis as teve Fernão Lopes, nascido talvez em 1380 e finado talvez em 1450. Guarda do Real Arquivo, ou Torre do Tombo, por mercê de D. João I, cronista-mór do reino por graça justíssima de D. Duarte, Fernão Lopes, o Herodoto português, segundo os eruditos, revelou ainda mais alto senso histórico do que o célebre historiador grego, excessivamente crédulo e simplista. Se compreendeu que no seu tempo nem sempre todas as verdades podiam dizer-se, deixou entrever as verdades mais arriscadas com não menos coragem que o proprio Damião de Goes. Palaciano às vezes na forma, mas sempre austero no espírito, são insubsistentes todas as suspeitas de que nas suas narrativas lisongeasse servilmente os monarcas. Insinua a mais áspera verdade com arte excepcional, em tom desapaixonado e cândido, com uma simplicidade que chega a ser épica. Quando a justiça lhe pede reparos, que é preciso velar, ou apoteoses que a consciência lhe não permite reduzir, F. Lopes generaliza

tanto os defeitos como as qualidades, e converte a narrativa em drama de linhas imparciais, mas vivas, indeleveis. A Raça fica sempre de pé e, com ela, a Tradição monarquica e religiosa, a Sinarquia pura. No fundo, F. Lopes era um poeta eminente, rival de Camões, na visão da psicologia colectiva e na arte de pintar, animar, dar côr, vibração, vida. Mas, com esse poder criador, resplandecente de genialidade, coabitava uma penetração analítica e ponderada que nem se esquecia do carácter do tempo, nem dos recursos da Raça, nem dos justos melindres do sentimento nacional. F. Lopes foi admiravelmente do seu tempo, e teve o poder sugestivo de quem avista com penetração o futuro—no que tambem ombreia com Camões. Por tudo isto, o seu estílo é cheio de vigor e naturalidade, de singeleza e de movimento, de graça e de frescura. Temos dêle a *Crónica de D. Pedro I* (baldadamente deprimida por um crítico contemporáneo), a *Crónica do senhor rei D. Fernando* (com uma pintura magistral de D. Leonor Teles) e a Crónica de *El-Rei D. João I, de boa memória,* onde avulta a descrição genial da batalha de Aljubarrota, que Camões não excedeu. Verdadeiro génio, F. Lopes alevantou-se acima do seu meio e do seu tempo e abriu um caminho que, infelizmente, nenhum dos seus sucessores —o proprio João de Barros e até Damião de Goes—seguiu com a sua firmeza e valor, com o seu puro génio, porque mais requintaram a lin-

guagem do que aperfeiçoaram os processos históricos.

2—**Gomes Eannes de Zurara.** Sucessor de F. Lopes como cronista-mór e guarda da Torre do Tombo, morreu em 1474. Esteve um ano em África para escrever sôbre os feitos de El-Rei D. Duarte. Foi um grande erudito e teve uma alma lavada e generosa. Prezou tanto como Fernão Lopes a verdade histórica, mas não teve como êle a expressão superior e penetrante. Seguiu-o, quanto possível, na probidade e justiça, mas empastou demais a linguagem. Contudo, a pletora do seu estilo era menos pretenção exibicionista do que produto de duas causas ponderosas: a boa vontade de instruir o seu meio, sempre frívolo, a despeito dos esforços de tantos, por meio de noções eruditas e de primores educativos de linguagem; e a necessidade de velar ou adornar bastantes verdades que teve a coragem moral de expor. A justiça do seu critério é tão incontestável que não se deprime muito nas proprias louvaminhas a D. Afonso V. E' que o rei cognominado Africano oferece à História, com bastantes defeitos—que as circunstâncias atenuam muito—qualidades generosas, cavalheirescas, dignas de independente louvor. Zurara escreveu a 3.ª parte da *Crónica de D. João I*, de F. Lopes, descrevendo com bastante vida a tomada de Ceuta e deixou ainda a *Crónica do conde D. Pedro de Menezes*, capitão de Ceuta desde 1415 a 1437 e a *Crónica de D. Duarte de*

Menezes, capitão de Alcacer-Ceguer, desde 1458 a 1464, ano em que caiu morto, em defesa da pessoa e vida de D. Afonso V. A influência de Zurara na literatura foi considerável, podendo dizer-se que despertou o gôsto da grande erudição.

3 — **Ruy de Pina** — Sucedeu, como cronista-mór, a Vasco Fernandes de Lucena, sucessor imediato de Gomes Eannes de Zurara. Parece que, nascido em 1440, morreu em 1521. Exerceu vários cargos diplomáticos que o levaram a Castela, Barcelona e Roma. D. João II nomeou-o cronista-mór. Foi benquisto dos reis D. Manuel I e D. João III. Deixou Crónicas dos seguintes monarcas: D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II, D. Afonso III, D. Denis, D. Afonso IV, D. Duarte, D. Afonso V e D. João II. Se, como pormenorizador, vale mais do que Zurara, não lhe iguala a elevação mental e moral, a ser justo o perfil que Herculano traçou da sua figura. Seria, pois, um compilador hábil de elementos colhidos nos manuscritos de Fernão Lopes, cujo estilo decalcaria com bastante habilidade, mas nunca podendo competir com o historiador eminente. Contudo, teve mais do que Zurara a arte de descrever e dissertar sem excessos de verbalismo erudito, e animou-o um bom talento de investigador. Enfim, bafejado pela fortuna, assignalada no seu grande prestígio de cortezão astutíssimo, cabe-lhe a glória de influir nos processos analíticos da nossa história

clássica. Parece que Damião de Goes utilizou apontamentos dêle na *Crónica de D. Manuel.*

4 — **Fr. João Alvares,** autor da *Crónica do Infante Santo,* tem um renome inferior ao seu alto valor. O adoravel capelão e amigo do glorioso Infante acompanhou o mártir nas angustias do desterro e do cárcere. Conhecedor profundo da psicologia do grande príncipe e testimunha honrada e enternecida dos seus padecimentos, lembra muito de Fernão Lopes na limpidez e singeleza da narrativa, na côr brilhante do seu realismo. Não tem nada da turgidez erudita de Zurara nem do ar vagamente contrafeito das crónicas de Ruy de Pina. Pode dizer-se um continuador, até certo ponto, da maneira de Fernão Lopes.

5 — **Lopo de Almeida** — Com tanto poder de descrição minuciosa como Ruy de Pina, mas com menos arte narrativa, escreveu de Itália em 1451 quatro *Cartas* a D. Afonso v. Objectivam a viagem de D. Leonor, irmã daquele soberano, e o festival com que a princeza foi recebida e aclamada, ao desposar Frederico III, imperador da Alemanha. O estilo é bastante despretencioso e suficientemente expressivo para o assunto, em si secundário, deixando traços apreciaveis da época e do meio (1).

---

(1) Publicou-se em 1918 o manuscrito da *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, escrita provavelmente no Século XIV. É a tradução duma obra latina e fornece bastantes subsídios históricos e linguísticos.

SINTESE

— A literatura portuguesa consolida-se, não tanto pela lição político-social e poética do *Cancioneiro Geral* como pela disciplina dos elementos, fornecidos pelos *Cronicões*, na factura de obras de-veras historicas, as *Crónicas* de Fernão Lopes.

— O lirismo nacional, vibrante em trovas e novelas de cavalaria, tenta conservar a *medida velha* reagindo contra a influência italiana, mas torna-se palaciano, um tanto frívolo e bastante propenso ao espírito literário da Espanha, que prefere ao da Itália.

— A prosa avulta pela simplicidade e pela ingenuidade. mas procura já novos ritmos, influenciada pelos eruditos como a poesia. É a prosa que, nos trabalhos de história, de-veras consolida a nossa literatura.

— A língua reflecte a luta entre o espírito nacional e a cultura erudita, mas reclama cada vez mais a disciplina das regras latinas.

— Enfim, a filosofia estaciona na orientação aristotélica. acalentada e prestigiada pelas Ordens monasticas, e organiza a alvorada dos estudos scientíficos.

TERCEIRA ÉPOCA

ÉPOCA DE PERFEIÇÃO (?)

(Escola Italiana, ou Quinhentista)

TERCEIRA ÉPOCA

1 — **Carácter da Raça** — Perde, a pouco e pouco, a probidade e o espírito de sacrifício. Os Portugueses cometem ainda grandes feitos, mas muito mais por esforço morbido do que por virtude. De guerreiros convertem-se em piratas, e de crentes em simples formalistas, muito orientalizados.

2 — **Carácter da Época** — (Aspecto social-político). A reforma abala a Europa, infiltrando-se na França por meio de Calvino e lavrando com intensidade na Alemanha e depois na Inglaterra. A Igreja defende-se no Concílio de Trento, na força repressora da Inquisição e no ensino e disciplina moral da Companhia de Jesus. Carlos V, que encarnara o imperialismo católico, abdica. Entretanto, os protestantes progridem, a-pesar-da enérgica política de Filipe II, e provocam represálias excessivas como a da chacina de S. Bartolomeu. O Oriente, representado pelos Turcos, pretende invadir e assolar o Ocidente. Detem-no a grande batalha naval de Lepanto, mas a Europa vê morrer aos poucos, com a desunião dos cristãos, a Sinarquia, mal-e-larmente consolidada por S. Luiz. A França só a ressuscitaria mais tarde, com Henrique IV, mas para a perder de novo, pouco depois. Entretanto, o descobrimento do novo caminho da Índia fomentava o progresso das emporocracias, despertando o espírito aventureiro e invasor dos povos nórdicos descendentes dos velhos piratas, chamados *reis de mar*, e propensos, pela essência das suas religiões primitivas, á heterodoxia mais rebelde.

Aspecto literário. Os Turcos apoderam-se de Constantinopla em 1453 (29 de Maio) num assalto formidável que provou não serem exagerados os pessimismos dos que preveniam o Ocidente contra as ambições ocultas do Oriente. Caiu o Império Romano do Oriente, morrendo com ele, numa luta heróica, Constantino XII, seu último imperador. Os sábios gregos e romanos

fogem da velha Bisâncio, ao clarão do incêndio monstruoso de grandes Bibliotecas, que tiveram o destino da de Alexandria, em 641. Refugiaram-se na Itália, que os atraía pelas afinidades étnicas, pelo clima, pelas tradições clássicas. Assim veio para a Europa o fermento da Renascença, naturalmente contaminado pelo orientalismo bizantino, porque, se Bisâncio foi um dique contra o Oriente, dêste recebeu, contudo, influências invencivelmente venenosas.

Itália. . *Sanazzaro*, escrevendo a Arcádia, deixa os moldes da novela pastoril (1459-1530). Bernardim Ribeiro excederá o mestre. *Trissino* escreve a *Italia Libertada* e a tragédia *Sophonisba* (teatro grego, impulso da Renascença). *Ariosto* escreve o *Orlando Furioso* (1474-1533). Torquato Tasso escreve, além da *Aminta*, formoso drama pastoril, a grande epopeia *Jerusalém libertada* (1544-1595). — *Guicciardini* (1482-1540) escreve aprimoradamente sôbre história. *Machiavelli* (1469-1527) escreve genialmente sôbre história e filosofia politica. O cardeal *Bembo* (1470-1547) e o cardeal *Sadoleto* (1477-1548) publicam obras de erudição profunda. *Paulo Jove* (1483-1552) deixa na *Historia do meu tempo*, escrita em latim, um livro interessante, embora faccioso, e *Benvenuto Cellini* (1500-1570), artista genial, assinala nas *Memorias* magníficas qualidades de prosador. Enfim, *Julio Scaligero* (1484-1558) e *José Scaligero* (1540-1609) revelam-se grandes eruditos, ao lado de *Pomponio* (1425-1497), ilustre cultor da filosofia.

França . .

A influência italiana é considerável. Aspirando à criação da epopeia, *Ronsard* (1524-1585) completa as tentativas disciplinadoras de *Marot* (1497-1544), criador do género epistolar, e funda a *Pleiada*, escola poética de aperfeiçoamento da língua francesa. *Brantome* (1527-1614) escreve biografias modelares pela simplicidade e pela graça. *Montaigne*, moralista superior nos *Ensaios*, faz suceder o seu original e um pouco scéptico espírito (1533-1592) à viveza sarcástica, mas cheia de senso pedagógico, de *Rabelais* (1495-1533), autor de *Pantagruel e Gargantua*, romances satíricos.

Espanha .

A influência italiana inspira *Boscan* (1490-1542), o primeiro poeta espanhol que fez sonetos, tercetos e canções; *Garcilaso de la Vega* (1503-1536); *Fernando de Herrera* (1534-1597), lírico superior; e o português *Jorge de Montemór* (1523-1561), autor do poema *Diana*. *Diogo Hurtado de Mendoza* (1504-1575) publica, além de versos e novelas, a *Historia da Guerra contra os Mouros de Granada*. *Santa Tereza de Jesus* (1515-1582) escreve sublimes livros místicos, e *João de Mariana* (1537-1622) merece ser comparado a Tito Lívio na confecção da sua *Historia Geral de Hespanha*. Enfim, *Miguel de Cervantes Saavedra* (1547-1616) imortalisa-se com o *D. Quixote de la Mancha* que, a rigor, é uma grande ironia clássica a ferir a épica ingenuidade medieval. Por então, se assinala *Antonio de Nebrija* (1444-1452), eminente humanista e disciplinador da língua espanhola, e apenas *Christobal de Castillejo* (1494-1576) protesta, com energia, mas sem genio, contra a influencia italiana.

Inglaterra

A figura maior da literatura da Inglaterra até hoje viveu então (1564-1616). E' *Guilherme Shakespeare*, autor das geniais tragedias *Hamlet*, *Othello*, *Macbeth*, etc. Imaginação poderosa, às vezes extravagante, fortifica-a uma admiravel visão psicologica. *Ben Jonson* (1574-1637) é mais clássico do que Shakespeare, mas é-lhe muito inferior em sentimento. Muito longe deles versejam os líricos *Wyatt* (1503-1541), *Henrique Howard* (1515-1547), *o conde de Sarrey* (1515-1547) e *João Lily* (1554-1603) que, a rigor, pertence mais à decadência literária da Europa. Foi ele o fundador do *euphuismo* no *Euphues*, produto requintado do gongorismo. O seu mais brilhante discípulo é *Filipe Sidney* (1554-1586) embora valha mais para outros *Edmundo Spencer* (1550-1599) a quem chamaram o *Ariosto inglês*.

Alemanha

Na poesia avultam *Luthero*, autor dos *Cantos da Igreja* (1483-1546), e *Hans Sachs* (1494-1576), autor de poesias delicadas e primorosas. Como humanista e filósofo, emerge *Diderato Erasmo*, autor da famosa sátira, *Elogio de Loucura* (1467-1536). Aproxima-se Erasmo da Reforma e, contudo, repele-a. Detestava as violencias de Lutero. Frase de Erasmo: — *A Reforma acaba, como todas as comédias, por um casamento universal.*

3 — **Carácter do meio português** — A progressiva depressão do carácter da Raça e as influências anti-sinárquicas da época produzem um meio anárquico, esterilisador dos melhores valores e energias.

O heroismo é cada vez mais deprimido pelo mercantilismo e até pela pirataria. As tradições sinárquicas desaparecem quási, tornando-se raras as convocações das côrtes. Os portu-

gueses habituam-se ao luxo e à dissipação, à indolência e à vangloria, a vícios sustentados com o ouro e os produtos indianos.

O descobrimento do Brazil abala a Raça com ambições de fabulosas riquezas, ainda maiores do que as da Índia, embora alguns dos nossos homens ilustres continuem a honrar Portugal em combates homéricos, em trabalhos de modelar administração e colonização. As empresas marítimas vão empobrecendo a agricultura. A vida portuguesa condensa-se no litoral, perdendo bastante do seu carácter próprio em fortes tendências cosmopolitas. O espírito oriental predomina com a relaxação dos costumes e abre subtilmente o caminho das propagandas anti-cristãs e anti-católicas. El-Rei D. João III reage, encarando superiormente o campo moral e o campo mental. Luta no primeiro campo, aproveitando o auxílio da Inquisição e a catequese da Companhia de Jesus, que tambem aproveita no campo mental, reformando a Universidade de Coimbra e fundando a de Evora. No segundo campo, actua, protegendo as letras e pretendendo educar estadistas nas obras de colonização, modelarmente servidas pelos missionarios Jesuitas. Mas o imperialismo emporocrata modificara profundamente os Portugueses. A agricultura definhava. A escravatura era um negócio lícito. Os grandes guerreiros, os homens de bem e os governantes superiores rareavam de dia para dia, agonizando lentamente o velho brio nacional. A mania nobiliárquica atinge o ridículo. Perde-se o amor ao trabalho. O ideal de honra sucumbe aos pés do tráfico (1).

---

(1) Assim descrevia Clenardo a sociedade Portuguesa na sua carta a Látomo (Março de 1535). Frisa êle ainda a horrorosa carestia da vida, tão similhante à do nosso tempo, e insiste na dissolução pavorosa de todos os costumes. Um período significativo: *Deixa-se de parte a sangria, [illegible] em toda a Espanha, tem culto público, não menos [illegible] em Lisboa, e enormemente em Portugal então, onde creio que seria uma coisa extraordinária ser um mancebo contra a sua [illegible] legítima.* (Vid. *Clenardo*, pelo dr. Cerejeira, Coimbra, 1926). O *Tiago Látomo*, a quem Clenardo escrevia, era antigo condiscípulo e íntimo do grande humanista. Foi professor de teologia em Lovaina, na universidade católica que mais lutou contra Lutero.

4 — **Causas da Nossa Renascença** — Foram múltiplas:

a) a cultura, mais ou menos ampla, mas permanente, entre nós, das humanidades greco-latinas principalmente nos mosteiros e até quando mais predominava a escola provençal; *b*) a conseqüente necessidade, na disciplina definitiva da língua, de se colherem as lições dos clássicos antigos; *c*) a influência do espírito de ambição que soprava na Europa com a finalidade duma paz opulenta e civilizada; *d*) a tendência natural em todos os *novos-ricos* (homens ou povos) para se aristocratizarem nas proprias expressões e para pedirem à arte o prazer e o renome; *e*) os estimulos recebidos constantemente pelo orgulho nacional no constante convívio com vários povos e no próprio desvanecimento com as glórias e riquezas colhidas na Índia.

5 — **A nossa cultura humanista** nos tempos medievais está, por exemplo, demonstrada no decalque de Séneca pelo Infante D. Pedro, duque de Coímbra.

A necessidade de disciplinar a língua dentro das regras clássicas é natural que nos fosse inspirada pelos sabios extrangeiros que nos visitaram (por exemplo, Mateus de Pisano — mestre de D. Afonso v) e pelos filólogos espanhóis da envergadura de Nebrija e doutros. *A influência do espírito de ambição que soprava na Europa* trouxeram-na não só os sábios como os diplomatas, extrangeiros e nossos. *A tendência propria*

de *novos-ricos* é agravada pelas nossas taras étnicas — impulsionismo, amor do renome e da vida voluptuosa. Enfim, *o convívio com vários povos* é axiomatico numa época de mercantilismo tão poderoso, e o *desvanecimento com as glórias e riquezas colhidas na Índia* justifica-se por ser constantemente alimentado pelos maiores publicistas europeus daquele tempo (1).

6 — Encarnando admiravelmente a Raça, em qualidades e defeitos, os monarcas que, como D. Denis, tinham favorecido a nossa Escola Provençal, favoreceram com ardor e tenacidade a nossa Renascença.

D. Afonso v, muito culto para o seu tempo, chamou a Portugal Fr. Justo Baldino, dominicano e doutorado, para escrever em latim a história dos nossos feitos. Êste e outros sábios estrangeiros de-certo deixaram consolidado, em Portugal, o amor do humanismo, carácter principal da Renascença literária. Outros sábios nossos, vivendo com gloriosa fama no estrangeiro, como D. Garcia de Menezes, bispo de Évora e residente em Roma, de-certo estimulavam, de longe que fosse, não só a última demão da nossa disciplina gramatical como o fomento

---

(1) Já no reinado de D. João II, muito antes de descoberto o novo caminho da India, Angelo Policiano escrevia (carta ao mesmo D. João II), traduzindo o assombro do mundo com os nossos descobrimentos e conquistas. (Dr. Mendes dos Remedios, Ob. cit.).

de todos os géneros literários num grau de constante aperfeiçoamento.

El-Rei D. João II foi, como seu pai, grandemente afeiçoado à cultura humanista. D. Jorge, duque de Aveiro e seu filho bastardo, teve como professor o célebre *Cataldo Aquila Siculo*, latinista de grande saber.

O movimento literário da Renascença foi irradiando da Universidade e dos Paços Reais, dos conventos e dos proprios velhos solares, avultando nesse entusiasmo sábios eminentes como *Pedro Nunes*, artistas como *Francisco de Hollanda*, eruditos como *André de Rezende* e *Jerónimo Cardoso*, poetas como *Gil Vicente* e *Sá de Miranda*, historiadores como *Damião de Goes*. Êstes representantes da nossa tradição humanista medieval fortaleceram-se com as luzes e talentos de sábios estrangeiros que honraram Portugal com a sua presença e sincero amor aos progressos da nossa civilisação.

7 — Os principais sábios estrangeiros que colaboraram na Renascença literária de Portugal foram *Clenardo* e *Vaseu*. *Nicolau Clenardo*, ou *Cleynarts*, veio ensinar o cardeal Infante D. Henrique. Era flamengo (1495-1592). Reorganisou o estudo das linguas mortas em Portugal, revelando-se magistral pedagogo. As suas *Cartas*, às quais já nos referimos em nota, são preciosas para o estudo profundo da nossa Raça no seu tempo. A vida da metropole e a

das nossas colonias do norte de África recebe nelas luz plena e nítida (1).

Clenardo foi como que um missionário do humanismo. Ensinou latim em Braga, Coímbra e Évora. *Vaseu* (finado em 1562) era tambem flamengo. Grande amigo de Clenardo, que lhe escreveu uma carta interessante de Fêz, em 1541 (5 de Agosto), ensinou lingua latina em Évora.

8 — Os mais eruditos propulsores portugueses do humanismo e da Renascença foram: — *André de Rezende,* que foi enviado a Salamanca para acompanhar Clenardo. Escreveu: *História da antiguidade da cidade de Évora* em estilo desafectado, *De antiquitatibus Lusitaniae* em latim elegante e a *Vida do Infante D. Duarte,* trabalho que revela muita erudição e grande posse dos recursos da nossa língua. Morreu em 1573. — *Jerónimo Cardoso.* Deixou um *Dicionario Latino Lusitânico,* muito proficiente e copioso e algumas obras em latim. Morreu em 1569. — *Francisco de Holanda,* alma de artista, como seu pai, o célebre iluminador *Antonio de Hollanda,* firmou nos *Quatro Diálogos da Pintura Antiga* a evidência dum bom talento humanista, mas freqüentemente eivado de espírito estrangeiro nas ideas e no estilo. Não seria injustiça colher nêle um espécimen de cultor da arte pela arte — produto

---

(1) Foram benemèritamente publicadas no *Clenardo* do dr. M. Gonçalves Cerejeira.

fácil do humanismo, exagerado até ao novi-paganismo (1518-1584).

9 — Ilustres damas portuguesas fortificaram tambem a nossa Renascença. Compreende-se. A mulher portuguesa, auxiliar consciente e adoravel dos empreendimentos máximos da Raça — provam-no as proprias figuras lendárias de Deuladeu Martins, da Padeira de Aljubarrota, etc., — tinha naquele tempo sobejos estímulos a chamarem-na para a sua missão de boa companheira. Avultam, por isso, além da *Infanta D. Maria:* (1) *Paula Vicente*, filha de Gil Vicente. Foi colaboradora do pai como escritora e como ensaiadora e actriz. — *Luiza Sigeia* que escreveu ao Papa Paulo III em latim, grego, hebraico, siríaco e árabe, com a mesma perfeição com que a *Infanta D. Maria* escrevia a sua mãe em latim. L. Sigeia morreu em 1560. — *Publia Hortensia de Castro*, moça de Camara daquela ilustre In-

---

(1) Filha de D. Manuel I e de Sua 3.ª esposa, D. Leonor, irmã de Carlos V. Tinha o mesmo nome a carinhosa protectora de Gil Vicente que foi mulher e depois viuva de D. João II. A essa grande rainha devemos em 1498 a nossa primeira Misericordia e a impressão da *Vita Cristi*, tradução da obra do mesmo nome, escrita em latim por Ludolfo da Saxonia, cartuxo. Essa tradução confiou-a a duqueza de Coimbra, D. Isabel, mais tarde esposa de D. Afonso V, a Fr. Bernardo de Alcobaça, cisterciense, finado em 1478. D. Leonor e seu marido D. João II fizeram-na estampar em 1495.

E a insigne viuva de D. João II tambem é credora do melhor reconhecimento pelo muito que protegeu todas as artes, e nomeadamente a ourivesaria (Vid. *A Ourivesaria e os nossos artistas*, *Subsidios juridicos para a história da Ourivesaria antiga etc.*, por Laurindo Costa).

fanta e que defendeu teses sobre teologia, filosofia e humanidades em Évora, no ano de 1565. — *Joana Vaz*, notavel latinista, encomiada honrosamente pelo sábio flamengo Clenardo (1). — *D. Helena da Silva*, freira de Celas, etc.

A não ser *Publia Hortensia*, todas se reüniam à roda da Infanta D. Maria, numa especie de cenáculo literário, constituido por damas da Nobreza.

10 — A história, a filosofia, a teologia, a moral, a filologia, as sciencias exactas cultivaram-se então com aferro e brilho. O espírito português, grandemente imitador e às vezes superiormente assimilador, revelou de-pressa, em progressivos ensaios, o poder influente do renascimento da cultura clássica.

E, a-pesar-do agravamento das taras étnicas, tão peoradas pelos efeitos da civilização oriental, eminentemente depressivas das virtudes ocidentais e cristãs, o espírito nacional ainda pôde sobrepujar em varias obras o que havia de novi-pagão e anti-católico nos fervores e primores da Renascença e nos infiltramentos venenosos do espírito da Índia.

Deve-se essa obra a dois grandes factores,

---

(1) Dizia na *Carta a Polites* (trad. do dr. G. Cerejeira, ob. cit.). Entre as damas do Paço temos aqui uma donzela de grande cultura literária, tão pouco das minhas relações, que apenas lhe sabia o nome, se mo não sugerisse Rezende... Tem o nome de Joana Vaz e dela vi ha coisa de dois anos, epístola tal que nem tu mesmo lhe engeitarias a paternidade.

grosseira e injustamente depreciados: à disciplina rigida e conscienciosa da Companhia de Jesus, admirável pedagoga e missionária, e à austeridade da Inquisição que, nos seus excessos deploráveis, estimulados dolorosamente pelas traças do livre-exame, manteve, quanto possivel, um relativo equilíbrio moral.

Êsse equilibrio seria muito maior e mais sólido, se as paixões convulsas duns e as ambições desvairadas doutros não provocassem rigores, que, por vezes, horrorizaram a consciência humana. E tudo isso foi mais possível, desde que os poderes civis se apoderaram da Inquisição com fins meramente políticos — gesto caviloso que o Marquês de Pombal depois copiou e ampliou com perfídia e êxito, quando expulsou os Jesuítas.

11 — A poesia, como é natural, encontrou no meio português, ainda mais do que os romances, um bom instrumento. Havia tradições heróicas ainda sem expressão bastante e que reclamavam uma grande epopeia nacional. O sentimentalismo português favorecia a expansão lírica. Os lances da vida, perigos de navegações, às vezes naufragios, azares e combates, a orfandade e a viuvez por causa de sucessos trágicos, paixões vivas, derivadas de vários temperamentos e de vários conflitos, etc., proporcionavam fàcilmente a poesia dramática.

Por outro lado, a vacuidade de novi-fidalgos e de novos-ricos, a vangloria duns, o pedantismo

doutros e a mesquinhez moral de muitos, requeriam Aristophanes ou Plauto, a comédia e a própria farsa. O género didáctico, se na prosa oferecia tantos filões, desde os da filologia aos da Moral, também era tentador dos poetas, embora não pendessem ainda para a confecção de verdadeiros poemas didácticos, e se limitassem apenas às sátiras. Enfim, os assuntos místicos, voz elevada e subtil do Ensino da Igreja, e os transportes eróticos, leves, graciosos, mundanos, fàcilmente podiam compartilhar o seu domínio, com a simplicidade sadia e ingénua que canta nos versos pastoris. E, se a decadência lúgubre da agricultura permitia bastante desinterêsse pela poesia bucólica, a moda humanista com facilidade imporia as sugestões das Éclogas de Vergílio. Tudo isto explica bastante a emergência do grande poeta épico, lírico, bucólico e dramático que foi Camões, a-pesar-dêsse Vergílio não ter antes de si nenhum verdadeiro Énio — porque não se pode chamar epopeia à crónica rimada *Batalha do Salado,* de Afonso Giraldes, nem a um ou outro tentamen de lírismo patriótico.

A Epopeia

1 — **Luís Vaz de Camões** — A primazia dêste poeta baseia-se nos seguintes motivos: *a)* a sua superioridade, como encarnação viva das qualidades e defeitos da Raça e do espírito do seu tempo; *b)* o complexo poder das suas faculdades, que lhe permitiu avultar genialmente em vários géneros da poesia; *c)* a intuição muito realista com que compreendeu o duelo entre o nosso impearialismo emporocrata, de-veras grato à degeneração lenta das virtudes rácicas, e o pacifismo agricultor, sentimento tradicional que valorizara sempre na Raça os períodos de repouso da vibração heróica, em defesa tenaz e admirável do solo; *d)* a visão profética da nossa ruina, se Portugal não soubesse renovar na vibração do espírito de defesa e de conquista as virtudes que, depois do triunfo, o afastassem da decadência e da moleza — e, portanto, a noção positiva dos perigos do imperialismo emporocrata, extremamente nocivo a todas as raças contemplativas e habitantes dum meio suave e volutuoso; *e)* o conhecimento profundo do sentimento nacional, dos recantos mais delicados, bem-amados e amplos da sua psicologia; *f)* a bela sciência técnica com que manejou o verso, tornando-o nítido na acentuação, rico nas rimas, ora poderosamente onomatopaico, ora lìmpidamente substancial, e

conservando-o primorosamente latino sem deixar de ter muitas vezes os ritmos ingénuos da poesia popular portuguesa; *g)* a aptidão com que, nos seus proprios defeitos — a hibridez do maravilhoso — por exemplo — aportuguesou o que de si era exótico e por vezes quási inoportuno, servindo a causa da Renascença, sem deprimir o espírito monarquico-católico e as tradições mais queridas da nação; *h)* a similhança assombrosa que se impõe entre a vida do poeta e a da nacionalidade, aparecendo, nele e nela, como causas de infortunio e de grandeza epi-trágica, os mesmos defeitos, a embargarem ou a desordenarem as mesmas qualidades.

2 — A vida de Luís de Camões não explica só o meio que produziu os *Lusíadas*, meio que o poeta excedeu em poder concepcional; explica a razão por que o genio de Camões póde consubstanciar não só o seu tempo e o seu meio como o espírito da resistência da nação nos lances do futuro.

3 — Camões é um celtibero. Seu pai, Simão Vaz de Camões, era oriundo da Galiza. Mas também tinha sangue euro-árabe, se o não tinha tambem euro-africano, porque a mãe de Simão Vaz, D. Guiomar da Gama, era algarvia.

Ao sangue celtibero e euro-árabe do pai de Camões uniu-se o sangue celtibero, mas facilmente laivado de mistura euro-árabe, da mãe, D. Ana de Macedo, natural de Santarém, terra que foi pertença e grande centro, por muito

tempo, da raça árabe. Encarados só os progenitores, eram aproximadamente iguais no espírito de Luís de Camões a influência céltica e a influencia euro-asiática, e como que só por acréscimo receberia a influencia do puro espírito lusitano, que sofreu muito mais profundamente a acção do espírito de Roma do que a dos árabes e demais invasores.

Mas a vida do poeta demonstra que o elemento céltico predominou sobre o euro-árabe, tanto como nos portugueses predomina o lusitano-celta, soberba variedade celtibera. Camões é lusitano, como Vergilio foi romano, acusando sempre a primazia da influência céltica. Mas, sendo assim, foi um verdadeiro português, porque o português é isto: um celtibero que, por habitos e educação, se torna latino, depois de receber bastante sangue lusitano, mas reagindo muito contra a influência de vários povos invasores que não vieram da Itália.

Essa reacção, permanente e viva, deve-a à Religião tanto como ao desesesperado e secular espírito de luta contra os árabes (1).

4 — Mas Antão Vaz de Camões, avô do poeta, era natural de Coímbra, onde seu pai, João Vaz — vassalo de D. Afonso V — foi procudor às cortes e corregedor. Se João Vaz não

---

(1) Sobre os ascendentes de Camões, vid. *Vida e Obras de Luís de Camões*, por Guilherme Stork, tradução e notas de D. Carolina Machaelis de Vasconcelos. (Pág. 93-101).

desposou uma coimbrã — herdeira natural do espírito lusitano — é muito provavel que Antão Vaz escolhesse a mulher na cidade ou na região de Coímbra. E assim Luís de Camões, celtibero acima de tudo, e depois lusitano, receberia, bastante deprimida, a influência euro-árabe, para dar o tipo do verdadeiro português.

5 — A vida do poeta é a dum português genuino do seu tempo. Nascido em Lisboa (1524--1580), freqüenta a Universidade, e depois procura logo a côrte. Não o anima ainda um grande ideal. O amor do prazer e do fausto, a utopia talvez dum estrondoso renome poético, conquistado no Paço, entre homenagens de fidalgos e sorrisos amorosos de damas, mais o inclinavam para aventuras galantes e requintes de arte, que a educação humanista da Universidade lhe aprimorara, do que para serviços de ardente valor patriótico e humano.

Na adolescência, idade em que as peores taras freqüentemente subjugam as tendências mais características e generosas, Camões encontrar-se-hia dominado pelos residuos de voluptuosidade oriental que a cada passo desvalorizam as virtudes portuguesas, quando se afrouxa o governo moral, e tambem pelas influências dum clima helénico, e pelo contágio da morbidez do meio.

Nesse estado de neuro-psicose — ambições ardentes, tédio com a pequenez mental e moral dos vulgares triunfadores, curiosidade doentia de

conhecer as delícias da vida em honrarias, em amores lisongeiros, em notoriedade caricíosa — lhe surdiu a paixão por D. Catarina de Ataíde, filha de D. Antonio de Lima, mordomo-mór do infante D. Duarte. Paixão profunda? Paixão portuguesa, de puro celtibero — a imaginação a parecer coração, o devaneio a substituir a vontade, o capricho a desdenhar da consulta da consciência. Provas? Todas as paixões por mulheres que Camões sentiu até perto da morte. Parece que a propria Infanta D. Maria lhe inspirou versos ardentes, alguns dos quais a posteridade quís que alvejassem a Natercia lendaria. Como sucede à grande maioria dos puros portugueses, Camões amava-se ardentemente a si proprio, quando se imaginava desvairadamente apaixonado pelas varias Natércias que lhe sorriam ou que êle desejava lhe sorrissem.

E, se a prosápia dos pais de Natercia se não tivesse chocado com a audácia dum Vaz de Camões, o nosso grande poeta talvez não tivesse escrito os *Lusíadas*. Cortesão e ditoso, faria lindos versos às amantes, que, como chefe de família e fidalgo do seu tempo, lhe haviam de absorver as forças, o tempo e as energias, alternando os madrigais com autos dramáticos nos serões do Paço. Daria, ampliadamente em talento, um novo Pedro Andrade de Caminha, e não poderia, sem o perigo de perder fortuna e gloria, continuar a obra scintilante e profunda de Gil Vicente. Mas D. Antonio de Lima e sua mulher

D. Maria Bocanegra repulsaram-no. O amor-próprio do poeta despertou-lhe nas amarguras todas as reservas latentes, mas principais, do grande espírito. Surdiria já o poeta épico? É crível que só emergisse depois de ter surdido o valente soldado de Ceuta. Foi para a Africa em 1547 com a finalidade de se nobilitar até as alturas da linhagem de Natércia, e, afinal, foi conhecer em Ceuta, muito diversa da de Lisboa, a Patria, a verdadeira e grande Patria. Desde que perdeu um dos olhos, pelejando com os infieis, ampliou-se-lhe forçosamente a visão do espírito, pungido por mais um golpe irremediável no amor-próprio.

Natércia ficou naturalmente em segundo plano, no plano em que tinham de ficar agora todas as suas amadas, porque, resplandecente a Eleita, a Pátria, a genialidade moral de Camões ia orientar-lhe a genialidade mental e a genialidade verbal, fecundando magnificamente a sua cultura humanista.

E foi assim que, por meio dos amores infelizes de Camões a Catarina de Ataíde, quís Deus dar à civilização o poeta que é a expressão mais alta do nosso espírito e sentimento.

6 — A vida que Camões teve em Lisboa depois de vir de Ceuta, as suas arremetidas de brigão, os seus melindres de fidalgo pobre e cego dum olho e, contudo, sem recompensa bastante de feitos já notáveis, foram estertores do português inferior, de taras étnicas, e foram tam-

bém impulsos providenciais para que Camões viajasse, e pelejasse mais, para que estudasse no Oriente a nossa glória e a nossa iminente ruina, para que pudesse cantar e profetisar na posse das melhores qualidades portuguesas. Natércia, a rigor, morrera, levando com ela os defeitos da Raça, ou dando-lhes lugar efémero, embora impertinente, de quando em quando. Ficava de-veras, viva e encantadora, só a Patria.

7 — Em 1553, embarcou para a Índia. Ceuta inspirara-lhe de-certo as primeiras estrofes dos *Lusíadas*. Na Índia, foi um português cada dia mais genuino.

O nosso povo é filosofo moralista nos adágios e duvidoso de moral nas poesias que improvisa. Camões foi assim, repartindo a sua dualidade, eminentemente portuguesa, pelo poema-austero, comovido, grandioso — e pelas líricas nem sempre elevadas e freqüentemente sensuais. Camões amava sempre as mulheres, como português perfeito. Além de ter amado a Infanta, Natércia e D. Francisca de Aragão — suas Musas encantadoras — perdeu-se tanto de amores pela chinesa Dinamene, a companheira que trouxe de Macau para a Índia, que foi a ela — e não a Natércia — que consagrou o soneto imortal — *Alma minha gentil que te partiste*. Mas, se as influências do clima da Índia, despertando as taras nocivas, deprimiram a cada passo em Camões, como em quási todos os seus compatriotas, a genialidade moral, que parece precisar sempre

do aguilhão do infortúnio, o grande poeta só num canto da sua epopeia deixou vestígios maiores dessa depressão mórbida. Foi no Canto IX, ao fantasiar a Ilha dos Amores.

8 — E as provações fizeram surgir o poeta didáctico, embora a sátira *Disparates da Índia* tenha tambem como determinantes vários motivos pessoais. Dêsse arranco de justiça moralista e patriótica derivou o seu destêrro em Macau, onde o colocaram como *Provedor de defuntos e ausentes*. A Providência velava sempre pela pura glória de Portugal. Camões na Índia retemperara a genialidade moral, combatendo os inimigos e os maus servos da Pátria. As melancolias pungentes do desterro dar-lhe-hiam mais sentimento à voz e mais vôo ao pensamento. E o que se seguiu — naufragio na foz do Mecon, privações em Goa, regresso à Pátria, depois de dezasseis anos de trabalhada ausencia, esgotamento físico, conquista duma pensão modesta, a afinidade superior do poeta com o génio de El-Rei D. Sebastião no imperialismo redentor, a publicação da epopeia em 1572 com rancorosa hostilidade de vários poderosos, a agonia lenta do poeta, de olhos no estrebuchar pavoroso da nacionalidade, num abandonado casebre, é profundamente característico duma existência portuguesa que se salvou das taras, triunfantes na inacção, sofrendo, trabalhando, orando, chorando, purificando-se.

9 — Depois da *Ilíada*, da *Eneida* e da *Divina Comédia*, os *Lusíadas* podem considerar-se a

epopeia mais grandiosa da humanidade, embora com ela freqüentemente ombreie, e em certos pontos a exceda, a *Jerusalém Libertada* de Tasso. O poema é dividido em 10 cantos. Cada canto consta de estâncias de 8 versos decassílabos, ou *oitavas*. O poeta colheu em João de Barros e F. Lopes de Castanheda o assunto — o descobrimento do novo caminho da Índia. Mas o tema vem principalmente em guisa de sonoro e grandioso estímulo. A narrativa revela constantemente, ao par do desvanecimento do patriota, a ansia de sugerir o urgente regresso às antigas e gloriosas virtudes.

Como narrador, Camões faz sínteses vivas, iluminadas em dois traços pelà psicologia das personagens. Junto do historiador, muito erudito, estão o geógrafo, o cosmógrafo, o homem de sciencia, o filósofo e o moralista. Enfim, também se notam boas qualidades de análise, exposta quási sempre em tom de conceito.

Mas o poeta predomina e com êle o artista, fortemente educado pelo humanismo. Contudo, há nos *Lusíadas* muito raras amostras da arte pela arte. E a grandeza e beleza dos episódios, alguns sublimemente alegóricos, andam a par da vibração ditosa do melhor da alma portuguesa.

Os dois episódios mais altos são o do *Adamastor*, grande visão da psicologia dos nossos navegantes e descrição imortal dum perigoso passo maritimo, e o dos *Doze Pares de Inglaterra*, condensação admirável do espírito da

nossa Cavalaria. Cunha-os uma originalidade genial. No episódio do Adamastor há a sublimidade, épica por excelência: o alto-relevo da valentia portuguesa, tão ousada e heroica que afrontava não só os elementos como os proprios deuses. Depois dêsses episódios, a descrição da batalha de Aljubarrota é o trecho de mais perfeita côr portuguesa. Aquelas estâncias ainda vergastam mais as causas da progressiva decadência de Portugal do que o melindrado orgulho espanhol.

E a increpação do Velho do Restelo, colhida em João de Barros e F. L. de Castanheda, tem um admirável poder de critério histórico, além da mais exacta visão psicológica. Vibra ali, ainda mais do que a dor das famílias dos navegantes que vão partir para tão longe, sem rumo certo, enrostando perigos estupendos, o ideal imperialista que, com bastante bom-senso, preferia implantar a Fé e o Império no norte de África, e tão proximo de Portugal, que facilmente o guarneceria e policiaria.

O episódio de Inês de Castro é tocantissimo. Contudo, Chateaubriand teve razão, ao achá-lo excessivamente curto, e outros lhe censuram com justiça estâncias inoportunamente eruditas. Superior nas descrições de terras e costumes, de naufrágios como o de Sepulveda, de acidentes como a tromba marítima — com grande admiração de Humboldt — de batalhas e de tempestades, de lances e de doenças, de heroismos e de

fraquezas, Camões primou na luz, realidade e vida dos retratos.

Enfim, o poeta, se transigiu com o seu tempo, misturando o maravilhoso pagão com o cristão, foi muito superior a êle na dificílima aliança da imaginação e do sentimento às sciencias naturais e até à teologia, bem como à crítica histórica e filosófica.

E não fez simples paradas de glórias portuguesas; avultou-as com feliz arte no manejo dos epítetos.

Às vezes, um qualificativo é uma definição profunda. E, no meio de tantas belezas, deixou fluir tanto os vaticínios formidáveis, como as increpações justiceiras e os conselhos cheios de devoção, bom-senso e alto valor político-religioso.

10 — Os defeitos capitais dos *Lusíadas* são: *a)* excesso de alusões eruditas, produzindo obscuridades e vários pontos controvertíveis; *b)* alguns desculpaveis golpes de amoralismo sensual, revelando as investidas de taras étnicas que indisciplinaram bastante a genialidade moral do poeta; *c)* alguns versos duros e alguns versos frouxos, e até errados, cacofonias, hiatos, etc., mas que devem ser encarados dentro da arte do seu tempo; *d)* algumas imitações, que às vezes poderiam chamar-se plágios, de passos de Vergilio, de máximas e conceitos de vélhos clássicos e até de escritores italianos do seu tempo.

A influência dos *Lusíadas* na nossa literatura foi grande, mas foi mais formal do que

essencial. Os nossos poetas, imitando Camões, requintaram principalmente o verbalismo sem lhe haurirem de-veras o espírito, o que condenou a poesia épica portuguesa ao papel de nos dar quási sempre obras sem lógica oportunidade e sem profundo sentimento. Mas também é certo que Camões esgotou o assunto mais notável e de alcance mais humano da nossa história.

11 — **Jerónimo Côrte Real** — Se Camões foi moral e mentalmente superior ao seu meio, a-pesar-de reflectir tantos factores mesológicos, Jerónimo Côrte-Real reflectiu-o bastante passivamente, e não teve génio para o sanear e abalar com eficácia.

A experiência das guerras da Índia e da África deu-lhe envergadura moral bastante para afrontar, já entrado em anos, os lances de Alcacer-Quibir, incluso o do cativeiro. Mas essa abnegação foi tão constantemente recompensada pelas honrarias e pelo renome, que Corte-Real não teve a coragem moral — como não teria o génio nativo — de evocar o sentimento da Raça dentro da sua fecunda pureza. Por isso, pendeu muito para a arte pela arte, sobressaindo apenas no talento descritivo, no primor de vários episódios. Mas nem a mediocridade moral nem a propria complexidade das aptidões — pintor, poeta e habil cortesão — lhe permitiram grandes vôos creadores.

Medianamente erudito e ainda mais medianamente inspirado, as suas obras resultaram va-

liosas só como curiosos especimens de arte, por assim dizer, decorativa, frouxamente evocativa do verdeiro sentimento nacional.

Por isso, não influenciaram nenhum verdadeiro poeta.

Deixou quatro obras: *Segundo Cerco de Diu*, poema épico em 21 cantos; *Austríada*, poema em 15 cantos, escrito em espanhol; *Naufragio de Sepúlveda*, poema em 17 cantos, e *Auto dos 4 novissimos do homem, na qual entra também uma Meditação das penas do Purgatório*, um breve opúsculo. Os dois primeiros poemas ilustrou-os com desenhos seus.

O Segundo Cêrco de Diu (em versos decassílabos soltos) acusa a pretensão de estirar o assunto e de requintar a forma. A figura de D. João de Mascarenhas apresenta bastantes traços verdadeiros e surdem alguns felizes rasgos episódicos; mas o estilo oscila entre a prosa monótona e um ritmo poetico, cheio de fadiga. Há pouca vida até nos quadros de moldura mais aparatosa.

A Austríada, celebração em decassílabos soltos do feito de D. João de Austria no golfo de Lepanto, não é só — na sua dedicatória a Filipe II de Espanha — a obra de quem, confessando ter herdado da mãe o sangue espanhol, procura desculpar-se da debilidade moral de incensar um inimigo mais do que provavel da sua pátria, como tambem uma fastidiosa série de episódios, mais ou menos engenhosos, mas

em linguagem ora enfática, ora arrastada. *O Naufrágio de Sepulveda*, tambem em versos soltos, com oitavas rimadas em intercalação curiosa, padece dos mesmos defeitos e apresenta as mesmas qualidades secundárias: difusão, flacidez, afectação. Enfim, o opúsculo *Auto dos quatro novíssimos* encerra um poemeto em verso solto, sem qualquer qualidade culminante.

Jerónimo Corte-Real, louvaminhado tendenciosamente pelos maiores inimigos de Camões, pelos mais ciosos do renome de artistas (Pedro Andrade de Caminha, Diogo Bernardes) fruiu várias felicidades, inclusa a dos louvores do próprio António Ferreira e ainda a de morrer sem angústias de maior em Vale de Palma, cercanias de Évora (1533-1588).

12 — **Luís Pereira Brandão** — Nascido no Porto em 1540, estragou um assunto tocante — o desastre de Alcácer-Quibir — no poema *Elegiada* (18 cantos, 8.ª rima) sobressaindo apenas em aparato técnico e servindo a arte pela arte.

13 — **Francisco de Andrade** — Guarda-mór da Torre do Tombo e Cronista-mór do reino por graça de Filipe II, (1599) foi outro poeta da arte pela arte. *O Primeiro Cêrco de Diu*, poema em 20 cantos e 8.ª rima não merece as honras de 2.ª ordem que lhe conferem. Respeita a linguagem vernácula e é meticuloso na técnica, mas nem sequer dá um retrato feliz e justo de D. João de Castro, o protagonista. É um simples trabalho de ourivesaria paciente. Pobre de

consciência, foi tão omisso e trivial na sua *Crónica de D. João III* que não merece o nome de historiador, a-pesar-dos requintes de estilo. Enfim, tradutor torturado de obras menores, revelou uma erudição que parecia completamente inconciliavel com qualquer poder concepcional. (1540-1614). Era natural de Lisboa.

Poesia lírica

1 — **Luís de Camões**, se nasceu 42 anos depois do imortal lírico Bernardim Ribeiro, escreveu várias poesias líricas muito antes que fosse encontrada a *Menina e Moça* (1) no espólio daquele poeta incomparável e antes ainda que o grande épico pudesse ter notícias da obra do suposto enamorado infeliz de princesas.

Escreveu sonetos modelares de forma e sentimento, sem esforçados artifícios, fluindo da alma com uma melancolia inimitável dentro da arte mais cristalina e sóbria. É êsse feixe de sonetos a sua obra-prima lírica, vibrante de passionalismo, que uma grande resignação cristã às vezes atenua e até morigera.

Deixou também, além de poesias líricas de vários géneros, algumas canções modelares, sendo menos feliz nas odes e nas elegias, e pouco natural, embora fulgurante, nas églogas, o único género em que Camões, por vezes, sacrificaria o génio à arte pela arte.

O lirismo de Camões confirma a fundamental volubilidade, muito portuguesa, do seu passionalismo.

2 — **Bernardim Ribeiro** — fundou em Por-

(1) A 1.ª edição foi em 1554 e a 2.ª em 1557, quando Camões estava em Goa, devendo partir em 1558 para Macau.

tugal a poesia bucólica, escrevendo cinco éclogas que são primorosas de singeleza, naturalidade e sentimento. Bastaria a primeira écloga, com o feliz retrato psicológico dos dois pastores Persio e Fauno, para que todos, já ensinados pelos factos da vida do poeta, reconhecessem em Bernardim Ribeiro um grande lírico. Mas a obra-prima do lirismo de B. Ribeiro é a *Menina e Moça*, auto-biografia captivante, dissimulada numa novela de cavalaria, escrita em prosa, mas com a intercalação de três novelazinhas em verso. A prosa é fluente e singela, com perfumes de verdadeira candura. Os versos (redondilha maior) manam límpidos dum sentimento tão profundo, que lampeja de genialidade. E, contudo, a técnica oferece primores de arte muito adiantada, que mal se descortina, porém, como artifício na derivação deliciosa, muito similhante à das linfas nas espessuras silvestres, dos versos correntes e enternecidos. O sentimento da saüdade tem na obra de Bernardim Ribeiro a sua expressão mais alta e pura, um tom inconfundivelmente português, que nenhum poeta nosso soube depois sentir e exprimir assim. É que define magistralmente uma dor intensa e incuravel, e, ao mesmo tempo um verdadeiro extasis com o sonho que precedeu enganosamente tamanha amargura.

Uma donzela, a *Menina e Moça,* abre a novela com um solilóquio. Depois, conversa com uma velha dama, que traz a ponto a história cavalheiresca de Lamentor e Narbindel, ou

Bimnarder. São várias as personagens. O Cavaleiro *Lamentor* é casado com *Belisa*, que tem uma irmã — *Aonia*. Quando esta chorava a morte da irmã, surde Narbindel, que logo deixa de amar *Cornelia* para amar a chorosa menina, e que muda de nome, chamando-se dali por deante Bimnarder. Mas este, por influência dum mau agouro, fêz-se moço de pastor. Aonia, criança de 14 anos, não compreende ainda o amor, mas a ama, entusiasmada com vários actos de valentia do bardo e zagal, despertou sem querer a paixão da criança por *Bimnarder*. E *Aonia* é tão impelida agora por essa paixão ardente, que já a boa ama a não pode conter. Bimnarder vê-a entrar na sua choupana, e goza um lindo idílio. Mas *Lamentor* obriga *Aonia* a casar com *Fileno*, seu vizinho muito rico. *Bimnarder* vê passar o cortejo nupcial e fica louco de dor, porque ignorava tudo. E nunca mais o viram.

3 — **Bernardim Ribeiro** foi filho de Damião Ribeiro e de Joana Dias Zagalo. Nasceu na vila de Torrão, no Alentejo. O pai conspirou contra D. João II e morreu assassinado no seu refúgio de Castela, aonde o foi matar um instrumento da vingança real. O poeta, que ficou criancinha de 2 anos, foi levado pela mãe, com uma irmã, á Quinta de Lobos em Sintra onde seus primos Zagalos lhes deram abrigo.

Ali cresceu. De lá foi cursar a Universidade, que fôra transferida para a capital, e tam-

bem frequentou a côrte. Formou-se em 1511. Apaixonado por Joana Tavares Zagalo, sua prima, (a *Aonia*) do seu romance, teve a sorte de Bimnarder (disfarce literário de B. Ribeiro). Joana foi obrigada a casar com Pero Gato (*Fileno* no romance).

Parece que Joana morreu louca em Extremoz no convento de Santa Clara. Bernardim Ribeiro viveu ainda bastantes anos com a sua dor. Nomeado por D. João III escrivão da câmara em 1524, morreu só em 1552, mas atacado de demencia, no Hospital de Todos os Santos, em Lisboa. Hoje está provado que Bernardim Ribeiro se não apaixonou pela infanta D. Beatriz, esposa depois de Carlos III, duque de Saboia.

4 — É evidente a tara passional e impulsiva dos parentes do poeta. O pai foi um conspirador exaltado. Do lado da mãe, vê-se na sobrinha desta que a contrariedade duma paixão conduziu facilmente a decepção à demencia. Enfim, o proprio Bernardim Ribeiro, a-pesar-da acção acalmadora de muitos anos, não pôde subjugar a tara que lhe deu morte similhante à da prima sentimental.

Mas nesta vibratibilidade hereditária encontrou talvez o poeta o segrêdo de exprimir como poucos as angustias da sua alma.

O amor foi o estimulante da vibração. Sem o seu amor infeliz, por tudo se vê que Bernardim Ribeiro daria naturalmente a medida do seu grande talento em versos calmos e campesinos,

inspirados pela melancolia do torrão alentejano, que, realmente, até no indefinido das charnecas, sugere o sentimento céltico da saüdade. O Alentejo é um grande trecho de saüdade do mar distante e de colinas floridas, que os primeiros alentejanos de-certo conheceram e amaram, antes de se fixarem além do lençol caudaloso do Tejo.

Mas Bernardim Ribeiro, estruturalmente português, melancólico por temperamento, por desventura amorosa, e até pela memória trágica de seu pai, se recebeu fortes impulsos de arte no humanismo universitário, viveu com tanta verdade a sua dor que lhe seria impossível artificializá-la como outros poetas, seus contemporâneos. Trovador por índole e trovador por excessivos infortunios, mas muito culto, achou como ninguém, e sem dar por isso, o admirável meio-termo artístico que aprimora a expressão na mais fiuente simplicidade. E, como lhe sobravam a intensidade e a verdade do sentimento, corrigidas de qualquer excesso pelo pendor contemplativo, pela acção do tempo e por uma religiosidade íntima, muito portuguesa, propícia à melhor resignação, os tons da sua poesia são suaves, carinhosos na tristeza, luminosos na melancolia.

5 — Em Bernardim Ribeiro há a evidente influência dos poetas do ciclo de D. Denis, mas grandemente melhorada e ampliada pela comovida gravidade do sentimento. E, quanto à linguagem, portuguesa de lei, espelha limpidamente

os progressos do seu tempo e até bastante o espírito que da Itália corria pela Europa, mas tudo isto só com o valor dum perfume vago, embora precioso, sempre, suplantado pelos aromas silvestres da terra portuguesa. As obras de Bernardim Ribeiro são: (*Menina e Moça, Eclogas, Esparsas*), *Saudades, Romance de Avalor.* É um feixe de melodias gementes e suspirosas que representam a bondade e doçura duma grande alma, resignada, se não satisfeita, com as ruínas progressivas da mente, a alternarem com as saüdades infinitas do coração, português de-veras, ou antes, puramente celtibero.

Contestam que seja de B. Ribeiro o *Romance de Avalor,* a-pesar-do cunho do grande poeta no Capítulo XI e em outros passos. O imortal prosador das saüdades — prosa que vale pela melhor poesia — escreveu de-certo aquele romance, tão diverso dos outros seus, para esquecer nas aventuras alheias as profundas desventuras. E talvez nisto a demencia o salteasse, como que por auto-sugestão, ao convencer-se de que a saüdade, por mais que se adormeça, pensando na vida exterior, só morre de vez nos grandes hiperestésicos, quando a razão naufraga como que silenciosamente no excesso da sensibilidade. É provável que B. Ribeiro desse assim o triunfo como que voluntário a uma tara cruel e que é carecida, como poucas, de extrema fadiga mental e da mais pungente apatia moral.

6 — **Cristovão Falcão** — Deixou uma ecloga

— *O Crisfal* — que apresenta grandes reminiscências do recorte melódico e da maviosidade gemente de Bernardim Ribeiro. Lido o *Crisfal* ao par das obras do autor da *Menina e Moça,* fica talvez evidente que, sendo os dois poetas amigos íntimos (B. Ribeiro chama-lhe *Persio* na sua obra), C. Falcão assimilou bastante a *maneira* do grande lírico. Mas não será menos evidente que o poeta do *Crisfal* é mais apaixonado ainda do que Bernardim Ribeiro, vibrando com mais fogo, embora com melodia menos persuasiva. Em B. Ribeiro há mais elevação de espírito, por que há maravilhas de resignação nas confidencias mais pungitivas. Cristovão Falcão chega a ser eloqüente nos seus arrancos mal disfarçados, na toada lamentosa, que talvez disciplinasse muito, pensando nos versos adoráveis do seu amigo.

Mas a vida dos dois poetas explicará bastante a diferença, além da diversidade que os seus naturais talentos acusem. Em Bernardim Ribeiro, a paixão viveu mais perto da razão, brotando na plenitude da mocidade. Em Cristóvão Falcão, foi produto duma grande precocidade passional, propensa à hipérbole, ao devaneio permanente, à como que fúria amorosa.

Contudo Cristóvão Falcão não contém mal os seus rasgos apaixonados. Se a eloquência da sua dor lembra às vezes excessivamente que a carne chora mais do que a alma, o convivio dum poeta como Bernardim, e talvez também a influên-

cia disciplinadora do humanismo, cada vez mais predominante, imprimiram à sua famosa Egloga um tom de graciosa singeleza e de frescura expressiva, que assinala sem favor a Cristóvão Falcão o primeiro lugar na poesia bucólica logo depois de Bernardim Ribeiro.

7 — A vida de Cristóvão Falcão é conhecida apenas pelos lances vivos que nela avultam. Ignoram-se as datas certas do nascimento e do óbito (1515-1558), provavelmente. Nasceu porventura em Portalegre. Os seus progenitores foram João Vaz de Almada Falcão, que foi capitão da Mina, e D. Brites Pereira. Viveu desde criança na côrte. Aos 14 anos de idade, apaixonou-se desvairadamente por D. Maria Brandão, filha de João Brandão, Contador do Porto e homem rico. D. Maria tinha apenas 12 anos. Cristóvão Falcão era pobre, a-pesar-de fidalgo. A família Brandão irritou-se ainda mais com a pobreza dêle do que com a precocidade desusada de tais amores, que dizem ter sido santificados por um casamento clandestino (1). O poeta foi sequestrado durante 5 anos. Maria entrou para o mosteiro de Lorvão, onde se habituou à ideia de casar, como queria a família, com o capitão de Tanger, Luís da Silva. O poeta, restituido à liberdade, abalou para a Índia.

(1) Não achamos verosímil. Naquele tempo de crenças rígidas, se Maria tivesse casado clandestinamente, nada haveria que a obrigasse a casar com L. da Silva.

Maria Brandão já pertencia a outro. E a entrada em plena adolescência, em vez de sopitar a paixão do poeta, requintou-a, convertendo-a numa fonte permanente de saüdades e amarguras. Dessa fonte derivaram os versos frementes do *Crisfal*. Contudo, parece que Cristóvão Falcão só foi para a Índia, onde morreu, depois de honrado em 1542 por D. João III com um cargo diplomático que o acreditou, em negócio difícil, tratado em Roma. Arrastaria, pois, a sua dor durante 8 anos, pelo menos, além dos 5 de cárcere, antes de seguir para a Índia.

Também parece, pelos versos do poeta,

Mas o vosso mau casar
Dobra minha saüdade;
Casada sem piedade,
Vosso amor me ha-de matar.

que Maria Brandão teve em Luís da Silva, talvez ciumento, um mau esposo.

Êste facto é natural que sobreexcitasse a paixão do poeta do *Crisfal*, egloga, pois, que seria o produto duma paixão bastante similar, mas muito mais intensa, até por ser excessivamente precoce, à de Bernardim Ribeiro. Emfim, a sua arte foi orientada, se não ensinada muito de perto, pelo autor da *Menina e Moça*. Por isso, o *Crisfal*, se é igual nas determinantes e parecido na forma às obras de Bernardim, tambem pouco podia diferir destas na própria influência que teve na nossa literatura.

8 — Os que ultimamente pretenderam que o *Crisfal* foi obra de Bernardim Ribeiro afirmam que o pseudónimo *Crisfal*, em vez de indicar o nome de *Cris* (tovão) *Fal* (cão), indica *Cris* (ma) *fal* (so). A lembrança é engenhosa, mas absolutamente carecida de apoio positivo. E se há a, aliás muito explicável, similhança de estilos, é preciso notar a particular vibratibilidade passional de C. Falcão, que não condiz bastante com a psicologia, mais apática do que combativa, de Bernardim. C. Falcão, como o provam vários versos à maneira espanhola, que dêle temos, impunha como sua qualidade culminante a energia do dizer. Bernardim, menos vigoroso, embora mais profundo, só se sentia bem na doçura da expressão, sinal de muita resignação, mais ou menos dolorida.

9 — **Sá de Miranda** — Êste poeta foi essencialmente um filósofo, dotado de grandes aptidões críticas. O seu lirismo, muito português, é, porém, mais conceituoso do que enternecido e mais culto do que espontâneo. Renovou as nossas antigas formas métricas — *vilancetes, cantigas, glosas* e outras — demonstrando compreender assim o sentimento nacional. Mas a sua estada na Itália robusteceu-lhe o pendor didáctico, disciplinador e inovador que é evidente até nos seus versos mais leves. Em Sá de Miranda, há, pois, uma dualidade viva — a paixão conscienciosa pela nossa poesia popular e a ânsia de integrar a literatura portuguesa no movimento

europeu da Renascença. Foi, portanto, poderosamente influenciado pelo espírito nacional e pelo espírito europeu, mas colhendo neste, graças ao seu carácter anti-cortesão, uma certa tendência individualista, que, se êle vivesse mais tarde, traria talvez, pelas mãos do orgulho, uma forte tendência para o racionalismo. Os seus versos são portugueses como os velhos barões de Portugal o eram pela austeridade e pela franqueza. Raras vezes graciosos, sempre mais ou menos rígidos, denunciam em Sá de Miranda um grande poeta didáctico-filosofico, que, donde a onde, se desenfastiava com a frescura do lirismo popular.

A sua poesia, emfim, é inspirada de-certo pelo espírito da nacionalidade, procurado nos melhores poetas da Escola Provençal, e servindo conscienciosamente a vernaculidade; mas aspira tanto à inovação segundo os moldes italianos, que prefere quási sempre adaptar fórmulas exóticas a produzir criações dentro do liberrimo sentimento nacional. Sá de Miranda, a-pesar dos seus inegáveis serviços à nossa língua e à nossa arte, cuidou mais de aspectos técnicos do que de fortificar o espírito evolutivo da literatura portuguesa, auxiliando-a a aprimorar-se sem o menor perigo de desnacionalização. Por isso, o nosso meio literário lhe resistiu muito, aferrando-se quási com indignação à chamada *medida velha*.

10 — **Sá de Miranda** nasceu em Coímbra no ano de 1495. Seu pai foi o cónego Gonçalves Mendes de Sá. A mãe foi uma fidalga solteira,

D. Inês de Melo. Segundo Teófilo Braga, passou a meninice em Buarcos, em casa de seus avós João Gonçalves de Miranda e Souto Maior e D. Filipa de Sá. Em 1505, aos 10 anos, ainda estava em Coímbra. E pouco depois iria para Lisboa, onde então funcionava a Universidade.

Em 1516 dá-o o *Cancioneiro de Rezende* como doutor em leis. Regeria uma cadeira na Universidade, relacionando-se então com a côrte, que muito o entediou.

Em 1521, foi viajar pela Itália. Como só regressou nos princípios do reinado de D. João III, supõem que deixara Portugal por ser partidário daquele príncipe, na sua mágua contra o pai, D. Manuel I, que escolheu para as suas terceiras nupcias a noiva do filho.

Na Itália conviveu Sá de Miranda com João Ruscellai e Lactancio Tolomei, notáveis eruditos, e estudou de perto a poesia italiana — Dante e os seus tercetos magistrais, Petrarca e as suas canções e sonetos, Bembo e as suas elegias, a oitava rima de Ariosto, os versos encadeados das eglogas de Sannazaro. O técnico predominou tanto em Sá de Miranda, que se pode dizer ter sido êle quem carreou os melhores materiais métricos que Luís de Camões depois utilizou com génio.

Sá de Miranda esculpiu o corpo. Camões insuflou-lhe o espírito, que, por ser de-veras superior, melhorou, por seu turno, os contornos plasticos.

Regressou Sá de Miranda a Portugal em 1526.

Em 1527 estava em Coimbra. Depois, freqüentou mais ou menos a côrte até 1534, ano em que se refugiou nas sombras e tranqüilidade da sua quinta da Tapada (Entre-Douro e Minho, Entre-Homem e Cávado, diz T. Braga). Sá de Miranda, a-pesar de ter feito escola e de receber constantemente correspondência dos seus amigos, incluindo o príncipe D. João, filho de D. João III, apegou-se mais à vida domestica do que à vida pública. Foi o professor de música de seus filhos Gonçalo e Jerónimo. Mas visitaram-no grandes infortúnios. Gonçalo morreu em África na malograda expedição de Ceuta (1553). Dêste golpe morreu em 1555 D. Briolanja de Sá, mulher do grande poeta. Em 1558, emfim, Sá de Miranda, dilacerado pelos desgostos, morreu tambem.

É evidente a elevação moral de Sá de Miranda. Preza acima de tudo a família e a pátria com uma austeridade e até rudeza que lembram a psicologia de Alexandre Herculano. Mas, assim como Herculano, excessivamente apaixonado pelo liberalismo, lesou sem dar por isso o sentimento nacional, que julgava servir progressistamente, assim tambem Sá de Miranda, não menos honrado português, exagerou a influência do humanismo da Renascença em Portugal, e com ela as tendências para a arte pela arte. Enfim, patriota duma só fé, o espírito da escola, vivificado pelo convívio com os ilustres Garcilasso e Boscan, glórias da Espanha, levou-o a escrever muitas éclogas em castelhano—língua, aliás, usada por

muitos portugueses que temiam ver demasiadamente circunscrita a sua fama. E assim o grande disciplinador da língua portuguesa, que foi Sá de Miranda, confessou, involuntária mas nocivamente, a superioridade da língua espanhola e até do espírito dum povo que o grande poeta de-certo desejava diferenciar com elevado patriotismo.

11 — As poesias de Sá de Miranda abrangem elegias, canções, cantos, sonetos, cartas, etc., mas dando preferência lastimável à língua espanhola, que manejava com elegância e propriedade clássicas. Nessa língua fez êle a propaganda maior da arte italiana, devendo notar-se que, de-certo por uma reclamação significativa da consciência, usava mais da *medida velha*, da redondilha, quando poetava em português.

12 — **António Ferreira** — Foi um discípulo eminente de Sá de Miranda. Perfilhou com paixão a causa do classicismo. Poeta de alma — demonstram-no algumas elegias — foi o excessivo amor de escola que por vezes lhe deprimiu o nativo e admirável lirismo. A mesma causa lhe prejudicou a originalidade, obrigando-o a decalcar demais as obras italianas. Foi o que se deu mais tarde com Bocage, que sacrificou demasiadamente o seu grande talento à adaptação do espírito francês.

Chamaram-lhe o *Horácio português* por causa das suas *odes e epistolas*, modelares sem dúvida na forma, e, contudo, menos portuguesa

do que trabalhadamente latinas. O seu espírito de paixão pela Renascença deprimiu-o nas *Eglogas*, onde fica muito longe de Bernardim. Enfim, António Ferreira só é de-veras grande lirico português nas *Elegias*, de-certo o melhor da sua obra lírica, coligida nos *Poemas Lusitanos*, que também contém epitalamios primorosos e outras composições. Mas António Ferreira excedeu Sá de Miranda no amor à fidalguia e soberania da nossa língua. Não escreveu nunca em castelhano e nunca sacrificou a vernaculidade e a pureza às formulas estrangeiras. Se imolou demais o espírito nacional na escolha dos assuntos, ficou sempre português na expressão, por mais que a aprimorasse dentro dos novos cânones, embora desdenhando em excesso da *medida vélha*.

13 — Nasceu António Ferreira em Lisboa no ano de 1528. Seus pais foram Martim Ferreira, escrivão da fazenda do duque de Coimbra, e D. Mecia Froes Varella. Estudou talvez no Colégio do Mangancha, na capital. Freqüentou depois a Universidade de Coimbra, onde já ensinavam os professores franceses que André de Gouveia em 1547 conseguiu viessem de Paris.

Recebeu, pois, no ensino universitário, fortes sugestões do espírito da Renascença. Sabe-se que o sabio Diogo de Teive lhe ensinou o grego e que teve como mestre o famoso Jorge Buchanan. Em 1553, já era alto discípulo de Sá de Miranda. Prova-o a elegia que dedicou ao poeta da Quinta da Tapada, acompanhando-o na dor pro-

funda pela morte do filho Gonçalo. Em 1557, tinha escrito todas as poesias que constituem os *Poemas Lusitanos*. Enamorou-se em Coimbra duma dama de apelido Serra. Infeliz na sua paixão, no desgosto hauriu muito do seu lirismo, mas sem o desespero cruciante que dilacerou Bernardim e Cristóvão Falcão. Outra mulher lhe fez esquecer o primeiro amor. Foi D. Maria Pimentel, inspiradora de muitos dos seus versos e que de-pressa desposou. Mas ela morreu-lhe em 1568, deixando-lhe 3 filhos — Miguel Leite Ferreira, D. Catarina de Moredo e Rui Leite. Foi desembargador da Relação de Lisboa, e morreu da *peste grande* em 1568, um ano depois da mulher.

A vida de António Ferreira patenteia um carácter honrado e português, mas eivado do excessivo apego ao chamado *espírito novo*, que trazia latente os mais funestos germens da desnacionalização e da descristianização. A êsse espírito, predominante por falta do preciso meio-termo, se deve a depressão de António Ferreira em traduções e adaptações, e não, como quer T. Braga, à falta de imaginação e de poder criador, ao julgá-lo incapaz de nos deixar uma epopeia nacional. O seu engano com o verdadeiro sentimento nacional desvela-se nos versos com que deplorou a criação do *Index Expurgatorio* em 1564, não avistando a legítima defesa da fé religiosa, inseparável da missão histórica de Portugal.

14—**Pero, ou Pedro, Andrade de Caminha** — Foi um dos que mais consolidou nos hábitos literários dos portugueses o funesto amor da arte pela arte. Bom técnico, seguiu com ardor as regras da escola italiana, excedendo sem dúvida o próprio Camões no primor artístico. E, como tinha uma vasta cultura, os seus pensamentos, fortificados por uma razão, bastante vigorosa, ostentaram um certo arrojo e grandeza, convizinhos da verdadeira inspiração poética.

Mas escasseava-lhe o sentimento profundo e não tinha o espírito generosamente amplo. De-veras autólatra, cifrava todo o seu trabalho na beleza formal, sacrificando à rigidez das linhas e ao desvanecimento da eufonia qualquer emoção que reputaria indigna da verdadeira arte. Como sucede a todos os falsos artistas, a sua elevação mental era prejudicada pela baixeza moral — pela inveja, pelo despeito, pela fúria íntima contra o valor dos que lhe não podiam aplaudir, sem grandes reservas, as produções torturadas e geladas, falsas na doçura e frívolas nos primores pretenciosos. P. Andrade de Caminha, deixando muitos versos que lhe deram grande glória em vida, ficou na história como um simples versejador, culto e habilidoso, mas que não fala ao coração de ninguém.

15 — P. A. de Caminha nasceu no Porto em 1520. Descendia de fidalgos galegos que tinham vindo para Portugal no reinado de D. Fernando, ao ferir-se o encarniçado pleito entre Pedro

Cruel e Henrique IV. Foi camareiro-mór do príncipe D. Duarte, foi alcaide-mór de Celorico de Basto, e recebeu várias tenças durante a sua vida fácil e recamada de honrarias. De ordinário, o artista pela arte estriba-se com solidez para poder produzir com demorada paciência. E, extremamente soberbo, como autólatra impenitente, é tão bajulador dos poderosos como desdenhoso dos humildes e simples. Enfim, a sua astúcia, tão grande como a vaidade, ensina-lhe fàcilmente o caminho prático da vida. Por ser assim, e não por profundo sentimento nacional, P. A. de Caminha aplaudiu o Cardeal D. Henrique, ao estabelecer a Censura dos livros, que António Ferreira ingènuamente deplorara. Mas não se esqueceu de querer valorizar a privança com o Padre Bartolomeu Ferreira, censor eclesiástico que teve a hombridade de rejeitar nos *Lusíadas* o que há nêles de novi-pagão. Ignoramos porque é que, porém, os versos de Caminha, que andavam de mão em mão manuscritos, entre elogios pomposos, só em 1791 foram dados à estampa pela Academia Real das Sciências.

Pedro Andrade de Caminha morreu rico e consagrado em 1589. Sá de Miranda, António Ferreira e Diogo Bernardes foram seus amigos e admiradores, o que parece provar-nos que não dispunham dum perfeito espírito crítico.

16—**Diogo Bernardes**—É êste um grande poeta bucólico. A sua superioridade consiste na doçura melódica, na verdade do sentimento,

aperfeiçoado pela concentração do espírito num viver solitário, que lhe limou bastante as arestas de várias imperfeições morais. O seu talento nativo consegue, por felicidade, superar as tendências artificiosas — se não demonstrativas de certa falta de carácter — que o aproximam às vezes dos simples cultores da arte pela arte. A vida na solidão reforçou-lhe as aptidões descritivas e o tom melancólico e comovido, que tambem derivava nêle de grande propensões místicas. A rigor, há em Diogo Bernardes uma dualidade curiosa: o analista enternecido que, depois da análise da vida campestre, dá largas ao seu melhor subjectivismo, servido por uma expressão sempre suave, posta nos lábios vivos de simples pastores; e a arte culta, meditada, às vezes requintada, do poeta que se compraz fàcilmente com simples efeitos eufónicos. Mas, se o artista às vezes já denuncia o espírito da decadência, o tom vernáculo salva-lhe as demasias viciosas.

Diogo Bernardes deixou nas *Várias rimas do Bom Jesus* um espécimen interessante de poesia mística. Contudo, não é um verdadeiro místico. Nas *Flores do Lima* (sonetos, elegias, canções, cantigas) assinalou o seu bucolismo, mas sem atingir a perfeição que o distingue no *Lima* (20 Eclogas e 33 cartas). O *Lima* tem defeitos, até na técnica. Não são raros os versos frouxos. Não é invulgar a afectação, mais adocicada do que enternecida. Contudo, as qualidades

brilhantes fazem esquecer os defeitos, embora a cada passo pareça que a paciência artística predomina sôbre a inspiração profunda e sôbre os movimentos sinceros do coração.

Enfim, o grande talento descritivo do poeta secundariza-lhe um tanto as faculdades creadoras.

17—Nasceu Diogo Bernardes em Ponte da Barca no ano de 1520. Viveu em Lisboa, convivendo com Sá de Miranda e com P. A. de Caminha. Como êste, foi incensador dos poderosos, e figadal inimigo de Camões.

Assim se confirma o temperamento do artista pela arte que por vezes emerge no proprio *Lima*. Logrou as boas graças do hábil estadista Pedro de Alcáçova Carneiro, que acompanhou em 1576, quando Alcáçova foi a Espanha como embaixador.

Em 1578, seguiu com D. Sebastião para Marrocos. Foi, como poeta da expedição, incumbido de glorificar Portugal. Outros poetas menores acompanhavam o grande e infortunado rei —Fernão Alvares d'Oriente, Miguel Leitão d'Andrada, Aires Teles, André de Quadros. Prisioneiro de guerra, já em 1581 estava em Portugal e não dava mostras de grande sentimento patriótico.

Filipe II deu-lhe boa tença (Carta de 16 de Outubro de 1582) e ampliou-lha em 1593. Morreu em 1605.

18—Acusaram Bernardes de plagiário de

Camões. Roubar-lhe-ia o poema *Santa Úrsula*, cinco eglogas e muitos sonetos. Os plágios não se provam. Bernardes foi antes um feliz imitador que, por assim dizer, sentia a sangue frio, mas quási sempre com uma rara aparencia de sentir de-veras. E teria também inegáveis raptos de inspiração sua, que, por espírito de escola, amaneirou às vezes em pedaços de arte pela arte. Enfim, com grande tacto descritivo, reforçado por uma boa observação, foi um pintor feliz, sóbrio e suave de cores.

19 — **Fr. Agostinho da Cruz** — É êste o verdadeiro grande lírico do seu tempo. Nem Sá de Miranda nem António Ferreira tiveram inspiração tão elevada, tão pura e convizinha do sublime. Diogo Bernardes, seu irmão, venceu-o em renome, só porque aquele tempo era mais propício ao bucolismo, bastante próximo do panteísmo. O autor do *Lima* não tinha o carácter forte e lavado, a vibração, sincera e enternecida, do adorável monge.

Fr. Agostinho da Cruz, quando usava o seu verdadeiro nome — Agostinho Pimenta — escrevera líricas profanas e decerto de grande valor. Queimou-as, ao entrar nos claustros da Arrábida. Neste gesto, revela a imensa superioridade moral que o adulador de Filipe II nem sequer manifestou, rendendo à tragédia de Alcácer-Quibir uma homenagem condigna. Diogo Bernardes, que assistira à imortal batalha, vendo resplandecer e morrer devagar o grande rei e, com êle,

uma grande Pátria, apenas evocou depois os nossos campos melancólicos, a doce vida pastoril, que parece indiferente às convulsões políticas. Fr. Agostinho da Cruz, fugindo de honras e renomes fáceis, não queimando nunca incensos ao poder humano, transformou as melopeias do lirismo terreno em contemplações sublimes da glória divina. A sua resignação de patriota, que aceita na rudeza dos sucessos o império da vontade suprema, nem acusa a renegação nem o egoísmo, nem o artificioso amor do Belo.

E por isso a sua arte é muito sincera, luminosa e profunda. Fr. Agostinho é mais poeta do que Diogo Bernardes na altura constante do pensamento, na pureza da fé, na doçura piedosa da sua obediencia à Religião, pela qual quiz trocar as ruinas sociais e políticas duma Pátria que parecia renegar de si mesma.

Primoroso de forma, muito a par do irmão, o que lhe dá a mais justa primazia sôbre os consagrados do seu tempo, é a beleza e elevação do espírito, a verdade e imponente serenidade do sentimento, o tom desafectadamente elegíaco e profundamente filosófico do seu estilo descontrafeito.

20 — Agostinho Pimenta nasceu em Ponte da Barca no ano de 1540. Irmão mais novo de Diogo Bernardes, dêste recebeu de-certo as primeiras lições de arte poética, solicitadas pelo seu nativo e grande talento.

Em 1556, teve emprêgo na casa do duque

D. Duarte, neto de D. Manuel. Os frades da Arrábida visitavam muito êsse paço. Depressa Agostinho Pimenta colheu nêles frutuosas sugestões espirituais. A 3 de Maio de 1560, iniciou o seu noviciado no Convento de Santa Cruz da Serra de Sintra.

Depois, na admirável solidão da Arrábida, escreveu versos místicos, ungidos de serenidade afectuosa, moralista e edificadora. Ao contrário do que afirma Teófilo Braga, Agostinho Pimenta, quando começou a chamar-se Fr. Agostinho da Cruz, já tinha vivido bastante o drama da vida. Se assim não fora, nem queimava os versos profanos, nem trocava a côrte pelo claustro, onde morreu a 14 de Março de 1619. E a suposta monotonia dos versos de Fr. Agostinho da Cruz é tão discutivel como a afirmação de que a paz claustral, deixando-o morrer com 71 anos, *apressou a morte* (1) do principe dos nossos poetas místicos e grande entre os líricos de todos os tempos da nossa literatura.

21 — **D. Manuel de Portugal** — Êste poeta, que no seu tempo teve uma preeminência absoluta, escreveu quási todos os seus versos em espanhol, segundo a moda de então na nossa côrte. A maior parte das suas poesias amorosas perdeu-se.

As que restam confirmam, porém, o valor

(1) Teófilo Braga, ob. cit. (Cap. XII, Pág. 283).

que lhes deram no tempo em que foram escritas. A sua inspiração é facil e viva, e maneja com elegância e pureza a língua e a arte poética. Deixou também composições místicas em que predomina um espiritualismo subtil e dilacerado, mas com moldes de boa técnica.

22 — D. Manuel de Portugal era filho de D. Francisco de Portugal, Conde de Vimioso, um dos poetas mais ilustres do *Cancioneiro Geral*, e de D. Joana de Vilhena, prima de D. Manuel I, e por quem muito tempo se disse ter-se apaixonado Bernardim Ribeiro. Grande amigo de Camões, foi quem conseguiu que D. Sebastião ouvisse a leitura dos *Lusíadas*, feita pelo seu glorioso autor.

D. Manuel de Portugal não se conformou com o domínio espanhol. Por isso a Casa de Vimioso foi alvo das mais duras hostilidades. D. Manuel de Portugal morreu a 26 de Fevereiro de 1606, traduzindo em versos místicos a sua dor de patriota esmagado, que se refugia com ânsia na glória divina. Os versos de D. Manuel de Portugal são vibrantes de sentimento, por vezes tão alegórico que chegam a ser pouco compreensíveis para quem desconhece a psicologia colectiva do seu tempo.

Mas, por isso mesmo, reflectem com verdade a nobre psicologia do poeta e dos patriotas, seus contemporâneos. A vida de D. Manuel de Portugal é rigorosamente harmonica com o espírito das suas obras.

23 — **André Falcão de Rezende** — É um lírico de maior valor do que Caminha, e teve um espírito tão justiceiro, que alevantou Camões acima dos seus detractores. Mas foi excessivamente individualista. Poeta amoroso, era também muito erudito. Começou a traduzir as Odes de Horácio. Deixou o poema alegórico *Criação do Homem*, onde através de muitos conceitos e subtilezas, há pedaços de valor.

24 — Nasceu em Evora em 1535. Era filho de Jorge de Rezende, notável poeta do *Cancioneiro Geral*, e sobrinho de Garcia de Rezende. Foi educado pelos Jesuitas. Em 1553 pertencia à Casa do Cardeal Infante D. Henrique. Em 1558 formou-se em direito, tendo colocação como letrado e Ouvidor da Casa do Duque de Aveiro. Em 1577, era Juiz de Fora em Torres Vedras.

Morreu de peste em 1599. A normalidade da sua vida sem grandes lances teve apenas a nota viva do amor à mulher que desposou e a quem dirigiu vários versos, correctos de forma e bastante comezinhos de vibração, perdendo-a pouco depois sem grandes manifestações de angústia. A mediocridade do carácter de André Falcão de Rezende explica bastante a curteza dos seus vôos.

Não só lembra Tolentino, pelo que muito que nos seus versos se queixa da pobreza, como, duvidoso patrióta, foi a Madrid implorar de Filipe II uma graça que lhe assegurasse desafogada subsistência.

Quiz ser justo ... mas também não lem

25 — Outros poetas líricos dêste tempo merecem referência, pelo menos, por terem sido amigos pessoais e dedicados de Luís de Camões. — *Heitor da Silveira.* Foi filho do poeta Francisco da Silveira, que figura no *Cancioneiro Geral*, e irmão do tambem poeta Fernão da Silveira, senhor de Sarzedas (1). Os seus versos desapareceram. Sabe-se que amou infortunadamente uma Belisa. Pelo que dêle nos transmitem Camões e Falcão de Rezende, foi poeta de linguagem pouco fluente e natural. — *João Lopes Leitão* — Homem cavalheiroso e poeta de bastante engenho. Foi dos mais íntimos de Camões em Goa. — *António de Abreu* — Poeta medíocre, e mais medíocre patriota. Solicitou as graças de Filipe II. — *Luís Franco* — Deixou sonetos razoáveis. Amigo de Bernardes, nem por isso deixou de ter nobre cuidado em coleccionar várias poesias de Camões. — *Fernão Álvares do Oriente*, imitador pouco feliz. Vê-lo-emos adiante (*Romances*). — *Pedro da Costa Perestrelo* — Autor de vários sonetos e de traduções do livro de Job. Talvez escrevesse uns versos agoureiros de desastre, que apareceram no Paço Real, quando dos preparativos da expedição a Marrocos. D. Sebastião lê-los-ia com desdem. Perestrelo foi um cortezão servil de D. Fi-

---

(1) O príncipe D. João apreciava-o tanto que encarregou o seu secretário e filho de Gil Vicente de copiar os versos dêle. (T. Braga, Ob. cit.).

lipe II.—*Francisco Galvão*—Temos dêle alguns sonetos, verdadeiros exercícios métricos, e pouco mais.—*Estevão Rodrigues de Castro*—Notável homem de sciência, que foi professor da Universidade de Pisa. Deixou sonetos apreciáveis. Encarnou bastante o novi-paganismo que maculou a Renascença, pendendo para a heterodoxia. Teve de expatriar-se.—*Bernardo Rodrigues*—foi íntimo de Camões. Concorreu muito para a adaptação das *Balatas* em Portugal.—*Jorge Fernandes*, (Fr. Paulo da Cruz, ou o *Fradinho da Rainha*—Restam dêle poucos versos e de valor mediano.—*Fernão Rodrigues Lobo Soropita*—Imitou com felicidade o estilo de Camões e tambem foi apreciável poeta satírico. Fanático pela glória de Camões, editou em 1595 muitas líricas do grande poeta. Em 1598 fez nova edição, enriquecida com preciosos inéditos. —*D. Gonçalo Coutinho*—Ardente proclamador do génio de Camões, foi discípulo de Bernardes em arte poética. Os seus amores com D. Maria de Oliveira, que desposou, e a quem deu o nome poético de *Armia*, inspiraram-lhe versos estimáveis.—*Miguel Leitão*—Poeta místico. É o autor da *Miscelânea*, repositório apreciável de Canções e Sonetos de Camões, e de memórias, tradições, excelentes dados auto-biográficos, etc. (1).

(1) Apenas a título de curiosidade, nomeamos nesta nota os poetas portugueses que escreveram em latim os seus

Poetas dramáticos

1 — O nosso teatro limitou-se muito tempo aos Autos hieráticos ou religiosos, representações da vida eclesiástica, da vida dos santos, de várias lendas cristãs, de alegorias e mistérios, etc.

Essas rudimentares peças dramáticas tiveram como palco muito tempo as igrejas, e depois os adros, segundo a autoridade eclesiástica as foi separando, com grande dificuldade, do culto divino, que cortavam de cançonetas, vilan-

---

poemas. Luísa Sigeia e Joana Vaz — esta com honroso elogio de Clenardo — pertencem com brilho a essa falange. Depois temos no *Corpus illustrium poetarum lusitanorum, qui latine scripserunt* em 8 volumes, compilação feita benemèritamente pelo Padre António dos Reis e que o Padre Manuel Monteiro ampliou com as biografias respectivas, versos latinos dos seguintes poetas nossos: Pedro Sanches, Henrique Caiado, Manuel da Costa, Diogo Mendes de Vasconcelos, Miguel de Cabedo, (vol. I); João de Melo de Sousa, (vol. II); o autor do famoso poema *Challeidos*, objectivando o cêrco de Chaúl, governado por D. Francisco de Mascarenhas, quando era Vice-Rei D. Luís de Ataíde, 1570-1571. — Diogo de Paiva de Andrade — filho do cronista Francisco de Andrade e sobrinho do grande orador sacro Dr. Diogo Paiva de Andrade, (vol. III); Lopo Serrão e Fr. Francisco de Barcelos, (vol. IV); Fr. Tomé de Faria, bispo de Targa, tradutor dos *Lusíadas*, e António de Figueira Durão, (vol. V); Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, eminente poliglota e erudito, que em Veneza e Roma defendeu teses eruditas, e na última cidade, versando conclusões de *omni scibili*, (vol. VI); Fr. F. de Santo Agostinho de Macedo, Jorge Coelho e António de Gouveia, (vol. VII); Padre António dos Reis, o compilador e editor, (vol. VIII).

cicos, motetes e até danças, bailes e folias. E a Nobreza tinha um teatro pouco mais perfeito, quando lhe não era inferior — as *mímicas, os mômos e os entremezes* nos paços reais — dando emergência às chalaças dos bobos, que se desentranhavam em chistes e remoques atrevidos e até obscenos. A grosseria e a frivolidade, a maledicência e a crueza predominavam às vezes mais nos *mômos* do paço do que nos *autos* informes da populaça, ainda muito tarada de paganismo, mas muito mais dócil do que a Nobreza à auctoridade disciplinadora da Igreja.

2 — **Gil Vicente** — Êste grande poeta teve a habilidade de valorizar nos folguedos do Paço, todas as circunstâncias favoráveis a um verdadeiro teatro nacional. A usança dos *Mômos* tinha sido bastante posta de parte, e Gil Vicente resuscitou-os, acarinhando assim o sentimento nacional. Explorou, nesse intuito, com feliz audácia, em 7 de Junho de 1502, o festival que celebrava o venturoso parto da Rainha D. Maria. Recitou com grande arte na câmara da parturiente, — que tivera o seu bom êxito no dia anterior — o *Monólogo do Vaqueiro*, ou da *Visitação*.

A côrte, e principalmente D. Leonor, ilustre irmã de D. Manuel, instaram com o poeta para que repetisse a récita no próximo dia de Natal. Gil Vicente conquistára de golpe uma emergência triunfal.

Foi enorme o seu júbilo. Prova-o a actividade

quási febril com que deitou mãos à obra, avultando como eminente autor e actor desde 1502 a 1536, sempre coberto de aplausos. O genial poeta revela uma psicologia admirável de maleabilidade estratégica e ao mesmo tempo de rara superioridade de consciência. Afrontando com serenidade irónica intrigantes e invejosos, despeitados e detractores, Gil Vicente não só escreveu e representou no Natal uma peça nova, o *Auto pastoril castelhano*, como acedeu, jubiloso e infatigável, ao pedido de D. Leonor, quanto a um *Auto* para o próximo dia de Reis. Assim escreveu o *Auto dos Reis Magos*, que foi a delícia da nossa côrte ao romper do ano de 1503.

Acusado de gralha enfeitada com as penas do pavão, que seria o poeta espanhol João de Encina (1), enfim frechado por vários eruditos (2), que achavam inverosímil e também um tanto perigosa tamanha genialidade, escreveu e representou a farsa *Inês Pereira*, defesa fulminante e tão apropositada, que é indubitávelmente sua (3).

---

(1) João de Encina (1468-1534) foi o pai do teatro espanhol. Era tão admirador de Vergílio, que às suas *Representações*, ou peças dramáticas, pôs o nome de *Eglogas*. E, contudo, vendo-se desdenhado pelos eruditos da côrte, a si próprio se classificava de *poeta ínfimo*. E' autor duma excelente *Arte de poesia castelhana*, dum livro célebre em que conta a sua viagem a Jerusalem, de *vilancicos* históricos, etc.

(2) Gil Vicente chamou-lhes — *certos homens de bom saber*.

(3) Gil Vicente rubricou-a assim: — *O seu argumento he, que, por quanto duvidavam certos homens de bom saber se o*

As detracções estimularam-no. Talvez sem elas, não tivesse atingido tão depressa a considerável perfeição técnica que essa farsa patenteia. Mas é arbitrário, como quási sempre, T. Braga, afirmando que os detractores eruditos foram instrumentos do clericalismo — fobia proverbial daquele crítico. Os eruditos seriam, quando muito, apoiados pelos eclesiásticos, que, sem injustiça de maior, descortinavam no excessivo espírito satírico de Gil Vicente um realismo nocivo (1).

O grande poeta porfiou, na verdade, em esquecer com bastante paixão os aspectos honestos da nossa clerezia, focando quási sempre os aspectos anormais. E o sopro da rebeldia protestante — era isto em 1523 — já era forte. Lutero começara a dogmatizar em 1517, com graves apreensões do Clero de toda a Europa. Além disso, os efeitos morais da Renascença — no que ela teve de pior — já tinham dado sinal nas nossas letras. Surdia, mais ou menos, a funesta tendência para o livre exame que, passados anos, o intelectualismo pombalino alentou e até consolidou.

Autor fazia de si mesmo estas obras, ou se as furtava de outros autores, lhe deram este thema sobre que fizesse: s. hum exemplo comum, que dizem: **Mais quero asno que me leve que cavallo que me derrube.** *E sobre este motivo se fez esta farça.*

(1) T. Braga escreve, a propósito, esta frase infeliz: — ... *o partido clerical, que via em Gil Vicente o protesto do bom-senso. O partido clerical* é uma fantasia jacobina. E o predomínio do Clero *á custa da insensatez*, atesta supiníssima miopía mental.

Gil Vicente escreveu 47 peças, das quais só 16 foram escritas em português (*Auto de Mofina Mendes, Clerigo da Beira, Barca do Inferno, Barca do Purgatório,* etc.); 12 foram escritas em espanhol (*Visitação, Pastoril Castelhano, Reis Magos, Amadis de Gaula,* etc.); e 19, em português e espanhol.

Com excelente visão dos elementos basilares do nosso teatro, decalcou os figurinos das peças hieráticas em 17 peças (*Visitação. Reis Magos, Mofina Mendes, Barca do Inferno, Barca do Purgatório e da Glória,* etc.); explorou as tendências aristocráticas em 10 peças (*Auto da Fama, Côrtes de Jupiter, Amadis de Gaula, D. Duardos,* etc.); e estudou as usanças e o espírito do povo nas restantes (1).

A rigor, Gil Vicente, até quando mais parecia querer alevantar o Povo acima do Clero e da Nobreza, tinha na mente a psicologia de cada um dos Três Estados nas suas relações íntimas, que desejava decerto moralizar (2). É muito provável que fôsse seu plano exibir, vivo e real, o espírito da nação na pintura das qualidades e defeitos da Raça. Nada verosímil é que êle pre-

---

(1) O interêsse do povo por estas peças, comprova-o o facto, atestado por Gil Vicente, de ter sido o público quem a uma das farsas pôs o nome *Quem tem farelos?*

(2) Nada nos prova que o facto de se terem perdido os Autos *Jubileu de amores* — que foi representado a 21 de Dezembro de 1531 na residência de D. Pedro de Mascarenhas, nosso embaixador em Bruxelas, comemorando-se o

tendesse, como insinua o critério liberalista, alevantar exclusivamente o Terceiro Estado. As suas obras destinam-se aos Três Estados, sem o azedume preconceituoso que muitos lhe atribuem, dando-o como essencia duma arte demolidora, quási rancorosamente revolucionária e libertária.

A Arte dramática de Gil Vicente estava à altura do espírito de construção que vivificou. Foi superior na escolha de assuntos, na vivacidade conceituosa do estilo, no poder da análise psicológica. Ao mesmo tempo, foi regrando a enscenação e melhorou, dia a dia, a naturalidade dos efeitos scenicos.

O seu espírito crítico, em vez de servir — como querem muitos — as reivindicações e até as paixões populares, vergastou genialmente os ridículos e os vícios de todas as classes. E a linguagem, cáustica e pitoresca, portuguesíssima (1), adestrou-se e enriqueceu-se nas suas mãos, tornando o léxicon mais variado, sugestivo e incisivo. Gil Vicente, por mais que zom-

---

nascimento de D. Manuel, filho de D. João III — *Aderência do Paço* e *Vida do Paço*, se deva à rigidez inquisitorial. O poeta, sempre tão hábil e sensato, não ia ferir a Religião e o Trono numa festa tão solene e oficial. Mais verosímil é que Gil Vicente os eliminasse, por qualquer motivo, da *Compilação* de 1562. Se os julgara bons para o proscénio, podia julgá-los inferiores para serem lidos — caso freqüente nos melhores autores dramáticos.

(1) Diz muito bem J. Nunes (*Chrestomatia arcaica, excerptos de lit. port., etc.*) que G. Vicente *marca a transição entre a língua arcaica e a moderna.*

basse, foi sempre o sincero moralista, amigo da verdade e da equïdade, verdadeiro escalpelador com talentos de grande e verdadeiro poeta, porque, a espaços, o censor emmudece e ficam o cantor, o trovador, o lírico de raça, meigo, enternecido, adorável, com a envergadura dum sonhador ingénuo.

Enfim, se Gil Vicente assimilou com raro poder o melhor do sentimento nacional, como que rehabilitando-o na flagelação dos desvios de todos — grandes, ou plebeus, ricos ou indigentes, cultos ou ignorantes — a sua capacidade concepcional confere-lhe, sem hipérbole, honras de grande e pura genialidade. E a singeleza da expressão tem tanta vida na efervescência de ideias e sentimentos nobres, que nos dá um modêlo do estilo claro e substancial, sempre límpido, mas sempre mais ou menos profundo de visão e lição. Gil Vicente tinha, sem dúvida, o genio superior, o que se funda na genialidade moral. Pena foi que esta genialidade, involuntàriamente deprimida pela necessidade de fazer rir, não pudesse inspirar-lhe figuras modelares de virtude e bom-senso que contra-minariam excessos de mordacidade e algumas aparências de impiedade. Mas assim se deprimiu Plauto na antiguidade, e assim se havia de deprimir o próprio Molière.

3 — A vida de Gil Vicente é pouco positiva nos seus dados. Teófilo Braga crê que, filho de Martim Vicente, ourives de prata, nasceu em

Guimarães no ano de 1460 e que morreu em Évora no ano de 1536. Outros (1) supõem, mas dubitàvelmente, que tenha nascido em Guimarães, ou na Beira, só em 1470, e que se finasse em 1540. Viveria já na côrte antes de 1495? Vários documentos, datados de 1482, de 1486 e 1491, induziram Teófilo Braga a supô-lo relacionado com a côrte antes daquele ano.

Por alvará de 15 de Fevereiro de 1509, foi Gil Vicente nomeado ourives da rainha D. Leonor, ilustre viuva de D. João II. Terá sido, pois, o lavrante da admirável Custódia de Belem.

D. Manuel, em carta de 4 de Fevereiro de 1513, refere-se às virtudes de *Gil Vicente, ourives da Rainha, minha muito amada e prezada irmã.*

Enfim, no testamento do mesmo soberano há estas palavras — *a Custódia feita por Gil Vicente para o Mosteiro de Belem* — e no testamento dar aínha D. Leonor *fala-se num cálice que corregeu Gil Vicente...* Além disso, o poeta refere-se muitas vezes nos *Autos* à profissão de ourives.

Mas de tudo isto não derivam, infelizmente, grandes clarões sobre a vida, e, muito menos,

(1) Dr. Mendes dos Remedios, *Obr. cit.* e apoiado em D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, Braancamp Freire e outros. Vid. *Biblioteca Lusitana*, de Barbosa Machado, *Ementas históricas — II — Gil Vicente*, por Jacinto Inácio de Brito Rebelo; Elementos para a *História do Município de Lisboa*, por Freire de Oliveira, etc.

sobre a verdadeira psicologia de Gil Vicente. O notável comediógrafo não carece afinal, da glória de primoroso ourives para ficar na história como artista genial. Enfim, dessa gloria seria impossível extraír mais noções psicológicas do que as que êle nos deixou nas suas obras dramáticas, opulentas de ironia, moralidade austera e delicado lirismo.

Temos de julgá-lo pelo que êle escreveu e pelo que sabemos da luta encarniçada que teve de manter com os seus detractores — provavelmente viciados e despeitados alguns, mas todos êles poderosos na côrte. Temos de julgá-lo, enfim, pelo grande amor que consagrou à filha, a camareira da rainha D. Catarina, Paula Vicente, sua dedicada colaboradora, poetisa e actriz de talento. E não será temeridade concluir que Gil Vicente, respeitado na côrte, apesar de tantos e tão sanhudos adversários, foi um raro homem de bem, e um genuíno e honrado português. Se divertia a vida palatina e também lhe afervorava o amor-pátrio, como no *Auto da Exhortação da Guerra,* representado na véspera da expedição a Azamor, decerto possuía muitas virtudes pessoais para poder conter em respeito os numerosos e às vezes ilustres flagelados.

Portanto, o cognominado *Plauto Português* não contradisse decerto na sua vida particular a moral rígida que defendeu no proscénio.

4 — **Sá de Miranda** excessivamente afer-

rado à Escola Italiana, se compreendeu bem o espírito progressivo, mas eminentemente nacionalista, de Gil Vicente, deu de si medíocre prova como comediógrafo. As suas comédias (*Estrangeiros* (1527) e *Vilhalpandos* (1538) são muito medíocres de entrecho, movimento e arte scénica. Têm apenas o valor da linguagem castiça (1).

5 — **António Ferreira** — Foi o primeiro poeta português que escreveu uma tragédia — *A Castro.* Esta obra é cheia de sentimento nacional e de intensidade dramática. O estilo é puro, forte, apropriado modelarmente à grandeza patética do assunto. Revela muita arte na enscenação. Os córos, por mais que lembrem as tragédias gregas, impõem-se como felizes comentários do alvoroçante entrecho. O verso solto, imitado de Trissino, às vezes duro e até incorrecto, é perfeito para o seu tempo. A análise psicológica das personagens compensa a fastidiosa extensão de alguns monólogos.

A Castro ficou no nosso teatro sem imitadores condignos. Nem Domingos dos Reis Quita, nem Nicolau Luís, nem Manuel de Figueiredo, nem Baptista Gomes, com as suas *Castros*, o igualaram. Enfim, Garrett, escrevendo *Catão* e *Merope*, ficou muito inferior a António Ferreira, não só na escolha do assunto, como na origina-

(1) Sá de Miranda, que chamou *Pasquins* aos que punham em scena mistérios da Religião, não teria noção do meio-termo artístico.

lidade empolgante da linguagem e na grande intensidade trágica (1).

Pode dizer-se que, depois de António Ferreira, nunca mais se escreveram em Portugal tragédias dignas de nota.

Menos feliz foi António Ferreira nas comédias *Bristo* e *Cioso*, imitação de peças italianas. O poeta abdica da originalidade tanto no assunto como na pintura do meio e no movimento da scena. São simples decalques e passatempos.

6 — **Luís de Camões** deixou também o seu grande nome vinculado à poesia dramática. Neste género, a sua genialidade, a rigor, não é de primeira ordem. Mas os 3 autos dos *Emphitryões* ou *Amphitriões*, de *El-Rei Seleuco* e de *Filodemo*, são peças, interessantes e vivas, que Gil Vicente, seu inspirador, não rejeitaria.

O 1.º desses Autos, escrito para as festas da vida académica, imita uma comédia de Plauto, mas sem deixar grandes notas verdadeiramente portuguesas, além do excelente metro e da maneira gil-vicentina. Todo o seu valor está na

---

(1) O poeta espanhol Fr. Jerónimo Bermudez plagiou com infelicidade a *Castro* na *Nise lacrimosa*. Depois na *Nise Laureada* (alusiva à coroação da *que foi rainha depois de morta*), demonstrou que, sem figurinos, era incapaz de fazer tragédias, sofríveis que fossem.

Bermudez publicou a sua tragédia em 1577, e a *Castro* de António Ferreira só veio a lume, postumamente, em 1598. Mas Bermudez esteve em Portugal no tempo de António Ferreira, que já em 1557 escrevera a *Castro*.

Bermudez ouviu-a decerto ler manuscrita, e decalcou-a.

forma. O *Auto de El-Rei Seleuco*, ferirá subtilmente a paixão de D. João III, na sua adolescencia, pela rainha D. Leonor; mas o tom profundamente exótico de toda a peça faz esquecer demais qualquer laivo de psicologia portuguesa.

Enfim, o *Auto de Filodemo* — escrito para o festival da posse do governador de Goa, Francisco Barreto, tem um entrecho, realmente imaginoso e novelesco, mas sem grandes lampejos de vida psicológica (1).

7 — **Afonso Alvares** — escreveu os autos de *Santa Bárbara, Santo António, S. Tiago Apóstolo* e *S. Vicente Mártir.* O autor, um mulato, era criado de D. Afonso de Portugal, bispo de Évora. Os seus versos têm bastante vivacidade e até elegância, mas falta-lhes o bom conhecimento da técnica teatral. Moralizador, com dotes bastantes para falar à alma do povo

---

(1) *Entrechos dos 3 Autos.* Nas *Emphitryões*, Anfitrião, esposo de Alcmena, vai para a guerra. Jupiter, disfarçado no marido, seduz Alcmena. O marido regressa, e encontram-se os dois rivais num lance difícil. Jupiter não tem remédio se não revelar a sua identidade, e aplaca o traído confessando que só pretendeu *honrar* aquela família, fazendo de Alcmena a mãe do grande Hércules. (Decalque da conhecida comédia de Plauto. Moralidade mais do que duvidosa). — No *Auto de El-Rei Seleuco*, Antíocho, filho do monarca Seleuco, apaixona-se pela madrasta, Estratónica. Devora a paixão. Adoece. O médico conhece a fonte do mal, e leva Selenco a dar Estratónia ao filho. — No *Filodemo* — Um pastor recolhe Filodemo e Florimena, filhos ilegítimos dum fidalgo português e órfãos de pai e mãe. Filodemo mais tarde vai servir para casa de D. Lisudardo, seu tio, pai dum filho e duma filha. Filodemo namora a prima. Descobre-se o mistério do nascimento, e casam.

— o *Auto de Santa Bárbara* ainda se representa nos entremeses populares e aldeões — tolheu-lhe os progressos naturais da arte a virulência, às vezes rancorosa, de António Ribeiro Chiado e doutros volteiros espíritos do seu tempo, que o ridiculizaram sem tréguas, talvez com medíocre justiça.

8 — **António Ribeiro Chiado** — Poeta sem o génio de Gil Vicente, foi, contudo, chistoso e vivo, mas carecido de superior penetração mental e moral. Mais ousado do que engenhoso, mais desbocado do que engraçado, assinalava-o uma habilidade fecunda e repentista que parecia a muitos — ao próprio Camões — um talento apreciável. Há notas interessantes do tempo e passos felizes nos seus muitos *Autos*. O seu principal trabalho é o *Auto da natural invenção*, representado diante de D. João III. Há dêle ainda a *Prática de oito figuras*, com referências ao cêrco de Mazagão de 1547, o *Auto das Regateiras*, e a *Prática dos Compadres*.

9 — **Chiado** professou no convento de S. Francisco em Évora. Incompatível com a disciplina do claustro e propenso à libertinagem, trocou a vida monástica pela dos *Valentões*, grupo de brigões e amorais que viviam boèmiamente em Lisboa. A sua vida corresponde à sua arte. Moralizava mais por espírito de maldizer e para fazer rir, do que por sincero amor à virtude. Enfim, escrevia sem ideal superior, ao talante da mordacidade, muito engenhosa, com uma

espécie de cinismo folgazão. Foi muito apreciado no seu tempo o *Auto de Gonçalo Chambão*, hoje perdido. Morreu em 1591.

10 — **Baltazar Dias** — Superior ao Chiado em elevação mental e moral e no conhecimento da alma do povo, nunca escreveu em castelhano, nem nunca se arredou do sentimento nacional. Os seus versos, dignos dos melhores dos nossos trovadores, objectivam as mais belas tradições e crenças do povo português, dando-nos *Autos* sacros interessantes e palpitantes, como *Auto do Nascimento de Cristo — Santo Aleixo, Paixão, Santa Catarina*, etc. Mas, por isso mesmo, as suas obras dramáticas ficaram no coração do povo simples, que tambem o estima como narrador — *História da Imperatriz Porcina, Tragédia do Marquês de Mântua e do imperador Carlos Magno*, etc.

11 — Era da ilha da Madeira. Cego e pobre, vivia da venda dos seus livros. Podia chamar-se o *Gil Vicente das ruas*. Merece uma homenagem de simpatia.

12 — **António Prestes** — Foi um poeta fecundo e popular. Imitou Gil Vicente com felicidade (*Auto da Ave-Maria*, 1530). Na colecção de 12 folhas volantes em que Afonso Lopes, moço da capela real, publicou em 1587 a *Primeira Parte dos Autos e comédias portuguesas, feitas por António Prestes e por Luís de Camões*, etc., vêm insertos outros *Autos* de António Prestes (*Auto do Procurador, Auto dos*

dois Irmãos (relacionado com a lenda do *Rei Lear), Auto dos Cantarinhos, Ciosa,* etc.). O tipo popular do Ratinho (1), figura pitorescamente nestes *Autos.* Antonio Prestes era de Torres Novas.

13 — **Simão Machado** — No pouco que deixou (comédias *Cêrco de Diu* e *Pastora Alfeia),* revelou-se não só o mais talentoso discípulo de Gil Vicente, como émulo, por vezes vitorioso, do mestre. O estudo dos caracteres, o engenho e a vida da efabulação e a beleza dos versos, impõem-se tanto, às vezes, acima dos trabalhos gil-vicentinos, que, se Simão Machado tivesse prosseguido na carreira das letras, o seu renome ombrearia, se não o excedesse, com o do poeta-ourives. Influenciado pela forma camoneana, patenteou um espírito original e penetrantíssimo.

14 — Sabe-se de Simão Machado (vivo ainda em 1632) que abandonou o teatro para professar no convento franciscano de Barcelona, em Castela, tomando o nome de Fr. Boaventura Machado.

15 — **Jorge Ferreira de Vasconcelos** — Êste poeta desviou-se da inspiração nacional para seguir, com Sá de Miranda e António Ferreira, a corrente clássica.

---

(1) Ratinho, nome dado aos naturais do concelho de Rates, e depois, por extensão, aos jornaleiros da Beira, que vão ganhar a vida nas regiões vizinhas da sua província. Aproximadamente sinónimo de *videiro.*

Escreveu 3 comédias — *Eufrosina*, *Aulegrafia* e *Ulyssipo*. O seu grande mérito consiste na boa arte scénica, na beleza e propriedade do estilo cómico e na riqueza e pureza da linguagem. Compensou, além disso, abundantemente a relativa depressão do espírito português com a maior e mais benemérita variedade de provérbios e sentenças, pecúlio importante da filosofia e sabedoria do povo. Isto é mais que bastante para exceder Sá de Miranda e António Ferreira como comediógrafo, mas sem poder impor a sua superioridade diante de Gil Vicente e de Simão Machado, que se integraram com génio no nosso sentimento nacional. Ferreira de Vasconcelos cultivou bastante a arte pela arte.

Historiadores e outros prosadores

1 — **Evolução da arte de narrar** — Os nossos prosadores deste tempo propendem geralmente para a História, que evolute muito nos seus processos formais, mas que retrograda um tanto no espírito crítico.

A simplicidade e a imparcialidade de Fernão Lopes, por exemplo, abrigavam um critério, relativamente scientífico, que, por assim dizer, descarregava a consciência do historiador, expondo muitas vezes mais duma versão sôbre o mesmo facto.

Os continuadores do genial historiador não avistaram muito êsse subtil espírito crítico, e por isso não o continuaram nem ampliaram. O que anelaram colher em F. Lopes foi o intenso poder narrativo, a côr, a vida, a exteriorização. E aperfeiçoaram essas qualidades formais dentro dos progressos da língua e dentro dos novos moldes, alguns muito retóricos, oferecidos pelo espírito da Renascença. Enfim a arte pela arte sufocaria fatalmente a história dos quinhentistas, se a grandeza dos factos de todos os dias não fosse historiada por homens que naqueles sucessos tinham tido interferencia mais ou menos directa, a estimular-lhes uma comovida sinceridade.

E dêsses não foram os menores os mais incultos, porque, livres de preocupações estilísticas,

deixaram narrativas magníficas de verdade e sentimento, talvez muito ingenuamente particularistas e simplistas, mas valiosas no cotejo com os trabalhos dos historiadores mais cultos.

Mas nem os cultos nem os incultos podiam compreender ainda o que é a verdadeira história. Tinham de preocupar-se com a quantidade e a qualidade dos factos sob o anelo patriótico de não deixarem no olvido nenhum sucesso glorificador da Raça. Para êles todas as fontes eram boas, logo que fôssem abundantes de factos glorificadores, ainda que inverosímeis alguns.

E às vezes a imaginação pessoal chega a valer para êles tanto como a documentação mais positiva. As tradições populares representam assim dados incontroversos, embora, tantas vezes alegóricas, atestem mais o poder sonhador do povo do que realidades puras. O que os historiadores quinhentistas parecem desejar é assuntos que dêem feixes de epopeias para glória incomparável de Portugal, e motivos para páginas cheias de arte, eloqüência e entusiasmo.

Superabundaram, portanto, os factos, e escasseou talvez por isso mesmo o critério julgador e puro. As tradições populares contavam de sempre assombrosas maravilhas, e a imaginação dos historiadores, que tinham navegado e pelejado, não sofria grandes correctivos em tamanha e tão poderosa sobreexcitação colectiva. Pelo contrário, muitos dêles haviam de hiperbolizar inconscientemente o que tinham presenciado. Alguns,

enfim, descrendo intimamente da realidade de vários feitos e lances lendários, haviam de repeti-los como que pelo dever patriótico de não esfriarem entusiasmos, muito fecundos em glórias e fortunas, em estímulos e consôlos. E também a maior parte dêles mal suspeitariam do valor scientífico da história, escrevendo mais por impulsos do que por consciência perfeita.

2 — **João de Barros** — É o tipo do historiador parcial e grandíloquo. As suas qualidades principais são: *a)* harmonia, fôrça e vernaculidade do estilo; *b)* estudo mais ou menos proficiente das coisas da Índia; *c)* entusiasmo comunicativo e propício à concepção das epopeias nacionais; *d)* um grande tom de probidade, que dá aspectos de verdadeiro ao que é muito duvidosamente positivo, mas produzindo um otimismo salutar na alma já bastante dessorada da Raça.

Os seus defeitos maiores são: *a)* muita ênfase, ao serviço de hipérboles excessivas; *b)* debilidade de critério histórico; *c)* ausência de grandes escrúpulos na investigação; *d)* tendências, mais ou menos claras, para a heterodoxia. Cognominaram-no o *Tito Lívio português*. Mas, se o *simile* é justo quanto à linguagem, deveras primorosa e artística, não o é sob o aspecto do espírito crítico. João de Barros aproveitou a história como pretexto de ostentação de amor-pátrio e de capacidade literária, preocupando-se mediocremente com a verdade e até com a verosimilhança dos factos. Ou antes: como que par-

tiu do principio de narrar sempre coisas maravilhosas, para honra de Portugal, e de patentear na narrativa a posse dos mais esplêndidos tesouros da língua, Não é êsse o caso de Tito Lívio (1), que Pierron chama o *Homero do povo romano.* O eminente historiador de Roma pretendeu fazer uma obra completa, viva e verdadeira. Na frase do mesmo Pierron, *não se entregou aos vôos da imaginação; foi só poeta nos pormenores e no estilo, ou na disposição das partes.* E, se conta prodígios inverosímeis, fá-lo, por indubitável sinceridade. Enfim, apresentando-os, não os dá como incontestáveis, porque espera que os julguem sem qualquer influência sugestionadora. Escreveu João de Barros quatro *Décadas de Ásia* e os *Panegíricos,* depois de ter escrito, na juventude a *Crónica do Imperador Clarimundo* para glorificação da ascendência dos nossos reis.

3—João de Barros (2) nasceu em Viseu no ano de 1496. Finado em 1531 seu tio Lourenço de Cáceres, mestre do Infante D. Luís e Cronista-mór do Reino, encarregado de escrever a *História da Índia,* João de Barros conseguiu que D. João III lhe confiasse aquela tarefa. Sofreu durante a sua vida o historiador vários prejuizos nos seus negócios financeiros, que geriu

---

(1) *Histoire de la Litterature Romaine*, Alexis Pierron (Pág. 336).

(2) D. Fr. Braz de Barros, reformador de Santa Cruz de Coimbra e seu primo, e Gaspar Barreiros, seu sobrinho, foram literatos de bastante valor.

com actividade e honradez. Em 1567, refugiou-se em Pombal, na sua Quinta da Ribeira de Alitem, oude morreu a 20 de Outubro de 1570. Por êstes simples dados, parece que João de Barros era normal homem de bem, a-pesar de afeiçoado a explorações comerciais, que, a despeito de vários prejuizos, lhe permitiam uma boa mediania (1).

4 — **Diogo do Couto** — Encarregado por Filipe II de continuar as *Décadas* de João de Barros, revelou melhor critério histórico do que o iniciador da obra. Qualidades culminantes: *a)* espírito analítico e austero no estudo de costumes, e factos; *b)* bastante escrúpulo nos processos de investigação; *c)* arte animada e singela de narrar; *d)* visível sentimento moralista e patriótico.

Defeitos: *a)* bastante prolixidade *b)* algumas incorrecções formais.

Dum modo geral, Diogo do Couto revela maior elevação mental e moral do que João de Barros, homem de carácter mediano, que se distinguiu apenas na estilização elegante e castiça, mas que se preocupou demais com pormenores estéreis.

---

(1) Filipe II em 1591 adquiriu os fragmentos das obras de João de Barros (inclusos os da 4.ª *Decada)* possuídos por D. Luisa Soares, mulher de Jerónimo de Barros, a nora do historiador, e confiou-os a D. Fernando de Castro Pereira. Finado êste, foram êsses manuscritos depositados no Colégio de S. Roque, ao cuidado do Jesuita Cristóvão Clávio. Enfim, o monarca confiou-os a Duarte Nunes de Leão para os pôr em ordem, mas foi João Baptista Lavanha, em 1616, quem fêz êsse trabalho.

5 — Diogo do Couto nasceu em Lisboa no ano de 1542.

Protegido pelo Infante D. Luís, foi para a India em 1559. Poeta conceituoso, na Índia se relacionou com Camões, de quem foi amigo dedicado. Em Goa deu sempre provas de honradez, lealdade e elevação da consciência. Acompanhou Camões a Lisboa em 1570, mas regressou a Goa, onde morreu a 10 de Dezembro de 1618. A honrada psicologia de Diogo do Couto reflecte-se plenamente nas suas obras (1).

6 — **Damião de Goes** — É um historiador notável pelo critério independente, embora muito demonstrativo dum orgulho, mais ou menos agressivo, que poderia confinar com a soberba.

Inimigo de adulações e cheio dum destemor que no seu tempo tinha muito de heroismo, analisou penetrantemente os homens e os factos, não titubeando diante da psicologia do proprio D. Manuel I, mas revelando também bastante ignorância da psicologia dos nossos reis e dirigentes, e até da verdadeira psicologia do nosso povo. Se um mal dissimulado sectarismo lhe não desvirtuasse a magnífica envergadura de crítico, e se possuisse melhor a noção filosofica das de-

(1) Além da *Década Quarta da Ásia*, deixou um belo estudo — *Soldado Pratico* ou *Observações escritas em forma de diálogo sôbre as principais causas da decadência dos portugueses na Ásia*, e a primorosa *Vida de D. Paulo de Lima*. Como biógrafo, tem na nossa literatura uma primazia que, até certo ponto, lembra a de Tácito na *Vida de Agrícola*.

terminantes dos sucessos, Damião de Goes teria sido um modêlo de absoluta verdade e imparcialidade, e até teria, mais propenso à síntese, qualidades dignas de Tácito.

Mas, se além disso, também canalizou, com mais ou menos subtileza, o espírito anti-nacional da heterodoxia, teve bom critério e probidade, ao cotejar os velhos cronistas, colhendo neles conclusões positivas e sólidas. Sob êsse aspecto, prestou serviços magníficos, até incomparáveis. A sua linguagem, correcta e às vezes incisiva, é deprimida aqui e ali pela difusão e por uma ou outra obscuridade, senão por visiveis hesitações expressivas.

7 — Damião de Goes nasceu em Alenquer no ano de 1501. Em 1518 foi recebido na côrte, quando do 3.º casamento de el-rei D. Manuel. Mal D. João III subiu ao trono, saiu em viagem pela Europa. A sua ausencia da pátria durou 22 anos. Durante êsse lapso de tempo, desempenhou diversas missões diplomáticas na Suécia, na Dinamarca e na Polónia.

É útil notar êste aspecto — talento diplomático, de ordinário, aliado a muita sagacidade e também ao pendor para o scepticismo íntimo. Em 1542, emergiu, por nomeação honrosa dos cidadãos de Lovânia, como defensor desta cidade na guerra entre a França e a Espanha. Conviveu então com Erasmo, cuja ortodoxia proclama (1),

(1) Vid. *Clenardo* pelo Dr. G. Cerejeira.

com Luthero e com Melanchton. É suponível o poder que no seu espírito, nativamente orgulhoso, deviam ter relações assim. E, indomável como era de carácter, nada admira que, regressando a Portugal para escrever a *Crónica de D. Manuel* — o que fez desde 1558 a 1571 — desse fartos motivos aos rigores da Inquisição. Parece que morreu no cárcere, vendo agravada a sua sorte por um depoimento de Caminha (1).

Caminha contaria o seguinte facto sugestivo. Damião de Goes pedira, por intermédio de Pedro de Andrade de Caminha, à Infanta D. Isabel, viúva do Infante D. Duarte, apontamentos sôbre a vida do marido, para os inserir na *Crónica de D. Manuel.*

O emissário trouxe-lhe notas vivas, incluidas as de várias visões e penitências do Infante. Damião de Goes, esquecido da imparcialidade dos verdadeiros historiadores, criticara e repelira livre-pensadoramente o subsídio de carácter espiritual. E assim a sua obra de historiador, bastante imparcial em vários aspectos, ficou deploràvelmente mutilada nos dados mais preciosos sôbre a psicologia dos personagens.

A Inquisição não zelaria a imparcialidade da História; mas, dentro do seu papel histórico, avistou com bastante lógica o espírito anti-religioso, e portanto anti-nacional, de quem classifi-

(1) T. Braga, Ob. cit. pag. 322.

cava olimpicamente de loucuras notas psicológicas que, pelo menos, deviam ser analisadas com austera despaixão. Entretanto, se Damião de Goes morreu no ergástulo, aos 70 anos, corroído pela lepra e acusado ardentemente pela propria família — uma sobrinha e o genro — duas conclusões se impõem: a deplorável e excessiva crueza inquisitorial, e também a evidência da imprudente sanha de Damião de Goes contra a ortodoxia. E, sendo assim, o seu espirito crítico, deveras superior (1), não merece confiança plena. Toldava-o decerto um racionalismo estreito. Poderá merecer crédito absoluto o seu juizo sôbre a ortodoxia de Erasmo?

Quanto ao que julga de Erasmo, não seria Damião de Goes apenas um católico formalista, um scéptico que transigia penosamente com a fé tradicional? Erasmo tal era, a-pesar-de formalmente oposto à religião luterana (2).

8 — **Fernão Lopes de Castanheda** — Merece porventura o primeiro lugar como historiador consciencioso dêste tempo.

---

(1) Damião de Goes na *Cronica do principe D. João* (D. João II), no *Livro de Marco Tulio Ciceram* e no que escreveu em latim sobre a Etiópia, Lisboa, etc. revelou muita erudição e critério livre, superior, sem dúvida, ao de João de Barros.

A linguagem, primorosa na *Cronica de D. Manuel*, apezar dos deslizes que o secundarizam, comparado com o autor das *Quatro Decadas*, é nos seus outros livros menos cuidada ou menos viva.

(2) Vid. *Histoire des Littératures Étrangères* por Alfredo Bougeault — Paris, 1876 — Vol. I, Pág. 110.

Assignalam-lhe o terceiro logar os que prezam mais as galas esplèndidas de João de Barros e os que muito prezam o espírito racionalista de Damião de Goes.

Contudo, não lhe faltaram, donde a onde, a viveza e a propriedade do estilo, sem excessivo receio de comparação não só à forma de Damião de Goes como à pompa, às vezes torturada, de João de Barros. E na imparcialidade vence indubitàvelmente os dois grandes historiadores. Se Barros, como historiador desapaixonado, sofre fácil derrota, Damião de Goes é-lhe inferior em tudo que se prenda com maravilhas da Fé, maravilhas tão positivas como as do heroísmo.

Fernão Lopes de Castanheda tudo sacrificou à verdade, querendo ver pelos seus próprios olhos, ouvindo com serenidade e critério os depoimentos de todos que tinham visto, pelejado e sofrido.

Patriota ardente, integral, não regeitou nenhum facto por preconceito sectário. Procurou saber tudo, examinando a pureza das fontes, para tudo contar sem respeitos humanos, com sólida e honrada orientação de espírito.

Enquanto João de Barros mais fazia arte pela arte do que história, e Damião de Goes se preocupava demais com a insinuação do espírito estrangeiro e heterodoxo, Fernão Lopes de Castanheda porfiava em dar à estampa narrativas verdadeiras e honestas, não poupando os poderosos, quando delinqüentes, não se esquecendo

dos humildes, quando heroicos, mas nunca renegando da verdadeira grandeza e pureza do sentimento nacional.

Historiador scientífico, o primeiro do seu tempo, porque não precisou de falsificar os factos para defender a sua fé e o seu amor-pátrio, merece bons louvores pela arte de dizer, desartificiosa e persuasiva, mais ingénua e descontrafeita do que a de Barros e menos ondulosa do que a de Damião de Goes, mas por isso mesmo mais própria da história. E, além disso, grande número das páginas que escreveu têm, como as de nenhum outro, o valor grandemente persuasivo dos factos presenciados e vívidos. Qualidades incontestáveis: *a)* investigação tenaz e honesta; *b)* critério livre de todas as paixões; *c)* estilo singelo e vivo, embora desigual.

9 — Fernão Lopes de Castanheda nasceu em Santarem. Ignora-se a data do nascimento. Foi filho de Lopo Fernandes de Castanheda, 1.º Ouvidor de Goa. Em 1528 acompanhou o pai na ida para a Índia. Passados muitos anos, regressou à pátria, mas com o intento firme de interrogar sempre todos que da Índia regressavam, procurando cotejar factos e critérios, corrigir ou confirmar o que por si próprio julgara.

A sua *Historia do descobrimento e conquista da India pelos portugueses* foi escrita assim com rígidos processos de investigação, ouvindo, lendo, compulsando sem descanso e

com admirável probidade, todos os documentos e opiniões orais.

Feriu naturalmente muitos com as puas serenas das suas verdades. Não lhas levaram a bem os culpados. Outros, artistas pela arte, incapazes de grandes esforços da consciência, apodaram a sua sinceridade de maledicência ou de inépcia.

Assim conseguiram a supressão do 9.º e 10.º livros da sua magistral História.

10 — Castanheda viveu pobre. Depois de padecer muitas privações, nomearam-no Bedel da Faculdade de Artes e guarda do Cartório da Universidade. Os seus magros honorários mal o livraram da indigência. Os achaques e os anos tornavam-lhe penoso qualquer trabalho. Contudo, foi no declinar da vida, e repungido por apêrtos de toda a ordem, que escreveu a sua bela obra. Morreu em 1550.

11 — **António Galvão** — Êste historiador representa honrosamente a liberdade de critério que Castanheda alevantou acima de todas as paixões e vicissitudes e que Damião de Goes tornou respeitável, a-pesar-da eiva sectária que lhe verminou o espírito robusto.

Galvão nem sequer se preocupa com os mais legítimos efeitos literários. Rápido e simples, original de vivacidade e côr, a sua linguagem é inconfundível pela fluência, precisão e concisão. Desventurado, constantemente angustiado, no fim da sua vida, essas mesmas desven-

turas e angústias parecem dar-lhe à elocução uns tons estranhos de clareza e vivacidade. A sua obra *Tratado dos diversos e desvairados caminhos por onde nos tempos passados a pimenta e especiaria veio da India as nossas partes e assim de todos os descobrimentos antigos e modernos que são feitos em a era de 1550,* é digna de demorada consulta.

12 — António Galvão nasceu na India em 1446. Foi filho do antigo cronista Duarte Galvão. O governador Nuno da Cunha nomeou-o em 1536 Capitão de Moluco. Houve-se com grande tino e serenidade. Extinguiu todos os maus efeitos do áspero govêrno do seu antecessor, e assim aumentou em 500.000 cruzados os rendimentos da Coroa. A sua equidade e moralidade popularizaram-no. Chegou a ser-lhe oferecido o trono da ilha de Ternate. Não o aceitou, pensando talvez que teria na metrópole melhor recompensa dos seus eminentes serviços. Em 1539 veio para Lisboa.

Várias intrigas lhe inutilizaram os esforços para poder viver sem privações maiores. Os achaques do corpo agravaram-se com a mágoa íntima.

Os amigos socorreram-no com esmolas; e por fim António Galvão, desconsolado e enfêrmo, teve de recolher-se no hospital de Lisboa. Assim rodaram 17 longos anos, que tiveram como remate a morte de Galvão no hospital, quando corria o ano de 1557.

13 — **Jerónimo Osório** — Êste historiador

prima pelo amor da verdade e por uma visão bastante clara do seu meio e do seu tempo. Com elegância escreveu em latim o seu livro capital *De rebus Emmanuelis Regis* (1).

Contudo, há alguma hipérbole no cognome de *Cícero português*. Se tinha de Cícero algo da harmonia e majestade da elocução, dêle não possuia a profundeza crítica que lhe teria inspirado observações mais scientíficas a propósito da expulsão dos judeus.

O ilustre Bispo de Silves verbera êsse facto com grande destemor, mas sem disciplinado critério político-social.

As suas *Cartas* (nove) têm um grande valor histórico. Contrariam o malogrado projecto da expedição à África, projecto aplaudido pelas fôrças vivas do seu tempo, e notòriamente por Luís de Camões. Mas, se essas cartas, deveras eloqüentes e escritas em linguagem vernácula, nos revelam o grande senso prático e a erudita inteligência de D. Jerónimo Osório, também parece terem concorrido muito para o espírito de

---

(1) O título completo é *De rebus Emmanuelis Regis Lusitaniae virtute, et auspicio gestis libri duodecim*, Lisboa, 1571 (1.ª ed.) 1574 (2.ª ed.). José Carlos Pinto de Sousa (*Biblioteca Histórica*, Lisboa 1801, pág. 264) anota: *Dizem que esta crónica, e a antecedente de Damião de Góes (Crónica de D. Manuel) foram compostas por ordem do senhor Cardeal-Rei, na tutoria de seu Augusto Pupilo, o senhor D. Sebastião, nos idiomas em que cada uma corre impressa neste Reino.*

Francisco M. do Nascimento (*Filinto Elísio*) traduziu-o com o título — *Da vida e feitos de El-Rei D. Manuel*, 1804.

derrotismo que depressa se apoderou dos valentes expedicionários. Se a expedição a Marrocos, heroicamente chefiada por D. Sebastião, fôsse tão acalentada pelo optimismo como o fôra a expedição a Ceuta, o heroísmo português não teria sido tão mórbido e negativo, que fossem desprezadas muitas das mais simples, mas indispensáveis, regras da sciência e da arte da guerra. O pessimismo predominante provocou no temperamento do moço e valoroso Rei e em todos os seus soldados, uma reacção excessiva, que considerava disfarces do mêdo e da vacilação os conselhos mais sensatos e urgentes.

14 — D. Jerónimo Osório teve uma vida calma e normal. Freqüentou com louvor as universidades de Salamanca, Bolonha e Paris. Proeminente depressa na Igreja Portuguesa, foi bispo de Silves. Nasceu em 1506 e morreu em 1580.

15 — **Gaspar Correia** — Ergueu nas *Lendas da India* um monumento de verdade, simplicidade e colorido, superando decerto na cópia de pormenores e até na intensidade descritiva João de Barros e o próprio Castanheda. Se Gaspar Correia tivesse disciplinado a linguagem, não seria difícil conceder-lhe o primeiro lugar. O próprio Castanheda, se o igualou em sinceridade e probidade, não o acompanha em riqueza de subsídios, em valor substancial.

16 — São escassas as notas sôbre a vida de Gaspar Correia.

Nasceu em 1495. Em 1512 foi para a Índia, onde se devotou ao estudo de sucessos, costumes e crenças. Em 1563 foi assassinado em Malaca, onde estava desde 1531, por sicários às ordens de D. Estevão da Gama.

17—**Historiadores menores**—*Brás de Albuquerque*, filho do glorioso Afonso de Albuquerque. Com grande singeleza e verdade escreveu os *Comentarios de Afonso de Albuquerque.* Era filho ilegítimo do ilustre guerreiro e político (1500-1580) — *Duarte Nunes de Leão* (m. em 1608) autor da *Primeira parte das Cronicas dos reis de Portugal reformadas.* Difusão e pouco método (1) — *Duarte Galvão,* pai do infeliz António Galvão. Deixou a *Cronica de D. Afonso Henriques,* informe no método, insegura na lição, e desprovida de qualquer critério disciplinado (1446-1517) — *Infante D. Afonso*, 6.º filho de D. Manuel I e da Rainha D. Maria (1509--1540). Escreveu *Vita Alfonsi Lusitanorum Regis primi* (Vida de D. Afonso I, I rei de Portugal) Latim bastante correcto, mas mediocridade substancial. Foi discípulo de André de Rezende, que coligiu as suas obras latinas — *Agostinho Gavi de Mendonça*, natural de Mazagão, escreveu *Cronicas* de D. Sebastião e D. Henrique e *Historia do famoso cêrco que o Xerife*

---

(1) Por ordem de D. Sebastião, coligiu as *Leis Extravagantes* de Portugal. Livro precioso para o estudo da influência do espírito estrangeiro entre nós.

pôs à fortaleza de Mazagão defendida pelo valoroso capitão-mór Álvaro de Carvalho. O autor esteve neste cêrco (1962) — *Samuel Usque*, autor da *Consolação ás tribus de Israel*, narrou as perseguições que há tantos séculos sofre o povo judeu. A sua linguagem é fluente e veemente, cheia de misticismo oriental, às vezes poético. É uma história cheia de apaixonado sentimento e de sincera vibração, e num estilo que, a-pesar-da sua indiscutível eloqüencia, não acusa a menor tortura formal. O autor usa do diálogo com muita naturalidade e tem a arte difícil de insinuar-se como possuido dum puro espírito de justiça. Samuel Usque foi um judeu português dos princípios do Século XVI e que colaborou, como poucos, no sentimentalismo histórico, mais tarde fecundado nocivamente pela desorientação do Romantismo.

Livros de viágens

1 — É perfeitamente lógica a abundância dos livros de viágens neste período de descobrimentos e conquistas.

Contudo, os escritores dêste género não atingiram entre nós a primazia suponível. Mais crédulos e superficiais do que bons observadores, excessivamente propensos à erudição pomposa e até à arte pela arte, quási todos os nossos autores de livros de viagens pecaram pela falta de método na exposição e pela monomania verbalista em prejuizo constante da lição substancial.

2 — **João de Lucena** sobresai com justiça no meio de todos os nossos escritores no género, cedendo apenas diante da incontestável superioridade de Fernão Mendes Pinto. Lucena, escrevendo a *Historia da Vida de Padre Francisco Xavier*, não se impôs só como estilista vernáculo e elegante, que iguala fácilmente João de Barros, por que nos dá também aspectos de complexo valor, quanto à Ásia, descrita com o talento dum bom psicólogo que soube ver e entender.

3 — A educação profundamente religiosa dêste autor (1549-1600) e o espírito abnegado que transparece de toda a sua obra asseguram-nos que os costumes da sua vida, honesta e virtuosa, contribuiram muito para a verdade e

beleza duma obra tão formosa, útil e justiceira, a-pesar-da acusação de plagiário que lhe fêz mordazmente Teófilo Braga.

4 — **Pantaleão de Aveiro** no *Itinerário da Terra Santa,* relato difuso, mas com notas interessantes, colhidas na viagem do autor em 1563; *O Padre Francisco Álvares,* natural de Coímbra na *Verdadeira informação das terras do Preste João das Índias,* (notas talvez mais imaginosas ainda do que laboriosas, fruto de seis anos de moradia na Índia, para onde o autor foi com D. Rodrigo de Lima em 1520); *António Tenreiro,* no seu *Itinerario,* em que conta como veio da Índia a Portugal, por terra, em 1529, armado com o seu grande conhecimento das línguas orientais; *Gaspar Frutuoso,* nas *Saudades da Terra* ou *Historia das Ilhas dos Açores,* obra de sofrível substância e forma correcta (o autor morreu em 1501); *Gaspar Barreiros,* finado em 1574, e já citado como literato e sobrinho de João de Barros, na *Corografia* (descrição das terras que viu, quando embaixador do Cardeal D. Henrique ao Papa Paulo III em 1546); *Fr. João dos Santos,* interessante autor da *Etiopia Oriental* (1) rica de curiosidades; *Fer-*

(1) É longo o título completo da obra: *Etiopia Oriental e varia historia de coisas notaveis do Oriente, em que se dá relações dos principais Reinos desta larga Região, dos costumes, ritos e abusos dos seus habitadores, dos animais, bichos e feras que neles se criam e suas minas e cousas notaveis que tem assim no mar como na terra, de varias guerras e victorias insignes*

não Cardim, na *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica pela Baía, Ilheus, Porto Seguro, Pernambuco e Espirito Santo*, obra de valor substancial; *Duarte Barbosa*, falecido em 1521, escrevendo, como companheiro de Fernão de Magalhães, notas vivas de lances e viagens; *Fr. Gaspar da Cruz* no *Tratado das cousas da China e de Ormuz*, obra muito valiosa pela profusão de notícias; o autor da *Relação verdadeira do descobrimento da Frolida*, por D. Fernando de Souto, etc. não igualam João de Lucena na substância e na forma, e muito menos Fernão Mendes Pinto (1).

4 — **Fernão Mendes Pinto** — Como poucos, tem o poder da análise e a arte da linguagem precisa e justa, irrepreensivel. A sua genialidade verbal deixa em segundo lugar as

---

que houve em nossos tempos entre Crestãos, Mouros e Gentios. Fr. João dos Santos, natural de Évora e frade dominicano, tem uma autoridade especial, porque foi duas vezes à India como missionário. M. em 1622.

A sua obra foi resumida em francês.

(1) Contudo, António Tenreiro, cuja obra tem o longo título de *Itinerario de Antonio Tenreiro que da India veio por terra a este Reino de Portugal, em que se contam a viagem e jornada que fez no dito caminho e outras muitas terras e cidades onde esteve antes de fazer esta jornada, e os trabalhos que em esta peregrinação passou no ano de 1529* (Coimbra, 1560 a 1.ª ed.) não teve vida muito menos acidentada do que Fernão M. Pinto. Professor da Ordem de Cristo, militou na India, depois de ir com o embaixador Baltazar Pessoa à Pérsia. Veio da India por terra como emissário de Cristóvão de Mendonça, capitão de Ormuz, sofrendo grandes trabalhos, correndo vários perigos de vida desde Bassorá a Alepo, principalmente nos 22 dias da travessia do deserto, etc.

melhores pompas de João de Barros. É que a singeleza do seu estilo refulge de energia, de movimento, côr e justeza objectivista. Por outro lado, a sua genialidade moral acusa-se a cada passo na vida e sentimento com que descreve aspectos, costumes e lances, que, nos golpes mais trágicos, nunca lhe deprimem a elevação da alma. Com tudo isto, a frescura e interêsse da narrativa prende e encanta, como o entrecho dum romance maravilhoso e surpreendente. Por isso, o magistral livro de Fernão Mendes Pinto pôde ser acoimado de fantasioso e artificioso, a ponto de correr como legítima a transformação dos sobrenomes do autor em *Mentes Minto.*

Mas, se o historiador e viajante está hoje admiràvelmente reabilitado, como informador e até como desafectado crítico de homens e sucessos, foi sempre indestrutível a sua primazia de artista superior, pródigo de riquezas vocabulísticas e, contudo, inimitável na singeleza, sempre substancial, incisiva, empolgante. Estas qualidades eminentes permitem esquecer os rasgos hiperbólicos com que o insigne clássico pôde mais ou menos avultar, e talvez romantizar, peripécias, aliás, essencialmente verosímeis à luz da crítica moderna.

5 — Nasceu Fernão Mendes Pinto em Montemór-o-Velho, no ano de 1509, segundo uns, ou de 1514, segundo outros. Em 1519 era Moço da Câmara de D. Jorge de Lencastre, Duque de

Coímbra, filho natural de El-Rei D. João III. Tinha 20 anos quando abalou para a Índia, que percorreu, bem como algumas regiões da África, numa série de aventuras curiosas, sendo cativo 3 vezes e vendido 17 vezes. O vice-Rei D. Afonso de Noronha, quando resolveu fundar um Colégio de Jesuitas na Cidade de Amenguchi (no reino de Bungo, Japão), enviou-o como embaixador ao soberano dêsse reino. Daí os lances estupendos da vida de F. M. Pinto na China, na Tartária, em Sião, etc., as suas relações com S. Francisco Xavier, o imortal Apostólo das Índias, enfim a cópia de impressões e noções que tornam a *Peregrinação* um dos livros melhores, no género, de toda a literatura mundial. Por pouco não ingressou F. Mendes Pinto na Companhia de Jesus, comovido com a abnegação e heroísmo dos Padres Jesuitas. Parece que só o não fez pelo progresso de vários achaques físicos que fôra contraindo. Em 1558 regressava a Portugal, indo viver para Almada, onde não só se restabeleceu bastante, como, não tardando em casar, se dedicou à imortal obra, intitulada — *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, em que dá conta,* etc. (Lisboa, 1614, 1.ª ed.) Morreu em 1580.

6 — Num estilo notável pela simplicidade, pela vida e pela côr, mas com evidentes hipérboles, temos ainda as *Sete partidas do Infante D. Pedro* por *Gomes de Santo Estêvão,* que foi criado do mesmo Infante, a

quem acompanhou nas viagens à Itália e à Ásia (1).

Enfim, notabilíssimas pela desafectada beleza da prosa, tão singela como viva e empolgadora, avultando magistralmente os lances trágicos, temos várias *Relações de Naufrágios*, obras primas da verdadeira arte de narrar no Sec. XVI.

Bernardo Gomes de Brito compilou-as na sua obra em 2 vol., o 1.º edit. em 1735, e o 2.º em 1756, e que tem o nome sugestivo de *Historia tragico-maritima*.

Essas *Relações* são no número de 12, e dão luz soberana sobre a heroica navegação portuguesa (2).

---

(1) Diz T. Braga (*Ob. cit.*): — Este título voga corrompido por influência da designação dos outros folhetos a que andava unido, como se vê pela edição de Barcelona de 1595: *Los siete Sabios de Roma, con el Libro del Infante D. Pedro de Portugal que anduvo las quátro partidas del mundo.*

(2) Títulos dessas *Relações*: — *Naufrágio do galeão grande S. João na Terra do Natal*, em 1552, objectivado por Camões, e J. Corte Real; *Naufrágio da nau S. Bento* no Cabo da Boa Esperança em 1554; *Naufrágio da nau Conceição* nos baixos de Pero dos Banhos em 1555; *Naufrágio das naus Aguia e Garça* em 1559; *Naufrágio da nau Santa Maria da Barca* em 1559; *Naufrágio da nau S. Paulo* na ilha de Samatra em 1561; *Naufrágio da nau Jorge de Albuquerque Coelho* em 1565; *Naufrágio da nau S. Tiago* em 1585; *Naufrágio da nau S. Tomé* em 1589; *Naufrágio da nau Santo Alberto* em 1589; *Naufrágio da nau S. Francisco* em 1596; e *Naufrágio do Galeão S. Tiago* em 1604.

Oradores

1 — O concílio de Trento (1545 a 1547, 1547 a 1559 e 1561 a 1563) deu um forte impulso à nossa eloqüência sacra, já que da profana só tivemos nos *Panegíricos* de João de Barros uma pequena amostra (1). Na 1.ª época daquele concílio sobressaíram, como representantes de Portugal, Dr. Fr. Baltazar Limpo, bispo do Pôrto, Fr. Jerónimo da Azambuja e Fr. Gaspar dos Reis, dominicanos de elevada cultura teológica. Na 2.ª assinalaram-se Diogo de Gouveia, Diogo da Silva, Diogo Mendes de Vasconcelos e João Pais.

Na 3.ª notabilizaram-se D. Fr. Bartolomeu dos Martires, o dr. Diogo de Paiva de Andrade. e D. Fr. João Soares, da Ordem dos Prègadores e bispo de Coímbra, a quem chamaram um *segundo Demóstenes.*

Êstes e outros assistentes nossos ao grande Concílio continuaram em Portugal as tradições honrosas da nossa eloqüência sacra, que já fôra tão gloriosamente representada pelo eminente prègador que foi Santo António de Lisboa, e por vários prègadores dos reinados de D. João I, de D. Duarte e de D. Afonso V (2).

---

(1) Barros escreveu, decalcando Plínio, os *Panegíricos* para serem lidos na côrte perante a família real e os áulicos.

É uma obra mais erudita do que eloqüente.

(2) Merecem referência Fr. Rodrigo de Sintra, francis

2 — O carácter da nossa eloquência sacra desde os tempos mais remotos da nacionalidade era a tocante simplicidade no estilo e nas ideias, e a lição austeramente baseada na Sagrada Escritura e nos Doutores da Igreja. O prègador tomava atitudes perfeitamente paternais, e assim expunha com a maior singeleza e desatavio as grandes verdades cristãs. A rigor, era a verdadeira eloqüência sacra, substancial e piedosa, despojada de artifícios excessivamente verbalistas e mundanos. Viril e profunda, essa eloqüência curava, pois, pouco de primores estilísticos, substituindo-os por um grande ardor de sentimento religioso e pela solidez das exposições doutrinárias. Rude e sincera como a alma do povo, aproximava-se também do espírito popular na espontaneidade e vivacidade pitoresca do estilo.

Mas a influência da Renascença atingiu a nossa eloqüência sacra, quando esta se adestrou nas assembleias cultas do concílio tridentino. Ressuscitou-se também entre nós o prestígio de Cícero e doutros oradores da antiguidade, ao mesmo tempo que se abriram à teologia horizontes que o nosso meio mental nunca pudera avistar. Assim se salientaram em Portugal notáveis

---

cano, o mais célebre prègador no reinado de D. João I; Fr. João Xire e Fr. Pedro, também franciscanos, e Fr. Rodrigo, dominicano. Fr. João Sobrinho e Fr. Vicente de Lisboa foram os prègadores mais célebres do reinado de D. Afonso V.

oradores sacros, mas talvez menos prègadores do que pacientes retóricos.

3 — **O Dr. Diogo de Paiva de Andrade** (1528-1575) é o mais completo dêsses oradores. Deixou 181 Sermões, modelares de vernaculidade, elegância e poder persuasivo. — Era irmão do cronista Francisco de Andrade. D. Sebastião enviou-o a Trento como representante de Portugal. Foi um combativo, como o provam os seus escritos em latim a favor dos Jesuitas e contra os heréticos.

4 — **D. Fr. Bartolomeu dos Mártires** (1514-1490), arcebispo modelar de Braga, foi tão combativo pela palavra como pelas boas obras. E, se não seguiu completamente a rudeza dos antigos prègadores, perfilhou-lhes a simplicidade edificante, perfumando-a deleitosamente com o tom humanista do seu tempo. Os seus sermões e o belo *Catecismo de Doutrina Cristã,* modêlo de clareza e valor substancial, atestam no grande prelado uma invulgar superioridade moralista, plenamente confirmada por uma vida honestíssima e rutilante da melhor caridade.

5 — **Fr. Miguel dos Santos** (finado em 1595) foi bastante primoroso prègador sem qualquer depressão da essência doutrinária. Resta-nos dêle apenas o seu sermão muito tocante nas exéquias solénes de D. Sebastião realizadas nos Jerónimos (19 de Setembro de 1579).

6 — **Fr. Francisco Fernandes Galvão** (1554-1610) teve, talvez ainda mais do que os

antecessores, uma eloqüência fluente e invulgarmente substancial. Em 1578 prégou em Roma, com grande êxito, ficando cognominado o *doutor português*. A sua profunda cultura humanista e teológica nem o apartou da simplicidade paternal e sugestiva, nem lhe subtilizou demais o poder da dialéctica. Os seus *Sermões* correm em 3 volumes, sendo publicado em 1611 o 1.º, em 1613 o 2.º, e em 1616 o 3.º, e referindo-se respectivamente à Quaresma, às Festas dos Santos e às Festas de Jesus-Cristo.

7 — **Fr. Luís de Granada** (1504-1588) Grangearam-lhe os seus *Sermões* uma fama tão sólida como a que tem na Espanha, donde era natural, pelos progressos que imprimiu à prosa dos seus compatriotas. Assim, ficou um bom clássico dos dois países vizinhos. Como D. Fr. Bartolomeu dos Martires, foi um catequista eminente. O seu *Compendio da doutrina Cristã* é um modelo de vernaculidade e deliciosa singeleza.—Fr. Luís de Granada foi confessor e mentor do Cardeal D. Henrique, a quem biografou. Há dêle inéditas diversas cartas. Morreu em Portugal.

8 — **D. António Pinheiro, Fr. Pedro Calvo, Padre Luís Álvares,** etc. também nobilitaram nesta época a eloqüência sacra. Entre êstes avulta bastante *Fr. António Feio,* dominicano, que prègou nas exéquias de Filipe II, revelando um critério político-social bastante invulgar e boas qualidades persuasivas.

Filosofia moralista

1 — A progressiva decadência moral dos portugueses foi combatida com muito esfôrço no púlpito e nos livros.

Grandes espíritos tiveram o pressentimento da ruina da nacionalidade, quando esta mais parecia adormecida numa prosperidade que já tinha muito de indigência moral. A Companhia de Jesus, principalmente, a-pesar-de caluniada como fomentadora do retrocesso, anteviu as conseqüências funestas dum scientismo, aparentemente progressivo, mas que trazia consigo o espírito desnacionalizador e anárquico, mais tarde desabrochado com o intelectualismo pombalino e com a propaganda maçónica.

Os Jesuítas não tomaram conta do ensino para o esterilizar num excessivo humanismo, como tantos dizem fàcilmente. Procuraram no humanismo aristotélico a disciplina sólida da linguagem e da filosofia. A nossa decadência foi grande, por circunstâncias políticas e pela tenaz infiltração do espírito desnacionalizador e anti-católico, perigo que a Companhia de Jesus combateu com denodo e grande método.

Não foi a *Gramática* do padre Manuel Álvares nem fôram várias *Retóricas* e *Lógicas*, devidas aos Jesuítas, a causa daquela decadência, derivada principalmente da queda moral da

Raça, nas orgias da Índia. E foi queda tão grande, que deprimiu demais a nossa capacidade mental. Tornou-se impossivel ministrar, sem dano imediato, um scientismo que é sempre contraproducente e dissolvente, quando a vida moral se torna inferior.

Nesta situação triste, urgia mais a Moral do que a Filosofia ou o estudo das sciências naturais, ramos do saber humano que conduzem fatalmente à pior das decadências, incluida a do indispensável sentimento nacional, quando a moralidade se ausenta.

Em crises assim, o que está primeiro é a educação dentro das boas reservas mentais e morais dos educandos. A instrução desorienta e perde sempre quem perdeu a pureza do sentimento e a fôrça do carácter.

2 — **João de Barros** abre a lista dos moralistas com a *Rhopica pneuma* ou *Mercadoria espiritual.*

Consta dum diálogo, assás subtil e sectário, entre a Vontade, a Razão, o Entendimento e o Tempo. E escreveu ainda, com finalidade filosófico-moralista, dois diálogos: o *Diálogo da viciosa vergonha* e o *Diálogo com dois filhos seus sôbre preceitos morais em modo de jôgo.*

João de Barros, excessivo cultor da forma e pouco seguro de critério religioso, não podia ter uma alta disciplina filosófica. Daí resultou o tom obscuro das suas obras de filosofia moral. Não tem muito mais valor o homónimo do his-

toriador, um *Dr. João de Barros*, natural de Braga e que em 1549 foi nomeado escrivão da Câmara de D. João III. Em 1540 (1) publicára êle o *Espelho de Casados*, que o espírito anti-religioso de Teófilo deprime com sanha sectária.

3—**D. Joana da Gama**—Esta freira dum convento de Évora, escreveu os *Ditos da Freira... nos quais se conteem sentenças mui notaveis e avisos necessarios*. Obra de grande intensidade psicológica, mas que Teófilo acha pouco profunda e apenas atraente pela simplicidade pura. Talvez dissesse melhor, classificando-a de produto de uma rara elevação espiritual através dum estilo ingénuo que transverbera tocante sinceridade. D. Joana da Gama morreu em 1586. O seu livro é inspirado por amarguras da vida, que diluiu na paz do claustro, em confidências e meditações pungidas.

4—**Heitor Pinto**—É êste o nosso maior filósofo-moralista. Raras vezes se nos pode deparar génio tão completo—tão superiores são nêle a genialidade moral, sempre ao par da genialidade mental e verbal. A sua orientação filosófica é superior. Prova-o um admirável misticismo, robustecido pela extensão e intensidade da erudição assombrosa. Enfim, o estilo é puro e,

(1) Informação de T. Braga. O sr. dr. M. dos Remédios já êste dr. João de Barros como nascido depois de 1553. Êrro tipográfico em qualquer dos livros dos 2 ilustres autores? Referimo-nos respectivamente ao *Manual da Hist. da Lit.* (ed. de 1875) e à *Hist. da Lit. Port.* 5.ª ed. 1921).

contudo, eloqüente, é correcto, sempre translúcido, acompanhando com incomparável primor os vôos aquilinos duma imaginação criadora e sempre em harmonia estreita com a razão e a fé. A sua obra imorredoura é a *Imagem da Vida Cristã* em diálogos resplandecentes de idealismo superior e de expressão vernácula e vigorosa.

5—Heitor Pinto, natural de Covilhã, foi lente de Escritura na Universidade de Coímbra, onde morreu em 1584.

6—**Amador Arrais**—Êste ilustre moralista primou no aticismo da linguagem, e assim conseguiu justas honras de clássico. Avêsso a verbalismos pretenciosos e decadentes, possuíu o segrêdo de exprimir com simplicidade elegantíssima, magistralmente conceituosa, grandes verdades morais e patrióticas. Os seus *Dialogos*, se não atingem a elevação genial de Heitor Pinto, representam uma obra prima de meio-termo idealista e de primor verbal.

7—Amador Arrais, natural de Beja, foi bispo de Portalegre. Renunciou à mitra em 1596 para se engolfar na paz e no estudo, acolhendo-se no Colégio do Carmo, de Coímbra. As suas virtudes como Antístite e a sua abnegação edificante concordam superiormente com a beleza de-veras clássico-católica da obra insigne que escreveu. Amador Arrais finou-se em 1600.

7—**Tomé de Jesus**—Espírito ardente, re-

pungido pelas provações mais dilacerantes, o seu alto misticismo é cortado, às vezes genialmente, por vibrações de inenarrável padecimento psíquico e físico. Não tem sempre a serenidade quási angélica de Heitor Pinto, e abandonaram-no bastante o meio-termo e a limpidez da expressão. As recalcadas torturas íntimas explodem-lhe por vezes com fogo talvez excessivo, propendendo, aqui e ali, para um prematuro gongorismo. Mas nas imagens, vivas e quási temerárias, palpita uma nobre genialidade moral e predomina a noção profunda da filosofia católica. Escreveu os *Trabalhos de Jesus.*

8 — Fr. Tomé de Jesus era irmão de Diogo de Paiva de Andrade, teólogo notável, e de Francisco de Andrade, cronista de mérito. Capelão do exército de D. Sebastião na trágica expedição a Marrocos, caíu, lavado em sangue, no campo de Alcacer-Quibir, sendo aprisionado e encarcerado nas masmorras de Mequinez.

Libertou-o o embaixador português D. Francisco da Costa, mas o piedoso frade entendeu que lhe cumpria ficar em Marrocos, prègando e confessando. E em Marrocos morreu, bem-amado pelos próprios infieis.

A sua obra traduz realmente a exaltação mística e a caridade sublime de quem a escreveu quási sem luz e sem ar, às escondidas, devorado pela nostalgia da Pátria e pelas saüdades do joven Rei trucidado.

9 — **Martim Afonso de Miranda** — É o

nome do autor dum livro dialogado — *Tempo de Agora* — publicado em 1622-1624, e que encerra máximas e conselhos de bastante bom-senso moral.

Romancistas

1 — **Bernardim Ribeiro** foi na *Menina e Moça* um romancista, mas o seu romance, a rigor, é um delicioso poema lírico. Nele se pode filiar o género dos poemas em prosa que, com os moldes de novelas, fogem às regras exigentes dos verdadeiros romances.

2 — **João de Barros** — Deu-nos na *Cronica do Imperador Clarimundo* um mixto de romance e de história, talvez a sugestão dos futuros romances históricos.

3 — **Jorge Ferreira de Vasconcelos** escreveu a curiosa novela de cavalaria *Memorial das Proezas da Segunda Tavola Redonda*. A figura do Rei Sagramor tem um belo recorte medieval. Os cavaleiros ostentam as prendas e ímpetos dos seus iguais em romances similares. A imaginação do autor é mediana, mas avultada por um sôpro, bastante nítido, do sentimento nacional.

Enfim, o estilo, se nem sempre é natural, tem grandes tons de perfeição, principalmente nas descrições, muito coloridas e vivas.

4 — **Francisco de Morais** escreveu a novela *Palmeirim de Inglaterra* (1). O autor é

(1) Impressa anònimamente no ano de 1547, segundo Teófilo, ou em 1548, segundo o dr. M. dos Remédios, alguns

pouco natural e pouco disciplinado de imaginação. A fantasia, menos rica do que extravagante, proporcionou-lhe lances inverosímeis e dá-lhe uma linguagem empolada e às vezes obscura.

5 — Francisco de Morais foi secretário de D. Francisco de Noronha, nosso embaixador em Paris. Por tudo parece — os seus amores galantes com a francesa Torsi, amores, a que Morais alude no *Palmeirim*, provam-no bastante — que se deixou influenciar muito pelos costumes libertinos de Francisco I, rei de França, e da sua côrte. Resulta assim pouco elevada a sua moralidade, o que não pouco lhe desvirtuaria a faculdade da imaginação. Francisco de Morais veio para Portugal em 1543.

6 — **Fernão Álvares do Oriente** — Foi um simples imitador, embora o assunto da sua novela pastoril *Lusitania transformada*, escrita em prosa e verso, seja portuguesa bastante através de contínuas subtilezas e alegorias. Imitou e até plagiou a *Arcadia* de Sanazzaro e glosou vários versos de *Camões*, quando os não decalcou

escritores espanhóis a atribuiram ao editor espanhol Luiz Hurtado. Depois de D. Carolina Micaëlis e outros, o escritor inglês Purses provou irrespondivelmente a autoria de Francisco Morais.

O Palmeirim foi continuado por *Diogo Fernandes*, que lhe escreveu a 3.ª e 4.ª partes com o título de *D. Duardos*, e por *Baltazar Gonçalves Lobato*, que escreveu a 5.ª e 6.ª partes, com o título *D. Clarisel da Bretanha*.

servilmente. Fez arte pela arte com grande paixão pela nova técnica.

7 — Era natural de Goa. Serviu nas frotas do Vice-Rei D. António de Noronha e visitou a China e Japão. Em 1576 veio a Portugal. Em 1578 foi um dos cativos na jornada de África. Beneficiado por Filipe II com a mercê de duas viagens de Coromandel, conseguiu, volvidos dois anos, que êsse benefício passasse para seu filho *Luís Álvares*. Parece que morreu em 1599. A sua vida de cortesão e astuto diplomata deu lògicamente à sua obra o tom artificioso e requintado que a distingue.

8 — **Gonçalo Fernandes Trancoso** — Com o feliz aproveitamento de algumas tradições do nosso povo aliou êle um espírito excessivamente imitador, que o levou a plagiar quási vários contos de Boccacio, Straparole e Sachetti. Assim escreveu o livro, intitulado *Contos e histórias de proveito e exemplo*, que na 1.ª edição (1585) teve o título de *Contos proveitosos* (1), alguns dos quais têm sido publicados separadamente em antologias. O estilo é empolado e falho de clareza. A narrativa quási se abisma nas ponderações morais, mais pretenciosas do que profundas. Sente-se muito o artifício doutrinário e uma

(1) T. Braga (*Ob. cit.*) diz que são 29 os contos. O Dr. M. dos Remédios afirma que são *30*. F. Agudo (*Noções da Hist. da Lit. Port.*) pág. 165, declara que são *38*.

espécie de vanglória na exibição duma linguagem culta e sempre sentenciosa (1).

(1) Impròpriamente citam alguns como novelista português *Jorge de Montemór* ou de *Montemaior*, autor da célebre novela—*Diana*. Mas o poeta, embora português genuíno, escreveu a sua obra toda em espanhol, excepção feita de algumas quadras. Pertence, pois, à literatura espanhola, como novelista, e com a glória de iniciar na península a novela pastoril.

Os filólogos

1 — A nossa língua aperfeiçoou-se e disciplinou-se pelos motivos seguintes: *a)* influência dos eruditos que, orientados pelos filólogos da Espanha e da Itália, cedo pensaram em organizar a nossa gramática; *b)* a consolidação política, que procurou naturalmente na própria língua a afirmação duma perfeita autonomia, grata ao sentimento nacional; *c)* a superabundância de novos vocábulos, aumentada constantemente pelo contacto com os povos orientais e reclamando a ordem e a regra para melhor clareza e legítima riqueza da expressão; *d)* a progressiva afluência de determinantes religiosas, populares e artísticas, que foi preciso harmonizar nos seus efeitos para melhor unidade linguística.

Como a nossa vida social e política em tudo teve a vibração prematura das civilizacões magníficas, mas pouco duradouras, cedo emergiu em Portugal o espírito disciplinador dos gramáticos. Êste facto é sobremaneira honroso, mas de significado pessimista. Lembra as precocidades dos que de-pressa se desenvolvem, mas para terem uma existência efémera, pelo menos dentro da posse duma boa saúde.

Assim outros povos, como a França e a Inglaterra, de vida menos valetudinária do que Portugal, pensaram alguns anos mais tarde do

que nós na disciplina gramatical das suas línguas. Pela mesma razão, foram precedidos por nós na sciência náutica e em tudo aquilo que havia de constituir a nossa glória inconfundível, mas passageira.

2 — **Fernão de Oliveira** parece ter sido o autor da nossa primeira *gramática*. Afirma-o, pelo menos êle, declarando que ninguem até então fizera em Portugal trabalho similhante. Fernão de Oliveira encarnou a má vontade progressiva da nação ao predomínio do latim, que parecia negativo das virtudes de independência e boa autonomia, e ao mesmo tempo os mais justos impulsos dos eruditos, estimulados pelas culturas filológicas da Espanha e da Itália.

A Obra de Fernão de Oliveira traz o título de *Gramática da língua portuguesa*. Não tem, nem poderia ter, um verdadeiro cunho scientífico. É aventureira na etimologia e impertinente no aparato erudito. Mas alentou o amor à língua, encorporando nela bons e indispensáveis neologismos e oferecendo constantemente boas lições sôbre alterações fonéticas, morfológicas e sintáticas.

3 — Fernão de Oliveira (1507-1581) foi natural da Beira, opulento manancial da boa linguágem portuguesa. É natural que a riqueza linguística e tão típica dos seus comprovincianos lhe inspirasse muito a urgência da boa disciplina do português, purificando-o de barbarismos que seriam resíduos impertinentes de várias locuções

ingratas aos ouvidos portugueses e deixadas pelos sucessivos invasores. Estudou no convento de S. Domingos, em Évora, grande centro erudito, e lá se teve de haver com as zombarias alentejanas que frigiam o seu falar beirão. Isto mesmo deve tê-lo impelido a escrever a sua Gramática.

E assim pôde harmonizar os plebeísmos fortes da Beira com a linguagem polida dos eruditos, achando o necessário vínculo na disciplina de regras bastante sofríveis para o seu tempo. Fernão de Oliveira, além de conviver com os professores eruditos do convento de S. Domingos, sofria o influxo do meio aristocrático, porque foi das relações de D. Fernando de Almeida e doutros nobres.

4 — **D. Fr. João Soares** parece ter antecedido *João de Barros* na publicação duma *Cartinha* àcêrca de regras gramaticais. E outros haveria que, influenciados pelo entusiasmo crescente dos eruditos, fizessem várias gramáticas portuguesas.

A reforma da Universidade e a sua transferência para Coimbra (1537) deu de-certo bastante valor impulsivo ao exemplo de Fernão de Oliveira, que pouco antes publicara o seu trabalho. A reorganização dos estudos superiores, modelar como o foi no reinado de D. João III, sugeriu naturalmente a necessidade fundamental da boa disciplina da língua.

4 — **João de Barros** — Escreveu em 1536 a

Cartinha para aprender a ler e em 1540 a *Gramática* (1). É grande defensor de arcaísmos e muito avêsso a neologismos. Retórico em excesso, não vê o significado perfeito das alterações fonéticas e morfológicas, determinadas pelo próprio espírito de independência política. Toda a sua tendência era sujeitar o português à severidade da gramática latina. É êste na essência o juizo crítico de T. Braga. Quanto a nós, parece-nos que João de Barros, grande reabilitador dos nossos arcaísmos, não errou demais, a-pesar-do seu demasiado humanismo, anti-nacional no fundo, procurando disciplinar com eficaz método riquezas linguísticas, já muito nossas, e que a falta de regras podia precipitar num cáos de dialectos.

5 — **Duarte Nunes de Leão** — Estimulado de-certo pelos estudos que teve de fazer para dar uma forma nova à compilação das antigas *Crónicas do Reino* e das antigas Leis, pensou no problema ortográfico. A sua *Ortografia da língua portuguesa* (1576) inspirou-se, porém, muito também nos trabalhos de *Pero de Magalhães Gandavo* (2) e *Jerónimo Cardoso* (3).

---

(1) T. Braga *(ob. cit.)* afirma que a *Gramática* de João de Barros foi escrita em 1538 e publicada em 1539.

(2) *Gandavo* publicou em 1574 as *Regras de escrever a ortografia da língua portuguesa com um diálogo em defensão da mesma.*

(3) *Jerónimo Cardoso* — o severo pedagogo de todos os grandes eruditos do século XVI, como diz T. Braga — publicou em 1570 o *Dicionario-latino-lusitanico-et lusitanico-latinum.*

Mais tarde, em 1606, escreveu a *Origem da língua portuguesa,* livro ofertado bajuladoramente a Filipe II. Esta obra tem uma base bastante falsa — a convicção de que na Lusitânia se falou o latim tão puramente como em Roma, antes das invasões dos Vândalos, Godos, etc.

Se o nosso latim, antes dessas invasões, se aproximava mais do romano, era sempre o baixo latim, transmitido por soldados, que do seu convívio com os povos bárbaros traziam muitas e às vezes profundas alterações, além de numerosos vocábulos novos.

Além disso, os lusitanos, tão ciosos das suas tradições, que se bateram constante e heròicamente pela independência, conservaram de-certo copiosos resíduos da língua dos aborígenes, em mistura com elementos linguísticos, deixados por invasores mais remotos do que os romanos.

Contudo, a obra de Duarte Nunes de Leão representa para o seu tempo um progresso incontestável. Pelo menos, teve a virtude de convencer os portugueses de que a sua língua não tinha menores recursos expressivos do que a espanhola ou do que o baixo latim, muito confuso e indisciplinado, mas que na infância da nacionalidade foi a linguagem oficial e literária.

Publicistas scientíficos

1 — **Pedro Nunes** (1492-1544) é de-certo o mais eminente desta época. Escreveu várias obras em latim e duas em português: — *Tratado em defensão da carta de marear* e *Tratado sobre certas duvidas de navegação* (1). O estilo raras vezes é obscuro. Pedro Nunes é uma notabilidade europeia na Cosmografia e na Geometria. Inventou o *nónio*, que um francês apropriou, dando-lhe o nome de Vernier, seu apelido. O *nónio* prestou grandes serviços aos estudos astronómicos (2).

2 — Era Pedro Nunes natural de Alcácer do Sal.

---

(1) A lista completa das obras de Pedro Nunes encontra-se no *Dicionario Bibliografico* — de Inocencio Francisco da Silva, Vol. VI, pág. 437-442.

(2) É no *De Crepusculis* (1542) que Pedro Nunes apresenta uma nova divisão ou graduação do astrolábio, por meio da qual é possível avaliar as alturas e distâncias dos astros até minutos e segundos, ainda que no limbo do instrumento só se achem marcados os graus. Pedro Vernier apropriou esta invenção num livro que publicou em Bruxelas (1631). Mas, tempos depois, ficou plenamente provado que o *Nonius* ou *Nonio* (de *Nunes*) foi invenção exclusiva de Pedro Nunes, o maior matemático do seu tempo.

Ao livro *De Crepusculis* anda apensa a tradução latina feita por Pedro Nunes duma formosa obra do árabe Albazen sôbre os crepúsculos. Enfim, devemos acrescentar que o *De Crepusculis* foi escrito a propósito dumas conversas scientíficas que P. Nunes tivera com o Cardeal Infante, depois Rei, D. Henrique, seu discípulo.

Foi o primeiro lente de matemática da Universidade de Coimbra. D. João III nomeou-o Cosmógrafo-mór de Portugal (16 de Novembro de 1529).

3 — **António Luís** — Embora escrevesse só em latim, e, portanto, não tenha grande direito a ser mencionado aqui, a sua emergência scientífica é tão alta em benefício da glória de Portugal, que se nos afigura digno de respeitoso registo. Em 1540 publicou o tratado *De occultis proprietatibus, libri quinque.* Nesse livro demonstra a existência da atracção universal, antes de Newton, que só em 1687 a proclamou no célebre livro *Philosophiae naturalis principia matematica.*

4 — António Luís foi lente da Universidade de Coimbra onde explicou Aristóteles e Galeno.

5 — **João Rodrigues-Castelo Branco** — O celebre *Amato Lusitano* dos estrangeiros não merece registo muito menos do que António Luís. Escreveu uma grande obra — *Curationium medicinalium Centuriae septem*, valioso arquivo de medicina. Morreu em 1568.

6 — **Jorge Gomes Pereira**, com direito a referência, semilhantemente aos precedentes, deixou-nos uma obra curiosa — *Antoniana Margarita* (1554), onde ressuscita o sistema de Pherecides quanto aos irracionais, e que a escola cartesiana perfilhou e ampliou.

7 — **Garcia da Orta** escreveu em português os *Coloquios dos simples e drogas medicinais*

da India (Goa, 1563). Descreveu também magistralmente a colera-morbo. Pena é que a sua linguagem não corresponda à extensão e intensidade scientífica da erudição e à rara agudeza do discernimento.

8 — Foi grande amigo de Camões, que conheceu na India, onde viveu 30 anos.

9 — **Garcia Lopes**, autor da *Varia res medica* (1564), *Henrique Jorge Henriques*, lente em Coimbra, autor do *Tratado del Perfeto medico* (1595), *Manuel Nunes, Nuno da Costa e Fernando de Mena*, são dignos de referência e estima.

10 — **Zacutto** — É êste, porém, o nosso mais ilustre publicista médico nesta época. O seu livro *De praxi medica admiranda* tem uma alta reputação scientífica pela erudição assombrosa, pelo critério penetrantíssimo e pelas extraordinárias inovações que expõe.

11 — Zacutto nasceu em Lisboa no ano de 1575. Freqüentou as Universidades de Coimbra e Salamanca. Atraindo, pela excessiva audácia de algumas opiniões, os rigores da Inquisição, refugiou-se na Holanda (1).

12 — **Francisco Sanches** — Enfim, merece

---

(1) Não devemos confundir Zacutto, português, com *Abrahão Zacutto*, espanhol, professor de astronomia em Cartagena e Salamanca e que foi astrólogo de El-Rei D. Manuel I, além de autor de vários livros cabalísticos. Este judeu espanhol morreu talvez em Lisboa no ano de 1520.

também excepcional registo êste filósofo e médico, autor do *De multum nobili, et prima universali scientia-quod nihil scitur.* A sua erudição e talento são inegáveis. Contudo, as suas ideias encerram o perigoso alcance de destruir, com subtil scepticismo, as ideias aristotélicas, como o provaram Ulrico Wildius no seu tratado-refutação *Quod aliquid scitur* (Leipsig — 1661) e Hartnach no *Sanchez aliquid sciens* (Sttetin, 1665).

13 — Sanches nasceu talvez no ano de 1562, em Portugal ou em Tuy, segundo uma autorizada opinião contemporânea. Estudou em França. Foi professor de filosofia e medicina em Tolosa, onde morreu no ano de 1632. O seu sistema filosófico fez escola. O ilustre R. Delassus, um seu discípulo ilustre, compilou as suas obras.

SÍNTESE

A nossa literatura atinge o maior esplendor. A cultura humanista é intensa. À obra da Universidade de Coimbra vem aliar-se a disciplinada influência da Universidade de Évora, dirigida pelos Jesuítas e refreadora do novi-paganismo que pretende desvirtuar completamente a Renascença.

— O espírito tradicional, fecundo em romances e autos, continua lutando com o espírito estrangeiro. No lirismo de Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão há uma nota deveras portuguesa e bucólica na sua expressão mais tocante. Fr. Agostinho da Cruz dá a nota elevadamente mística. Camões iguala a beleza dêsse sentimento nos seus Sonetos, embora aproveitando os novos cânones poéticos, e nos *Lusíadas* dá expressão grandiloqua às nossas tradições guerreiras, harmonizando-as na forma com os moldes da Itália.

Sá de Miranda e António Ferreira representam o excessivo humanismo e pretendem sacrificar o sentimento nacional à técnica nova, julgando beneficiar assim a língua e a civilização da sua pátria. Contudo, Ferreira na *Castro* aproxima-se do sentimento nacional que Gil Vicente e Simão Machado encarnam superiormente na comédia, e que depois Diogo Bernardes artificializa com engenho, interpretando o bucolismo da Raça.

— A prosa alatina-se e empola-se. João de Barros tem longes de Tito Livio, sem ter dele a proficiência histórica. Castanheda, António Galvão e Gaspar Correia dão uma nota bela de simplicidade e franqueza lusitana. Diogo de Couto e Damião de Goes prestam bons serviços à verdadeira história.

— Fernão Mendes Pinto é o Fernão Lopes da história em livros de Viagens, como João de Lucena é até certo ponto o João de Barros.

Os outros autores de livros de *Viagens* não os igualam, mas fornecem importantes subsídios históricos e geográficos, que animam o espírito de cosmopolitismo.

— *Os romances* perdem a naturalidade e o espírito nacional, descambando em alegorias e fantasias fastidiosas.

— Os oradores sagrados e os moralistas produzem algumas obras primas, reagindo contra as avançadas, já evidentes, da decadência. O gongorismo vai ter um terreno favorável na exagerada influência da erudição, que, contudo, inicia prestimosamente os trabalhos disciplinadores da gramática, dando beleza, elegância e riqueza à língua nacional.

QUARTA ÉPOCA

ÉPOCA DE DECADÊNCIA

(Escola seiscentista, ou Gongórica)

QUARTA ÉPOCA

1 — **Carácter da Raça** — A dolorosa apatia, característica dos que se resignam com uma desgraça esmagadora, por êles atraída e como que cultivada inconscientemente, deprimira a Raça, negando-lhe já a própria capacidade para as vibrações doentias do desespêro. A Raça perdera as suas melhores reservas, deixando dissipar os restos das suas virtudes na transigência fatalista com a vitória do estrangeiro. Perdera então as melhores forças para poder recuperar os antigos brios, naturais companheiros da firmeza e da pureza moral. À voluptuosidade, à indolência, ao espírito de servilismo, juntava-se agora a venalidade e até a própria tendência para renegar do sentimento nacional. A Raça substituia assim com facilidade o orgulho pela vaidade frívola, a fé robusta pelo scepticismo ou pelo simples formalismo religioso, e habituava-se a considerar o amor-pátrio como um sentimento mais decorativo do que efectivo. Foi nesta época lúgubre que os Portugueses mais se habituaram a descrer do valor próprio, exagerando, contudo quanto possível, as grandezas do seu passado e as suas aptidões para afrontarem o futuro. Convencidos da invencível superioridade do estrangeiro, habituaram-se a proclamar vaidosamente a superioridade portuguesa em todos os aspectos naturais e sociais do país, embora negando intimamente, com singular scepticismo, as próprias boas qualidades que ainda lhes restavam.

A tudo isto se sobrepôs um grande cansaço e enervamento, próprios dos excessos de uma actividade mais sobreexcitada do que reflectida. E assim se agravou a grande tendência para a assimilação passiva dos ideais sociais e políticos que mais predominavam no estrangeiro.

2 — **Carácter da Época** — (Aspecto social-polí-

tico). O protestantismo triunfou no Norte da Europa, alevantando a Holanda contra a Espanha, que, a-pesar-do assassínio de Guilherme de Nassau, príncipe de Orange, o *Taciturno*, chefe-calvinista que dirigia a rebelião, não pôde opor-se à autonomia do povo holandês, de-pressa constituido em república. Na Inglaterra, o espírito protestante passou de Henrique VIII para a rainha Isabel, a qual, rígida e fanática, não trepidou em fazer subir ao cadafalso a católica Maria Suart, e em profligar a política e o poder de Filipe II, de Espanha. Na França, morto Carlos IX, Henrique III pretendeu pôr termo à guerra religiosa com o *edito de Beaulieu* (1576), mas levantou contra si formidàvelmente a *Santa Liga*, formada por católicos intransigentes, e foi assassinado por Jacques Clément, dissimuladamente estimulado pelos protestantes. Queriam êstes ver no trono de França o rei de Navarra, mais tarde Henrique IV, porque contavam com o seu zêlo calvinista. Contudo, aquele príncipe, verificando o predomínio do catolicismo no sentimento nacional dos franceses, e querendo, ao mesmo tempo, livrar a França das pretensões de Filipe II da Espanha, renegou do protestantismo. Assim subiu ao trono francês, apoiado pela Santa Liga, que alevantara a alma da França, indignando-a contra o assassínio de Henrique de Guise, o chefe e rei escolhido pelos católicos.

A Europa dividia-se, pois, em dois campos: o protestante, avassalando o norte, e o católico, a imperar afinal em países politicamente interlutantes—na França, na Espanha, na Itália e em parte da Alemanha. Henrique IV ainda firmava, porém, a Sinarquia do rei S. Luís, e a Espanha consolidava o poder católico na Península, expulsando definitivamente os Mouros de todo o seu território. Mais tarde (1610), Henrique IV, vítima da sua duplicidade ou da vingança dos protestantes, caíu apunhalado pelo fanático Ravaillac, e assim, com a menoridade de Luís XIII, a Sinarquia de França degenerou em Anarquia. Mas emergiu em 1624 Richelieu, que transformou a Anarquia em Absolutismo.

Entretanto, já rompera em 1618 a Guerra dos Trinta Anos, iniciada pela luta da Casa de Austria contra os protestantes da Boémia. Richelieu, renovando os conflitos da França com a Espanha, colaborou na depressão da Casa de Austria, favorecendo

os triunfos do próprio Gustavo-Adolfo, rei da Suécia. Ao mesmo tempo, activou o extermínio dos huguenotes, defendendo assim o catolicismo, que êle só por necessidade política parecia hostilizar nos combates com a Espanha e com a Áustria, que prepararam a paz de Westphália.

O absolutismo caracterizou, pois, esta época, dando a vitoria ao catolicismo, mas por isso mesmo orientando-o em França num sentido muito anti-sinárquico.

O regalismo, enfim, prejudicou muito o verdadeiro ESPÍRITO CATÓLICO; e a hegemonia da França absolutista, se favoreceu a revolução portuguesa de 1640 e a revolução da Catalunha para abater a Espanha, impôs o seu espírito absolutista aos povos que dominou ou influenciou. E, com Luís XIV, a hegemonia francesa chegou depois a atingir na Europa quási as proporções duma ditadura em assuntos sociais ou políticos.

Aspecto literário:

A ESPANHA E A FRANÇA COMO QUE DISPUTAM A HEGEMONIA LITERÁRIA

Espanha.

Lope de Vega-Carpio (1562-1635) funda o teatro espanhol. Fecundíssimo, escreve 1.800 comédias e 400 autos. Graça, animação, boa visão psicológica. *Pedro Calderon de la Barca* (1600-1681) escreve inúmeros *Autos sacramentais*, onde excede L. da Vega no estudo dos caracteres. *Luis Velez de Guevara* (1570--1643) escreve belas comédias e a novela *El diabo cojuelo*, que Lesage imitou. A comédia *Reinar despues de morir* alveja D. Inês de Castro — *Gabriel Telez* ou *Tirso de Molina* (1585-1648) escreve muitas comédias. Foi o criador do tipo de D. Juan no *El Burlador de Sevilla*. — *Luis de Gongora y Argote* (1561--1627) — escreve os poemas *Polifemo*, *Soledades* e *Pyrame y Thisbe*. Afectação desmedida.

Espanha . imágens extravagantes. O modêlo do culteranismo.— *Francisco de Quevedo* (1580-1645) — Poeta satírico de génio. Obras notáveis em prosa e verso: *Los Sueños*, *La historia del gran Tacaño*.—Na história: — *Nicolau Antonio* (1617-1684) escreve *Biblioteca hispana* e *Biblioteca hispano rabinica*, de que restam só fragmentos — *Antonio de Solis y Rivadeneira* (1610-1686) escreve, além de vários poemas e comédias, a *História da Conquista de Mexico*, que lhe grangeou o nome de *Quinto Curcio espanhol*.

França . . O Preciosismo, com séde no Palácio de Rambouillet, dá escritores ridículos, os Scudéri e outros. Mas, reagindo contra a onda culterana, emergem escritores que preparam o esplendor da literatura francesa. *Malherbe* (1555-1628) reforma a língua nos seus versos desafectados. *Lafontaine* (1621-1695) dá nas *Fábulas* um modêlo de arte sóbria e de filosofia (cínica, no dizer de Lamartine) — *Boileau* (1636-1711) alevanta-se como crítico e poeta nas *Sátiras* e na *Arte Poética* e escreve um belo poema herói-cómico *Lutrin*. Correcção, pureza, graça, mas às vezes monotonia. Bastantante rigidez crítica dentro de certa paixão. *Corneille* (1606-1684) é o primeiro trágico francês. Pensamentos altos. Grande visão psicológica. Arte austera, um pouco dura às vezes. (*Cid, Horácio, Polinto,* etc.; — *Racine* (1639-1699), o maior trágico francês depois de Corneille, o segundo na ideação, mas incomparável na harmonia e pureza do verso. (*Ester, Atália, Andrómaca*, etc.). *Molière* (1622-1673) Eminente comediógrafo e actor. (*Tartufo, Avarento, Misantropo Sabichonas*, etc.) Análise pro-

França . .

funda. Pintura genial de caracteres. Estilo incisivo e puro. Chiste relampejante de fina ironia. *Bossuet* (1627-1704) Eminente orador sagrado, eminente historiador e teólogo notável (*Orações fúnebres, Discurso sôbre a história universal, Do conhecimento de Deus*, etc.). Elevação genial de ideias e sentimentos. Estilo simples e vigoroso. *Bourdaloue* (1632-1704) Grande orador sagrado. Estilo severo e incisivo. *Fléchier* (1632-1740) notável orador sagrado. Estilo puro e rápido, muito persuasivo.— *Pascal* (1623-1662) estilista modelar com grande fundo filosófico e uma ironia incomparável. (*Pensamentos, Cartas Provinciais*). Maculou-o o sectarismo. *Descartes* (1596-1650) Bom escritor didáctico (*Discurso sôbre o método*).— *Malebranche* (1638-1715) Estilista puro. Cristianizou, como filósofo, as audácias do cartesianismo. *La Rochefoucauld* (1613-1680) Moralista, nem sempre seguro, mas de linguagem modelar (*Máximas*).— *La-bruyère* (1645-1695) moralista que rivaliza com o anterior em análise e linguagem (*Caracteres*).— *Vertot* (1664-1735) historiador apreciável. Escreveu as *Revoluções de Portugal* (bastante medíocre de critério).— *Saint Real* (1639-1692) historiador penetrante (*Conjuração de Veneza*).— *Cardeal de Retz* (1614-1679) historiador vivo e elegante (*Memórias*). — *Fleury* (1640-1723) Historiador conscencioso, de estilo correcto e rápido (*História eclesiástica*) — *A Senhora de Sévigné* (1626-1696) firmou um modêlo epistolar nas *Cartas* que dirigiu à filha. Simplicidade encantadora, filosofia profunda, mas despretenciosa, grande conhecimento do coração humano.

Itália. . .

O mau gosto, dando o marinismo, deprimiu deploràvelmente a literatura italiana. *Marino* (1569-1625). Exagera o uso dos conceitos e das antíteses e por vezes é licencioso. Poema *Adonis*, em 20 cantos, *Murtoleida*, colecção de sonetos satíricos, etc. Bajulou Maria de Médicis e foi rancoroso inimigo do poeta Murtola. — *Tassoni* (1565-1635) deixou o belo poema herói-cómico *Secchia rapita* (o balde roubado), que Voltaire considerava inferior. *Guarini* (1537-1612). Foi íntimo de Torquato Tasso. Escreveu várias peças dramáticas e a tragi-comédia *Il Pastor Fido*. Muitas imagens, mas falta de doçura, pureza e elegância, isto é, das qualidades da *Aminta* de Tasso, que imitou. *Paulo Sarpi* (1552-1623) Historiador elegante e cheio de vida (*História do Concílio de Trento*). Emergem os grandes sabios *Galileu* (1544-1642) e *Torricelli* (1608-1647).

Inglaterra

O eufuísmo não consegue secundarizar a literatura inglesa. *Milton* (1608-1675) dá-nos no *Paraíso Perdido* uma epopeia grandiosa. Contudo, tem defeitos, como a monotonia e a imaginação nem sempre equilibrada. *Dryden* (1631-1701) ganha uma verdadeira primazia como poeta lírico. John Bunyan (1628-1688) no *Pilgrim's Progress* (Viagem do Peregrino) revelou qualidades apreciáveis. *Bacon* (1561-1626), *Hobbes* (1588-1679) e *Locke* (1632-1734) apresentam nas suas obras filosóficas idéas bastante controvertíveis, mas expostas em linguagem sóbria e correcta.

Alemanha — A vida literária é debil. Reinam o gongorismo e o marinismo. *Opitz* é continuado por *Hofmann* (1618-1679), ora alambicado, ora obscuro, e, por outros, pouco dignos de referência.

3 — Carácter do meio português — O domínio espanhol só fôra repulsado por dois protestos vivos: a eloqüência sentimental de Febo Moniz e o arranco malfadado e inútil do Prior de Crato. A Raça convencera-se doentiamente de que a sua missão findara. Quási toda a Nobreza piorara a decadência dos seus costumes e brios com a venalidade subserviente, quási mendiga, de mercês de estrangeiros. Até parte do Clero parecia sancionar os erros e os desalentos da maioria dos fidalgos e dos plebeus. O espírito e a própria língua da Espanha, predominaram. E quando veio a Restauração, o outro espírito estrangeiro, emanado da França, não permitiu o vivo e completo ressurgimento do espírito nacional, amodorrado, senão quási extinto. A tendência imitadora agravara-se, aniquilando quási todo o poder criador, e apenas ía mudar de rumo quanto ao figurino, deixando, a pouco e pouco, a influência espanhola para se apaixonar pela influência francesa (1).

(1) A Inquisição e a Companhia de Jesus, vendo a nossa enorme queda moral, esforçaram-se, desde o reinado de D. João III, pela reforma dos costumes e do ensino. E' um êrro atribuir-lhes a decadência das nossas letras. Sem os rigores inquisitoriais e sem o ensino rígido dos Jesuitas, nós nem sequer teríamos o pouco que restava do sentimento nacional, a disciplina dos estudos das humanidades, e, enfim, a vida da própria linguagem. Em nome da liberdade de pensamento, viria, num povo volúvel como o nosso, a licença mais insofrida, agravando a intensa crise moral que só nos podia tornar mais frívolos imitadores, completamente desnacionalizados, embora com prosápias de livres.

A Inquisição foi excessiva de processos; mas, sem ela, a purificar bastante a nossa vida moral, a protecção de Richelieu não conseguiria animar tanto o heróico movimento de 1640. A Companhia de Jesus foi austera; mas, sem o seu ensino, Portugal esqueceria o melhor da sua própria língua. E

Entretanto, a nossa língua apropriava bastantes espanholismos; e, se prejudicava bastante a sua disciplina sintática com muitas locuções espanholas, conservava sempre as principais boas regras que lhe tinham dado os eruditos. E se a vida intelectual, orientada talvez com exagerado rigor pelos professores da Universidade de Évora, pouco propensos a inovações, a não ser na filosofia (1), pode ser classificada de francamente reaccionária, oferecia não poucos elementos para o ressurgimento da Sinarquia, tolhida então, como até hoje, pela excessiva influência do espírito estrangeiro, que era absolutista, mas por isso mesmo origem fatal do desvario revolucionário.

---

a necessidade de a conservar foi que obstou a maiores inovações filológicas. Dá-se o mesmo na vida política: a necessidade constante de manter a ordem pública impede muito o aperfeiçoamento dos processos administrativos. Teófilo Braga e outros não viram esta *realidade* simplista, ao mofarem demais dos nossos filólogos do Sec. XVII.

O meio português deprimiu-se, pois, muito nesta época, porque à dissolução dos costumes se aliou a influência mais viva do pior que podia ter o espírito estrangeiro. Mas a Companhia de Jesus e a Inquisição, com maior ou menor rudeza, fortificaram ao menos, as reservas do sentimento nacional que depois haviam de produzir os melhores anelos de reconstrução.

E não queremos dizer que não houvesse exageros repressivos, de-certo funestos. É irremediavelmente humano que todas as mesas censórias exorbitem das suas funções Há uma tendência fatal, e talvez necessária, em todas as repressões, para o rigor demasiado. Di-lo todos os dias a política, seja qual fôr o regimem. Mas diz a História igualmente que, de ordinário, êsses males deploráveis evitam males muito maiores. Também as maiores cruezas cirúrgicas freqüentemente evitam terríveis sofrimentos e até a morte quási imediata, optando pelo menor dos males, que às vezes é uma *amputação bárbara.*

(1) O teólogo espanhol Luís de Molina, professor da Universidade de Évora, escreveu então o seu célebre tratado da *Concordia entre a graça e o livre arbitrio.* Ao seu lado, o famoso Padre Manuel Álvares escrevia sôbre gramática, com grande aplauso dos melhores filólogos da Europa.

1 — **A Escola Gongórica** é o produto da degeneração do gôsto literário em toda a Europa.

2 — As causas dêsse mau gosto são: *a)* excesso de amor da arte pela arte (culteranismo); *b)* influência do palacianismo absolutista, propenso a formalismos pomposos e brilhantes; *c)* o complexo requinte da vida social da Europa no desvanecimento com magnificências, com exagerados primores, com aristocratizações fáceis, devidas ou à astúcia, ou à fortuna, ou a qualidades mais aparentes do que sólidas; *d)* a crise moral que, abastardando os caracteres, os abeirava fàcilmente das frivolidades, valorizando-as, como se fôssem especialidades, só acessíveis aos mentalmente privilegiados.

3 — O mau gôsto literário não poupou os melhores países da Europa. Na França deu o *preciosismo* do Palácio de Rambouillet. Na Itália produziu o *Marinismo*. Na Inglaterra inspirou o *Eufuísmo*. Enfim, na Espanha originou o *Gongorismo*, que Portugal importou com natural facilidade.

4 — Contudo, o *Gongorismo* tinha de invadir as nossas letras, ainda que fruíssemos então a independência política. A nossa depressão moral não podia permitir-nos uma resistência efectiva a essa invasão, sofrida por povos muito mais vigorosos do que o nosso, moral e materialmente (1).

---

(1) Os Filipes, foram arbitràriamente acusados de inimigos do nosso sentimento nacional, e, portanto, da nossa

E para isso concorria muito o hábito bilingue dos melhores escritores portugueses da Escola Quinhentista. Em pleno esplendor social, político e literário, Sá de Miranda, Gil Vicente, e o próprio Camões escreveram muitos versos em espanhol, como os tinham escrito os poetas do *Cancioneiro*. O *gongorismo*, a rigor, tinha a porta aberta em Portugal não só pelos nossos poetas palacianos, como pelos próprios poetas portugueses que mais apaixonadamente instrumentavam o sentimento nacional (1).

5 — A nossa *Escola Gongórica* tinha os mesmos defeitos e qualidades do gongorismo espanhol, mas com algumas características especiais. Os defeitos eram *a*) pretenciosa subtileza de expressão à custa de trocadilhos, metáforas, hipérboles, homonínias e imagens extravagantes; *b*) pedantismo intelectual, que em várias exibições scientíficas e eruditas encobria um individualismo exagerado e até mórbido; *c*) a subs-

literatura. Está definitivamente demonstrado que estimularam a nossa instrução e educação, favorecendo a divulgação da nossa história social e política. Os Portugueses, como que resignados com a escravidão política, é que, sem a menor resistência, perfilharam a maneira literária dos seus senhores, o que mais ou menos fariam sempre, se fôssem independentes, não só por uma espécie de tara, cada vez mais agravada, mas também porque os literatos espanhois eram então os mais célebres e sugestivos da Europa.

(1) Caem portanto pela base as fáceis acusações de alcance sectário que atribuem à Companhia de Jesus o predomínio do Gongorismo. Seria a Companhia de Jesus, ainda não existente, a inspiradora dos nossos trovadores provençais e dos poetas quinhentistas?

tituição sistemática do verdadeiro sentimento nacional por um hispanismo formalista, mais ou menos perturbado por influências sectárias do espírito da Reforma; *d*) o requinte do sentimento e do pensamento à custa das trivialidades mais insignificantes e das surpresas mais arbitrárias, afectando em excessos de côr a paixão, a sinceridade e a intensidade do amor ao Belo.

A índole portuguesa dava ao requinte do sentimento e do pensamento uma particular languidez espiritual, que não raro pretendia ser profundo misticismo.

6 — As qualidades do gongorismo eram: *a*) alguns rasgos de originalidade expressiva, que permitiam uma feliz ilusão do sublime; *b*) uma grande e às vezes benéfica actividade da imaginação; *c*) o reflexo, muito frequente, da mesologia peninsular, acusando um carácter étnico e moral, por vezes inconfundível; *d*) o exercício, nem sempre funesto, da agudeza mental (1).

(1) Luciano Cordeiro, num seu livro de crítica, julga que o estilo próprio das literaturas peninsulares é o gongórico, espelho das qualidades e defeitos das raças hispânicas.

Academias

1 — O carácter fundamentalmente imitador — ou antes, de-calcador — do nosso gongorismo sugeriu-lhe organismos similares aos que o gôsto literário estabelecera há muito na Itália. Êsses organismos foram as *Academias* (1).

2 — As mais valiosas Academias de Portugal foram a dos *Generosos* e a dos *Singulares*. A primeira foi fundada por D. An-

---

(1) Mas devemos notar que as *Academias* da Itália não se fundaram para propaganda do mau gôsto literário que Marini como que encarnou. Em 1470 já havia em Florença a *Academia Platónica*, a que pertenceram os grandes literatos daquele tempo. E o seu fim era, sem duvida, orientar bem o gôsto literário, embora já servindo muito a arte pela arte. Foi nesse sentido que Sá de Miranda e António Ferreira im-portaram para Portugal o espírito italiano, abrindo, sem da-rem muito por isso, um grande caminho às tendências exces-sivamente assimiladoras dos portugueses, e com bastante detrimento do espírito nacional.

Talvez por causa da influência maior da Escola Ita-liana, Portugal adoptou, primeiro que nenhum outro país d' Europa, o plano e organização das Academias, que na Itáli tinham desempenhado um papel benéfico, só abastardad depois da verdadeira febre marinista, gafeira implacável da várias Academias da Europa (França, Alemanha, Espanha Roma, etc.) fundadas em pleno marinismo-gongorismo e pre ciosismo-eufuísmo. Mas, se nenhuma delas em Portugal de os frutos da *Academia de Crusca* (a qual, a-pesar-de tudo, pro duziu o mais perfeito *Dicionário da lingua italiana*, ao mesm tempo que censurava injustamente a *Jerusalem Libertada* d Torquato Tasso) nem os Jesuitas nem a Inquisição foram c culpados verdadeiros. Mais o foi, dentro da nossa decadênci moral e política, a progressiva indolência nacional, que, de xando predominar os defeitos étnicos, não pôde nem soub alevantar o sentimento da nação contra simples e extravagan tes formalismos que os melhores países da Europa perfilh ram, aliás, como arte pura, e até como saber extenso e intens mas cultivando apenas a frivolidade e o pedantismo.

tónio Álvares da Cunha, trinchante-mór de El Rei D. João IV (1), no ano de 1647, com o fim de reorganizar a eloqüência e a poesia (2). O título de *Generosos* como que equivalia ao de *artistas*, ou antes, poetas músicos, segundo o gôsto de El-Rei D. João IV, que foi músico notável. Os primeiros membros desta Academia tinham como finalidade principal a poesia e o canto. À influência dêles se devem os *tonos*, *motetes* e *vilancicos*. Êstes académicos escreviam em espanhol, a-pesar-de restaurado politicamente o Reino (3). Discutiam-se teses arguciosas. A poesia desentranhava-se em *acrósticos*, *anagramas*, *labirintos*, etc., em formulários de engenho doentio e estéril. Predominava, enfim, o estilo empolado, alegórico cortado de subtilezas charadísticas.

3 — **A Academia dos Singulares** foi fundada talvez por sugestão de Pedro Duarte Ferrão, Inquisidor das causas de Sua Majestade, em 1663. Pelo menos, realizavam-se em casa dêle as sessões. O nome de *Singulares* derivou muito da preocupação de originalidade literária que se reflectia nas pró-

---

(1) D. António Álvares da Cunha (1626-1690) foi sobrinho de D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Lisboa e guarda-mór da Torre do Tombo. Seu filho D. Luís Álvares da Cunha continuou a obra académica do pai, secretariado pelo conde de Vilar-Maior. D. António A. da Cunha foi zeloso investigador dos inéditos de Camões.

(2) Fechada em 1688, ressuscitou-a D. Luís Álvares da Cunha em 1685, prolongando-lhe a existência até 1692. O 4.º conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, fê-la resurgir em 1696 com o nome de *Academia das Conferencias discretas e eruditas*, dando-lhe vida até 1716. Converteu-se, depois de fechada um ano, na *Academia Portuguesa*, donde vieram os melhores elementos da *Academia Real da Historia Portuguesa*.— Principais membros: D. Francisco Manuel de Melo, D. Luís, conde da Ericeira, Fernão Teles de Menezes, 2.º Marquês de Alegrete, João Gomes da Silva, Conde de Tarouca, António de Melo e Castro, António de Sousa Macedo, Conde da Torre, Fr. André de Cristo, Júlio de Melo e Castro, Visconde da Asseca, Luís Serrão Pimentel, Luís do Couto Felix, etc.

(3) Como se vê, o domínio espanhol não é tão culpado como vulgarmente se diz, na monomania dos nossos literatos

prias atitudes pessoais, muito afectadas (1). Abriu-se esta Academia a 4 de Outubro de 1663, trabalhando até 24 de Fevereiro de 1664, dia em que começou o seu descanso, protraído até 1 de Outubro do mesmo ano. Neste dia recomeçou os seus trabalhos, mas para ter uma existência efémera, porque fechou a 19 de Fevereiro de 1665. Nada deixaram os *Singulares* de verdadeira arte, mas devem-se-lhes abundantes subsídios linguísticos, que ainda hoje são indispensáveis aos nossos melhores léxicons. O seu primeiro Presidente foi Sebastião da Fonseca e Paiva. Os seus melhores poetas foram Manuel de Galhegos e André Rodrigues de Matos. Consideravam Luís de Gongora y Argote um dos maiores poetas da humanidade (2).

4 — Outras academias de menos importância pretenderam orientar o gôsto literário dos Portugueses. Tiveram vida efémera. Alguns dos seus títulos, mais ou menos pretenciosos revelavam estranhas tendências esotéricas (3).

---

pela língua e cultura da Espanha. Em pleno esplendor da nossa vida política e literária, tanto como nos tempos mais austeros, correspondentes à Época de Formação, pendiam os portugueses para o uso do espanhol. Restaurado, Portugal continuou a ter o mesmo pendor.

(1) Ainda se nota no nosso tempo esta preocupação. Os *Vencidos da Vida*, os *Macavencos*, etc., confirmam o que afirmamos. A própria vida maçónica, diferenciadora para bastantes ingénuos, no sentido da maior cultura mental, deve em Portugal muito dos seus elementos a essa preocupação curiosa. Os povos peninsulares, e em geral os meridionais, são especialmente atraídos, tanto como pelo mistério da vida de certas associações, pelo prestígio de distinções decorativas, de insígnias, símbolos, secretos, etc., que se lhes afiguram sinais de maior elevação mental e até moral.

(2) Foram membros desta Academia: os 2 capelães-cantores da Casa Real Padre António Marques Lésbio e António Lopes Cabral, Bartolomeu de Faria, Padre André de Cristo, Dr. Francisco Cabral de Almada, Dr. Fernando Cabral, Vicente d'Avelar, João Duarte, Dr. Simão Cardoso Pereira, P.e João Aires de Morais, Bento Coelho, etc.

(3) Uma delas chamava-se a *Academias dos Ocultos* ou *Anonimos*, talvez variante da *Academia dos Iluminados* da Itália. O hermetismo medieval dera o *iluminismo*, que trabalhava com

Poesia épica

1 — Os poetas do gongorismo eram, em geral, mais versejadores do que pròpriamente poetas. A exagerada preocupação da forma e a depressão do puro sentimento nacional condenavam as melhores inspirações a desorientarem-se e a desvirtuarem-se. Faltava-lhes, além disso, a sinceridade idealista, cuja ausência agravava a falta de espontaneidade formal. Era a época do artifício requintado em tudo — na fé religiosa, no amor-pátrio, na arte e na própria erudição. Superabundavam tanto as alegorias e os circumlóquios como os sofismas, as ênfases e as hipérboles. O espírito predominante era decorativo até ao ridículo. Nada ou pouco havia de essencial, verdadeiro e sincero. Sacrificavam-se idéas e sentimentos a agudezas e sonoridades, a exibições e pompas de falsa sciência.

2 — A poesia épica estava, pois, como que contra-indicada em meio tão adulterado e pobre da verdadeira vida. O exemplo dos *Lusíadas* não podia ser seguido com consciência perfeita. O imortal poema, admiràvelmente oportuno, cor-

---

rituais parecidos aos da Maçonaria, da qual foi mais ou menos um ramo. Outras academias que tinham títulos pomposos, como *Academia dos Insignes*, etc., evidenciavam grande infiltração do espírito estrangeiro, e até do livre exame racionalista.

respondera tão superiormente à aspiração de possuirmos um padrão literário das nossas puras glórias, que seria preciso renovar-se a época em que Camões escreveu a sua epopeia para desta poder haver imitações condignas. Os *Lusíadas* tinham sido fruto dum génio, porque interpretaram oportunamente e com sentimento profundo o culto do Passado e as angústias do Presente. Agora, que o Passado lembrava um simples manancial de hipérboles e argúcias formalistas, e que o Presente era uma singular e deplorável visão do futuro, o melhor génio tinha de limitar-se às vibrações e concepções do simples talento. A inspiração morrera com a sinarquia, levando consigo a pureza e a grandeza das tradições nacionais, dando tamanho lugar ao espírito estrangeiro, que a nossa própria autonomia política só se podia manter apoiada fortemente pela nação que possuisse a hegemonia na Europa.

3 — **Gabriel Pereira de Castro** escreveu a *Ulisseia ou Lisboa edificada*, em 10 cantos e em oitavas como os *Lusíadas*. O épico dissimula mal o formalista. É o erudito, capaz de escrever com abundância sôbre a vida social e política (como fez no *De Manu Regia*, e capaz de esmerilhar bastante a arte poética. Mas surde completamente desprovido de génio. Gabriel Pereira de Castro, que em nada era superior ao seu meio e ao seu tempo, deixou no poema que o assinalou a sua alma de jurista, sêca e austera, a sua me

diania conceptora, o seu talento descritivo, vasio de alma, de penetração e de perfeito sentimento. Nada deixou de verdadeiramente português que vibrasse de fé e paixão, de melancolia sublime e de sublime heroismo.

É o versejador latino, muito correcto e frio, que nos legou uma *Canção* monótona, a saudar o nascimento de Filipe IV, em tom de requerimento pedante. É o magistrado que, muito perito na compulsação de documentos, escreveu tambem a *Monomachia sobre as concordias que fizeram os reis com os prelados de Portugal nas dividas da jurisdição eclesiastica e temporal.*

As qualidades da *Ulisseia* são poucas. Podem resumir-se em duas: *a)* grande perfeição formal; com o predomínio de uma primorosa musicalidade no verso b) beleza e até vigor de algumas descrições.

Os principais defeitos são: *a)* Notória incompreensão do sentimento nacional; *b)* imitação servil que, a cada passo, é um verdadeiro plágio do próprio Camões, até nas melhores estrofes episódicas *c),* superabundância pretenciosa de mitologias; *d)* o reflexo excessivo da escola gongórica nos conceitos e nas imagens.

4 — Gabriel Pereira de Castro (1571-1632) foi natural de Braga. Doutor em Cânones, teve o cargo de Corregedor do Crime da Côrte. Quando da invasão espanhola, Filipe II nomeou-o Chanceler-mór de Portugal. Ao chegar à idade da razão, o jugo estrangeiro parecia-lhe

plenamente justificado pela nossa depressão moral. Resignou-se com ela e explorou-a. A vida de Gabriel Pereira de Castro patenteia um carácter prático e frio, perfeitamente utilitário. A vangloriosa erudição e a arte pela arte medraram com facilidade no espírito dêsse homem que adulou decerto os poderosos do seu tempo conquistando assim graças e mercês. A inferioridade moral dêste épico avulta bastante na sua improbidade plagiária. Por tudo isto, merece menos o nome de poeta épico do que o de cronista, mais ou menos imaginoso ou aprimorado e sempre mais zeloso das maravilhas da forma do que da pureza e grandeza de ideias e sentimentos.

5 — **Brás Garcia de Mascarenhas** — Ascendeu com boa inspiração aos tempos da Lusitânia, mas foi um dos mais prejudicados pelas ridículas afectações gongóricas. No seu poema *Viriato Tragico,* em 20 cantos e em oitava rima, deparam-se as seguintes qualidades: *a)* bastante poder concepcional; *b)* freqüentes reflexos do sentimento popular; *c)* colorido descritivo; *d)* evidente elevação mental e moral — ao par de bastantes conhecimentos da arte da guerra. Mas os defeitos do gongorismo, amplificados pelo poeta, ao sabor duma imaginação convulsionada por várias circunstâncias, deprimem grande parte do poema.

Contudo, o poder do seu sentimento, que transparece mais ou menos através de tamanha

difusão e de tão torturados artifícios, indica a alma dum verdadeiro poeta, de-certo superior na inspiração a Gabriel Pereira de Castro, mas prejudicado por qualquer funesto desequilíbrio das suas faculdades, se não pela incompatibilidade magoada do poeta com o seu *meio* egoista e até pérfido.

6 — A vida acidentada e dolorosa de Braz Garcia de Mascarenhas explica bastante a tumultuosa vibração do seu sentimento e, ao mesmo tempo, indica a grandeza do seu espírito, provadamente abnegado e patriota. Enfim, a sucessão quási inverosímil dos lances mais pungentes da sua existência também dá a razão da incapacidade do notável poeta para reagir contra o gongorismo dominante, impondo livremente o seu génio, em vez de o submeter tanto a fórmulas opressivas e ridículas. Os infortúnios constantes não lhe permitiram o repouso necessário para realizar com tranqüilidade e segurança a obra de-veras portuguesa que o seu grande talento daria, se tivesse uma vida mais normal, um ambiente mais rico de sinceridade e calma.

Nasceu Brás Garcia de Mascarenhas na vila de Avô, perto de Arganil, no ano de 1596. Na infância viveu em Coímbra, onde, a-pesar-dos seus verdes anos, foi preso por qualquer precoce culpa amorosa. Pôde fugir do cárcere e internou-se na Espanha, vivendo em Madrid. Dali saiu em viagem pela França, pela Itália e pela Flandres. Dirigiu-se, enfim, à pátria, mas foi

aprisionado na viagem por uns piratas que
abandonaram num pôrto italiano. Dêsse porto
velejou com o rumo do Brasil, levado pelo seu
ardor patriótico. No Brasil se bateu com glo-
riosa valentia contra os Holandeses. Regressou
anos depois a Portugal, e, na pátria, afervorou-se
pela causa nacional, formando e chefiando
Companhia dos liões, batalhão de voluntários
que em 1640 se apoderou da praça de Alfaiates
no concelho de Sabugal. Mas os intrigantes
lograram dá-lo como traidor. D. Sancho Manuel
comandante das armas da Beira, exautorou-o
encarcerou-o na torre do Sabugal.

Mas nem êste excessivo e injusto infortúnio
lhe aniquilou as magníficas energias. Pôde, com
letras recortadas dum *Flos Sanctorum* e depois
dispostas e coladas numa página em branco
daquele livro, defender a sua inocência numa
exposição-protesto que teve artes de fazer chegar
às mãos de El-Rei D. João IV. O soberano, justi-
ticeiro por índole e dotado de esclarecido juízo
reabilitou o perseguido, que, livre e tranquilo
mas muito abalado pelos achaques e desgostos
morreu em 1656.

7 — **Vasco Mousinho de Quevedo e Castelo Branco** avistou, com muita felicidade,
grande manancial de glórias nossas que é
África no reinado de D. Afonso V. Seria natu-
ral que um verdadeiro poeta épico, derivando o
seus cantos desde a epopeia magnificente d
tomada de Ceuta até aos lances grandiosos d

conquista de Arzila e de Tanger — e nesta cidade com o episódio tocante da abnegação do Infante Santo — deixasse um poema bastante condigno do espírito de Luís de Camões.

Quevedo, porém, estava excessivamente escravizado pelo gongorismo. Deu à sua epopeia o tom duma longa e pretenciosa alegoria moral, de-certo menos suportável do que a própria frieza e austeridade formal da *Ulisseia*. Concepção requintada: D. Afonso V é o grande homem que se domina valorosamente para ficar senhor da importante cidade que é a sua alma. Arzila, por ter cinco portas, é a alma dêle com os cinco sentidos. A sua torre, com três baluartes, sugere as três potências da alma. A sua mesquita simboliza o coração humano. Os filhos do governador de Arzila representam os sete pecados mortais. Vencem-nos sete heróis cristãos, que, por isso mesmo, representam as sete virtudes, opostas àqueles pecados.

A-pesar-dêste alegorismo infantil, o poema *Afonso Africano* tem qualidades no meio das suas hipérboles, freqüentemente ridículas. Mas, se uma certa originalidade, o vigor de alguns conceitos, o entusiasmo patriótico, que às vezes acusa a vibração máxima da sinceridade sentimental, e a perfeição técnica, merecem referencia elogiosa, não parece justo conferir-lhe o primeiro lugar depois dos *Lusíadas*. Mais o merecerá o *Viriato Tragico* de Brás Garcia de Mascarenhas, a-pesar-das imperfeições que o deprimem.

8 — Faltam completamente dados biográfico sôbre Vasco Mousinho de Quevedo. A dedicató ria do seu poema a D. Alvaro de Sousa, capitã da Guarda Alemã de El-Rei, pode deixar supo que solicitou o favor palaciano.

9 — **Francisco Sá de Menezes** — Êst poeta aproveitou como pôde a grande figura de Afonso de Albuquerque e dos seus melhores companheiros de armas.

Não deixou de os esboçar com louvável rea lismo. O meio indiano ficou num colorido alto -relêvo.

Poderemos notar na *Malaca conquistada* de Sá de Menezes as qualidades seguintes: *a*) certa penetração psicológica; *b*) talento descri tivo, com um grande fundo analítico e, ao mesmo tempo, erudito; *c*) o maravilhoso cristão sem mesclas pagãs. Mas as qualidades são como que submergidas pelos defeitos:

a) Artificialismo excessivo do sentimento *b*) Excessiva arte pela arte nos traços descriti vos; *c*) o tom monótono dos relatos históricos demasiadamente subalternizados pela arte narra tiva e descritiva; *d*) ênfases intensamente gon góricas que não conseguem dissimular a falsi dade do sôpro épico nem a mediania da vibração moral e nem sequer a tortura verbalista.

10 — Francisco de Sá de Menezes, filho de João Rodrigues de Sá e de D. Antónia de An drade, e falecido em 1664, parece ter sido um sentimental. Compungido com a viuvez que so-

freu na perda duma esposa muito amada, professou na Ordem dos Prègadores, abrigando-se no convento que essa Ordem tinha em Benfica e onde adoptou o nome de *Fr. Francisco de Jesus*. Não é anormal que o seu sentimentalismo, talvez mais passional ainda do que religioso, lhe tenha embotado as tendências épicas — se, realmente, as possuia num meio tão negativo de sentimentos elevadamente nacionalistas.

Era parente de Jerónimo Corte Real que em 1574 lhe ofertou uma *Epístola* curiosa. Pedia-lhe a sua opinião sobre o modo de escrever a epopeia *Segundo Cerco de Diu*.

11 — **António de Sousa Macedo** — De-certo ainda mais por pretensões eruditas do que por nacionalismo profundo, explorou a mesma lenda que Gabriel Pereira de Castro aproveitou para a contextura da *Ulisseia*. A rigor, o poema *Ulissipo* revela em Sousa de Macedo um espírito mais criterioso na compreensão da história do que o de Pereira de Castro. Mas, igualmente pobre de alto sentimento nacional e sem as magníficas qualidades formais que o autor de *Ulisseia* revela entre afectações ridículas, se foi mais original nos episódios, não o foi no estilo, desoradamente imitador do marinismo. O poema *Ulissipo*, com os seus 13 cantos, e em oitavas, é um longo exercício métrico que parece querer provar principalmente a superioridade do marinismo, aliás, menos empolado do que o gongorismo. A epopeia, portanto, continuava a ser um mero

pretexto para a exibição, mais ou menos pom
posa, de técnicas e de recursos eruditos. Mas, s
António de Sousa de Macedo é mais bem orien
tado filosoficamente do que Gabriel Pereira d
Castro, essa superioridade está longe de lhe con
ferir o título de verdadeiro poeta épico.

12 — António de Sousa Macedo (1606-1682
nasceu no Pôrto. Foi formado em direito, e mi
nistro de D. Afonso VI. Desempenhou vária
missões diplomáticas. Caracterizou-o bastant
amor-pátrio, mas lesado pelas simpatias que con
traditòriamente devotou a princípios fatalment
desnacionalizadores. Defendeu com a pena e
palavra a restauração de Portugal. Parece, po
rém, que o excesso de erudição e de preocupaçõe
formalistas lhe não permitiram valorizar bastant
o bom critério filosófico e muito menos as am
bições épicas. Emfim, como jornalista, parec
eivado de espírito estrangeiro.

13 — **Francisco Rodrigues Lobo** — Êst
poeta acercou-se da figura colossal de Nunalva
res, o Santo Condestavel, para lhe dar vult
numa grande e nova epopeia. O herói é de-cert
um dos maiores da nossa história, como encar
nação perfeita das mais belas qualidades portu
guesas. Nunalvares não vale menos do que
Cid, e a sua vida, inconfundivelmente notáv
desde os campos da batalha até à admiráv
abnegação que o levou ao claustro, é fertil e
lances que não podem apartar-se das melhore
glórias de Portugal. Mas Rodrigues Lobo nã

tinha estro condigno de tamanha figura. Não o ajudavam nem a miséria moral do ambiente nem a debilidade, talvez nativa, como psicólogo de figuras superiores à craveira vulgar. Por isso, o seu poema o *Condestabre*, em 20 cantos e em oitava rima, resultou um longo e minucioso estudo biográfico, inçado de metáforas, rimas torturadas, epítetos e conceitos, mas sem expressão conscienciosa.

Rodrigues Lobo só conhecia da alma popular os sentimentos campesinos. Portanto, é muito mais notável como lírico do que como épico, sendo de notar que, como lírico, por isso mesmo que seguia a sua vocação eminente, pôde repelir bastante a influência gongórica.

14 — Francisco Rodrigues Lobo formou-se em leis na Universidade de Coimbra. Viveu em Lisboa, onde escreveu a bajuladora *La Jornada*, a saüdar Filipe III, quando êste monarca entrou triunfante na capital portuguesa. Foi, pois, um cortesão bastante resignado. Parece que padeceu de amores, antes de ir para Lisboa, por uma dama de alta linhagem que êle serviu em Leiria, terra natal do poeta. Essa dama seria a Duqueza de Caminha. Assim se assimilharia ao triste Bernardim Ribeiro, suposto enamorado de lindas princesas. Pereceu afogado no Tejo em 1662. Nascera em 1580. Os poucos dados biográficos que possuímos de Rodrigues Lobo insinuam a hipótese de que o poeta, bastante passionalista, vibraria medianamente como patriota. Sendo

assim, nada admira que o seu incontestável talento poético, além de ser pouco para energias, fracassasse tanto na epopeia por falta de perfeito entusiasmo (1).

---

(1) Poetas épicos menores: *Manuel Tomás*, nascido em 1585 e assassinado na ilha da Madeira em 1665, *Francisco Botelho de Moraes e Vasconcelos*, *João Nunes da Cunha*, *André da Silva Mascarenhas*, *Bernarda Ferreira de Lacerda*, *António da Fonseca Soares*, que mais tarde foi *Fr. António das Chagas*, *Manuel Mendes Barbuda e Vasconcelos*, *Manuel de Gusmão Soares*, *Manuel de Galhegos* e *Miguel da Silveira*.

Manuel Tomás escreveu o poema *Insulana*, com algumas qualidades, mas excessivamente gongórico, e o poema *Fénix da Lusitania*, muito fastidioso. *Fr. Manuel de Santa Teresa e Sousa* escreveu a *Lusifineida* em 10 cantos (objectivando a ruína de Portugal por morte de D. Sebastião e o movimento restaurador de 1640). Muito empolado e artificioso. *João Nunes da Cunha* escreveu o poema *Lisboa conquistada*, em 12 cantos. Simples estendal de metáforas. *Silva Mascarenhas* escreveu o poema em 9 cantos *Destruição de Espanha e restauração sumaria da mesma*. Preocupou-se ridículamente com a forma e não teve nem originalidade, nem sentimento. *Bernarda Ferreira de Lacerda* escreveu em espanhol o poema *España libertada*, mediocremente épico. *Fonseca Soares* deixou no poema em 12 cantos *Felis e Demofonte* um infeliz exercício no género épico. *Barbuda e Vasconcelos* no poema *Virginidos* (Biografia da Virgem Mãe de Deus) não foi bom épico nem de-veras místico. *Gusmão Soares* deixou o monótono poema *Lusitania restaurada*. *Manuel de Galhegos*, (1597-1655) afirmou no *Gigantomachia* a mais completa desorientação dum talento sofrível que se apega a simples verbalismos. Enfim, *Miguel da Silveira*, finado talvez em 1689, deixou no seu poema *Macabeu* uma crónica rimada com habilidosa técnica.

Poetas líricos

1 — **Francisco Rodrigues Lobo**, sentimental e afectuoso, reagiu genialmente, nas suas *Eglogas*, contra o jugo insuportável do culteranismo. Nota-se neste poeta um facto curioso: é gongórico na epopeia e nas obras eruditas — para onde o não atraía de-veras a vocação nem o temperamento — mas no lirismo ou transige muito com os moldes italianos, mais singelos do que os espanhois, ou colhe toda a inspiração nas reservas sentimentais da Raça. E então encontra-se com Bernardim Ribeiro, Cristovão Falcão e Camões, cujo lirismo pastoril continua e cujas belezas às vezes iguala e até excede. Assim o enfeitiçam as *Serranilhas* e outros géneros de poesia popular, talvez porque, natural de Leiria — tão perto do coração de Portugal, de Coímbra, onde estudou e se formou — sentiu perto da simplicidade e bondade da sua índole a alma ingénua do povo das montanhas, resignadamente heroico nos seus labores agrícolas e pastoris.

F. R. Lobo é um novi-quinhentista em plena escola gongórica. As suas *Eglogas* impõem as seguintes qualidades: *a)* simplicidade expressiva, com um profundo cunho popular; *b)* riqueza, pureza e colorido do estilo; *c)* sentimento sincero e suave, espontâneo de adorável melancolia, de saüdosismo entranhado e penetrante; *d)* uma

modelar sobriedade de tons e de atavios. E na *Primavera*, obra que contém três novelas pastorís — *Primavera*, *Pastor Peregrino* e *Desenganado* — a prosa é tão fluente, vernácula e translúcida como os versos são cheios de limpidez, doçura e sentimento. Pena é a ideação alambicada. Mas tanto bem se não pode dizer da *Côrte na Aldeia e noites de inverno*, obra de cunho didáctico (1), porque nesta obra prodigaliza mais a retórica do que o pensamento, e até deprime talvez a sua originalidade (2).

2 — O pouco que sabemos da vida de Francisco Rodrigues Lobo atesta o homem passional, mas resignado, que pode ser um grande lírico, mas que nunca poderá ser um épico notável.

3 — **D. Francisco Manuel de Melo** — Êste genial polígrafo deixou em 100 sonetos, 3 Eglogas, 4 Cartas e vários poemetos, contidos na colecção — *Segundas três Musas de Melodino* — modêlos de elevado lirismo. Sacrificando o menos possível ao gongorismo a sua robusta compleição literária, o grande poeta e escritor nunca se esqueceu do sentimento nacional e deu claro rebate de luta contra o mau gôsto da época. Lírico de vôo mais alto do que Rodrigues Lobo, o seu estro, singelo, fluente e ao mesmo tempo

(1) Versa a linguagem e o estilo, a novelística, a cortesania, a instrução, assuntos morais e económicos. É uma obra escrita em diálogos.

(2) Diz T. Braga *(Ob. Cit.)* que a *Côrte na Aldeia* é imitação duma obra de Baltazar Castiglione.

ungido de profunda melâncolia, de realismo e de graciosidade, domina sem dúvida o nosso seculo XVII até pelo fundo filosófico de quási todas as sua composições.

4 — D. Francisco Manuel de Melo nasceu em Lisboa no ano de 1608. Serviu no exército de Espanha, chegando a ganhar o pôsto de Mestre de Campo. Foi valoroso sempre de conduta, assinalando-se nas guerras de Flandres e da Catalunha. Em 1637, desempenhou o difícil papel de pacificador de Évora, que se amotinara contra os impostos.

Triunfante o movimento de 1640, correu à pátria para a servir, e emergiu como excelente conselheiro político. Mas, acusado de ter assassinado um certo Francisco Cardoso, jazeu durante 9 anos numa das masmorras da Torre de Belem. A-pesar-de protegido pela côrte de França, que intercedeu vivamente por êle, fortificando as provas da sua inocência, apenas conseguiu que lhe substituissem a prisão pelo exílio. Seguiu então para o Brasil no maior estado de pobreza, porque lhe tinham confiscado todos os haveres. E, cumprida, volvidos 6 anos, a pena do degredo, regressou quási moribundo a Portugal. Faleceu em Lisboa no ano de 1666 (1).

(1) Supõe-se que a causa do ódio de D. João IV ao eminente escritor foi uma rivalidade amorosa por causa da condessa de Vila Nova de Figueiró. El-Rei encontrar-se-ia com D. Francisco M. de Melo nos jardins do palácio dela, batendo-se os dois desesperadamente, mas com desaire para o soberano.

A sua vida de lutador imaculado, mas com tantos lances perturbadores, explica em parte o vigor e conscienciosa originalidade do seu génio.

5 — **Soror Violante do Céu** — Poetisa mística de incontestável talento, escreveu mais em espanhol do que em português. Foi chamada a *Décima Musa Portuguesa,* e deixou muitos poemas, depois coleccionados no livro *Parnaso lusitano de divinos e humanos versos.*

É incontestável a sua grande inspiração mística, mas infelizmente os processos da escola gongórica, que ela seguiu com fanatismo, deprimiram-lhe a arte, tornando confusos e até ridículos quási todos os pensamentos e conceitos.

A vibração excessiva do seu estro foi constantemente piorada pela preocupação formal. Por isso varios rasgos seus, que pretendiam atingir o sublime, mais parecem hoje deploráveis delírios de misticismo tumultuoso do que altos vôos espirituais.

6 — A vida de Soror Violante do Céu passou-se quási toda nos claustros do convento da Rosa, da ordem dominicana. Nascida em Lisboa no ano de 1602, morreu em 1693 naquele convento, onde professara em 1630. O seu *meio* foi constantemente místico mas, por infelicidade, muito absorvente do culteranismo da época. A vida dos conventos tinha íntimas ligações com a vida palaciana e aristocrática (1).

(1) Outros líricos menores foram: *Bernarda Ferreira de Lacerda, Nuno Barreto Feijó, Manuel de Veiga Tagarro,*

Poetas satíricos

1 — *A sátira*, género essencialmente didáctico, quási sempre é mais inspirada nas épocas de decadência, pelo espírito descaridoso da mordacidade e da maledicência do que pela sincera intenção de corrigir e ensinar. Nessas épocas escasseia o poder criador e superabundam sem-

---

Fr. Bernardo de Brito, *Fr. António das Chagas* (no século, António da Fonseca Soares), *Fr. Jerónimo Vahia*, *D. Francisco de Portugal*, *Francisco Rolim de Moura*, *Manuel Tomás*, *Bernardo Rodrigues*, *o Mocho*, e *Francisco Lopes*, *Manoel de Galhegos* e *Manuel de Faria e Sousa*.

Bernarda F. de Lacerda (1595-1644), portuense, escreveu em espanhol *Soledades de Buçaco*, com alguns versos portugueses. Ausencia de sentimento. Artificios lastimaveis. — *Fuzeiro* escreveu a *Vida de S. João Evangelista*, versos que pretendem ser ora épicos, ora líricos, extremamente prosaicos. — *Tagarro* deixou na *Laura de Anfriso* relâmpagos de talento, afundado em requintes. — *Fr. Bernardo de Brito*, autor da *Sylvia de Lisardo*, decalca demais os moldes gongóricos. — *Fr. António das Chagas* (*no Postilhão de Apolo* e na *Fenix renascida*) faz o mesmo. — *Fr. Jerónimo Vahia* é ultra-gongorista nos seus versos incluidos na *Fenix renascida*. — *D. Francisco de Portugal*, autor também da *Arte de Galanteria*, escreveu com forte gongorismo os *Divinos e humanos versos*. — *Francisco Rolim de Moura*, no poema *Novissimos*, em 4 cantos, deixou tudo menos poesia, embora revele certa elevação mística. — *Manuel Tomás*, escreveu o insulso poema *S. Tomás*. — *S. Rodrigues*, *o Mocho*, não fez mais, escrevendo o poema *S. Tomé*. — Valor similhante tem *Francisco Lopes*, objectivando a *Vida de Santo António* e os *Martires de Marrocos*. — *Manuel de Galhegos* foi muito enfático no epitalâmio: *Templo da Memória*. — Enfim, *Manuel de Faria e Sousa*, na *Fuente de Aganipe y Rimas várias*, não se eleva acima da mediocridade. Salva-se como historiador, assim como Fr. António das Chagas fica na história com as suas *Cartas Espirituais*, cheias de sentimento, verdade e singeleza atraente.

pre os poetas satíricos, geralmente incapazes de produzirem qualquer obra do género das que criticam. E até são tão pouco morais por índole e costumes como os tipos viciosos que zurzem e pintam com mais ou menos realismo.

Quando numa literatura abundam os scepticos humoristas e os críticos desbragados, a alternarem com os louvaminheiros ignobeis, pode afirmar-se que é grande a decadência literária e com prejuizo certo do melhor sentimento nacional.

2 — Na Escola Gongórica a sátira teve, portanto, um carácter pessoal e baixo, reçumando inveja, pequenas vinganças, despeitos mesquinhos. Além disso, podemos afirmar que revelou um fundo perfeitamente hipócrita, porque disfarçou em pilherias e chalaças a incapacidade criadora. Enfim, habituou o meio português a admitir as maiores extravagancias, a título de zombarias e chistes que, afectando escarnecer de hiperboles e doutros artificios, funestamente os consolidavam, arremedando-os e exagerando-os.

3 — **Tomás de Noronha** é um poeta satírico muito do seu tempo. Contudo, justo é assinalar-lhe qualidades surpreendentes em tamanha miseria mental e moral.

Serão elas: *a)* Relativa simplicidade estilística; *b)* Bastante graça; *c)* Originalidade concepcional. Mas, licencioso, ou *picaresco*, e perfido muitas vezes no seu pessoalismo excessivo, o espírito satírico dêle nunca deixa a noção dum

golpe de justiça pura. Avulta, porém, entre os retóricos poetas da *Fenix Renascida* com bastante superioridade. É provavel, entretanto, que a inferioridade daqueles vates mesquinhos concorra muito para o sobressaimento do seu valor.

4 — A vida de Tomás de Noronha, falecido em 1651, explica suficientemente a sua figura literária. Fidalgo e rico, engolfou-se na libertinagem.

Assim perdeu os haveres e a saúde do corpo e da alma. Se tinha talento superior, a imoralidade e, após ela, o infortunio, só lhe deixaram aptidões formais que a morbidez do espírito converteu em maldades vingativas. Os amorais costumam vingar-se nos outros das adversidades que mais devem a si próprios.

5 — **Antonio Serrão de Castro** — Deixou um poema célebre — *Os Ratos da Inquisição* (1), e que, publicado por Camilo Castelo Branco, mereceu a maior complacência dos sectários. São inegáveis as qualidades do poeta: *a)* chiste espontâneo; *b)* bom talento de observação; *c)* ironia fluente. Os defeitos — difusão, hipérboles pouco felizes, arte torturada — não deixam muito mal parado o seu vulto de precursor sofrível de Tolentino.

6 — Serrão de Castro (1610-1684) foi talvez um cristão novo. Pertenceria ao numero daque-

(1) Poema de 2.090 versos, em octossílabos.

les que, subtis de processos, mais concorreram para a infiltração de ideias anti-católicas na vida portuguesa. A Inquisição encerrou-o nos seus cárceres, e o poeta foi escrevendo, às escondidas, o famoso poema (1).

7 — **Diogo de Sousa** ou **Camacho** — É outro poeta satírico do genero *picaresco* — isto é, com as tendências obscenas que mais tarde se atribuiram fartamente a Bocage.

É autor da *Jornada às côrtes do Parnaso* onde revela as seguintes qualidades: *a)* chiste bastante feliz; *b)* naturalidade pouco vulgar no seu tempo; *c)* perícia técnica avessa à monotonia, variando com felicidade as medidas. O poeta combate com justeza a escola gongórica e todo o mau gosto literário, mas não poupa os melhores vultos da própria escola quinhentista.

8 — São escassos os dados da sua vida. Nasceu perto de Coímbra na vila de Pereira. Foi licenciado em direito e advogado. A coragem moral com que julgava e criticava parece, pois, coadunar-se com a sua vida de auxiliar do cumprimento das leis (2).

---

(1) O seu novi-cristianismo duvidoso parece provado pelos proprios rigores excessivos da Inquisição contra a família dêle. Serrão de Castro deixou vários versos e bastante prosa.

(2) Uma amostra do seu espírito e estilo:

Um Luís de Camões, poeta torto,
Que era em cousas de mavorte mui visto,
E já comera muita marmelada
Desde o polo antarctico a Calisto ...

Poetas dramáticos

1 — A nossa poesia dramática — o nosso teatro em geral — não podia ter originalidade e grandeza nesta época. A Raça sofria uma das depressões mais nocivas e complexas de que a história fala. A época social e política era formalista, atreita ao preciosismo e à desnacionalização, em proveito da hegemonia da França absolutista e do imperalismo espanhol, embora êste já estivesse decadente.

Os autores dramáticos de Espanha tinham, portanto, em Portugal, o melhor caminho para a sua influência predominante, não só porque estavamos espanholizados e assim ficamos, afinal, até muito depois da Restauração, que não podia emancipar-nos de golpe de toda a influência do espírito espanhol (1), mas tambem porque a arte dramática do povo visinho predominava com grande poder nas principais literaturas da Europa.

É uma injustiça gratuita culpar os Jesuitas na depressão do nosso teatro. Se o Padre Inácio de Azevedo fez activa e permanente censura, até dum modo directo e pessoal, à nossa vida scé-

(1) Influência que, como temos visto, nos não desacompanhou na formação da literatura e até no seu período de esplendor.

nica, agiu sempre impulsionado pelo espírito de moralidade que decaíra funestamente na vida portuguesa. Ora a fiscalização moralista, por mais rígida que seja, nunca pode prejudicar a verdadeira arte. Pelo contrário, favorece-a, abrindo-lhe horizontes maiores e mais elevados, nacionalizando-a dentro da melhor saúde moral, que é a saúde basilar de todos os organismos duradouros.

Inácio de Azevedo, e com êle toda a Companhia de Jesus, viu penetrantemente a realidade. A plena e excessiva liberdade do nosso teatro só poderia agravar a tremenda crise moral que abastardava a Raça.

E, se a crise moral, já funesta, nos entregava tão passivamente à influência espanhola, eram de prever as conseqüências fatais da imoralidade triunfante, a qual, depois de dissolver os costumes, já bastante dissolutos, acabaria por exterminar as debeis reservas do nosso amor-pátrio.

A experiência de todos os dias prova-nos que com o triunfo maior da imoralidade coincide sem falta a desvirtuação da arte dentro da atrofia do sentimento nacional, que é de-pressa substituido por um cosmopolitismo dissolvente e anárquico.

2 — Os Jesuitas, fiscalizando a nossa arte scénica (1), prestaram, afinal, um bom serviço ao

(1) No seculo XVI já tinhamos os *côrros*, ou teatros públicos.

Com o domínio filipino (Alvará de 20 de Agosto de

país. E, se apenas D. Francisco Manuel de Melo continuou com glória a obra de Gil Vicente, é porque a genialidade portuguesa continuava moralmente deprimida pela falta de sentimento nacional, falta que foi a causa verdadeira da duração do dominio espanhol, tanto política como mentalmente.

Devem-se aos Jesuitas várias *tragi-comédias*, que, medianas como eram no seu valor artístico, correspondiam ao nível mental dos portugueses, e contribuiram com louvável fervor para moralmente o alevantarem e sanearem.

Devem-se-lhes também numerosos *Autos hieráticos nacionais*, que continuaram, com incontestável sinceridade e disciplinadora moralidade, a bela obra gil-vicentina. *Clemente Lopes*, *Francisco Lopes Livreiro*, *Antão Pires Gonge*, escreveram *Autos* dêsses, mais ou menos interessantes, e que, naturalmente, não podiam ser todos geniais.

No próprio esplendor da nossa literatura,

1588) êsses teatros foram fiscalizados e em parte explorados pelo Provedor e oficiais do Hospital de Todos-os-Santos. Assim se assegurava a moralidade do nosso teatro, dando-se aplicação caritativa a parte das receitas dos espectáculos. Aquele privilégio, confirmado pelos Alvarás de 7 de Outubro de 1595 e 9 de Abril de 1603, e que durava 2 anos, teve o carácter de perpetuidade pelo Alvará de 10 de Novembro de 1602. Os teatros tomaram o nome de *Pateos*, segundo a designação espanhola. São célebres o *Pateo da Ferraga*, o *Pateo das Fangas da Farinha*, o *Pateo das Arcas*, etc. E eram, na verdade, os Jesuitas — e nomeadamente o Padre Inácio de Azevedo — quem mais activamente velava pela moralidade das peças em scena.

Gil Vicente foi quási o único que emergiu com genialidade.

E a prova máxima de que os Jesuitas não tolheram a vida do nosso teatro, como tantos afirmam automàticamente, está no livre avultamento da figura genial de D. Francisco Manuel de Melo, como poeta dramático de primeira ordem.

3 — **D. Francisco Manuel de Melo**, o glorioso polígrafo, é o Gil Vicente do seu tempo. Seguindo embora as fórmulas de Lope de Vega — a divisão em *Jornadas*, e o uso das redondilhas — o grande escritor deixou-nos no *Auto do Fidalgo Aprendiz* uma peça dramática de-veras portuguesa e que excede em realismo puro, em graça, em animação e arte, quási todos os autos de Gil Vicente. *O Fidalgo Burguês* de Molière não foi pressentido, como diz T. Braga. Antes Molière se inspirou no *Fidalgo Aprendiz*, onde se pinta a psicologia do Portugal daquele tempo com tal verdade e precisão, que o autor fica ao par dos maiores poetas dramáticos de todas as idades.

Assinalam o *Auto do Fidalgo Aprendiz* as seguintes eminentes qualidades: *a)* noção profunda da mesologia nacional; *b)* a elegante singeleza e pureza do estilo; *c)* a visão psicológica sem afectações, directa, penetrante, certeira; *d)* um chiste vivo e irrequieto, e, contudo, decente e como que reconstrutor; *e)* o espírito claramente moralizador nas mais animadas facé-

cias, ministrando a verdadeira sátira, a que ensina, castigando; *f)* uma arte portuguesíssima no verso descontrafeito, fluente, cheio de maleabilidade prodigiosa, modelar.

A genialidade de D. Francisco Manuel de Melo firma-se muito neste seu *Auto* para quem reflectir com atenção e inteligência nos factos invulgares da sua vida de batalhador e de mal-aventurado (1).

4 — **Pedro Salgado** é o nome dum autor português de comédias de *capa e espada*, se-

---

(1) Os autores das principais tragi-comédias foram: os Jesuitas *Pedro de Vasconcelos*, *João da Rocha*, *Domingos Teixeira*, o *Padre Luís da Cruz*, *Padre Luís Ribeiro*, *Padre José Leite*, *D. Afonso Mendes*, *Fr. Manuel Rodrigues*, e *Padre André Fernandes* etc. Não citaremos, senão a título de curiosidade, *António Henriques Gomes*, *Matos Fragoso* e *Manuel Freire de Andrade*, porque nas comédias que escreveram usaram só a língua espanhola.

Muitas dessas tragi-comédias representaram-se antes do domínio espanhol. *Sedecias*, tragi-comédia do padre jesuita Luís da Cruz, foi à scena no Colégio das Artes, de Coimbra, solenizando a visita de D. Sebastião, ainda criança. A mais célebre tragi-comédia nossa do Séc. XVII é a *Real Tragi-comédia do Descobrimento e Conquista do Oriente* pelo Padre António de Sousa. Foi representada quando Filipe III entrou solenemente em Lisboa (1619). Merecem também menção as tragédias *Vita-Humana*, *Josephus* e *Manasses* do Padre Luís da Cruz.

T. Braga e o snr. Dr. Mendes dos Remédios notam o grande aparato scénico das Tragi-comédias. Achamos êsse aparato natural numa lição viva da História. Não procedem doutra forma os grandes dramaturgos modernos quando se referem a assuntos históricos. E a pecha de tais peças serem escritas em latim perderá talvez um pouco da sua gravidade, se ponderarmos que as tragi-comédias serviam, ao mesmo tempo, de exercícios escolares e de propaganda moral. Enfim, a sua longa duração (às vezes dois dias de espectáculo) foi um defeito vulgar naquele tempo em toda a Europa.

gundo a fórmula espanhola. Incorrecto, mas vivo, deixou-nos *O Hospital do Mundo* e o *Dialogo gracioso de Terracuça*, revelando um notável talento de psicólogo.

5 — Embora houvesse deploráveis exageros nas censuras do *Index expurgatorio*, que feriu implàcavelmente as obras de Gil Vicente, e, com muito mais razão, as de Ribeiro Chiado, Baltazar Dias, etc. é certo que o teatro português, no Século XVII, ganhou em purificação moral o que perdia em vivacidade. Sem o espírito de censura que o orienta, e continuando adormecido o sentimento nacional, não teriamos mais do que uma licenciosidade lastimável, bastante parecida à do nosso tempo. Mas o vulto de D. Francisco Manuel de Melo prova plenamente que o sentimento nacional não foi de-veras oprimido por essa censura, a-pesar-de excessivamente rígida.

Os Prosadores

1 — Assim como na *Epoca de Consolidação* os poetas palatinos pareceram encarnar em demasia a influência espanhola, mas os cronistas consolidaram admiràvelmente a nossa língua e a nossa literatura, assim no Século XVII a poesia bandeou-se toda com o espírito de Espanha, mas a prosa, inçando-se embora de gongorismos, continuou com fulgor, e às vezes com superioridade, o espírito quinhentista, se não no sentimento, na fórma.

A nossa língua, se importou bastantes espanholismos, enriqueceu-se nas fontes nacionais, disciplinou-se dentro das formas eruditas sem desaproveitar, e antes utilizando com zêlo, o léxico popular.

Aprimorou-se de-certo muito o estilo, olhando-se mais para a fórma do que para a essência, e deu-se excessivamente a palma à retórica, que às vezes foi pretenciosa, falsa, até ridícula. Mas, se o espírito scientífico progrediu pouco, a língua opulentou-se, e os trabalhos de talentosos frades deram à nossa prosa um tom clássico e ao mesmo tempo profundamente religioso e nacional. Preparou-se assim a língua para exprimir depois com propriedade e elegância as noções scientíficas que o nosso povo fôsse adquirindo e os novos aspectos estéticos que lhe impressionassem a alma sugestionável.

Portanto, os prosadores dêste tempo, se, com Vieira e Bernardes, são talvez os maiores da nossa literatura, como senhores de bastante elevação moral e poder verbal, afirmam, sem dúvida, que a decadência literária teve aspectos artísticos às vezes superiores aos da época do esplendor. Enfim, a sua primazia relega para um plano muito secundário os efeitos maléficos do jugo filipino, e consolida o reconhecimento que os Portuguêses devem à Companhia de Jesus e a outras Ordens Religiosas, tão beneméritas defensoras da vernaculidade, beleza e disciplina da língua e da moralidade das ideias e dos sentimentos.

Historiadores

1 — **Fr. Bernardo de Brito** — Não é um historiador scientífico. O seu temperamento é o dum ardente poeta, cheio de amor pátrio, mas imperfeito na expressão crítica. Não investiga com despaixão. Faz história com um preconceito firme — o de honrar a pátria e a Raça. No fundo do seu trabalho há uma grande virtude — a de querer reconstruir a Pátria arruinada, ainda que seja à custa das lendas mais inverosímeis e duvidosas. Falta-lhe lamentávelmente o critério histórico que podia permitir-lhe serviços muito patrióticos dentro do culto da verdade rígida. Mas, se a verdade claudica, deixa ao menos reconfortado o sentimento nacional, deixa-o interessado, sem perigo, pelas investigações mais audazes e perfeitas que vão seguir-se à obra do talentoso cisterciense.

Das suas qualidades e defeitos dão prova abundante os livros *Cronica de Cister*, *Elogios dos Reis de Portugal* e *Monarquia Lusitana* (1.ª e 2.ª parte) (1) que fundamentou no estudo, bastante inoportuno, dos primeiros tempos da

(1) Os continuadores *António Brandão* (3.ª e 4.ª parte) *Francisco Brandão* (5.ª e 6.ª parte) *Rafael de Jesus* (7.ª parte) e *Manuel dos Santos* (8.ª) encontraram o historiador a referir-se ainda à chegada do Conde D. Henrique à Península.

humanidade. E notar-se-lhe-ão estas qualidades: *a)* grande vida no relato, muita animação e côr; *b)* uma visão clara da psicologia das personagens; *c)* erudição, se nem sempre apropriada, muito extensa; *d)* grande poder expressivo, que nas descrições chega a ser modelar. Mas, como estilista, eivou-o demais o gongorismo, o que empasta e anemiza muito as suas qualidades.

2 — **Bernardo de Brito** — no século, Baltazar de Brito e Andrade — foi nomeado Cronista-mór por Filipe II em 1616. Professou no mosteiro de Alcobaça. Atribuem-lhe artes embusteiras, como historiador, com a cumplicidade de Gaspar Alvares de Lousada. Não é possível verificar, à luz dos escassos elementos biográficos que sôbre êle temos, se teria carácter para tal improbidade, pelo menos dum modo consciente. Bernardo de Brito nasceu em 1568 e morreu em 1617.

3 — **António Brandão** — Êste frade primou no rigor do critério histórico. Continuando a obra de Bernardo de Brito, pôs de parte com grande firmeza os elementos mèramente lendários e aproveitou com admirável penetração os documentos incontroversos e positivos.

A sua linguagem, castigada e severa, a sua erudição extensa e intensa e um raciocínio claro e audacioso, conferem-lhe um lugar distinto. Enfim, sacrificou muito a forma à

essência. É deplorável que não passasse além de D. Afonso III (1).

4 — Fr. António Brandão que nasceu em 1584 e morreu em 1637 não teve na sua vida lances muito elucidativos da sua psicologia, ou êles não chegaram até nós.

5 — **Fr. Luís de Sousa** — Êste historiador é rigorosamente apenas um grande estilista, porque nada curou da verdade histórica. Os elementos de que dispunha eram quási só os apontamentos de Fr. Luís de Cacegas, laborioso coleccionador, mas dotado de critério imperfeito. Mais do que sexagenário, escreveu Fr. Luís de Sousa as suas obras no repouso incomparável da vida do claustro, e com muita paixão pela pureza, elegância e fluência do estilo. Os seus trabalhos revelam claramente um verdadeiro amor da arte pela arte, mas iluminado por uma grande e enternecida pureza moral.

As suas obras mais elogiadas são: *Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Martires* (a mais tocante e deleitosa), *Historia de S. Domingos* e *Anais de El-Rei D. João III* (2).

---

(1) D. José Barbosa (*Catálogo Cronológico, Histórico Genealógico e Crítico das Rainhas de Portugal*, letra *A*, n.º 4, pag. 8) chama-lhe o *Verdadeiro. Hércules das dificuldades da História Portuguesa*, juizo que Alexandre Herculano mais tarde confirmou.

(2) Não é muito feliz Fr. L. de Sousa nesta obra, que carece de vida. Foi baseada nuns apontamentos de D. Luís Lobo sobre feitos de África, sobre o livro de *Despachos e anotas diplomáticas* de Pedro de Alcáçova Carneiro, livro que

Qualidades proeminentes: *a)* suavidade e pureza; *b)* uma simplicidade convizinha da santidade; *c)* uma naturalidade magnífica que faz pôr de parte a ideia de qualquer esfôrço. Defeitos: *a)* certa monotonia; *b)* leveza de critério; *c)* uma ou outra afectação de purismo.

6 — Fr. Luís de Sousa foi no século Manuel de Sousa Coutinho. Batalhou no Oriente e foi cativo dos Mouros em Argel. Regressando a Portugal, desposou D. Madalena de Vilhena, viuva de D. João de Portugal, morto em Alcácer-Quibir e que Garrett fantasiou ter sobrevivido. Deitou o fogo em 1587 ao seu palácio de Almada para não ter que agasalhar os governadores espanhois do reino. Mas, fugindo a vinganças, logrou justificar-se em Madrid e voltou para ao pé dos seus. A morte da filha unica inspirou aos pais desconsolados o abandono da vida mundana. Professaram os dois na Ordem dominicana: êle no convento de Bemfica, e ela no convento do Sacramento.

A dolorosa resignação que cultivou na vida claustral e o amor do belo, estimulado pela quietude e pela morte das paixões, colaboraram muito na doçura, calma e primor da sua línguagem inconfundivel. Fr. Luís de Sousa nasceu

---

lhe enviou Francisco de Lucena, e sobre notas de Gil Gonçalves de Avila, cronista-mór de Espanha. *A crónica de Arzila* de Pero de Andrade Caminha, *Crónica de D. João III* por António de Castilho e as *Decadas* de João de Barros completaram a sua documentação.

em Santarem no ano de 1555 e faleceu em Bemfica no ano de 1632.

7 — **Jacinto Freire de Andrade** — Êste historiador, que tambem se afirmou poeta na *Fenix Renascida,* foi um dos grandes talentos despenhado na retórica balofa pelo gongorismo. É inegável o seu conhecimento da língua e até a evidência do engenho no meio de tantos verbalismos campanudos. Mas nem o bom-senso estético nem o critério histórico o recomendam na *Vida de D. João de Castro,* panegírico afectado duma grande figura nacional. Aproximaram-no excessivamente ora de Tito Livio, ora de Salustio. Jacinto Freire de Andrade nem lembra um nem outro, a não ser em algumas ênfases discursivas. E tem a qualidade singular de escrever uma prosa que apresenta, a cada passo, períodos parecidos a trechos de poesia, tão exagerada era a sua preocupação pelas eufonias preciosas. Não viu J. F. de Andrade a psicologia do seu biografado, e nem sequer o fez emergir com naturalidade na série de factos que relata empoladamente.

Contudo, se lhe mingúam o critério e a naturalidade, é evidente a vasta erudição e é incontestável a elevação moral, a-pesar-de submergida em arte tão afectada.

8 — Jacinto Freire de Andrade (1597-1657) foi abade de Sambade e de Santa Maria das Chãs. Parece que escreveu a sua obra e o folheto *Portugal Restaurado* em obediência a

quem prezava muito o gongorismo. Enfim, até pelo facto de ter satirizado na juventude os desmandos do culteranismo, é lícito pensar que J. F. de Andrade pertence à grande legião de literatos, esmagados pelas imposições da moda ou da prepotência. Apenas cuidam êsses de alindar extravagantemente assuntos, que mediocremente os interessam, ou que só poderiam encarar com superioridade, se vivessem livres de impertinentes coacções.

9 — **Manuel de Faria e Sousa** — Escreveu quási sempre em espanhol. É de justiça não lhe negar, como é freqüente, o seu valor de poeta, que Lope de Vega muito apreciava, nem certas qualidades de historiador no *Epitome de las historias purtuguesas*, depois refundido com o título *Europa. Asia e Africa purtuguesas*. Se o seu estilo é intensamente gongórico, não lhe falta a boa observação e até um critério por vezes superior ao dos historiadores do seu tempo. E nem tudo é despiciendo nas *Rimas várias de Luís de Camões comentadas*, porque os seus comentários avultam, a-pesar-dalguns erros bastante desvalorizadores, como expressões duma consciência esclarecida.

10 — M. de Faria e Sousa nasceu em 1590 e morreu em 1649. Mercadejou as boas graças e as mercês de Filipe II. Foi um adulador venalíssimo de Cristovão de Moura.

E, triunfante o movimento de 1640, continuou a viver em Espanha. Parece, enfim, que

foi espião ao serviço de Castela. Contudo, esta baixeza moral não se reflecte excessivamente na obra de quem teve a coragem de alevantar o valor dos portugueses em Aljubarrota e de pintar com nobreza e verdade as figuras de D. João I e de Nunalvares.

Haverá talvez excessiva hiperbole nas fontes de tamanhas acusações. Não se conhecerão talvez suficientemente as atenuantes de várias supostas baixezas de M. de Faria e Sousa, afinal nunca atendido nos seus peditórios pelo monarca Castelhano.

11 — **Manuel Severim de Faria** — Foi um erudito. Possuidor da melhor biblioteca de manuscritos que havia no seu tempo em Portugal, auxiliou Fr. Luís de Sousa com a *Cronica de D. João III*, por António Castilho. *Nos discursos varios politicos* deixou prestàvelmente as biografias de Camões, J. de Barros e Diogo do Couto. *Nas Noticias de Portugal* e na *Historia das Quatro Ordens Militares*, enriqueceu a nossa História política e social, e biografou figuras notáveis. Se a sua linguagem revela muito a influência da época, o seu critério honesto e laborioso recomenda-o aos estudiosos.

12 — Nasceu M. Severim de Faria em 1583 e morreu em 1655. Nenhum facto conhecido da sua vida desdiz da probidade e honrada consciência dos seus trabalhos.

13 — **D. Luiz de Menezes,** 3.º conde de Ericeira, é talvez menos conhecido e apreciado

do que merece. Escritor gongórico e historiador bastante apaixonado, a sua *História de Portugal Restaurado* atesta, porém, bastante talento narrativo e um notável fundo filosófico. E a sua linguagem, rica e animada donde a onde, não deixa de ter vernaculidade e colorido.

14 — D. Luís de Menezes (1632-1680) foi um patriota denodado. Militar valoroso, bateu-se em quási todas as batalhas da Guerra da Restauração. Carácter puro, teve grande préstimo como conselheiro político na conspiração de 1640.

Viu, como poucos, a psicologia dos Portugueses, ao repelir o exemplo republicano da Holanda, evocado pelos conspiradores, que se exasperavam com as vacilações do futuro D. João IV. A sua obra reflecte plenamente o seu nobre espírito e a honradez do seu carácter.

15 — **D. Francisco Manuel de Melo** teria o direito de ser considerado um dos nossos maiores historiadores, se tivesse escrito em português a sua história das *Guerras da Catalunha.* (*Historia de los movimentos y reparacion de Cataluña*). Mas as qualidades eminentes, patenteadas nessa obra, escrita em espanhol — simplicidade nobre e vigorosa de estilo, critério independente, boa penetração psicológica — relampejam nas suas *Epanaforas,* formosas telazinhas históricas.

Merece, realmente, muito mais o epíteto de *Tácito português* do que João de Barros o de nosso *Tito Lívio,* porque é difícil encontrar em

quaisquer historiadores tanta concisão, e tanta vida nas ideias, nos sentimentos e na linguagem (1).

16 — **Jeronimo Mendonça** — Damos vulto à-parte a êste historiador, porque a sua *Jornada de Africa* não é só o livro curioso dum viajante, é um bom auxiliar histórico sobre a catastrofe de Alcacer-Quibir. O autor assistiu a ela e ficou prisioneiro. A sua narrativa prima pela singeleza e pela sinceridade.

Enfim, *Manuel Godinho* também merece

---

(1) Merecem referencia, mais ou menos elogiosa, os seguintes historiadores: — *D. Fernando de Menezes*, 2.º conde de Ericeira. Foi regedor da Casa da Suplicação e vereador do Senado de Lisboa (1614-1699). Escreveu: *História de Tanger* e *Vida e acções de El-Rei D. João I.* — *D. Rodrigo da Cunha*. Foi Bispo sucessivamente de Portalegre e do Porto e sucessivamente Arcebispo de Braga e de Lisboa (1517-1643). Escreveu: *Hist. Ec. da Igreja de Lisboa*, *Hist. Ec. de Braga* e *Catálogo dos Bispos do Pôrto*. Estilo elegante e puro, mas pouco critério histórico. — *Jorge Cardoso*. Foi advogado em Lamego, sua terra natal, e professor de direito civil. Escreveu o *Agiologio Lusitano*, muito erudito e em linguagem tersa. — *Baltazar Teles*. Escreveu a *Cronica da Companhia de Jesus*, valiosa, e a *História da Etiopia*, muito interessante. — *Francisco de Brito Freire*. Escreveu *Nova Lusitania*. Enfase e difusão. — *Fr. Roque do Sovral*. Morreu em 1660, com 90 anos. Deixou uma erudita *Crónica da Ordem de Cristo*. — *João Baptista Lavanha*. Sucedeu, como Crónista-mór, a Fr. Bernardo de Brito. Escreveu: *Viagem da Católica Real Magestade de El-Rei D. Filipe II* e *Relação do Solene Recebimento*, etc., e uma curiosa *Descrição da Guiné*. Foi cortesão dos Filipes. — *Luís Coelho de Barbuda*. Publicou em 1624 *Empresas militares dos Lusitanos*. Erudição. Demasiada credulidade em lendas e anedotas. — *Alvaro Ferreira de Vera*. Escreveu *Vidas abreviadas de D. Afonso Henriques*, etc. É uma especie de Eutropio, mas com a afectação própria do tempo.

referencia de apreço. Escreveu com bastante elegância a Vida de *Fr. António das Chagas*, fundador do Seminário Varatujano (das Missões) (1).

(1) Fr. António das Chagas, além de ser um dos nossos escritores que mais merecem ser como que reabilitados, porque nas já citadas *Cartas Espirituais* afrontou com rara coragem moral o predominio do gongorismo, é muito credor do reconhecimento dos Portugueses pela sua profunda visão dos melhores interesses nacionais e católicos.

É uma das mais nobres e valorosas figuras na luta da Igreja portuguesa pelo ressurgimento moral.

Livros de viagens

1 — O caminho aberto por *Fernão Mendes Pinto* e *António Tenreiro* à nossa literatura foi seguido nesta época por bastantes literatos, estimulados pelas curiosidades da Etiopia, ou Reino do Preste João, onde o padre espanhol Pedro Pais pôde consolidar muito o predomínio da Igreja Católica (1).

2 — Mas nenhum dêsses livros de viagens se ergue à altura da *Peregrinação* ou do *Itinerário*. Falta-lhes a pureza e elegância do estilo e a sobriedade da côr. Contudo, demonstram exuberantemente os serviços prestados por Portugal à Civilisação e a muita vontade de instruir e educar que animava os seus autores.

3 — *Pedro Pais* (2), *Manuel Barradas* (3), *Manuel de Almeida* (4), *Fr. Gaspar de S. Bernardino* (5) e *Manuel Godinho* (6) são pouco me-

---

(1) Os Jesuítas tinham conseguido, no reinado de D. João III, fundar o patriarcado da Etiopia. O primeiro Patriarca foi D. Afonso Mendes. D. Pedro Pais no Sec. XVII consolidou aquela grande obra. Daí a como que moda de, a proposito de tais vitórias religiosas, escreverem vários livros sôbre a Etiopia, analizando a sob todos os pontos de vista — raça, flora, fauna, história, geografia, etc.

(2) Escreveu *História da Etiopia.*

(3) Escreveu *Estado da santa Fé Romana, na Etiopia*, etc.

(4) Escreveu *História da Etiopia*, a *Alta*, ou *Abassia*, etc.

(5) Escreveu *Itinerário da India por terra até à ilha de Chipre.*

(6) Escreveu *Relação do novo caminho através da Arábia e Siria*, etc.

nos do que medíocres na linguagem e no método.

4 — **Baltazar Teles,** que já citámos como historiador apreciavel, é o mais notável dos autores dos livros de viagens, que, ao mesmo tempo são bons livros históricos.

Os Oradores

1 — A eloqüência tinha então o recurso dos pulpitos e das cadeiras do professorado. Mas a eloqüência sacra, por ter muito maior auditório e pelo poder sugestivo dos seus assuntos, fàcilmente predominou sôbre qualquer outra eloqüência. Não deixaram por isso renome bastante os cultores da oratoria académica desta época.

2 — O gongorismo apoderou-se de-pressa da eloqüência sacra, inçando-a dos seguintes vícios: *a)* enfase excessiva; *b)* metáforas que, por sinal, permitiam alusões mordazes, às vezes muito audaciosas; *c)* trocadilhos infantis que frequentemente converteram os sermões em mesquinhos torneios da arte pela arte; *d)* circunlóquios que não raro deformavam a pureza e beleza da propria doutrina; *e)* subtilezas torturadas que, a cada passo, efeminavam e até sensualisavam as expressões; *f)* a tendência para o paradoxo e para o enigma, a debilitar a orientação filosófica do orador e a deprimir-lhe até a melhor elevação mística.

3 — **O padre Antonio Vieira**, porém, alevantou-se genialmente acima de todos os oradores sacros. A-pesar do seu gongorismo, que freqüentemente repelia, mas que não deixava de o afectar, a eloqüência do grande orador era tão

estimulante do pensamento e do sentimento como cultora admirável da linguagem.

Qualidades soberanas de Vieira: *a)* a sublimidade dos conceitos, expressivos, de ordinário, de ideias puras, fortes e elevadas; *b)* a ironia vigorosa e penetrante nos reparos e nos juizos: *c)* o fulgor das imagens, tão definidoras como se fossem produto duma análise profunda; *d)* a justeza dos epítetos, quási sempre aliada à força essencial dos argumentos; *e)* o grande poder persuasivo, fortificado pela elegância e vernaculidade da linguagem; *f)* a intensidade expressiva dos sentimentos patéticos, apoiados sempre numa sólida orientação filosófica e artística, com uma visão honestamente realista e naturalista, que favorecia descrições excelentes. Os seus maiores defeitos eram: *a)* o uso imoderado das antiteses; *b)* arrojos na liberdade de dizer, que deixavam supor demais a busca de grandes efeitos; *c)* a demasiada nota do tom político e mundano nos sermões de assuntos mais piedosos; *d)* o rasgo excessivamente teatral de muitas apóstrofes; *e)* o carácter argucioso de bastantes expedientes dialécticos; *f)* alguma exagerada pompa de epitetos, nem sempre necessários e nem sempre substanciais.

Os seus *Sermões* (26 volumes) no número de 200 constituem uma obra monumental, nunca entre nós excedida e nem sequer igualada.

4 — A vida do Padre António Vieira (1608-1697) condiz admiràvelmente com a sua obra.

Jesuíta desde 1625, foi de-pressa um notável professor de retórica e dogmática. Do Brasil, onde trabalhava como apostolo eminente, veio a Portugal onde prègou com êxito estupendo. D. João IV nomeou-o prègador da côrte e, avaliando-lhe a inteligência superior, fê-lo seu diplomata predilecto.

Junto de várias côrtes da Europa serviu distintamente a causa portuguesa. Glorificado pelos serviços tocantes que prestara aos índios do Brasil, com o risco da propria vida, e fruindo mais justo favor na côrte, salteou-o o infortúnio quando da morte de D. João IV. Desterrado para o Porto e depois para Coímbra, foi mais tarde encarcerado nas prisões da Inquisição. Vieira proclamara a sua crença nos vaticínios do Bandarra, escrevendo a *Clavis Prophetarum*. Esteve preso desde 2 de Outubro de 1665 até 24 de Dezembro de 1667.

Mas em 1669 já prègava na côrte com grande aplauso, e nesse ano seguiu para Roma, a promover a beatificação do mártir Jesuíta Inácio de Azevedo.

Em Roma prègou seis anos, nomeando-o seu confessor e prègador a raínha Cristina da Suecia, que naquela cidade o ouviu e admirou.

A 27 de Janeiro de 1681, seguiu para o Brazil. Tinha 71 anos. No Brasil padeceu as mais angustiosas hostilidades. Sofreu-as com admirável heroísmo. A 10 de Julho de 1697, morreu

perto dos seus queridos índios, que paternalmente amára.

5 — **Padre Manuel Bernardes** — É êste o nosso orador sacro mais empolgante pela unção enternecida e pela pureza, riqueza e doçura da linguagem.

Contudo, não é facil nem justo dar-lhe superioridade absoluta no seu paralelo com António Vieira.

Cada um tem a sua primazia. Vieira é a catadupa e o relâmpago: Bernardes é o crepúsculo suave e o luar piedoso, o extasis e a ternura. Se há muito de Bossuet no primeiro, como diz o sr. dr. M. dos Remédios, há nele tamanha exuberância descritiva que de-veras lembra o naturalismo de Homero. Se no segundo há longes de Fénelon, a elevação mística aproxima-o dos grandes contemplativos que extraem a pureza do estilo duma espécie de extasis supremo e permanente, não muito vulgar nas páginas mais doces do autor de *Telemaco*.

Os *Sermões* de Bernardes são obras-primas da arte genuìnamente cristã. Assinalam-nos as seguintes qualidades: *a)* a elevação impecável do pensamento, dentro da maior pureza do sentimento; *b)* a contemplação superior da Verdade e da Justiça Divina dentro da Bondade e da Beleza; *c)* a elocução calma e harmoniosa, pura, a-pesar-de opulentíssima, interessante e primorosa, a-pesar-de genial de naturalidade.

Os seus defeitos — eiva de gongorismo,

alguma monotonia, certa obscuridade, que mais será subtileza — têm o valor de máculas secundárias.

6 — A vida do Padre Manuel Bernardes (1644-1710) foi calma e extática como todas as suas obras. Formado em canones e filosofia pela Universidade de Coímbra, professou com 30 anos de idade na Congregação do Oratório. E durante 36 anos se repartiu entre o claustro, o púlpito e a biblioteca.

Orou, prègou e escreveu sem aspirações mundanas, mas amando com enternecimento a pátria, cuja língua enriqueceu com verdadeiros e imortais tesouros. Para o fim da vida, teve a provação de perder a vista, seu auxiliar precioso, e em seguida perdeu também a razão — se é que a mudez melancólica em que se engolfou, e que já seria hiper-extasis, não revelava mais a posse do verdadeiro juizo do que uma demencia lastimável.

7 — Outros oradores sacros se notabilizaram então, mas a colossal estatura de Vieira e de Bernardes prejudicou-lhes o avultamento.

8 — *Fr. Filipe da Luz* (finado em 1633) e *Fr. João de Ceita* (finado no mesmo ano) deixaram modelos de linguagem, a-pesar-de bastante gongórica. *O Padre Bartolomeu do Quental* (finado em 1698 e fundador da Congregação do Oratório em Portugal) merece boa referencia pela energia do pensamento e pela riqueza do

estilo. *Luís Álvares,' Cristovão de Almeida. Tomás da Veiga, António de Sá* e *Francisco de Amaral* foram prègadores notáveis e alguns deles eloqüentes professores.

Filosófos e moralistas

1 — A esta classe pertence com distinção o *Padre António Vieira*, como autor da *História do Futuro*.

A mesma categoria lhe seria devida, se tivesse escrito, como tanto tempo se acreditou, a interessante *Arte de Furtar*. Contudo, na sua filosofia há a mancha do hermetismo medieval.

2 — **O Padre Manuel Bernardes** impõe-se como filósofo e moralista não só nos *Sermões e práticas*, nos *Exercícios espirituais e meditações da vida purgativa*, nos *Ultimos fins do homem* e nos *Tratados vários*, como nos deliciosos livros *Luz e Calor* e *Nova Floresta*, as suas obras-primas pelo estilo e pela profunda filosofia. Ninguém combateu mais nem melhor do que êle a degeneração de Portugal.

3 — A Filosofia e a Moral reagiam previdentemente contra as infiltrações do espírito revolucionário que, desvirtuando o experimentalismo de Francisco Bacon, exagerando o racionalismo de Descartes e valorisando os paradoxos, às vezes ridículos, mas sempre subversivos da autoridade eclesiástica, de Tomás Hobbes — pretendia exautorar, com Aristóteles, os Doutores da Igreja e os mestres das sciências sociais e políticas.

Por isso, abundaram autores de cursos de filosofia escolastica e moralistas rigidamente in-

transigentes com os inimigos das tradições medievais. Se o gongorismo e o exagero casuista lhes macularam as obras, a finalidade dos seus trabalhos era a defesa austera do verdadeiro sentimento nacional e católico.

Alegoristas bucólicos

1 — O mais notável é *Francisco Rodrigues Lobo* nas pastorais *Pastor Peregrino*, *Desenganado* e *Primavera*, obras que, porém, julgamos pertencerem de-veras ao género lírico. Só nos defeitos serão modelos de alegorismo bucólico.

2 — **Eloi de Sá Souto** escreveu a pastoral *As Ribeiras do Mondego*, jactando-se de ter feito a sua obra antes de aparecerem as de R. Lobo. Estilo pretencioso, difuso, monótono. Não o excede *Diogo Ferreira Figueiroa*, criado do Duque de Bragança. Publicou em 1636 *Desmaios de Maio em sombra de Mondego*, e parece que os amigos o obrigaram a dar à estampa aquela sensaboria, que ameaçou de seqüencia nas *Côrtes de Amor* e no *Teatro da Fama*. Felizmente, nunca vieram a lume. — *Gerardo de Escobar* escreveu em 1672 — *Cristais da Alma, frases do coração, retorica do sentimento e amantes desalinhos*, verdadeiro labirinto de gongorismo — *Padre Mateus Ribeiro* em 1688 publicou o *Retiro de Cuidados*, com melhor critério, embora com excessivo gongorismo. *Felix Castanheira Turacem* tem um valor similhante no *Serão Político* — *O Padre Manuel Bernardes*, no *Estimulo Prático*, fez uma colecção de *Contos* alegóricos com intentos de moralista — Padre Alexandre de Gusmão — escreveu

História do Predestinado peregrino e de seu irmão precito.

T. Braga julga esta obra uma paródia do *Pilgrim Progress* de Bunyan. Se assim é, a paródia tem um valor curioso, porque corrige bastante a fantasia excessiva do autor inglês.

Epistológrafos

1 — Os principais são: *Padre António Vieira*, modelar de simplicidade e naturalidade (500 cartas sobre os mais variados assuntos) — *D. Francisco Manuel de Melo*, que se autobiografa admiràvelmente nas *Cartas Familiares*, e ao mesmo tempo pinta com nitidez o nivel mental e moral do seu tempo — *Fr. António das Chagas*, autor das belas *Cartas Espirituais* a que já nos referimos, modelares de elegancia, singeleza e afectuoso sentimento. No seu género — misticismo desafectado e elevado — merecem uma primazia pura.

2 — **Mariana Alcoforado.** Atribuem a esta freira de Beja as chamadas *Cartas duma Religiosa Portuguesa.* Escrevê-las-ia ao conde de S. Léger, depois conde de Chamilly, que serviu em Portugal sob o comando de Schomberg.

É hoje geralmente repelida a autenticidade delas, a-pesar-das escaramuças polemisticas que fundadas em afirmações de T. Braga, teimam em dá-las como obra portuguesa.

O jornalismo

1 — Nos princípios do Século XVII surdiram os jornais em Portugal. É provavel, porém, que já no Século anterior lhe servissem de precursores os *papeis volantes* e outras publicações noticiosas.

2 — **Manuel Severim de Faria** parece que foi o fundador do jornalismo noticioso no *Relação universal do que sucedeu em Portugal e nas províncias do Ocidente e Oriente.* Publicou-se em Lisboa desde Março de 1625 até aos fins de Setembro de 1626 e em Braga até Agosto de 1627.

3 — Em 1641, começou a publicar-se a *Gazeta em que se relatam as novas todas que houve nesta côrte e que vieram de várias partes* (mensal, com 6 páginas, em 4.º). Relatos excessivamente lacónicos. Mediocre cuidado com a linguagem. Parece que o redactor era *Fr. Francisco Brandão.*

4 — Em Janeiro de 1633 fundou *António de Sousa Macedo* o nosso jornalismo político com o *Mercúrio Português.* Seguia-se assim o espírito francês, que ia substituindo entre nós o espírito espanhol, como era de esperar das ambições da França e da Inglaterra, que, por interesse próprio, tinham fortificado a nossa emancipação, mas firmando com habilidade a sua influência

olítica e comercial. O *Mercurio* era escrito em inguagem pouco elegante. O seu critério tinha ouca segurança. Acusava um subtil racionalis-no, nada propício à verdadeira reconstrução do entimento nacional.

Assim se consolidou a *história volante* da ida política, instrumentando-se fàcilmente as iores paixões ao sabôr de impulsos, que uma me-hor reflexão moderaria com salutar benefício da ustiça pura.

Filologia

1 — Também foi impertinentemente influenciada pelo espírito espanhol. A união social e política dos dois povos fez vingar a convicção duma estranha necessidade — a de se irmanarem as duas línguas nas determinantes da sua evolução. A essa convicção sobrepuzeram-se a ignorância de muitos e o velho hábito de se reconhecer o idioma castelhano não só como irmão do nosso, mas até como quási seu progenitor único.

2 — Nessa ordem de ideias publicou *Alvaro Ferreira de Vera* em 1631 a *Ortografia ou modo para escrever certo na língua portuguesa.* Confundia os factos orgânicos dos sons e das formas da linguagem com o acto material da transcrição da palavra — diz T. Braga. — Seguiu-lhe as pisadas *João Franco Barreto* na *Ortografia da língua portuguesa*, publicada em 1671, mas desacertando muito mais, quanto à origem da linguagem. — *Francisco Rodrigues Lobo* e *Manuel Severim* mais discursaram do que ensinaram filologia, elogiando com entusiasmo a nossa língua. — *Bento Pereira,* se pouco disciplinou a linguagem na sua *Prosodia,* (1634) enriqueceu-a com muitos vocábulos, serviço que ampliou em 1645, publicando o *Tesouro da linguagem portuguesa.*

3 — **Amaro de Roboredo,** secretário de

D. Diogo de Sousa, Arcebispo de Évora, avulta com justo elogio. Avistou, antes de Bacon, as leis da Gramática geral, ou o estudo da gramática comparada. Em 1619 publicou o *Método gramatical para todas as línguas,* depois de ter publicado a *Verdadeira Gramática latina* (1615). Em 1621 publicou o livro *Raízes da língua latina.* Enfim em 1623, publicou a *Porta de Línguas.* Mas o meio português estava excessivamente espanholizado para o poder entender.

SÍNTESE

A decadência moral da Raça facilitou vertiginosamente a sua depressão mental e sentimental. As qualidades étnicas diluíram-se, permanecendo apenas em vibrações tímidas, que a falta de liberdade política abafou como ecos importunos da morta autonomia.

Muito depois do grande rasgo da Restauração ainda se notava em Portugal aquela depressão, alimentada principalmente pela mórbida desconfiança que a Nação foi tendo sempre de si mesma.

— A quási morte do sentimento nacional causou fàcilmente a exagerada subserviência aos cânones gongóricos. A mais ridícula arte pela arte foi assim possível nos próprios géneros literários que mais reclamam um ideal elevado e puro.

A epopeia, em vez de continuar a obra de Camões, preocupou-se apenas com o formalismo requintado. Desta preocupação derivou a sub-escola dos *tassistas*, imitadores de Torquato Tasso até nos defeitos do maravilhoso e do orientalismo que mancham a *Jerusalem Libertada*. E tão inferior era a compreensão do ideal por parte dêsses como por parte dos *camoneanos*, que só apreciaram nos *Lusíadas* a parte mèramente formal. Por isso, a epopeia, em vez de evolutir segundo o progresso humano, rebaixou-se ou até à humilde categoria de crónica rimada, ou até ao simples pretexto de exibições descritivas e de trocadilhos argutos. E assim retrogradou, em vez de progredir, ou antes, nunca mais existiu deveras depois dos *Lusíadas*, a-pesar-de a história nacional oferecer tantos santos, heróis e sucessos gloriosos.

— O lirismo sofreu egual depressão. Só Rodrigues Lobo e D. Francisco Manuel de Melo o salvam e até alevantam, mas quási abafados pelos poetastros que se pavoneiam com preciosos artifícios e sem o menor sentimento, ou por poetas que, tendo muito valor, como Soror Violante do Céu, Fr. Bernardo de Brito, Fr. Jerónimo Vaía, Manuel de Galhegos e Manuel Tagarro, se inutilizam, sacrificando demais ao gongorismo.

— Sorte idêntica têm os poetas dramáticos, com a excepção do verdadeiro génio que é D. Francisco Manuel de Melo. E os poetas satíricos, mais grosseiros e desbragados do que os autores das antigas *sirventes*, propendem tanto para a maldade e para a obscenidade, que nada concorrem para o ressurgimento nacional. Procedem como os balofos novelistas.

— A história, que devia ser, como tinha sido noutras épocas, austera consolidadora do sentimento nacional, cuidou apenas da perfeição, quási sempre afectada e egoísta, da forma. Devendo fortificar profundamente o espírito da Nação com verdades positivas, que alimentassem a fé e a ânsia dum perfeito ressurgimento, perfilhou levianamente as lendas mais hiperbólicas, habituando o sentimento nacional a contentar-se com fantasias estéreis. Os historiadores mais pretenderam em geral exibir as suas louçanias estilísticas do que fortalecer e orientar o sentimento nacional. Falaram tão empoladamente das glórias do passado e submergiram-nas em tão evidentes ficções, que mais avolumaram o scepticismo colectivo, sempre dominante nas grandes decadências, do que o combateram e reduziram. Mas devem-se-lhes grandes serviços na consolidação da língua e em várias ponderações de ordem moral.

— A própria oratória sacra se não furtou ao mau gôsto imperante. Vieira e Bernardes, dois colossos, representam duas genialidades admiráveis, que, gafadas embora pelos defeitos próprios da época, podem ser consideradas como grandes protestos, vibrantes de acção reagente.

Mas os seus imitadores apenas lhes copiaram e exageraram os defeitos, por não terem génio para lhes decalcarem, ao menos, as raras qualidades.

— A acção tenaz e operosa dos moralistas, dos epistológrafos e dos historiadores mais distintos é a nota de maior vulto em benefício do ressurgimento. E, se todos êsses verdadeiros patriotas e bons católicos pudessem ter-se emancipado das fórmulas do gongorismo, aprofundando mais os seus assuntos, decerto a acção dêles teria sido mais substancial e eficaz.

— Aparece o jornalismo político depois do noticioso, e nota-se que os jornalistas mais parecem querer servir paixões do

que o puro sentimento nacional, a-pesar-de sinceramente se abalançarem a defender a causa da Pátria.

Como o Padre António Vieira observou, o *Mercúrio Portugués* de António de Sousa Macedo não veio servir deveras o sentimento nacional. A cada passo era impolítico e até menos verdadeiro. Substituía freqüentemente o estudo das realidades pelo desabafo de paixões que iam preparando de longe os partidarismos, mais tarde tão excitados pelo sectarismo liberal.

Emfim, nem sequer zelava a pureza e a beleza da língua, e assim abria um mau exemplo a panfletários sem escrúpulos e sem educação mental bastante.

— Ao mesmo tempo, a língua, se entesourava riquezas de inegável valor, continuava excessivamente aferrada às velhas leis filológicas, e procurava ainda mais no espanhol do que no latim as suas regras fonéticas e sintáticas.

E, quanto à filosofia, os escolásticos cerravam fileiras à roda de Aristóteles, repelindo as inovações cartesianas e defendendo galhardamente a cidadela católica contra os mal intencionados paradoxos de Hobbes.

É provável que exagerassem os seus processos. Mas também é certo que avistaram admiràvelmente as conseqüências mentais e morais da filosofia moderna, instrumento, mais ou menos dissimulado, do livre exame e do espírito da Reforma. Muito naturalmente pressentiram que a vertiginosa corrida do idealismo vinha a desfechar numa catástrofe demolidora, segurança certa do pior despotismo, do que tem por máscara a irreal soberania do povo.

QUINTA ÉPOCA

ÉPOCA DE RECONSTRUÇÃO

(Escola Arcádica ou Francesa)

QUINTA ÉPOCA

1 — **Carácter da Raça** — A Raça parece despertar duma espécie de letargo, mas, ao encarar a realidade, ainda não sente forças para continuar a sua missão, que avalia com um espírito muito superficial. Não encontra em si muito mais do que os ecos mais ou menos sonoros da glória passada. As forças condignas dêsse passado minguam-lhe tanto, que chega a considerar a história da nacionalidade apenas como uma série de formosas lendas cujo único préstimo é a cultura da indolente vanglória. A Raça persiste numa subserviência deplorável ao espírito estrangeiro, ainda que a consciência lhe aponte o dever e a beleza de viver à custa dos seus recursos, convertendo as lições do pretérito em normas fecundas do presente, com a melhor segurança do futuro.

E assim, se a autonomia política parece despertar antigas e gloriosas virtudes, um mórbido fatalismo inutiliza demasiadamente a capacidade reconstrutora.

2 — **Carácter da Época** — (Aspecto político-social). A França consolidara a sua hegemonia dentro do pomposo absolutismo de Luís XIV. Essa hegemonia não era só militar e política, tinha também uma soberana influência literária e filosófica. A língua francesa ganhou foros de universal. A literatura da França, atingindo o seu esplendor máximo, deu leis e moldes a todas as literaturas da Europa. O pensamento francês, os costumes e as modas de Paris, perpetuaram desde então o seu predomínio, que havia de prevalecer até hoje, a pesar-de várias vicissitudes sociais e políticas. O imperialismo francês contagiara toda a Europa, não só os países rigidamente católicos como os protestantes e heterodoxos. A-pesar-do movimento

liberalista da Inglaterra, destronando Jaime II e dando a coroa a Guilherme de Orange (Guilherme III), que jurou a célebre *Declaração dos Direitos*, o imperialismo militar resplandeceu na Prússia com Frederico, o Grande, e na Rússia com Pedro, o Grande, que, abatendo a Polónia e a Turquia, encarnou as ambições do Oriente, como invasor do Ocidente.

Mas, morto Luís XIV, que ainda triunfara pelas armas na Flandres e pela diplomacia nos tratados de Utrecht e Rastad, o absolutismo francês fôra decaíndo com a hegemonia da França. A França, a Inglaterra e a Áustria disputaram encarniçadamente o poder hegemónico, e assim se travou a Guerra dos Sete anos, assim foi desmembrada a Polónia, e ficou quási aniquilada a Turquia. Porém, se as ideias francesas continuaram predominantes, a Inglaterra usurpou a hegemonia da França, estendendo o seu poder à Índia e à America, e tornando-se a primeira potência marítima do mundo. E a filosofia inglesa foi disseminando, com intentos venenosos, novas ideias políticas e sociais, que a França perfilhou e ampliou, dando-lhes aspectos novos e brilhantes. O espírito absolutista foi declinando, embora parecesse consolidar-se em toda a Europa, porque o minava agora a progressiva tendência para se aceitarem os impulsos intelectuais e até morais da Reforma. O absolutismo converteu-se então em instrumento, mais ou menos inconsciente, do libertarismo. Assim foi possível a extinção violenta da Companhia de Jesus, a defensora do velho regímen, e assim Luís XVI, joguete inocente de tantas paixões, ambições e protestos com belas aparências de justiça, abismou o absolutismo, pretendendo salvá-lo, e perdeu o trôno e a vida por sanha e trama da Inglaterra e da Prússia, que alimentaram a Revolução Francesa com 40.000 maltrapilhos às ordens dos poderes do Grande Oriente.

A Inglaterra vingava-se da França, que auxiliara imprudentemente a emancipação dos Estados-Unidos. Insinuava-lhe enfim novos ideais e um novo sistema político, fatalmente debilitante. Assim lhe arrancava também a hegemonia, mas sujeitando a Europa aos delírios do libertarismo que o espírito francês propagou num heroico delírio, depois de decalçar na obra da Enciclopedia o espírito filosófico que recebeu da Inglaterra.

O próprio Napoleão I, reacionário e imperialista, foi um agente formidável da Revolução. Depois das invasões francesas, o Grande Oriente, fortalecido com a depressão da Companhia de Jesus, multiplicou em toda a Europa os seus focos de conspiração contra o poder real, divorciando-o da influência da Santa Sé na criação das monarquias liberais, para depois o extinguir em benefício das demogogias que representam o novo absolutismo, estruturalmente oposto, como o de Luís XIV, à verdadeira Sinarquia.

Aspecto literário:

A França é, a-pesar-dos seus contratempos políticos, o país soberano nas letras e nas artes. A Itália ocupa um lugar secundário e assim a Espanha, porque emergem como países imitadores. Imediatamente à França, alevanta-se a Alemanha e a Inglaterra.

França. . *Voltaire* (1694-1779) encarna a filosofia demolidora e literária. Nada de honestamente profundo e de verdadeiramente nacional. A própria Joana d'Arc é enxovalhada ignobilmente num poema obsceno. O sarcasmo substitui a dialética. O sofisma imprevisto vem no lugar da argumentação elevada. Falsificação sistemática de factos e textos. A profundidade que Goethe reconhece em Voltaire é orientada sempre pelo sectarismo e às vezes pelo cinismo. Bastante bom gosto e até inspiração nas poesias fugitivas, em alguns cantos da *Henriada*, epopeia de 2.ª ordem — nas histórias de Luís XIV e Carlos XII. Um estilo realmente puro e translucido e grande arte narrativa. Ironias magistrais em vários tratados, romances, cartas, etc. Enfim, qualidades superiores em algumas tragédias (*Mérope*, *Mahomet*, *Semiramis* etc). Mas, se a originalidade ilumina freqüentemente essas e ou-

tras obras, ao par de vários predicados dignos da melhor cultura do Século XVII, o sentimento é deprimido em excesso ao serviço dum bom-senso demasiadamente utilitário, que produz a monotonia na arte e inspira o egoísmo mesquinho, sêcamente individualista. E à erudição, mais superficial do que intensa, fica à mercê das habilidades sofísticas, fortalecendo vistosamente o espírito de anarquia, que se disfarça em programas de justiça e verdade. *Diderot* é um habilissimo retórico, doentiamente sentimental, que propina o mesmo veneno com arte mais ou menos sedutora, e *D'Alembert*, *Helvecio*, *Condillac*, *o barão d'Holbach*, *Mably*, *Raynal*, *Naigeon*, etc., decalcam mais ou menos brilhantemente, e às vezes com muito maior saber do que Voltaire, a orientação filosófica do poderoso polígrafo.

França ..

João Jacques Rousseau é uma variante sentimental daquela filosofia que o autor do *Emilio* exorna com primores estilísticos, entremeado de paradoxos e devaneios egoistas, de pedagogias quiméricas e de confidências desvairadas, inspirando a corrente desorientadora do Romantismo. Esta corrente é servida com subtil morbidez por *Bernardin Sainte Pierre*, o cativante autor do *Paulo e Virginia*. Um notável fabulista e sofrível romancista, *Florian*, reforça, talvez sem grande consciência, a corrente predominante que faz emergir os romancistas *Lesage* e *Prévost* e que vai dar a enfática eloqüência dos tribunos da Revolução — eloqüência que em *Mirabeau* teve muito de Démostenes e em *Barnarve* lembra algo de Catão; *Montesquieu* dá novo rumo à crítica histórica e à sociologia (*Espírito das Leis*, *Causa da decadência* e da gran-

França.

deza dos Romanos. *Fontenelle* personifica o scientismo, gracioso e elegante, mas venenoso de scepticismo e egoísmo. Apenas *La Harpe*, na crítica literária, parece animado de bastante espírito de justiça e de puro amor-pátrio. No fundo, a França assinala-se como propagandista sintilante e invencível de ideais novos, perfilhados com mais paixão do que consciência.

Inglaterra

Alexandre Pope, (1688-1774) menos inspirado do que culto, mais talentoso do que genial, impõe-se como o Horácio do seu país, mas tendo menos inspiração lírica do que o poeta romano. A sua filosofia e a sua veia satírica, o seu bom-gôsto e vivacidade, permitem-lhe deixar bons poemas didáticos, e líricos, e um belo poema heroi-cómico. *Young* — mais verdadeiro poeta do que Pope — firma nas suas *Noites* a reputação dum pensador melancólico, às vezes profundo, que abre o caminho aos grandes romancistas ingleses. *Thompson*, intensamente naturalista, escreve as *Estações*, que têm um grande cunho bucólico e sòbriamente sentimental. *Gibbon* deixa uma célebre história da decadência do império romano, escrita com primor modelar, mas com subtil espírito demolidor, mais patente em *Robertson* e muito mais ainda em *David Hume*, scéptico na filosofia e às vezes sofista no critério histórico. O anti-cristianismo de *Gibbon* e o sectarismo de *Robertson* são quási inofensivos diante do venenoso intelectualismo de *Hume* — espírito ateu, a Moral fundada no interêsse, a parcialidade sectária acima da verdade pura. No romance, a Inglaterra alevanta um nome popularíssimo — *Richardson*, o precursor dos ro-

mancistas mais imaginosos do romantismo. *Daniel de Foe*, talvez ainda mais interessante, ganha um renome justo. Enfim. *Jonatas Swift* (*Viagens de Gulliver*) excede-os em ironia, original sobriedade e malícia. E a eloqüência inglesa é principalmente parlamentar — assinalando, além de *Guilherme Pitt*, político astutíssimo e secreto autor da Revolução Francesa — *Lord Chatam*, *Edmundo Burke* e *Fox*.

Inglaterra

A poesia épica ilustra-se com a *Messiada de Klopstock* (1724-1803). Imaginação alta. Sentimento. Contudo, já um sôpro de libertarismo romântico. *Gessner* deixa poemas dum lirismo que muito influenciou o nosso António Feliciano de Castilho e vários românticos da Europa. *Wieland* afirma-se no *Oberon* um poeta de faculdades superiores. *Lessing* (principalmente na *Laoconte*) representa a crítica com processos audazes, enquanto na filologia se assinalam já os irmãos *Schlegel*, na história impõem-se *Muller* e *Herder* (dando êste os moldes duma nova crítica histórica), e na filosofia *Kant* e *Fichte*, ao estudar a marcha progressiva da humanidade segundo os desígnios da Providência, e outros, abrem um rumo transcendental, excessivamente subjectivista. Inicia-se o romantismo, que da Alemanha tinha de comunicar-se à França e, por meio desta, à Europa e até ao mundo, com um programa de reconstrução nacional e social, mas envenenado e desorientado pelo individualismo excessivo, propício à mais progressiva anarquia. *Goethe* (1749-1832) excede em génio, bom equilíbrio de faculdades eminentes e originalidade de expressão o grande talento de Voltaire. Polígrafo admirável, deixa algu-

Alemanha

Alemanha

mas obras-primas (*O Fausto*, *Werther*, romance mórbido e perigoso) as tragédias — *Ifigénia em Taurida*, *Conde de Egmont*, *Torquato Tasso*, e outras, muitas líricas, etc. *Schiller* (1759-1805) rivaliza com êle em inspiração, mas com carácter mais sentimental. Deixou baladas tocantes, belas tragédias como *Wallenstein*, *D. Carlos*, *Maria Stuart*, *Guilherme Tell*, etc. Outros poetas, como *Burger* (autor de formosas baladas), são continuados por bardos como *Luís Uhland*, *Geibel*, *a Baronesa* de *Drost-Hülshof*, etc.

Itália

Os literatos cultivam a tragédia e a comédia, notando-se a viva influência do espírito libertário da França. Imitam muito a literatura francesa. *Metastasio* (1699-1782) escreve dezenas de tragédias. Estilo suave e conceituoso, mas alambicado (*A clemencia de Tito*, *Alexandre na Índia*, *Dido abandonada*, etc). *Alfieri* (1749-1803) imita com felicidade os trágicos franceses (*Orestes*, *D. Garcia*, *Mérope*, etc.) Estilo vigoroso e sóbrio. Ideias revolucionárias que desenvolveu com ênfase no *Tratado de tirania*. Chamou à França a *pátria da liberdade*, mas, horrorisado com os horrores que presenciou em Paris a 10 de Agosto de 1792, detestou no fim da vida a França e a Revolução. *Carlos Goldoni* (1707-1793) lembra muito Molière nas suas belas comédias (*O Pai de Família*, *O Verdadeiro Amigo*, *O Mentiroso*, etc.). João Vico cria a filosofia da história, distinguindo na humanidade três idades: *idade divina*, *idade heroica* e *idade humana*.

Espanha.

A monomania pelo espírito francês deprime lastimosamente a literatura espanhola, que tanto predominara na Europa. O académico e ministro de Estado *Inácio de Luzan* (1702-1754) repele o culteranismo, escrevendo a *Poetica* à maneira de Boileau, para impôr a cultura franceza. Deixou uma *Ode* sôbre um assalto dos Mouros à praça de Oran. Essa Ode nem tem sentimento nem vida. *José Callalso* imita mediocremente Montesquieu nas *Cartas Marroquinas* (escritas pelos moldes das *Cartas persas* do autor do *Espírito das leis*). *Tomás de Iriarte* imita a maneira de Lafontaine. — *Jerónimo Feijó* no seu *Teatro crítico universal* pretende instruir e educar os seus compatriotas. Muita erudição. Estilo vigoroso. Profundeza de vistas. O Jesuita *Francisco Xavier Lampillas* tenta reabilitar os créditos da literatura espanhola (*Saggio storico*). *Vicente Garcia de la Huerta* luta valorosamente contra a galomania (sonetos, romances, tragédia *Raquel*) mas seguindo, sem dar por isso, o espírito francês que o poeta *Melendez Valdez* tentou conciliar com o espanhol, sendo continuado nesse intento pelos poetas *Cienfuegos, José de Iglezias e Jovellanos*. — O Jesuita *João de l'Isla* escreve, sob o pseudónimo de Lobon de Salazar, a melhor obra da literatura espanhola no seu tempo — *História del famoso predicador de Fray Gerundio de Campazas*, flagelando com chiste e felicidade os prègadores gongóricos. — Alguns poetas escrevem tragédias medíocres; *Montiano*, é um deles, a-pesar-de o chamarem o *Sofocles espanhol*. Na comédia, *Leandro Moratin* decalca Molière. *Alberto Lista*, director do Colégio de S. Mateus, onde estudaram os me-

Espanha. lhores literatos espanhois dos fins do século XVIII, deixa poesias e críticas. Enfim, a história tem no jesuita *Masdeu* um erudito cultor, em *José Conde* (*História do domínio dos Arabes na Hespanha*) um investigador pouco completo, mas laborioso, e em *Flores* um trabalhador de bastante mérito. O predomínio do espírito francês triunfava plenamente, a-pesar-de algumas resistências nacionalistas.

3 — **Carácter do meio português** — O absolutismo, importado da França, acabara de aniquilar na nossa Raça as fortes qualidades antigas, vibrantes de espírito sinárquico. As tendências imitadoras dos Portugueses agravaram-se com a depressão moral que resultava da mais progressiva falta de confiança nas reservas vitais da Raça. A proximidade da Espanha, igualmente deprimida e muito influenciada pelo espírito da França, mais consolidou os nossos vícios e mas tendências, infiltrando fàcilmente o servilismo imitador, que não manifestava qualquer eficaz respeito pelo sentimento nacional.

D. João V lembrou algo de Luís XIV. Ao par de bastantes defeitos, teve qualidades notáveis. Não foi menos operoso do que D. José I, com o seu Marquês (1). Mas cometeu o êrro de decalcar em excesso as pompas e o espírito de Luís XIV, como que perfilhando hábitos de prodigalidade, galantaria e formalismo frívolo, muito dissolvente.

(1) Organizou definitivamente o exército, construindo o respectivo Arsenal. Deu fomento às fabricas de vidros, de sedas, de cortumes, de papel e de serração. Construiu o Aqueduto das Águas Livres, muitos edifícios monumentais, boas estradas, etc. Manteve a instrução em tal pé, que para a reforma da Universidade de Coimbra em 1772, não foi preciso importar professores estrangeiros. Enfim, no seu reinado se fundou a *Real Academia da Historia Portugueza*, que prestou serviços relevantes. Por então mostrou Portugal à Alemanha, à Espanha e até à Santa Sé — com menos tino — a sua altivez autónoma.

D. João V preparou, sem querer, como Luís XIV, a atmosfera propícia ao intelectualismo libertário. Luís XIV teve como sucessor um príncipe indolente, Luís XV, sem as qualidades vigorosas do antecessor, e que por isso deixou medrar profundamente o espírito subversivo, provocado pelos esbanjamentos de Luís XIV e que havia de trucidar Luís XVI, demolindo a Monarquia. D. João V teve também como sucessor um príncipe indolente, D. José I, que, entregando o poder ao Marquês de Pombal, o deixou levantar os alicerces do libertarismo, provocado pelas prodigalidades e leviandades de D. João V. A-pesar-de todas as mostras de consolidar o poder real, o govêrno do Marquês foi, à similhança do govêrno de Choiseul, ministro de Luís XV, a preparação maior da Revolução que feriu D. João VI, a quem só não roubou o trono e a vida, porque a vontade inglesa não julgou util aos interêsses de Londres a repetição dos horrores de 1793.

Depois, D. Maria I e D. João VI ainda firmaram com ardor a Reacção, mas as invasões francesas completaram a obra que o intelectualismo pombalino iniciara, alimentando em Portugal muitos focos maçónicos, que mais tarde produziram o movimento de 1820 e seguintes. A Religião e a Sinarquia eram feridas com grande rudeza por 3 factores: *a)* o nosso afrancesamento mental e moral, alimentado, sob a vigilância egoísta da Inglaterra, que defendeu sempre a sua primazia mercantil; *b)* a dissolução dos costumes ao sabor das modas estrangeiras, importadas a título de progresso, de superioridade estética e de honrosa liberdade de consciência; *c)* a exploração oculta e muito complexa das paixões que, com o liberalismo, substituiram a política puramente nacional pela morbidez partidária e sectária.

A tolerância da Inglaterra com o predomínio do espírito francês baseava-se na vantagem para Londres de não nos reconstruirmos sòlidamente, tendo de renunciar à emergência de grande potência colonial. Mas Portugal nem isso via, e assim procurava para a sua reconstrução exactamente aquilo que mais tinha de perpetuar a decadência.

4 — A debilidade fatal dos nossos elementos reconstrutores — A época de reconstrução

encontrou um meio mórbido e formalista, cheio de pompas decorativas nos costumes, na linguagem, nas proprias crenças religiosas. Não se lhe deparou quási nada de português nem na vida política, nem na vida religiosa, nem na vida literária. O culteranismo requintara-se, invadindo todos os nossos aspectos sociais, enquanto o espírito estrangeiro, explorando a nossa desnacionalização, que êle fôra criando aos poucos, se infiltrava, agravando a com sugestões de reformas de carácter exótico e libertário. Para bom êxito dêsse trabalho mineiro, atribuia os males às unicas causas de resistência moral — aos Jesuítas e à Igreja. Por isso apontava os beatos, os devassos e os libertinos — produtos da dissolução dos costumes, da monomania formalista, do absolutismo à francesa — como efeitos do Ensino de Roma, quando o eram do terrível factor representado pelo espírito estrangeiro. A êste espírito é que Portugal devia a exploração astuta da degenerescência da Raça, cada vez mais incapaz de se devotar ao que não fossem formas aparatosas, vocábulos sonoros, idealismos simplistas.

A Companhia de Jesus, quando foi expulsa, já há muito não conseguia manter os Portugueses na verdadeira fé tradicional que tanto se enfraquecera com o declinio e morte da Sinarquia. O Grande Oriente minava há muito o terreno da Igreja e dos Jesuítas. A Inquisição, mais terrível de aspecto do que de energias, limitava-se a expatriar os cristãos-novos que serviam o espírito da Reforma e do estrangeiro, e pouco depois caia nas mãos crispadas do Marquês, que a convertia em sua arma política. A verdadeira reconstrução, portanto, não tinha elementos sólidos.

As novas ideias, irredutivelmente anti-nacionalistas, não tinham fortificar a tradição, que detestavam. Os reconstrutores tinham de se iludir, considerando como factores funestos, que repeliriam com odio, as únicas relíquias do sentimento e do espírito da nação.

Além disso, avassalava-os a superioridade da cultura francesa, mais elegante, maleável e sóbria do que qualquer cultura peninsular, nativamente propensa para o gongorismo.

5 — O que fizeram os reconstrutores —

Os reconstrutores conceberam a sua obra dentro dum novo formalismo, que lhes pareceu mais lógico e simples. A rigor, nada reconstruiram: trocaram o figurino espanhol pelo figurino francês. O conde de Ericeira, autor do poema infeliz — *Henriqueida* — já iniciara o servilismo, traduzindo a *Arte Poetica* de Boileau. Melhor faria, adaptando-a ponderadamente à arte nacional. Mas faltaram-lhe o método e a crítica, segundo afirmou Verney, que, aliás, também não compreendeu a obra da reconstrução, como possuidor, que era, dum espírito estruturalmente estrangeiro.

Cuidou-se mais uma vez exclusivamente da forma, sem a devida defesa da psicologia nacional. Em vez de só desbastarem culteranismos inúteis, poupando e até reforçando o sentimento nacional, afrancesaram o espírito literário, que pouco antes se espanholizara excessivamente. Como na vida política, em vez das verdadeiras reformas, vieram as demolições do que é essencialmente característico. A ausência do meio-termo, a única base sólida das reconstruções, orientou os mais bem intencionados espíritos. Luís António Verney (1713-1792) mais pedante e degenerado do que esclarecido e patriota, publicou o *Verdadeiro método de estudar*, livro cheio de erudição, mas inspirado por um deplorável critério extremista, hostil de-veras ao sentimento nacional.

O próprio Camões, é para êle, como sonetista, como autor de églogas e outras líricas, um poeta insulso e tacanho.

Como poeta épico, acha-o deploràvelmente defeituoso e digno de consideração muito relativa. Até o título *Lusíadas* lhe inspira desconchavos num tom ora cáustico, ora solene.

Quere dizer: Verney, erudito e talentoso, não compreendia, por se ter estrangeirado profundamente, o espírito da Raça. E porque o apoiavam homens, como Francisco José Freire, eruditos bastante zelosos da linguagem, mas sem vibração maior de puro sentimento pátrio, fàcilmente fez valer todo o seu critério, detestável de exageros galómanos.

Com o que proclamou de bom, principalmente sob o aspecto pedagógico, mas dum modo geral — nunca penetrando a psicologia portuguesa — trouxe muito de mau e de verdadeiramente

anti-reconstrutor. Se Verney tivesse sentido como verdadeiro português, a noção do meio-termo dar-lhe-ia tamanho bom-senso, que não se pejaria sequer de fazer honrada justiça aos Jesuitas, embora pudesse e devesse reclamar deles uma reforma pedagógica que repelisse definitivamente o culteranismo opressor. Mas não poderiam atendê-lo fàcilmente, se a Raça, minada por tantos factores deletérios — e um deles era o próprio critério à Verney — parecia só pensar na substituição dum espírito estrangeiro por outro. Antes de mais nada, urgia uma profunda restauração sinárquica, em vez do monstruoso absolutismo com que o Marquês, afectando lutar pelo ressurgimento dentro do poder real, indisciplinha a Monarquia e a Religião com as forças vivas do país.

A obra dos reconstrutores foi, portanto, débil e até absurda de bases. Não conhecendo, ao menos, os processos, habilmente ecléticos, do espanhol Jerónimo Feijó, que no *Teatro Crítico* pretendeu congraçar as humanidades com as sciências naturais, e atraídos muitos dos reconstrutores — os frades oratorianos, por exemplo — mais pela novidade, fàcilmente justificada, diante da desorientação gongórica, do que pela ponderação reflectida do devido meio-termo, consideraram tresloucadamente Portugal uma espécie de província da França (1). Não lhes lembrou a menor diferenciação étnica e mesológica, de tradições, de índoles, de tendências. E só por isso, a reconstrução resultou um simples prolongamento da decadência. A decadência mudava apenas de máscara. O intelectualismo pombalino fracassava na forma e na essência, porque deixava apenas uma linguagem mais ou menos

(1) E Fr. Manuel do Cenáculo, apesar da sua elevação moral, bem como os oratorianos padres António Pereira de Figueiredo e Manuel Monteiro, podem ter exagerado a sua adesão à galomania e ao anti-jesuitismo, por espírito de rivalidade congreganista. Porque, no fundo da questão havia base para um bom meio-termo, principalmente se o *Novo Método* de latim, do Padre António Pereira, fosse confrontado com o do Padre Álvares dentro duma serenidade bem orientada e de-certo fecunda. A obra do Padre Pereira representa um progresso pedagógico, que os amigos dos Jesuitas aplaudiriam, se, em vez de os agredirem com ódio, os respeitassem e valorizassem com justiça.

afrancesada e um scientismo pedante e ôco, bastante pior às vezes do que a maior ignorância (1).

As Academias — O gongorismo como que aliteratara todo o país. Houve academias em terras como Belas, Sacavem e Ponte do Lima.

Braga ufanou-se com a academia dos *Engenhosos bracarenses*. Os *Problemáticos* de Setúbal ombrearam com os *Problemáticos* de Guimarães. Os *Aquilinos* de Aveiro competiram com os *Unidos* de Moncorvo, enquanto os *Solitários* de Santarém sorriam de-certo em espírito à febril actividade dos *Felizes e Selectos* do Brasil.

Os conventos de freiras, quando das eleições das abadessas, foram fortalezas da arte poética. Vinham detrás das grades os motes, lançados por alvas mãos finíssimas, e os vates glosavam-nos em desafios pitorescos. Assim se criaram os *outeiros*, florescentes ainda no século passado.

Enfim, superabundavam assembleias e *serões* onde os versos, improvisados com mais ou menos rapidez e fortuna, alternavam com as danças, cantos e concertos musicais.

Mas, se tudo isto produzia frivolidades apenas, em Lisboa a *Academia Real da História Portuguesa* desempenhava um papel benemérito (2).

---

(1) Verney era mau escritor. Não podia dar lições de pureza e correcção linguística. Os grandes homens de sciência que eram Félix de Avelar Brotero, Correia da Sena e Ribeiro Sanches, eram, como pedagogos, simples idealistas de espírito estrangeirado. Ribeiro Sanches, mentor do Marquês nas reformas do Ensino, viu com amplitude teórica o que conviria subordinar à visão da realidade mesológica no sentido de se adaptar o que fosse scientificamente viável.

(2) Fundou-a D. João V em 1720, perfilhando a sugestão de D. Manuel Caetano de Sousa, notável erudito. Reúnia em casa de D. Francisco Xavier de Menezes, conde da Ericeira. Foram seus membros: D. Manuel Caetano de Sousa, D. António Caetano de Sousa, Diogo Barbosa Machado, D. Rafael Bluteau, D. José Barbosa, D. Luís de Lima, José do Couto Pestana, Fr. Tomás de Sousa, Dr. João Baptista Henriques, Luís Simões de Azevedo, Francisco Leitão

Publicou obras de valor: o riquissimo *Vocabulário*, de Rafael Bluteau, várias memórias históricas e a monumental *Biblioteca Lusitana*, de Diogo Barbosa Machado, a notável *História Genealógica da Casa Real* e o apenso *Provas*, de D. António Caetano de Sousa, inigualado até hoje no seu género; As *Memórias eclesiásticas de Beja*, de D. Jerónimo Contador de Argote, muito erudito; as curiosas *Memórias para a história de El-Rei D. João I*, de José Soares da Silva (1) a *Memória do valor da moeda em Portugal desde o princípio do Reino até ao presente*, de D. Francisco Xavier de Meneses, conde da Ericeira, etc.

E a *Academia da História* não foi, como muitos julgam, uma instituição que apenas interessasse à côrte. Os espíritos mais cultos do país a auxiliavam com os seus ensinamentos e apontamentos (2).

Esta Academia teve vida intensa até 1736, deixando valiosos materiais para a reconstrução.

Em 1779 (3) D. João Carlos de Bragança, 2.º Duque de

Ferreira, Manuel de Azevedo Fortes, Padre António dos Reis, José Soares da Silva, D. Jerónimo Contador de Argote, etc. As sessões tinham uma grande solenidade.

(1) Esta obra foi publicada em 1732. Foi seguida em 1734 pela *Colecção dos documentos com que se autorizam as Memórias*, etc.

(2) Bluteau cita como seus auxiliares no *Vocabulário* José Caetano, de Setúbal, o advogado Manuel Tinoco de Magalhães, de Braga, etc. O Padre Fr. Afonso de Madre de Deus Guerreiro forneceu-lhe os termos indianos. Pertenciam a diversas províncias do Reino os seus auxiliares António Luís de Azevedo, Mendo de Foios Pereira, António Rodrigues da Costa, D. Francisco de Sousa, Marquês de Alegrete (termos de cavalaria) Conde de Assumar, Manuel Pimentel (termos cosmográficos) Luís Pires (vocábulos exóticos), etc.

(3) O Duque de Lafões (1719-1808) ilustrara-se no estrangeiro, mas não perdera o bom sentimento nacional. Preocupavam-no principalmente a opulência e pureza da língua. A nova corporação foi confirmada por Aviso de 21 de Dezembro de 1779, e teve a sua primeira sessão em 16 de Janeiro de 1780. Presidiu o Duque de Lafões, assistindo o Padre Teodoro de Almeida, Correia da Serra, Pedro José da Fon-

Lafões e tio de D. Maria I, fundou a *Academia Real das Sciencias*, que ficou tendo 3 classes: *sciencias naturais, matemáticas e belas-letras*. Cuidaram logo os académicos do *Dicionário Oficial*. A 28 de Junho do mesmo ano de 1780, nomearam a comissão respectiva. Pedro José da Fonseca, notável professor de retórica, ficou presidente e director. Os outros membros eram Agostinho José da Costa de Macedo e Bartolomeu Inácio Jorge. Em menos de quatro anos, elaboravam o grosso volume correspondente à letra A. Pedro José da Fonseca arruinara para sempre a saúde e os dois colegas encegueceram.

Iniciaram-se as Memórias da Academia (1) com estudos filológicos de Francisco Dias Gomes, Padre António Pereira de Figueiredo e António das Neves Pereira (2).

Essas *Memórias* — diz T. Braga — correspondem a um período de entusiasmo e fervor scientífico, que por algum tempo prevaleceu sobre o carácter oficial da instituição. Êsse entusiasmo era de pouco fôlego na verdade, mas não porque o oprimisse o cunho oficial, e antes porque a cultura portuguesa apenas mudava de fórmulas. Nem se aproximava do profundo espírito scientífico, nem reconstruia o sentimento nacional. A Academia estava condenada a um prematuro cansaço.

O *Dicionário* teve de ficar na letra *A*; e, se bastantes trabalhos valiosos tem publicado nos nossos dias, raras vezes um seguro espírito reconstrutor os orienta (3).

---

seca, Bartolomeu Inácio Jorge, Padre Joaquim de Foios, Agostinho José da Costa de Macedo, etc.

(1) Colecção dos trabalhos dos sócios.

(2) A *Academia Real das Sciencias* enveredou depois para a publicação de obras ou inéditas, ou raras. (*Livros inéditos de Historia Portugueza*, 5 vol., *Portugaliae Monumenta historica*, *Lendas da India*, *Cartas de Afonso de Albuquerque*, etc.), e outras obras que tem publicado até hoje.

(3) Competiria de direito à Academia das Sciencias a organização de boas antologias clássicas, que deveriam ser adoptadas nos cursos secundários. Essas antologias, anotadas com critério, dariam aos estudantes as noções mais puras da história, da língua e da arte dos portugueses, caprichando em fornecer sempre trechos ditados por um sincero senti-

As Arcadias — António Diniz da Cruz e Silva e Esteves Negrão, entretanto, já tinham fundado em 1756 o que chamaram escola de bom ensino e exemplo na cultura da poesia e da eloqüência.

Deram-lhe o nome de *Arcadia*, decalcando o nome e o programa duma corporação similar de Roma. O seu fim máximo era derrubar o predominio gongorico. A inauguração foi a 11 de Março daquele ano de 1756, estando presentes António Dinis (que se ficou chamando *Elpino Nonacriense*) António Gomes de Carvalho (*Tirce Minteu*) e Nicolau Esteves Negrão (*Almeno Sincero*). A sala das sessões (1) era ou no Monte Ménalo (edifício da Junta do Comércio) ou na Real Casa das Necessidades. Cada sócio representava um *árcade*, que tinha de escolher o seu nome simbólico, à maneira maçónica. O lêma da Arcadia era *Inutilia truncat*. Êste lêma era ilustrado pela figura dum meio-braço a manejar um podão.

Voltava-se à Renascença. Continuar-se-ia o classicismo quinhentista, mas orientado pelo espírito da França que ia imitar na Revolução, no próprio Terror, as figuras e até as atitudes dos republicanos da velha Roma.

No fundo da nossa reconstrução havia, pois, um espírito excessivamente retrógrado, embora com aparências de novidade libertadora, mas baurido servilmente na evolução literária e filosófica da França. A Renascença portuguesa ficava bastante incompreendida, se a não purificavam do novi-paganismo, defeito que antes consolidavam e exageravam. A monomania gongórica cedeu assim a uma demasiada paixão pelos velhos clássicos, com grande olvido da arte de-veras nacional. Apenas a língua, como aproximadamente sucedera com os seiscentistas, ganhava primores eruditos, às vezes pretenciosamente alatinados, segundo se

---

mento nacional, completamente anti-sectário. Urgiria mais essa obra fecunda do que algumas dissertações engenhosas e do que várias controvérsias eruditas, fundamentalmente estéreis.

(1) As sessões particulares eram mensais. Havia durante o ano 2 sessões públicas.

viu, dum modo especial, nos poetas da Nova Arcadia, e nomeadamente no dissidente dos árcades Filinto Elisio.

Quis enfim a *Arcadia* adular o poder real e o Marquês de Pombal, ou seja, o absolutismo, que, a rigor, não podia harmonizar-se senão com formalismos, mais ou menos gongóricos. Em vez de levantar o espírito sinárquico, a verdadeira democracia e a verdadeira monarquia, ofereceu no meio de bajulações ao Poder as fórmulas imperfeitas dum classicismo ultra-retrógado de espírito, medíocre de arte e anti-nacional de sentimentos. Era uma espécie de suicídio mental e moral. Os *árcades*, portanto, nem puderam representar o sentimento nacional nem o próprio intelectualismo pombalino, que, apesar dos seus inúmeros e deploráveis defeitos, tinha, sem dúvida, algumas qualidades (1).

O Marquês perseguiu alguns deles, talvez por suspeitar da sua lealdade política, não os vendo bastante servis. E bastaram essas perseguições para que a Arcadia terminasse a 20 de Janeiro de 1774, dia da sua última sessão. Pouco deixavam os Árcades. Apenas novas formas: as odes pindáricas, as sáficas e as anacreônticas, o sofrível teatro de Manuel de Figueiredo, e também a consolidação da monomania dos nomes simbólicos (2).

Em 1790, o sofrível amor da poesia nacional inspirou

---

(1) A Aula do Comércio, o Colégio dos Nobres (para estudo de línguas, de filosofia e história) a reforma da Universidade com a criação das faculdades de Matemática e Filosofia, e a instalação do Observatório, do Museu de História Natural, do Gabinete de Física, do Laboratório de Química e do Jardim Botânico, atestavam boas intenções reformadores, que, se fôssem acompanhadas por um melhor espírito adaptador, podiam dar muito mais belos frutos do que os que escassamente se recolheram.

(2) *A Arcadia* foi cognominada *Lusitana* ou *Ulissiponense*. Além dos já citados, sócios, teve os seguintes: *Pedro António Correia Garção (Corydon Erimanteo)*, *Domingos dos Reis Quita (Alcino Micenio)*, *Tomás António Gonzaga (Dirceu)*, *Cláudio Manuel da Costa (Glauceste Saturnio)*, *Francisco José Freire (Cândido Lusitano)*, *Manuel de Figueiredo (Licida Cintio)*, *Fr. Alexandre da Silva (Silvio)*, *José António de Brito (Olino)*, *Fr. José do Coração de Jesus (Almeno Sincero)*, *Padre*

aos poetas Domingos Caldas Barbosa (*Lereno Selinuntino*), Francisco Joaquim Bingre (*Francelio Vouguense*), Belchior Manuel Curvo Semedo Torres de Sequeira (*Belmiro Transtagano*) e Joaquim Severiano Ferraz de Campos (*Alcino Lisbonense*) a fundação da *Nova Arcadia* que José Luís de Vasconcelos e Sousa, conde de Pombeiro, depois marquês de Belas, instalou em sua casa com o nome de *Academia das Belas Letras*.

As sessões efectuavam-se todas as quartas feiras. Os novos árcades tinham de certo o mesmo programa dos árcades de Monte Ménalo.

Mas esse programa, se já de si era limitado, ficou de pressa como letra inútil no entrechoque das paixões pessoais. Conflitaram-se encarniçadamente os seus dois maiores poetas — Manuel Maria Barbosa du Bocage (Elmano Sadino) e José Agostinho de Macedo (Elmiro Tagideo), depois de terem zurzido satiricamente vários confrades. Em 1794, Bocage foi irradiado, e o conde de Pombeiro, para se ver livre dos árcades, obteve que reunissem na Casa Pia do Castelo de S. Jorge sob as vistas paternais de Pina Manique, intendente geral da Polícia. O intendente converteu a *Nova Arcadia* numa fábrica de versos para as festas solenes. Em 1801 (29 de Setembro), realizou a *Nova Arcadia* a sua última verdadeira sessão. Com a morte de Pina Manique (1805) e com a ocupação do Castelo de S. Jorge pelos soldados de Junot (1807) a *Nova Arcadia* agonizou e morreu sem ter produzido nada de valioso e sólido (1).

Caetano Inocencio (Melibeu). D. Joaquim Bernardes, sobrinho do Padre Manuel Bernardes (afeiçoado ao gongorismo, deixou a *Arcadia* em 1757). D. Joaquim Bernardes é o autor anónimo da satira *El Docente de Madrid*.

(1) Os *novos árcades* eram, além dos já nomeados: José Tomás Quintanilha (*Eurindo Nonacriense*), João Baptista de Lara (*Alburno Ulissiponense*), Joaquim Franco de Araújo Freire Barbosa (*Cordon Neptunino*), Nuno Alvares Pereira Pato Moniz (*Olino*), Padre Joaquim Martins da Costa (*Cassiodro Ulissiponense*) Luís Correia do Amaral França (*Melibeu Cleonio*), Inácio José de Alvarenga Peixoto (*Alcindo Palmireno*),

— Em 1736 um medico, de nome Saraiva, fundou no Rio-de-Janeiro a *Academia dos Felizes* para versar assuntos de Botânica, e, em 1752, fundava-se a pitoresca *Academia dos Selectos* para turibular em versalhadas ridículas o general Freire de Andrada. Com fins pouco superiores, surdiram ainda a *Sociedade literária* e a corporação dos *Académicos renascidos*. Enfim, em 1779, José Basílio da Gama e Manuel Inácio da Silva Alvarenga instituiram a *Arcadia Ultramarina*, protegida pelo bispo D. Joaquim e pelo Vice-Rei D. Luís de Vasconcelos e Sousa (1).

Tomás António dos Santos Silva (*Tomino*), Bento Luís Viana (*Filinto Insulano*), José Monteiro da Rocha (*Tirceu*) etc.

(1) Foram seus membros: Fr. José de Santa-Rita Durão, Tomás António Gonzaga, Claudio Manuel da Costa, José Mariano da Conceição Veloso, Inácio José de Alvarenga Peixoto, Domingos Caldas Barbosa, António Cordovil, Domingos Vidal Barbosa, João Pereira da Silva, Baltazar da Silva Lisboa, Inácio de Andrade Souto-Maior, Manuel de Arruda Câmara, Rendon, José Ferreira Cardoso, etc.

Vidal Barbosa, Claudio M. da Costa, T. Gonzaga e Alvarenga Peixoto, implicaram-se na célebre conspiração republicano-separatista, cheiada pelo Tiradentes, e mais conhecida sob o nome de *Inconfidência Mineira*. Foram êsses e outros poetas mineiros (ou de Minas-Gerais) que deram valor à Arcadia Ultramarina.

Poetas da Arcadia Lusitana ou Ulissiponense

1—**Pedro António Correia Garção** emerge num meio mal orientado como vimos, e conquista o epiteto de *Horácio português*, epiteto já conferido a Sá de Miranda. Contudo, melhor o chamariamos um quási servil imitador de Horácio, porque as suas odes nada têm de nacionais e decalcam demais as odes do seu modêlo. Mais feliz nas cantigas, ditirambos, endeixas e epistolas, muito aprimorado na *Cantata de Dido*, que Garrett e T. Braga elogiam hiperbòlicamente, Garção foi um artista torturado, que curava apenas do verbalismo. As suas qualidades serão: *a)* bom gôsto; *b)* graciosidade engenhosa; *c)* linguagem rica e tersa. E os seus defeitos — falta de originalidade, artifício excessivo, ausência de profundo sentimento — empanam, infelizmente, muito aquelas qualidades.

2 — Correia Garção (1724-1722), foi filho de Filipe Correia da Silva. Cursou a Universidade de Coimbra. Por morte do pai no terramoto, deixou a vida forense e foi Escrivão da Receita da Mesa do Consulado geral da saída. Começou para êle uma vida pobre e desconfortada, que nada condiz com a serenidade novi-clássica das suas odes, mas que Garção carpiu em versos pungentes, talvez os que escreveu melhor. E na

noite de 9 de Abril de 1771 foi arremessado, por ordem do Marquês de Pombal, ao horror duma enxovia do Limoeiro. Esteve incomunicável durante oito meses crueis. A esposa não descansou. Da quinta da Fonte Santa, nos subúrbios da capital, onde vivia, vinha ela todos os dias assediar o terrivel ministro com pedidos de clemência, já que não ousava convertê-los em reclamações de pura justiça. Logrou assim a licença de o alojarem junto de outros presos, mas quando já o pobre poeta estava arrasado de corpo e alma. Enfim, conseguiu a ordem de soltura, mas em vão. Na manhã do dia 10 de Novembro de 1772, quando lhe concediam a liberdade, entrava o poeta na agonia. Morreu à tarde. Ignora-se ainda qual a causa de tamanha crueldade, aliás freqüente no tôrvo déspota (1).

3 — **Domingos dos Reis Quita** — Êste poeta continua com doçura melancólica o bucolismo de Bernardim Ribeiro, Camões e Rodrigues Lobo. A sua vida desconsolada e pobre estimulou-lhe o sentimento sem lhe desprimorar a arte. É talvez o mais verdadeiro poeta do seu tempo. Qualidades principais: *a)* naturalidade expressiva; *b)* um espírito entre vagamente saüdoso e muito resignado; *c)* extraordinária compreensão da psicologia pastoril. Os seus defeitos — monotonia e prosaismo — surdem secundaria-

(1) Contudo, há quem afirme que o Marquês procedeu com justiça.

mente nas suas églogas e idílios. Nas odes e nos sonetos, impõem-se mais um pouco, como se então Quita se achasse bastante deslocado.

4 — Quita — (1728-1770) foi filho dum comerciante, que, falindo em 1735, teve de fugir do país. O poeta tinha treze anos e ficou na pobreza extrema com sua mãe e seus irmãozinhos, mais novos do que êle. Para sustentar a família, aprendeu a arte de cabeleireiro, então muito rendosa. Trabalhando muito e lendo nas horas de lazer Bernardim, Camões e Rodrigo Lobo, habituou-se a lutar e ao mesmo tempo a procurar nas belas letras lenitivos e salutares olvidos. Estudou as línguas francesa, espanhola e italiana, para, por não conhecer o latim, poder apreciar, através das traduções ao menos, os velhos clássicos.

O conde de S. Lourenço, avistando nele um poeta, como poeta e amigo o proclamou. Daí lhe veio de-certo o convite para entrar na Arcádia, que depois tanto fortaleceu com o seu zêlo. Quita pretendeu ser criado grave dum dos Meninos de Pavalhã (filhos bastardos de D. João v), e solicitou a generosidade do Marquês. Nada conseguiu. Entretanto (1767), a tuberculose, que já o roía há muito, foi-se exacerbando. Três anos sofreu horrorosamente, amparado com santa caridade por uma senhora que lhe serviu de enfermeira. A 26 de Agosto de 1770, expirava. As suas obras estampam com bastante nitidez a alma bondosa e sofredora de quem as escreveu.

5 — **António Dinis da Cruz e Silva** tem sido cognominado o *Píndaro Português*, a-pesar-de merecer muito menos êsse epiteto do que Garção o de nosso Horácio.

António Dinis tem pouco de verdadeiro poeta. Bom metrificador, arremedou com mais ou menos habilidade a maneira pindárica e a maneira anacreôntica, em versos que nem emocionam nem interessam. Assim, escreveu várias églogas e bastantes sonetos, alguns formalmente belos.

Conhecendo a antiguidade por meio da literatura francesa, encontrou nesta a sugestão do poema que o havia de glorificar com mais segurança (1).

6 — A. D. da Cruz e Silva (1731-1799) foi natural de Lisboa. Formado em direito pela Universidade de Coimbra, obteve em 1760 despacho como juiz de fora em Castelo de Vide. Em 1763 deixou aquele lugar, e de 1764 a 1774 foi auditor do 2.º Regimento de Infantaria, em Elvas.

---

(1) No *Lutrin* de Boileau colheu a inspiração do poema heroi-cómico, o *Hissope*, talvez excessivamente elogiado por Garrett, embora seja por vezes superior em chiste ao modêlo, já que não o pode ser em arte.

O assunto é o conflito entre D. Lourenço, bispo de Elvas, e o Deão João Carlos Lara. O bispo quis obrigar o Deão a oferecer-lhe o hissope a uma porta da Sé, e o Lara insistiu em não obedecer. Daí, reuniões capitulares, protestos e rebeldias, vários lances cómicos, que António Dinis, talvez pressentindo a complacência de Pombal, esboçou com engenhosa ironia e fortuna. O *Hissope* e a *Hóstia de Ouro*, de J. Simões Dias são os nossos mais notáveis poemas heróicómicos.

A 16 de Abril de 1776, despachou-o o Marquês de Pombal como Desembargador da Relação do Rio de Janeiro, encobrindo a recompensa na aparência dum castigo, que o Ministro afectou ser inspirado pela queixa do Bispo de Elvas. É evidente que Dinis sabia lisongear o gôsto do Marquês, explorando-o com habilidade (1). Em 1789 foi colocado na Relação do Pôrto, e em 1790 na Casa da Suplicação em Lisboa. Neste mesmo ano seguiu de novo para o Brasil, onde foi julgar, com o Tiradentes, os três poetas e seus confrades Tomás Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e Inácio José de Alvarenga, todos réus no processo da Inconfidência Mineira. António Dinis não recusou o encargo, e foi o áspero relator do processo.

De todos os dados biográficos de António Dinis se deriva, mais ou menos, a conclusão de que teve um espírito pouco elevado, maleável, interesseiro, talvez cínico. As suas obras fàcilmente confirmam aquele juizo. António Dinis morreu no Rio de Janeiro.

---

(1) Teófilo Braga, sempre clerófobo, louva a coragem moral de A. Dinis por escrever o *Esopo* naquele tempo. Essa coragem foi antes profunda astúcia, porque o poema prestou um grande serviço à obra demolidora do Marquês. A coragem moral de Dinis cifra-se no dissimulado espírito de adulação que palpitava naqueles sarcasmos, muito do gôsto e do interêsse do ministro. Dinis não seria decerto tão corajoso, se o ministro de D. José propendesse mais para a Igreja.

Poetas da Nova Arcádia

1—**Manuel Maria Barbosa du Bocage** deve a sua grande popularidade ao talento repentista e aos costumes de boémio incorrigível. Abundam aventuras, chistes e anedotas, que a tradição exagera, quando não atribue ao poeta gestos, ditos e versos obscenos, que outros tiveram ou proferiram.

Bocage dispôs dum grande talento, que o seu próprio organismo físico, muito enfermiço, e uma grande desorientação moral debilitaram, ou inspirando facécias e impiedades que agradavam muito aos libertinos e desnacionalizados, ou levando-o a decalcar o espírito e arte da França, no que ela tinha de mais scintilante e primoroso, mas que era naturalmente oposto ao nosso sentimento nacional.

Rigorosamente, foi um genial verbalista, raras vezes comovido, raras vezes verdadeiro grande poeta. Duma jovialidade nervosa e doentia, que alternava com a cólera fácil dos envaidecidos com o seu talento, Bocage teve, porém, uma notável capacidade assimiladora, que pode parecer producto duma grande paciência como artista. Havia talvez nele também uma dualidade curiosa, devida, porventura, à mistura de dois sangues — o português e o francês — que lhe legaram os seus progenitores. Essa dualidade seria

o sentimentalismo impulsivo ao par da viveza, cheia de chiste e espontaneidade. Deixou sonetos de forma impecável, mas sem um perfume de sentimento profundo, sem uma vibração nitida de amor-pátrio. O seu lirismo é só belo, quando é erótico. Mais vivo do que elevado, mais artista do que poeta, mais retórico do que inspirado, intensamente vaidoso e impulsivo, Bocage, porém, zelou com préstimo a pureza da língua e deu um impulso benéfico à arte poética. Francês no espírito, no scepticismo e na superficialidade filosófica, nem por isso deu entrada a barbarismos. Se o seu vocabulário é pobre, assinalam-no a precisão e o bom gôsto, a vernaculidade e a fluência, Emfim, se não vibrou muito de sentimento nacional, serviu-o em sátiras veementes que acusam, pelo menos, bom senso da moralidade. Sacrificando à impiedade, cada vez mais predominante no seu tempo, escreveu o poemeto muito verbalista: — *Pavorosa ilusão da eternidade*. Cedendo à influência do ambiente dos conventos, onde esteve enclausurado por castigo, traduziu parte das *Metamorfoses* de Ovídio e das *Éclogas* de Vergílio com um primor bastante rígido, e, mais tarde, verteu obras, assaz medíocres no espírito, de Delille, e poemas de Castel e Lacroix — o que confirma a sua excessiva preocupação do verbalismo.

Mas a superioridade de Bocage consiste nos improvisos — de ordinário, felizes epigramas — e nas sátiras sempre vigorosas e fulminantes, pro-

digiosas de energia, quando não eram desbragadas e rancorosas. A sátira *Pena de Talião*, contra J. A. de Macedo, é um verdadeiro modêlo no género, e outras sátiras contra a decadência dos costumes na Índia têm bastante valor formal e moral. Os seus imitadores criaram a *Escola Elmanista* — (vivacidade, fluidez, ímpeto, côr e movimento, que se opôs à quási inintelígivel arte dos *Filintistas*, pesadamente clássicos e tão pouco animados por um verdadeiro sentimento nacional como o eram os seus rivais (1). Qualidades de Bocage: *a)* imaginação viva: *b)* harmonia e pureza de estilo; *c)* eloqüencia comunicativa; *d)* ironia muito espontânea. *Defeitos: a)* pouca sinceridade e naturalidade nas hipérboles elogiosas, como se doesse ao poeta ter de louvar os méritos alheios; *b)* excessivo amor da arte pela arte; *c)* sarcasmos descomedidos, vibrados com rancor, embora passageiro, que não reconhece qualquer virtude nos adversários. Silvio Romero (*Hist. da Lit. Brasileira*) frisa a *retórica inchada* do Bocage, irmanado nesse defeito com J. A. de Macedo.

2 — Bocage (1765-1805) nasceu em Setubal.

(1) Os Filintistas defenderam, como os Elmanistas, a beleza e pureza da língua, e foram bem intencionados patriotas; mas não bastam as intenções, se os exemplos as contrarizem, mostrando pouca profundidade de sentimento. O amor pátrio duns e doutros, sendo muito sincero, era tão desorientado, que serviram o liberalismo, corrente de ideias irredutivelmente opostas ao verdadeiro nacionalismo, e consolidatam a decadência que deploravam e flagelavam.

Foram seus pais o bacharel em cânones José Luís Soares de Barbosa e D. Maria Joaquina Lestof du Bocage, oriunda da França. Era sobrinho da poetisa Maria Ana La Page du Bocage. Seguiu para a Índia em 1786 como guarda-marinha, mas desertou, fugindo para Macau (1) ao ser enviado para Damão, o que prova bastante o seu pouco pendor para obediências e sacrifícios patrióticos. Em 1790, protegido pela benevolência do governador da Índia Lázaro da Silva Ferreira, estava em Lisboa, depois de ter passado fome em Macau, e de ter sofrido até um naufrágio. Lembrou-se pouco de utilizar o muito que aprendera com o seu professor de latim D. João de Medina. Apraziam-lhe mais as aventuras galantes e picarescas. Além disso, companheiro inseparável de André da Ponte do Quental, com êle e com outros poetas, era freqüentador assíduo de botequim do Nicola, onde se discutiam e imitavam os versos, mediocres de ideias e sentimentos, de Desaugiers, Parny e outros graciosos poetas franceses.

No mesmo botequim, ao mesmo tempo que improvisava e declamava, ia colhendo as ideias revolucionárias que os agentes secretos das Lojas já propagavam.

---

(1) Embarcara na nau *Nossa Senhora da Vida, Santo António e Madalena*, a 4 de Fevereiro de 1786. Um temporal o fez arribar ao Rio-de-Janeiro, onde o Vice-Rei Luís de Vasconcelos e Sousa o acolheu com gentileza. Regressou a Portugal no mês de Abril do mesmo ano, e partiu de Lisboa para Goa, onde chegou a 29 de Outubro seguinte.

Pina Manique teve denúncia dos colóquios incendiários de Bocage, e mandou-o prender no dia 10 de Agosto de 1797. A 7 de Novembro do mesmo ano, estava a contas com a Inquisição, que o acusava de ímpio. Fugira para bórdo da corveta *Aviso*. Lá o foi buscar a polícia como autor da *Pavorosa ilusão da Eternidade*, em 10 de Agosto de 1797. Recolheu ao Limoeiro. Dali o arrancaram os amigos, tomando conta dele o Santo Ofício. Em 1798, recuperou a liberdade, depois de se penitenciar no convento de S. Bento da Saúde e no hospício da Nossa Senhora das Necessidades de S. Filipe de Nery. Em 1801, devotou-se a traduções. São tão modelares que T. Braga quere ver nelas uma qualidade negativa do seu génio inventivo. Pagava-lhas José Mariano da Conceição Veloso, naturalista brasileiro, dando-lhe 24.000 reis mensais.

Mas a vida libertina exaurira-lhe as fôrças físicas. Começou de padecer em 1805 dum aneurisma e de tuberculose. E parece que na alma do poeta havia intensos sofrimentos amorosos, que em muitos dos seus versos avultam.

Bocage apaixonara-se por Maria Vicência, filha de António Marçal Leite, que o hospedara. A prisão do poeta como ímpio ergueu um dique intransponível entre os dois namorados. A mãe de Maria Vicência, ao morrer, colheu da filha o juramento de que jamais desposaria o poeta libertino e ateu. D. Maria Francisca, irmã de Bocage, foi a enfermeira modelar do poeta.

3—**José Agostinho de Macedo** é mais conhecido pelos seus grandes defeitos do que pelas suas qualidades, algumas eminentes. Negam-lhe geralmente a inspiração poética e, contudo, o que êle foi, acima de tudo, foi um grande poeta, até, e muito freqüêntemente, quando escrevia prosa. Mas, tão vaidoso e irascível como Bocage, a vanglória inclinou-o à erudição que, quando extensa, raras vezes deixa de deprimir a inspiração poética (1).

Parece que o conhecimento excessivo da arte dos outros tem o condão singular de tolher os vôos dos poetas, talvez por lhes infiltrar com facilidade uma emulação profunda que, convizinha da inveja, perturba e esteriliza as melhores faculdades.

Macedo, além disso, tinha um temperamento sanguíneo, muito pletórico, que naquela época, agitada por idealismos agressivos e demolidores, o levava fàcilmente para a vanglória e para a violência. As paixões sectárias efervesciam, preludiando a desorientação romântica, demasiadamente favorecida pela libertinagem e pelo espírito de rebeldia. As melhores inteligências

---

(1) Temos um exemplo frisante em Teófilo Braga. Estreou-se como grande poeta, com envergadura para deixar na sombra não só os que na poesia depois pontificaram, como algumas obras dos proprios maiores corifeus do Romantismo. A erudição absorveu-o, e tanto que a *Visão dos Tempos*, rompendo com poemas admiráveis, enfeixam inúmeros versos, duros, prosaicos, insulsos. E até toda a sua prosa perdeu a correcção dos primeiros escritos.

desorientavam-se, ora tomando como beleza e salvação a utopia, ora querendo que o Passado fôsse em tudo, até nas fórmulas mais transitórias, o modêlo do Presente e do Futuro. Era uma época estruturalmente negativa para o meio-termo, e, portanto, para o verdadeiro génio. Quando muito, inspirava o ardor panfletário, a sátira excessiva, pouco coadunável com as inspirações elevadas e calmas.

Nêste *meio*, o temperamento ardente de Macedo colheu mais os impulsos combativos do que os bons ensejos de reflexão. E daí proveio a sua apregoada incoerência, que, a rigor, foi uma evolução mental e moral, operada entre convulsões e exageros que irritaram até ao ódio os seus adversários.

Macedo era verdadeiro poeta. Se o tempo em que viveu não fosse de reconstrução desorientada, o seu espírito, livre de formalismos literários e de paixões, mais ou menos sectárias, teria patenteado o que havia de superior na verdadeira dualidade do grande polígrafo — imaginação criadora, que nem o proprio T. Braga (1) lhe nega, e energia expressiva, embora propensa à violência e ao insulto.

Macedo, no meio que teve, só podia dar, como deu, um grande poeta satírico, mas excessivamente desbragado, ou um poeta erótico muito

---

(1) Vid. *Memórias para a vida íntima de J. A. de Macedo*, por Inocêncio Francisco da Silva, com notas de Teófilo.

ao sabor da corrente literária da França. Atraído a princípio pelo liberalismo, que depois abandonou e combateu, e excitado pelas pugnas pessoais com Bocage e Pato Moniz, pôs de parte o verdadeiro sentimento, ou para se distinguir, como artista de figurino francês, nas horas mais repousadas, ou para despejar panfletos, uns, opulentos de erudição, e outros descomedidos e pejados até de obscenidades. Assim julgava esmagar os inimigos com a sua superioridade formidável (1).

Mas o que o prejudicou de-veras na mocidade foi a sua adesão cega aos chamados princípios novos. Em Verney, apóstolo desses princípios e detrator pedante de Camões (2), encontrou êle a sugestão principal das censuras que fez aos *Lusíadas*. E, propelido logo pela vaidade e pela predominante mania verbalista, teve a preocupação de exceder e corrigir Camões. Assim

(1) A dualidade de Macedo lembra bastante a de Camilo, artista e panfletário, que, se tivesse vivido no tempo do autor dos *Burros*, não teria sido nem mais calmo nem mais decente.

(2) No século XVIII, houve em muitos a pretensão de deprimirem e excederem Camões. Assim não faltaram os épicos. Além do 1.º conde da Ericeira, *D. Francisco Xavier de Menezes* (1673-1733) com a sua difusa e gelada *Henriqueida*, temos o *Padre Teodoro de Almeida* (1722-1804) notável moralista na *Recreação Filosófica*, nas *Cartas Físico-Matemáticas* e na interessante novela *Feliz independente do mundo e da fortuna* — com o insulso poema épico *Lisboa destruída*. Menos vale ainda *Pedro de Azevedo Tojal* com a epopeia *Carlos reduzido*. Êste vate flagelou o Padre Bartolomeu de Gusmão, inventor dos balões, com o poema heroi-cómico *O Foguetciro*. Enfim, *Medina de Vasconcelos* (*Zarqueida e Georgeida*) só a título de curiosidade deve registar-se.

escreveu o *Gama*, requintando a perfeição técnica, como finalidade superior, e refundindo-o com o nome de *Oriente*, mas sem conseguir deixar uma verdadeira epopeia. Os seus versos igualavam na correcção e elegância os de Bocage, mas ainda distavam mais do que os dêste do sentimento de Camões, porque eram duma perfeição mais torturada e verbalista, mais apartada do sentimento nacional. Feliz no género didáctico, onde, aliás, dentro doutro meio, se elevaria a muito maior grandeza, ficou sendo o nosso primeiro poeta no género, a-pesar-de haver muitos versos excessivamente artificiosos e frios nos poemas *Natureza, Newton, Meditação, Viagem extática ao templo da sabedoria* (1). Mas são freqüentemente magistrais as suas descrições (2).

(1) J. A. de Macedo, que, depois de aderir idealistamente ao liberalismo, o deixou de golpe, para o combater com virulência, mas com grande sciência social e política, e freqüentemente numa linguagem opulenta e vernácula, escreveu, além do poema obsceno *Os Burros*, e das obras já nomeadas, as seguintes, que atestam a sua prodigiosa fecundidade e maleabilidade: — *Cartas Filosóficas a Atico*, *Refutação dos princípios, etc., dos Pedreiros-Livres Iluminados*, *O Homem, ou os limites da Razão*, *O Argonauta* (Poemeto), *Os Sebastianistas*, *Ode a Lord Wellington* (escreveu também Odes à Alexandre da Rússia, à Ambição de Bonaparte, etc.), O Voto (elogio dramático), *Inventário de sandices*, *As Pateadas de Teatro*, *Motim literário*, (4 vol.), etc.

(2) Mas, como poeta descritivo, é de justiça lembrar também *José Maria da Costa e Silva* (finado em 1854) no seu poema o *Passeio*. Costa e Silva deixou ainda outros poemas, hoje completamente esquecidos. Diz o dr. Mendes dos Remédios (Ob. cit.) que acima de todos os poemas de C. e Silva está a sua obra em prosa de investigação e análise crítica — *Ensaio biográfico-crítico sôbre os melhores poetas portugueses.*

Enfim, autor de pequenas obras-primas como o *Epicédio* à morte de Bocage, e revelando noutras — cartas, opúsculos, notas críticas — os mais surpreendentes aspectos da dualidade que o caracteriza, J. A. de Macedo deixa a impressão dum poeta de raça, sufocado pelas tendências pedantescas e imitadoras do seu tempo, tanto como pela influência duma índole excessivamente agressiva e ciosa de glória.

Qualidades de J. A. de Macedo: *a)* imaginação poderosa; *b)* veemência persuasiva e sincera; *c)* erudição extensa; *d)* vibração íntima, embora às vezes desorientada, do sentimento nacional; *e)* pureza e riqueza de estilo.

4 — A sua vida é um combate rebelde, que só para o fim ganha algo de apostolado. Nascido em Beja (1761) foi frade graciano. Mas tiveram de o expulsar do convento, tão mordaz e indomável se revelou. Orador sagrado de primeira ordem, em 1802 recebeu a nomeação de prègador régio. Contudo, sempre atrabiliário e violento, sempre ufano de originalidade, propendeu muito para as novas ideias e mostrou-se até pouco morigerado. Neste período da sua vida, foi académico, e esbanjou o grande talento em pugnas satíricas, excessivas de tom e impulsos, contraiu o vício da arte pela arte, segundo os moldes franceses, e apartou-se deploràvelmente do sentimento nacional. As suas ambições literárias exageraram-lhe tanto a virulência e o espírito de rancor que chegou a ser cruel com Bocage,

quási moribundo. Contudo, reconciliou-se com o adversário, e, quando Elmano morreu, escreveu sôbre o seu túmulo um dos epicédios mais belos da nossa língua.

Enfim, ao reconsiderar sôbre a vida social e política, excedeu-se como panfletário miguelista. Mas deve ser levado em linha de conta o produto dos seguintes factores: *a)* a ânsia proselítica de Macedo, que conhecia profundamente as fôrças e traças do inimigo; *b)* as trivialidades irritantes, talvez apropositadamente despejadas, dos seus adversários; *c)* a preocupação, um pouco quixotesca e nativa, de Macedo, mas similar à de todos os panfletários do seu tempo, de nunca revelar nem vacilações, nem covardias; *d)* as injustiças e calúnias que o feriram não só a êle, envenenando depois profundamente a posteridade, como aos princípios que defendia, e também à nacionalidade, cujo espírito Macedo só tarde conheceu e aprofundou, com uma sincera mágoa que nele tinha de resultar em cólera, em quási fúria.

Parlamentar vigoroso em 1822, foi nomeado Cronista do Reino em 1830, quando no *Desengano*, em páginas sempre corajosas, mas calmas e de profunda visão, defendia a causa da Pátria dentro de noções sociais e políticas que a novi-reconstrução reabilitou. Morreu em Pedrouços no ano de 1831, combatendo sempre, e cercado de ódios, que os poderes secretos avolumaram numa espécie de perpetuidade rancorosa.

5 — **Belchior Manuel Curvo de Semedo Torres de Sequeira** — Foi um poeta de valor. Merece maior renome do que o que possui. Mais maleável de engenho do que o próprio Bocage, mais senhor de si do que J. A. de Macedo, mas com uma modéstia rara, que revela um carácter fundamentalmente bondoso, os seus méritos afirmaram-se de-certo só por serem estimulados nos lances polemísticos do seu tempo.

Alvejado por Bocage, ripostou com galhardia e chiste, temperando bastante a virulência e deixando assim indeciso o combate, à similhança do que sucedeu na luta de Elmano com Macedo.

Curvo Semedo (*Belmiro Transtagano*) cultivou com êxito quási todos os géneros da poesia lírica. Deixou sonetos que não desmaiam diante dos de Bocage, ditirambos modelares, como nunca se escreveram na nossa língua, e sátiras vivas, e fluentes, dignas de registo. E, além de vários apólogos, muito conceituosos, escreveu formosas fábulas, cheias de naturalidade e arte sóbria. Bocage foi-lhe inferior nesse género, e nenhum poeta do seu tempo lhe pode ser comparado como fabulista.

Daí o chamarem-lhe o *Lafontaine português*. Qualidades: *a)* simplicidade conceituosa; *b)* graça natural e amável; *c)* primor sem tortura. *Defeitos: a)* bastante monotonia; *b)* pendor declarado para a arte pela arte; *c)* muito mediana orientação filosófica.

6 — Curvo Semedo (1766-1838), natural de

Montemór-o-Novo, teve uma vida normal e plácida, da qual não possuimos grandes notas. Nos seus últimos anos, toldou-se-lhe a razão, se é que o não acometeu a apatia tão vulgar em septuagenários com o temperamento brando que as obras de Semedo revelam.

7 — **Nuno Alvares Pereira Pato Moniz** — Foi um poeta de bastantes recursos, deprimidos pelo excesso de vaidade e pela preocupação combativa. Como poeta elegíaco, deixou o poema *Aparição*, espécimen de arte pela arte, com alguns versos apreciáveis. Como poeta satírico, escreveu a *Agostinheida*, poema herói-cómico, que feriu despejadamente J. A. de Macedo. Mas êste poema tem um valor secundário. Os relâmpagos de genialidade que iluminam os excessos da *Pena de Talião* de Bocage são substituidos, no panfleto metrificado de Pato Moniz, por audazes jogos de palavras, vibrados com um rancor pouco atraente. Deveu de-certo essa inferioridade à pobreza de senso estético e moral, atestada nas críticas às obras de Macedo, que publicou no semanário *O Observador Português*. Pato Moniz era um terrenho artista pela arte, mas convencido de ser um grande poeta e pensador. Contudo, o *Olino* da Nova Arcadia colheu alguns triunfos, principalmente como curioso autor dramático. Mas deveu-os mais ao apoio tenaz de sectários do que a um primacial merecimento.

8 — Pato Moniz (1781-1826) teve uma vida

muito agitada por paixões políticas. Filiado talvez no Grande Oriente, foi um cabecilha menor da propaganda liberalista, parecendo que imperavam nele mais a vaidade e a paixão do que a sinceridade profunda. Impulsivo e enfático, assinalou-se de-pressa nos botequins e nas tertúlias como paladino das novas idéas. Por isso, quando da Vilafrancada, sofreu a pena do destêrro em Cabo Verde, onde faleceu.

9 — **João Vicente Pimentel Maldonado** — Foi um poeta estimável, que, por vezes, pôde ombrear com Curvo Semedo. Menos fecundo e menos dotado de poder concepcional do que *Belmiro Transtagano*, deixou, porém, nos *Apólogos* uma obra bela e cativante, que acusa um artista de moderadas aspirações.

10 — Pimentel Maldonado (1773-1838) teve uma existência cheia de normalidade e serenidade.

11 — **Tomás António dos Santos e Silva** — Êste poeta tinha uma imaginação viva, e também opulenta de intenções ingénuas. A sua epopeia *Braziliada*, que quási ninguém sequer regista, vale indubitàvelmente mais do que várias epopeias que têm referência e análise constante nos livros da nossa crítica. A concepção, o valor episódico, a arte formal, o valor psicológico, não desconfirmam os elogios calorosos de Inocêncio Francisco da Silva. A sua tragédia *D. Sebastião em África*, áparte defeitos de arte mais ou menos ingénua, vibra de tocante senti-

mento nacional e oferece lances em que o talento se aproxima da própria genialidade. Santos e Silva não dispunha de menos vôos e arte expressiva do que Bocage, sendo-lhe inferior, contudo, na harmonia das proporções e na sobriedade do estilo.

12 — Foi, como Bocage, natural de Setúbal, onde nasceu em 1751. A sua vida lembra um rosário de provações cruciantes. Aleijado dos pés, sofreu a verdadeira indigência. Desconhecido pelos seus confrades, ou por êles baixamente invejado, nunca logrou impor o seu talento num meio em que Pato Moniz conseguia, ao menos, interessar a atenção pública.

Em 1799, feriu-o a cegueira. Deram-lhe no hospital de S. José um abrigo. Foi quando cego que compôs as suas duas principais obras, ditando-as talvez com fé ingénua na justiça ardente dos pósteros. Santos e Silva é um dos nossos poetas mais dignos de reabilitação plena diante do valor dos seus livros e à luz de dados biográficos, que deviam ser investigados com honrada devoção.

Poetas da Arcádia Ultramarina

ÉPICOS

1 — **José Basílio da Gama** — O seu poema *Uruguay* em endecassílabos, verso solto, tem beleza pela sobriedade do estilo, pelo conhecimento da psicologia dos índios e dos portugueses e pela originalidade episódica. O assunto é a luta em 1756 entre os portugueses e os índios paraguaianos, comandados por Cacambo. Os defeitos são, além de vários prosaísmos, um certo espírito sectário que falseia a acção dos Jesuítas nesse conflito, e a incompleta interpretação das fontes tradicionalistas em que bebeu.

2 — J. B. da Gama (1740-1795) era de Minas-Gerais. Estudou nas escolas dos Jesuítas do Rio de Janeiro. Quis formar-se em Coimbra, mas seguiu para Roma, donde veio a Lisboa, seguindo pouco depois para o Brazil. Com um epitalámio à filha do Marquês de Pombal, D. Maria Amália, conseguiu livrar-se da prisão que sofreu, como suposto agente da Companhia de Jesus, e ser brindado com o emprego de oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros.

3 — **José de Santa Rita Durão** — Na epopeia o *Caramuru*, em oitavas, há boa técnica, imaginação feliz e vigor descritivo. Os episódios e as descrições exornam belamente o assunto

— as aventuras de Diogo Alvares Correia, que os índios cognominaram *Filho do Trovão* e *Caramuru,* divinizando-o, quando lhe viram disparar na caça a sua espingarda. Rígido como artista, faltaram-lhe bastante a leveza graciosa e a vivacidade.

4 — Santa Rita Durão (1722-1784) era de Minas-Gerais. Professou na Ordem de Santo Agostinho e doutorou-se em Teologia na Universidade de Coímbra. Erudito e eloqüente, os seus costumes austeros condizem com a gravidade, um pouco monótona, da sua arte modelar de correcção.

POETAS LÍRICOS

1 — **Tomás António Gonzaga** — Na *Marília de Dirceu* deixou um lirismo dôcemente apaixonado, que sugestionou talvez a maneira de João de Deus. Contudo, se o sentimento lhe inspira versos singelos e maviosos, nunca revela vôos superiores do coração, pelo que muito padecem de monotonia.

2 — Gonzaga (1744-1807) o *Dirceu* da Arcádia, nasceu no Porto, de pai brasileiro. Formou-se em Coímbra. Era desembargador na Baía, quando se apaixonou por D. Maria Joaquina Doroteia de Seixas. Pouco depois foi preso como conspirador. Deportado para a África, esqueceu-se daquela a quem prometera casamento e amor eterno, e desposou em 1793

D. Juliana de Sousa Mascarenhas, dama riquíssima, declarando que nunca prometera a mão de esposo a ninguém. O seu carácter frívolo e artificioso não é muito desmentido pelo sentimentalismo maneirinho e paciente dos seus versos.

3 — **António Pereira de Sousa Caldas** — É êste o poeta máximo da Arcádia Ultramarina, embora nunca se abalançasse à epopeia. Como lírico religioso, é o poeta mais alto e magnífico da nossa literatura. A sua cantata *Pygmalião* já tem um tom sublime que raramente foi igualado entre nós. Mas as suas *Poesias Sacras* excedem no género o melhor doutros poetas. Qualidades principais: *a)* elevação do pensamento e do sentimento; *b)* vigor expressivo sem dureza nem falta de meio-termo; *c)* uma profunda unção religiosa. O seu defeito maior será a frase às vezes excessivamente erudita.

4 — Sousa Caldas (1762-1814). Nasceu no Brasil. Foi filho de Luís Pereira de Sousa e de D. Ana Maria de Sousa. Aos 8 anos veio para Lisboa. Aos 16 matriculou-se em direito na Universidade de Coimbra. Depois, viajou muito na França e na Itália, ordenando-se em Roma. Sílvio Romero, seu facioso detractor, diz que esteve nos cárceres da Inquisição por causa da ode *Homem Selvagem*, na verdade inferior a outras do mesmo grande poeta, porque, sem lirismo superior, reflecte as inspirações filosóficas de J. J. Rousseau. S. Caldas, porém, regressou à

ortodoxia, encontrando então as suas melhores inspirações. Viveu muito tempo em Portugal, com fama de grande orador. Voltou ao Brasil em 1801. De lá voltou em 1805, mas em 1807 acompanhou D. João VI e morreu no Rio. Silvio Romero chama-lhe homem de grandes virtudes. As suas obras plenamente as confirmam.

5 — **Domingos Caldas Barbosa** — Deixou líricas singelas, de sabor popular, no livro *Viola de Lereno*. É um exemplo simpático de reacção contra a influência excessivamente francesa.

6 — C. Barbosa (1740-1800) nasceu no Rio de Janeiro. Estudou no Colégio dos Jesuitas. Esteve na colónia do Sacramento até 1762. Veio depois para Portugal, onde o protegeram o conde de Pombeiro e o Marquês de Castelo Melhor. Ordenou-se em Lisboa e foi capelão da Casa da Suplicação. Convivendo com os poetas do tempo, foi satirisado por Bocage e Filinto Elísio. Viveu, reagindo sempre, pelo exemplo, contra a libertinagem dominante.

7 — **Manuel Inácio da Silva Alvarenga** — É um poeta mais sentidamente lírico do que o próprio Gonzaga. Foi o *Alcindo Palmireno* da Arcadia Ultramarina. Deixou belos versos satíricos e líricos. Eivou-o, porém, muito o enciclopedismo.

8 — S. Alvarenga (1749-1814) nasceu em Vila-Rica (Minas Gerais, Brasil). Estudou no Colégio dos Jesuitas do Rio. Chegou a Portugal em 1771. Foi protegido por Pombal, a quem de-

dicou uma ode. Em 1776, formou-se em cânones. Em 1777, voltou ao Brasil. Em 1794, foi preso como conspirador. Esteve 3 anos no cárcere, donde saíu inutilizado.

9 — **Inácio José de Alvarenga Peixoto** — Autor provável das belas *Cartas Chilenas* e de várias poesias, cheias de imaginação vigorosa, tem o renome de lírico notável.

10 — A. Peixoto (1744-1793) nasceu no Rio de Janeiro. Estudou no Colégio dos Jesuitas. Veio para Portugal e formou-se em direito em Coimbra no ano de 1769.

Em 1776 já voltara ao Brasil. Rico e feliz — de D. Barbara Heliodora, a esposa, que muito amava, tivera uma filha encantadora, Maria Efigénia — foi preso como cúmplice na conjuração mineira. Foi desterrado para Ambaca, onde envelheceu prematuramente.

11 — **Claudio Manuel da Costa**, o *Glauceste Saturnino* da Arcadia Ultramarina, foi um lírico melancólico, profundamente regionalista.

Deixou, entre outras obras, o poema *Vila-Rica*. Imaginação mediana, mas sentimento enternecido. Muito subjectivismo.

12 — C. M. da Costa (1729-1789) era de Minas-Gerais. Estudou no Colégio dos Jesuitas do Rio. Veio para Portugal em 1749. Formou-se em cânones no ano de 1753. No ano seguinte foi para o Brasil. Foi secretário do governo de Minas até 1765. Em 1769 foi nomeado juís das demarcações sumárias do termo de Vila-Rica.

De 1773 a 1789, viveu da advocacia. Implicado na conjuração mineira, foi encarcerado. Assassinaram-no no cárcere em 1789, fazendo correr as auctoridades que se suicidara.

O patriota movi-re
tutor adoptou as
fábulas do patrio
brasileiros.

Poetas independentes das Arcádias

1 — **Francisco Manuel do Nascimento**, poeta de grande renome, de-certo superior aos méritos que revelou. Adoptou o nome poético de *Niceno*, que trocou depois pelo de *Filinto Elísio*, por lembrança de D. Leonor de Almeida, Marquêsa de Alorna, a quem ele chamou poeticamente *Alcipe* (1). Filinto Elísio, a-pesar-de Lamartine lhe chamar hiperbòlicamente numa ode o *divino Manuel*, é um dos afortunados que devem mais a sua fama ao que se supõe que seriam capazes de fazer do que ao que, realmente, fizeram. As suas obras têm as seguintes qualidades: *a)* grande riqueza e pureza linguística; *b)* uma especial ironia, essencialmente amarga, mas aqui e ali empolgante; *c)* um fecundo espírito docente; *d)* vigor expressivo. Os defeitos, porém, sobrepujam de-veras as qualidades. Serão: *a)* purismo exagerado, e excessiva predilecção por arcaismos; *b)* decidida arte pela arte, orientada servilmente pelas obras horacianas; *c)* dureza de expressão e afectação permanente; *d)* ausência de imaginação criadora e de sentimento profundo. As suas *odes* são tão

(1) O mesmo Francisco Manuel do Nascimento chamou Daphne a D. Maria de Almeida, irmã de D. Leonor, que depois foi esposa do 6.º conde da Ribeira.

cerradamente eruditas e clássicas, que se tornam freqüentemente intraduzíveis sem o uso dum bom dicionário. As suas traduções, do *De rebus*, etc. de D. Jerónimo Osório, dos *Mártires* de Chateaubriand, das *Fábulas* de Lafontaine, da *Punica* de Silio Italico e do *Oberon* de Wieland, parecem feitas só para serem lidas por grandes e meticulosos professores da nossa língua.

A forma, cheia de monotonia e de arrevezado requinte, pende para a mais profunda serenidade clássica, mas tem um tom constantemente didáctico e erudito, que pouco convém à verdadeira poesia. F. M. do Nascimento é, muito menos do que poeta, um verbalista opulento, mas pesado, que só pode merecer viva referência pelo muito que beneficiou e enriqueceu a nossa língua. Contudo, tem alguns versos belos e raros — principalmente nos epigramas.

2 — **Filinto Elísio** (1734 1819) nasceu em Lisboa. Ordenou-se em 1754, mas depressa aderiu às ideias dos enciclopedistas. Muito amigo do bispo Fr. Manuel do Cenáculo, prelado de valiosa mentalidade, mas de sentimentos nem sempre ortodoxos, F. M. do Nascimento, muito desafeiçoado aos árcades, chefiou uma espécie de Academia literária, freqüentada por um tal Barroso e por vários frades do Convento de Jesus. Dessa Academia eram membros Manuel Coelho de Lima e Jerónimo Estoquete, inclinados, como Filinto Elísio, para a filosofia revolucionária. Era na ocasião em que o lente de Geometria na

Universidade dr. José Anastácio da Cunha, fnado em 1787 (1), tinha também uma espécie de Academia, freqüentada pelo lente de medicina Dr. José Francisco Leal, pelo lente de anatomia Dr. Luís Cechi, por João Paula Bezerra, pelos filhos de D. Luis de Sousa — Morgado de Mateus — e pelo Padre Apolinário José Vieira da Silva. Estas duas academias, fortificadas por frades e sacerdotes que muito se desvairavam com o liberalismo nascente, dissertavam, como os árcades, sôbre poesia, eloqüência e belas-letras. Mas além disso liam e comentavam com entusiasmo as obras dos filósofos enciclopedistas.

A 3 de Julho de 1778, António Felix Mendes, poeta e antigo professor de latim de F. M. do Nascimento, denunciou ao Santo Ofício a Academia do seu antigo discípulo, confirmando uma acusação secreta, iniciada a 22 de Junho do mesmo ano de 1778. Francisco M. do Nascimento correu o risco de ser preso no dia 13 de

---

(1) Grande amigo do Marquês de Pombal, professou com excessivo ardor as ideias dos enciclopedistas. O também lente da Universidade José Monteiro da Rocha denunciou-o como ateu e libertário. Essa denúncia levou-o em 1778 aos cárceres da Inquisição, que também pretendeu, como vimos, encarcerar F. Elísio. José Anastácio da Cunha morreu recluso na Congregação de Nossa Senhora das Necessidades de Lisboa. Cincoenta e dois anos depois da sua morte, publicou-se o volume *Composições poéticas* a expensas do célebre bibliófilo Inocêncio Francisco da Silva. São versos de bastante elevação e sentimento que, se acusam muita desorientação filosófica, também atestam uma boa compleição poética, mas propensa em excesso aos devaneios do Romantismo.

Julho do mesmo ano. Valeram-lhe uma grande presença de espírito e uma grande fortuna, que lhe permitiram fugir aos esbirros, passando dias depois a fronteira.

Volvidas algumas semanas, domiciliava-se em França. Ali ensinou a língua portuguesa e escreveu as suas obras, valendo-lhe na quási indigência em que viveu, sempre nostálgico e sombrio, a caridade do nosso ministro em Paris, o Marquês de Marialva. Os seus funerais deveram-se à mesma tocante caridade.

2 — **Nicolau Tolentino de Almeida** — É o nosso maior poeta humorista-satírico (1). Não

---

(1) É do seu tempo *António Lobo de Carvalho* (1730-1787), chamado o *Lobo da Madragôa*, rival mordacíssimo de Nicolau Tolentino. António Lobo não vale tão pouco como insinua Teófilo Braga. É dele o seguinte soneto, que pinta fàcilmente a psicologia a Tolentino, embora errando o 3.º verso da 2.ª quadra:

Um homem tal qual, um tal sujeito,
Nicolau Tolentino sem mais nada,
Que com dispensa e veneranda espada
De S. Tiago traz no inchado peito.

Sonhou que oficial estava feito
Duma secretaria, e nesta andada,
Que tinha sege e moço na escada,
E um simples pano para a porta feito:

Lembrou-lhe o az de copas por escudo,
Com outras cartas mais de corriola;
Armas próprias do seu tão grande estudo.

Eis que bate um rapaz na dura argola,
Acorda o D. Quixote, foi-se tudo,
E fica, como dantes, mestre-escola.

tem elevações juvenalinas nem ironias fulminantes. Faz crítica em tom gracioso, às vezes quási inofensivo, mas também outras vezes intensamente mordaz e malicioso. A sua técnica é bastante perfeita. Os sonetos não têm que invejar ao primor formal de Bocage. As quintilhas fluem com naturalidade, simplicidade e chiste desafectado.

Qualidades: *a)* riqueza de tons e côres; *b)* muita espontaneidade e sempre dentro duma vernaculidade de-veras quinhentista; *c)* graça viva e natural, a derivar duma observação feliz de costumes e figuras. *Defeitos: a*) evidente ausência de elevação moral; *b*) alguns versos demasiadamente prosaicos.

3 — Nicolau Tolentino (1740-1811) nasceu em Lisboa. O pai, Dr. José de Almeida Soares, era advogado da Casa da Suplicação e Familiar do Santo Ofício. A mãe, D. Ana Tereza Froes de Brito, era de família nobre e abastada. Em 1760, matriculou-se na Universidade de Coimbra. Formou-se só em 1769, porque não freqüentou as aulas nos anos de 1766-1768. Em 1767 foi nomeado professor régio de rètórica e poética. Em 1780, foi nomeado académico em 1781, oficial

---

Outros poetas satíricos, e líricos — *Caetano José da Silva Souto Maior* (finado em 1789), *Abade de Jazente* (com grandes admiradores). *Domingos Monteiro de Albuquerque* (1744-1830). Fr. José Botelho Torrezão, Pedro José Constancio, José Caetano de Figueiredo, etc., tiveram no Século XVIII bastante reputação, que, por vezes, ensombrou a de N. Tolentino, mas sem boa justiça.

praticante da Secretaria dos Negócios do Reino, e em 1783 oficial ordinário. Em 1793, foi agraciado com o hábito de Cristo, e em 1803 aposentou-se de professor com metade dos vencimentos. Havia nêle a vulgar dualidade do soberbo (andava muito de sege, gostava de condecorações e honrarias) e do mesquinho que, por avareza ou ambição excessiva, se rebaixa a bajular e a pedinchar. Ganhava por ano a soma, importante no seu tempo, de perto de 4 contos; o govêrno imprimia-lhe à sua custa as obras; e, contudo, era um quási mendigo em casa dos fidalgos — Marialvas, Cerveiras, Angejas, Lavradios e outros. Morreu solteirão, aos 71 anos, como egoísta incorrigível. A vida dêle explica a medíocre elevação moral das suas obras, aliás modelares como pintura realista do tempo em que foram escritas.

Sua crítica!! . . .

Nem aqueles citados

João Xavier de Matos

António Ribeiro dos San (v. nota

Francisco de [illegible] (co

Francisco de Pina de M

(o verdadeiro renovador

Poetisas

1 — **D. Catarina Micaela de Sousa César de Lencastre, viscondessa de Balsemão,** (1749-1824) deixou poesias ainda inéditas, que um crítico ilustre (1), apontando as fontes biográficas da ilustre senhora, considera dignas da consagração da publicidade.

2 — **Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre, marquesa de Alorna** — É a nossa maior poetisa do seu tempo, e uma das mais eminentes da literatura portuguesa.

Qualidades: *a)* inspiração graciosa e fácil, mas muitas vezes com um raro fundo filosófico e moral; *b)* arte fluente e espontânea; *c)* sentimento desafectado e sincero através da expressão muito pura e correcta. Defeitos: *a)* algumas trivialidades e prosaísmos; *b)* monotonia formal; *c)* tendências excessivamente racionalistas, eivadas de libertarismo.

2 — A marquesa de Alorna (1750-1839) foi filha de D. João de Almeida Portugal (2) e de D. Leonor de Lorena (3) e nasceu em Lisboa.

(1) Dr. Mendes dos Remédios, *Os Cas*

(2) 2.º Marquês de Alorna e 1.º Conde de Assumar, Vedor da Casa Real, Comendador de Cristo e Capitão de Cavalaria.

(3) 4.ª filha dos 3.os Marqueses de Távora, Francisco de Assis de Távora, 3.º Conde de Alvor, e da Marquesa D. Leonor Tomásia de Távora.

Aos 8 anos de idade, foi reclusa, com sua irmã D. Maria de Almeida, como presa de Estado, no convento de Chelas. O Marquês de Pombal encarcerara no forte da Junqueira o pai de D. Leonor, como cúmplice no atentado regicida de 3 de Setembro de 1758. Pensou D. Leonor, ao entrar na adolescência, em professar, do que a desconvenceu Fr. Alexandre da Silva. No convento estudou música, poesia, filosofia e línguas e escreveu os primeiros versos. Distinguiu-se aos 18 anos nos *Outeiros* do convento, conhecendo então Francisco Manuel do Nascimento.

Por morte do Marquês de Pombal, seu pai saíu dos cárceres da Junqueira, onde jazêra 18 anos, e D. Leonor deixou o convento, seguindo com os seus para Almeirim, donde pouco depois regressou a Lisboa. Conheceu então Carlos Augusto, Conde de Oenhausen e primo do Conde de Lippe, que disciplinava o nosso exército. Enamoraram-se, e o conde converteu-se ao catolicismo. Casaram. O conde foi comandar um regimento do Pôrto, onde D. Leonor teve a primeira filha — mais tarde marquesa da Fronteira. Depois seguiu para Viena de Áustria, onde o marido ficou nosso ministro. Distinguiram-na com grandes honras nas capitais que atravessou — Madrid e Paris. Por então conheceu notabilidades como Necker, Metastásio, Dellile, etc. Em Viena teve 3 filhas. Mas a nostalgia fê-la regressar a Lisboa, onde a 3 de Março de 1793, perdeu o marido. Mais tarde, já resignada com

a viuvez, foi dama de honor de D. Carlota Joaquina. Depois viveu algum tempo na Inglaterra, voltando à pátria em 1809. Os governadores do Reino acolheram-na com frieza. Voltou à Inglaterra. Lá teve a má nova de que um corsário se lhe apoderara da mobília. Resignadamente viveu com a maior modéstia no país de Gales até 1812, e depois em Londres até 1813, privando então muito com a sectária senhora de Staël.

Regressando à pátria, instalou se no palácio Fronteira, em Benfica. Depois viveu em Almeirim e Cacilhas. As suas salas foram sempre verdadeiras academias. Animou com excelente previsão os primeiros passos literários de Alexandre Herculano, que lhe foi sempre muito reconhecido. Além do nome literário de *Alcipe*, D. Leonor usou os de *Lilia*, *Lize* e *Laura*.

A vida da Marquesa de Alorna condiz plenamente com as impressões colhidas nas suas obras. Carácter nobre e generoso. Sinceridade e sentimento. Cultura elevada da mente e do coração, mas consideráveis e nocivas influências do espírito liberalista-romântico.

Arte e poesia dramatica

1 — A nossa arte dramática apenas mudou de influência, deixando o espírito espanhol para seguir o espírito francês, como sucedeu afinal, em todos os ramos da nossa literatura. E, além da influência francesa, sofreu o nosso teatro ainda a influência italiana. Emfim, o nosso teatro, já tão pouco original de si, ainda foi deprimido pela estonteadora moda das *operas*, que predominava escandalosamente na Europa. A música, os scenários deslumbrantes, as maravilhas das *tramoias* ou maquinismos (1) relegavam para um logar secundário a concepção dramática e a beleza da expressão estilística. Enfim, a pequenez artística dos actores, recrutados sempre entre criaturas sem elevação moral e mental — porque a profissão de actor desqualificava então entre nós quem a exercia — contribuía ainda para a falta de estímulos em benefício da verdadeira arte dramática. Chispavam, por isso, como nunca, os chistes, as chufas, as torpezas disfarçadas em graçolas. Nem moralidade genuina, nem verdadeira arte.

2 — Lisboa regorgitava de teatros populares (Bairro Alto, Ribeira, Mouraria, Rua dos Condes, Arcas), e tinha ainda os teatros régios de Queluz, de Salvaterra, da Ajuda e a Ópera no Tejo.

---

(1) Vid. T. Braga (*Ob. cit.*).

Mas a arte dramática ou era ignóbil, ou simplesmente aparatosa. Os actores, mulheres de má nota e homens de costumes vergonhosos, predominavam nos proscénios ou em comédias de cordel e em entremeses, ou em *óperas*, apenas beneméritas por fazerem emergir músicos notáveis como António da Silva, João de Sousa Carvalho, Luciano Xavier dos Santos, Jerónimo Francisco de Lima, etc., dignos de maior fama e aprêço.

Os autores ombreiam quási sempre com a miséria moral e mental, com a degenerescência artística dos actores. *José Caetano de Figueiredo* (falecido em 1815), autor da farsa *Brites papagaia, António Xavier Ferreira de Azevedo* (1784-1814), autor da farsa *Manuel Mendes, M. Rodrigues da Maia* (falecido em 1804), autor do *Doutor Sovina,* e outros, menos que medíocres. ás vezes irritantes de nulidade, foram os autores mais populares daquele tempo, excepção feita de António José da Silva, o Judeu, que logrou empolgar, como nenhum outro, aquelas plateias mesquinhas, propensas à grosseria e ao cinismo.

3 — **Pedro António Correia Garção** tentou implantar o teatro clássico, escrevendo as comédias *Teatro Novo* e *Assembleia ou Partida.* Distinguem-nas um chiste portuguesíssimo, caracteres bem desenhados e a linguagem castiça e elegante. Mas o mau gôsto do público achou-as insulsas, a-pesar-de serem as melhores obras do autor.

4 — **Domingos dos Reis Quita** — teve também a pretensão bemfazeja de firmar o teatro clássico nas tragédias *Inês de Castro, Hermíone, Mégara e Astarto.* A-pesar-das belezas da primeira — inferior sempre à *Castro* de António Ferreira — a sua tentativa naufragou. O público voltou-se desvairadamente para as comédias de cordel e para as mujigangas. E o mesmo inêxito deplorável teve *João Batista Gomes,* que escreveu a *Nova Castro,* sem atraír o público e também sem conseguir imitar de-veras a tragédia de António Ferreira. Mais ditoso foi *Nicolau Luís,* que escreveu *D. Inês de Castro, Belisario* e *Conde de Alarcos,* mas não por causa dessas peças trágicas, e sim, por ver aplaudir constantemente várias suas comédias de cordel, ou traduzidas do francês, do italiano e do espanhol, ou originais, como os *Maridos peraltas.*

5 — **Manoel de Figueiredo** — Na Arcádia *Lycidas Cinthio,* encheu-se de traduzir com febre, mas sem êxito, tragédias de Corneille e Addison, do proprio Eurípedes. Escreveu depois as comédias originais *Apologia das Damas, O Fatuozinho,* o *Dramático aficionado,* o *Acredor,* a *Escola da Mocidade, Poeta em anos de prosa,* etc., onde há scenas interessantes, caracteres e costumes bem observados, e uma dialogação viva e às vezes natural. Mas a linguagem e e a arte métrica coxeiam e gemem nas suas peças. A urdidura tem pouco movimento. M. de Figueiredo, que sonhara restaurar o nosso tea-

tro, dando-lhe o tom clássico, teve de confessar-se derrotado. Nascido em 1725, morreu em 1801.

6 — **Antonio José da Silva** — Entre tantos medíocres, uns por não conhecerem de-veras o sentimento nacional e outros par debilidade conceptora, o *Judeu* avultou com fácil triunfo. Se não era o génio que vulgarmente apontam, soube fazer vibrar o sentimento nacional. Aproveitou as nossas *modinhas* e explorou com atrevidos chistes, infelizmente muito grosseiros, a baixa comédia portuguesa, que recamou de ditos equívocos, a cruzarem-se em scenas muito movimentadas e que davam vulto, com bastante realismo, a várias figuras ridículas do seu meio e do seu tempo. Antonio José, enfim, ousou atacar rudemente a escolástica e a própria Inquisição. Não poupou até a mitomania nem teve indulgências com as afectações predominantes, vestidas à francesa. E se tivesse genialidade moral, as suas obras, de espírito bastante gil-vicentino, teriam continuado talvez dignamente o belo e scintilante esfôrço de D. Francisco Manuel de Melo. Mas o *Judeu* considerava como sua finalidade principal a desbocada galhofa. Por isso deixou de enveredar por onde lhe cumpria em proveito e honra do seu meio e do seu tempo. Faltou-lhe demais a habilidade genial de Gil Vicente. Não teve a sua admirável prudência, que não excluia o realismo brilhante, muito chistoso, e, afinal, modelarmente artístico. As *Operas* do *Judeu*, então popularíssimas, contribuiram muito para a

desorientação moral da sociedade portuguesa. António José demolia com verdade, e até com justiça, mas a sua demolição era despejadamente galhofeira, cínica, estruturalmente nociva a qualquer movimento de reconstrução luminosa e pura.

Fazia rir, entre punhados de lama. Gil Vicente fazia rir, ensinando, e entre raptos de admirável poesia lírica (1). Das obras do Judeu a principal é talvez *As Guerras do Alecrim e da Mangerona*. Mas colheram também grandes aplausos as suas outras obras: *Encantos de Medeia, O Labirinto de Creta, Anfitrião, História do Grande D. Quichote de la Mancha e do gordo Sancho Pança, Esopaida, Variedades de Proteu, Precipicio de Phaetonte.*

7 — António José da Silva (1705-1739) era natural do Brasil. Seus pais, o dr. João Mendes da Silva e D. Lourença Coutinho, eram cristãos-novos. Daí lhe veio a alcunha de *Judeu*. António José formou-se em Coimbra em 1726. Cedo entrou nos cárceres da Inquisição por ter motejado dum livro anti-judaico de Pedro Lobo Correia (2).

Libertaram-no alguns amigos, entre êles o conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes. Advogado e literato, António José, porém,

---

(1) Contudo, o Judeu também deixou algumas apreciaveis digressões líricas nas suas peças dramáticas.

(2) *Sentinela dos judeus.*

não arripiou caminho nas suas arremetidas sectárias, que tanto lhe prejudicavam a paz íntima como a serenidade e o equilíbrio da arte. E não viu quanto era melindroso e arriscado alvoroçar o meio intelectual predominante, muito propenso à intolerância, por avistar com perspicácia, mais ou menos exagerada, os progressos dum excessivo libertarismo. Contudo, a censura preveniu-o várias vezes, cortando-lhe nas peças dramáticas muitas frases descabeladas, ou simplesmente equívocas. É provável, porém, que descobrissem subtis venenos onde só haveria propósito maníaco de fazer chalaças, nem sempre muito chistosas, mas às vezes inocentes. A sua notória hostilidade ao catolicismo foi de-certo a causa máxima do fim trágico e deplorável que teve. Prenderam-no em 1737, quando dava a última demão ao *Precipicio de Phaetonte*. Encarceraram-no com a mãe e a mulher. Dois anos penou miseràvelmente nas masmorras. A 18 de Agosto de 1739, patente sempre a sua incontrição, foi queimado vivo entre vociferações jubilosas da populaça que mais o festejara e desvairara. O suplício foi monstruoso de rigor, mas a própria crueldade das multidões volúveis atestava que o sentimento nacional a achava justiceira (1).

---

(1) Deu-se aproximadamente o mesmo em Madrid, quando da execução do infortunado idealista Rafael Riego, pouco antes muito aclamado pelas turbas, sobreexcitadas por vários agentes de apoteoses fáceis.

8 — Na tentativa de António José da Silva, muito imperfeita, talvez porque o Judeu não teve vida bastante para progredir, ficou o fermento do mau teatro português.

As curiosas *Óperas* de António José apenas produziram, mais ou menos, as inferiores *revistas do ano* do nosso tempo, variantes menos-prezíveis das piores óperas burlescas.

Mas a grandeza e nobreza do Teatro de Manuel de Figueiredo não interessaram o novo reconstituidor Portinho. Desgraçada literatura esta que tem sido historiada por tão analítica e dolorosa [illegible] intelectuais!!

Historiadores

1 — A história tornou-se erudita, profundamente investigadora. Teve um carácter de-veras patriótico. Foram sempre os nossos historiadores os mais firmes obreiros da consolidação, perfeição e reconstrução da nacionalidade e da literatura.

Em todas as nossas épocas literárias emergem êles, numa reacção, mais ou menos conscienciosa, mas nítida, contra o espírito estrangeiro. É lógico. Convivem, como nenhuns outros homens de letras, com as fontes vivas da nacionalidade, com documentos e relíquias venerandas, que fàcilmente impõem a boa disciplina dos princípios e o forte saneamento dos caracteres. No período da reconstrução verifica-se a primor o asserto. São notáveis neste período, pelas nobres intenções, infelizmente nem sempre servidas por uma consciência superior, os seguintes medianos historiadores:

2 — **Sebastião da Rocha Pitta** — Escreveu *História da América Portuguesa desde o ano de 1500 do seu descobrimento até ao de 1724.* Ausência de método. Estilo afectado e pretencioso, às vezes obscuro. Um nacionalismo transviado por excessos de erudição decorativa.

3 — Rocha Pitta (1660-1738) nasceu na Baía (Brasil). Foi coronel da Ordenança e dos Privilegiados daquela cidade.

4 — **Fr. Manuel dos Santos** escreveu a

Decima Parte da Monarquia Lusitana de Fr. Bernardo de Brito, e novamente escreveu a 7.ª e 8.ª e a 9.ª Parte, já escrita pelo beneditino Fr. Rafael de Jesus. Escreveu ainda a *História Sebástica* (Vida de D. Sebastião) e *Alcobaça ilustrada*. Estilo gongórico, mas com boas qualidades expositivas e até com vislumbres de critério superior.

5 — Fr. Manuel dos Santos (1672-1740) era natural de Orentão. Frade cisterciense, teve uma boa reputação de erudito. Foi Cronista do Reino e Académico supranumerário da Academia Real da História.

6 — **D. António Caetano de Sousa** — Escreveu uma obra vasta e magistral pela riqueza da documentação, inexcedível no género, ainda que nem sempre segura de informações, mas principalmente por êrro dos copistas: *História Geneológica da Casa Real* e o suplemento *Provas da História Geneológica* (respectivamente 13 e 6 tomos). Há vida e côr no trabalho do ilustre frade. A espaços, lampeja a visão penetrante. Escreveu as *Memorias* de alguns bispados do Ultramar e o tomo 4.º do *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso, que é só autor dos 3 primeiros tomos.

7 — D. António Caetano de Sousa (1674-1757) natural de Lisboa, foi frade teatino. É um dos fundadores da Academia Real da História (1).

(1) Outro *Caetano de Sousa* (*D. Manuel*), natural também de Lisboa (1658-1734), teatino, Pro-Comissário da Bula da Cru-

8 — **Francisco Leitão Ferreira** manifestou nas *Notícias da vida de André de Resende* e nas *Notícias cronológicas da Universidade de Coimbra* grandes aptidões de investigador conscienciosо (1). Escreveu ainda: *Nova-arte de Conceitos*, que teve grande popularidade, e *Catálogo dos Bispos de Coimbra.*

9 — O Padre Francisco Leitão Ferreira (1667-1735) foi natural de Lisboa. Beneficiado em Tavira e em Pôrto de Mós, foi depois cura da freguesia do Loreto em Lisboa, gozando da melhor reputação moral.

10 — **José Soares da Silva** foi, além de poeta muito gongórico (versejou em espanhol), um grande erudito. Nas *Memórias para a História de Portugal, que compreende o governo de el-rei D. João I, do ano de 1383 até o de 1433*, há copiosos subsídios históricos. Estilo pretencioso e exuberante. Mediano critério filosófico, quando revela algum. Excessiva preocupação erudita.

11 — J. Soares da Silva (1672-1739) era

---

zada, do Conselho de El-Rei, e que apresentou a D. João V o plano da Academia Real da História, foi também grande erudito e paciente historiador. Escreveu numerosas obras (*Numismografia Lusitana, Expeditio Hispanica apostoli S. Jacobi, etc.*) Era membro da Arcádia romana desde que na Itália representou a ordem teatina. D. António Caetano de Sousa (*Aparato à História Geneológica*) faz-lhe grandes e honrosas referências.

(1) Nesse trabalho é corrigida em vários pontos a *Crónica da antiquissima Provincia de Portugal* por Fr. António da Purificação (1601-1658).

natural de Lisboa. Com grande fama de erudito, foi encarregado pela Academia Real da História, a que pertencia, de escrever as citadas *Memórias*, publicadas em 1730 (1.º vol.), 1731 (2.º vol.) e 1732 (3.º vol.) Em 1734 enriqueceu-as com o livro suplementar: *Colecção dos Documentos com que se autorizam as Memórias*, etc.

12 — **Manuel Pereira da Silva Leal** — escreveu, com bastante método e informações, que interessam a história geral, as *Memórias para a História Eclesiástica da Guarda.*

13 — Silva Leal (1694-1723) nasceu em Lisboa. Foi Mestre em Artes em Coimbra, onde se doutorou em Cânones e Condutário Inquisidor com exercício na Inquisição de Lisboa. Também foi beneficiado em várias colegiadas e membro da Academia Real da História.

14 — **Diogo Barbosa Machado** escreveu a *Biblioteca Lusitana,* em 4 grossos volumes. É um trabalho de grande fôlego na enumeração das obras impressas e manuscritas e nos dados biográficos. Mas não tem o menor espírito crítico (1). Escreveu também *Memórias para a His-*

(1) Inocencio Francisco da Silva (Dicionário Bibliográfico), diz a respeito da *B. Lusitana:* — A-pesar-das suas tantas vezes apregoadas inexactidões, e das faltas e imperfeições inseparáveis das obras humanas, resgata amplissimamente quaisquer defeitos pela vastidão do assunto, pela trabalhosa e variada erudição que nele reina, e pela sua inegável utilidade, assegurando ao seu autor uma gloria imarcescível.

Um anónimo publicou em Lisboa (1786) um apressado

tória de Portugal que compreendem o governo de El-Rei D. Sebastião, etc., *Memórias para a História de Portugal no ano de 1561 até ao de 1567*, *Memórias para a História de Portugal do ano de 1568 até ao de 1574* e *Memórias para a História de Portugal do ano de 1574 ao de 1578*. Muito trabalho investigador, mas lamentável ausência de discernimento.

15 — Diogo B. Machado (1682-1772) foi natural de Lisboa e filho do capitão João Barbosa Machado e de D. Catarina Barbosa (1). Abade de Santo Adrião de Sever, bispado do Pôrto, foi membro respeitável da Academia Real da História Portuguesa, que o encarregou de escrever as memórias históricas dos reinados de D. Sebastião e do Cardeal D. Henrique.

16 — Aos nomes daqueles historiadores, membros da Academia Real da História, é justo acrescentar os dos seguintes, nem todos eminentes, mas que foram membros da Academia Real das Sciências:

17 — *Fr. Manuel do Cenáculo Vilas-Boas* escreveu, além doutras obras, *Cuidados literários do Prelado de Beja*, *Exercitationes Litur-*

---

resumo da obra referida com o título *Sumário de Bibliotheca Lusitana*. Melhor teria sido chamar-lhe *Índice*.

(1) Diogo B. Machado era filho 2.º. Seus dois irmãos *D. José Barbosa Machado* e *Inácio B. Machado* escreveram também boas obras históricas. O primeiro é o autor do *Catálogo cronológico, histórico, genealogico e critico das rainhas e seus filhos*. Ao segundo devem-se os *Fastos politicos e militares da antiga e nova Lusitania*.

gicas, Oratio pro aperiendis, etc., *Memórias históricas do ministério e do púlpito.* Grande erudição. Estilo bastante túrgido e pouco natural, mas com pedaços cheios de vida. Boa moral cristã, mas, às vezes, deprimida pelo racionalismo na envergadura bastante dialéctica dos seus conselhos e sentenças. Muito pouco vivo ou seguro o seu critério histórico.

18—D. Fr. Manuel do Cenáculo (1724-1814) nasceu em Lisboa. Era filho dum serralheiro. Professou na Ordem de S. Francisco e doutorou-se em Coímbra. A sua erudição recomendou-o à côrte. Em 1769, foi nomeado confessor de D. José, príncipe do Brasil. Em 1770, foi nomeado Bispo de Beja. O marquês de Pombal fez dele um dos seus principais mentores nas reformas do ensino e deu-lhe várias benesses, que o ilustre Prelado perdeu, quando o ministro foi demitido. Contudo, em 1802 foi promovido a Arcebispo de Évora, notabilizando-se então pelo curso de humanidades e por várias instituições de ensino que benemèritamente fundou no seu Paço. D. Fr. Manuel do Cenáculo, ilustrado e muito virtuoso, lembra um tanto Fénelon na demasiada transigência com novos ideais, embora lhe pertença quási completamente o que houve de sólido e nacional nas reformas pombalinas da instrução.

16—**João Pedro Ribeiro**—Foi outro investigador laborioso e erudito. Escreveu várias obras e opúsculos. Entre todos os seus traba-

lhos avulta como o mais completo o *livro Dissertações cronológicas e críticas sôbre a História e Jurisprudência eclesiástica e civil de Portugal.* Outra obra sua, de bastante mérito, é *Observações históricas e críticas para servirem de Memórias ao sistema da Diplomática portuguesa.* Bons subsídios dão as suas obras na história da legislação, dos costumes, etc., mas o espírito crítico raras vezes o recomenda superiormente. João Pedro Ribeiro foi o pai da nossa sciência diplomática, valor que faz esquecer o tom monótono do seu estilo, arrastado e confuso.

20 — J. P. Ribeiro (1757-1839) nasceu no Pôrto. Ordenou-se e doutorou-se em Cânones na Universidade de Coímbra. A sua vasta erudição deu-lhe ingresso na Academia Real das Sciências. Deixou em testamento à Biblioteca da Universidade, que frequentara, a sua grande livraria, opulentada com vários manuscritos seus.

21 — **António Caetano do Amaral** afirmou nas suas investigações históricas uma erudição intensa e extensa e bastante critério inovador e reconstrutor. Ainda que nem sempre encontrasse o meio-termo preciso para cotejar e julgar, as suas cinco *Memórias* (1) não têm só

---

(1) São elas: 1.ª — *Estado da Lusitânia até ao tempo em que foi reduzida a província romana* (com muitos pontos discutíveis ; 2.ª — *Estado civil da Lusitânia no tempo em que esteve sujeita aos romanos* ; 3.ª — *Estado civil da Lusitânia desde a entrada dos povos do Norte até à dos Arabes* (talvez a melhor); 4.ª — *Estado do terreno que hoje ocupa Portugal desde a funda-*

valor erudito, porque impõem um método minuciosamente analítico, inspirado por uma probidade estimável e modelar.

22 — A. Caetano do Amaral (1747-1819) viveu vida recolhida e calma, que decorreu, por assim dizer, entre o seu gabinete e a Academia Real das Sciências.

23 — **D. Fr. Fortunato de S. Boaventura** escreveu vários e substanciais estudos históricos sôbre cronistas como os Brandões e Fr. Bernardo de Brito, estudos que alternou com vigorosos panfletos políticos, escritos em linguagem assás despejada, ao sabor das excessivas paixões do seu tempo, mas com tal eloqüência e justeza filosófica, que nesse género ocupa um lugar imediato ao de José A. de Macedo (1). *O Sumário da vida de D. Fernando* e as *Memórias para a vida da beata Mafalda* merecem carinhosa reedição, porque são obras eruditas e inconfundíveis pela linguagem vernácula e animada, grandemente sugestiva.

24 — O douto frade (1778-1844) foi formado em Teologia. Arcebispo de Evora, nunca desamparou nem as letras nem a política. Como poucos,

---

ção dos Arabes até à fundação da Monarquia Portuguesa; 3.ª — *Primeira época da Monarquia Portuguesa desde o Conde D. Henrique até o fim do reinado de El-Rei D. Fernando*. Estas *Memórias* foram muito consultadas por Alexandre Herculano, e, por vezes, com talvez excessiva confiança.

(1) É ainda hoje célebre a sua folha de combate *Contra-mina*, muito justificada nos excessos e virulências pela visão clara da nossa progressiva desnacionalização.

alevantou o espírito do povo contra as invasões francesas, nas quais avistou penetrantemente uma perigosa infiltração do espírito estrangeiro e liberalista. Teve um carácter puro e nobre, dotado de grande caridade no trato íntimo.

25—**D. Francisco Alexandre Lobo**—Escreveu *Memorias* preciosas sobre Camões, Vieira e Fr. Luís de Sousa, um modelar *Resumo da Historia do Antigo Testamento*, etc. A uma erudição poderosa e a um critério excelentemente orientado, aliava a pureza, elegância e precisão do estilo, animado por comunicativa fé intima.

26 — D. Francisco A. Lobo (1763-1844) nasceu em Beja. Foi lente da Universidade de Coimbra (Faculdade de Teologia) e Bispo de Viseu. Desempenhou um importante papel político, afirmando sempre o seu amor fervoroso ao puro tradicionalismo.

27 — **D Fr. Francisco de S. Luís** escreveu inúmeras *memórias* históricas, filológicas e críticas. Erudição vasta. Amor pátrio, às vezes desorientado, mas sentido. Estilo castiço e bastante opulento. Bastantes inexactidões históricas. Várias arbitrariedades como filólogo, e freqüentes desorientações no critério político. Contudo, as suas obras encerram valiosos elementos subsidiários.

28 — D. Fr. Francisco de S. Luís (no século, Francisco Justiniano Saraiva) era natural de Ponte do Lima (1766-1845). Foram seus pais Manuel Saraiva e D. Maria Correia de Sá. Professou na Ordem de S. Bento em 1782.

Depois freqüentou a Universidade de Coimbra, doutorando-se em Teologia no ano de 1791. Três anos depois, foi eleito sócio da Academia Real das Sciências. Em 1807, foi nomeado professor de filosofia no colégio das Artes. Quando estalou o movimento de 1820, aderiu a êle decerto por boa fé, como vários frades. Foi membro da Regência em 1821, deputado em 1823 e presidente da câmara dos deputados em 1826 e 1834. Além disso, foi reitor da Universidade, ministro, bispo de Coimbra e depois cardeal patriarca de Lisboa, sendo desde então frequentemente designado pelo nome de *Cardeal Saraiva*.

29 — **Antonio Ribeiro dos Santos** — Escreveu valiosas obras históricas (*Origens da tipografia portuguesa no Seculo XVI, Memórias àcêrca da literatura sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da monarquia até aos fins do Seculo XV*, etc.). Grande investigador histórico. Raros dotes de reconstituição. Linguagem aprimorada e pura. É o polígrafo mais eminente da Academia R. das Sciências no seu tempo (1).

30 — A. Ribeiro dos Santos (1745-1818) foi lente de Cânones na Universidade de Coimbra e

---

(1) Teve na Arcádia o nome de *Elpino Duriense*. As suas *Obras Poeticas*, se revelam, como pretende Garrett um émulo de António Ferreira, a quem será inferior em verdadeira poesia, mas superior em arte, nem por isso deixam de conter nos versos de maior sabor clássico freqüentes elevações de ideias e de sentimento. Filinto Elísio não o excedeu nunca.

bibliotecário da mesma Universidade, sendo transferido depois para a Biblioteca Pública de Lisboa. Teve a vida calma, quási inexpressiva, de todos os grandes eruditos.

31 — **Manuel Antonio Coelho da Rocha** — Afirmou nos seus livros — *Instituições do direito patrio e Ensaio sobre a historia do governo e da legislação de Portugal* — o vulto dum investigador muito inteligente e erudito. Avistou e até valorizou com rara fortuna os melhores elementos para uma história filosófica de Sinarquia Portuguesa. Embaraçou-o no intento, se o teve com perfeita consciência, um liberalismo, mais ingénuo e sugestivo do que sectário, ou mais devido às influências do espírito do tempo do que a convicções profundas. Estilo modelar de concisão. Método bastante perfeito e claro. Grandes aptidões para as sínteses substanciais (1).

32 — Coelho da Rocha (1803-1850) foi notável lente de Direito na Universidade de Coimbra. Viveu entre a cátedra e o seu silencioso gabinete de estudo.

---

(1) Deste tempo são os sinarquistas JOSÉ ACURCIO DAS NEVES e JOSÉ DA GAMA E CASTRO, autor do *O Novo Príncipe*, obra fundamental da novi-reconstrução.

Oradores

1 — A eloqüência, neste periodo, é ou sacra, ou académica. Mas, se da segunda não colhemos vultos de importância maíor, na primeira sobressaem figuras que, comparadas às de Vieira e Bernardes, merecem apenas um simples registo de estima.

2 — Devemos citar: o erudito D. Fr. Caetano Brandão (1), finado em 1805 e de quem ficou o livro póstumo em 2 vol. *Pastorais e outras obras* (estilo atraente, com sabor clássico); *Fr. Alexandre do Espirito Santo Palhares* (1748--1811) cujos Sermões revelam um decalcador bastante feliz, às vezes, do Padre António Vieira; *Antonio José da Rocha,* ardente absolutista, muito fluente e vivo (1751-1831) (2); *Fr. Patricio da Silva* (1756-1850), autor de conceituosos sermões e pastorais (3); *Fr. Joaquim de Santa Clara Brandão;* etc. (4). *José Agostinho*

---

(1) Bispo do Pará e depois Arcebispo de Braga, foi um Prelado virtuosíssimo.

(2) Foi lente de Teologia na Universidade de Coimbra. Goza o renome de ter possuido grande eloqüência e erudição vastíssima. O seu sermão nas festas da restauração da monarquia absolutista (26 de Fevereiro de 1824) vibra de entusiasmo sugestivo.

(3) Foi bispo de Castelo Branco, arcebispo de Évora e, por fim, patriarca de Lisboa. Exerceu um notável papel político.

(4) Proferiu a oração fúnebre nas exéquias do Marquês de Pombal.

de Macedo, porém, facilmente teria a primacialidade entre êstes prègadores, se a sua poderosa eloqüência não fôsse perturbada por pessoalismos políticos e também por uma erudição superabundante, que tinha aparências de pretenciosa. Os seus melhores sermões têm passos que lembram demasiadamente panfletos, ou dissertações ostentosas.

Epistológrafos

1 — A epistolografia, nesta época, tem um valor pouco apreciável sob o aspecto literário. O que no género se nos depara oferece apenas um carácter secundário e subsidiário, exclusivamente didáctico. Nenhum dos epistológrafos se aproxima dos modêlos admiráveis que o século anterior nos fornece.

2 — Os epistológrafos principais desta Época são: *António Nunes Ribeiro Sanches* (1699-1783), *Alexandre de Gusmão* (1695-1753) e *Francisco Xavier de Oliveira* (1702-1783) (1).

---

(1) *Ribeiro Sanches* nasceu em Penamacor. Seus pais foram Simão Nunes e Ana Nunes Ribeiro. Freqüentou a faculdade de Medicina de Coimbra, mas, propenso a ideas subversivas, teve de expatriar-se. Doutorou-se em Salamanca e depois percorreu a Europa, estudando com fervor. Os seus méritos conquistaram-lhe os cargos de médico de Moscova, de membro da chancelaria de Medicina e de físico-mór do exército da Rússia. Foi, enfim, o 1.º médico da imperatriz Ana. Fugindo às agitações políticas do império moscovita, fixou a residência em Paris, onde recebia a pensão de mil rublos, concedida pela côrte da Rússia. Foi naturalista distinto. Buffon aproveitou algumas comunicações de R. Sanches, que morreu expatriado. Vic d'Azyr pronunciou o seu elogio, que Filinto Elísio traduziu. Há de R. Sanches as *Cartas sobre a educação da mocidade*. Nelas proclama a secularização do ensino e versa todos os graus de instrução com um espírito entranhadamente liberalista. Foi mentor do Marquês de Pombal numa correspondência activa sobre reformas pedagógicas. Estilo sem relêvo e sem correcção maior. — *Alexandre de Gusmão* era de Santos (Brasil), e filho de Francisco Lourenço de Gusmão. Aos 15 anos, veio para Lisboa.

Filologia

1 — Os estudos da língua inspiraram copiosos e ardorosos trabalhos. Mas nem sempre fôram orientados por um justo meio-termo de crítica e espírito scientífico. Comtudo, oferecem aspectos de incontestável capacidade reconstrutora.

2 — **Luís António Verney**, com o *Método de estudar*, o teatino *Rafael Bluteau* (1638-1734) com o seu *Vocabulário Português* (inçado de defeitos, mas rico de subsídios vocabulísticos)

Seu irmão Bartolomeu Lourenço deu-lhe ingresso na vida diplomática. Em 1714, fez parte do séquito do conde da Ribeira Grande, nosso ministro em Paris. Em 1720, D. João V empregou-o na secretaria do Estado. Em 1723, foi nosso enviado à côrte do Vaticano, havendo-se com perícia em todas as negociações. Em 1730 começou a dirigir os nossos negócios externos, e em 1742 prestou bons serviços na administração ultramarina. D. José I retirou-lhe as boas graças da côrte. Enfim, sofreu o desastre de perder dois filhos num incêndio.

As suas *Cartas*, penetrantes de espírito analítico, são inferiores em linguagem e não autorizam a hipótese muito corrente de que o autor pudesse ter escrito a *Arte de furtar*. Escreveu várias poesias, que P. Chagas diz terem merecimento. — *Francisco Xavier de Oliveira* deixou a pátria em 1734, e no extrangeiro viveu até morrer, afrontando as mais variadas vicissitudes. Escreveu em francês as *Memórias históricas, políticas e literárias*, de valor medíocre, e outras obras em português. *As suas Cartas familiares, históricas, políticas e críticas* revelam vivacidade, bom humor, certa penetração irónica, mas têm um estilo incorrecto e desigualíssimo. *O cavalheiro de Oliveira*, designação vulgar da sua individualidade, era um *espírito forte*. A Inquisição, cujos rigores evitou, expatriando-se, processou-o fulminantemente em 1756.

foram os sugestores de vários filólogos, que merecem registo: — *Francisco José Freire*, o *Cândido Lusitano* da Arcádia (1719-1773), que em várias obras zelou a vernaculidade, embora com mais rigor do que segurança (1); *António Pereira de Figueiredo* (1725-1797), grande proclamador de vernaculismos e mau executor; *Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo* (1744--1822, autor do *Elucidário*, opulento de arcaismos e de curiosas documentações; *Francisco Dias Gomes* (1745-1795), crítico eminente pela erudição, pelo critério, pela análise profunda; *Jerónimo Soares Barbosa* (1737-1816), bom gramático; *António das Neves Pereira*, finado em 1818, etc.

(1) *F. José Freire* deve ser lido principalmente nas *Reflexões sôbre a língua portuguesa* e na *Arte Poetica — Pereira de Figueiredo*, teólogo de ortodoxia duvidosa, eivado de regalismo, tem, como filólogo, direito a ser consultado nos *Exercícios da língua latina e portuguesa ácerca de várias causas*, e no *Espírito da língua portuguesa*, etc. Mas, apregoando a pureza, não a praticou — *Viterbo* resumiu a sua obra no valioso *Dicionário portátil* — *Dias Gomes* merece o seu lugar primacial no livro — *A análise e combinações filosóficas sôbre a elocução e estilo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões*, e nas *Notas* às suas *Obras Poéticas*. — *Soares Barbosa* assinalou-se na *Gramática filosófica*, decalque habilidoso de congéneres trabalhos estrangeiros.

Francisco José Freire

Francisco Dias Gomes

Homens de sciência e filósofos

1 — Nesta época emergem vários homens de sciência, dignos de nota. No Direito, *Pascoal José de Melo Freire dos Reis* (1738-1798), *Manuel Fernandes Tomás* (1771-1822), *Manuel de Almeida e Sousa* (1745-1817), *José Ferreira Borges* (1786-1838), e *Manuel Borges Carneiro* (1774-1833) afirmaram a sua erudição e critério, mais ou menos influenciados por certo extremismo liberalista.

Nas sciências naturais tem lugar proeminente *Felix de Avelar Brotero* (1744-1828) (1), e merecem registo de estima *João Jacinto de Magalhães e Bento de Moura Portugal.* Enfim, na filosofia, *Antonio Soares Barbosa e Jacob de Castro Sarmento* e o oratoriano *João de Castro* revelam erudição, mas às vezes muito espírito sectário.

Nenhum deles, porém, se impõe por uma grande originalidade, excepção feita de Pascoal de Melo e Felix de Avelar Brotero, e muito menos pelos méritos estilísticos.

---

(1) Expatriou-se para fugir aos rigores da Inquisição. Formou-se em medicina na Universidade de Reims. Foi um botânico de reputação europeia. Chamado para a cadeira de Botânica em Coimbra, e, jubilado em 1811, dirigiu o museu do jardim botânico da Ajuda. Deputado em 1820, depressa deixou a política. Obras principais: *Compendio de Botanica* e *Flora Lusitana.*

2 — **Silvestre Pinheiro Ferreira**, polígrafo eminente, autor de numerosas obras, especialmente notável em direito político e internacional, é o filósofo de maior grandeza que se nos depara nesta época, *Este nome* — diz Pinheiro Chagas — *não é só português, é europeu.* Mestre de direito administrativo o aclamaram os maiores jurisconsultos da Europa. E a sua linguagem, quási sempre vernácula e incisiva, muito substancial, raras vezes difusa, impõe-no como bom escritor didáctico. O livro *Prelecções filosóficas* é modelar de método, clareza e penetração (1).

3 — Silvestre Ferreira (1769-1846) nasceu em Lisboa, Teve controvérsias vitoriosas, quando moço, nas aulas dos Oratorianos com o sábio Padre Teodoro de Almeida. Foi professor de filosofia no Colégio das Artes em Coimbra. Perseguido pela Inquisição por causa de alguns deslizes filosóficos, seguiu para Inglaterra e de lá para a Holanda, donde abalou para Paris. António de Araújo, nosso embaixador, fê-lo seu secretário, e Silvestre P. Ferreira distinguiu-se tanto, que foi chamado ao Reino para o cargo de oficial de secretaria dos estrangeiros. Foi depois encarregado das legações de Berlim e de Wash-

(1) J. J. Louzada de Magalhães (*Silvestre P. Ferreira, sua vida e filosofia, Bonn, 1881*) nega-lhe excessivamente a originalidade filosófica e ao mesmo tempo censura-lhe o desdem pela metafísica alemã. Louzada é suspeito nas restrições. Aquele seu livro, escrito em alemão, tinha de ser fortemente germanófilo, como veremos adiante.

ington, e excelente ministro de D. João VI, avistando com felicidade o meio-termo tradicionalista.

Em 1823, fixou-se em Paris, onde escreveu em francês as suas obras políticas. Foi deputado em 1842. A lição dos anos converteu-o, pouco a pouco, ao sinarquismo, mas transigiu bastante com a corrente liberal, esperando utòpicamente colher nela a reconstrução nacional.

4 — **José da Cunha Brochado** (1651-1733), diplomata que deixou escritos notáveis pela penetração do espírito, e *Luís da Cunha* (finado em 1709), também diplomata, autor do *Testamento Político* e dumas *Cartas* assaz interessantes, têm direito ao registo dos seus nomes, como bons subsidiários no estudo profundo da vida social e política do seu tempo. Mas, como escritores, nem sequer valem pela correcção.

SÍNTESE

A reconstrução é mais formal do que substancial, mais de moldes estilísticos do que de idéas perfeitamente compatíveis com o sentimento nacional. Em vez de uma reforma metódica e conscienciosa, há excessos de inovações demolidoras, superficialmente reconstrutoras. O espírito extrangeiro, repelido no seu carácter espanhol, é fortemente consolidado no seu carácter francês, mas sem uma adaptação benéfica que limite a excessiva influência de ideias, mais audaciosas e desnacionalizadoras do que profundas.

A nossa literatura habitua-se, como nunca, aos figurinos da França, e através deles impõe os principios mais vãos e verbalistas. E assim a poesia decalca o classicismo pelos decalques franceses, polvilhando-se apenas, donde a onde, com reminiscências, mais ou menos preciosas, do sentimento nacional.

— Nesta ordem de ideias, todos os poetas se apoucam, a-pesar-da sofrivel genialidade de alguns, podendo afirmar-se que em nenhum género poético temos um vulto verdadeiramente nosso. Forjam-se ainda algumas epopeias, mas quási ridículas. O lirismo parece uma copia torturada dos poetas clássicos de Roma, amaneirados pela arte francesa. O teatro é um caos onde fogacheiam alguns clarões da alma popular, aliás, já fortemente contagiada pelo scepticismo e por uma grande tendência para o libertarismo.

— Os historiadores são os únicos que parecem avistar os elementos puros da reconstrução, mas a necessidade de carrearem materiais, investigados com labor enorme, é desvalorizada, como factor benéfico, pela anarquia mental e moral que dificulta o critério são, independente, de-veras scientífico.

— Enfim, a língua é servida pelo bom zêlo e saber de muitos, mas fica excessivamente à mercê da influência francesa no predomínio dos livros da França em que os nossos filólogos e os nossos filósofos vão colhendo tudo o que lhes parece novo, fecundo e reconstrutor. E a filosofia, a-pesar-da resistência enérgica do aristotelismo dos Jesuitas, assimila demais o sensualismo

da Enciclopedia, quando não se envenena completamente, preparando a corrente funesta que, alimentada com ardor pela influência maçónica, cada vez mais predominante, logrou criar em todo o país grandes fócos de libertarismo e de incredulidade.

—Por tudo isto, a reconstrução falhou, mental e moralmente, produzindo apenas o seguinte: *a*) um classicismo frio e sem originalidade; *b*) um idealismo essencialmente verbalista e superficial; *c*) uma disposição maléfica para se receber com fútil entusiasmo a corrente desorientadora do liberalismo e do romantismo. Contudo, muitos dos inovadores tinham fé sincera nas virtudes reconstrutoras e renacionalizadoras do novo sistema político e da nova escola literária.

SEXTA ÉPOCA

ÉPOCA DE DESORIENTAÇÃO

(O Romantismo)

SEXTA ÉPOCA

1 — **Carácter da Raça** — Os Portugueses continuam a descrer de si próprios, perdendo cada vez mais as virtudes antigas, que consideram quási anedóticas.

O amor das simples aparências permanece, e até se agrava. A Raça torna-se mais superficial em ideias e sentimentos. Perde, aos poucos, a inteireza do carácter, e até atrofia muito a saúde física com os seus costumes dissolutos e pretenciosos, importados da França.

2 — **Carácter da Época** — (Aspecto social-político). O desabamento do império napoleónico deixa apenas na débil Santa Aliança a defesa dos princípios puros. O liberalismo, depois de várias resistências, ora sinarquicas, ora exageradamente absolutistas, consegue impôr-se, apeando a política de Metternich, convulsionando a França, a Itália, a Espanha e Portugal, enfim, independentando dentro dum regimen sectário a Grécia e a Bélgica. O espírito da Revolução disfarça-se com astúcia e fleugmática tenacidade nas monarquias constitucionais, cuja estrutura encerra os germes evolutivos e invencíveis do predomínio demagógico, anti-religioso e anti-nacionalista.

Ao mesmo tempo, desorienta, com o Romantismo, os vários sentimentos nacionais, afectando emancipá-los e reabilitá-los. O espírito da Reforma triunfa assim em frutos sagazmente colhidos na Árvore da demagogia de 1793.

Carácter da Época — (*Aspecto literário*):

França. . { *Rousseau*, *Bernardin St. Pierre* e *Diderot*, influenciados pela Inglaterra e pela Alemanha, tinham deixado aberto o caminho ao roman-

tismo. Individualismo sentimentalista. Scepticismo devaneador. Racionalismo com a expressão requintadamente passional e poética. Antipatia exagerada pelos moldes clássicos, que seria justo respeitar dentro dum meio-termo estético e com uma sólida orientação filosófica. *A senhora de Staël* (1766-1817) conjuga essa influência com o mais perigoso sentimentalismo alemão, e inicia apaixonadamente o romantismo francês (*Da Alemanha*, etc.). *Chateaubriand* (1768-1848), vacilante e volúvel no critério social e político, duvidoso na profundeza religiosa, apropria e aprimora a *maneira* dos precursores do Romantismo, consolidando em paginas modelares a nova escola (*Atala*, *Renato*, etc.), embora preste serviços, mas muito sentimentais, a Religião (*Génio do Cristianismo* e poema *Martires*) e

França ..

sirva a história em várias obras, mais ou menos verbalistas e até facciosas (*Memórias de além da campa*, etc.) — *Alfredo de Vigny* (1789-1863) manifesta grande elevação mental, compatível com a boa disciplina filosófica, mas nas suas obras (líricas e dramáticas e no romance histórico *Cinq-Mars*) desorienta-se com orgulho num racionalismo mais ou menos confuso, que lhe abastarda a genialidade e lhe envenena o carácter. Enquanto *Delavigne* (1793-1843) escreve tragédias e comédias de moderado romantismo, e formosas elegias patrióticas, e *Béranger* (1780-1857) entoa canções populares, às vezes notáveis pela elevação e pela prudência do espírito sectário, *Lamartine* (1790-1869), poeta admirável, historiador e romancista distinto e grande orador, muito sentimental, imprime ao movimento romântico da França um tom devanea-

dor e vago, mais rico de caprichosas melancolias e de delicadezas íntimas do que de ideias sólidas e sentimentos profundos. *Alfredo de Musset* (1810-1857) é ainda mais mórbido e menos profundo, mais amoral e menos scientífico, e *Victor Hugo* (1802-1885) verbalista genial, sem o menor talento de psicólogo e sem orientação filosófica superior, mas cheio de imaginação, veemência e audácia, toma o bastão de Mestre no *Cromwell* e inunda de antíteses quási gongóricas o campo do romance e do teatro e vários géneros de poesia que cultiva com brilho, magnífica sonoridade e às vezes verdadeiro génio. As suas obras servem a causa romântica em todos os seus desvarios filosóficos, que a Europa se habitua a considerar como novidades geniais de pensamento e sentimento. (*Lenda dos Séculos*, *Miseráveis*, *Hernani*, *Orientais*, *Nossa Senhora de Paris*, etc.). Outros, como *Teófilo Gautier*, seguem na esteira do sensualismo, pequena filosofia que preparou desde o Séc. XVIII a escola realista. *Alexandre Dumas*, Senior, (1803-1870), fabrica o romance sensacional e empolgante que *Eugenio Suc*, (1804-1859) torna venenosamente sectário, mas são excedidos grandemente por *Balzac* (1799-1850), o grande e genial romancista do verdadeiro realismo. O teatro, com *Scribe* (1791-1861) e outros, segue o mesmo caminho imaginoso e pouco profundo. A oratória sacra dá, entretanto, dois valores puros: *Lacordaire* (1802-1861) e *Monsabré* que como que corrigem o verbalismo do transviado *Lamennais*. A oratória parlamentar assinala-se no idealismo verboso e ágil de *Benjamin Constant* (1767-1830). Enfim, a história tem em *Guizot* (1787-1874), *Thierry*

França. .

França . .

(1788-1856), *Michelet* (1798-1874), *Thiers* (1797-1877), *Renan* (1823-1892), grande estilista, *L. Blanc*, etc., cultores de renome, mas de critério quási sempre desorientado pelo esctarismo, excepção feita de *Thierry* e um tanto de *Guizot*. Na filosofia, na história e na crítica, alevantam-se *Taine* (1828-1893) com um sistematismo arbitrário, mas atraente, e *Saint-Beuve*, mordaz e magistral. *Comte* (1798-1857) funda o positivismo. A sciência, enfim, invade, com mais ou menos fortuna, não só o romance em *Julio Verne* (1828-1905) como a poesia, que tem por fim, em Frederico Mistral, finado em 1914, o seu maior cultor, acima do próprio Hugo. Mereceu o nome de *Vergilio francês*.

Alemanha

É a pátria do Romantismo, escola cujo programa a França assimilou e propagou. Repelindo o grandioso classicismo de *Gœthe*, aliás muito romântico no *Werther* e em outras obras, *Augusto Schlegel* (1767-1843) e o irmão, *Frederico Schlegel* (1772-1829) elaboraram o programa sedutor do Romantismo. *Novalis* (1772-1811), *Tieck* (1773-1853), *Chamisso* (1781-1838), *Ruckert* (1788-1856) e outros seguiram êsse programa na poesia. Deles se apartaram *Uhland* (1787-1862) e outros como *Grun* (1806-1876), cantor singelo e patriota. Na história, avultam *Niebuhr* (1776-1831), *Ranke* (1795-1866), *Mommsen* (1817-1903), poderosos investigadores, mas de critério muito romântico. Na crítica, *Grimm* (Jacob e Guilherme) (1785-1863 e 1786-1859) predominam com grande fundo scientífico, a-pesar-da sistemática preocupação romântica. Enfim, na filosofia, *Hegel* (1770-1831), *Fichte* (1762-1814)

Alemanha

outros reforçam, continuando *Kant*, o idealismo romântico. Entretanto, *Heine* (1799-1856) já reage contra a escola romântica em versos de brilhante ironia e em críticas poderosas que tambem alvejam faciosamente o classicismo.

Inglaterra

A Inglaterra assimilou o romantismo ainda antes da França. Se o espírito romantico é moderado em *Wordsworth* (1770-1850) e *Tomás Moore* (1779-1852), atinge o seu maior vigor, com qualquer coisa de demoníaco, em *Byron*, (1788-1824). Imaginação ardente. Elevação do pensamento no meio da maior anarquia moral. Genialidade intensamente expressiva. (*D. João*, *Child-Harold*, *o Corsario*, etc.). *Shelley* (1792-1822) decalca-lhe a veemência libertária, exagerando-a. *Longfellow* (1807-1884) assinala no poema *Evangelina* e em várias líricas um estro elevado, mas sem orientação pura. *Walter Scott* (1771-1833) deixa modelares romances históricos (*Ivanhoé*, *Quintino Durward*, *Os puritanos na Escocia*), etc. num excelente serviço ao espírito da nacionalidade inglesa, porque evitou os maiores defeitos romanticos e *Carlos Dickens* (1812-1870) lembra *Balzac* na perfeição e profundeza do seu realismo. Na História *Thackeray* (1811-1863) e *Carlyle* (1795-1881) ostentam critério original e boa erudição, contrariando às vezes o espírito romântico. Enfim, *Stuart Mill* (1606-1862) e outros preparam a primasia filosófica de *Spencer* (1820-1905) e *Ruskin* (1817-1899) dá resplandecentes lições de crítica independente sôbre arte.

Itália . . .

A maior figura romântica é *Manzoni* (1784-1873) em versos admiráveis de sentimento e pensamento e no magistral romance *I promessi Sposi*. Bastante meio-termo. Genialidade conceptora e expressiva. Um romantismo admiravelmente mitigado. *Ugo Foscolo* (1776-1827) e o pessimista *Leopardi* (1798-1837), mórbido e cheio de azedume, requintam com grande talento e contagioso amor da rebeldia as principais características do Romantismo. *Silvio Pellico* (1789-1854), liberal moderado, só toma do Romantismo as fórmulas e mantém livre e bastante puro o espírito. Na história, *Cesar Cantu* (1807-1895) pretende conciliar o catolicismo com o libertarismo e *Carlos Botta* (1776-1837) não exagera muito o espírito moderno. Enfim, os filósofos oscilam entre um racionalismo scéptico e a teologia pura.

Espanha .

José d'Espronceda (1810-1842) é o grande e convulsionado poeta do Romantismo espanhol pelo seu tom passional e livre, vibrátil de delírio e de ironia pungente. *Manuel Quintana* (1772-1857), poeta patriotico e *Martinez de la Rosa* (1789-1862) prepararam-lhe o caminho em vibrações, mais ou menos ingénuas, de amor-pátrio. Mas *Ramon de Campoamor* (1817-1901) excede-os a todos em naturalidade, graça e sentimento, conciliando o romantismo com o espírito nacional. Na história, emergem *Lafuente* (1806-1866), laborioso, moderadamente sectário, *Amador de los Rios* (1818-1878) e outros. Na filosofia alteia-se *Balmes* (1810-1848), afrontando com valor e com excelente visão das rialidades espirituais, o espírito anti-religioso do Romantismo.

Rússia. A literatura russa reforçou poderosamente o Romantismo nas obras de *Pouckine* (*Prisioneiros do Caucaso*, etc.) 1799-1837), *Gogol* (1809--1852), historiador e romancista, *Turgueneff* (1818-1883), grande estilista, *Dostoiewski* (1822-1821) e outros. Dêsses e da filosofia de *Tolstoï*, derivaram *Gorki* e os seus discípulos, nossos contemporâneos.

Escandinávia *Andersen* (1805-1875), contista delicioso, o poeta épico *Teyner* (1812-1846) e *Ibsen* (1828-1906), hábil analista de almas doentes, representam com fulgor a corrente romântica, mas corrigindo-a, por vezes, em benefício do verdadeiro Rialismo.

Brasil. No Brasil, o romantismo imperou desde 1830 a 1870. *Gonçalves de Magalhães* (1811-1882) escreveu com bastante sentimento muitas líricas, a epopeia *Confederação dos Tamoios*, várias peças dramáticas, etc. Bastante valor formal. *Manuel de Araujo Porto-Alegre* (1806--1879) foi grande poeta lírico, com ressaibos clássicos. *António Gonçalves Dias* (1823--1864) escreveu líricas admiráveis pelo tom emotivo. Muita naturalidade, mas bastante morbidez de sentimento (*Os Tymbiras*, etc.). *Manuel António Alvares de Azevedo* (1831--1852) foi um lírico à Musset. Muito requintado sentimento e fina ironia. Individualismo e passionalismo. *José Bonifácio de Andrade e Silva* (1827-1886) foi notável poetae orador. *Luís José Junqueira Freire* (1832-1855) foi poeta de grande talento verbalista. (*Contradições poéticas*, *Inspirações do claustro*, etc.). *José Alexandre Teixeira de Melo* (nascido em 1833) foi um poeta superior, hoje

Brasil. . .

injustamente olvidado. Seguiu um meio-termo bastante luminoso. *Casimiro de Abreu* (1737--1860) afirmou nas *Primaveras* um estro formosíssimo. Sentimentalismo empolgante. *Luís Nicolau Fagundes Varela* (1841-1875) foi um poeta intensamente romântico, mas com alma de bom brasileiro. Autor das *Vozes da America*, etc. *Tobias Barreto de Menezes* (1839-1889) foi o fundador da escola *condoreira* na poesia e o adaptador da crítica alemã. Notável poeta e prosador e homem de sciência, mas desorientado pelo sectarismo e pelo amor do transcendentalismo. *António de Castro Alves* (1849-1871), foi poeta eminente pelo poder verbal. Por fim, *Luís Caetano Guimarães Junior* (1845-1898) bom poeta e romancista, *Luís Delfino dos Santos* e outros iniciam a escola naturalista, testemunhando, como poucos, a exuberância da poesia brasileira. *Teixeira e Sousa* (1812-1861) funda o romance brasileiro, mas sendo excedido por *Joaquim Manuel de Macedo* (1820-1882) e *Joaquim Norberto Sousa e Silva* (1820-1891) mais do que sofrível romancista, afirma-se bom investigador histórico. Mas, acima de todos estes, se alteia com a sua genialidade e profundo sentimento etnico, *José de Alencar* (1829-1877), o eminente romancista do *Guarany* e *Iracema*. Estilo gracioso e vivo. Descrições modelares. Realismo invulgar nos lances mais ultra-romanticos. *Franklin Tavora* (1842-1888) lembra o seu talento descritivo, mas não o seu idealismo poderoso. *Escragnolle-Taunay* (1843-1899) acusa muito gôsto europeu na sua maneira calma. Na história, assinalam-se *Varnhagen* (1816-1878). *Pereira da Silva* (1817-1898) e *Sotero dos*

Reis (1800-1871). Critério mediano, mas boa erudição. Na crítica sobressaem *João Francisco Lisboa* (1812-1863) e *Melo Morais* (1816-1882). *Luís Carlos Martins Penna* (1815-1848) distingue se no teatro ao pé de *Alencar*, *Pinheiro Guimarães*, etc. E dos antigos homens de letras brasileiros, não citados nas literaturas portuguesas, a-pesar-de o Brasil, como colónia, possuir o direito de ver honradas em Portugal as suas principais glórias literárias, devemos fixar, ao menos, os nomes de *Gregório de Matos* (1633-1696) como poeta, de *Padre António de Sá* (1620-1678) como orador sacro, por sinal, muito gongórico, de *Manuel Botelho de Oliveira* (1636-1711), *Fr. Francisco de S. Carlos* (1763-1829) *Eloy Ottoni* (1764-1841), etc.

Brasil . . .

3 — Carácter do meio português — A nossa mesologia, mental e moral, acusa a mais deplorável desorientação. O absolutismo, importado da França, transviava os antigos sinarquistas que, como Gama e Castro (*Novo Pincipe*) se julgavam obrigados — e talvez o fossem dentro do império das circunstâncias — a defender o despotismo. Por outro lado, o liberalismo, lisongeando astutamente a fé tradicionalista, prometia, no parlamentarismo constitucional, a reabilitação do espírito e do sentimento da Nação. Sôbre tudo isto, pesavam a nefasta influência do intelectualismo pombalino, emanado da Enciclopedia e, portanto, progenitor do sectarismo literário, o poder negativista e dissolvente do espírito estrangeiro, cada vez mais predominante e a relaxação pavorosa dos costumes — determinantes acalentadas com tenacidade sistemática pelo Grande Oriente, que se revelava, enfim, com mais evidência do que nunca, agente secreto, mas obstinado, do espírito de Sião. O partidarismo, mais vivo desde 1817, com a execução de Gomes Freire — figura complexamente maçonica e estrangeira — agrava todos os males,

semeando ódios, vinganças e represálias, dividindo a opinião em campos distintos, mas ferozmente interlutantes. Essa luta foi explorada astutamente pela Inglaterra que, à sombra das nossas questões internas, fêz vingar o separatismo do Brasil, em benefício dos interesses comerciais de Londres. Grande parte da Nobreza e do Clero transvia-se, perfilhando princípios subversivos, que julgaria redentores, e ao mesmo tempo a depressão quási lúgubre da moralidade dessas Classes convence o Povo de que só pelo abuso da força e da astúcia tinham sido detentoras do poder e da fortuna. Nunca a religião e a Ordem foram tão exautoradas pela degenerescência moral dos seus representantes. E assim se cultiva a pior demagogia, ansiosa por esmagar os adversários numa represália enérgica e sanguinária. Assim agonisa o espírito da verdadeira e tradicional liberdade. Fica apenas em seu lugar um monstruoso e absorvente germen de oligarquias e anarquias, chamado liberalismo.

O Romantismo

1 — O romantismo pode dizer-se que foi a vitória literária da Reforma, que tão sanguinàriamente triunfára na vitória política colhida na Revolução Francesa. A Alemanha, detentora máxima do espírito da Reforma, foi o povo que concebeu e organisou o que poderiamos chamar *invasão romântica*.

Frederico Schlegel (1796), mal enxuta a insaciável guilhotina de Paris, armada e afiada tanto pela Prússia como pela Inglaterra, redigiu com finura germânica o programa da nova escola, que, segundo a vontade triunfal dos poderes secretos, devia correr paralela ao novo regime político-parlamentarista e constitucional. Ficavam de-veras excluidos da nova corrente os proprios Lessing, Klopstock, Herder, Goëthe e Schiller, embora tivessem preparado muito o caminho romântico (1).

A ideia fundamental e sedutora do programa era a maior utilização da sciência, da história e da crítica. Mas *H. Heine* e *Boerne*, chefes da chamada *Joven Alemanha*, alteraram êsse programa, prègando como espírito dominante da nova escola a liberdade política, social e religiosa. Era, afinal, o puro espírito da Revolução Francesa, obra da intriga alemã e da perfídia britânica, encarnada em Pitt.

Entretanto, a Inglaterra não deixara de dispensar à revolução literária o mesmo ardor por ela devotado à revolução política. *Hume* dera sinal de guerra na sua filosofia, muito antes de surdir *Byron*, na poesia. E, ainda mais do que a Itália, a França — excelente assimiladora — ia dando a prova nítida das influências de além da Mancha nas audácias de *Voltaire*, na retórica de *Diderot* e *Rousseau* e no critério de *Montesquieu*. E assim a nação francesa, política e filosòficamente envenenada pelas suas

(1) Neste ponto perfilhamos a opinião de Sylvio Romero, embora nem sempre seguro quanto à definição do Romantismo (*História da Literatura brasileira*).

duas maiores rivais na hegemonia da Europa, rivais curiosamente servidas pelos intelectuais da Suiça, era estimulada no seu papel de propagandista literária por duas influências absolutamente hostis ao seu próprio sentimento étnico e tradicional. O mesmo lhe sucedera, porém, politicamente, desvairando-se na Revolução, e envenenando, por seu turno, a Europa nas formidaveis invasões napoleónicas.

2 — O Romantismo sorriu aos literatos num aspecto de evidente progresso — o abandôno dos moldes clássicos, excessivamente constrangedores, a queda dum espírito mais do que absolutista, despótico, na imposição de canones e regras arcaicas, a maior liberdade individual, muito provavelmente propícias à inceridade, espontaneidade e vibração da Arte. Por outro lado, sorriu aos povos, porque o Romantismo, companheiro fiel e lógico de Liberalismo, afectava rehabilitar o tradicionalismo nacional, parecia repelir o absolutismo em benefício das grandes liberdades sinarquicas, simulava, enfim, restaurar na maior liberdade, vigor e beleza da expressão, as literaturas mais anemizadas e geladas pelo noví-classicismo aristocrático. E os povos meridionais alvoroçaram-se porisso com o ideal novo. Essencialmente sentimentais, julgaram assegurados o direito e a delicia de fazerem confidências dos seus menores passionalismos, ao mesmo tempo que esperariam poder honrar melhor o seu belo passado dentro dum legítimo amor-próprie.

No fundo do Romantismo, como do Liberalismo, o que interessava os povos era o regresso às antigas e fecundas liberdades e a licença de desabafarem as suas paixões diversas, como mais ou menos sucedera antes do predomínio clássico.

3 — Mas a Alemanha como que guardou só para si o que podia ter de bom o Romantismo. Educada superiormente, baseou-se com bastante segurança na relatividade das coisas, mas sem ferir com desvário anarquico as idéas absolutas. Além disso, entendeu como ninguem, com Grimm, o alcance puro e fortificante que havia a colher da escola romântica — ou seja o regresso firme da Alemanha ao espírito e ao sentimento nacional, robustecendo a hegemonia pan-germânica. Aos vários povos da Europa enviou de preferencia a parte superficial e graciosa do programa, que a

Inglaterra tinha insinuado desde o século XVIII, conseguindo criar o verdadeiro alfobre de românticos que foi a Enciclopédia.

E assim Rousseau e Diderot, o sentimentalismo e a retórica desvairada — prepararam na França, sugestionados pela Inglaterra, sugestora astuta, o caminho do espírito alemão, anti-católico, scientíficamente disciplinado no sentido materialista e do qual os povos frívolos só haviam de assimilar o que era mais futil e sujeito a corrupção. Nos nossos temperamentos impulsivos intiltrou-se quási exclusivamente um espírito degenerado pela sensibilidade doentia, e que, portanto, tinha de instrumentar quási exclusivamente ideias e sentimentos ennervantes. Desta maneira, o Romantismo, fora da Alemanha e da Inglaterra, só foi nacionalista na escolha dos assuntos, só foi progressivo no espírito demolidor e só foi poderoso em verbalismo, mais ou menos confidente (1) ou racionalista. A sua filosofia, superficial e, portanto, anti-religiosa na essência — substituindo levianamente o *a-priori* pelo rigido e intolerante *a-posteriori* — estava fadada nos povos menos cultos para desvirtuar depressa a Arte, favorecendo o trivial positivismo, negação da poesia e de verdadeiro senso-estético, ou relegando o sentimento para os dominios do puro artificio. Mas a aridez desconsoladora em que se encontraram as almas sensitivas reclamou doentiamente nos povos menos cultos o sentimentalismo passional que a própria Alemanha não podera evitar completamente. DEUS ficou sendo uma simples formula. JESUS ficou limitado ou a um mito ou apenas a um superhominismo ingénuo e trágico que a Grande Revolução afectara vingar à sua maneira, deprimindo o que ostentava semi-divinizar artisticamente. Era preciso, pois, alimentar o amor humano com devaneios libertinos, que substituissem as crenças, ainda que os fossem buscar a um extravagante e arbitrário positivismo. Por tudo isto, o fácil triunfo romântico só deu em quási toda a Europa ficções, estilos ôcos e torturados, arremedos de paixão ridícula, ou satanica, sempre individualismos, nacionalismo falsificado, vibrações doentias, critério sem meio-termo, impiedades, libertinagens várias e vários absurdos. Enfim, produ-

(1) Emílio Faguet julga o confidencialismo a maior característica da escola romântica.

ziu o sentimentalismo hiperbólico e consolidou o septicismo declamador. É que, na verdade, o puro Romantismo, estruturalmente anglo-saxónio, um verdadeiro Germanismo, só era adaptavel na essencia à Alemanha e até certo ponto à Inglaterra cujos interesses servia com disciplina formidavel.

4 — Em Portugal, o caminho do Romantismo estava rasgado há muito, no sentido da superficialidade e da paixão, da emotividade doente. Bocage dera-lhe bastante auxilio em impiedades e facécias libertinas, em erotismos mais sensuais do que platónicos, em delirios mais artificiosos do que sentidos. Foi o nosso Rousseau. O intelectualismo pombalino casara-se perfeitamente com as aspirações românticas, insinuadas pelo Grande Oriente, nas *Composições poeticas* do ingénuo sectário José Anastácio da Cunha, finado em 1786. O teatro de Alfieri, e de Voltaire, por exemplo, corria já traduzido, pessimamente, mas com delirante gula, fornecendo tiradas que o romantismo italiano e depois o europeu havia de decalcar, desvelando, pouco a pouco, as intenções demolidoras. Enfim, o liberalismo político favorecia naturalmente a escola romântica, sua irmã de armas na campanha da desorientação.

Vários emigrados políticos a haviam de importar com o mesmo ardor, ingénuo em quási todos, com que trouxeram as novas ideias políticas, tomando atitudes de heroismo e de abnegação patriótica.

Os nossos principais românticos foram, à puridade, grandes e sinceros patriotas. Nos novos moldes literários viam quási todos o progresso honroso e imperecivel da sua pátria.

A perfeição da Arte pela liberdade e a reabilitação eloqüente das tradições pela soberania do Povo eram para êles os melhores e mais sagrados aspectos do Romantismo. Com a mesma desorientação com que encaravam o liberalismo, se adjuraram, portanto, à nova escola, a-pesar-de vir com ela, como produto fatal, mais ou menos remoto, a desastrosa desnacionalização. Do mesmo modo, bastantes sinarquistas, muito cultos, mas seduzidos pelos programas da escola política liberal, favoreceram, em nome das antigas liberdades, um sistema que trazia consigo apenas a dura e esterilizadora alternativa da anarquia e do despotismo.

Poetas

1 — **João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett** é o primeiro poeta português que se enamora candidamente do Romantismo. Garrett, superficial de orientação filosófica, propenso por índole ao passionalismo, mas dotado de muita imaginação, de natural graça, de interessante vivacidade, e de um bom-senso puramente gaulês, avista com boa fortuna os tesouros da alma popular, no que ela tem de mais ingénuo, e às vezes de heroico, como também de frívolo. Pretencioso e autólatra por natureza, um verdadeiro *animado*, Garrett encerra, porém, uma dualidade curiosa: a desvanecida leveza, inimiga da reflexão intensa e antes sequiosa de prazeres e glorias faceis, e a capacidade, mais ou menos intermitente, mas poderosa, rica de visões geniais, capaz de vibrar e altear-se com o espírito e com o sentimento da nacionalidade. Preferirá mais descontrangidamente os aspectos eróticos ou os elegíacos. Será demasiadamente artista pela arte nos seus mais dilectos ócios, que se poderiam chamar colapsos. Não terá faculdades de profundo psicólogo, porque em tudo descortinará de preferência a superficialidade lisongeira da delicia mais ou menos egoista. Mas o bom-gosto literário e a paciência requintada, qualquer coisa de paixão atávica, ajudá-lo-ão a

ostentar vários e até surpreendentes relampagos de genialidade, que a sua mediocridade moral, de per si só, toldaria. E, enfim, o grande reflexo do conjunto da sua obra — especialmente avultada pelas belas qualidades tribunícias e pela prestigiosa solidariedade política — fará esquecer, ou até não descobrir, as inumeras desigualdades, a trivialidade lamentavel de muitos versos, o mero verbalismo de diversas páginas, magistrais apenas pela habilidade rara com que faz parecer que a tortura é uma límpida singeleza.

Os versos de Garrett, no género para que o poeta tinha maior vocação — um lirismo, que chamaremos *namorista* — não se impuseram logo, por fortuna sua.

Estreou-se na *D. Branca*, timido ensaio romântico (1). Foi colhe-lo patrioticamente à lenda: Versos brancos, sem vibração maior, embora com muita riqueza episódica. Balbucía demais, dentro dum assunto deveras patriótico, o programa sectário, colhido ingenuamente no extrangeiro, decalcando Wieland. E o *Camões*, se, com muita arte, engenho e boa técnica, se refere a um episódio lastimoso, parece, às vezes, decalcando a *maneira* de Byron, como decalca, uma simples obra de arte pela arte. Tanto o poeta, dando apenas um aspecto da psicologia do épico, frequentemente aparenta cuidar mais dos creditos da escola romântica do que do verdadeiro estudo

(1) Contudo, foi publicado depois do *Camões*.

duma das maiores almas da nossa Raça. Daí o abuso do *maravilhoso* lendario, que lhe favoreceu a superficialidade de psicologo. Contudo, apresenta definições felizes, como a da saüdade, conceitos e imagens de valor, versos magnificos pelo intenso sentimento elegíaco, ungido de paixão portuguesa. Entretanto, no *Retrato de Venus* já dissera em 1821 adeus ao classicismo, orientado por Filinto, revelando-se, mais do que imaginava — sensual, egotista, artista pela arte e também achacado a pretensões de crítico, que nunca foi com grande segurança nem com muito louvavel teimosia.

Em 1828, enfim, publicou *Adosinda e Bernal Francês*, romances em redondilha maior, e impregnados de romantismo ingénuo, com lampejos fulgentes.

Mas de Garrett, como lírico, só ficarão sem convencional favor o *Romanceiro*, inestimavelmente benemerito, e algumas das poesias delicadíssimas, modelares de espontaneidade, das *Folhas caídas*, com muito poucas da *Lírica de João Minimo* e das *Flores sem fruto*. — Mas devemos notar com vários historiadores da literatura que o *Romanceiro* (1) denunciou muito o excessivo amor-próprio de Garrett. Em vez de com perfeito patriotismo traladar sem alterações

(1) Brilhante discípulo de Garret e às vezes excedendo o mestre na simplicidade desafectada, no desartificio da paixão e na pureza do amor-pátrio, foi *Inácio Pizarro de Morais Sarmento* (1807-1870) autor do *Romanceiro ou colecção de Ro-*

o que ia colhendo na tradição oral, amaneirou, puliu e aliteratou muito tão preciosos tesouros. Mas os seus intentos não deixavam de ser patrioticos. É de justiça notar que no *Romanceiro* proclama a necessidade duma vigorosa acção governativa, fundamentada nas tradições nacionais (1). Procurou pois, as tradições com elevada consciência, em todas as suas fontes, querendo adaptar à literatura o que lúcidamente recomendava como norma política. E, se não fossem os defeitos estruturais do Romantismo, muito a bem com as taras morais de Garrett, o seu esfôrço seria imensamente fecundo, teria outro rumo, outro alcance e outra pureza.

2—Almeida Garrett (1799-1854) (2) nasceu no Porto. Foram seus pais António Bernardo da Silva Leitão e D. Ana Augusta Leitão. Seu tio, Fr. Alexandre da Sagrada Família ensinou-lhe preparatórios na Ilha da Madeira. Formou-se em direito na Universidade de Coímbra. Afeiçoado ao liberalismo, foi oficial da secretaria do Reino durante o regimen vintista. Em 1823, emigrou para Inglaterra. De Inglaterra, onde escreveu *Adosinda* passou a França, onde escreveu

nances da História Portuguesa, de dramas muito emocionantes (*Lopo de Figueiredo e Diogo Tinoco*) e da chistosa farsa *A filha do Sapateiro*. Ninguém compreendeu tanto, e tentou ampliar com tão verdadeiro talento, o exemplo benemérito de Garrett no *Romanceiro*.

(1) Vid. *Ao ritmo da ampulheta*, por António Sardinha.

(2) Pinheiro Chagas dá Garrett como nascido em 1798. Vid. *Portugueses ilustres*, 1873, 2.ª ed.

D. Branca e *Camões*. De 1828 a 1834 batalhou nas lutas civis. Em 1834, representou Portugal em Bruxelas. Voltando à pátria, afirmou-se um grande parlamentar, excedendo por vezes o afamado José Estêvão. Foi ministro em 1851. Inclinado a aventuras galantes, usava de artifícios bastante evidentes para encobrir vários defeitos físicos. Tão cioso da glória, que lhe atribuem vários artigos hiperbolicamente encomiásticos da sua própria obra, a vaidade *animada* dêle, própria do janota que era, não o tornava, porém, invejoso nem pérfido. Desvaneceu-se muito com o título de visconde, mas nem por isso, ganhou apetites de devorista preguiçoso. Se a sua sensibilidade generosa era menor do que a que lhe concedem biógrafos amigos, tinha muito vivo o sentimento da honra e uma bondade, talvez insável, mas nunca avêssa ao exercício de bons préstimos. Era um conversador delicioso, brihantemente erudito, dotado duma eloqüência legante e conceituosa (1).

---

(1) O discípulo mais ardente de Garrett foi *Francisco Gomes de Amorim*, (1827-1891) seu biógrafo apaixonado. Escreveu os *Cantos Matutinos*, os *Ephemeros*, *Flor de Marmore*, *Milagre da Caridade*, etc., versos de valor desigual, fluentes quási sempre e às vezes admiráveis. E, como poeta descritivo a vida marítima, é o maior da nossa literatura depois de Camões. *Xavier da Cunha* (1840-1920) grande erudito e notável poeta, seguiu com felicidade na prosa e no verso a *maneira* de Garrett de quem era admirador incondicional. (*Religião e Religiões*, *Lirica de Olimpio de Freitas*, *Rabiscos e Ligações*, numerosos e substanciais opúsculos). Algumas poesias suas foram traduzidas e muito elogiadas na França. *José Ramos*

3 — **Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo** é o maior vulto do nosso Romantismo e uma das figuras mais imponentes e sugestivas de toda a nossa literatura. Polígrafo de génio, em todos os ramos literários que versou, teve por direito puro uma primasia inconfundível. A Marquesa de Alorna adivinhou-lhe o génio que alentou com nobre fervor, provando mais uma vez o alto valor da intuição feminina.

A. Herculano foi essencialmente um grande e verdadeiro poeta. Não se prendeu com erotismos frívolos, nem se deprimiu em labores de arte pela arte. A inspiração derivava-lhe do coração puro, em aliança rara com a elevação do pensamento e com a inteireza do carácter impecável. A simplicidade do seu espírito foi, porém, toldada e até deprimida pela filosofia racionalista, predominante no seu tempo. Kant empolgou-o em excesso. Sinarquista de profundo sentimento, desorientou muito as doutrinas liberais por causa do kantismo, muito grato

---

Coelho (1832-1914) é dado na Itália por alguns como discípulo de Garrett. Contudo, se êste ilustre poeta, homenageou Garrett numa poesia célebre, quando da morte do autor das *Folhas caídas*, e se pretendia imitar-lhe a *maneira*, era, como diz Luciano Cordeiro (*Livro de Crítica*) um novi clássico mais ou menos reconciliado com o Romantismo. Dizem-no as suas obras (*Preludios poéticos*, *Lampejos*, etc.) e a modelar tradução da *Jerusalem Libertada*. Como poeta tem muito maior renome na França e na Itália — entre os eruditos — do que em Portugal e mais se pode considerar discípulo de Castilho e Filinto do que de Garrett, depois dêste deixar o filintismo.

José Ramos Coelho. x
Poeta (que este ano morreu não tem lido).

ao seu grande orgulho. Intensamente sedento de noções positivas, transviou-se em quási heterodoxias que, contudo, o não despojaram da fé cristã. Emigrado político, recebeu no estrangeiro a influência romântica com a convicção ingénua de que a nova escola não só representava superiormente o espírito nacionalista, religioso e scientífico, mas também a melhor expressão artistica.

O seu livro *Harpa do Crente* revela um grande poeta filosófico e uma grande consciência que exprime indomavelmente o que pensa e sente. Versos solénes, às vezes um pouco duros, mas sempre substanciais e profundamente sentidos. Vivos relâmpagos de ascenção espíritual e vibrações profundas de verdadeiro sentimento que anda ao par duma vontade sempre poderosa. Arte nobre e robusta, linguagem vernácula e soléne, recorte sempre austero. Qualquer coisa do trovão e do dobre de um sino colossal. Os seus defeitos serão: *a)* alguma monotonia; *b)* aspereza formal, donde a onde; *c)* um certo tom cavo e lúgubre, como que terrorista; *d)* o figurino biblico, imitado talvez de Lamennais.

4—A. Herculano (1810-1877) nasceu em Lisboa. Seus pais foram Teodoro Candido de Araújo, recebedor da Junta dos Juros (actual Junta do Crédito Público e de D. Maria do Carmo de S. Boaventura. Educou-se na Congregação de S. Filipe Nery. Foi seu mestre o padre Vicente da Cruz. Freqüentou em seguida o

curso de matemática da Academia Real da Marinha. Em 1830, freqüentou o curso de diplomática na Torre do Tombo. Em 1831, emigrou por motivos políticos. Em 1832 desembarcou no Mindelo, vindo da Terceira. Segundo bibliotecário da Biblioteca Municipal do Porto desde 1833, pediu a demissão em 1836. Mas nunca se escudou com o seu lugar para fugir aos perigos do cêrco, porque correu sempre às trincheiras nos lances mais ásperos.

Em 1837, quando dirigia o *Panorama* e o *Diário do Govêrno*, D. Fernando nomeou-o bibliotecário da Ajuda. Deputado pelo Pôrto em 1840, membro da Academia Real das Sciências em 1844, teve depois conflitos que o levaram a abandonar a Academia, e que não foram muito menores do que os que o chocaram rijamente com os ásperos, e nem sempre injustos, críticos da sua *História de Portugal*. Voltou, porém, à Academia em 1857. Não aceitou em 1861 o pariato nem em 1862 a Gran-Cruz de S. Tiago. Enfim, em 1867, fixou a residência na sua quinta de Vale de Lobos, freguesia de Azoia, concelho de Santarém. Vários desgostos, as decepções constantes com o liberalismo cujos desmandos sectários verberou com nobreza, e um excessivo orgulho, o levaram a viver naquela solidão que o adestrou como apaixonado agricultor. Casou, no ano em que se refugiou em Vale de Lobos, com D. Mariana Herminia de Meira.

A honradez e austeridade da sua vida refle-

cte-se plenamente nas suas gloriosas obras. Se Garrett lembra a psicologia graciosa e frivola de el-rei D. Diniz, A. Herculano sugere em muito a nobre e profunda psicologia de el-rei D. Duarte. D. Pedro V, que foi seu amigo e émulo, com uma genialidade ainda de alcance mais enciclopédico do que a de Herculano, e sem duvida assombrosa em tão verdes anos, retemperou no espírito do autor da *Harpa do Crente* o seu espírito, excepcionalmente superior de penetração e saber.

5 — **António Feliciano de Castilho** — Pelo bom gosto, pelas deliciosas eufonias do seu estro, pela riqueza e pureza verbalista, Castilho tem um alto e inconfundivel lugar no nosso romantismo. Como disse Silvio Romero, merece mais a primacialidade como poeta-artista do que Almeida Garrett. As qualidades de Castilho — elegância, vernaculidade, imaginação opulenta, sentimento delicado — são prejudicadas, porém, pelo pendor excessivo para a arte pela arte, que o conservou intensamente novi-classico, a-pesar-de perfilhar e até dirigir o Romantismo. Contudo, o poeta excede freqüentes vezes o artista, e a sua simpatia pelos velhos canones teve uma prestigiosa, ainda que passageira, influência repressora na nossa escola romântica. A sua imaginação facilmente apropriava, de vez em quando, o sentimento nacional, que Castilho encontrava, vivo e palpitante, nos tesouros da língua, conhecida por êle profundamente. As suas obras poéticas

Cartas de Echo a Narciso, Primavera, A Noite do Castelo, Ciumes do Bardo, Amor e melancolia; Excavações poeticas, etc., foram acentuando progressivamente a sua complacência ou a sua transigência com o Romantismo, mas notando-se sempre a sua predilecção íntima pelo tom classico. A estas qualidades se deve o tradutor — adaptador de mais genio que tem tido Portugal. Castilho, nacionalizando tudo que traduz da antiguidade, (*Georgicas* de Vergilio, *Metamorfoses* e *Amores* de Ovidio, e *Lírica* de Anacreonte) continúa em parte Camões, que genialmente nacionalizou a arte de Vergilio.

Com não menos genio, Castilho nacionalizou o *Fausto*, de Goethe, o *Sonho duma noite de S. João*, de Shakespeare e o *Avarento*, o *Tartufo*, o *Misantropo*, *O Médico à força*, *Doente de Scisma* e *Sabichonas*, de Molière, chegando a exceder, como artista, tão notaveis autores.

6 — A. F. de Castilho (1800-1875) foi natural de Lisboa e filho do Dr. José Feliciano de Castilho, lente de medicina na Universidade de Coimbra. Aos 6 anos encègueceu. Seus irmãos, modelares de dedicação, acompanharam-no nos estudos, auxiliando-o nobremente. Assim, frequentou em Lisboa a aula de latim de José Peixoto com surpreendente aproveitamento. Assim, conheceu os grandes classicos da antiguidade e os da sua pátria, e assim se formou em Coimbra na faculdade de direito, graças principalmente à devoção tocante do irmão Augusto. Na sua vida académica co-

lheu-o um entusiasmo ingénuo pelo vintismo, mas, em 1823, derrubada a Constituição, transigiu com um festival que celebrou a restauração do velho regimen.

A rigor, Castilho, sinarquista de sentimento, mas sem profundas convicções políticas, era liberal, como era romântico, por espírito de resignada aquiescencia ao que sentia predominante na política e na literatura. No íntimo, profundamente católico e monárquico, doiam-lhe, como a poucos, os excessos sectários e tinha entusiasmos pouco sinceros pelas novas formulas políticas e literárias.

Nas suas cartas a António Ribeiro Saraiva, patenteia êle nitidamente com quanta candura se deixara arrastar pelo liberalismo, e quanto o tinham enchido de decepções os sectarismos do novo regimen politico. Castilho afirma nessa correspondencia um ideal alevantadamente tradicionalista. Passou largas temporadas, fecundas em trabalhos poéticos, na Castanheira do Vouga onde Augusto de Castilho, o irmão dedicado, que já se ordenara, dirigia espiritualmente a paróquia.

Em 1836, privou na capital com Herculano e Garrett, o que o fez pender mais para o Romantismo, a-pesar-de o esconjurar a cada passo em várias páginas. De 1841 a 1845, entrou no jornalismo, fundando e mantendo a bela *Revista universal lisbonense.*

E foi por então que publicou o seu *Método de Leitura* que o envolveu em várias polémicas

fogosas. Êste período combativo, que chegou a obrigá-lo a fixar-se primeiro em Ponta Delgada, onde fundou uma tipografia e o jornal *Agricultor Micaelense*, e 3 anos depois em Coimbra, onde fundou o Colégio do Pórtico, terminou em 1859. Em 1861, pareceu completamente convertido ao Romantismo, mas pouco depois restringia curiosamente a sua adesão, fazendo admiráveis traduções de classicos latinos. Razões filosóficas, educação clássica, pendor nativo, tudo o aferrava ao classicismo.

A vida de Castilho decorreu serena desde 1859 até à Questão Coïmbrã em 1865 (1). Extintos os écos dessa pugna, se lhe vacilou um pouco a coroa de chefe literário do seu tempo, nem por isso deixou de poetar e de criticar dentro do respeito e até da admiração dos seus próprios adversários (2). Castilho foi brindado com o título de

---

(1) Castilho, prefaciando o *Poema da Mocidade* de P. Chagas, referiu-se com ironia a Teófilo, Antero e outros moços escritores da chamada *escola coïmbrã*. E, fazendo-o, ostentou talvez demais o seu prestigio de ditador literário. Teófilo surdiu com o opusculo *As teocracias literárias*. Muito veneno e poucas idéas sólidas. Antero veio com o opusculo *A dignidade das letras e as literaturas oficiais*. Muito talento, mas excessos de paixão juvenil. Por Castilho, acudiram Camilo, P. Chagas, Osório de Vasconcelos, Brito Aranha, etc. Enfim, a contenda produziu em Portugal e no Brasil perto de 50 opusculos, mas desvairando-se demasiadamente os contendores. Foi Ramalho Ortigão no opusculo *Literatura de hoje* que viu a questão com brilhante imparcialidade, dizendo belas verdades a uns e a outros, igualmente dignos de censura pelos seus extremismos faciosos.

(1) *Júlio de Castilho*, seu filho (1840-1919) continuou brilhantemente as tradições poéticas de António Feliciano

Visconde, título que aceitou satisfeito, se o não solicitou, contagiado pelo *meio* muito propenso a emergencias decorativas.

7—**José da Silva Mendes Leal**, como poeta épico, é o maior, o mais genial e vibrante do Romantismo. A epopeia clássica foi substituida por composições curtas, liberrimas de forma, sem o menor respeito pelas antigas regras. Em vez de longos poemas, publicaram-se episódios soltos e, às vezes, simples emergências dum herói, ou até dum só facto célebre, em moldes líricos, mas animados por um fremente sôpro heróico. Não rarearam no Romantismo português épicos dêsses, porque assim, mais ou

---

nas *Manuelinas* e nos *Fastos Portugueses*, *Manuel Pinheiro Chagas* no *Poema da Mocidade*, *D. Maria Amália Vaz de Carvalho* nas *Vozes do Ermo*, *D. Amália Janny* (+ 1914) em várias mimosas líricas, *Pedro de Lima*, autor dos *Ocasos*, *Nogueira Lima*, *Joaquim Pinto Ribeiro*, *Dias de Oliveira* e *Custodio Duarte*, poetas portuenses; *Joaquim Pinto de Sousa Macario*, poeta lamecense (*Portugal*, *Rumores da Tarde*, *Lira d'Arménio*, etc.), *Tomás Ribeiro* e *João de Lemos* em algumas das suas poesias, *João José d'Almeida Braga*, notável poeta e publicista bracarense, *D. Maria Peregrina e Padre Carlos José Rademaker*, ilustre publicista e prègador, o *dr. Manuel Ferreira Cardoso* (+ 1923) e *Roberto Pinto* (+ 1924), acusam bastante a influência de Castilho. E assim *Camilo Castelo Branco* (*Um livro*), *Alexandre José da Silva Braga* (1795-1829), *Alexandre da Conceição* (1842-1889) nas *Alvoradas*, *Eduardo Augusto Vidal* (*Crepusculos*, *No Occidente*, etc.), *Alberto Pimentel* e *Luís Augusto Palmeirim*. Contudo, parte dêles seguiram depois principalmente a maneira de João de Lemos ou a de Soares de Passos, ou a dos parnasianos pré-rialistas. Palmeirim, de certo modo, representa a simplicidade e fervor patriótico de Béranger, que lhe é, porém, muito superior na elevação de ideias e na arte.

menos, o foram até em prosa, Castilho, Garrett e principalmente Herculano. Mas nenhum teve a constante elevação de pensamentos, a grandeza e novidade das imágens e o sugestivo sentimento de Mendes Leal, que, imitando talvez Victor Hugo na audácia e na energia, o excede, sem dúvida, na naturalidade, na sobriedade e na vida substancial. *Avè Cesar* (à morte de Carlos Alberto), *Napoleão no Kremlim*, *Pavilhão Negro*, etc., são obras-primas de poesia épica e por vezes elevadamente patriótica, opulenta sempre de rasgos que chegam a ser sublimes. O nome de Mendes Leal devia merecer, portanto, muito mais conscienciosa justiça aos antólogos e aos críticos. Defeitos máximos: certo artificialismo na enfase e alguns deslizes técnicos.

8—Mendes Leal (1818-1896) nasceu em Lisboa. Grande polígrafo, também foi notável diplomata, distinto orador parlamentar e académico, jornalista vigoroso e um consciencioso erudito. Dum carácter forte, operoso, com defeitos secundários, devidos à intensidade e confusão da vida política, teve uma boa envergadura moral que confirmou em vários lances da vida pública. O seu génio poético, no meio de tantas circunstâncias deprimentes, que eram produtos do esgotamento sucessivo do nosso liberalismo, assombra e resplandece como uma anomalia fulgurante.

9—**João de Lemos Seixas Castelo Branco**—Êste poeta, que muitos dizem ter sido dis-

cípulo exagerado de Castilho, teve uma compleição feliz e viva de verdadeiro poeta. Inspiração, elevação, poder expressivo são as suas qualidades eminentes. Difusão, sentimentalismo requintado, alguma afectação nos epitetos, serão os seus defeitos. Castilho seduziu-o, mas não o avassalou tanto, que não fundasse no jornal poetico *O Trovador* uma escola sua. Essa escola, intensamente romântica e, por mera convenção, chamada ultra-romantismo, porfiava em afirmar o verdadeiro espírito católico e patriota, explorando os tesouros da dilacerada alma do povo. É rico de poesia viva e atraente, nem mais nem menos mórbida do que a dos grandes românticos, o *Cancioneiro* de J. de Lemos, em 3 volumes. Algumas poesias, animadas, coloridas, fluentes, como a *Lua de Londres*, falam tanto à alma popular, num rasgo de lirismo patriótico, que ficaram nos recitativos de todos os dias e são ainda hoje lidas com deleite e bom apreço.

10—João de Lemos (1819-1890) teve uma vida virtuosa e serena, a despeito da sua fogosa mocidade como estudante de Coimbra e do ardor e firmeza da sua fé legitimista.

Vigoroso jornalista político, tanto como poeta de alma, que, porém, por influência do meio, transigiu muito com o Romantismo, exagerando-o, mas também corrigindo-lhe os extremismos filosóficos, João de Lemos teve um carácter forte e puro. Quem analisar com reflexão os seus versos e a sua prosa, viril e ele-

Como, se quiser, a Lua de Londres . . . mas não defino

gante, não pode incluí-lo na lista dos ultra-românticos senão por causa de alguns tons formais, muito inconsistentes. Contudo, o seu estro nunca é pobre de ideias e de profundo sentimento (1).

11—**António Augusto Soares de Passos** —Este poeta tem um lugar àparte na nossa literatura. Nem procede de Garrett, nem de Castilho, nem de Herculano, e, contudo, tendo do primeiro a suavidade, do segundo a harmonia e do terceiro o idealismo elevado, não se pode dizer que neles não colhesse muitas sugestões determinantes. E por vezes os excedeu, ainda que lembrando talvez demais a influência germânica, (no *Noivado do Sepulcro*, por exemplo) a sua predilecção pelas baladas plangentes de Alemanha, por êle mòrbidamente requintadas no sentimento e na languidez da forma.

Na poesia *O Firmamento* elevou-se acima dos versos mais altos da *Harpa do Crente*. Na *Ode a Camões* deixou em lugar bastante secundário os melhores raptos de Garrett. Enfim, em várias líricas mais ligeiras, ultrapassou o que de melhor no género escreveu Castilho, porque se

---

(1) Foram seus discípulos, ou, pelo menos, muito sugestionados pela sua maneira, *António Xavier Rodrigues Cordeiro* (1819-1900) autor, entre outras poesias, da célebre composição *Tasso no hospital dos doidos; Luís Correia Caldeira* (1827-1859) malogrado autor das *Flores da Bíblia: José Freire de Serpa Pimentel*, etc. Ao grupo do *Trovador*, pertenceram *António Maria do Couto Monteiro* (1821-1896), autor da *Cabulogia*, admirável paródia de *Camões*, de *Garrett* e o delicado lírico *Augusto José Gonçalves de Lima* (1823-1867), autor dos *Murmúrios*.

aproximou mais da alma popular. E assim, a sua poesia *A despedida* tem uma popularidade superior à dos melhores versos de Garrett e Castilho.

Os seus defeitos maximos são: *a)* sentimentalismo enfermiço; *b)* monotonia formal; *c)* excessivo pendor para os moldes germânicos e também alguma arte pela arte; *d)* um derrotismo íntimo que, na essência, equivale ao scepticismo pessimista.

12 — Soares de Passos (1826-1860) nasceu no Pôrto. A sua vida, curta e pobre de grandes lances, foi a dum sentimental estimulado vivamente pela leitura dos grandes românticos cujas paixões confidenciais requintou, vivendo-as em psicoses como que voluntárias. Minado pela tuberculose, como mais tarde António Nobre, foi o precursor dêste, salvas algumas diferenciações, mais resultantes, porém, da diversidade do meio do que da qualidade substancial dos temperamentos.

13 — **Faustino Xavier de Novais** — Êste poeta continua e melhora em pleno Romantismo as obras de Nicolau Tolentino. Contudo, é a sua originalidade conceptora o que mais lhe confere uma emergencia inconfundível. Qualidades: *a)* chiste natural e vivo; *b)* grande poder analítico dos múltiplos aspectos humanos; *c)* fluência descontrafeita e límpida; *d)* nítido senso moral, que nobilita e embeleza a causticidade. Os seus defeitos serão: *a)* certa repetição de epítetos; *b)* alguns prosaísmos. Os seus volumes *Poesias*

e *Novas Poesias* são dos mais valiosos da escola romântica. Revela um alto e verdadeiro poeta, superior a alguns de quem tem sido considerado como que subalterno. Representa deveras o espírito nacional na graça, na filosofia maliciosa, no tom subtil e fino das suas ironias mais vivas. Escreveu também os volumes *Manta de retalhos* e *Cartas de um roceiro*.

14 — F. X. Novais (1820-1869) era natural do Pôrto. A sua vida foi sempre crespa de dificuldades e infortúnios (1).

Senhor duma verdadeira genialidade como poeta satírico, contestavam-lhe às vezes o menor talento. Carácter nobre e puro, cercavam-no ora perfídias, ora hostilidades violentas. Emigrou para o Brasil à procura de fortuna, e a adversidade amargurou-lhe sempre os esforços honestos nas lutas crueis da sua vida. Foi no Brasil que morreu antes dos 50 anos, quási idiota, descrente de todos, e talvez descrente de si próprio. Até na sua obra póstuma — *Inez de Horta*, obra tragi-cómica, não de todo à altura das faculdades do poeta — manifesta o poder e fulgor do seu génio poético, radiante de simplicidade, naturalidade e análise. É outro grande poeta, digno de maior justiça dos antólogos e dos críticos.

15 — **Tomás António Ribeiro Ferreira** — Este poeta é ainda mais inconfundível do que

(1) Vid. *Cancioneiro Alegre*, por Camilo C. Branco e *Portuenses Ilustres* por José Pereira de Sampaio *(Bruno)*.

Soares de Passos, porque, formalmente romântico, é o príncipe dos poetas que, perfilhando o Romantismo, prepararam a futura poesia patriótica e tradicionalista. Romântico na forma, que edulçorou por vezes em excesso, mas que recamou de ritmos novos e de irresistível encanto, tendo sempre expressões singelas, límpidas, verdadeiramente portuguesas, nem o seu liberalismo, afinal mais automatico do que sentido, o apartou do espírito e do sentimento nacional. Sacrificou de-certo muito à arte romântica, que mais ou menos efeminou, mas o seu estro nunca abastardou o espírito de português genuino, de patriota que não troca por vestiduras exóticas qualquer vibração da sua alma e consciência.

O seu poema *D. Jaime* é uma glorificação superior da luta de Portugal contra o espírito estrangeiro. O poema *Delfina do Mal* é uma obra essencialmente regionalista. Nos *Sons que passam*, nas *Vesperas*, nas *Dissonancias*, há bastante arte pela arte, mas com constantes relampagos de amor-pátrio e fé religiosa. O seu maior defeito será, com um tom melopaico, ás vezes monótono, uma ou outra afectação de simplicidade, um ou outro exagero de hiper-doçura.

16 — Tomás Ribeiro (1831-1901) nasceu na Beira-Alta (Parada de Gonta). Era, realmente, um autentico beirão — energia calma, e até sorridente, sentimentalismo celto-lusitano, íntima e profunda religiosidade.

A exaltação do [illegible] de Tomás Ribeiro —

Verdadeiro polígrafo, homem de letras e homem de sciência (como jurisconsulto), elegante orador parlamentar e consciêncioso estadista, física e mentalmente com algo de garrettiano, mas com mais equilibrio, na vida das salas, e com bastante de castilhiano na vida literária, mas com menos tom classico, as suas diversas manifestações artísticas, se fôram ultra-românticas, representam muitas das melhores páginas que a desorientação romântica deixou de escrever.

17 — **Raimundo de Bulhão Pato** — Este poeta colheu ora em Garrett ora em Castilho a sua arte formal, mas como que retemperando-se na sobriedade de A. Herculano. Contudo, o meio-termo brilhante com que, dentro duma singeleza cheia de frescura, de côr e vida, afirmou, a-pesar-de sentimentalismos, ás vezes requintados, qualidades de-veras independentes das normas dos modelos, conferem-lhe um logar muito seu, que o livra da depressão de paralelos aventureiros. Será seu defeito maior a monotonia e tambem o freqüente artificialismo do sentimento, mas a inspiração fácil, a nevrose das vibrações, e muitas vezes um enternecimento que, pela simplicidade expressiva, chega a ter clarões geniais, compensam plenamente as falhas. Na *Paquita*, nas *Flores agrestes*, etc. está um grande poeta, mais ou menos desigual, mas empolgante, e *Nas Satiras, canções e idilios*, palpita uma compleição robusta, e, contudo, singularmente maleável

— superior ironia, galanteio mais ou menos aristocrata, frivolidades deliciosas ao par de magníficos raptos de lirismo puro.

18 — Bulhão Pato (1829-1912). Nasceu em Bilbau, de pais portugueses. Teve uma mocidade passional e aventureira. Para o fim da vida, adjurou-se, embora muito nominalmente, ao ideal democratico, ele que era, por temperamento e habitos, um aristocrata de escol. Foi amigo intimo de A. Herculano, de Garrett e de Rebelo da Silva. Morreu no Monte da Caparica, onde passou os últimos anos da existência.

19 — **Antonio Pereira da Cunha e Castro**, autor do magnifico livro de versos *Selecta*, ombreia com João de Lemos na apaixonada fé legitimista e na elevação do estro, em que por vezes excede aquele poeta pelos seus grandes vôos épicos. Nesse livro, Pereira da Cunha, longe de ser um dessorado ultra-romântico, parece ter achado um feliz meio-termo entre o Romantismo e o lirismo de-veras nacional, alevantando com entusiasmo e sentimento a Religião e a Patria.

20 — Pereira da Cunha (+ 1890) foi um grande homem de bem. Ardente legitimista, em todos os lances da vida confirmou a sua fé e a sua honradez.

Poeta, sim . . .
mas sobremaneira,
ou um legitimista.

Escritores dramáticos

1 — **Almeida Garrett**. O teatro português rebaixara-se deploràvelmente numa onda de facécias obscenas e de estrangeirismos, subtilmente infiltrados pelo espírito sectário que contra-minava na sombra a acção moralizadora dos censores oficiais, ao mesmo tempo que a provocava e excitava para impopularizar o regimem social e político. A decadência da Raça, apegada apenas a formalismos e ávida de novidades exóticas, o predomínio, maior do que parecia, do intelectualismo pombalino, que se fôra convertendo em scientismo pedante, mas demolidor, e com tendências desnacionalizadoras em nome dos mais vistosos programas libertários, produziram um teatro, mais burlesco do que cómico, anárquico, plagiário do pior teatro francês e explorador ignobil dos maiores defeitos étnicos. Almeida Garrett, romantico de boa fé, avistou no programa da sua escola o remédio para tantos males — a nacionalização da nossa arte scénica. Mas, se a procurou com sincero ardor, a sua obra tinha de ser efemera, porque o espírito filosófico do Romantismo trazia consigo ou a superficialidade, ou a própria ruina de qualquer empreendimento de-veras nacionalista.

Entretanto, Garrett, esperando do seu ardor romantico mais do que êle podia produzir em

puro benefício do sentimento nacional, teve de despojar-se — e não o fez sem esforço e até saüdade — dos moldes clássicos. Decalcando poetas trágicos estrangeiros, escrevera com fortuna mediocre, duas tragedias — *Merope* e *Catão*. Esqueceu-as. Mas no seu espírito, dotado duma imaginação que fàcilmente confinava com a simples fantasia, estava bastante ausente a penetração superior, tão precisa para continuar Gil Vicente através da ampliação magnifica que lhe oferecia o verdadeiro génio de D. Francisco Manuel de Melo.

Por isso, Garrett viu em tese muito bem as necessidades do teatro nacional, mas, na prática, não pôde escrever uma verdadeira comédia, um verdadeiro auto, e até um verdadeiro drama, a-pesar-de ter scenas magistrais no *Fr. Luís de Sousa,* obra-prima dramática do Romantismo.

2 — Em 1838 escreveu o *Auto de Gil Vicente*, baseando-o, realmente, na tradição, mas sem grande verdade na urdidura, sem mais feliz visão psicológica do que a que teve Vítor Hugo nos seus dramas enfáticos. A côr, a vestidura, quási sempre a linguagem, têm um cunho quinhentista, mas falta-lhe a verdadeira alma da Raça e do seu tempo, como falta a estrutura lógica e harmoniosa da peça. O público aplaudiu, porque era uma novidade que lhe despertava vagas e gratas reminiscências de melhores tempos, mas não colheu nada de profundamente reconstrutor e novi-tradicionalista. Afêz-se ainda mais a ver o passado como um scenário curioso que nunca

mais podia ter verdadeira realidade não só nas exterioridades como no espirito. Veria com o mesmo interêsse quaisquer scenas, atraentes pela velha indumentária e por outros arcaismos, que um dramaturgo lhe oferecesse com mais ou menos engenho, sempre muito maior do que o dos fazedores de autos e revistas que predominavam nos *Páteos*. A ideia feliz que Garrett teve de ligar em scena Bernardim Ribeiro a Gil Vicente não deu o fruto admirável que devia dar, porque nem ao menos as psicologias de Gil Vicente e de Bernardim ostentam a expressão precisa e justa que interessaria mais profundamente o público pelas suas glórias literárias.

3 — Em 1840, escreveu Garrett *Filipa de Vilhena,* comédia-drama. Funda-se numa tradição bela e manifesta um bom intento, de-veras patriótico. Mas os diálogos são de medíocre interêsse e superabundam, como nas peças menos cultas, as enfazes, os gritos, até os constantes *Vivas a Portugal,* salvando-se apenas uma ou outra scena, mais animada pelo verdadeiro sentimento. E não falaremos doutras comédiasinhas de Garrett, mais desfastios comesinhos do que boas obras de arte dramática, sendo preciosas apenas pela freqüente graciosidade e elegância da linguagem. Só nesse sentido prestaram um serviço nacional que, realmente, não é somenos.

Formosa e até com laivos de épica é a concepção do drama *Alfageme de Santarém,* escrito em 1841. A base é portuguesíssima — a lenda da

espada maravilhosa do Santo Condestável. Alguns caracteres — não os principais — têm magistral desenho. Relampeja, com bastante poder, a alma popular no seu mau humor contra a Nobreza. O Clero tem, num frade adorável, um representante cheio de sàdio realismo. Mas, além de que a estrutura apresenta pouca solidez e os principais caracteres apenas mostram quási sempre aspectos superficiais, o artificialismo excessivo dos lances insinua mais uma diversão interessante do que uma lição perfeita e duradoura.

4 — Enfim, temos o *Fr. Luís de Sousa* (1). Garrett fôra como que despertado em 1818 por uma peça informe e grosseira num teatro ambulante da Póvoa de Varzim, ao ver surdir uma tradição intensamente dramática na figura sugestiva de Manuel de Sousa Coutinho, o futuro frade e incomparável clássico do convento de Benfica.

Estudou Garrett demoradamente a tradição e a figura e logrou ser muito psicólogo no estudo das principais personagens, principalmente nas suas criações máximas — o criado Telmo, D. Manuel de Portugal, M. de Sousa Coutinho e Maria, a-pesar-de esta ser falsificada em excesso pelo sentimentalismo. O último acto é pesado e

(1) Com um assunto similhante, escreveu *António de Oliveira Silva Gayo* o drama *D. Caetano de Brandão*, notável pelo realismo histórico e pela penetração psicológica.

até supérfluo. Há superabundâncias de ênfases onde ficariam melhor laconismos de significado puríssimo. Mas a paixão, patriótica ou individualista, surde em traços geniais e o *Ninguem!* de uma scena, na verdade primacial de interêsse e emoção, não tem sido comparado exageradamente ao *qu'il mourût* de Corneille. O génio dramático de Garrett ficou, porém, esgotado nesse esfôrço, que tem coruscações sublimes, a sufocarem bastante os defeitos. E, como as restantes obras do mestre ofereciam aos menores um caminho mais acessível, embora menos nacional, os discípulos preferiram as exterioridades, mais ou menos confusas e com sublinhado espírito demagógico, à obra-prima, de grande fundo religioso e patriótico, que, se não penetrara completamente no coração português, o alvoroçara com indiscutível poder.

5 — Contudo, possui grande e sugestiva benemerência a obra reformadora de Garrett, pelo menos no seu conjunto.

Quando mais não valesse, teria o supremo e raro mérito da devoção.

Garrett teve de lutar àsperamente pela fundação do Teatro Normal. Inspector geral dos teatros, a sua actividade e zêlo merecem vivos elogios e enternecido reconhecimento. Se a sua acção resultou pouco fecunda, a causa é evidente.— Garrett não pôde, mestre vacilante como o foi por influência do espírito romântico e pela leveza do critério filosófico, deixar bons discípu-

los a suplantarem a chusma de maus imitadores que, de afogadilho, inundaram o palco. Tinham êstes, por desventura, de conquistar o seu predomínio, exagerando os já deploráveis defeitos românticos.

Brotava naturalmente a praga dos adaptadores e tradutores com gáudio vivo do espírito estrangeiro.

6 — **Mendes Leal** foi o único que, digno do mestre quási sempre, várias vezes o excedeu na urdidura, na lógica dos lances e até no desenho de alguns caracteres. *O pagem de Aljubarrota, Os primeiros amores de Bocage, Egas Moniz,* etc. representam muito talento, grandes disposições dramáticas e bastante critério histórico. Mas a forma romântica requintou-se em Mendes Leal com artifícios que ninguem esperaria do eminente poeta épico que êle foi. As arbitrariedades empanaram demais os estudos psicológicos, e o sentimento nacional, em vez de se educar na disciplina duma perfeita consciência, continuou amodorrado na curiosidade frívola de scenas aparatosas. O teatro ressurgira, pois, como que para tornar a morrer, elegantemente vestido à moda do tempo.

7 — **Gomes de Amorim** no *Ghigi,* no *Ódio de Raça,* etc. ainda foi menos longe, sendo fácil vê-lo substituir o puro engenho por uma habilidade mais ou menos afortunada, devida a expedientes nem sempre admissíveis. *Antonio Maria de Sousa Lobo* (1806-1844) deu excelentes es-

perranças no *Emparedado* e em outras peças, mas morreu prematuramente, quando parecia destinado a um futuro bastante glorioso. Enfim, *Rodrigo José de Lima Felner,* simples adaptador, *José Freire de Serpa Pimentel* (1814-1870), mediano de engenho e sentimento (*D. Sisnando, conde de Coimbra, D. Sancho II,* etc.) e José Maria da Silva Leal, nascido em 1812, (*D. João I,* o seu melhor drama, e a comédia *A Bruxa,* etc.) nem por sombras foram para Garrett, considerado êste como o novo Gil Vicente, qualquer cóisa de D. Francisco Manuel de Melo, génio ainda menos compreendido do que o poeta-ourives.

8 — O teatro do Romantismo português é, pois, um esfôrço nobre de intenções, mas pouco mais fecundo do que o esfôrço similar de Correia Garção e outros. E a razão é simples: o Romantismo repelia o espírito estrangeiro no classicismo, mas atraía-o e até o glorificava e consolidava na filosofia e na expressão muito superficialmente realizada do espírito e do sentimento nacional (1).

---

(1) Êstes defeitos explicam o passageiro êxito do drama *Camões* de Castilho, das peças dramáticas de Camilo (*D. Agostinho de Ceuta, O condenado, Como os anjos se vingam, Marquês de Tôrres Novas, Justiça, Abençoadas Lágrimas, Poesia ou dinheiro? O último acto, O Morgado de Fafe em Lisboa, O Teatro cómico*) e de breves tentativas de Herculano, Latino Coelho e outros, como *Manuel Pinheiro Chagas.* Êste escritor, brilhante de estilo, e, a principio, menos ultra-romântico do que demagogo, pretendeu servir o liberalismo na *Judia* e no *Drama do Povo*, obras sectárias e desorienta-

Romancistas

1 — **Alexandre Herculano** é o maior romancista do Romantismo. *O Monasticon (Eurico, o Presbítero* e *o Monge de Cister)* e *Lendas e Narrativas,* feixe de pequenos romances, são obras-primas que o espírito romântico mal conseguiu disformar.

---

doras, a pesar-da sinceridade dos intentos, e mais aparatosas do que ricas de vida realista. Depois, numa transigência bastante deplorável com o meio decadente, escreveu, sem originalidade maior mas com muita habilidade e linguagem aprimorada, a *Morgadinha de Valflor*, que o público aplaudiu com entusiasmo. Contudo, M. Pinheiro Chagas não tinha grande e verdadeiro talento dramático, pelo menos, para poder continuar o que havia de melhor na corajosa e zelosa tentativa de Almeida Garrett.

E outros dramaturgos ainda lhe foram inferiores, exceptuando um tanto *Pereira da Cunha*, autor dos dramas *D. Leonor de Mendonça*, *As duas filhas*, etc. (em verso), e das comédias em prosa *Um poeta no tempo de el-rei D. João V*, *A companhia monstro* etc. Os comediógrafos superabundaram. *Luís Augusto Palmeirim* (1825) escreveu comédias mais ou menos chistosas e felizes (*A domadora de feras*,) *Dois casamentos de conveniencia*, *Como se sobe ao poder*, etc., *Francisco Palha de Faria Lacerda* (1821-1890) explorou o gosto popular em obras literariamente menos que medíocres (*Barba Azul*, *O Andador das Almas*, *Ultimo figurino*, etc.) *António Pedro Lopes de Mendonça* (1826-1865) além dos medianos dramas *A côrte de Henrique IV* e *Afronta por afronta*, escreveu as comédias *Tutor e pupila*, *Lições para maridos* e vários provérbios cómicos. *Joaquim da Costa Cascais* (1815-1898), além dos aparatosos dramas — *Alcaide de Faro*, o *Valido*, o *Castelo da Feira*, deixou inúmeras comédias (*Nem César nem João Fernandes*, *O estrangeirado*, *Mineiro de Cascais*, etc). *Ernesto Biester* (1829-1880) pôs em scena, além dos dramalhões *Um drama do mar*, *Rafael*, etc., as comédias *Primavera eterna*, *Fortuna*

O Eurico, (1) é um romance — poema, intensamente histórico, com capítulos épicos como a descripção genial da batalha do Chryssus.

---

e trabalho, etc. Enfim, *Joaquim Augusto de Oliveira* (1827-1901) escreve várias *mágicas* — variantes do teatro dos antigos Pátios (*Amores do diabo*, *Gata borralheira*, *Favorita do rei*, etc.). *Alcantara Chaves* (1829-1892) em *Descascamilho*, *Martirios e rosas*, etc.. Só na alvorada do realismo apareceu um poeta dramático, digno de figurar como gloria literária, mas de limitado valor teatral Foi *Fernando Caldeira*, o delicado poeta lírico da *Madrugada*. (1841-1894). Como dramaturgo tico não tem grandes concepções. Circunscreve-se a delicados aspectos. (O *sapatinho de renda*, a *mantilha de renda*, as *Nadadoras*). Mas a graça, leveza e naturalidade dos versos asseguram-lhe uma emergencia honrosa.

(1) A influência do *Eurico* e do *Monge de Cister* na nossa literatura e na própria arte musical foi grande. *O padre Francisco de Moura Seco*, finado em Lamego, sua terra, nos fins do Séc. XIX, decalcou a tese do *Eurico* no romance *Angelo*, obra enfática, mas com bastantes primores estilísticos, e foi sugestionado pelo *Monge de Cister* no romance *Leonor Religiosa*. Moura Seco foi tambem admirador fervoroso e imitador de Herculano nas *Poesias Religiosas*, inspiradas na *Harpa do Crente*. Mas no lirismo oscilou entre Castilho e João de Lemos.

O eminente compositor português *Miguel Angelo Pereira*, findo nos principios dêste século, escreveu, com arte superior, uma ópera chamada *Eurico*, que, por má sina da música portuguesa, se não conservou em scena. Enfim, o talentoso professor de música e compositor lamecense *António Augusto da Fonseca*, falecido no último quartel do Séc. XIX, escreveu uma mazurca, popularíssima ainda hoje — *Hermengarda* e cuja dedicatoria A. Herculano agradeceu numa carta comovida e honrosa.

Também se pode considerar muito influenciado pelos romances de Herculano o erudito arqueólogo e historiador *António Francisco Barata* (1836-1910), autor dos romances históricos *Monja de Cister*, *Um duelo nas sombras*, *O último Cartucho*, etc. *António dos Santos Valente* (+ 1896) notável humanista, teria escrito, segundo nos dizem, um romance histórico sobre Viriato, imitando Herculano. Mas só nos deixou o poema *Ermelinda* (mais ou menos sentido) e *Primicias*, feixe de aprimorados versos latinos e portugueses.

António dos Santos Valente

Eurico, descendente de nobres, e Hermengarda, irmã de Pelaio e filha do Duque Favila, alteiam-se como belas figuras nos seus lances de paixão ardente.

O presbitero de Carteia, ou Eurico, depois de repelido pela família de Hermengarda, é pouco ortodoxo e muito declamatorio. Contudo, tem rasgos de paixão heroica, e solta trenos, muito requintados, mas sublimes. Enfim, vestido de guerreiro, salva Hermengarda, arrancando-a às mãos dum emir. Ela reconhece o salvador, e, ao vêl-o irremediavelmente perdido para o mundo, por ter desposado a Igreja, enlouquece. Excessivo sentimentalismo? Mas o entrecho é simples e frequentemente sentido. A linguagem é austera e solene, talvez demasiadamente retumbante — o seu maïor defeito — mas com uma harmonia poderosa e inteiriça que subjuga e logo eleva o espírito. Há trechos sublimes, de tom bíblico, às vezes forçado, mas empolgante e sugestivo. As descrições são magnificas de côr e verdade, sem os espremidos trocadilhos hugoanos, não raro mais intensas de luz e contrastes felizes do que as do próprio Walter Scott, modêlo ou sugestão de Herculano. O desfecho é muito romântico e insinua qualquer coisa de sectário contra o celibato eclesiástico. Não oferece, porém, o artificialismo preparatório, cheio de arbitrariedade e tortura, dos romances mais famosos do Romantismo francês. Herculano nesta obra encarna superiormente o espírito hispano-

-gotico, revelando grande poder de psicologista e de historiador, servido por um critério penetrante e amplo.

O Monge de Cister objectiva a época de D. João I. Aljubarrota é um facto soberano e inefável. Vasco da Silva regressa cheio de glória. Esperam-no de-certo Leonor, noiva da sua alma, Beatriz, sua linda irmã, e Vasco Eanes, seu pai. Mas hediondas decepções o afrontam. Leonor casou com Lopo Mendes, mais opulento e fidalgo do que o pobre Vasco. Quanto a Beatriz, seduzira-a Fernando Afonso, que a deixara miseràvelmente. E o pai morrera, fulminado por tamanho vilipêndio. Vasco então alimenta e exagera a mais rancorosa vingança e executa-a, depois de professar na Ordem de Cistér. — Os caracteres são desenhados com modelar nitidez. O orgulho e a paixão, a candura e a honra, sobresáem como sentimentos, que o ódio e a vergonha ensombram sinistramente. A lição é de moral pouco segura. O espírito sectário apodera-se da figura do monge, como no *Eurico* se apodera da figura do padre, propondo uma espécie de tese. A tese é de fracos alicerces, mas a *forma* esconde-os. O romantismo, que inspirou *Nossa Senhora de Paris* a V. Hugo, insinuou-se no *Monasticon* com o seu espírito dissolvente e idealista. Mas a descrição do tempo e do meio, a emergencia dos personagens, o fundo histórico e a linguagem, sóbria e vernácula, embora aqui e ali enfática e com excessos de

tom e côr, impõem, na verdade, o *Monge de Cister*, como obra de primeira ordem.

Contudo, é nas *Lendas e Narrativas* que Herculano, a-pesar-de romantico, melhor toca no realismo da nossa história.

Bastaria, realmente, a *Abóbada* com a trágico-épica figura de Afonso Domingues nas maravilhas do scenário artistico-patriota da Batalha, para consagrar em Herculano o nosso romancista e contista mais poderoso.

2 — Almeida Garrett escreveu só um romance — *O Arco de Santana*. Nêsse livro o espírito romântico é mais desvelado e audaz do que no *Monasticon*.

O sectarismo liberal pretende golpear tendenciosamente o Clero, que começava a refazer o seu prestigio derrubado. Garrett não vê as conseqüências desnacionalizadoras e até anti-scientíficas do seu mal disfarçado libelo e vai colher no seculo XIV, com reflectido pessimismo, o que julgou servir-lhe melhor as intenções liberalistas. Mas está muito longe do equilibrio formidavel e solene de Herculano, ou da sua magestade e poder concepcional. Não tem os dotes de psicólogo do autor do *Eurico* nem a sua genialidade descriptiva. O *Arco de Santana*, a não ser nas louçanias e até galas, às vezes peralvilhas, da linguagem, graciosamente irónica — é menos do que mediocre, a-pesar-de fundamentado, com melhor ou pior aparato, na história nacional.

3 — **Arnaldo Gama** (1828-1869) tem um grande valor como romancista, superior sem dúvida a Garrett, a não ser na linguagem que, contudo, possui mais qualidades apreciáveis do que as que o vulgo lhe confere. Não tem pretensões formais, mas tem mais vigor e côr do que outros, superiormente bafejados pelo renome. É melhor psicólogo do que Garrett. Nisso não desmaia muito diante do próprio Herculano. Penetra bastante o meio e o tempo. Urde com engenho e boa logica os enredos. Enfim, se nem sempre sabe dosar os subsídios históricos, colhe nêles com acêrto e probidade o espírito e o sentimento nacional.

Pinta com boa nitidez e descreve com grande consciência.

Não só conhece os segredos da alma dos personagens, como expõe a sua análise com tanta naturalidade e simplicidade, que chega a atingir o realismo saüdável e perfeito.

Os seus defeitos serão tendências difusivas, falta de relêvo formal que o próprio Julio Diniz, aliás, não possuia. No *Sargento-mór de Vilar*, no *Filho do Baldaia*, no *Motim há cem anos*, na *Ultima dona de S. Nicolau*, etc., há scenas ora grandiosas, ora tocantes, excelentes aspectos históricos, boas lições sôbre o temperamento étnico (1).

(1) Ao lado de *Arnaldo Gama*, merecem registo: — *Antonio de Oliveira da Silva Gayo* (1830-1870) com o seu interessante romance historico *Mario, Oliveira Marreca* (1815-

4 — **Luís Augusto Rebelo da Silva** (1821-1871) é um escritor garrettiano, mas que, por vezes, escreve páginas superiores às do mestre. E, como romancista, vale mais do que Garrett, ainda que seja frívolo psicólogo e não dotado de superior critério histórico. A *Mocidade de D. João V, Odio velho não cança*, etc., são romances bem urdidos, com um bom perfume nacional, a despeito dos processos intensamente romanticos. E na *Ultima corrida de Salvaterra*, obra prima de descrição, sentimento e verdade, atingiu um realismo fulgente que nenhum dos grandes romanticos igualou em qualquer das suas páginas. Se Rebelo da Silva escrevesse assim todos os seus livros, pertencer-lhe-ia uma incontestavel primacialidade, porque a elegancia e a côr, a arte sóbria e conceituosa, o traço dramático e simples, lhe assegurariam a palma.

5 — Luís A. Rebelo da Silva (1821-1871) foi parlamentar fluente e afirmou-se em vários ramos literários com operosidade às vezes brilhante, embora pouco profunda.

6 — **Camilo Castelo Branco** — Escritor fecundíssimo, com grandes qualidades de polígrafo, dotado de maravilhosa genialidade verbal, de

---

1889) no esboço de romance histórico *O Conde Soberano de Castela*, etc.; João de Andrade Corvo (1824-1890) no *Um ano na corte*, etc.; *Guilhermino de Barros* (1835-1900) no *Castelo de Monsanto* (tambem deixou versos apreciaveis), e *José Joaquim Rodrigues Bastos*, politico e moralista (1777-1862) nos formosos romances *Dois artistas* e *Virgem da Polonia*.

Guilhermino de Barros.
(de quem muito mal tenho lido os "versos apreciaveis")

imaginação quási sempre feliz e de bastante poder analítico, nada bem orientado filosóficamente, mas com robustas faculdades de assimilação e de exposição, é o nosso maior romancista depois de A. Herculano. Não tem a disciplina mental e a saúde moral do autor do *Eurico*. Não aprofunda tanto os aspectos psicológicos, a-pesar-da penetração admirável com que desenha a cada passo os carácteres. Não resiste, enfim, tanto como Herculano ao fundo de desorientação que caracteriza o espírito romântico, e antes avoluma com uma nota muito pessoal e pessimista aquele defeito deplorável que preparou de-pressa o falso realismo. Enfim, a relativa monotonia dos entrechos, a medíocre compreensão do sentimento nacional, que menosprezou por vezes, a anarquia intelectual que lhe inspira constantes contradições, muitos falsos realismos e tendências dissolventes e derrotistas, o artificialismo sentimental, uma espécie de cinismo antipático nas ironias mais brilhantes e ainda uma erudição excessivamente decorativa, serão os seus maiores defeitos. E, além do seu scepticismo pelas virtudes da Raça, não teve a visão completa do proprio sólo, não viu os nossos rios e praias, esboçou, sem especialização nítida, as planuras e as serranias, as proprias cidades.

Mas a linguagem é opulenta, inexcedivel de côr, pureza e vida. O poder descritivo é intenso, maravilhoso de propriedade e amplitude, a-pesar-do seu tom genérico, que se poderia referir

a qualquer aspecto estrangeiro. Os lances têm verdade substancial, a-pesar-da excessiva ênfase de alguns diálogos. O meio social e o tempo, por monótonos que sejam os aspectos, ficam sempre pintados com precisão e relêvo que não esquecem. O *Amor de Perdição,* com figuras como Simão Botelho, Tereza, Mariana, João da Cruz, o *Romance dum homem rico,* os *Mistérios de Lisboa,* etc., representam o romântico, ora sentimental ora imaginoso de urdiduras e lances, às vezes balzaquiano em vários rasgos. Adiante veremos o realista, que tinha fatalmente de ser, porque ninguem como Camilo fez degenerar de-pressa o Romantismo no falso realismo, à similhança de vários estadistas que apressaram vertiginosamente a degeneração do liberalismo monárquico em liberalismo rèpublicano (1).

7 — A vida de Camilo concorda plenamente com a sua obra, brilhante e desigual, verbalista e resplandecente de ironias leoninas, que ora disfarçam ora requintam amarguras da consciência em tumulto, consciência sempre rebelde contra os infortúnios, mais ou menos merecidos. Natural de Lisboa (1825-1890), mas filho de pais

(1) Até como poeta, foi Camilo um instrumento do Realismo. Depois dos livros de versos *Um livro, Inspirações, Hosrana, Salvé Rei! Duas épocas na vida, A' Senhora Laura Geordano,* vêm *Ao anoitecer da vida, Nostalgias* e *Nas trevas* (pessimismo e parnasianismo). E os poemetos satíricos *Os pundonores desagravados,* o *Juizo Final* e o *Sonho do inferno, A Murraça, Folhas caídas apanhadas na lama,* deixam transparecer mais realismo do que romantismo.

transmontanos — Manuel Botelho e D. Jacinta do Espirito Santo — perdeu a mãe pouco depois de nascer. Aos 10 anos, ficou sem o pai. O conselho de família entregou-o a D. Rita Emilia da Veiga Castelo Branco, tia paterna, residente na aldeia da Samardã, cercanias de Vila Real. Ensinou-lhe primeiras letras o padre António de Azevedo, cunhado de D. Emilia, muito culto e virtuoso, mas com pouco senso pedagógico. Estudou depois irregularmente no Porto e em Coímbra, dando mostras da vocação literária em artigos e folhetins. O seu génio impulsivo e rixoso, a sua dualidade de alegria ruidosa, às vezes cruel de sarcasmos, e de melancolia neurasténica, deixou vestígios profundos, e às vezes impertinentes, na memória dos condiscípulos. Nítidos ficaram logo os traços da sua figura: muito talento; muita capacidade assimiladora; muita negação para a disciplina mental e moral; muita vaidade, muitos caprichos, muito passionalismo inconsciente.

Capaz de quási todos os bons e de quási todos os maus sentimentos, de abnegações e de cálculos astutos, de bondades tocantes e de durezas egoistas, foi excessivamente *romancista* na propria vida íntima, e assim incapaz de se fixar numa orientação filosófica, numa crença, num elemento absolutamente scientífico. Mais levado pelos instintos do que pela razão, mais impelido pelos nervos do que pela consciência, mais erudito do que douto, mais fantasista do

que imaginoso, mais convulso do que senhor da vontade—as suas paixões, instáveis, às vezes criminosas, mas raras vezes com uma plena responsabilidade, sobreexcitaram-lhe as taras e precipitaram-no na ruina física, moral e mental, até ao desfecho trágico do suicídio. Nas suas obras reflectem-se prodigiosamente todos os aspectos da sua dualidade mental e moral. Era um génio que, a ser fiscalizado poderosamente pela consciência, deixaria um conjunto assombroso de trabalhos literários, só comparável, em toda a literatura europeia, à obra monumental e olímpica de Goëthe (1).

8—**Manuel Pinheiro Chagas**, polígrafo ilustre, escreveu romances que têm valor, ou como pedaços da história ou como especimens dum estilo florido e suave, às vezes conceituoso, e, donde a onde, magnificamente sóbrio e vigoroso. Há neles uma galeria, mais ou menos feliz, de caracteres interessantes. Não se revelou

---

(1) O maior discípulo de Camilo foi Alberto Pimentel (+ 1926) que sôbre o mestre escreveu obras interessantes: *Os Amores de Camilo*, *Romance do Romancista*, *A primeira mulher de Camilo*, etc. A. Pimentel escreveu belos romances, poesias e trabalhos de crítica histórica e literária. Sacrificou demais o seu pensamento e o seu estilo ao modêlo camiliano, mas deixou páginas tão dignas de antologia, ao pé do melhor de Camilo, como as deixou Rebelo da Silva, que merece ser lido, por vezes ao par do melhor que nos ficou de Almeida-Garrett. Outros romancistas pretenderam imitar Camilo, mas nenhum ombreia com o autor do *Arco de Vandoma*, *da Princeza de Boivão*, do *A Porta do Paraiso*, etc., obras em que A. Pimentel, é, mais do que discípulo, quási émulo.

psicólogo. Os seus trabalhos acusam a vertigem com que foram escritos. P. Chagas foi um torturado pelas circunstâncias da vida, encaradas por ele como uma luta titánica em que tudo se pode perder, menos a probidade e o concomitante espírito de sacrifício.

É evidente que, com a segurança da vida material, teria conquistado uma verdadeira primasia. Nas desigualdades, dolorosamente determinadas pelos egoismos do meio e pelas adversidades apensas com facilidade aos carácteres puros, descortina-se um talento enorme, como que mutilado e subalternizado por lances e amarguras, por decepções e verdadeiros esmagamentos.

Tristezas à beira-mar, *A mantilha de Beatriz*, *Os guerrilheiros da morte*, etc. têm belas páginas. Descrições graciosas e às vezes intensas de côr. Imaginação fecunda e expressão quási sempre pura e viva. Acusam-no de falto de ideal. Outros chamam-lhe ultra-romantico. Tinha, realmente a falta de verdadeiro ideal que ha em todos os românticos, tenazmente liberalistas na política, Mas o seu ultra-romantismo era antes, dia a dia, uma luta cada vez mais convulsa e pungente do falido ideal romântico contra o ideal realista, que horrorizava P. Chagas.

9 — A vida de Pinheiro Chagas (1842-1895) natural de Lisboa, notável parlamentar, honrado estadista, adorável modêlo de chefe de família, amigo certo e puro de todos os homens de bem,

condiz admirávelmente com as belezas de linguagem e com os sentimentos nobres e o progressivo ideal das suas obras.

P. Chagas, demagôgo nos seus primeiros anos, foi amortecendo, pouco a pouco, a sua excessiva orientação liberalista. Se a vida lhe permitisse trabalhos profundos, poderia de-certo ser hoje colocado entre os grandes convertidos ao tradicionalismo genuino e reconstrutor (1).

---

(1) Seria injusto deixar sem referencia *António Augusto Teixeira de Vasconcelos* (1816-1878), autor dos deliciosos romances, escritos em linguagem magnifica — *Prato de arroz dôce*, *Ermida de Castrimino* e *Lição ao Mestre*, bem como o malogrado e talentoso *Coelho Lousada*, (1829-1859) *amigo íntimo* de Camilo, e romancista que dava belas esperanças nos seus romances *Rua Escura* e *Na Consciencia*. *António Pedro Lopes de Mendonça* também foi romancista de mérito nas *Scenas da vida contemporânea* e nas *Memórias de um doido*.— *António Pereira da Cunha e Castro*, já citado como notável poeta, revelou-se bom contista nos livrinhos *Os quatro Irmãos* e *Masigaldo*, manejando um estilo sobrio e puro.— Enfim *D. Maria do Pilar Bandeira Osório*, natural de Britiande, cercanias de Lamego (meados do Sec. XIX) escreveu um romance interessante — *A secular de Barrô*. Como contista, mas a aproximar-se do suave rialismo de Júlio Dinis, e revelando uma boa estrutura de romancista, o crítico *Rodrigo Paganino* (1835-1863) não vale menos do que os citados. *Os contos do tio Joaquim* — singelos, humanos, em linguagem castiça — rivalizam com o que de melhor, no género, nos oferece a escola romântica. Finalmente, *Bulhão Pato* em alguns livros de impressões, *F. Gomes de Amorim* (*Os Selvagens*, o *Remorso vivo*, *As Duas fiandeiras*, etc.) revelaram apreciaveis qualidades de romancistas.

Historiadores

1 — Também na história o maior vulto do nosso Romantismo é Alexandre Herculano que, carreando com áspero labor os materiais utilizáveis nas bibliotecas e nos arquivos, continuou a obra de Fr. António Brandão — depuramento austero da verdade — mas com bastante, ainda que muito involuntário, facciosismo, donde a onde.

O seu principal mérito é o cotejo muito rígido e escrupuloso dos velhos historiadores com as respectivas fontes e com a nova documentação que foi arrancando ao pó e ao olvido. Deve-se-lhe depois uma boa disciplina do critério dentro dum método novo, muito mais sólido do que brilhante. Esse método irrepreensível, relativamente ao seu tempo, e dentro dos cánones românticos, impõe a sua primacialidade. Enfim, Herculano manejou uma linguagem vernácula e austera, sobria e animada, sempre atraente e impressiva.

No cotejo de documentos valorizou toda a sua probidade mental e moral. No método, porfiou na análise, já que para largas sínteses não havia ainda bastantes factos demonstradamente positivos.

Mas nota-se no seu famoso trabalho — *História de Portugal* — uma atitude preconceituosa diante das lendas mais substanciais e diante dos

depoimentos, involuntária mas irremediavelmente depressores da causa romântico-liberal, que Herculano lobrigaria desorientadamente como já servida, com proveito da Raça, em tempos remotos, pelas discórdias constantes entre o Clero, a Nobreza e o Povo. O critério democrático de Herculano freqüentemente se afirma demagógico e até de paredes meias com um positivismo tão fruste, que nem permite ao historiador a noção perfeita da psicologia individual e colectiva.

E estes defeitos sobressaem lamentavelmente na sua bem documentada *Historia do estabelecimento da Inquisição*. Com tamanha riqueza de factos e documentos, com a excepcional penetração do espírito do historiador, e com o seu indiscutivel amor da verdade, aquele livro devia ter o carácter duma análise superior que levasse em linha de conta as diferenças de meio e de tempo e que dentro delas avistasse as realidades psicológicas dos indivíduos e dos povos. Não mostra Herculano conhecer a fundo as psicologias dos reis e dos demais dirigentes, nem respeita a relativa pureza de várias determinantes, derivadas da evolução social-política ou para a conterem ou para a precipitarem. O grande historiador é afinal ferrenhamente romântico, como se na História pudesse haver a escola do partidarismo, em detrimento legitimo da análise desapaixonada ao serviço de uma síntese perfeitamente scientífica.

Os mesmos defeitos afectam Herculano nos

seus notáveis *Opusculos* (quando versam a História), a-pesar-de que, aliás, e às vezes mais indirecta do que directamente, com freqüência consolidam princípios tão puramente sinárquicos, que exautoram sem falta o Liberalismo e o Romantismo. O acanhamento de critério com que Herculano contestou as côrtes de Lamego e o milagre de Ourique, sentenciando negativamente sem apelar para o profundo estudo psicológico de D. Afonso Henriques e do seu povo, deve-se mais ao preconceito invencível e crónico do que a um exagerado escrúpulo. Sob a influência dêsse preconceito, fortificado por um sombrio orgulho, escreveu Herculano *Eu e o Clero* e outras obras polemísticas, sem que a posteridade imparcial nelas possa basear muito a verdadeira glória do escritor eminente.

2 — **Manuel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa, 2.º Visconde de Santarém**, escreveu monumentais trabalhos históricos, desprovidos do fulgor estilístico de Herculano, mas com muito menor reclamo de carácter político. Avultam, na primeira linha, como obra de grande lição fundamental, as *Memórias e documentos para a História das Côrtes Gerais* (1). Depois, temos o

(1) O 3.º Visconde de Santarém editou-as em 1924, cem anos depois de terem sido escritas. São precedidas por um substancioso e até profundo estudo do Dr. António Sardinha.

Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal, em muitos volumes, o *Ensaio sôbre a história da Cosmografia e da Cartografia durante a Idade-Média* (escrito em francês), a *Memória sôbre a prioridade dos descobrimentos portugueses na costa da África Ocidental. Opusculos e Esparsos, Correspondência* (contendo cartas que orientam preciosamente os cultores da História), etc. O elevado critério do Visconde de Santarém compete brilhantemente com o seguro labor da investigação e com a erudição extensa e intensa. O sentimento nacional encontra nos seus trabalhos um culto sereno, muito firme e ardente, mas bastante imparcial, ao oferecer o contributo de elementos tão preciosos.

3 — O 2.º Visconde de Santarém (1791-1856) nasceu em Lisboa. Vulgarmente avistam nele um absolutista fanático e até feroz. Contudo, notável político-diplomata de 1817 a 1821, ministro de Isabel Maria e de D. Miguel I — a sua acção procurou sempre o ressurgimento do puro regime sinárquico.

Em 1834, emigrou, fixando-se em Paris. Fôra Guarda-mór da Tôrre do Tombo desde 1824 a 1827 com assinalado proveito dos nossos estudos históricos. Como diplomata, ombreara com os melhores da Europa.

4 — **Luís Augusto Rebelo da Silva** — desempenhou interessantemente, como, mais tarde, Manuel Pinheiro Chagas, o leve e sugestivo pa-

pel de vulgarizador da história e de biógrafo elegante.

A sua *História de Portugal nos séculos XVII e XVIII* em 5 volumes fulge mais pelo estilo, aprimorado e vivo, do que pela lição scientífica. Estas qualidades se notam também nos *Fastos da Igreja*, talvez sugestionados por leituras de Chateaubriand e nos *Varões ilustres das três épocas constitucionais*, livro evidentemente orientado pelo espírito partidário.

5 — **Inácio Francisco Silveira da Mota** (1835-1907) escreveu os belos *Quadros da história portuguesa*. Bom poder de síntese. Estilo puro e elegante.

6 — **Manuel Pinheiro Chagas** na *História de Portugal* serviu com tanto espírito vulgarizador como paixão partidária (1) o liberalismo e o romantismo, sem dar ao seu critério um método bastante sólido e progressista. Compilando mais do que julgando, narrando mais do que definindo, a sua *História* presta, porém, bons serviços de vulgarização e está escrita com elegancia que, infelizmente, alterna demais com certo tom difusivo e sectário.

Também escreveu *História Alegre de Portugal* e o volumezinho *Portugueses ilustres*, infelizmente maculado por alguns erros. Os mais

---

(1) Mais moderado e feliz, a-pesar-de muito liberal, foi Tomás Ribeiro nos livros — *História da legislação liberal* e *D. Miguel e a sua realeza*.

lamentáveis são os que se referem a Bernardim Ribeiro.

7 — **José Silvestre Ribeiro** — escreveu a valiosa *História dos estabelecimentos scientíficos, literários e artísticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarquia.* (5 Vol.) e publicou em 18 vol. as *Resoluções do Conselho de Estado.* A-pesar-da sua fé liberalista, não falsificou muito os factos.

8 — J. Silvestre Ribeiro (1807-1891) nasceu em Idanha-a-Nova. Liberal desde os bancos da Universidade, exerceu vários cargos políticos, mas com emergência mediocre. Era dotado de um carácter probo e afável.

9 — **José Maria Latino Coelho** escreveu em linguagem primorosa, por vezes afectada e pouco iluminada por um superior critério scientífico, (1) *A história política e militar de Portugal desde os fins do Século XVIII a 1814*, muito erudita, mas com copiosos lugares-comuns de crítica liberalista (2).

10 — Latino Coelho (1825-1891) foi um militar ilustrado, notável professor, tribuno e conhecido político. Ministro da Monarquia, aderiu

---

(1) Na admiravel tradução que fez da *Oração da Coroa*, de Demóstenes, firmou o seu renome de genial estilista.

(2) Camilo C. Branco excedeu Latino Coelho, como historiador, no *Perfil do Marquês de Pombal*, mas foi-lhe inferior nos livros *D. Luís de Portugal*, *O vinho do Pôrto*, etc., onde predomina de mais a exibição quási meramente verbalista dentro de uma erudição muito ornamental. Contudo, têm similhanças no recorte novi-clássico da forma.

idealistamente ao partido republicano. Era de um carácter brando e singularmente dominado por superstições estranhas.

11 — **Zófimo Consiglieri Pedroso** — escreveu *Estudos de mitografia popular portuguesa, As Grandes épocas da História, Manual da História Universal,* etc. Erudição vasta. Estilo formoso, nem sempre claro, pouco sóbrio. Pendendo para o Realismo, oferece, como que sem dar por isso, uma índole muito romântica.

12 — C. Pedroso (falecido em 1910) foi um grande poliglota. Professor e Director do Curso Superior de Letras, presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, etc. teve um excelente carácter. Aferrou-se ao ideal republicano com honestas convicções.

13 — **Simão José da Luz Soriano** escreveu: *História do cêrco do Pôrto* (2 vol.), *Revelações da minha vida e memórias de alguns factos e homens meus contemporâneos, História da Guerra Civil* (19 vol.) *e Vida do Marquês de Sá da Bandeira.* Muito rico de informações, mas difuso e às vezes obscuro. Linguagem pouco precisa. Sinceridade muitas vezes desmentida pela paixão política.

14 — Soriano (1802-1891) teve um carácter honrado e chão. Além de outras generosidades, deixou em testamento 12 contos de reis à Misericórdia de Coímbra para custeio dos estudos de três rapazes pobres da mesma cidade. Viveu sempre tão humildemente, que ganhou fama de avaro.

14 — **Augusto Soares de Azevedo Pinho Leal** escreveu o *Portugal antigo e moderno*, que o Dr. Pedro Augusto Ferreira, Abade de Miragaia, (1832-1913) continuou do tomo decimo em diante. A historia regional e local do país é beneficiada admiràvelmente por esta obra, cujos defeitos, relativamente secundários, a não exautoram como única no género.

15 — Pinho Leal (1816-1884) foi um ardente miguelista. E tambem era propenso a aceitar como positivo o que pode haver de mais lendário na história da nacionalidade. Mas, grande homem de bem e duma modestia rara, nunca se furtou a aceitar correcções e pontos de vista que se lhe afigurassem superiores aos seus.

16—**Claudio Bernardo Pereira de Chaby** — Escreveu, com muita erudição e critério, *Excertos historicos e colecção de documentos relativos à guerra denominada da Peninsula, Apontamentos para a historia da Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão I e Apontamentos biográficos de S. M. Imperial o Snr. D. Pedro IV.*

Linguagem correcta e às vezes elegante (1).

17 — Claudio de Chaby (1818-1905) foi, além de militar de grande valor e saber, um modelar homem de bem. Revelou-o como historiador, a-pesar-de bastante inclinado para o liberalismo.

---

(1) Foi também apreciavel poeta no poemeto *Só Deus!* e no livro *Maguas e Flores.*

18 — **Inácio de Vilhena Barbosa** (1811-1890) serviu a Historia de Portugal em preciosos trabalhos arqueológicos (*As cidades e vilas da monarquia portuguesa que tem brazões de armas,* etc. Bons serviços à Historia, prestaram também *Augusto Filipe Simões* (1835-1884) com a *Introdução à Arqueologia da Peninsula Ibérica* e outras obras (1); *Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara* (1809-1879) em varios trabalhos conscienciosos sobre a India Portuguesa; *Julio Firmino Judice Biker* (finado em 1899), na *Coleção de tratados e convenções*, etc., *Documentos inéditos para subsidio à historia eclesiastica de Portugal*, etc,, *Joaquim Martins de Carvalho* 1822-1898) nos *Apontamentos para a historia contemporanea*, nos *Os assassinos da Beira,* em muitos outros artigos no *Observador* (1847) e no *Conimbricence* (1854); o general Fernando Martins de Carvalho, filho do precedente, em vários livros valiosos, como *Algumas horas na minha livraria,* etc.; *José Augusto Vieira* (1856-1890) no *Minho pitoresco*, notas históricas com belos traços descritivos (2); *Sebastião Filipe Martins Estacio da Veiga* (1828-1891) no *Romanceiro do Algarve; Francisco Martins Sarmento*, sábio ilustre (1833-1899); *Augusto Car-*

(1) Medico ilustre, escreveu o livro *Educação Fisica.* E' também notavel o seu livro *Exposição retrospectiva de arte ornamental portuguesa e espanhola em Lisboa.*

(2) Rigorosamente, pelo seu romance *A Divorciada*, pertence à 7.ª Epoca. Escreveu também *Fototipias do Minho* e várias peesias.

los Teixeira de Aragão (1823-1903) em várias obras sôbre Numismatica; *Zeferino Brandão* (1842-1910) autor de *Monumentos e lendas de Santarem*, etc. (1); *Borges de Figueiredo*, etc. Quási todos eles se interessaram mediocremente pelos interesses de escola, ou deixaram até de os encarar. Estes obreiros representaram um mais ou menos consciente protesto contra a desorientação romantica.

(1) Escreveu também *Paginas intimas*, livro de versos

Historiadores da literatura — Críticos da literatura e da arte — Filólogos, bibliófilos e scientistas.

1 — **António José Viale**, sábio helenista e latinista, escreveu *Tentativas dantescas* e *Miscelânia helenico-literária*. Muita erudição e fino gosto. Silva Pinto (*Combates e Críticas*) amesquinhou-o injustamente.

2 — A. J. Viale, nascido em 1806, foi professor de D. Pedro V, que subscreveu uma superior carta-prefácio para o livro *Tentativas dantescas*.

3 — **José Gomes Monteiro** — Foi um crítico erudito e brilhante. Com admirável lógica e plácida ironia defendeu Castilho no *Os críticos do Fausto* como tradutor do *Fausto* de Goëthe. Escreveu muitas páginas brilhantes e substanciosas. (*Introdução à edição Biel dos Lusíadas, prefácio à edição das obras de Gil Vicente, etc.*). Como poeta, deixou *Ecos da lira teutonica*. Muito talento, mas submergido em erudição como que excessiva.

4 — J. Gomes Monteiro (1807-1879), quando freqüentava a Universidade de Coimbra (1828), emigrou por motivos políticos, refugiando-se na Inglaterra, donde foi para Hamburgo, seguindo a carreira comercial. Sofreu bastante intensamente a influência do liberalismo. Foi homem de nobre carácter e com eminentes qualidades de trabalhador.

5 — **João António de Lemos Pereira de Lacerda, Visconde de Juromenha,** fez a edição clássica das *Obras de Luís de Camões*, (6 vol.), subsidiou valiosamente os trabalhos do escritor prussiano Conde de Rackzinski e escreveu *Cintra pinturesca*. Linguagem correntia e às vezes elegante.

6 — O Visconde de Juromenha (1807-1887) foi um investigador incansável e grande patriota. Privou com os sábios mais distintos da Europa.

7 — **Francisco Marques de Sousa Viterbo** escreveu magníficos estudos críticos das figuras de Sá de Miranda, P. A. de Caminha, Damião de Goes, Fr. Luís de Sousa, Duarte Galvão. Deixou-nos também obras magistrais como *Dicionário histórico e documental dos Arquitetos, Engenheiros e Construtores portugueses, Trabalhos nauticos dos Portugueses nos séculos XVI e XVII, Noticia sobre pintores portugueses, ou que exerceram a sua arte em Portugal, A armaria em Portugal, D. Leonor de Portugal, imperatriz da Alemanha*, etc. Muita erudição, critério penetrante e linguagem correcta e formosa (1).

8 — Sousa Viterbo (1846-1910) teve uma vida laboriosa e honesta. Foi um homem de bem,

(1) Estreou-se com *O anjo do pudor* (livro de versos). E escreveu ainda, como poeta, *Harmonias fantasticas* e *Rosas e Nuvens*, que contém poesias delicadas e até brilhantes. O notável professor e publicista dr. José Frederico Laranjo lamentava constantemente que S. Viterbo trocasse a lira pela vida quási ingloria do erudito.

Sousa Viterbo — o Poeta (não lido por até "Lamen

modêlo de lealdade e adorável abnegação. Para o fim da vida, perdeu a vista, martírio que sofreu com resignação admirável.

9—**Inocêncio Francisco da Silva** escreveu os nove primeiros volumes do *Dicionário bibliográfico português*, continuado por *Brito Aranha* até ao volume 21.º. Muito saber e critério bastante justiceiro.

10—I. F. da Silva (1810-1876) era natural de Lisboa. Homem de trato brusco, um tanto rabujento, tinha um excelente carácter e, a-pesar do mau humor visível de algumas suas críticas, pendia para a imparcialidade (1).

11—**Francisco Freire de Carvalho** (1799--1854) escreveu o *Primeiro ensaio sobre a história literária de Portugal*. Copiosos subsídios, ainda que carecidos de joeira.—*José Maria de Andrade Ferreira* (1823-1875) aproveitou a su-

---

(1) *António Pedro Lopes de Mendonça* tinha um humor semelhante, proprio, aliás, da nevrose que o fez morrer demente. Também deixou trabalhos de história e crítica literária *(Memórias da Literatura contemporánea, Damião de Goes e a Inquisição*, etc.). Grande talento, mas muito sectarismo.—*António Lopes dos Santos Valente*, paciente investigador como Inocêncio, continuou o *Dicionário Contenporâneo da língua portuguesa*, de Caldas Aulete, com excelente critério.—*Guilherme Augusto de Vasconcelos Abreu* (1842-1906), tão brusco e austero como qualquer dos citados, foi um notabilíssimo orientalista e publicou modelares trabalhos sôbre os *Lusíadas* sôbre o *Auto de Mofina Mendes*, de Gil Vicente, etc. Escrevia a língua portuguesa com magistral vernaculidade e rara elegância. Merece muito maior renome do que o que lhe conferem

gestão de Freire de Carvalho, a quem excedeu e corrigiu no *Curso de literatura portuguesa* (1). —*Comais de Figueiredo* (finado em 1857) escreveu difusamente *Estudos biográficos*. Subsídios, contudo, valiosos.—*António da Silva Tulio* (1817-1884) foi um crítico erudito e consciencioso. Atribuiram-lhe injustamente pessoalismos azedos. Os seus aparentes azedumes pareciam vir da tristeza de não poder louvar algumas obras, escandalosamente aclamadas como modelares. —*Júlio César Machado* (1835-1890) com linguagem leve e faíscante, mas sem critério seguro e sem boa erudição, orientado pelas simples simpatias, ou por várias conveniências, escreveu várias críticas sem finalidade positiva, mas interessantes.—*Rodrigo Paganino*, com um estilo límpido e sugestivo escreveu muitas críticas literárias. Não têm, porém, qualquer autoridade, a-pesar-de muito estimadas pelos autores e pelos editores Paganino descobria talento e até génio nas obras mais pobres de valor.—*António de Serpa Pimentel* (1825-1900) deixou no *Alexandre Her-*

(1) Camilo C. Branco continuou esta obra em linguagem primorosa, mas sem espírito crítico suficientemente disciplinado, defeitos que também avultam nos seus trabalhos— *O Clero e o snr. A. Herculano*, os *Esbocos de apreciações literárias*, o *Esbôço de crítica*, etc. Outros, escrevendo livros elementares, imitaram, com melhor ou pior fortuna, Andrade Ferreira. Os principais são: *Antonio Cardoso Borges de Figueiredo*, autor também duma *Retórica*, *Delfim Maria de Oliveira Maia*, etc. Finalmente, num genero que tem tanto da história como da crítica literária, escreveu *Francisco Gomes de Amorim* os 3 vol. das *Memórias biográficas* de Garrett.

culano e o seu tempo um dos nossos mais honestos livros de crítica. — *Abilio Augusto da Fonseca Pinto* (1830-1893) na crítica ao episódio de D. Inês de Castro, dos *Lusíadas* e nos livros *Flor de marmore, Carta Familiar, Cartas selectas,* afirmou bom critério e apreciaveis qualidades de estilista.

12 — **Luciano Cordeiro** (1844-1900) é talvez o crítico literário mais vigoroso, justiceiro e erudito da escola romântica. Propende, na verdade, para o realismo scientífico, mas os processos, o estilo e o critério, freqüentemente sectario, acusam muito a influência dos românticos que mais se afeiçoaram ao verbalismo. Merecem renome muito superior ao que lhes concedem, de ordinário, as suas obras: *Livro de Crítica, Arte* e *Literatura Portuguesa de hoje, Segundo livro de Crítica.* Estilo incisivo, mas às vezes pretencioso. Difusão erudita, mas copiosos elementos críticos. *António Aires de Gouveia* (1818-1916) escreveu um livro de valor — *Apontamentos sôbre os Lusiadas, Ensaio de crítica às críticas.* E, como scientista, escreveu — *A Reforma das cadeias em Portugal* e *Resenha das principais cadeias da Europa.* Estilo afectadamente purista, mas com bons exemplos de vernaculidade. Erudição extensa e intensa. — *Francisco Gomes de Amorim* — publicou uma edição crítica, e por êle anotada, dos *Lusiadas.* Em tom humoristico escreveu ainda o *Dicionário de João Fernandes* — *José António Moniz* (1849-1917), *Júlio de Castilho* (*Memó-*

rias de Castilho, etc.) *Xavier da Cunha* e *Ramos Coelho* escreveram inúmeros estudos de bibliografia e de crítica literária e histórica (1).

13 — Os principais scientistas são: — *Joaquim Augusto Simões de Carvalho* (1822-1902) nas *Lições de filosofia química.* — *António Luís de Seabra (Visconde de Seabra)* (1798-1895) em vários trabalhos de jurisprudência (redigiu o *Código Civil)* — *José Frederico Laranjo* (1846-1909) autor de inúmeros trabalhos sôbre direito. A correspondencia dêste jurisconsulto encerra felizes juizos críticos sôbre Júlio Diniz, Camilo, Sousa Viterbo, etc.

(1) Entre os críticos e mestres literários, têm um lugar proeminente *António Feliciano de Castilho* com o seu *Estudo histórico-poético de Camões* e o *Tratado de metrificação*, e A. Herculano em alguns dos seus opusculos (*Origem do teatro moderno*, juizos sôbre historiadores clássicos, sôbre Júlio Diniz, Camilo, etc.) As críticas literárias de Garrett são muito menos seguras e eruditas, embora feitas com engenho e elegância. Feliz foi Bulhão Pato no *Sob os Ciprestes*, muito sentimental, mas bom crítico, embora com bastante parcialidade. Com menos penetração escreveu *Pinheiro Chagas* os seus *Ensaios Críticos*, mas fez justiça independente a alguns valores, hoje, por desventura, quási desconhecidos. Emfim, *Teixeira de Vasconcelos* revelou em varias biografias um espírito crítico apreciável, servido por um estilo formoso e às vezes magistral. Era decerto um dos críticos que, livres do espírito de escola, mais podiam dar uma orientação segura e justiceira.

Viagens e impressões

1 — **Almeida Garrett** com as suas *Viagens na minha terra* abriu na literatura um caminho gracioso ao impressionismo crítico e moderadamente humoristico. Não é um livro que acuse genialidade superior. Não revela uma orientação filosófica que eleve muito o espírito, nem prima por quadros em que a psicologia das figuras revele grande penetração. Enfim, a deliciosa leveza descritiva nem sempre deixa traços inconfundiveis da paisagem, dos costumes, etc. e denuncía com excesso a preocupação liberalista-romântica. Mas a naturalidade, graça e frescura da linguagem e o bom humor irónico, uma ou outra descrição como a do Vale de Santarém, a linda figura de Joaninha — infelizmente como que submergida num melodrama hiper-intenso — tornam o livro encantador, constantemente deleitoso e sugestivo.

2 — **Tomás Ribeiro** — escreveu um belo volume *Do Tejo ao Mandovy*. O relato dessa viagem, que também lhe inspirou *Entre-Palmeiras* e o poemeto *Indiana*, tem belas qualidades descritivas — naturalidade e colorido.

3 — **Bulhão Pato** — nas *Paisagens* lembra o modêlo de Garrett.

4 — **Luciano Cordeiro** escreveu *Viagens: Espanha e França*, *Viagens: França, Baviera, Austria-Itália*. Estilo sugestivo. Algumas no-

vidades de critério, mas excessos de verbalismo.

5 — **Ricardo Augusto Pereira Guimarães** *(Visconde de Benalcanfor)*, falecido em 1889, escreveu *Impressões de viagem: Cadiz, Gibraltar, Paris e Londres. De Lisboa ao Cairo — Leituras de verão,* etc. Estilo elegante e puro, mas às vezes afectado e com colapsos de trivialidade.

6 — **Júlio Cesar Machado** escreveu: *Recordações de Paris e Londres, Em Espanha, Do Chiado a Veneza,* etc. Estilo vivo e simples, graça e vivacidade. Leveza de observação e erudição um pouco à sobreposse.

7 — **António Alves Mendes da Silva Ribeiro**, finado em 1904, escreveu *Itália*, livro que provocou uma ardente polémica por o autor ser acusado de plagiário de Castelar. Linguagem brilhante, mas túrgida de louçanias, ás vezes frívolas, deveras ultra-românticas.

8 — **O padre Sena Freitas** — (1840-1913 — manifestou no *Por água e terra* excelentes qualidades de observação e estilo terso e vivo. Erudição extensa e intensa. Ironia subtil e espontânia. Prejudicava-o o espírito romântico que, como crítico, lhe fez ver sempre em Vítor Hugo (*Lutas da Pena*) uma genialidade por excelência, até como pensador.

9 — **D. António da Costa de Sousa Macedo** (n. em 1824) deixou no seu gracioso livro *No Minho* impressões delicadas e, às vezes, pro-

fundas na sua tocante e expontânea simplicidade. Muito sentimento e côr.

10 — **Teixeira de Vasconcelos** escreveu com primorosa elegância *Viagens na terra alheia.*

Polemistas e jornalistas

1 — Alexandre Herculano nos opusculos *Eu e o Clero*, *Considerações pacificas* e *Solemnia verba*, afirmou-se um polemista formidável pela dialectica, pela erudição e pela austeridade estilística.

2 — **António Feliciano de Castilho**, em defesa do seu método de Leitura repentina, escreveu os opusculos *Ou eu ou êles*, *Tosquia dum camêlo* e *Ajuste de contas*. Veemência, ironia despiedosa, engenho dialético, bastante paixão, linguagem opulentissima.

3 — **António Rodrigues Sampaio** (1806--1882) e **António Augusto Teixeira de Vasconcelos** foram dois notáveis polemistas e jornalistas. *A Revolução de Setembro* e o *Espectro* do primeiro ficaram na história pelo estilo vivo, às vezes enfatico, mas rutilante. *A Gazeta de Portugal* e o *Jornal da Noite* do segundo regundo revelam um escritor vernáculo e elegante, com ironias fulgentes, muito espontaneas. — *Urbano Loureiro* (+ 1880) foi um polemista e jornalista sarcastico de grande talento. Era, porém, muito sectário e injusto.

4 — **Camilo Castelo Branco** é de-certo o maior polemista do Romantismo. Nem sempre a sua dialética é leal e segura.

Muitas vezes, a erudição é mais decorativa do que solida.

O polemista desce ao insulto, ou aos mais importunos expedientes e sofismas, e descarrega os vocábulos com o intento de esmagar e desqualificar o adversário, entrando nos dominios do mais deplorável pessoalismo. Mas a ironia é soberba e a arte de discutir é engenhosíssima.

O imprevisto aparece como numa mutação scenica. A linguagem, pura, mas caudalosa, ganha impulsos e poderes de torrente que arrasta e submerge. Há qualquer coisa de genial poema heroi-cómico e de lance teatral naquelas páginas vivas e chispantes. Como que se ouve estalar o arcabouço do adversário. Como que se sente cair atordoado, para morrer sobre o campo que lhe deve servir de sepultura. A *Questão da sebenta*, as polémicas com Alexandre da Conceição e Silva Pinto, etc., continuaram brilhantemente as tradições da polémica truculenta de J. A. de Macedo, o leão polemístico do seu tempo. — *O cónego Alves Mendes* — *Um quadrupedante à desfilada*, *Tomista ou tolista*, em polémica com Mons. Almeida Silvano por causa do livro *Itália*, já citado, decalcou bastante o modêlo camiliano, mas sem a espontaneidade, a maleabilidade e a imaginação do mestre.

O próprio *António José da Silva Pinto*, espírito que, pela sua orientação, pertence à escola realista, lembra demais, ao imitar Camilo nos *Combates e críticas*, o figurino que o fascinava.

5 — **O Visconde de Seabra** avultou na sua polémica com A. Herculano a propósito do casa-

mento civil. Dialéctica fria. Expressão pouco empolgante, muito rigida.

6 — **Manuel Fernandes Santana** (1864-1910) ilustre sacerdote, autor da magistral obra *Materialismo em face da Sciência,* foi um polemista superior na discussão com *Miguel Augusto Bombarda* (m. em 1910). *O Conde de Samodães (Francisco de Aguilar Teixeira de Azeredo)* historiador e apologeta notável, escritor erudito, vernáculo e elegante, honrado político e modelar agricultor, profundamente católico teve grandes aptidões polemísticas e jornalísticas. *D. Jorge Lócio, Manuel Maria Bruschy, Pinto Coelho, D. Carlos Soto-Maior, Manuel Frutuoso da Fonseca, Pedro Wenceslau de Brito Aranha,* etc., também se assinalaram eruditamente na polémica e no jornalismo. Menos alto, *Eduardo Coelho,* abriu em Lisboa, com o *Diário de Notícias,* ao jornalismo português o caminho da divulgação, dentro de um feitio noticioso e conciso (1). Eduardo Coelho também foi comediógrafo, mas de valor mediano. — Enfim, no jornalismo bibliográfico, cabe a palma a *Rodrigo Augusto Cerqueira Veloso* (1839-1913), director da *Aurora do Cávado* (2).

---

(1) Gaspar Ferreira Baltar seguiu-lhe as pisadas no *Primeiro de Janeiro*, do Pôrto.

(2) Merecem referência, muito honrosa, as revistas históricas e literárias — *Panorama* (onde A. Herculano tanto predominou) o *Arquivo Pitoresco*, *O Civilizador*, *A Revista Lisbonense*, *O Tasso*, *O Trovador*, *A Grinalda*, *Les Contemporains* (de Teixeira de Vasconcelos — tratando de glórias nossas), etc. São preciosos repositórios, dignos de consulta.

Filósofos, moralistas e pedagôgos

1 — Na Escola Romântica não houve verdadeiros filósofos. *Domingos Pinto Ribeiro, António Ribeiro da Costa e Almeida,* e outros autores de sofríveis compêndios de filosofia, não merecem aquele nome. Não valem muito mais *Manuel dos Santos Pereira Jardim, Luís Francisco Midosi e Sousa Dória (Elementos de Filosofia Racional).*

2 — Apenas merece referência de algum vulto *Vicente Ferrer,* que no *Livro de Direito Natural,* se impôs ao ensino universitário do seu tempo. Mas isto não quere dizer que V. Ferrer apresente qualquer aspecto novo na filosofia.

3 — **José Joaquim Rodrigues de Bastos** — notabilizou-se, como moralista e pedagôgo, nas *Meditações e discursos religiosos.*

Êste livro foi traduzido em francês com um juízo honrosíssimo do Arcebispo de Paris, que lhe chamou o *vade-mecum do espírito que duvida, do coração que vacila, da alma que combate,* e da *inteligência que raciocina.* Linguagem pura e atraente.

4 — **Almeida Garrett,** no tratado da *Educação,* se não logrou qualquer primazia, manifestou bastante devoção e sugestivo interêsse pelos assuntos pedagógicos.

5 — **Alexandre Herculano** no opúsculo

Instrução Pública confirmou as suas qualidades de pedagogo superior.

6 — **António Feliciano de Castilho** revela em várias obras o seu amor à pedagogia. No livro *A felicidade pela agricultura* encarou superiormente um nosso grande interêsse social.

7 — **D. António da Costa de Sousa Macedo** foi filósofo de amável expressão, pedagogo de envergadura distinta e prestimoso moralista. *O Cristianismo, Três Mundos, História da Instrução popular em Portugal,* em tudo estão à altura do primeiro ministro da Instrução que houve em Portugal e que tão boas obras fêz como estadista. Estilo vernáculo e primoroso. Pena foi que tão elevado espírito se desorientasse também com o liberalismo. Se assim não fôra, ter-se ia afirmado como historiador muito mais ilustre na sua, aliás elegante, *História do marechal Saldanha.*

8 — **Henrique Ó Neil (Visconde de Santa Mónica)**, finado em 1889, foi, além de notável lírico, *(In memoriam)* um moralista de mérito no seu *Fabulário,* sugestionado por La Fontaine e Lessing. É o maior fabulista do Romantismo. *Augusto Luso da Silva* (+ 1902), professor, natural do Pôrto e autor de livros modelares de geografia, também escreveu, além de várias líricas, interessantes Fábulas que primam pela simplicidade cativante e por um grande fundo moral.

9 — Vários pedagogos se altearam ainda com honesto labor. *José Augusto Coelho,* bastante difuso, mas de erudição extensa e critério quási

Os Fabulistas do "Romantismo

sempre justo, avulta nesse género em obras de grande tomo, dignas de consulta (1).

Entre os latinistas, avultam *João Teixeira de Mesquita*, *João Teixeira de Vasconcelos*, *Padre António Joaquim Lopes Roseira*, *Manuel Emílio Dantas*, etc.

Enfim, o *Padre Sena de Freitas* abordou com brilho e proficiência as questões filosóficas e morais, profligando o positivismo. Igualmente, o padre *Carlos José Rademaker*, na *Estrêla d'Alva*, etc., o cónego *Avelino da Costa Pinto (O livro das famílias cristãs)* e o *Conde de Samodães* (*Serafina do Monte Carmelo*, etc.) versaram a Moral e os ideais religiosos com notável distinção.

(1) *Evolução geral das sociedades ibéricas*, *A Reforma do Ensino Primário*, etc.

Oradores sacros

1 — A oratória sacra tem ainda certa primazia, a-pesar-do prestígio crescente da eloqüência parlamentar. E esta, muito artificiosa, enfática e vasia, nas Côrtes vintistas, ganha depois tons scépticos, revelando muita arte pela arte. Contudo, às vezes afirma muito saber, feliz noção da estética e inegável amor-pátrio, infelizmente desorientado sem remédio pelo espírito liberalista.

Os prègadores sofrem profundamente a influência romântica que na política dera o sistema concordatário, manancial funesto de formalismos religiosos e da excessiva mundanização do Clero. O púlpito vai degenerando em sucursal da oratória académica! Vai abandonando o antigo sermão, substancial e tocante, para exibir pompas e conceitos! Enfim, visa ou ao patético mais teatral, ou à desvanecida complacência com artificialismos pretenciosos, vagamente iluminados por uns lampejos de fé, quási sempre vacilante e acomodatícia.

2 — **Francisco Rafael da Silveira Malhão** (1794-1860) é o vulto maior do púlpito no seu tempo. Grande poeta — revela-o a sua *Lira cristã*, digna de muito maior celebridade — se transigia muito com a corrente romantica nas galas da linguagem — contudo, quási sempre sóbria e pura — vibrava tanto de fé e tinha tão

boa orientação católica, que o compararam, mas um pouco exageradamente, a Lacordaire.

3 — **Joaquim Alves Mateus** (1835-1903) tinha a palavra fácil e austera, uma dialetica scintilante e empolgante, uma grande elevação mental e sentimental que traduzia em periodos sóbrios e translúcidos. Teólogo ilustre — era formado em teologia — até nos rasgos mais patéticos, dava um doutrinador modelar.

4 — **Antonio Alves Mendes da Silva Ribeiro**, finado em 1904, foi o protótipo do grande retórico, muito erudito, muito propenso à arte pela arte. Animava-o debilmente a fé religiosa, que nêle mais parecia formalismo e hábito do que sentimento e disciplina mental. Medíocre pensador, sempre asiático e pretencioso de expressão, mas com trechos brilhantes pela surpreendente riqueza linguistica, deixou alguns discipulos, mas nenhum deles o igualou nas qualidades.

5 — **Manuel Eduardo da Mota Veiga** (1831-1879), historiador consciencioso no *Esboço da Faculdade de Teologia*, foi duma eloquência insinuante e cheia de erudição (*Conferências religiosas*). *Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo* (1811-1897) doutor e lente da Faculdade de Teologia, como o antecedente, teve a palavra facil e elegante. Merecem referência ainda os cónegos da Sé de Lamego *Avelino da Costa Pinto*, muito veemente e elevado nos *Vinte Sermões* e *José dos Santos Monteiro (Oração nas*

Exequias de Pio IX), etc., *José Alves Pereira da Fonseca* (1), prègador de grande reputação no Minho e *Francisco José Patrício* (1850-1911), autor dumas medianas *Telas romanticas*, mas autor de alguns sermões primorosos, caluniosamente atribuidos a Camilo C. Branco. F. J. Patrício, apesar de viver em pleno predomínio da Escola realista, foi acentuadamente romântico.

(1) Era irmão do notável jusisconsulto, adiante citado, Antonio Alves Pereira da Fonseca. Foi abade de S. Tiago e Antas.

Oradores parlamentares

1 — O orador parlamentar mais completo é *Almeida Garrett*. Arte e veemência dentro de proporções harmoniosas, erudição apropositada, gentileza fidalga nos torneios mais ásperos, ironia subtil e tocante sentimento, linguagem castigada e sóbria, avêssa a ênfases teatrais, são as suas qualidades soberanas. O seu chamado discurso do *Porto Pireu* (resposta ao discurso da Corôa) é inegualável de perfeição. *Manuel Fernandes Tomás* (1711-1822) era mais incorrecto, menos ágil e muito menos penetrante. *Manuel Borges Carneiro* (1774-1833), bom jurisconsulto, abusava de apóstrofes e hipérboles e deixava a impressão duma teatralidade sistemática. *Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato* (1777-1838) era ponderado e erudito, muito vigoroso de lógica, mas monótono de expressão, o que o caracteriza também bastante nas suas memórias históricas sôbre o teatro português e sôbre a Arcádia de Lisboa. *Manuel da Silva Passos* (1801-1862) era fluente e arrojado, mas, tão sectário como artificioso e hiperbólico, não tinha critério filosófico nem o tom duma verdadeira sinceridade. Foi o iniciador da grande oratória demagógica.

2 — **José Estevão Coelho de Magalhães** (1809-1862) possuia imaginação viva, veemência

formidável, ironia superior, linguagem aprimorada e rítmica. Mas ligava frouxamente as ideias, substituidas às vezes por simples conceitos, de ordinário bastante felizes, a-pesar-de certa pobreza substancial.

A maior parte das vezes, os seus discursos primavam pelas maravilhas das imagens e pelas tempestades de ironia, provocadas pelos ápartes. O ilustre aveirense era, acima de tudo, um grande sentimental, o que ficou patente nas suas oscilações políticas e no simplismo da sua religiosidade. As suas qualidades e defeitos — entre estes, um perigoso poder sofístico — estampam-se principalmente nos discursos sôbre as *Irmãs de Caridade* e na *Questão Charles et George*. — Contrastava com êle *Rodrigo da Fonseca Magalhães* (1789-1858) — fleugmático, como que cínico, de ironia mordaz e de expedientes sagacíssimos.

3 — **José Cardoso Vieira de Castro** (1838-1872) foi um parlamentar de verbosidade atordidora, sentimental, indisciplinada, com vibrações de anormalidade que surpreendiam mais do que persuadiam.

Como José Estevão, triunfava principalmente pelos dotes físicos, pela audácia, pela fluência torrencial e repentista, a espaços aprimorada em afirmações de pura arte pela arte (1).

---

(1) Estas qualidades confirmam-se no livro muito apaixonado que escreveu para elogio de Camilo, e na sua *Correspondência* com Camilo e D. Ana Plácido.

Oradores forenses

1 — O fôro sofreu intensamente a influência romântica. Predominou o verbalismo aparatoso do parlamento. Os advogados curaram menos da honra das leis do que de efeitos teatrais e de subtilezas ardilosas, ou de pura chicana.

2 — Contudo, alguns advogados honraram o fôro com uma eloqüência notável, freqüentemente erudita, vigorosa de lógica e elevado sentimento.

3 — **Alexandre Braga (Senior)** (1), muito sectário em comicios políticos, mas primacial em processos como os de Roriz e D. Marinha Correia, no Tribunal do Porto; *Custódio José Vieira,* loquaz e hábil; *António Alves Pereira da Fonseca,* talentoso e muito perito, sóbrio de expressão; *José Moreira da Fonseca,* erudito, austero, notável pela dialética; *Francisco António da Veiga Beirão,* muito sapiente, bem orientado e honesto; *Manuel Cardoso de Girão,* um dos advogados mais ilustres e sabedores do norte do país; *Cassiano Neves* e outros emergiram e sobresaíram junto dos advogados que, como *Miguel Moreira da Fonseca* e *José Pereira Pinto,* dotados alguns de grande talento, mas de eru-

(1) *Alexandre José da Silva Braga*, já citado como ilustre lírico.

O que é um "ilustre lírico"

dição superficial, convertiam o fôro em teatro mesquinho, torturando e achincalhando as testemunhas com expedientes temerários, quási insultando os juizes e falando mais para desorientarem os jurados e entusiasmarem o auditório do que para defesa pura e convicta do direito e da justiça. E outros, como *Alves de Sá, Belchior Barata, Manuel Pinto de Araújo* (1), *Pinto Coelho, José Dias Ferreira, Mergulhão*, etc., honraram em Lisboa e nas províncias a austera eloqüência forense e a melhor sciência do Direito.

(1) Vulgo o *Dr. Vieira*. Era tio do malogrado poeta *Hamilton de Araujo*.

SINTESE

A desorientação liberalista deprimiu os nossos melhores valores políticos. Similhante malefício deveram os nossos melhores literatos à desorientação romântica.

Em teze, uns e outros derivaram, porém, dum justiceiro ponto de partida. Os políticos tinham bastante razão. A sinarquia fôra brutalmente estrangulada. O espírito estrangeiro, fingindo emancipar-nos, ao apoiar a Revolução de 1640, firmara-se na nossa ingenuidade e vaidade, impondo-nos um absolutismo dissolvente, apenas poderoso de formalismos, mas instrumento certo da nossa depressão e humilhação mental e moral.

A antiga República, florescente na fecunda autonomia do regionalismo, do municipalismo e do paroquialismo, fora-se desmoronando em nome dum regalismo absurdo. Êste regalismo divorciava sem falta a verdadeira República da verdadeira Monarquia, paternal e previdente, reguladora imparcial dos interesses corporativos e nacionais. Por isso, o déspota sanguinário que foi o Marquês de Pombal é ainda hoje consagrado como Precursor benemérito do liberalismo, que substitue o amor positivo das *liberdades* pela ânsia utópica e anárquica da Liberdade, ânsia explorada pelas oligarquias. Pouco restava do arcabouço poderoso do corporativismo. Os foros concelhios tinham mais prestígio nominal do que efectivo. Parecia, pois, justo e fecundo restaurar a Sinarquia, dentro duma reforma constitucional com moldes novos, que defendessem melhor as antigas liberdades. O liberalismo viu essa justiça, proclamou-a e explorou-a, mas debilitando calculadamente a Monarquia para favorecer a Anarquia, como o absolutismo debilitava a Sinarquia para favorecer, com ou sem consciência, o liberalismo. E os políticos — poucos ou muitos os sinceros — viram na mistificação a redenção e o progresso. É incontestável que quási todos os liberais de valor eram sinceramente tradicionalistas, como é incontestável que depois predominaram sôbre eles com insolência os que eram

instrumentos conscientes dos factores da desnacionalização (1).

— Os Românticos foram também grandes tradicionalistas. Julgaram eles encontrar nas novas fórmulas literárias a verdadeira emancipação do espírito e do sentimento nacional, sufocados até então pela rigidez dos cânones clássicos. Enfim, esperaram realizar o aportuguesamento da nossa Arte. Mas, assim, como os políticos não viram o novo despotismo que consolidavam, os românticos não viram também a escravidão, nova e pior que a antiga, a que iam sujeitar a alma da nação.

Colhidos como que automàticamente pela filosofia sectária, cavilosamente alapardada nos programas de mais belas exterioridades, chamaram ao sectarismo tradicionalismo e novi-cristianismo. E assim instrumentaram, como que sem darem por isso, mais uma conquista da Reforma, que politicamente, já soubera extraír da Enciclopedia e dos sentimentalistas à Rousseau e à Diderot os demolidores sanguinários de 1793.

E, contudo, o santo e senha corria às claras. Para os políticos, era homenagear formalistamente o Trono com cartas constitucionais, outorgadas pelo soberano, afinal agente dos poderes secretos, e iludir o Altar com astutas concordatas.

Assim ficavam algemadas a Monarquia e a Igreja — o que representava o entêrro formal da Sinarquia junto com a morte da verdadeira Monarquia e da verdadeira República. — Para os literatos, o santo e senha era homenagear e agitar o povo soberano junto do Rei que apenas reinasse, e saüdar sentimentalmente o cura de almas, envenenando-o, tornando-o cacique, crivando de golpes a disciplina das Congregações, e principalmente os Jesuitas.

---

(1) A astucia do liberalismo valorizou dois manejos: 1.º desacreditar o velho regimen; 2.º provada a superioridade do novo regimen, torná-lo pior do que o antigo no dissimulado despotismo da Constituição, *outorgada* pelo Rei. Assim se evidenciava a incompatibilidade do Trono com a felicidade nacional, e, portanto, a superioridade do regímen demagógico.

Assim o Liberalismo e o Romantismo, afectando profligar o Absolutismo e o Classicismo, preparavam a Anarquia, mãe do Despotismo, e apressavam o falso Realismo, pai da desnacionalização literária. Nem políticos nem literatos viram que, seduzidos pelas fórmulas, não aprofundavam o espírito — a filosofia alemã que, vestida à francesa ou à inglesa, de capacete militar ou encurralada nos gabinetes de física e nos laboratórios químicos, explora, e excita, com disciplina formidável, as lutas entre o Oriente e o Ocidente, a luta entre Roma e Sião.

— As consequências confirmam as premissas. As glórias da Raça inspiraram aos Românticos mais catálogos aparatosos do que profundos estudos, mais a riqueza decorativa dos assuntos, imprimindo à História quási sempre um tom de brilhante rosário de anedotas, do que a lição sugestiva e renacionalizadora.

As paixões individualistas ocuparam o lugar das grandes ideias e dos sentimentos puros, em detrimento da harmonia e beleza colectivas, e arrazaram, a pouco e pouco, a própria Moral em rasgos pretenciosos de arte pela arte. Assim, predominaram desde logo os subjectivismos arbitrários, os delírios, artificiosos ou irreprimíveis, a desordem da razão e do coração e a falsidade íntima do carácter. E, como a França, a grande envenenada pela Alemanha, que, aliás, detesta, era a propagandista, às vezes genial, do Romantismo, o figurino de Paris não só se manteve no seu novo aspecto, mas até se consolidou como nunca. A França ficava imperando no liberalismo político e no romantismo literário, depois de ter predominado no absolutismo e na pobre novi-reconstrução dos árcades.

— A vida, pois, do nosso Romantismo, paralela em espírito e utopias à vida do liberalismo político, nem podia ser verdadeira e comovidamente portuguesa, nem solidamente filosófica e scientífica, nem superiormente artística. Mas, sendo assim, verifica-se a futilidade e esterilidade de diferenciarmos com grande escrúpulo os românticos dos ultra-românticos, porque, a rigor, nem o próprio vulgar Realismo se diferencia muito do Romantismo, a não ser nos aspectos de inversão. O que se verifica mais uma vez é que o que há de bom no Romantismo ou

no Realismo, nunca pode formar escola, porque se encontra em todos os grandes escritores que ou escrevem conscienciosamente dentro da sua complexa mesologia, ou têm génio para o melhorarem e reformarem.

E, quanto a Romantismo e ultra-Romantismo, o que se colhe de positivo é que as melhores obras românticas são as que mais se aproximam do classicismo, e, ao mesmo tempo, do sentimento popular. Ora os próprios grandes românticos foram *ultras*. Garrett no Fr. *Luís de Sousa*, principalmente no 4.º acto, foi muito ultra-romântico. Foi o H. Herculano nas suas majestosas ênfazes. A. F. de Castilho, tão apegado aos clássicos, foi por vezes requintado ultra-romântico.

Por outro lado, porque, se não foram clássicos, exprimiram bastante profundamente o sentimento nacional, embora algumas desvirilizando-o, as obras de muitos ultra-românticos são mais populares ainda hoje do que as dos grandes românticos.

Quási toda a gente boceja irreverentemente diante do *Camões* e recita a aplaude o *D. Jaime*. Muitos cabeceiam, ouvindo ler *A perda de Arzila*, mas quási todos se encantam com a *Lua de Londres*. Raros são os que se extasiam muito com os versos da *Primavera*, mas superabundam os que se enternecem com o *Noivado do Sepulcro*, ou com *Tasso no hospital dos doidos*, ou com a *Partida*, e até com certas poesias de Eduardo Vidal.

De Garrett, afinal, só ficaram na alma do povo o *Romanceiro* e o *Fr. Luís de Sousa*. De Herculano ficaram as *Lendas e Narrativas*. De Castilho ficaram o método da *Leitura repentina*, o *Hino do trabalho* e a *Epístola à Imperatriz*. No mais, se não foram novi-clássicos, ainda pouco habituados ao Romantismo, foram ultra-românticos, mas inferiores então a Tomás Ribeiro, João de Lemos, Soares de Passos, etc., porque não colheram a alma popular, como estes. Enfim, perdidos os écos dos seus triunfos, muito devidos à novidade e à solidariedade política, lembrarão muitas vezes ao povo engenhosas variantes do que outros já tinham escrito, mas com grande fadiga do público.

A singeleza, graça e frescura das *Fôlhas Caídas* anda perto da *Marília de Dirceu*. *A Harpa do Crente* recorda bastante os tons elevados de Sousa Caldas. Enfim, Castilho, ora elmanista, ora filintista, lembra constantemente a prosa de Bernardes, parecendo continuar uma obra formosa e não concebê-la.

— Mas, se não é justo nem prudente fazer destrinças entre românticos e ultra-românticos, tanto êles se confundem, e tanto o ultra-romantismo desagradou mais pelo longo e fatigante predomínio do que por defeitos estruturais, devemos concluir que uns e outros deprimiram muito o espírito e o sentimento nacional, por isso mesmo que o ultra-romantismo ficou mais na alma popular. Ênfases ôcas, pieguismos, superficiais análises, hipérboles arbitrárias, subjectivismos estéreis, as imágens em vez das ideias, o artifício em vez do sentimento — são defeitos comuns a uns e a outros, aos maiores e aos menores, aos mais beneméritos das ideias e dos sentimentos e aos mais artistas pela arte.

Prestaram todos sem dúvida muitos serviços, mas quási todos êsses serviços foram principalmente formais. Criaram o romance — o histórico e o de costumes. Deram novos moldes líricos, variando sugestivamente os metros. Ressuscitaram o teatro nacional. Imprimiram um grande impulso à história, evocando as verdadeiras glórias da Nação. Habituaram o público às lições vivas da crítica, avultando e às vezes criticando com felicidade os grandes clássicos.

Mas o romance de-pressa se tornou desnacionalizador e sectário no espírito, ou campanudo e arrevezado na forma. O lirismo descambou em amoral e fictício, ou em blasfemo e subversivo. O teatro aproximou-se do melodrama derrotista ou do libelo venenoso, ou da imoralidade sentimentalista. A História ungiu-se de scepticismo e logo de faciosismo, falsificando e desorientando a lição dos factos. A crítica viu no lugar da Mesa Censória, que castigava franca e publicamente, deixando, ao menos, na injustiça a auréola do martírio para os punidos, as conróbias e as intrigas movidas pelos emprezários da apoteose incondicional, ou da incondicional depressão, segundo os melindres omnipotentes dos poderes secretos e partidários.

Enfim, a própria língua, sempre defendida, quando os historiadores volvem os olhos às glórias nacionais, e quando sinceramente se evocam as liberdades e a tradição, se foi abastardando, progressivamente, porque, se era mau o latente, mas imperioso, espírito, só defeitos, e morbidez podia esperar o corpo. E' rápida a ladeira que vai da elegância, crivada de anglicismos e outros barbarismos, de Almeida Garrett, até à primeira maneira de Eça e Fialho. O espesso vernaculismo de Latino Coelho, o escrúpulo quási sempre ditoso de Pinheiro Chagas, as caturrices de Silva Túlio e outros, puderam naturalmente menos do que os exemplos austeros de Herculano, do que a opulência, pureza e génio de Castilho e Camilo. A língua afrancesa-se fonética e sistemàticamente. A sua marcha a caminho da depressão começa no janotismo mórbido de Garrett e vai prosseguindo em páginas românticas e ultra-românticas, como uma fatalidade paralela à vertígem da evolução política. Superabundam os péssimos neologismos. Traduzindo desnecessàriamente vocábulos estranjeiros, são ditados apenas pelo amor do espavento em vez de obedecerem a uma necessidade positiva e lógica, quási sempre plenamente remediável dentro dos nossos bons recursos linguísticos. Escreve-se à Victor Hugo ou à Michelet, à Dumas ou à Sardou, como depois se há-de escrever à Zola, à Flaubert à Renan, à Anatole. E os que protestam em arcaísmos pulvurulentos, fazem-no quási todos à tôa, na ânsia de se impôrem como novos na decrepitude, curando mais da sua vanglória do que da língua. Empastam assim o estilo com ridículo purismo, engalanando-a tanto, que ninguem os compreende, embora afectem aplaudi-los. Assim brota a pior arte pela arte, que vai imperar funestamente na Época de desnacionalização, minando as próprias trincheiras da legião reconstrutora.

— Mas tantas derrocadas foram lógicas. O Romantismo, grande sedutor nas suas primeiras manifestações formais, trazia consigo, como o liberalismo político, não a reforma e a reconstrução, mas sim a demolição e a ruína.

Uma exótica filosofia era o verdadeiro espírito do seu corpo, tão caprichoso de aspectos e relevos, e tão duvidoso de beleza pura e sadia.

Oscilava êsse espírito entre o racionalismo transcendental — finalidade ostensiva, de carácter transitório, do espírito da Reforma — e o positivismo-materialista, finalidade verdadeira e suprema. E, sendo assim, a Arte não podia progredir, porque o positivismo materialista nunca pode ir além da simples e rudimentar fisiologia. A psicologia ficou aniquilada a título de especulação devaneadora. O sentimento reduz-se a um simples morbo. A vontade torna-se escrava do determinismo. De pé só fica o método experimental mais tacanho — aquele que, mais cretino do que arguto, nega a alma por não ser encontrada nas mesas dos teatros anatómicos.

E assim o Romantismo abria o caminho ao falso Realismo que, admitindo apenas os factos fisiológicos, renegou das verdadeiras ideias e dos verdadeiros sentimentos, derivando da desorientação estonteante a mais complexa desnacionalização.

SÉTIMA ÉPOCA

ÉPOCA DE DESNACIONALIZAÇÃO

SÉTIMA ÉPOCA

1 — **Carácter da Raça** — A degenerescência da Raça é cada vez maior e mais deplorável. Os Portugueses tornam-se cada vez mais scepticos e até materialistas, mais dissolutos e levianos. A monomania da superioridade estrangeira consolida-se. As velhas usanças são cobertas de desprêzo e mofa. O espírito de imitação rebaixa-se até ao plagio servil. O heroismo etnico apenas se revela nos esforços dos exploradores africanos e numa ou outra emergencia de dignidade individual que inspira um riso cinico aos cretinos e aos corruptos.

2 — **Carácter da Época** — (Aspecto social-político). O liberalismo continua a sua obra demolidora, a-pesar-da reacção do imperialismo francês na pessoa de Napoleão III, que, afinal, usurpou quasi esterilmente o poder pertencente à Realeza legítima. E assim a França, em vez de restaurar a Sinarquia, prepara, contrariando o sentimento nacional dos Franceses, o advento e a consolidação da Demagogia, moderna variante do despotismo. A Itália em vez de ser nobilitada como nação una pelos organismos tradicionais, que deram ha pouco o regimen fascista, é desorientada pelo liberalismo astuto de Cavour e pelo libertarismo, ainda mais ingénuo do que funesto, de Garibaldi. A própria Igreja favorece o liberalismo, mas para pouco depois o exautorar com grande elevação filosófica no verdadeiro monumento social-politico, que é o *Syllabus*. A Prussia — ou a Alemanha militar — firma nos sucessos da Itália a sua hegemonia, vencendo a Austria. Depois, tendo ao ocidente no Império francês uma falsificação mediocre, muito imperfeita, da velha Sinarquia de S. Luis, e, portanto, um adversário desarmado, arma se com método formidável para esmagar a França, impondo-lhe de novo a Demagogia. Bismark surge como o grande

demolidor-construtor. A guerra franco-prussiana aniquila a França e levanta o edifício colossal da Confederação Germanica. A França, monarquica pelo sentimento tradicional e por profunda visão patriótica, pretende restaurar a velha Sinarquia. Mas os poderes secretos, agentes da Alemanha e da Inglaterra, exploraram todos os incidentes, à sombra do descredito do Império que não soubera armar a França. Bastou a questão da bandeira para o conde de Chambord, num excesso de sentimento, sobreexcitado cavilosamente pelo inimigo, não ser chamado Rei com o nome de Henrique V. Assim foi possível votar-se em 1875 a Constituição Republicana da França. E os poderes secretos, entretanto, não se esqueciam da Peninsula.

Em 1866 estalava a Revolução do general Prim na Espanha.

Amadeu da Saboia foi ocupar o trono donde tinha sido afastada a rainha Isabel. Mas, 3 anos depois, os poderes secretos obrigaram Amadeu a abdicar e foi implantada a República que, comtudo, não pôde afrontar o sentimento nacional dos hespanhois além de 1874, ano em que Afonso XII, filho de Isabel II, subiu ao trono. As grandes potencias da Europa, entretanto, expandem o seu poder colonial para se fortificarem Na previsão de proximas futuras rivalidades, chamam a si territórios vastos da América. Os Estados-Unidos, ambiciosos da hegemonia mundial da Inglaterra, seguem-lhes ousadamente os passos, esbulhando a Espanha do resto das suas colonias (1898), muitos anos depois de terem alimentando no Mexico (1862) a causa demagógica, quando a França quiz restaurar o velho império mexicano. A Inglaterra, a Russia e a França expandem-se na Ásia. Mas o Japão levanta-se a tolher os progressos dos Russos, no que é auxiliado pela diplomacia britanica, que conseguiu a neutralidade da França. A Russia (1904), vencida, não logra possuir o dominio dos mares do Extremo Oriente e a Inglaterra excede a acção colonizadora da França — senhora da Argelia em 1830 e protectora da Tunisia desde 1881 — ampliando o Império das Índias e fortificando a Colonia do Cabo com o intento de construir em território seu uma linha ferrea trans africana que comunicasse directamente aquela Colonia com o Egito.

Os óbices eram os nossos dominios da África Ocidental, os territórios da África alemã e as repúblicas *Boers* (Transvaal e Orange). Enfim, em 1885, surdira, por acordo tomado no *Congresso de Berlim*, o *Estado Livre do Congo*, poder belga que representava um golpe alemão.

Portugal quis opor-se à penetração dos ingleses, que sublevavam vários indigenas contra Serpa Pinto. Da atitude dêste valoroso explorador veio o *ultimatum* inglês de 11 de Janeiro de 1890, acompanhado perfidamente pela propaganda secreta, encanada de Londres, a favor das ideas anti-monarquicas. Urgia debilitar a nossa energia colonizadora, a mais tenaz e forte competidora da ambição inglesa que, desde então, começou a ver com despeito os triunfos diplomaticos de El-Rei D. Carlos I. Assim ambiciosa, a Inglaterra esmagou o Transvaal (1902), e, encontrando a França cada vez mais debilitada pela Demagogia, obrigou Marchand a abandonar Fachoda (1898). Entretanto, o liberalismo ia servindo tanto a Inglaterra e a Alemanha na Europa, como os Estados-Unidos na América. O Grande Oriente, que emancipara o Brasil (1822), destruiu o Império Brasileiro (1889), explorando o descontentamento dos grandes fazendeiros com a abolição da escravatura, o que tornou possível a implantação da República.

A Alemanha e a Austria tinham constituido com a Itália uma poderosa Tríplice Aliança. A Inglaterra contrabalançou-a com a Aliança franco-russa que resolveu a guerra entre a Turquia e a Grécia, arrancando Creta aos turcos. Mas o pangermanismo, ainda mais do que o panslavismo, impunha-se dia a dia no xadrez político. A Alemanha, rival activa da Inglaterra que combatia já tanto na Africa, planeou suplantá-la em Portugal, casando D. Manuel II com uma princesa alemã. A isso a Inglaterra, que já secretamente vinha minando a nossa monarquia por causa da questão colonial, atenuou o golpe da Alemanha, desencadeando o nosso movimento republicano de 5 de Outubro de 1910, a-pesar-de o exército e o povo portuguêses terem, há pouco, acudado delirantemente o seu monarca. E, sossegada quanto à Península, onde só ficava de pé um trono, a Inglaterra aguardou o salto formidável da Alemanha, esperando esbulha-la do poder

colonial nos lances da nova guerra. A Alemanha achou excelente aproveitar o caso, um tanto singular, de Serajevo (Junho de 1914), que vitimou o príncipe herdeiro da Áustria. E assim veio a monstruosa Grande Guerra, terminada pelo tratado de paz de 28 de Junho de 1919, com grande ruína moral e material da Alemanha, que, contudo, se refaz à custa duma assombrosa tenacidade e rara fortuna. A Inglaterra vingou-se da Alemanha, que a ameaçara principalmente na expansão colonial, mas a Alemanha mina a Gran-Bretanha na Irlanda e na própria Londres, na Índia e na Africa do Sul, com obstinadas propagandas libertárias que enfraquecem o poder de Londres e que também fazem vacilar a França à beira da plena Anarquia.

Neste período, o liberalismo, explorando as rivalidades das potências, tanto como os últimos e grandes progressos scientíficos, alimentou as ambições do Quarto Estado, enfraquecendo os defensores da Ordem e da Paz com as utopias do desarmamento e da remodelação pacífica da vida europeia e mundial. Enfim, agredindo brutalmente a Igreja, como que a obrigou a transigências que, no fundo, trazem, muito indirectamente que seja, o benefício da maior solidariedade católica e reconstrutora, num natural e de-certo invencível movimento de reacção.

Carácter da Época — (*Aspecto literário*):

França. O romantismo teve, na poesia, uma escola de transição em *Teodoro de Bainville*, (1828-1891) artista pela arte, como *Teofilo Gautier* (1811-1872) e *João Richepin* (1849-1926). Os parnasianos predominam, vasios de ideas e sentimentos, mas ricos de pureza e eufonia verbal, depois da poesia estranha de *Baudelaire* (1821-1867). *Leconte de Lisle* (1820-1869) faz um esfôrço de novi-classicismo (*Poemas antigos, Poemas bárbaros*) e, ao mesmo tempo, com uma certa metafísica prepara o advento do naturalismo. *Sully-Prudhomme* (1839-1908) adere ao movimento pa

nasiano, dando-lhe um fundo filosófico, o que explica a sua relativa superioridade. Enfim, acima de *Coppé* (1842-1908) — demasiadamente artificioso — temos a morbidez, por vezes sublime, do simbolista *Verlaine* (1844-1896) que vale muito mais do que o extravagante e às vezes ridículo *Mallarmé* (1842-1898), do que o pomposo eôco *Heredia* (1842-1906) e do que o pessimista *Lahor* (1840-1909). O único simbolista que revela genialidade para ficar de nós renome — *João Artur Rimbaud* (1854-1891) autor das *Iluminações*. No teatro, *Lubiche* (1845-1888), *Halévy* (1834-1908), *Sardou* (1831-1908), *Augier* (1820-1889), *Alexandre Dumas*, Junior (1824-1895), *Hervieu* (1857-1915) e outros orientam-se naturalmente dentro dum subtil espírito sectário, mas notando-se em *Augier* o mais despegado ódio à C. de Jesus. No romance, *Flaubert* (1821-1880) dá obras em que evita os defeitos do Romantismo e do Realismo, mas deixando predominar o espírito romântico. *Emílio Zola* (1840-1903) escreve obras de falso e brutal realismo, com pretensões a scientífico, mas que oferece apenas um ultra-romantismo invertido, deploràvelmente anti-artístico. Os *Goncourt* (*Júlio* — 1830-1870 — e *Edmundo* — 1822-1896) dão obras torturadas e pretenciosas, mais *impressionistas* do que [illegible] *Daudet* (1840-1897) afirma-se o maior romancista do naturalismo. [illegible] Estilo límpido e modelar. Bastante ausência de sectarismo (*Turgenie*, *Abel Hermant* etc.). *Maupassant* (1850-1893), discípulo de Flaubert, exalta um tanto [illegible] não só a sua arbitrariedade como psicologia, mas também a um sec-

pticismo funesto. Entretanto, *Feuillet* (182
-1890), se é um sentimental exagerado, pr
testa contra o naturalismo em obras bem i
tencionadas de moralidade, e de-certo men
perigosas do que as de *J. Sand* (1804-187
muito anarquizadora da vida das consciênci
Enfim, *Anatole France* (1844-1925) introd
no romance o espírito scéptico de Renan, af
rando-se ao septicismo com um estilo elega
e puro. Entretanto, *Loti* (*Julião Viaud*)
(1850 1924) parece renovar o talento descriti
de Chateaubriand, mas sem quaisquer qua
dades de psicólogo. Na sciência e na filos
fia, *Claudio Bernard* (1813-1878), *Renouv*
(1815-1903) e outros, com moralistas co
Créard (1828-1901), continuam a obra sectá
de Renan, dentro de vários moldes, mas pr
tando *Créard* bons serviços à sintese histór
Fustel de Coulanges (1830-1889) inicia
nialmente a reconstrução da História. Enfi
Brunetière (1849-1907) combate na crític
naturalismo, *Faguet* (1847-1919) estabel
um certo ecletismo crítico, *Lemaitre* (18
-1914) faz crítica dentro do espírito nacio
lista e *Sarcey* (1827-1899), como crítico,
rece reabilitar o classicismo.

França ..

Os escritores espanhóis que mais influência ti
ram nas nossas letras nesta época, foram :
Juan Valera (1827-1905) e *Pedro Antônio*
Alarcón (1832-1891) romancistas, e os d
maturgos *José Echegaray* (1833-1916) e *Pe*
Galdós em 1920). *Canovas del Castillo* (18
-1897) *Joaquim Costa*, *Menendez Pela*
D. Emilia Pardo Bazan, etc. influiram co
historiadores e filósofos.

Espanha .

Itália . . .

José Carducci (1836-1905), como poeta, *António Fogazzaro* (1842-1911) e *Edmundo de Amicis* (1846-1908), como notável estilista e autor do livro pedagógico *O Coração*, foram os escritores italianos mais conhecidos em Portugal nesta época.

Inglaterra

Os literatos ingleses mais conhecidos entre nós nesta época foram *Jorge Elliot* (1819-1880) romancista, *Emerson* (1803-1882) poeta e psicólogo e *Ruskin* (1817-1899), notável crítico de arte. Tiveram bastante influência em Portugal os filósofos ingleses *Stuart Mill* (1806-1862), *Spencer* (1820-1905), *A. Bain* (1818-1903) e o scientista *Darwin* (1809--1882).

Alemanha

Nesta época, teve em Portugal grande renome o romântico *Wagner* (1813-1883) poeta músico. Foram muito lidos vários romancistas ainda vivos, como *Haupfmann* (n. em 1862), *Sudermann* (n. em 1857), etc. *Guilherme Storck* (1829-1905), autor dum livro magistral sôbre Camões, foi o crítico alemão mais consultado e considerado.

Rússia. .

O escritor mais influente nas nossas letras foi o romancista *Maxime Gorki* (1869-1918).— *O Quo Vadis* do romancista polaco *Sienkiewicz* (1846-1916) teve por então grande popularidade em Portugal.

Escandinávia

Continuaram a ser bastante lidos entre nós *Ibsen* (1828-1906) e *Jonas Lie* (1833).

Dinamarca

Jorge Brandes (1842-1926) foi o crítico e erudito dinamarquês mais lido em Portugal nesta época.

Brasil . . .

Predominam os poetas parnasianos. São numerosos: *Machado de Assis*, *Teófilo Dias*, *Raimundo Correia*, *Olavo Bilac*, *Luís Delfino*, *Luís Murat* (êste com espírito muito romântico), etc. Na prosa: *Aluízio Azevedo*, *Machado de Assis*, *Júlio Ribeiro*, *Raul Pompeia*, *João do Rio*, *Tobias Barreto*, *Sílvio Romero*, *José Veríssimo*, *Araripe Júnior*, *Joaquim Nabuco*, *Ruy Barbosa*, etc., versam vários géneros literários com brilho.

3 — Carácter do meio português — As tendências do nosso meio são completamente desnacionalisadoras. Implanta-se o pessimismo junto do scepticismo sarcástico, ou da demolição blasfema, ou da narrativa pornográfica. Festas nacionais, como os Centenários de Camões, Pombal, Santo António, Infante D. Henrique, são aproveitadas para manifestações sectárias, anti-portuguesas. Os crimes, principalmente o roubo e o homicídio, o estupro e o sacrilegio — progridem, dia a dia. O crime político é considerado virtude. O atentado sanguinário tem foros de coragem cívica. O partidarismo semeia ódios e vinganças, encobre delapidadores e persegue consciencias independentes. A anarquia mental agrava-se com o progresso da anarquia moral — sêde de prazeres, luxo, grandeza conquistada sem trabalho e sem honra. A virtude é considerada ou atitude de hipocrisia romântica, ou irrealidade que só serve para assunto de anedotas cheias de monótono caturrismo. Há a mais desvairada contradição entre as palavras e os actos. A língua francesa impera deploràvelmente, tanto como os costumes, que em tudo copiam os mais frívolos mundanismos de Paris. O espírito religioso, rudemente ferido, depura-se, porém, concentrando o poder reagente e impulsionador vitorioso da novi-reconstrução, a-pesar-da influência paralisadora que ainda vem do amor ao formalismo, ao exibicionismo e à fácil vanglória.

4 — A Escola Realista — A Escola Realista emergiu dentro da mesma boa fé que impulsionou o nosso Romantismo. Os Românticos, querendo pôr termo aos excessos novi-

-clássicos, incontestavelmente desnacionalizadores, arvoraram com sinceridade o pendão libertador, convencidos de que reabilitavam o predomínio do sentimento nacional. Mas, como a filosofia germânica, e portanto anti-latina e anti-portuguesa, inspirou essa reforma, a sua obra apenas teve um certo valor formal. Substancialmente pioraram os males que pretendiam exterminar. Ficaram apenas de novo hábitos excessivamente libertarios, que, carecidos da disciplina precisa — dentro do carácter etnico — só podiam dar superficiais aspectos novos, de beleza aparente, mas passageira, aos maiores defeitos da Raça.

Mas já o mesmo sucedera aos Arcades. Viram eles com justeza os danos da despotica influência espanhola e as vantagens dum novi-classicismo compativel com as melhores expressões do sentimento nacional. Mas, perfilhando a filosofia francesa, propagandista da filosofia germano-inglesa — deixaram apenas um pesado hábito novi-classico, privado do verdadeiro espírito e do verdadeiro sentimento nacional. Desastre similhante sofreram os Realistas, adversários clamorosos dos Românticos, mas afinal seus irmãos de armas na finalidade combativa, porque eram impelidos pela mesma corrente do espírito estrangeiro.

Era evidente a depressão da literatura dentro do romantismo. As obras mais nacionalizadoras traziam consigo um espírito hostil ao temperamento e às tradições da Raça. O excessivo libertarismo da razão e da imaginação produzia simples ênfases, fantasias morbidas, grandes indisciplinas mentais e morais. Tornara-se demasiadamente fácil a cultura da vangloria à custa dos artificialismos mais vãos e da mais desleal e esmagadora solidariedade de facciosismos omnipotentes. Predominavam o som pelo som, a retumbância e a loucania pretenciosa. A nevrose mais pavorosa era considerada génio. Os paradoxos e os caprichos devaneadores tinham o prestígio de originalidades superiores. A Crítica não era só o Elogio-Mútuo. Era também a proclamação dogmática de méritos ou demeritos dentro de ondas de palavras que nada diziam de substancial, lógico e edificante. As simpatias e antipatias pessoais consagravam ou aniquilavam, à malmaica, obras e autores. A verdade ausentava-se com grande

império do convencionalismo mais insolente e temerário. A habilidade mais maleavel multiplicava impunemente os artifícios, não trepidando deante dos meios para conseguir o fim—notoriedade dum homem ou dum sectarismo, duma vaidade doentia ou dum idealismo sem metodo, anarquista da moral e da estética, falsificador certo da realidade. Os Realistas surdiram, pois, com lógica bastante. Era preciso encarar aspectos reais e não inverosímeis, ou exagerados por visões enfermiças, sem disciplina perfeita. Urgia trazer o espírito e o sentimento nacional para a língua e dar à expressão a simplicidade, o tom desafectado que deixa transparecer sem esforço ideas e sentimentos. Cumpria, enfim, imprimir um verdadeiro metodo, scientífico e honesto, ao pensamento e ao sentimento, à análise e à síntese, à concepção e à crítica, à história e à poesia, à arte e à erudição. O excessivo subjectivismo seria substituido por um objectivismo saüdável, do qual se ascenderia depois aos grandes subjectivismos. O sentimentalismo requintado e falso daria o seu logar ao sentimento profundo, modelar de singeleza e sinceridade expressiva.

Enfim, a Moral, em vez de ser envenenada hipocritamente por amoralismos piegas e elegantes, devia fortificar-se com a pintura austera dos vícios, sugestionando a repulsa pelo pecado, pelo erro, pelas paixões deprimentes. Mas os Realistas esqueceram-se de que, com tão belo programa, caminhavam apenas mais depressa do que os Românticos para a desnacionalisação e para a decadência artística, porque punham de parte os melhores idealismos. Provinham do mesmo tronco—a filosofia alemã, que se consolidou em Antero e Teófilo, traduzida sempre em francês por meio do liberalismo político e do romantismo literário. Dessa filosofia, só viriam a aproveitar, por defeito etnico, a superficialidade. Portanto, uma absoluta ausência de meio-termo tinha de converter o Realismo numa simples e deplorável inversão do pior Romantismo. Os resultados foram logo evidentes. O excessivo subjectivismo foi substituido pelo excessivo objectivismo. A fantasia desvairada cedeu o logar ao inventario monótono, repugnante, até vilipendioso, à análise hedionda e esteril, sem premissas duma sintese luminosa e reconstrutora. O Romantismo falseava a realidade, criando

super-homens. O Realismo falseava-a, rebaixando os proprios anjos até à lama e à ignominia. O Romantismo artificializava dores, lágrimas e paixões imaginárias. O Realismo negava o Amor, a fecundidade da Dor, a sinceridade do sentimento e da virtude, o livre arbitrio, a omnipotencia e a misericordia de Deus. O proprio elogio-mútuo e o pedante verbalismo critico pioraram. O espírito e o sentimento da Raça, deprimidos e achincalhados, privados das suas forças tradicionais, apenas encontravam eco insolente para os seus defeitos — grosserias da ignorância, brutalidades da anarquia, impunidades do crime. Enfim, a língua, em vez de se tornar limpida como torrente que se livra de cachoeiras, tornara-se turva de fetos exóticos, que a iam ensombrar e aviltar. Perdia sem remédio o seu rumo lógico, confundindo-se tanto com a francesa como se fosse possível que o Tejo, o Mondego ou o Douro corressem submissamente debaixo das águas negras do Sena, sob o pretexto de se purificarem assim dentro das suas boas reservas.

Poetas

1 — A contenda por causa do Elogio Mútuo, ou a *Questão coimbrã*, de 1865, determinou o movimento realista com a mesma imperfeita consciência com que várias causas determinaram o movimento literário dos Arcades e depois o do Romantismo. Quere dizer: aquela contenda ocasionou uma exposição tão superficial de novos princípios e da sua respectiva razão de ser como a que pode colher-se na indignação palavrosa contra a influencia espanhola, ou na altivez dos protestantes contra o classicismo pesado, afrancesado e opressor.

A *Questão coimbrã* tinha, porém, contra si a mais — a desmarcada vaidade, realmente ingénua, mas doentia, dos inovadores, excitados pelo amor-próprio, excessivamente desdenhoso e arbitrário, mas com a auréola de bons serviços prestados com talento, de António Feliciano de Castilho.

Numa palavra, os Arcades valiam pouco, mas valiam mais do que os derradeiros campeões do Gongorismo. Os Românticos nem todos valiam muito, mas valiam mais do que os elmanistas e filintistas. Quanto aos Realistas, julgando-se génios, valiam muito menos do que Castilho e do que os vários ultra-românticos.

É que Arcades e Românticos, a-pesar-de

desorientados, ainda tinham algumas reservas do sentimento nacional — ao menos no consciente amor da linguagem portuguesa. E, se, devido à influência naqueles do espírito da Enciclopédia e da influência nestes do liberalismo doutrinário, eram *desorientados*, não se tinham *desnacionalizado* inteiramente. Concorriam, sem dúvida, para a desnacionalização, implantando moldes de essência germânica, mas mantinham, do espírito e do sentimento nacional, alguns maravilhosos alentos que lhes permitiram darem-nos algumas obras-primas.

Os Realistas, superiores de-certo na nitidez do programa, baseavam a sua superioridade no espírito de absoluta demolição que os condenava a uma exagerada vaidade e, dentro dela, ao desconhecimento mais assombroso da *realidade nacional*. Avistaram, pois, logo como reabilitável o que há de inferior na Raça: o plebeismo grosseiro e até obsceno, a rebeldia de criaturas ignorantes e impulsivas, a tendência imitadora que o realismo classificou de integração benéfica no espírito moderno. Com êste critério, olharam mais para a forma do que os próprios Românticos, e, mais do que êles, perfilharam, sem boa noção do meio-termo — provam-no vários trabalhos de A. de Quental, Teófilo, Oliveira Martins, etc. — a mesmíssima filosofia alemã que os Arcades tinham importado no espírito enciclopedista e que fôra evolutindo no sentido anarquista e amoralista. Em suma, combateram o Romantismo

para o consolidarem, invertendo-o, ou para lhe darem a fase paralela á evolução demolidora do libertarismo político. E, se foram poetas os verdadeiros iniciadores do realismo, temos de dividi-los em dois grupos: 1.º o dos poetas que de-veras se integraram no sentimento nacional e que, a rigor, são tão romanticos como realistas à simelhança do nosso povo — (Tomás Ribeiro foi um dêles em quási todos os versos patrióticos do *D. Jaime*, a-pesar-de lhe chamarem ultra-romántico); e 2.º o dos poetas que, conscientemente instrumentados pelo espírito estrangeiro, prejudicaram deploràvelmente com os seus serviços o espírito e o sentimento nacional por meio da contradição que palpita num sectarismo excessivo e culposo.

2 — **José Simões Dias** é o maior dos poetas do primeiro grupo. Prova-o o facto de êle ser bastante romântico — na melhor acepção do termo — e de querer afinal furtar-se aos convencionalismos românticos. Provam-no os seus belos versos, demonstração soberana da sinceridade, com que foi beber na alma do povo. Prova-o até o mal dissimulado menosprêzo com que se referem a êle os críticos de orientação hiper-realista.

Simões Dias é *realista* genuíno, e, por isso, não se estonteia com filosofias de além-Reno, vestidas ou não por costureiros de Paris ou de Londres. Mas, se é *realista* genuíno, não cai nos erros dos vulgares realistas e antes se aproxima,

no espírito e no sentimento, do que tiveram de melhor os românticos.

Enfim, é tão de-veras *realista* como Goethe foi de-veras *romântico* — contra a vontade de Schelegel — porque rigorosamente não pertence a uma determinada escola.

As Peninsulares, livro que contém elegias, canções, odes e varios poemas, representam um lirismo nobre e sinceramente português. Qualidades: *a)* admirável espontaneidade e naturalidade; *b)* melancolia íntima, travada de fina ironia; *c)* elevação moral nos erotismos mais vivos; *d)* arte sobria, límpida e graciosa. Serão seus defeitos; *a)* alguns prosaismos; *b)* uma certa monotonia.

Grandes qualidades revelou Simões Dias no poema herói-cómico *Hostia de Ouro*, mas até nessa obra, rival do *Hissope*, o cunho do seu portuguesismo é mais nítido do que em qualquer romantico ou árcade.

Aplaudiram os realistas os versos de Simões Dias, a quem incluiram na sua escola. Com razão o fariam, se os nossos realistas compreendessem tanto o sentimento nacional que não declamassem demais contra os poetas subjectivistas, legião da qual faz parte com glória o eminente poeta das *Peninsulares*. Mas os seus aplausos a Simões Dias vieram, como os que vibraram em honra de João de Deus, mais da necessidade de se imporem como triunfadores aos românticos do que da solidariedade patriótica

com um glorificador do espírito e do sentimento nacional.

3 — José Simões Dias (1844-1899) foi natural da linda aldeia de Benfeita, concelho de Arganil, Formou-se em direito no ano de 1868, já com renome de poeta notável. Colaborou em várias fôlhas académicas com Teófilo Braga, João Penha, Emídio Navarro, Lopes Praça, etc. Mais tarde, foi um dos mais brilhantes colaboradores da *Educação Nacional*, revista pedagógica do Pôrto. Professor em alguns liceus, assinalou sempre o seu saber, a sua elegante dição e a nobreza do seu carácter. Notável parlamentar e notável jornalista, foi também um pedagogo ilustre e, como tal, um pensador de grandes qualidades. Muito afectivo e sensitivo, minaram-no pungentes desgostos domésticos que, contudo, dando-lhe exterioridades muito austeras, nunca lhe deprimiram a bondade adorável.

Político, jámais emergiu em obras de sectarismo e partidarismo Desorientado pelo espírito liberal, nunca artificializou a sua fé, como faziam tantos, que ocultamente minavam o que afectavam defender. As obras de José Simões Dias, em verso e prosa, não manifestam só genialidade mental e verbal, porque demonstram a genialidade moral — até nos assuntos em que outros, menos bem-fadados e às vezes mais célebres, só deixam ecos de sensualidade, egoísmo e ridícula vanglória.

4 — **João de Deus** — Não é maior lírico do

que Simões Dias, mas tem, mais do que êle, um tal despreendimento, mais ou menos voluntario, das realidades mundanas, um idealismo tão contemplativo, porventura inconsciente e muito indolente, que só não deu um grande poeta mistico por ser avêsso a todas as disciplinas mentais, a todos os esforços que não fossem os meramente metricos. João de Deus é de-veras incomparavel de espontanea filosofia e de arte limpida, deliciosamente singela, em meia duzia de composições que, na sua aparente facilidade, encobrem uma longa e laboriosa tortura. Uma delas — *A Vida* — está para João de Deus como a poesia *Firmamento* está para Soares de Passos. É o unico vôo verdadeiramente sublime do grande poeta. João de Deus, porém, manifestou superiormente a sua elevação emotiva na poesia *Raquel* e em belos sonetos, e deixou modelos de graça, ironia e leveza em varios versos amorosos. Contudo, no livro *Campo de flores*, Teófilo Braga incluia, sem criterio, com o fim mesquinho de avolumar a obra — deprimindo, se fosse possivel, o seu velho amigo Antero de Quental — inumeros versos completamente indignos do grande poeta da *Vida*. Sugerabundam no volume meros exercicios metricos, jogos de rimas, às vezes puerís, monotonos e arbitrários, versos frouxos ou errados, trivialidades deploraveis, caprichos artisticos sem finalidade. Enfim, o adoravel poeta do Amor — porque o foi com brilho e ternura, mas sem ultrapassar o sentimento

portuguesissimo que anima as deliciosas liricas das *Peninsulares* — é de-veras um *realista* e tão de-veras o é que só arbitrariamente o chamam a si os nossos vulgares realistas, muito mais propensos ao pretencioso parnasianismo do que à arte genuinamente nacional. Sem a sanha biliosa de Teófilo Braga, e sem a emergencia da *Cartilha Maternal*, é mais do que provavel que o nome de João de Deus fosse relegado pelos intelectuais magestosos para o rol dos fatigantes ultra-romanticos. É que foi um poeta subjectivista como poucos (1).

5 — João de Deus Ramos (1830-1896) nasceu em S. Bartolomeu de Messines (Algarve), num meio simples e calmo. Indolente, avêsso ao método, ao realismo disciplinado, muito care-

(1) Lembra bastante o subjectivismo de João de Deus o poeta *Fernandes Costa* (1848-1920) na simplicidade e na graça, mas com mais requinte parnasiano, e com tortura mais visível, qualidades com que traduziu, conscienciosa e primorosamente, versos de Campoamor e de Bartrina. *José Diogo Souto*, autor do livro *Amores: Alberto Madureira* (+ 1918), poeta que morreu cego em Braga; *Joaquim Coimbra (Raul Didier)* + 1921; *Vaz Passos* (+ 1922) em algumas poesias do seu *Cancioneiro da Primavera*, e a-pesar-do profundo panteismo de todos os seus volumes de versos; *Xavier de Carvalho* (+ 1919) e o próprio *Marcelino de Mesquita* (1856-1919) nas *Meridionais*, acusam a influência, maior ou menor, directa ou indirecta, de João de Deus, a-pesar-de alguns dêles preferirem nas suas obras maiores o verbalismo sonoro de Junqueiro ou o primor requintado de Gonçalves Crespo. Aproximadamente o mesmo podemos dizer de algumas poesias de *Alberto Pimentel*, de *Joaquim de Lemos (Tempo perdido)* e até de *Camilo Pessanha* (+ 1926), quando não se comprazia, como era mais frequente, em receber com subtil psicose a influência de Antero de Quental.

cido de força de vontade e pouco preocupado com as lutas da consciencia, a sua bondade nativa equivaleu nêle a uma especie de egoismo, porque o apartou sempre de qualquer tendência para o sacrificio consciente. Por isso, incapaz duma só maldade voluntária, não compreendeu muito, ou não pôde demonstrar que a compreendia, a abnegação dos pais, modestos e pobres, que à formatura do filho sacrificaram as economias humildes, a saude, a vida. Dez anos frequentou o curso de direito num desapêgo absoluto dos seus maiores deveres académicos. Trovava, cantava, guitarrava, desenhava com facilidade e primor, numa onda de cantigas, de finas sátiras, de anedotas, ganhando, com o renome de artista espontaneo, quasi tão ignorante de regras e leis como o grande actor Antonio Pedro — a fama de *filósofo*, epíteto que para muitos equivale ao de santo ou de extravagante inofensivo. Enfim, tão indolente que nem sequer tinha actividade para mostrar amor próprio, alheou-se sempre da mais simples ambição de gloria, como quem repele tudo que traga excitação, necessidade de esforço, de trabalho regrado. Este aspecto indolente deu-lhe sempre a fama de encantadoramente modesto. E, na verdade, como todos os indolentes são faceis escravos das mais cómodas atitudes mentais e morais, João de Deus poucas vezes deixou lobrigar o seu orgulho intimo, aliás infalivel em todas as modestias excessivas. Deixara-se auto-sugestio-

nar pela convicção duma humildade perfeita, e, como era bondoso e crente, essa auto-sugestão deu-lhe uma paciencia invulgar nas maiores provações — devidas sempre essencialmente ao menosprezo mais profundo pelo dever de lutar.

Este caracter permitiu-lhe o feitio dispersivo e automático dos versos, a sensibilidade calma que lhe deu bons ouvidos junto da alma do povo, a atitude passiva que o livrou de invejosos e detractores.

Depois de formado, foi para Beja, mas, em vez de advogar — para o que não tinha preparação seria — fez-se jornalista e continuou a ser o boémio de sempre. De Beja abalou para o lar paterno. João de Deus tornou-se então caçador. Mais tarde, fixou-se em Evora, continuando a vida facil e aventureira que tivera em Beja. Em 1868, elegeram-no deputado. Foi para o Parlamento, como fôra para a Universidade, levado à força, incapaz de qualquer esforço ou estudo. Depois, casado, deixou a vida pública e encarcerou-se em vários quintos andares, sem actividade para procurar emprêgo e nem sequer para descer as escadas do seu predio.

Entregou-se então a trabalhos humildes, escrevendo versitos para romarias e cirios, para embrulhos de confeitarias, e, às vezes, para festas de vários lares generosos. Era o pouco que conseguia nos espaçados dias em que descia à rua. Enfim, ajudava na máquina de costura a esposa heróica, tão resignada e paciente como

êle, e, entretanto, os livreiros encarregavam-no de muitos trabalhos — os mais absurdos para a sua compleição mental e moral — pagando-lhos como podiam e queriam, se é que nêle admitiam qualquer mérito superior. João de Deus continuava a desarmar-se obstinadamente a si próprio, e, sôb o pretexto íntimo de se furtar a disciplinas, sacrifícios, esforços, acorrentava-se, afinal, a um labor inglório e esmagador, a grandes menosprezos, provações e desconsolos. Foi então que um livreiro lhe sugeriu a *Cartilha Maternal* (1876). Tinham sido muito aplaudidas as *Flores do Campo*, mas a indigência não o largava. Com o método de leitura — publicado no mesmo ano em que vieram a lume as suas *Flores soltas* — a apatia do poeta vibrou. Fulgiu no seu espírito um milagre de disciplina e método, de actividade e tenacidade, que fez emergir as melhores realidades do seu intelecto, um dia que resplandeceu na própria matemática, a propósito da trisecção do angulo. A sua vida começou a melhorar. As próprias polémicas, às vezes acres, por causa da Cartilha — que tem grandes defeitos ao par de boas qualidades — veio não só valorizar João de Deus, como descobrir-lhe a verdadeira psicologia, adormentada por sedentarismos que fàcilmente lembravam a santidade contemplativa. Em 1888, o Parlamento consagrou a *Cartilha*, instituindo o Comissariado geral dêsse método de leitura. Ficou comissário geral o autor. Um amigo devotado, Casi-

miro Freire, accionara com estratégia e tenacidade os poderes públicos, encontrando ao seu lado, com Teófilo Braga e outros, a mocidade académica, então ardentemente demagógica, mas com inegavel sinceridade no seu credo simplista. Em 1895, os 65 anos do poeta tiveram uma ruidosa homenagem nacional que associou, de momento, os Paços Reais á juventude académica, então republicana e livre-pensadora. Menos dum ano depois dessa festa, João de Deus expirava, sorridente e benévolo, como sempre fôra nos lances mais ásperos da sua singular existência.

6 — **Antero Tarquínio de Quental** — É o maior poeta do seu tempo, o mais alto e completo, ainda que não deixasse de si uma obra perfeitamente condigna do seu génio. E, enfileirado entre os realistas, foi afinal na sua arte tão pouco realista (no sentido vulgar) como retintamente romântico. Se o excessivo amor à filosofia alemã lhe inspirou a propaganda de teorias que produziram o nosso realismo — continuador invertido da desorientação romântica — é que em Antero havia, como em outros realistas, uma dualidade curiosa; o verdadeiro poeta, e portanto, o grande nacionalista, e o especulador filosófico, tão desorientado pelo transcendentalismo alemão que não via o fruto lamentàvelmente desnacionalizador das suas especulações idealistas.

O espírito de Antero, fundamentalmente

contraditório, testemunha uma intensa morbidez — desabafada em poesias notáveis — e uma confusa auto-terapeutica, manifestada nos devaneios sem rumo positivo duma mentalidade cheia de preconceitos revolucionários, de paixões tumultuosas, excitadas por várias taras, e de ambições ingénuas de messianismo literário. Antero, profligando os românticos, profligava muito de si mesmo — a indisciplina mental com aparencias de novidade progressiva, a fantasia voluvel com vanglórias de verdade sólida, a melancolia, mais ou menos artificiosa, duma consciencia desorientada, abúlica, fértil em supérfluas auto-analises. Antero conhecia a sua morbidez sentimental e queria curá-la com vibrações de superioridade filosófica, mas nessa auto-terapeutica esquecia-se da vontade e, por isso, deixava a Fé à mercê das injúrias, das blasfêmias e dos requintes dos devaneios.

Com tal vida psicológica, Antero não podia tolerar os defeitos do Romantismo, mas também não podia avistar o verdadeiro Realismo. Por isso, Antero é um grande subjectivista, em nome do objectivismo mais despotico e, sendo fundamentavelmente nacionalista, é um grande desnacionalizador, às vezes ultra-romântico, ligado, mais do que parece, à obra sectária de Guilherme Braga.

Foi Antero um talentoso filósofo, e por isso mesmo alto poeta que, se não padecesse de neurastenia permanente, daria um místico de

envergadura superior, a dominar a nevrose e a psicose com tanto exito que o vulgo lhe não avistaria fàcilmente as taras.

Mas, se na filosofia revelou grande penetração mental, as influências abúlicas deixaram envenenar tanto o seu intelecto que a bondade nativa de Antero, o seu nativo e generoso idealismo, a sua própria fé atavica, ficaram como elementos inúteis na trágica luta entre o corpo dilacerado e o espírito sem rumo. E por isso Antero, o maior poeta do seu tempo, é o menos compreendido pelo sentimento nacional, ficando condenado a ser uma espécie de acepipe dos cultos, de curiosidade dos psicólogos, e de nariz-de-cera dos críticos mais arbitrários.

A obra-prima de Antéro são os *Sonetos* (1). Arte sóbria e luminosa. Precisão modelar. Sentimento profundo, mas com bastante desorientação subjectiva e até objectiva. Relâmpagos superiores de ascenção mental, de ideas transcendentais. Frouxidões e durezas técnicas, certa monotonia e prosaismo avultam menos nesse livro inimitável do que nas *Odes modernas*, famosas principalmente pela novidade e impiedade voluntária e não pela disciplina mental e moral ou pela beleza verbal. Antero deixou também versos

(1) O dr. António Pereira Zagalo, ilustre médico lamecense, autor do *Poema da Vacina* (1.º quartel do Séc. XIX) foi o precursor de Antero nos *Sonetos* filosóficos. J. P. de Sampaio (*Bruno*) encarece numa das suas obras o valor dêsse poeta.

apreciáveis pela graciosidade e leveza, ou pela fluidez desafectada. Nesses versos temeu Teófilo Braga ver surdir um poeta de-veras nacional e por isso lhes contrapôs com paixão equivoca até as rimas menos felizes de João de Deus.

7 — **Antero de Quental** (1842-1892) nasceu nos Açores, ilha de S. Miguel. Era de nobre família. Em 1852 veio para Lisboa. Foi aluno interno do colégio do Portico, dirigido por António Feliciano de Castilho. Antero, educado no catolicismo, era nativamente bom e obediente. A educação colegial, porém, pecava muito, como pecara a educação familial, pelo excessivo formalismo. O regimem liberal trouxera a frivolidade em tudo — no próprio ensino catequistico. Ouvia-se então muito a frase fácil e pérfida: *A Religião é indispensável como freio.* Esta frase era uma grosseira definição e, ao mesmo tempo, natural sugestão do scepticismo. Era-se crente por simples comodidade, mantendo boas relações com as leis penais e preparando assim o caminho sólido dos triunfos do egoismo.

Em 1856, Antero frequentava a Universidade. O meio académico de então era um alfobre de idealistas que teorizávam o espírito da revolta, embora dispostos, quando bachareis, a explorarem com afinco a vida partidária que os levasse a conselheiros. Em teoria, eram demagogos e ateus. Se eram crentes, mostravam fé romântica, cheia de nacionalismos baratos, hostis, com

grande pompa de palavras, às Ordens Religiosas, à Reacção.

Os poucos estudantes de-veras católicos tinham um defeito absurdo: eram mações. A sementeira moral e mental dos Divodignos continuava frutificando em larvas de todos os liberalismos. Liam muito, sem método, orientados apenas pela ânsia de novidades demolidoras, ou, pelo menos, de originalidades extravagantes. Victor Hugo, o clarim, mais ou menos, consciente dos idealismos germânicos, tinha proporções de Mestre super-humano e, através dele, admiravam Voltaire, o Mestre de Ferney, ou Rousseau, o declamador e choramingas *da Nova Heloisa*. Sob o consulado do pérfido e cínico Rodrigo, o nosso liberalismo consolidara a fórmula hipócrita do constitucionalismo, e deixava mil e uma brechas por onde pudesse entrar a demagogia teorista. Enfim, o positivismo começava a exautorar a metafísica, entorpecendo as consciências e disciplinando com rigidez as grandes ambições scientíficas, filosóficas e artísticas.

O formalismo crente de Antéro sossobrou de-pressa. Ficava-lhe apenas a fé atávica que as desordens do sectarismo e os tumultos da vida física, sem boa ordem, e até sem boa higiene, sepultariam de-pressa como a um reflexo de lampadário arcaico. Belo, fogoso, eloqüente, Antero tinha contra si a superioridade da boa presença física, do verbalismo fácil, e das paixões irrequietas — elementos de perdição certa, quando não

há o correctivo seguro da disciplina mental e moral.

Antero, foi, por isso, pessimo estudante e leitor vibratil de mil coisas contraditórias, mas com o predominio das obras mais subversivas e ruidosas. Assim, excelentemente dotado para a filosofia, foi mau filosofo, como o evidenciou nas Odes Modernas (1865). Derivou dêsse livro a *Questão Coimbrã*.

E foi então que Antero surdiu como pamfletario fogoso. Contudo, se a confusão filosófica o deprimia e se o envenenavam tantos idealismos arbitrários, teve relampagos de consciência superior. Num dêles defendeu o *Syllabus*. Em 1864 era bacharel. Em 1866 percorreu o norte do país e esteve na ilha de S. Miguel. Agravada a sua psicose por nostalgias de vida academica, sentiu-se invadido pelo espírito do socialismo e assim, sendo um grande nacionalista, fez campanhas desnacionalizadoras a favor dos Estados Unidos da Península. Em 1871 iniciou com êsse desvairado espírito as *Conferências do Casino* na capital, escrevendo obras e opúsculos em prosa com uma ingenuidade assombrosa. Eram profundamente desvirtuados pelo sectarismo. O desnacionalizador, mais ou menos automático, sufocava o nacionalista. Mas, desde 1874, a nevrose-psicose progrediu nêle sem clemência. Várias fobias o atormentaram. Várias manifestações de degenerescência o debilitaram e inutilizaram. Em 1886 viveu misantropicamente em

Vila do Conde. Publicaram-se então os seus *Sonetos*, enormemente distanciados das *Primaveras românticas*, feixe de líricas juvenis, algumas graciosissimas. (1872) *Os Sonetos* eram o seu *Requiem*, feito de dúvidas, desalentos e preces convulsas. Os anos que vegetou depois foram lugubres de atonia e tédio. Diz-se que o suicídio de Camilo o desvairou singularmente e que o seu torturado scepticismo colheu naquela loucura culturas de monomania trágica. Em 1891, desceu a Lisboa, despediu-se de Oliveira Martins e seguiu para S. Miguel. Na terra natal, o clima humido e ennervante, as nostalgias de lindos tempos de fé e alegria, a espinhal-medula em convulsão permanente, enfim as conseqüências funestas da anormalidade física, determinada pelo esgotamento mental e pela perversão moral, carregaram o revólver com que se matou no dia 11 de Setembro daquele ano. Antero resumira no seu acto derradeiro as conclusões filosóficas, cheias de espírito dubitativo, que se podem colher nos *Sonetos*. O seu suicídio é um enorme, mas sintético, soneto, escrito com mão de fogo, entre nevoeiros de lágrimas num repelão de histerismo e orgulho esmagador.

8 — **Joaquim Teófilo Fernandes Braga** — Teófilo Braga nasceu grande poeta. Se a sua ambição, mal disfarçada em modéstia artificiosa, o não desvairasse num plano de poligrafia demolidora — que talvez ingenuamente julgasse ser reconstrução genial — o poeta da *Visão dos*

Tempos não desmaiaria diante do retórico da *Legenda dos Séculos*, e antes o venceria em elevação, sobriedade e novi-classicismo resplandecente.

Nas *Folhas Verdes*, sua estreia, há talento e sentimento, há arte e vida. Na primeira parte da *Visão dos Tempos*, há, mais do que talento, génio. Se Teófilo, moderando mais a ansia do scientismo, tivesse então deixado fluir o estro magnífico que revelou, Antero ficaria em segundo lugar, e teriamos de-certo uma grande epopeia nacionalista. Não teriamos na edição definitiva da *Visão dos Tempos* uma pequena série de trechos admiráveis, logo asfixiados por pedaços enormes de desastrada poesia scientifica e por evocações sectárias de figuras, ao sabor duma orientação tão mesquinhamente positivista que esteriliza os melhores vôos do poeta e converte o patriota em inimigo certo da Pátria. Mas as hesitações que os seus próprios admiradores logo lhe notaram, e viram confirmadas nas *Tempestades sonoras*, eram, infelizmente, obra e sanha do pendor sectário de Teófilo, da sua soberba desmedida de scientista e propagandista. O poeta tinha, pois, de imolar-se à febre de se coroar pensador e sabio. Se a *Ondina do Lago* revela em Teófilo um artista delicioso, fulgurante de delicadeza, primor e sóbrio sentimento, predominava na compleição do robusto polígrafo a alma dum avaro, que amealha sofregamente, e até sem método superior, numerosas e

confusas riquezas. A sua própria prosa se viu despojada de ritmo e côr, em nome do plebeismo inculto, ou da teorização sêca e variada. Várias fobias acompanharam o seu senso crítico, acabando de aniquilar-lhe o senso estético, a ponto de detestar, como indigna do progresso, a melhor poesia. Enfim, Antero suicidou-se fisicamente, depois de minado por dúvidas que ficavam sem resposta. Teófilo suicidou-se moralmente, depois de se julgar invencivel no seu sectarismo positivista, estruturalmente anti-scientifico e anti-poético e, portanto, anti-nacional. Por isso, a *Visão dos Tempos*, infeliz tentativa de simbolismo scientista é um colosso cheio já de carucho e fuligem, uma disformidade pesada que ninguém mobiliza nem consulta. Qualidades dos melhores trechos; *a)* pensamentos elevados; *b)* sentimento desartificioso; *c)* expressão modelar de clareza, graça e vida; *d)* visão profunda do passado.

Defeitos; *a)* monotonia; *b)* versos duros; *c)* prosaismos excessivos; *d)* filosofia anti-scientifica, anti-artística e anti-patriótica, a-pesar-das intenções. Ora os defeitos aniquilam quási completamente as qualidades na maior parte do poema — que no seu conjunto dá a ideia dum tropel de rimas, frouxas ou ásperas, a deixar emergir por maravilha algumas belezas surpreendentes (1).

(1) *Teixeira Bastos* (+ 1901) foi discípulo ardente de Teófilo até na poesia. Atesta-o o seu livro *Rumores vulcanicos*.

9 — Teófilo Braga (1843-1924) nasceu em Ponta Delgada (Açôres). Com as asperezas duma autentica madrasta, que lhe exacerbou o espírito, nativamente melindroso e vingativo, mas muito dissimulado, adestrou talvez as suas tendencias para a rebeldia e para a simulação da humildade. Assim fêz o curso dos liceus e, ao mesmo tempo, aprendeu a arte de tipógrafo. Em 1858, fundou em Ponta Delgada o semanário *Meteoro* onde se afirmou prosador e poeta. No ano seguinte, publicou as *Folhas Verdes*.

Nisto, pensou em ir ganhar a vida na América do Norte. Teófilo foi sempre ambicioso, e agora as cruezas da madrasta inspiravam-lhe aquela fuga, que podia ser uma fortuna. O pai dissuadiu-o. Formar-se hia em Coímbra. Em 1861 estava na cidade universitária onde nunca teve alegrias nem devaneios de moço. Ali se formou, estudando com febre, lendo tudo sem grande método, afeiçoando-se às doutrinas revolucionárias, publicando obras sôbre obras, a-pesar-dos editores só as editarem de graça. Assim foi para Lisboa, onde conquistou com honra uma cadeira no Curso Superior de Letras (1872) e continuou a escrever sempre na defesa do positivismo e do ideal republicano.

Medíocre de bondade, a-pesar-de correcto chefe de família, faccioso por índole e por orgulho, tão implacável como subtil nos seus combates e represálias, impôs-se, porém, pelo trabalho colossal e pela teorização demagógica que lhe

valeu ser o Presidente do Govêrno Provisório da República. As honras oficiais, porém, com que foi inumado no panteão dos Jerónimos não tiveram eco sentido na verdadeira alma popular. Foram retintamente sectárias.

10 — **Abílio Manuel Guerra Junqueiro** nem tem a elevação de Antero, nem a naturalidade e sinceridade e o tom nacional de Simões Dias e João de Deus, nem a profundeza de vistas, desorientadas embora, de Teófilo Braga. Quando aparenta vôos do pensamento, ou decalca imagens e conceitos de Vítor Hugo, singularidades de Baudelaire e várias outras reminiscências, engenhosamente colhidas em diversos grandes poetas, ou explora em versos, visívelmente torturados, vistas paradoxais que aspiram à originalidade genial. Quando ostenta sentimento, o artifício anda tão perto dos requintes da expressão que raras vezes deixa uma emoção profunda, um rasto luminoso e benéfico.

Mas a sua habilidade verbalista, o seu extraordinário poder de transfigurar o que assimilava, a sua ironia acerada e crua, própria de um espírito semítico e maleável, elevam-no às vezes acima dos melhores poetas satíricos da nossa literatura, e dão-lhe, junto dos líricos, um lugar notável e inconfundível.

A Morte de D. João condensa os seu defeitos — som pelo som, apropriação astuta de conceitos e imagens, tortura mal dissimulada e ideas mais superficiais do que profundas — ultra-ro-

mantismo com afectações de realismo: e assinala-lhe as qualidades — técnica perfeita, variedade de tons e ritmos, côr, vida, eufonias novas, relâmpagos de ironia, às vezes genial. Insignificante na estreia — *Vozes sem eco* — medíocre no *Baptismo de Amor*, na *Vitória de França* e na *Espanha livre*, G. Junqueiro era incapaz de fazer grandes poemas, porque todos os falsos realistas, mais ou menos decalcadores, só são perfeitos em páginas soltas, feixes de impressões sem grande ligação lógica. Por isso, na *Musa em Férias*, livro primoroso, deixou bastantes versos modelares de fluência e até sentimento. Por isso, na *Velhice do Padre Eterno*, ao par de tantas trivialidades e desastres sectários, deixou no *Melro* tudo quanto havia de alto e vigoroso no seu estro, ao esquecer-se dos figurinos permanentes. Menos feliz no *Finis Patriæ*, celebrado com exagêro pelo espírito partidário, feliz nos tercetos primorosos de Nuno Alvares que é o que fica do *Pátria* — disformidade artística e filosófica, elevada às núvens pela febre sectária e pelo automatismo da crítica, — teve boa fortuna em muitas poesias dos *Simples*, mas sem deixar muito a impressão de uma emotividade desartificiosa (1).

(1) *Guilherme de Azevedo* (1846-1882) foi discípulo de G. Junqueiro, depois de o ter sido talvez de Guilherme Braga, na *Alma Nova*. Os outros seus volumes de versos *Radiações* e *Aparições*, tem um valor quási exclusivamente verbalista. G. de Azevedo, cronista chistoso no *Antônio Maria* e no *Ocidente*, não teve, como Junqueiro, seu mestre e colaborador na desas-

Nas suas obras póstumas, há reconsideração quanto aos ideais demagógicos e ímpios que inundam as suas obras, e talvez também a confirmação de um juizo austero (1). G. Junqueiro afectaria, como alguns políticos, desbragado ódio a crenças que, mais ou menos integralmente, nunca o deixaram. Assim, numa espécie de escândalo, servido por poderosas qualidades verbalistas, conseguiu êle um arremêdo de principado que nunca teve, porém, nem a amplitude nem até os benefícios da chefia despótica de António F. de Castilho. G. Junqueiro, mesmo quando velho e com longas e nevadas barbas, lembrava menos um pontífice do que um milionário de imagens e rimas. Nas aludidas obras póstumas, há completa ausência de qualquer *maneira nova*. Antes se verifica que era nêle permanente o amor do verbalismo, pacientemente instrumentado à custa dos devaneios e paradoxos mais palpitantes, ou dos lances mais sensacionais e atraentes.

11 — **Guerra Junqueiro** (1850-1923) nasceu em Freixo-de-Espada-à-Cinta. Freqüentou

---

trada *Viagem à roda da Parvónia*, o menor senso da arte dramática. A sua comédia *Rosalino* nem tem naturalidade nem hábil recorte.— *Fernando Leal* (1846-1910) teve bastante de Junqueiro na hugolatria, não só como tradutor de V. Hugo, que o foi com primor, mas também em várias poesias originais. Contudo, o seu *Livro da Fé* revela, além de apreciáveis dotes artísticos, um poeta bastante emocionado. Enfim, devemos citar ainda *Cunha Viana*, autor dos *Relâmpagos*, volume em que predomina a *maneira* de Junqueiro.

(1) Ultimamente, provou Alfredo Pimenta que Junqueiro quis corrigir vários excertos sectários do *Pátria*. Contrição tardia.

Fernando Leal.

Cunha Viana.

os preparatórios no Porto. Em 1870, era aluno da Universidade de Coimbra. Filho de lavradores abastados e que descendiam, talvez, como é freqüente em algumas regiões transmontanas, da raça semítica, Junqueiro manifestou depressa a sua ambição de montanhês e a sua habilidade entre astuta e sarcástica.

Encontrou no meio académico uma grande efervescência demagógica e entregou-se lhe com estratégica progressão. Contudo, se literàriamente já era audaz demagogo, na vida prática caminhava com cautela e muito senso positivo. Atacava as instituições, mas colhia os proventos oficiais que lhe era possível grangear. Assim foi secretário dum govêrno civil. Assim foi deputado monárquico na esperança — segundo disseram — de conquistar uma boa situação burocrática. Mas, vendo-se mediocremente apreciado como parlamentar — produziu um discurso, notável apenas pelas antíteses à V. Hugo — aderiu ao partido republicano num rasgo de nacionalismo decorativo. Ao mesmo tempo, entregava-se com singular ardor ao comércio de velhos móveis e quadros, comércio em que era muito perito, e que não abandonou completamente, quando se viu abastado viticultor. Muito mais generoso de vocábulos e imagens do que de ideias e enternecidos sentimentos e actos, foi nosso ministro na Suiça, mas deixou o seu cargo sem ter feito qualquer obra sólida. Obsecado pelo figurino de Hugo, escreveu muitos

trechos de prosa, que, excepção feita dos *Contos Infantis*, traduzem um idealismo imaginoso e aventureiro, sem nenhuma conclusão profunda e positiva. Por isso, a sua conversão ao catolicismo, que, a rigor, nunca repelira na essência, foi incompleta, chegando a parecer a muitos que nela pretendeu Junqueiro apenas conquistar a benevolência da actual mocidade, entranhadamente católica.

12 — **António Nobre** — É mais um ultra-romantico com algumas vestiduras de realista. Mais mórbido ainda do que Soares de Passos, seu irmão sentimental, o grande talento poético, que tinha, impôs-se mais pela torturada extravagância formal — que, tornada hábito, se converteu em maneira inconfundível — do que pela elevação das ideias e pela delicadeza do sentimento, às vezes deprimido por um exagerado requinte. No *Só* há poesias admiráveis de novidade, verdade e bondade quási santa, e há poesias um tanto extravagantes de afectação, de propositada desordem métrica, de nevrose como que complacente com os seus maiores devaneios.

13 — A. Nobre (1867-1900) nasceu no Pôrto. Matriculado na Universidade (1888), a sua indisciplina mental e a sua morbidez física não lhe permitiram a formatura em direito, que pretendia. Em 1890, foi para Paris, e, melhor de saúde, ou mais corrigido nos seus ímpetos ingénuos, logrou na Universidade parisiense o que não pudera conseguir na portuguesa. A tuber-

culose, porém, invadiu-o, se é que já o não avassalava na terra natal. A nostalgia da pátria medrou com natural exagêro de dôr no seu atormentado espírito, servido por um organismo em ruína. Daí a singular e estonteadora vibração sentimental do seu estro.

14 — **José Joaquim Cesário Verde** — É o maior poeta realista depois de Simões Dias e de João de Deus, mas tendo, mais do que eles, o tom objectivista da nova escola. Contudo, não tinha os defeitos do vulgar realismo, e não é raro patentear também as melhores qualidades do romantismo. Por tudo isto, é muito mais poeta do que Junqueiro, muito mais artista do que Teófilo, e muito mais seguro intérprete da vida nacional — decadente e mórbida — do que o próprio Antero. Qualidades: *a)* naturalidade; *b)* observação profunda; *c)* sentimento sincero; *d)* ironia finíssima; *e)* arte sóbria, mas colorida. Defeitos: algumas afectações formais, a maculare m a naturalidade; *b)* certa morbidez pessimista; *c)* prosaismos. *O Livro de Cesario Verde*, publicado e prefaciado por Silva Pinto, é o melhor, sem duvida, da nossa poesia objectivista, sem que deixe de ter belos relampagos de subjectivismo penetrante.

15 — C. Verde (1755-1776) nasceu em Lisboa. Teve uma vida sem relêvo e bastante curta. Trivial na sua estreia, orientada por figurinos predominantes, conquistou a superioridade, deixando os modelos em voga.

16 — **António Candido Gonçalves Crespo** — Foi um poeta que, dotado de bastante sentimento e dum raro poder expressivo, se enleou excessivamente na cultura da arte pela arte. Por isso raras vezes emociona e frequentemente nos oferece verdadeiras trivialidades de pensamento e emoção em versos quási sempre torturados e friamente correctos. Mais descritivo do que pròpriamente lírico, mais formal do que inspirado ou comovido, os seus livros *Miniaturas* e *Noturnos* distinguem-se principalmente pela elegancia e sóbrio primor do estilo (1).

17 — G. Crespo (1846-1883) nasceu no Brazil, mas de pais portugueses. Foi na Universidade condiscipulo de Simões Dias, João Penha e

---

(1) Manuel Duarte de Almeida (1811-1914) nas Estancias ao *Infante D. Henrique*, na *Alegria panteista* e na *Terra Azul* requintou a perfeição parnasiana de G. Crespo, dando-lhe um fio discreto de sentimento. *João Penha* (1839-1919) nas *Rimas* e *Ultimas Rimas* foi tão artista pela arte como G. Crespo, mas com uma ironia súbtil, que denunciava os lances dolorosos duma vida sempre acidentada. Bom regionalista mas muito passional, como que novi-ultra-romantico, foi *João Lucio* (formado em 1918) nos livros *O meu Algarve*, *Descendo*, *Nas asas do sonho*. António de Azevedo Castelo Branco (n. em 1843) afirmou se na *Lira Meridional* um lírico de suave tom regionalista em estilo despretencioso, mas com tons parnasianos.

Enfim, com muita arte pela arte ao serviço duma incredulidade, mais ou menos convencional, mas com muito talento e até com admiráveis rasgos líricos, celebrados por Camilo e por Silva Pinto, *Narciso de Lucerda* publicou em 1880 os *Canticos de Aurora* e depois a *Poesia do Misterio*. Por incompreensivel capricho da critica esse notavel poeta foi enterrado no maior olvido. E poderiamos citar ainda *Henrique Marinho* (finado ha poucos anos), *Vicente Novaes*, etc.

V.

Junqueiro. Desposou a escritora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

18 — **Antonio de Macedo Papança, Conde de Monsaraz** — Foi um poeta primoroso, a cada passo muito artista pela arte, mas com grandes reflexos do sentimento nacional e com evidências de subjectivismo superior. As suas *Obras* encerram algumas das melhores joias poéticas do seu tempo. Poucos como êle exprimiram tão primorosamente a intuição da vida regionalista.

18 — M. Papança (1852-1913) formou-se em direito na Universidade de Coimbra. Pouco afeiçoado a questões políticas, alevantou, patriòticamente a glória de Camões (poemeto *Catarina de Ataide*) em estâncias magistrais. Mas nada mais arbitrário do que apróximá-lo de João de Deus, cuja arte, até nas maiores torturas, era tão cândidamente simplista, que lembrava singulares improvisos. O estro de M. Papança traduzia muito esfôrço, e será esse o seu maior defeito.

19 — **Guilherme Braga** — O seu lugar devia de ser entre aqueles ultra-ramânticos que, mais minados pelo sectarismo, serviram de caminho e estímulo aos realistas vulgarmente chamados *satânicos*. Davam-lhe esse direito os seus panfletos em verso — *Falsos Apóstolos* e o *Bispo*, com muito de ultra-românticos na forma e nas ideias, na falsidade da ênfase e na desorientação filosófica. Mas o seu livro *Heras e Violetas*, conjunto de líricas às vezes admirá-

veis de verdadeiro sentimento e frescura (1), e com um belo realismo no seu tom passional, impõem-no como poeta verdadeiramente realista, a-pesar-de o ser dentro de naturais desigualdades. Em Guilherme Braga havia com intensa nitidez a dualidade do poeta nacional e do sectario por temperamento fogoso, por orientação errada e por influência quási irresistível da moda. Qualidades: *a*) inspiração fácil; *b*) riqueza expressiva: *c*) bastante precisão; *d*) sentimento mais ou menos artificioso, mas frequentemente empolgante. Defeitos: *a)* ênfase excessiva; *b)* constante rebuscamento de imagens; *c*) amoralismo sistemático. No *Mal da Delfina* deixou G. Braga uma feliz paródia à *Delfina do Mal* de Tomás Ribeiro. Essa obra é plenamente demonstrativa das suas faculdades de poeta satírico.

20 — G. Braga (1845-1874) teve uma vida boémia e bastante libertina. Salientou-se, com Urbano Loureiro, em várias campanhas cleró-fobas.

21 — **Hamilton de Araújo** — Poeta de grande inspiração e de arte primorosa, ás vezes um tanto parnasiana, e, donde a onde, sectária (Folhetins em verso na *Folha Nova*). Muito sentimento, naturalidade e côr. Mas, com frequência, bastante arte pela arte e também pessi-

(1) Júlio Dinis, nas suas *Poesias*, lembra ás vezes a suavidade lírica de G. Braga, mas nunca o seu vigor sentimental.

A sobrevalorização do Poeta menor Hamilton de Araújo.

mismo à sobreposse. Deixou *Canções dum boémio* e inúmeras poesias dispersas.

22 — H. de Araújo (1868-1888) foi um belo moço, iugénuo e talentoso, que se estreou, antes dos 16 anos, como poeta singular, na *Folha Nova*, jornal dirigido pelo célebre *Spada* (Emídio de Oliveira). Bondoso e alegre, teve uma vida inofensivamente dissipada, e, afinal, pungida pelas durezas do pai, o famoso latinista e professor Joaquim Pinto de Araújo. Matou-o a tuberculose aos 20 anos de idade no romper da manhã de 8 de Agosto de 1888. Fez uma bela traducção em verso do libreto da opera *Carmen*, de Bizet (1).

23 — **António Feijó** nas *Líricas e Bucólicas*, no *Cancioneiro Chinês*, *Novas Balatas*, etc., foi um requintado parnasiano, mas com freqüentes e empolgantes lampejos de sentimento nostálgico. Se pecou bastante na arte pela arte, o seu saudosismo e às vezes a amarga ironia revelam um lírico de primeira ordem. No *Sacerdos Magnus*, escrito para o Centenário de Camões, foi deveras poeta épico.

24 — António Feijó (1862-1917) foi ministro

(1) António Fogaça (falecido em 1888) nos *Versos da Mocidade*; Joaquim de Araújo (1858-1917) na *Lira Íntima*; *Eduardo Coimbra* (1864-1884) nos belos lirismos dos *Dispersos*, e até certo ponto *Alfredo Serrano* (falecido em 1904) na *Manhã Dourada*, obra dum inconfundível lirismo, mais português ainda do que o dos citados, têm na sua maneira bastante, pontos de contacto com o espírito poético de Hamilton. E poderíamos ainda citar *Duarte Solano* († 1915) no *Fumo*, *Rodrigo Beça* em formosos *Sonetos*, etc.

de Portugal em Estocolmo. Depois de viuvo, perdeu a alegria e até o melhor do estro. Os seus restos foram há pouco piedosamente trasladados para Ponte do Lima, sua terra natal.

25 — **José Duro** — Poeta pessimista e doloroso, mais sincero talvez do que António Nobre na profundeza da dor, mas exagerado bastante na intensidade verbalista, escreveu, depois dum livro mediocre, *Flores*, um livro de versos notáveis *Fel*.

26 — José Duro (+ 1898) foi almo da Escola Politécnica de Lisboa. Vitimou-o a tuberculose. A crítica tem condenado o seu nome a um olvido injustíssimo.

27 — **António Duarte Gomes Leal** — Foi um admirável lírico, e um poeta satírico de envergadura juvenalina. Original na veemência, no verbalismo imaginoso que vestia idealismos frementes, e ingénuos, mas que revelavam às vezes grande elevação mental e moral, o seu estro, infelizmente muito desvairado pelo sectarismo, tem um valor puro que Junqueiro nunca atingiu. Nas *Claridades do Sul*, encontra-se, com o melhor de Baudelaire e com possíveis influências de Rollinat, muito do sentimento nacional. Palpita nos próprios exageros formais e declamadores a alma grave e violenta da plebe. Nas desbragadas sátiras — A *Traição*, o *Hereje*, o *Renegado*, pode haver quaisquer reminiscências dos panfletos rimados de Hugo, mas há mais do que no autor dos *Chatiments*, a natu-

ralidade da energia e um sentimento que ilumina a mais descompassada hipérbole. O seu poder concepcional é grande, porque brota duma vibração sincera, dum espírito penetrante e dum coração generoso e intimamente enternecido. Não é o amor do escândalo, como insinua alguém, o que o faz vibrar. É uma rara coragem moral que, temendo a julguem menos digna da missão do poeta, exagera e convulsiona as atitudes para significar completo desdem de perigos e convicções absolutamente firmes.

Na *Historia de Jesus para as criancinhas lerem*, desentranhou G. Leal a sua bondade imensa, convizinha do lirismo mais cândido e tocante, e até da crença íntima que os hábitos boémios e a influência da incredulidade ambiente mais tinham sepitado do que exterminado. E o *Anti-Christo*, grande poema publicado três anos depois, se parece desmentir completamente o espiritualismo do poeta, também parece confirmar a versão de que o ditou, como nunca, a vaidade do autor, mortificado pelos remoques dos incrédulos que se mal humoraram com a doçura enternecida da *História de Jesus*. Mas tão dorida lhe ficou a consciência com tamanha fraqueza moral—nada parecida ao valor que tinha como lutador sectário—que, apenas entreviu a visão da morte, visão redentora a reconciliá-lo com a Fé perdida, refundiu dentro duma arte superior e de ideais elevados — embora não de todo ortodoxos — esse mesmo poema *Anti-*

-*Christo*, que a muitos parecera digno de Lucrécio.

Os seus numerosos panfletos-poemetos revelam, afinal, sempre mais ou menos, por mais sectários que sejam, o espinho da tortura, o rebate, às vezes mal sufocado, da fé íntima, formalistamente negada e agredida.

As suas últimas obras não deprimem o renome do poeta, que, tendo escrito com cativante lirismo a *Senhora da Melancolia*, deixou ainda geniais rasgos no seu derradeiro poema *Pátria e Deus e a morte do Mau Ladrão* — sátira excessiva decerto, mas com o cunho superior do velho combatente. Enfim, muitos e dispersos sonetos, admiráveis de frescura, vida, graça e sentimento, saíram ainda da sua pena trémula, poucos dias antes de morrer. São dignos de serem assinados pelos melhores e mais juvenis poetas do nosso tempo. Qualidades de Gomes Leal: *a*) espontaneidade; *b)* vigor expressivo; *c*) sentimento profundo; *d*) arte opulenta de eufonias e primores desafectados. Defeitos: *a*) superabundância de hipérboles; *b)* algumas subtilezas de difícil significado; *c*) repetição de epítetos; *d)* deslizes formais que indicam precipitação e excessivo entusiasmo (1).

(1) Tem bastantes parecenças ao seu lirismo, mas com um cunho original de mórbida paixão e fantasia, o poeta portuense *Alfredo de Carvalhais*, falecido há anos. Grande boémio, minado pelo alcoolismo, escreveu sonetos formosíssimos e às vezes enternecedores.

28 — Gomes Leal (1848-1921) nasceu em Lisboa. Foi na juventude empregado no cartório do tabelião Scola, e depois colaborador assíduo do *Século*, mal publicadas as *Claridades do Sul*. Ardente propagandista republicano e ao mesmo tempo excessivamente dado à vida dissipada, que o deprimiu com maus hábitos, como o do alcoólismo, sempre cavalheiroso e excêntrico, sempre lutador e sempre madrigalesco, a sua bondade era tão grande como o seu génio, mas também a sua desorientação filosófica era tão confusa como as noções que o poeta tinha da verdadeira realidade. Saliente janota e ruidoso conviva, de charuto sempre aceso e flôr na lapela, com vida de milionário, quando recebia honorários do trabalho, mas depressa padecendo verdadeiras privações por falta de senso económico, enfim, excessivo em tudo — na prodigalidade e na veemência, na bondade e na filosofia — morreu *pintando furiosamente o bigode*, como dizia o autor dos *Meus Amores*, fazendo versos a castelãs ideais e bebendo com sofreguidão trágica várias zurrapas, que classificava de deliciosos vinhos do Reno.

29 — **Angelina Casimiro Vidal** — Filha do célebre compositor Joaquim Casimiro, foi, sem duvida, uma poetisa de grande valor pela vibração e sinceridade do sentimento, pela arte — às vezes torturada, mas com um belo recorte, imaginoso e aprimorado — e pelo idealismo, deploravelmente desvairado, mas com freqüente e su-

Por se ter suicidado?! . .

gestiva elevação mental e com boas intenções moralizadoras.

Sectária pela influência do ambiente e talvez pela demasia das cruezas da vida, mas rica de poesia nativa, que trasbordava com grande poder dos seus próprios discursos de propagandista abnegada, entrevê-se muita bondade na sua arte, uma bondade que, a cada passo, deixa fuzilar ironias penetrantes ao par das mais sentidas lágrimas. No poema *Icaro* e nas *Florestas da Vida*, únicos livros de algum tomo que pôde coligir no meio da aluvião dos seus inúmeros e dispersos escritos, assinalam-se estas qualidades: *a)* expontaneidade sugestiva *b)* vigor e primor expressivo; *c)* sentimento amargurado e justiceiro, que, donde a onde, dá um inconfundível lirismo, entre gracioso e melancolico. Defeitos; *a)* abuso da ênfase; *b)* alguma arte, pela arte; *c)* uma ou outra obscuridade, a denunciar imperfeita orientação filosófica. A. Vidal foi também vigorosa jornalista, e escreveu, além de interessantes comédias infantis, formosos contos e críticas eruditas, e orientadas por um grande bom-senso e por um respeitavel espírito de justiça.

30 — Angelina Vidal, falecida a 1 de Agosto de 1917, foi uma trabalhadora eminente, mas infortunada. Cheia de caridade, que era extensiva aos próprios irracionais, vadios e lazarentos, sempre pobre e sempre inquieta, não teve um grande editor que a compreendesse, e protegesse. Infatigável no serviço dos humildes, ex

plorada por todas as espertezas militantes e desdenhada às vezes pelos que mais beneficiava, enfim, propagandista ingénua e generosa, que, prestando os maiores serviços, nunca teve pão certo na mesa e nem sequer, depois da morte, a consagração merecida, Angelina Vidal foi tão desditosa, quando sectária, como depois de convertida maravilhosamente ao catolicismo. Mas, descrente do ideal sectário que defendera e da justiça pura dos homens, morreu com resignação modelar.

31 — **Beatriz Pinheiro de Lemos** — Esta ilustre poetisa afirmou no poema *Anhelia*, dado a lume na revista *Ave Azul*, as seguintes notáveis qualidades; *a)* grande poder concepcional; *b)* rara sinceridade de sentimento numa grande elevação idealista; *c)* modelar sobriedade artística. Serão seus defeitos: *a)* alguma obscuridade na expressão do seu ideal filosófico; *b)* trechos de arte pela arte com certo cunho ocultista e novi-pagão; *c)* alguns prosaismos.

No *Anhelia*, em várias poesias soltas, algumas inesquecíveis de simbolismo luminoso, e em contos e críticas de poderosa arte e penetrante critério, nada propício a decadismos vulgares, afirmou muitas vezes Beatriz Pinheiro uma verdadeira genialidade, digna de referência e admiração.

32 — Beatriz Pinheiro (1872-1922) foi professora ilustre. Esposa do poeta e professor Carlos de Lemos, ainda vivo, fundou com êle *A Ave Azul*, revista literária muito prestigiosa, que se

publicou em Viseu. Quando professora num Liceu feminino de Lisboa, a sua faina pedagógica e o desgôsto de ver surdir sempre singulares embaraços ao simples plano de editar em livro o seu poema, afastaram-na das letras e especialmente da poesia. A sua filosofia, apesar de bastante cristã, na essência, tinha demasiados reflexos do ocultismo, (1) o que parece que afastava a confiança e a devoção dos editores.

33 — **António Cândido de Figueiredo** revelou logo na sua estreia *Quadros cambiantes* qualidades superiores de poeta. O dr. José Frederico Laranjo foi dos que esperaram de Cândido de Figueiredo, tanto como de Teófilo, de Sousa Viterbo e doutros grandes eruditos, um poeta de primeira ordem.

Essas esperanças confirmou-as plenamente Cândido de Figueiredo nos volumes *Tasso*, *Parietarias*, *Um Anjo Mártir*, *O Poema da Miséria*, *O Livro de Job*, etc. o que mais ou menos

(1) Orientação semilhante teve muito tempo o poeta escritor *Ângelo Jorge* (+ 1921) autor de *Via Dolorosa*, *Dor Humana* e doutros poemas, alguns radiosos de arte pura, mas singularmente desdenhados pela crítica vulgar. Católico integral nos seus últimos anos, escreveu além de opusculos apologéticos, de sciência pedagógica, higiene, etc., belas poesias religiosas, notáveis pelo lirismo sentido e límpido — *Henrique de Bettencourt* (+ 1919) dá bastante ideia do lirismo fluente de Ângelo Jorge, mas o seu tom é mais passional e mundano. Enfim, *Fernando de Lacerda e Melo* (1865-1918) conjugou nas suas belas poesias, dispersas pela imprensa do Rio de Janeiro onde faleceu, o simbolismo ocultista de Ângelo Jorge com o passionalismo de Bettencourt, mas imprimindo-lhe um tom filosófico, que se diria colhido em Alfredo de Vigny.

reeditou no seu livro de versos *Peregrinações*. Mas a sua predilecção pelos estudos linguísticos e pela crítica fez esquecer o valor do poeta que tem as seguintes que qualidades: *a)* naturalidade; *b)* sentimento muito português: *c)* técnica primorosa. Serão seus defeitos: *a)* bastante arte pela arte; *b)* monotonia; *c)* ênfases romanticas.

33 — C. de Figueiredo (1846-1925) foi um burocrata de modesta emergência, a-pesar-de condiscípulo na Universidade de vários moços fogosos que conquistaram mais estrondoso renome e provento de mais fácil colheita. Engolfado na erudição e na crítica, esqueceu-se tanto da arte pura como das ambições mais legítimas, a-pesar-de ver traduzidas algumas poesias suas em alemão e francês.

Autores dramáticos

1 — A literatura dramática, esgotado depressa o esfôrço dos poucos que tinham assimilado o que havia de bom e fecundo no espírito desorientadamente nacionalizador de Garrett, caíu nas mãos de dramaturgos e comediógrafos que não sabiam ampliar e aperfeiçoar a tentativa garrettiana, porque, a rigor, apenas lhe avistavam o verbalismo e os efeitos scénicos. E o ambiente mental e moral, corroído pelo liberalismo e pelo romantismo, correntes que iam preparando, dia a dia, o seu lógico desfecho no predomínio demagógico, já palpitante nas oligarquias partidárias, e na desnacionalização inevitável trazida pelo mau realismo, não podia nem depurar, corrigir e fecundar a tentativa de Garrett, nem continuá-la sequer com alguma consciência.

O nosso teatro, nascido em Gil Vicente e Simão Machado, refulgira em D. Francisco Manuel de Melo, e tentara aproximar-se daqueles génios em Garrett e um tanto em Mendes Leal, a caminho da perfeição. Mas não só a tentativa garrettiana fôra imperfeita, a-pesar-do seu grande brilho, como as conseqüências múltiplas da anarquia liberalista-romântica tinham de ser fatalmente opostas a qualquer obra nacional e verdadeiramente artística.

A monomania e a tara imitadora tinham,

pois, de prevalecer. O teatro industrializou-se mesquinhamente. Foram preferidos os formalismos que dessem mais dinheiro e palmas fáceis aos emprezários e autores. A imprensa, corrupta e insciente, favoreceu êstes interêsses, convencida de que se consolidava a si própria. Enfim, o gôsto do público perverteu-se tanto, que as traduções superabundaram, e, com elas, os melodramas inverosímeis, os verdadeiros panfletos sectários, melhor ou pior dialogados, ou peças informes e grosseiras, salpicadas de pilhérias obscenas, subversivas e até sacrílegas.

2 — **Marcelino de Mesquita** foi o dramaturgo eminente desta época pelo esfôrço honesto da sua genialidade, que só pecou bastante na orientação moral. Um sectarismo, às vezes excessivo, a-pesar-de pouco evidente, porque era tão subtil como íntimo, toldou as suas obras, pobres de fé e de espírito reconstrutor. Demasias de septicismo, requintes de racionalismo analítico em tiradas que são aparentemente líricas, mas que têm o poder duma acção corrosiva e demolidora, prejudicaram lamentàvelmente as peças de M. de Mesquita. Consagradas com estrondo e até com justiça, pena é que tanto desdenhassem, às vezes, do verdadeiro sentimento nacional. Contudo, tem qualidades superiores: (*a*) penetração psicológica; (*b*) visão clara e viva do meio e do tempo; (*c*) espontaneidade conceptora e sentimento entranhado e fremente; (*d*) grande conhecimento da arte scénica; (*e*) ele-

vação de idealismo e meio-termo de realismo
(f) estilo vigoroso, nítido, preciso, até nos rapto
líricos, alguns deles resplandecentes de genial
dade verbal. Os defeitos — alguma dureza, arb
trariedades de critério, um ou outro rebusca
mento de conceitos — passam quási despercebido
e não fortificam os pequeninos despeitos daque
les que insinuam, com singular agri-doçura, qu
M. de Mesquita não sabia escrever. No dram
histórico *Leonor Teles*, escrito em belos verso
espontâneos e vigorosos, ou no *Regente*, ou n
Pedro o Cruel, etc., o psicólogo só não nos d
mina absolutamente por lhe escassear às veze
o perfeito critério histórico, o que, contudo, o nã
estorvou muito na maravilhosa peça *Peraltas
Sécias*, e na *Frineia*. No *Velho Tema*, no *E
velhecer*, na *Dor Suprema*, etc., o realismo d
M. de Mesquita refulge quási sempre de perfe
ção e de verdadeiro sentimento humano, arra
cando as figuras em golpes de vida e paixã
com notável sobriedade de estilo e de expedie
tes scénicos. Os caracteres não acusam só co
pos, ou mórbidos arremedos de almas: são alma
que, até quando dominadas pelas taras fisiológ
cas, como que projectam soberanamente as v
brações, as alegrias e as angústias da consciênci
E as personagens pintam modelarmente o me
e o tempo, muito melhor do que a indument
ria e o scenário, até nos gestos, finamente subl
nhados, que, às vezes, substituem com vantage
a explosão pretenciosa das palavras.

3 — **M. Mesquita** (1956-1919) natural do Cartaxo, foi um médico quási sem clínica, e um homem de letras com poucos amigos dispostos a biografá-lo muito amoravelmente. Um tanto brusco, muito scéptico, com curiosas alternativas de vigorosa vontade e de silenciosa neurastenia, apresentou-se no teatro de D. Maria II com o drama *Pérola*, e enfrentou, num irónico sorriso, a procela desencadeada pelo seu gesto. Depois, tornou a bater ao ferrolho do Teatro Nacional. Levava o drama *Leonor Teles*, brilhante início dos seus triunfos. Desde então, trabalhou no romance, no drama, na poesia lírica e até na histórias com relativa actividade, que seria muito mais fecunda, se a nevrose e a propria psicose o não atormentassem freqüentemente.

4 — **D. João da Câmara** — Mais artista pela pela arte do que Marcelino de Mesquita, e por isso menos psicólogo, mas, contudo, muito mais cheio de crenças e dotado até de certa unção piedosa, as suas obras dramáticas manifestam as seguintes qualidades: (*a*) engenho bastante poderoso, que, às vezes, era de boa amplitude concepcional; (*b*) análise não muito profunda, mas extensa e interessante; (*c*) arte, nem sempre substancial, mas com deliciosos formalismos líricos; (*d*) visão assaz nítida do nosso espírito nacional; (*e*) sentimento que valorizava com rara fortuna a sua freqüente arte pela arte; (*f*) bom conhecimento dos efeitos scénicos. O seu maior defeito era o requinte formal, nem sempre opor-

tuno, ou verdadeiramente realista. Nos drama
históricos *Afonso VI* e *Alcácer-Quibir* foi m
nos psicólogo do que feliz no recorte dos lance
No *Pântano* manifestou um poderoso esfôrç
analítico. Nos *Velhos*, na *Rosa Engeitada*, n
Meia Noite, etc., o ultra-romântico quási se nã
avista em tantos belos pedaços de consciencios
e enternecido realismo.

5 — D. João da Câmara (1852-1908) foi um h
nesto engenheiro, e logrou um dia ter lazeres pa
se entregar à arte, sua preocupação de sempr
Muito religioso e digno, e, contudo, com hábit
singulares de quási boémio, a sua muita bondad
andava ao par do talento e da inspiração fácil (1

---

(1) Em plano secundário, mas com qualidades apr
ciáveis, são dignos de nota: *Abel Acácio de Almeida Botel*
(1854-1917) no drama *Germano* (com tiradas entre hugoan
e extremamente realistas), nos *Vencidos da Vida*, na *Jucund*
na *Imaculável*, etc.; comédias muito prejudicadas por u
amoralismo incorrigível e pela tortura e requinte de dicçã
Joaquim Alves Crespo (+ 1907) na primorosa comédia *Jógo*
Cartas, e *José Maria Sousa Monteiro* (1846-1909) no drama lírio
D. Pedro, no *Auto dos Esquecidos* etc., com excessivo purism
e muita arte pela arte; *Maximiliano Eugénio de Azevedo* (185
-1911) no drama, nem sempre feliz, mas com belas scen
Inés de Castro; *Francisco Rangel de Lima* (1839-1909) na *Co*
dessa de Freivial, etc., mediano psicólogo e conceptor; *Gerv*
sio Lobato (1850-1895) em várias peças cómicas — *O Burro*
Senhor Alcaide, *Grotescos*, *O Solar dos Barrigas*, etc., co
muito chiste, mas com frivolidades freqüentes; *Artur Urba*
Monteiro de Castro (1851-1902) na *Lisboa por um óculo*, et
com menos chiste e mais frivolidade do que Gervásio; *An*
nio de Sousa Bastos (1844-1911 fecundo autor de peças de vári
géneros, especialmente mágicas e revistas do ano; *José Inác*
de Araujo (1827-1907) autor de peças burlescas (*A princesa*
Arentela), que gozou sempre de uma extraordinária popula
dade pelo engenho e graça com que explorava as platei

Historiadores

1 — A História recebera de A. Herculano um grande impulso no sentido da investigação mais profunda e severa. Mas o espírito filosófico do Romantismo desorientara muito naturalmente tão auspiciosos progressos. Afinal Herculano, incompleto na sciência psicológica, deixava no seu pseudo-positivismo analítico o fermento da deplorável desorientação que substituia a extrema credulidade pelo scepticismo mais ou menos sistemático. Mais uma vez, a ausência do meio-termo — progresso só realizável dentro da verdadeira sciência — condenava a escola romântica a desnacionalizar e a frivolizar as nossas letras, quando mais julgava restaurá-las dentro

---

menos cultas (1). E ainda: *António José da Silva Pinto* (1848-1901) no drama sectário *Padre Gabriel: António Enes* (1848-1901) no drama sectario *Os Lazaristas* e nos dramas *O Saltimbanco*, *O Luxo*, o *Divórcio* e os *Enjeitados* (tão vigorosamente zurzidos por Silva Pinto nos *Combates e Críticas*); *António de Sousa da Costa Lobo* no drama histórico *Afonso de Albuquerque*; *Alberto Braga* (1841-1911) nas peças pouco ditosas *O Estatuário*, *A Irmã*, *A Estrada de Damasco*; *Teixeira de Queirós* na comédia *O grande homem*; *Manuel Laranjeira* († 1920) em várias peçazinhas libertárias; *Vaz Passos* na peça *Além do amor*; *Bernardino Zagalo* no popular, mas pouco feliz, drama *O Heitorzinho*; *Lino de Assunção*, nos dramas *Os Lázaros* e *Monsenhor*, e nas comédias *A Gramática*, *A Pátria na oficina*, etc.

(1) Às vezes, parece imitar os pesados chistes do P.e J. A. de Macedo na comédia dêste *O Sebastianista desenganado à sua custa*, etc.

do sentimento nacional e do verdadeiro espírit
scientífico. E os realistas, se avistavam as verda
des históricas com bastantes boas intenções
tinham de piorar os processos dos românticos
por isso mesmo que, talvez sem darem por isso
eram irresistivelmente impelidos por um funest
espírito desnacionalizador (1).

2 — **Joaquim Pedro de Oliveira Martin**
não é, rigorosamente, um historiador; é o auto
de muitas brilhantes páginas históricas, escrita
com freqüente desconhecimento da psicologia na
cional, e, portanto, com um espírito sempre dubi
tativo, mas fértil em interessantes paradoxos, qu
são ornamentados a miúde por formosos retrato
e descrições artísticas.

O. Martins, muito germanizado na educaçã
filosófica, via com facilidade alguns caracteres
algumas épocas, algumas anomalias da Raça
alguns aspectos ou mórbidos, ou inconseqüentes
Era um analista afortunado de vários defeitos,
entrevia às vezes bem a determinante de vária
qualidades. Mas não avistava fielmente o con
junto. Perdia-se demais em análises de as
pectos mórbidos da alma nacional, que apena
tinham — e ainda terão — certo poder de predo
mínio por causa da excessiva influência do facto

(1) Contudo, um historiador romântico. José Ramo
Coelho, (1882-1914) deixara, na sua magistral *História d*
Infante D. Duarte, um modêlo puro que devia fazer reflecti
os historiadores realistas.

internacional e da impune quási onipotência do Grande Oriente.

O. Martins era excessivamente cirurgião. Não tinha nada de terapeuta. Mas, como cirurgião, atribuia todos os males ao organismo, e, em vez de fortificar o doente, mutilava-o em amputações arbitrárias, ao mesmo tempo que o enfraquecia com constantes vaticínios de morte. Entretanto, deleitava-se a pintar a beleza e a saúde que o enfêrmo tivera, e fazia-o com tanta arte, relêvo e poder sugestivo da imaginação, que antidotava inconscientemente muitos perigosos venenos, ministrados por êle mesmo.

Nesses como que raptos de poesia, de-veras realista, possuia bons rasgos de intuição, de boa visão reconstrutora, mas sem método sólido e completo, como lastimàvelmente lhe sucedeu nas suas obras de filósofo e estadista. E, ao sentir-se intimamente desorientado, O. Martins, pouco dado a estudos de-veras profundos, apegava-se em excesso à arte pela arte, esquecendo-se de-pressa da importância sagrada e formidável da missão do historiador para assegurar o seu prestígio literário e intelectual, ainda que fôsse só à custa de frases belas e surpreendentes.

A sua preciosa *Correspondência* testemunha, melhor do que nenhuma outra obra sua, a convicção, que progressivamente foi tendo, da quási esterilidade das suas páginas mais brilhantes. E diz-nos também que, demasiadamente apegado ao figurino de Michelet, só para o fim

da vida foi lobrigando os aspectos da verdadeira reconstrução, por êle contrariada num desorientado realismo, que produziu quási sempre efeitos desnacionalizadores.

Oliveira Martins deixou análises felizes e resplandecentes *(O Brazil e as colónias portuguesas*, bastantes páginas do *Portugal Contemporâneo*, algumas das *Cartas Peninsulares*, quási todo o volume *A Inglaterra de hoje*, enfim, muitas cartas da sua honrada *Correspondencia)*. Mas a sua *História de Portugal* é principalmente um feixe de arbitrariedades com finalidade pessimista, e com o defeito de desvirtuarem às vezes verdades puras e simples, que deviam produzir efeitos diametralmente opostos às conclusões quási devaneadoras do historiador.

Oliveira Martins, encarando a Raça no seu todo, não a via, fantasiava-a mais à luz pobre das anomalias do que à claridade serena das leis sociologicas e políticas. Era preciso que a sua visão fôsse solicitada por indivíduos, mais ou menos simbólicos, por figuras que erradamente julgava agenerescentes, super-nacionais e até super-humanas, para que o pessimismo sistemático o abandonasse, destoldando-se-lhe muito a visão e enternecendo-se-lhe o sentimento. E, nêsse caso, fazia retratos ditosos e fulgentes *(Os filhos de D. João I*, o que deixou do *Príncipe Perfeito*, e *Nunalvares*, quási perfeito de linhas, desenhado com vigor e sentimento, se não com profundeza absoluta).

Mas nunca poderia ser o verdadeiro historiador, porque o tolhia o espírito do falso realismo, palpitante na *História de Civilização Ibérica*, evidente na própria *História da República Romana*, escrita com elegância, mas com mais habilidade do que penetração, enfim, de fácil presença no *Helenismo* e a *civilização cristã*, no livro sôbre *Os Lusíadas*, no *Sistema dos mitos religiosos*, etc,

Ao mesmo falso realismo se devem os seus pouco afortunados trabalhos *Teoria do Socialismo* e *Portugal e o Socialismo*, que seria estéril crueza denunciar como deploràvelmente carecidos de regular originalidade — carência mais desculpável nas laboriosas adaptações que constam do que escreveu sôbre aspectos sociais-políticos da sua pátria.

Oliveira Martins, nas suas obras de reconsideração, infelizmente muito tardia e pouco metódica, revelou, mais do que nas outras suas obras, as seguintes qualidades: *a)* vivacidade, quando não era profundeza analítica; *b)* superiores qualidades de psicólogo em quási todos os retratos; *c)* grande bom-senso na escolha de fontes que, apesar de pouco numerosas, tinham quási sempre bastante valor substancial; *d)* poder persuasivo, a despeito de várias falhas na dialética; *e)* poder descritivo e vitalizador; *f)* grande arte de narrar, que conseguia fazer esquecer as próprias contradições essenciais. Os seus defeitos principais serão, consideradas as

obras em conjunto: *a)* arbitrariedade fundamental de várias sínteses; *b)* verbalismo demasiado na exposição de princípios; *c)* freqüente amor da arte pela arte e de paradoxos temerários.

3 — Oliveira Martins (1845-1894) era de Lisboa. Orfão de pai aos 10 anos de edade, deixou os estudos do liceu. Aos 15 anos, era empregado comercial. Estreou-se com um pouco feliz romance histórico. Dedicou-se ao jornalismo, professando então ideias demagógicas. Em 1870, era administrador das minas de Santa Eufémia (Cordova, Espanha). Em 1874, domiciliou-se no Pôrto. Ali conheceu Antero de Quental, que lhe reforçou o pessimismo sectário e desnacionalizador. Em 1887, fez parte da Câmara dos Deputados. Fixou-se em Lisboa, e começou a enamorar-se da arte pela arte. Deixou por esse tempo o socialismo e o próprio ideal republicano. Acalentou a utopia de reconstruir o país dentro do liberalismo monárquico. Foi ministro. Fracassando na politica, depois de ter escrito, aliás, alguns interessantes livros sôbre economia (*A circulação fiduciaria*, e *Reorganização do Banco de Portugal*, etc.), ficou o simples homem de letras que, para muitos, era também notável filósofo e pensador. E então despertou nêle melhor o nacionalista. Uma morte prematura, porém, veiu inutilizar a reconsideração maior—já afirmada na sua obra, mais ou menos imprática, de homem público.

4 — **José d'Arriaga** — Foi um historiador

sectário, facciosamente liberal e com as aparências de realista — no sentido vulgar do termo. Intolerante, enfático, na exposição a cada passo apaixonadamente interrompida por acusações ou defesas nem sempre baseadas na perfeita sinceridade, José de Arriaga era, porém, bastante erudito, e às vezes manejava um estilo atraente. A sua *Historia da Revolução Portugueza de 1820*, a sua *Historia da Revolução de Setembro*, etc., oferecem bons subsídios, e até, involuntária e indirectamente, boas noções de verdadeira história.

5 — José d'Arriaga (1848-1921) teve sempre uma vida pobre, que talvez explique os seus facciosismos e azedumes. Morreu, sustentado pela caridade pública, num asilo. Fôra singularmente esquecido pelos poderes secretos que a sua pena, nervosa e excessiva, servira com zêlo ardente.

6 — **Teófilo Braga** escreveu, além de grossos e valiosos volumes sôbre a historia da literatura portuguesa, a *Hstoria das ideias republicanas em Portugal* e a *História da Universidade de Coimbra*, livros que, descontando o seu ferrenho e impenitente facciosismo, constituem um bom serviço histórico. Se não se recomendam sempre pelo critério, são opulentíssimos de subsídios.

7 — **Antonio de Sousa da Silva Costa Lobo** — Foi mais verdadeiro historiador do que os acima citados nas *Origens do sebastianismo* e na *Historia de Sociedade em Portugal no Seculo XV*, da qual só se publicou ainda o 1.º

volume, a-pesar-de a continuação manuscrita jazer nos arquivos da Biblioteca Nacional de Lisboa. Emerge como um laborioso e probo analista, com poucos graves erros sectários. Escreveu sem torturadas preocupações estilísticas, com uma grande serenidade, por assim dizer, clássica.

8 — Costa Lobo, nascido em 1840, era natural do Porto. Apaixonado bibliófilo e investigador, deixou a sua grande livraria à Biblioteca Nacional de Lisboa. O seu livro *Memorias de um soldado da India* (muito valioso) foi feito sôbre um manuscrito em português, que se guarda no museu de Londres. C. Lobo foi notável latinista. Traduziu, com anotações eruditas, oito sátiras de Juvenal, revelando inteligência profunda e honesta do original.

9 — **Anselmo Braancamp Freire** — Historiador mais erudito do que penetrante, e, contudo, com excelentes qualidades analíticas, revelou nos livros *Expedições e Armadas dos anos de 1488 e 1489*, *Brazões da sala de Sintra* e o *Conde de Vila Franca e a Inquisição*, qualidades de larga investigação e de critério judicioso, muito moderadamente sectário. A sua linguagem era correcta e poucas vezes difusa. No *Archivo histórico português*, publicação que dirigiu, ficaram, principalmente por trabalho seu, copiosos e úteis subsídios, dignos de inteligente consulta.

10 — Braancamp Freire (1849-1919) foi um político sinceramente liberal, mas muito tenaz

no seu excessivo idealismo. Aderiu à causa republicana num gesto sentimental. Contudo, implantada a Republica, não ocultou muito a sua decepção com o novo regimen, e furtou-se, quanto pôde, a emergências políticas (1). O seu honrado gabinete de trabalho foi o claustro onde se esqueceu das desilusões da vida.

---

(1) Outros historiadores ou subsidiários da História: — *Antero de Quental* no *Discurso sôbre as causas da decadência dos povos peninsulares nos séculos XVII e XVIII*. Erudição, sectarismo mais ingénuo do que voluntário. Estilo cheio de vigor. *D. Maria Amália Vaz de Carvalho* (1847-1921) escreveu uma obra valiosa sôbre o Duque de Palmela.

Bastante facciosismo liberalista, mas riqueza de subsídios e estilo elegante — *Marcelino de Mesquita* escreveu o livro *Quatro Reis impostores* ou os aventureiros, que depois do desastre de Alcácer Quibir, pretenderam ser o rei D. Sebastião. Obra de factura medíocre. — *José Barbosa Colen* (1849-1917). Escreveu o livro *Entre duas Revoluções*, encarando o movimento de Maria da Fonte (1848) e a Regeneração 1851). É quási uma simples e trivial enumeração de factos, com raras clareiras de crítica em estilo apressado, mas bastante correcto. As mesmas qualidades afirma Colen na continuação da *História de Portugal* por M. Pinheiro Chagas — *Cândido de Figueiredo* nos volumes *História Universal*, *História de Portugal*, *Generalização da História do Direito Romano*, *Noticia histórica dos antigos povos do Ocidente*, etc., revelou boa capacidade assimiladora, mas dentro dum critério integralmente liberalista. *Gabriel Victor do Monte Pereira* (1847-1911) escreveu, além doutras obras importantes, subsidiárias da História, *Ro-*

Romancistas e contistas

1 — O romance e o conto procuraram, nos alvores do Realismo, ainda mais a naturalidade e a simplicidade do que a pura realidade. Depois, foram enveredando pelo falso realismo. Predominou depressa a exibição sistemática de aspectos maus e até torpes, sem o contrabalanço dos aspectos opostos. A arte foi convertida em simples processo inventariante sob o pretexto de inexorável análise. O estudo, nitidamente fisiológico,

---

teiros portugueses da viagem de Lisboa à India no século XVI e XVII. Excelente método expositivo. Riqueza de documentação, linguagem correcta. *Pedro Wenceslau de Brito Aranha* (1833-1914), além de vários estudos de crítica literária e histórica, escreveu *Processos célebres do Marquês de Pombal — Subsídios para a história do jornalismo nas províncias ultramarinas — Mendes Leal — Memórias políticas* e *literárias. — António Maria Vasco de Melo Silva César* e *Meneses*, Conde de Sabugosa (1854-1923) fidalgo palatino, privado de El-Rei D. Carlos I, escreveu, com ática elegância e devoção tocante, *Donas dos tempos idos*, *Gente de algo*, *Neves de Antanho* e *Rainha D. Leonor*, deixando por concluir o livro *Bobos na côrte.* Muita erudição e sugestiva limpidez estilística. Sentimento e graça espontânia. Critério às vezes romântico. Poderíamos citar ainda *Heliodoro Salgado*, na história de *Insurreição de Janeiro;* Lino de Assunção (+ 1902) nos livros *As freiras de Lorvão*, *As monjas de Semide.* — *João Bonança* (1836-1924), ex padre, ardente socialista (*História da Lusitânia e da Ibéria; José Benedito de Almeida Pessanha* (+ 1927) nos *Almirantes Peçanhas; Eugénio do Canto*, *José do Canto*, *M. Borges Graínha*, historiador da Maçonaria, e que tinha um espírito parecido ao de *José Liberato Freire de Carvalho* (*Memórias*), e ao de *Sousa Monteiro* — (*História de Portugal*), etc.

afectou penetração psicológica, mas adaptando quási sempre superficiais figuras colhidas na França. E a linguagem desempastou-se na verdade, mas foi buscar sem pejo à língua francesa não só a clareza e a vivacidade, como novos vocábulos e nova sintaxe. E às vezes perfilhavam-se os mais repulsivos plebeísmos. Enfim, aproveitavam-se até os calões e as gírias, os resíduos piores da língua. É que a imoralidade do Romantismo, entrajada de primores lânguidos, despia agora todos os véus em nome duma sinceridade que, a rigor, era cinismo. O tôrvo espírito filosófico, que dera grande poder e até, fácil glória, à desorientação romântica, concluia a sua obra negra com um menosprêzo irónico e insolente do verdadeiro espírito e do verdadeiro sentimento nacional.

2 — **Joaquim Guilherme Gomes Coelho**, ou Júlio Denis. Êste romancista iniciou o Realismo no romance, talvez por sugestão do *Pároco da Aldeia*, uma das mais felizes tentativas de Herculano dentro do seu romantismo ingénuo. Mas, se os inciadores das escolas mais funestas em geral são empolgados depressa pelo espírito mais ou menos latente e subversivo dessas escolas, Júlio Denis, levemente tocado de sectarismo liberalista, não se despenhou. Valeu-lhe o grande fundo moral. Salvou-o talvez o ultra-romantismo íntimo, que êle soube corrigir com uma observação honesta e singela. Enfim, a solidez da sua fé religiosa e da sua moralidade nativa, de-veras

impecável, couraçou-o contra o fácil deslize no realismo petulante. Não era amigo do escândalo, da crueza, da licença, ora brutal, ora sibarita e janota. Não padecia de nevrose scéptica e anarquista, ou desbragadamente blasfema e desnacionalizadora. Além disso, Júlio Denis, bondoso, mas clarividente, colheu com tanta honestidade na vida real as suas figuras, que são geralmente conhecidos os nomes dos modelos. Qualidades de Júlio Denis: *a)* observação arguta, mas como que caritativa diante dos defeitos; *b)* concepção poderosa, mas dentro de moldes muito despretenciosos; *c)* sentimento étnico, muito enternecido e generoso, que predomina nas próprias belas paisagens; *d)* linguagem simples e correntia. Serão seus defeitos: *a)* alguns excessos de lirismo; *b)* alguns requintes, nem sempre lógicos, de optimismo; *c)* um pouco de sectarismo anti-fradesco; *d)* freqüente falta de relêvo expressivo (1).

As Pupilas do Senhor Reitor, Uma Família Inglesa, a Morgadinha dos Canaviais, os

---

(1) Perfilhamos bastante as seguintes afirmações do dr. José Frederico Laranjo (vid. *A Biblioteca municipal de Castelo de Vide* (*História de uma livraria*), *por P. M. Laranjo Coelho*, *Coimbra*, *1927*): — O mais nacional de todos os romancistas portugueses, o mais intenso e intimamente português, é o que adoptou o nome de Júlio Denis, e que até na modéstia, na falta de ousadia, foi português. É o romancista lírico, idealista nas figuras que levanta, nas paixões que descreve, mas conservando umas e outras dentro do possível e mesmo do usual, e realista, dum realismo são nas descrições...

Não conhecia a língua como Camilo, não tinha a sua mobilidade de sentimento, que tão depressa levava ao chôro

Fidalgos da Casa Mourisca e os contos insertos nos *Serões da Província* representam o que de melhor nos tem dado o romance realista em Portugal. Do espírito crítico e filosófico de Júlio Denis, fala nitidamente a obra póstuma *Inéditos e Esparsos.*

3 — **J. Denis** (1839-1871) formou-se em medicina no Pôrto. Em 1863, aos primeiros rebates da tuberculose hereditária, fixou-se em Ovar, onde conheceu os lindos modêlos, sugestores de quási todas as personagens dos seus romances. Em 1869, os progressos da enfermidade levaram-no desconsoladamente à Madeira, donde escreveu cartas interessantes. (Vid. *Inéditos e Esparsos*). Da Madeira veio três vezes ao Pôrto, onde a morte o colheu com 32 anos de idade, quando a sua resignação mais parecia auréola de santidade do que supremo esgotamento físico.

4 — **José Maria Eça de Queirós** — Êste notável romancista viu, a princípio, no Realismo a observação exclusiva dos defeitos e vícios humanos. E por então — fàcilmente o prova parte da póstuma *Correspondencia* — o intento

---

omo ao riso, mas era menos sêco nos seus planos mais puro as suas concepções, e tinha mais e melhores olhos para a atureza e para a sociedade... Quanto mais não vale Júlio Denis do que Eça de Queirós! É, todavia, um doente de orpo e espírito, e cuja melhor obra *A Cidade e Serras* é ma troça às suas primeiras concepções, tem uma estátua; e outro, são de espírito e doente de corpo, parece que morreu té para a glória... Gomes Coelho é, a nosso ver, o primeiro omancista português de todos êles, mesmo acima, sob êsse specto, de Garrett e de Herculano.

principal dele nem era moralizar nem cor rigir.

Afectava antes o propósito de escandalizar e mofar, de exibir arte e de demolir usanças tradicionais. Nessa época, Eça parecia profundamente egoísta e até autólatra.

Como nitidamente o confessa êle próprio estava desnacionalizado no espírito e no sentimento. Observador profundo, mas procurando horizontes curtos, Eça por muito tempo se afigurou a todos um teimoso fisiólogo, mais ou menos cruel e exagerado, mas com medíocres aptidões de psicólogo. Julgaram-no atacado por uma espécie de ambição de super-homem da análise e da crítica. Só assim explicavam o seu aparente desdém pela verdadeira realidade, que é o contraste do bem com o mal, da saúde com a doença, da virtude com o vício. Só assim explicavam o seu sistemático menosprêzo da vernaculidade e até da fidalguia da língua.

Mas, com o rodar dos tempos, notou-se que o transviado, mais ou menos, vítima de contágios amorais no seu convívio com grandes desvairados, ia tendo pungida consciência de tanta morbidez e procurava até ganhar saúde e equilíbrio. Os seus sarcasmos — a princípio mais mórbidos do que brilhantes — foram então ganhando a subtileza e o primor genial das grandes ironias. O seu pessimismo quási fanático suavizou-se tocantemente, deixando passar relâmpagos e sorrisos de bondade e de fé. Enfim

a genialidade moral, que nêle parecia ausente, surdiu, um dia, como joia que estivera abismada num tumulto de figuras e lances, ora ridículos, ora monstruosos. Começou bastante tarde — mas com fulgor imperecível — a formosa obra da reconsideração, da penitência reconstrutora. Até ali, emergira o homem de maior ou menor talento, verbalista estrangeirado, artificioso, até convencido de plagiário, rico de poder descritivo, e já com manifestações de grande psicólogo, mas a estorcer-se num sectarismo que parecia voluntário. Agora, era o homem de génio que compreendia, enfim, e já perfilhava, o espírito e o sentimento nacional. Com os remorsos de tantos desvarios, trazia uma formosa plasticidade artística e uma consciência nova. Assim vinha reconciliar-se sinceramente com a linguagem vernácula e com a linda alma da sua Pátria. Tudo isto nos é nitidamente indicado pelas suas obras. O seu livro *Prosas Bárbaras* é um amontoado de extravagâncias sem grande coesão e sem espírito disciplinado. Parece querer apenas escandalizar, chamar a atenção e o espanto. No *Mistério da Estrada de Sintra* — de colaboração com Ramalho Ortigão — foi um principiante a dar largas à fantasia dentro dum entrecho por demais sensacional, ainda que bastante verosímil. Eça evidenciava assim muita habilidade para os romances-folhetins que não reclamam elevação de ideias, qualquer orientação filosófica, e nem até grande beleza de estílo. No *Crime do Pa-*

dre Amaro (1875) — que a crítica fácil (1) chama profundamente moralizador — Eça evidencia mais crueza na exibição do vício do que qualquer sério intento de o punir ou reprimir. Mas, se predomina muito ainda o falso realismo, entrevê-se já a superior capacidade observadora do autor e fulgem muitas das qualidades brilhantes que mais tarde revelou dentro de melhor orientação moral. No *Primo Bazilio* (1877), Eça patenteia a maior subserviência ao espírito estranjeiro — descrição de requintes viciosos, pessimismo sistemático, afrancesamento lamentável da língua — mas salva-se e eleva-se, pondo de parte o fisiologismo francês na figura vigorosa e verdadeira de Juliana, na caricatura feliz do conselheiro Acácio e nas linhas vagas, mas confortantes, de Sebastião. Um pouco mais verdadeiro artista e realista nos *Maias*, muito próximo do verdadeiro Eça nas *Cartas da Inglaterra*, parece recuar depois na *Relíquia*, ostentando um scepticismo corrosivo. Mas, se o vemos apegado a excessivas reminiscências doutros — reminiscên-

(1) E' bastante engraçada a crítica facciosamente defensiva que diz haver tesouros de moralidade neste romance para quem o souber entender. Mas, se é preciso tanto esfôrço para ser lido com fruto, deixa de ser *realista*, é um *livro sibilino*, que o autor devia ter enriquecido com notas preventivas e claras. Admitidos tais processos defensivos, a própria pornografia pode ter um fim moralizador. Não há então livros imorais — porque todos os autores podem argumentar com as suas boas intenções, ao escreverem obras que corrompem ou, na melhor das hipóteses, revoltam quem se não deixa corromper.

cias convencidas de plágios — deixa descrições brilhantes, o que ainda fez melhor no *Mandarim*, aliás impregnado de amoralismo elegante e até de desnacionalismo irónico. É na *Ilustre Casa de Ramires* e na *Correspondência de Fradique Mendes* que Eça de Queirós começa a desalgemar-se dos hábitos mórbidos do espírito e dos sibaritismos egoístas da arte pela arte. Enfim, no *Cidade e Serras*, nas *Últimas Páginas* e nas *Notas Contemporâneas*, mais ainda do que nos *Ecos de Paris*, a sua reconsideração revela um verdadeiro e inconfundível génio. É, porém, na *Correspondência* — a sua única obra póstuma, devéras digna do autor do *Cidade e Serras* — que a psicologia de Eça impõe melhor a sua genialidade moral, muito crédora de sólido renome.

Qualidades de Eça: *a)* análise muito sagaz; *b)* maravilhoso poder descritivo; *c)* cortante ironia, às vezes magistral; *d)* colorido, frescura e graça estilística. Defeitos: *a)* pessimismo doentio na análise e pouca orientação positiva na síntese; *b)* fatigante arte pela arte; *c)* sarcasmos excessivos e quási satânicos, em vez de saüdáveis ironias; *d)* barbarismos e requintes de mau gôsto.

5 — Eça de Queiroz (1845-1890) nasceu na Povoa de Varzim. Estudou no Colégio da Lapa (Pôrto), onde conheceu Ramalho Ortigão. Em 1861 freqüentou a Universidade, sendo um vulgar estudante. Em 1866, foi para Lisboa, e mergulhou com delícia o seu espírito num ambiente afrancesado. Em 1867 foi dirigir o *Distrito de*

Évora, dando um jornalista mediocre. Seis meses depois, regressou a Lisboa e colaborou na *Gazeta de Portugal* em folhetins mais ou menos interessantes, notáveis pela audácia paradoxal. Pertenceu então ao *Cenáculo*, centro de discussões livre-pensadoras e subversivas. Em 1869 viajou pelo Oriente. Em 1870, foi nomeado administrador do concelho de Leiria, mas para dar um funcionario menos que mediano por se aferrar exclusivamente à literatura. Em 1871 já estava em Lisboa e fazia no Casino uma conferência sôbre o realismo, recheada de definições muito em voga então na França. Colaborou até 1872 nas *Farpas*, onde, afinal, tinha de predominar o equilibrado espírito de Ramalho Ortigão. Em 1872 foi cônsul em Havana. Em 1874 era cônsul em New-Castle (Inglaterra). Em 1878 era cônsul em Bristol.

Enfim, no ano de 1888, foi transferido para Paris, onde o seu genio foi despertando, talvez muito dolorosamente, do torpor verbalista que o impedira de servir mais cedo o verdadeiro realismo. Arruinado de saúde, e de-certo pungido pelo tédio e até pelo desgôsto de si próprio, foi então que nos legou algumas verdadeiras obras-primas.

Perante o fulgor delas, a posteridade há-de esquecer-se indulgentemente da desorientação, mais automática do que voluntária, dos primeiros trabalhos de Eça de Queirós. E lembrará também, com enternecida justiça, quanto Eça deveu à influência moral da sua nobre espôsa,

e ainda ao espírito e amizade de Oliveira Martins, desiludido mais cedo do que êle.

6 — **Camilo Castelo Branco** — Oposto aos processos do realismo — a-pesar-de os ter preparado com amoralismo notório em alguns romances, apenas românticos na vestidura estilista — Camilo, ou por vaidade, ou por ironia subtil, escreveu também romances realistas. E, como o realismo, a despeito da sua afectada simplicidade, teve sempre como predicado maior um grande verbalismo, a disfarçar a pobreza substancial, Camilo não ficou, nem podia ficar, em plano secundário. Excedeu antes os melhores rivais na opulência, na côr e nas vibrações sarcásticas *Eusébio Macário, A Corja, Brazileira de Prazins,* etc. têm um logar de honra na literatura realista, até quando confirmam os defeitos próprios de Camilo — debilidade de realismo descritivo, freqüente ausência de tom português nas paisagens, etc. — defeitos constantemente obliterados por admiráveis e incomparáveis qualidades verbalistas.

7 — **Francisco Teixeira de Queirós** foi um parnasiano da prosa, acorrentado com teimosa rigidez ao positivismo que, muito convencionalmente, julgou poder valorizar no campo literário dentro do realismo. Determinista rígido, as suas qualidades de psicólogo não se afirmam, senão superficialmente. Visionador feliz dos aspectos concretos, deu-lhe relêvo à figura de analista o poder rigoroso das descrições. Nessa qualidade é

superior a Eça, mas sem o encanto da graciosidade, caprichosamente frívola, e, contudo, atraente e sugestiva, do artista do *Mandarim*.

Teixeira de Queirós é um fisiólogo sistemático, infelizmente incapaz de avistar uma alma nos entrechoques das taras, das anomalias, das doenças. Por isso é monótono, sêco e até automático. E, se o sentimento parece protestar, donde a onde, contra aquela impassibilidade glacial, dissipa-se como um artifício vago, que parece não derivar do coração e não procurar o coração de ninguém. Qualidades: *a)* análise, não profunda, mas laboriosa; *b)* disciplina rígida de ideias, pouco elevadas, mas notáveis pela sinceridade; *c)* correcção quási impecável da linguagem. Defeitos: *a)* visão quási constante da superficialidade; *b)* idealismo teimoso, deploràvelmente convencido de ser o verdadeiro realismo; *c)* requinte pretencioso do estilo.

T. de Queirós procurou em Balzac, na *Comédia Humana*, a sugestão das suas *Comédia do Campo* e *Comédia burguesa*. Mas só colheu a sugestão, porque, nos 18 volumes que constituem aquelas colecções, não há uma sombra sequer do verdadeiro espírito balzaquiano. Contudo, nos seus *Contos* menores atinge às vezes uma sofrível visão psicológica.

8 — T. de Queirós (1849-1919) nasceu em Arcos de Val-de-Vez. Em 1878 formou-se em medicina. Segundo depôs algures um grande médico e professor, seu condicípulo, — o Dr.

Adriano Claro Outeiro Montenegro — T. de Queirós foi muito mediocre estudante. Como sucedeu a Eça de Queirós, os seus condiscípulos julgaram-no de mediana inteligência e mais presumido do que valioso. Artista pela arte, o seu egoísmo não era, porém, desacompanhado de bondade normal. Foi sectário, na verdade, mas não trouxe para o arraial republicano, em que militou sempre, ambições insofridas nem megalomanias ridículas. Camilo achou-o gongórico. Contudo, o seu gongorismo, tantas vezes impenetrável, não andava a par do amoralismo íntimo.

T. de Queirós, espírito completamente desorientado, foi no trato familiar um estimável homem de bem. Enfim, possuia um talento muito mais robusto do que o que revelou nas suas obras, como que sufocadas por um sistematismo esterilizador. Foi, afinal, mais uma vítima do que um dirigente da escola realista.

9 — **Abel Acácio de Almeida Botelho** — Dotado de nativas e poderosas qualidades de psicólogo, o amoralismo, que o dominou por influência de temperamento e duma infeliz orientação filosófica, condenou-o a ser um fisiólogo de vista pouco segura, excessivo na predilecção pelos caracteres anormais e até torpes. O psicólogo adivinha-se em algumas personagens, ou antes, em algumas linhas dessas figuras.

Porém, fisiólogo raras vezes se impõe como modêlo de verdadeiro realismo. Abel Botelho ape-

gou-se ao figurino de Eça de Queirós, piorando-o na exploração do escândalo, decalcando-o até em várias reconsiderações fugitivas, mais ou menos sinceras, mas sem grande amor à realidade pura. Afinal, se tivesse sofreado o temperamento sensualista, dando largas, com rigidez, às boas qualidades de analista e paisagista — o livro *Mulheres da Beira* confirma êste asserto — o seu lugar seria de primeira ordem e sem temer confrontos com Eça, ou Bento Moreno. Como estilista, zelou, melhor do que Eça, a vernaculidade; mas, ambicioso de retumbantes efeitos, até aquele predicado estragou com requintes desnaturais, numa espécie de retorcimento afectado. Qualidades: *a)* observação perspicaz, ainda que desorientada; *b)* engenho na urdidura; *c)* bastante vernaculidade e riqueza linguística. Defeitos; *a)* pessimismo voluntário; *b)* arbitrário e pornográfico exagêro de más paixões; *c)* linguagem torturada e arrevesada, às vezes ultra-romântica, quando pretendia ser ultra-realista. Obras: *Livro d'Alda, Barão de Lavos, Amor crioulo, Os Lazaros* etc. Pretendeu versar a patologia social.

10 — Abel Botelho (1854-1917) era natural de Taboaço (Beira-Alta). Seguiu a carreira militar. Estreou-se no jornalismo provinciano, em Lamego, no *Beira e Douro*, onde escreveu uns alexandrinos notáveis por ocasião do Centenário de Camões. No mesmo jornal se revelou como polemista, contra Artur Costa *(Gas-*

tão de Sá), mas com mediocre fortuna. Foi viver depois em Lisboa, onde logo tentou emergir no teatro, numa luta ingente e crêspa, em que, porém, teve de recuar vencido. Pouco ditoso como poeta (*Lira insubmissa*), devotou-se ao romance. Ao mesmo tempo, escrevia no *Correio da Noite*, — fazendo algumas críticas literárias e um ou outro artigo, impregnado de fé monárquica. Mas em 1910, já coronel, ou tenente-coronel, aderiu com facilidade à República, que o fez ministro plenipotenciário em Buenos Aires. A-pesar-do seu notório amoralismo, uma senhora legou-lhe a fortuna de doze contos, num preito de admiração singular. Essa generosidade, porém, pareceu recrudescer nêle o espírito um pouco avaro — que mais seria mêdo excessivo duma indigência nada provável. Fleugmático e trivial no convívio, tinha a palavra tardia e pouco incisiva, sem qualquer mostra do grande poder verbal que caracteriza os seus livros.

11 — **José Francisco Trindade Coelho** — Depois de Júlio Denis, é o romancista mais notável do realismo. Não é um romancista, porém, por ter escrito romances, e sim, porque nos seus *Contos* admiráveis — principalmente no *Os meus amores* — revelou qualidades do eminente romancista que poderia ter sido, se não preferisse pequenos quadros, livres de longos e pretenciosos enrêdos. Singelo e enternecido, de-veras popular, como na poesia o foram Simões Dias e João de Deus, T. Coelho dispunha de um desa-

fectado poder concepcional, de um estilo fluente, harmonioso e rápido, de uma ironia bondosa e piedosa, de grande psicò-vidência, a bem com as intenções mais puras de moralizar e edificar. Pecaria, aqui e ali, por algum trecho monótono, ou por falta de incisão descritiva? Talvez.

Mas as suas paisagens têm vida, frescura, pureza, graça, verdade, bondade. Os caracteres resplandecem, e sem lhe faltarem os artísticos claro-escuros que o verdadeiro realismo reclama. O espírito e o sentimento nacional elevam e fortificam enternecedoramente não só as páginas mais simples e correntias, como até aquelas em que pode haver qualquer exercício, sempre passageiro, sempre involuntário, de arte pela arte. J. Francisco T. Coelho era um disciplinado humanista.

12 — Trindade Coelho (1861-1908) nasceu em Mogadouro (Trás-os-Montes). Estudou num colégio do Pôrto e formou-se em direito na Universidade de Coímbra. Delegado em várias comarcas provincianas, em 1890 era magistrado na capital. A sua honestidade e o seu talento impuseram-no logo ao respeito de todos. Publicou vários livros jurídicos, muito considerados, e, além de *Meus Amores* e *In illo tempore* — belo feixe de impressões académicas — escreveu dois livros de educação cívica, orientada ingènuamente pelo liberalismo. Mas a honradez verdadeiramente transmontana do seu carácter não pôde transigir mais tempo com o meio, sectário

e inconseqüente, que êle servira dentro das intenções mais puras e patrióticas. A neurastenia sobreveio ao desgôsto. Enfim, uma grande morbidez e uma incompleta orientação filosófica do seu espírito prepararam com teimosia o golpe deplorável do suicídio, a 9 de Agôsto de 1908.

13 — **José Valentim Fialho de Almeida** deixou nos seus contos o cunho de um romancista de génio. *Contos, Lisboa Galante, A cidade do vício, O País das Uvas*, etc., contêm páginas fulgurantes, pedaços cheios de vida, que, ligados por uma urdidura disciplinada, podiam ter dado grandes romances, notáveis pelo seu realismo superior. A análise é penetrantíssima, por mais que a falseiem a arbitrariedade e a hipérbole. O colorido é intenso, poderoso, ainda que o apouque a afectação, ou o macule o ultra-realismo. Enfim, o sentimento protesta muitas vezes contra a freqüente ostentação de cinismo, sem embargo da morbidez habitual de movimentos e crises, mais fisiológicos do que psicológicos. E a linguagem, se, ao contrário do que diz um crítico fácil — não atesta verdadeira arte de escrever, tão torturada e até asiática ela é, desfeada por um enfermiço mau gôsto — vê-se rugir em caudal, demasiadamente cortado, na verdade, de cachoeiras bastante inoportunas e arbitrárias, mas com opulência, vida e originalidade em tamanha turgidez. Pena é que os barbarismos a toldem com impertinência e que o esfôrço dos conceitos, esfôrço às vezes mórbido, também a desnature. Lamen-

tável é enfim que a ironia, a cada passo inimitável de finura e de tom burlesco, peque muitas vezes pelo despejo sarcástico, que mais parece explorar o escândalo do que tempestuar ao serviço ardente da verdade e da beleza. Qualidades; *a)* visão genial de caracteres e aspectos; *b)* sentimento étnico, muito regionalista, às vezes piedoso, a despeito das mais forçadas ironias; *c)* grandes aptidões descritivas, nas quais, como em nenhum autor nosso, parece emergir a própria psicologia das coisas. Defeitos: *a)* pessimismo doentio e agressivo; *b)* afectação de moralismo; *c)* difusão verbalista, menosprezadora da vernaculidade e bastante cultora da arte pela arte.

14 — Fialho de Almeida (1857-1911) nasceu em Vilar de Frades (Alentejo). Estudou num colégio de Lisboa. A pobreza dos pais fê-lo praticante de farmácia. Logrou depois concluir os preparatórios e matricular-se na Escola Politécnica de Lisboa. A morte do pai agravou-lhe, porém, as dificuldades da vida. Teve de sustentar-se com as migalhas que a pobre mãe podia dispensar-lhe, com leccionações e com artigozinhos em publicações obscuras.

Assim se formou em medicina, mas logo se apegou com fanatismo à vida literária. Salientou-se de-pressa na luta anti-monárquica com excessiva energia. Mas, quando o franquismo em 1907 tentou salvar o país, avistou honradamente o ideal sinárquico e renegou com coragem do seu passado demagógico. Não o impulsionou a

ambição, porque nunca pedira qualquer sinecura. Com a energia de sempre, uma energia pungida pelos remorsos mais íntimos, e portanto irremediàvelmente acerba, e com o conhecimento pessoal e profundo da psicologia de vários agitadores, achou inspiração bastante para flagelar sem piedade alguns políticos triunfantes em Outubro de 1910. Mas os antigos correligionários revoltaram-se e ameaçaram-no. Perseguido, dilacerado de alma, remordido pelo desalento, refugiou-se na terra natal. Morreu pouco depois em Cuba, não por meio do suicídio — como inventaram, tentando atribuir a suposta apostasia à demência — mas despedaçado pelo remorso de ter favorecido uma decepção que se lhe afigurou sinistra.

15 — **José Duarte Ramalho Ortigão**, afirmou-se maior romancista nos seus contos — *Histórias côr de rosa*, etc. do que no *Mistério da Estrada de Sintra*, escrito com a colaboração de E. de Queirós. Se nos contos fica bastante longe dos livros de crítica, de viagens e impressões, ombreia, contudo, com os melhores contistas, quando os não excede no estilo, no verdadeiro realismo, raras vezes salpicado de exotismos crus ou pretenciosos. Qualidades: *a*) análise penetrante e serena, sem grandes exageros pessimistas; *b*) colorido sóbrio, mas intenso; *c*) fisiologia superiormente tratada, precedendo às vezes belos aspectos psicológicos; *d*) sentimento sincero, patriótico e até intimamente religioso, a-pesar-da sua excessiva transigência com sectarismos em

voga; *e*) intenções claramente edificadoras e honestas dentro dum bom senso incomparável; *f*) estilo modelar de limpidez, flexibilidade, harmonia e graça, incomparàvelmente irónico, patenteando o melhor meio termo e o mais feliz equilíbrio de todas as faculdades. Defeitos: *a*) algumas pretenciosas atitudes didáticas; *b*) maneirismos afectados; *c*) alguns visíveis esforços humorísticos à custa de meros jogos de palavras; *d*) afectação de amoralismo, sob o pretexto de boa arte pela arte.

16 — Ramalho Ortigão (1837-1915) nasceu no Pôrto. Estudou no Colégio da Lapa, dirigido por seu pai, Joaquim da Costa Ramalho. Era já professor nesse colégio, quando conheceu Eça de Queirós, que foi seu discípulo, e a quem se afeiçoou paternalmente. Ramalho, além de professor, era jornalista. Em 1866 escreveu com independência sôbre a questão coimbrã. Em 1868, escrevia o seu livro de impressões *Em Paris*. Em 1869 foi viver para Lisboa. Em 1871, encetou a publicação das *Farpas*. E desde então, não com muita fecundidade, mas com primor, bom senso e graça, avultou na crítica e no género impressionista e descritivo, tocando por vezes com maestria em vários problemas sociaes. Como Fialho, Angelina Vidal, Gomes Leal, e outros, abandonou por fim o campo demagógico e sectário, que, aliás, ocupara sempre com moderação e fidalguia, e defendeu o ideal sinárquico e a própria fé católica que para o fim da vida professou

com nobre coragem moral. Ramalho Ortigão era um homem dotado de grande beleza varonil, cheia de saúde e sugestiva distinção. Serenamente bondoso e desafectadamente probo, tão amigo da elegância como da boa higiene, a sua figura desempenada e robusta predominou no seu tempo, como modêlo raro de saúde, energia e método (1).

---

(1) No romance e no conto realista devemos notar ainda: *Cândido de Figueiredo* nos livros *O Bacharel Ramires, Amores de um marinheiro, Contos*, etc. — *António de Campos Júnior* (1850-1917) que se assinalou no romance-histórico (*Guerreiro e Monge, Luís de Camões, Marquês de Pombal, A Visão de Jesus*, etc.). Boa imaginação, mas estilo pouco vivo. Bastante amor do nacionalismo, mas com fortes depressões de sectarismo liberalista. Um psicólogo pouco independente, por transigir demais com o que Sá Chaves chama a *história feita*. — *Júlio Lourenço Pinto* (1842-1907). Nasceu no Pôrto. Foi secretario geral de vários govêrnos civis. Seguiu com paixão Zola e Flaubert, escrevendo os romances *Senhor Deputado, o Homem indispensável* e o *Bastardo*, e vários contos. Mediano em concepção e estilo. Mais sistematismo do que elevação. *Francisco Gomes da Silva* em romances sectários, mas com bastante primores formais, e *Faustino da Fonseca* — sectarismo ingénuo, erudição sem critério, arte muito verbalista, como quando afectou ver a psicologia de figuras como as de D. Inês de Castro, D. Carlota Joaquina, etc. — reforçaram com pouco êxito a corrente do romance-histórico, desorientando-o muito mais do que Campos Júnior, superior a êles em sentimento sincero. Mas foi-lhes inferior *Eugénio da Silveira*, pouco mais artista do que *Leite Bastos* (*Tragédias de Lisboa*, etc.) ou *Carlos Pinto de Almeida* (*Os homens da Cruz Vermelha*, etc.) *Eduardo de Barros Lobo* (Beldemonio) (1857-1893) escreveu *Contos imorais, Musa loira, Viagens no Chiado*, etc., e foi excelente tradutor de Balzac e Zola. Muita arte pela arte. Requintes estilísticos. Às vezes ironias muito brilhantes. — *Alberto Braga* (1851-1911) escreveu em estilo atraente *Contos da minha lavra, Novos contos*, etc. Qualidades superiores na efabulação, na narrativa e na precisão estilística. Merecia muito maior nome do que o que lhe consagram.

Eloqüencia

A eloqüencia mais notável nesta Época é a parlamentar. A eloqüencia sacra apenas apresenta dois nomes dignos de maior nota. A eloqüencia académica é representada pelo nome dum orador que, distinguindo-se embora no púlpito e no parlamento, foi, a rigor, sempre um primoroso e verdadeiro orador académico.

Camilo Mariano Froes revelou bastante engenho e graça nas *Caricaturas à pena.* — *Bernardo Pinheiro Correia de Melo, Conde de Arnoso* (1856-1911), escreveu *Azulejos*, e *Jornadas pelo mundo*. Elegância artística. Simplicidade e sentimento, mas pouco poder concepcional. Matou-o o golpe moral que recebeu do regicídio em 1908, e que lhe inspirou nobres e amargos opúsculos com o título *Justiça* e alguns discursos vibrantes de indignação na Câmara dos Pares — Teófilo Braga escreveu *Contos Fantásticos*. Grande mediania, essencial e formal. — *Júlio Denis, Teixeira de Queiroz, Abel Botelho, Bernardino Zagalo* (*Contos da Beira Alta*) etc., deixaram contos interessantes. — Mas, como romancista e contista de qualidades eminentes, que competem com as de Júlio Denis, avulta principalmente *Carlos Lopes* (*Pedro Ivo*) (1842-1906) autor do tocante, embora ultra-romântico, romance *O Sêlo da Roda*, e duns *Contos* que Herculano, Camilo, Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Fialho de Almeida e outros encomiaram com honroso fervor. Sadiamente realista, apesar do seu formalismo romântico, distinguem-no as seguintes qualidades: *a*) observação exacta e profunda; *b*) sentimento cativante; *c*) linguagem fluente, às vezes demasiadamente poética, mas incisiva e graciosa, com uma pontinha de delicada ironia. Silva Pinto (*Combates e Críticas*) atacou-o com azedume excessivo e arbitrário. *Manuel Maria Rodrigues* (*Rosa do Adro*) diluidamente tentou servir o realismo honesto, e abismou-se em ultra-romantismo piegas e infantil. Mais feliz, ainda que, a rigor, foi apenas um contista, mas brilhante, se afirmou *João da Rocha* (+ 1921) em narrativas cheias de regionalismo pitoresco. Estilo flexível, às vezes, bastante modelar. Aproximada referência merece *Simões de Castro* (+ 1917).

Eloqüencia parlamentar

1—O maior parlamentar é sem dúvida *Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro,* palavra fluente, viva, scintilante de dialética e de primor solene. *José Maria Casal Ribeiro* excedia-o na substancialidade erudita e até na veemência, mas não tinha as suas magníficas qualidades improvisadoras, nem o engenho rígido da sua argumentação.

2—**Augusto Saraiva de Carvalho** dispunha duma verbosidade incisiva, rápida, persuadente. Prejudicava-o, porém, o espírito demagógico. Se não morresse tão prematuramente, teria talvez avolumado o esquerdismo monárquico, que abriu o caminho ao novo regimen.

3—**José Luciano de Castro** era preciso e, ao mesmo tempo subtil, até nos maiores raptos, e muito hábil e ágil no aproveitamento das fraquezas do adversário. *Mariano de Carvalho* aliava o muito saber, a elegância singela e desafectada e a lógica cerrada a uma ironia pronta, penetrante e desconcertadora. *José de Azevedo Castelo Branco,* dispunha duma eloqüência sóbria, fulgurante de precisão e vigor. *António d'Azevedo Castelo Branco,* irmão do precedente, era de uma fleugma notável na sua ironia e na sua singela argumentação. *José Maria de Alpoim,* aprimorado e veemente, pe-

cava pelo excessivo e até monótono verbalismo, mas dominava muitas vezes o parlamento com rasgos de retórica trovejante. *Manuel de Arriaga,* simples, sincero e vivo de tom, honesto de ideias, hábil dialético e quási sempre emocionado e desartificioso, tinha mais fôrça substancial do que formal, o contrário do que sucedia a *Alexandre Braga,* caudaloso, teatral, redundante, muito faccioso, mas tão temerário e enfático, em conceitos e argumentos, que fàcilmente estonteava e depois dominava o adversário.

Eloqüência sacra

1—**D. Augusto Eduardo Nunes** (1849--1920) Erudito e dotado de bom talento poético, êste ilustre arcebispo de Évora prègava com superior orientação filosófica e com dicção primorosa, às vezes empolgante. Autor de um grande volume de Teologia, escrito num latim assás puro e de poesias dispersas, que revelam uma sólida educação humanista, merece os maiores encómios pelo que disse sôbre o Padre António Vieira com elevada crítica, e pelos sermões, modelares de substancialidade e elegância, que proferiu sôbre a Conceição Imaculada. A sua palavra, aprimorada sem ser pretenciosa, doutrinária sem ser monótona, substancial sem ser obscura, só pecaria por uma certa uniformidade de tons, às vezes fatigante.

2—**Santos Farinha** (1871-1923) foi um prègador distinto e sugestivo pela facilidade da palavra, pelo tom patético e pelas louçanias, talvez demasiadamente poéticas, mas apreciáveis, com que vestia ideias bastante elevadas e puros sentimentos. Era bastante erudito e ardentemente aferrado ao tradicionalismo nacional, confessando-se incondicional legitimista. Censuravam-lhe apenas a relativa superficialidade dialética.

Eloqüência académica

O maior orador académico foi *António Cândido Ribeiro da Costa* (1851-1922). No púlpito ou no parlamento, na cátedra ou na Academia, António Candido era sempre o requintado académico, avêsso à verdadeira disciplina católica, que nunca penetrou bastantemente, e à disciplina política do seu partido, que servia mais como prestígio ornamental do que dum modo prático e positivo. Eclesiástico apenas pelas ordens recebidas, e parlamentar só por ter sido eleito segundo a vontade do govêrno ou da oposição, António Cândido tinha uma pequena disciplina filosófica, que o apartava irremediàvelmente da verdadeira eloqüência sacra e da verdadeira eloqüencia parlamentar. Era quási sempre um artista pela arte, autólatra com mais ou menos artifícios de modéstia pouco verosímil, preocupado principalmente com a magnífica precisão e beleza clássica do estilo. Avassalava-o o espírito gracioso, leve, fulgurante, mas frívolo na essência, duma Civilização novi-pagã e scéptica, que êle considerava não só invencivelmente scientífica como elevadamente artística. Calmo e requintado como um actor convencido de que tem génio, intimamente scéptico às vezes e liricamente compadecido da ingenuïdade e simplicidade do auditório, recitava, com grande arte e

confiança em si próprio, períodos opulentos de elegância, pureza e harmonia, ligados por um critério indulgente, eclético, pouco profundo, nada piedoso, nada edificante. E essa eloqüência era fértil às vezes em soberbos lampejos verbalistas, em aprimorados conceitos que lembravam a boa arte dos melhores tempos do idealismo helénico. Contudo, os seus discursos, quando lidos, acusam menos verdadeira eloqüência do que engenhosa arte pela arte. Pouco edificam. Raras vezes persuadem. Deixam mais modêlos de perícia estilística do que ideias ou sentimentos profundos.

Críticos, Polemistas e Filólogos

1 — **Ramalho Ortigão** — Pelo equilíbrio soberano das suas faculdades, pelo grande bom senso artístico, pela erudição tão disciplinada, que chega a não emergir mais do que essencialmente, o primeiro crítico da Escola Realista, e um dos maiores da nossa literatura, é Ramalho Ortigão.

Foi crítico poderoso e original nas *Farpas*, que valem incomparàvelmente mais do que as sugestoras *Guêpes* de Afonso Karr. Os defeitos das *Farpas* derivam do imperfeito espírito filosófico. Ramalho depois, progredindo mental e moralmente, corrigiu com probidade muitas injustiças e exautorou sem vacilar vários paradoxos, hauridos no espírito sectário do falso Realismo. Os seus últimos trabalhos críticos foram nobremente tradicionalistas. Recomenda-os uma nobre e fecunda disciplina que lhes dá inegável superioridade. A reconsideração de Fialho de Almeida, excessivamente verbalista, não vale tanto, a-pesar-de ser cheia de verdade e veemência.

No livro *Holanda*, que, relato impressionista duma viagem, revela principalmente o grande poder analítico e descritivo do autor e a sua erudição discreta, mas sólida, há um crítico genial e empolgante na profundeza das ideias e

na arte magistral da expressão. Ramalho vê com soberba verdade e com magistral clareza a psicologia do próprio sólo, das próprias coisas, que lhe sugestionam sempre altas ideias e saudáveis sentimentos, magníficas lições práticas, visões puras do verdadeiro progresso. Impecável de sobriedade na côr e no desenho, o realismo verdadeiro inspira-lhe análises superiores, leves e amoráveis de tom, e grandemente profundas de alcance. É uma obra-prima que lhe assegura o primeiro logar entre os críticos e os verdadeiros artistas do Realismo. *No John Bull* não ascendeu tanto, mas não teme confrontos com os melhores que no género serviram o Realismo. É que Ramalho fêz, da Crítica, mais do que uma análise, um poder criador e reconstrutor.

2 — **Fialho de Almeida** — Desigual e excessivo, mórbido e arbitrário, êste crítico impõe-nos uma dualidade invulgar: o bom senso nativo, aformoseado por uma arte viva e palpitante e com relâmpagos de cruel ironia — e o desbragamento, ora voluntário, ora impulsivo, bastante determinado pela desvairada preocupação da originalidade e do escândalo. Aristócrata e plebeu, robusto cavaleiro e ao mesmo tempo foliculário irreverente, esbanjando pérolas e logo apanhando lama para ter projécteis sensacionais, Fialho ora critica com boa perspicácia, ora insulta sem côbro, sem pejo, sem verdadeira arte. E então emporcalha-se tanto a si como aos outros. Emfim, rebaixa-se até ao vocabulário espumoso, quási

sinistro, das piores escumalhas. De combatente, passa a apedrejador, que assobia quem agride. É uma ampliação convulsa de Camilo no desbragamento. É um novo J. A. de Macedo, mas em mangas de camisa, a atirar, sem tom nem som, casquinando e silvando, pedras, lama e joias à mistura. Tal é êle nos *Gatos* — muito inferiores às *Farpas*, e até nas *Pasquinadas*, na *Vida irónica*, *Barbear e Pentear*, *Saibam quantos*, etc.

3 — **António José da Silva Pinto**, foi um crítico rialista de boa visão mental, mas muito prejudicado pelo excessivo apêgo à maneira camiliana, e, depois, pela mania de ser o nosso Gustavo Planche — um raivoso dentro dum invejoso. Mais independente no livro *Do realismo na arte*, a despeito da errada visão das leis estéticas, é de valor secundário no Livro *Combates e Críticas*, que contém, aliás, páginas brilhantes. Chega a entristecer a sua subalternização dialética e formal, que lembra um arremêdo, mais ou menos brilhante e sonóro, vernáculo, mas constrangido, das polémicas mais despejadas de Camilo. E, contudo, se o seu azedume, reforçado bastante pela preocupação camilófila, não andava acompanhado de qualquer sólida orientação filosófica e de uma verdadeira intensidade erudita, Silva Pinto era rico de talento, de poder concepcional e de ironia muito sua. Mórbido, física e moralmente, mas fundamentalmente bom, amigo sincero da verdade e da justiça, via de

golpe, e com justeza rara, questões que a frivolidade doutros expunha e analisava, às vezes com mais fortuna, ou com arte mais atraente e popularizável.

Nos seus numerosos livros (*Noites de vigília*), *De Palanque*, *Frente a frente*, *Novos combates e críticas*, etc.), há, ao par de muitos paradoxos e de notas triviais, apoucadas por um tom ingènuamente sibilino, que não raro tem apenas o significado dum desfastio caturra, reflexos e até clarões puros de superior bom-senso, de ironia cáustica, e de arte translúcida. O seu estilo, portuguesíssimo, inimitável de meio termo, talvez mais limpido e mais desafectado do que o do próprio Camilo, dá-lhe um lugar de primeira grandeza e sempre inconfundível entre os maiores verbalistas.

4 — Silva Pinto (1848-1911) nasceu em Lisboa. Foi empregado comercial. De índole insubmissa, contraditòriamente valoroso umas vezes, e outras vezes tímido e espavorido, atraiu-o sempre o romantismo da rebeldia e da luta nevrótica. Cedo se apaixonou pelo ideal republicano, pelo Realismo e pelo Positivismo. Assim foi jornalista e boémio, declamador e combatente. Fez algumas traduções. Fiado na suposta vitória da Federação Ibérica, voou ingénuamente a Madrid, mas só encontrou detestáveis mistificadores nos que julgava grandes paladinos. Voltou depressa a Lisboa para arcar com a maior penúria. Em 1874, Teófilo colocou-o na *Actualidade*,

fôlha jacobina do Pôrto. Ali desfechou mais diatribes do que verdadeiras críticas, como quem se vinga de tantas decepções, acirrando verrinas. Nisto tocou audaciosamente em Camilo, com mais razão do que serenidade. O alvejado demorou o desfôrço, mas ripostou com a habitual acriménia. Silva Pinto treplicou com engenho, mas porfim deu-se como vencido. Um dia, farto da quási miséria ambiente, abalou para o Brasil. Não tardou em regressar, mais pobre do que partira. E nisto reconciliou-se com Camilo, cuja *maneira* perfilhou demais, desde então, numa espécie de fanatismo maníaco. Por essas alturas encontrou-se herdeiro de uma grande fortuna. Confiou-a simplòriamente a um desastrado e recaiu de chofre na pobreza. Continuou, porém, a escrever sempre. Um dia, brindaram-no com o cargo de director da Casa de Correção das Mónicas. Morreu, porém, crivado de dificuldades. Devem-se a Silva Pinto a emergência do poeta Narciso de Lacerda, e a edição dos versos magistrais de Cesário Verde.

5 — **Alexandre da Conceição** — Foi um polemista vigoroso, erudito e de envergadura brilhante. Bateu-se valorosamente com Camilo a propósito do romance *Eusébio Macário*, que considerou uma troça desleal à escola realista. A. de Conceição pecava pela falta de serenidade, por um sectarismo extremamente faccioso e por bastante imprecisão de idealismo. Mostrava-se mòrbidamente convulso, quando lhe profligavam

as convicções, talvez porque o minava fàcilmente a dúvida nos ardores do combate.

6 — **Teófilo Braga** foi um crítico erudito e fecundo nos seus numerosos trabalhos sôbre a história da nossa literatura. Deprime-o um impenitente sectarismo. Como polemista, era pesado e difuso, carrancudo e monótono. Demonstra-o o seu opúsculo *Os críticos da história da literatura portuguesa*, onde se aprende muito, porque se aprende até, às vezes, a combater com bom êxito o ideal teimoso de Teófilo.

7 — **Eça de Queirós** pouco se entregou à polémica. Quando o fêz, manifestou bom senso, grande serenidade, e ironia moderada, mas erudição medíocre, duma superficialidade evidente. Não se prendia com réplicas de grande minúcia, e a sua humildade irónica desarmava com rara perícia o adversário mais fogoso.

8 — **Oliveira Martins e Antero Quental** (êste nos opúsculos *Bom senso e bom gôsto*, *Dignidade das letras e literatura oficiais*), merecem boa referência como críticos e polemistas. O primeiro no livro *Teófilo Braga e o Cancioneiro*, e nos seus livros de sociologia e história, afirmou-se ora desorientado pelo sectarismo, ora propenso a originalidades forçadas, mas com excelentes qualidades dialéticas e com erudição, se não sólida, apropriada. O segundo, no campo da política, teve aproximadamente os mesmos defeitos mas com mais vida nos vôos mentais. Na *Carta ao Ex.mo Sr. António José*

de Avila, presidente do conselho de ministros, ou Portugal perante a revolução de Espanha, nas *Considerações sôbre a filosofia da história literária portuguesa*, etc., é evidente um bom valor substancial e formal.—*João Bonança*, em opúsculos como *O século e o clero*, e *A Religião e o Clero*, patenteou boas qualidades de crítico e polemista, às vezes brilhante. Apouca-o o sectarismo desvairado, e a preocupação doentia do libertarismo que, contudo, lhe permitiu dizer, como que sem dar por isso, verdades puras. João Bonança, pretendendo defender o ultra-liberalismo, prestou freqüentes vezes os melhores serviços ao tradicionalismo superior.

9—**José Pereira de Sampaio (Bruno)** foi crítico valioso e polemista vivaz e erudito, mas muito lesado pela confusa orientação mental. Na *Análise da crença cristã*, o poder crítico vem debilitado por um racionalismo excessivamente simplista. Explica-se. Foi obra dos seus mais verdes anos. Notabilizou-o apenas pela precocidade invulgar que revelou. *Nas Notas do exílio*, o crítico é muito transviado pela fé sectária e partidária, mas apresenta análises belas, às vezes magistrais. Nos livros *Ideia de Deus*, e *Brasil Mental* lampejam análises engenhosas e imprevistas entre divagações abstrusas, filosòficamente nebulosas e recheadas de erudição na verdade opulenta e extensa, mas por demais estonteadora, empastada e opressiva. E o estilo, voluntàriamente arítmico, túrgido, estorcido, requin-

tado, aumenta deplorâvelmente a impressão de tumulto, de devaneio transcendental e de capricho julgador, que dessas obras transverbera. Emfim, descortina-se um espírito, sedento de verdade e harmonia, e até muito elevado, mas mórbidamente adjungido à ambição crónica de pensador original na essência e na forma. Nem os anos nem a copiosa leitura o libertaram dessa autolatria muito íntima.

10 — José Sampaio (1857-1915) nasceu no Pôrto. Jornalista e publicista, desde muito novo se embebeu com paixão no idealismo realista e jacobino, e foi um dos fautores mais activos do movimento republicano do Pôrto em 31 de Janeiro de 1891. Teve de emigrar, e o exílio despertou na sua alma — cheia de bondade e rectidão — um recrudescimento incorrigível de ingenuidade idealista. Regressado ao Pôrto, fulgurou na crítica e na polémica, sendo geralmente respeitado pela substancialidade dos seus artigos e pela inteireza rara do carácter. O meio e o tempo eram intensamente frívolos, mas talvez por isso mesmo mais propícios à admiração dos idealismos engenhosos que José Sampaio defendia, aliás, com excepcional profundeza de análise e bastante poder de síntese. Depois de 1910, a sua ideologia jacobina transmudou-se lentamente em decepção maguada, exaustiva. Dedicou-se mais então, com mágua mal oculta, à história e à erudição, e, honestíssimo, incapaz de uma venalidade ou de uma mistificação voluntária, morreu

num grande desconsôlo íntimo, talvez arrependido de ter perdido tanto talento e trabalho. Foi director da Biblioteca Municipal do Pôrto.

11 — **Basílio Teles** Era um crítico de elevada e ágil inteligência, de larga orientação sociológica e de erudição muito intensa. Prejudicaram-no, ainda mais do que o liberalismo demagógico, um scepticismo que contradizia muito o seu incontestável amor-pátrio e o feitio excessivamente ego-centrista e dogmático, menos empolgante e magestoso do que impertinente, do seu estilo, que, contudo, era rico de ideias e de honrados sentimentos.

12 — B. Teles (+ 1920) foi um irrequieto estudante da Escola Médica do Pôrto. Não passou de quartanista por ter audazes conflitos com os professores. Honradíssimo, mas excessivamente orgulhoso, considerado como verdadeira autoridade em assuntos económicos, afirmou-se, antes de publicista, um notável professor de filosofia. Colaborou no movimento republicano de 31 de Janeiro de 1891, mas, depois de 1910, retraíu-se, entre maguado e envergonhado, recusando sistemàticamente a pasta das finanças, que várias vezes lhe ofereceram. Incapaz de aceitar as benesses mais legítimas, morreu quási na miséria e no abandôno, leccionando e murmurando sempre dos homens e dos factos. Deixou vários opúsculos, muito proficientes e sistemáticos, sôbre economia e outros aspectos sociológicos.

sôbre a Grande Guerra, etc., e escreveu artigos notáveis pela originalidade substancial.

13 — **Adolfo Coelho** — Muito erudito e com grande robustez mental, mas falto de método, de equilíbrio expressivo e de superior orientação filosófica, escreveu trabalhos de vulto — *A Língua Portuguesa*, o *Dicionário Etimológico*, *Gramática Portuguesa*, *Noções de literatura antiga e medieval Contos Populares Portugueses*, *Os Ciganos de Portugal*, etc. Iniciou os últimos progressos do ensino da nossa língua e deu considerável impulso à pedagogia. Implantou em Portugal o domínio da glotologia, da gramática comparada, da sciência do folklorismo, etc. As suas obras são de sugestiva consulta, mas de leitura difícil.

14 — A. Coelho (1847-1919) doutorou-se em letras na Universidade de Heidelberg, donde trouxe ideias incontestàvelmente úteis, de mistura com um mau espírito filosófico. Professor do antigo Curso Superior de Letras, grandemente orgulhoso do seu saber e com certo azedume sectário, os seus últimos anos foram lugubremente entristecidos pela perda da vista.

15 — **Augusto Epifânio da Silva Dias** foi um distinto gramático e por vezes feliz crítico, mais ou menos arbitrário, mas sempre eruditíssimo. Escreveu uma boa *Gramática elementar*, que representa um inegável progresso para o seu tempo na penetração das leis sintácticas. Mas teve o mau sestro de pôr em voga algumas

tecnologias supérfluas, depois triunfantes, como único valor das obras de autores, que nem por sombras tinham o sabor filológico do mestre. As edições anotadas do *Esmeraldo de Situ Orbis*, de Duarte Pacheco Pereira e das *Obras de Cristovão Falcão* podem considerar-se como valiosíssimas, a despeito de vários pontos muito controversos das notas. Mas a sua obra completa e prodigiosa, pelo trabalho estupendo que reclamou e pelo acertado critério predominante, é a edição dos *Lusíadas* (1).

16 — *Epifânio Dias* (1841-1916) era natural de Lisboa. Deixou incompleta uma obra de bastante valor — *Sintaxe histórica portuguesa*. Epifânio Dias era de carácter pouco comunicativo e propenso a um mal dissimulado autoritarismo (2).

---

(1) Contudo, nem por isso perde a sua primazia o livro *Apontamentos sôbre os Lusíadas, Ensaio de crítica às críticas* por um *curioso obscuro* (1911). O autor é *D. António Aires de Gouveia*, cujo requintado purismo o prejudicou para sempre, a-pesar-de deixar belos trechos novi-clássicos, alguns deles aproveitados nas selectas.

(2) Mais filólogos e críticos da literatura, da filosofia, da moral, etc.: *Aniceto dos Reis Gonçalves Viana* (1840-1914) foi um eminente poliglota, que se assinalou principalmente como foneticista. Célebre na Europa culta pelo seu trabalho — *Essai de phonétique et de phénologie de la langue portugaise dàprès le dialecte actuel de Lisbonne* (Revista Romanie, Paris, 1883) escreveu depois *Ortografias Nacionais, Pronúncia Normal, Apostilas aos Dicionários Portugueses, Palestras filológicas*, etc., obras de erudição intensa e extensa. A última reforma ortográfica, da qual foi relator, inspirou-lhe o *Vocabulário ortográfico e ortoépico* — o trabalho mais autorizado e completo que possuimos — *António José Gonçalves Guimarães* (1850-1919) foi, além dum ilustre geólogo, um distinto

Filósofos, scientistas e moralistas

1 — A filosofia nunca teve em Portugal, principalmente depois da queda do método do Genuense, bastantes cultores com originalidade saliente.

---

filólogo e muito erudito crítico. Fez parte da grande comissão de reforma de ortografia oficial. Escreveu *Breviário de pronúncia normal do latim*, *Primeiro Curso do Latim*, etc. Foi professor das Faculdades de Letras e Filosofia. — *Júlio Moreira* (1854-1911) manifestou boa competência nos seus *Estudos da Língua Portuguesa*. — Com valor às vezes mais restrito, mas prestando bons serviços, *Cândido de Figueiredo* escreveu o *Dicionário da Língua Portuguesa*, que, com muitos defeitos, principalmente nos aspectos etimológicos, muitas vezes arbitrários, encerra grande cópia de vocábulos e bastantes significados mais ou menos aceitáveis. Mais puros serviços, porém, prestou nos seus trabalhos de linguística: — *Lições Práticas da Língua Portuguesa*, *Falar e escrever*, *Estrangeirismos*, *Problemas da linguagem*, *O que se não deve dizer*, etc. E, crítico de envergadura bastante notável nos livros: *Homens e Letras* e *Figuras Literárias*, polemista vigoroso no *A Josga: dum gramático* e *Golpe de misericórdia*, deixou ainda uma apreciável *Recapitulação da História das Literaturas*. — Merecem também referência muito honrosa: *Teixeira Bastos* (*Poetas brasileiros*, *Teófilo Braga* e *a sua Obra*, *A Crise*, etc.), *Reis Dâmaso* (*João de Deus* e *a sua Obra*), *Júlio Lourenço Pinto* (*Estética naturalista*) *Xavier de Carvalho*, *Mariano Pina*, *Barros Lobo* (*Beldemónio*), mas com grande superioridade do primeiro e boa distinção do segundo — *António Cândido*, que foi, às vezes, crítico bastante disciplinado, não pode ser considerado como puro filósofo pelos livros *Na academia e no parlamento* e *Princípios e questões de filosofia política*. *José Maria Casal Ribeiro* (*O Pariato* e *a Carta*, etc.) deixou páginas luminosas de bom espírito crítico. Contudo, no opúsculo *E' tarde* revelou-se desorientado cobino. E citaremos também o *Conde de Samodães*, com várias críticas históricas e religiosas, *José Joaquim Rodrigues*

Quando a Escola Realista consolidou o seu movimento revolucionário, já não tinhamos, a rigor, filósofos. Havia apenas compendiadores e adaptadores, mais ou menos eruditos e cretiriosos, dos tratados de diversos filósofos estrangeiros.

A Memória do Dr. Sousa Lobo sôbre filosofia cartesiana (1863), os *Estudos de Filosofia Racional* de Joaquim Maria da Silva (1863) e os *Elementos de Filosofia* do mesmo autor (1892), valem um pouco mais do que o *Curso elementar de filosofia* de António Ribeiro da Costa e Almeida com a 2.ª edição em 1866 — ou do que

---

de Freitas, honesto político do Porto, autor de vários trabalhos didático-críticos e de muitos artigos sensatamente republicanos, *Luís Maria da Silva Ramos* (+ 921) lente de teologia, polemista sereno e profundo de ideias, *Avelino Calisto*, que travou rijamente a polémica da *Sebenta* (com Camilo), *Eduardo de Sousa* (1865-1927) num estudo bastante consciencioso sôbre António Nobre; *D. António Tomás da Silva Leitão e Castro* (1851-1901), bispo do Congo, e depois, de Lamego, nos livros *A escravatura na Africa*, *A lenda do martírio de S. Tomé*. (Muita erudição, sentimento, critério, e pureza de linguagem), *Francisco Maria Namorado* (1868-1922) autor de vários opúsculos anónimos sôbre Naturismo e espiritualismo; o *Padre Martins Capela*, além de polemista notável, grande erudito e estilista vernáculo; *Cassiano Pereira Pinto Neves* (1840-1895) notável advogado lamecence, autor do opúsculo *A sepultura eclesiástica e os Suicidas*, em defesa do Bispo do Funchal, D. Manuel Agostinho Barreto; *Mons. António Augusto d'Almeida Silvano*, que com valor se bateu contra o cónego Alves Mendes por causa do livro *Itália*; *Aarão de Lacerda* (1863-1921) bom crítico de arte; *José de Queirós* (+ 1920) também crítico de arte; *Simões Dias*, *Delfim Maria de Oliveira Maia*, *Borges de Figueiredo*, *Barreto Moniz* (muito arguto e bom estilista); *Carlos de Mesquita* (+ 1916), etc., escreveram belos trabalhos de história e crítica da literatura portuguesa e estrangeira, ou de crítica filosófica e moralista

o *Curso de filosofia elementar* de Joaquim Alves de Sousa (1871). Mas, não revelam nos seus autores filósofos de primeira grandeza (1).

2 — **Pedro de Amorim Viana** com a *Defesa do Racionalismo* ou *Análise da Fé* (1885), conquistou certa notoriedade, avolumada pelos seus grandes créditos de matemático eminente e até pelas singularidades do seu génio abstracto e extravagante. Mas a influência daquele livro foi passageira, como o foi o sectarismo, um tanto cândido, que lhe serviu de espírito.

3 — **Teófilo Braga** em 1877 deu à estampa os *Traços gerais de filosofia positiva, comprovados pelas descobertas scientíficas modernas.* É uma assimilação laboriosa, mais ou menos hábil, de várias exposições da doutrina positivista, feitas no estrangeiro.

---

(1) O mesmo podemos dizer mais ou menos dos seguintes:

Esbôço de filosofia analítica, por Hartt Milner, professor estrangeiro no Colégio de Nossa Senhora da Conceição, no Pôrto (1874); *Compendio de filosofia racional*, por Pedro Monteiro (1881); *Filosofia da existência, esbôço sintético duma filosofia*, por Domingos Tarroso (1881), espírito falto de método positivo; *O Criador, O Homem e a Natureza*, por Francisco de Paula Peixoto da Silva e Bourbon (1887), cândido ensaio tomista; *Elementos de filosofia*, por Ildefonso Marques Mano (1891); *Elementos de filosofia*, por Clemente Pereira Gomes de Carvalho (1894); *Compêndio de filosofia elementar*, por Bernardo Augusto Madureira (1897), etc. Merecem, porém, uma referência mais honrosa: *Tiago Sinibaldo*, nos *Elementos de Filosofia* (1894), professando disciplinadamente o tomismo, e *J. J. Louzada Magalhães*, mais historiador da filosofia do que filósofo, na obra *Silvestre Pinheiro Ferreira, sua vida e sua filosofia* (1881). Êste livro, porém, escrito em alemão como tese de doutorado na faculdade de filosofia da Universidade de Bonn, não pertence a rigor à nossa literatura.

4 — **Teixeira Bastos**, fervoroso e honesto discípulo de Teófilo, publicou em 1885 uma feliz síntese do *Curso de filosofia* positiva de Augusto Comte. Mais claro, mais lúcido e até mais leal na dialectica do que Teófilo, não conseguiu, porém, impôr-se como portador de qualquer novidade ou de maior esclarecimento filosófico (1).

5 — **Antero de Quental** manifestou na *Revista de Portugal* uma notável capacidade filosófica, mal disciplinada, mas arguta, ao escrever sôbre as *Tendências gerais da filosofia na segunda metade do Seculo XIX*. O seu poder mental, acompanhado de perto por um atraente fulgor verbal, afirma uma boa estrutura de filósofo. Mas a psicose do extraordinário poeta opôs-se lamentavelmente à frutificação maior de qualidades tão auspiciosas e fecundas.

6 — **Moniz Barreto**, foi no seu belo estudo crítico — *Oliveira Martins e a sua psicologia* um filósofo de envergadura superior. Opôs-se sempre ao materialismo e ao positivismo. Escrevia em linguagem austera, incompatível com loucanias desvanecidas. Os seus detractores chamaram-lhe obscuro e pedante. Contudo, poucos

(1) Não revela maiores filósofos a revista *O Positivismo* (1878-1882), onde o psiquiatra *Júlio de Matos* pontificava com Teófilo Braga, *Emídio Garcia*, *Alexandre da Conceição*, *Augusto Rocha*, *Consiglieri Pedroso*, *Gonçalves Viana*, *Vasconcelos Abreu* e outros colaboradores, fonografaram com mais ou menos engenho os teoristas franceses e alemães. Aplaudiam-nos excessivamente os semi-cultos.

como êle têm manejado o verdadeiro estilo didático. Era preciso e límpido.

7 — **José Maria da Cunha Seixas**—Escreveu *Principios gerais de filosofia*, com bastante originalidade de vistas, grande erudição e linguagem precisa e incisiva. Combate tanto o *panenteísmo* de Krause como o *panteísmo* de Hegel, aliás inspirado pelo *necessitarismo* de Spinosa (1). Ao *panenteísmo* opôs o *pantiteísmo* ou seja Deus em tudo (2).

8 — Cunha Seixas (1836-1895) nasceu em Trevões, concelho de S. João da Pesqueira. Chegou a tomar ordens menores, mas, completando os preparatórios em Coimbra, formou-se em direito no ano de 1864. Durante a formatura, colaborou no *Viriato* de Viseu e fundou o *Académico*. Publicou então um opusculozinho *Estreias*. Advogado em Lisboa, entrou na vida política, como membro do partido histórico. Muito avêsso às realidades da vida partidária, combateu utòpi-

---

(1) Spinosa errou muito, mas não defendeu o ateísmo. Negou, sim, a liberdade do homem, afirmando que *o homem não pode ser um império noutro império*. Negou o *contingente*, afirmando que todas as realidades são variedades de uma única verdade necessária. Considera Deus a Substância, o soberano Bem, e repele toda a concepção antropomórfica do Bem supremo.

(2) Cunha Seixas reduz os sistemas filosóficos a 4: *Panteísmo*, *Sensualismo*, *Conceptualismo* e *Espiritualismo*. Na sua nova síntese, a que deu o nome de *Pantiteísmo*, reconhece Deus no centro de todas as coisas e manifestado nelas. A's leis lógicas da razão chama *elementos universais das coisas*, e aos elementos fornecidos pela experiência chama *elementos particulares*.

camente por várias reformas que nunca viu triunfar. Honesto e de inteligência superior, mas orientado por um liberalismo quimérico, morreu muito descrente do seu ideal político.

9—**Manuel António Ferreira Deusdado**—É o nosso maior filósofo no século XIX e no primeiro quartel do seculo XX (1). Assinalam-lhe a primazia as seguintes obras: *Ensaios da filosofia atual* (1888), *Esbôço crítico da filosofia em Portugal no seculo XIX* (1889), Prefácio aos *Princípios gerais de filosofia*, de Cunha Seixas. Mas ilustre filósofo é também na crítica *(A crise do Ideal na Arte, A literatura grega e a latina)*, bem como em livros de sólida envergadura scientífica—*Ensaio de psicologia criminal, Plano de uma escola colonial portuguesa, O ensino carcerário e o Congresso Penitenciário de S. Petersburgo, A antropologia criminal, Rapport sur les moyens préventifs et questions rélatives à l'enfance et aux mineurs, A reforma do ensino geográfico, Educadores portugueses, Pensamentos*, etc. O mesmo valor filosófico se ostenta não só nos *Elementos de Geografia*

(1) Antero de Quental disse dele *que era alentado por um vasto ideal onde a vivacidade imaginosa da forma não enfraquece a intensidade penetrante do raciocínio.* O Cardeal Mercier cita-o com elogio no *Curso de toda a filosofia*. O eminente sábio *Dr. Estêvão Bush*, professor da célebre Universidade de Yowa (Estados Unidos), com admirativo respeito se apoiou nas obras do *Dr. Deusdado*, e *D. Manuel Tôrres de Campos*, professor ilustre de Direito Penal na Universidade de Granada, aponta-o como mestre de antropologia, psicologia e pedagogia.

Geral, expostos com maestria de método e de linguagem, como nos *Quadros Açoricos* (1), obra dum filósofo, que é também um eminente artista, e ainda nas sugestivas *Notas dum viajante no império russo*. Enfim, a filosofia, o critério histórico e a arte aliançam-se soberanamente na bela *Carta aberta ao senhor D. Miguel de Bragança* pelo *Visconde de Alvaredos*, opúsculo em que confirmou com genialidade os melhores direitos ao título de Precursor da nova Reconstrução, que António Sardinha lhe conferiu com penetração e justiça (2). Qualidades literárias de F. Deusdado: *a)* estilo vernáculo novi-clássico; *b)* muita elegância e vida, conceitos brilhantes e justos; *c)* sentimento entranhado, que parece estimular a cada passo os altos vôos do pensamento. Defeitos: *a)* alguma difusão; *b)* máculas de purismo; *c)* algum excesso de colorido.

9 — F. Deusdado (1860-1918) nasceu em Rio-Frio, distrito de Bragança. Descendia duma família aparentada com a do célebre Duque de Alba. Concluiu o Curso Superior de Letras em 1881. Freqüentou algumas cadeiras do Instituto de Agronomia. Em 1886, a sua grande reputação filosófica fê-lo vogal do Conselho Superior de

---

(1) Traduzido em espanhol por Jimenez Blasco (*Leyendas de las islas de los Azores*).

(2) Chamou-lhe *Visionario apaixonado do Portugal-Maior que ele se empenhou em restituir à sua obliterada vocação histórica.*

Instrução Pública. Em 1887, era lente auxiliar do Curso Superior de Letras. Substituiu Pinheiro Chagas, quando êste foi chamado à pasta da Marinha. Classificado em primeiro lugar no concurso para a cadeira de Filosofia no Colégio Militar, ingressou no professorado liceal em 1890. Foi por então delegado do Govêrno no *Congresso Internacional Penitenciário* de S. Petersburgo, onde o distinguiram com a *Vice-Presidência.* Tornou a representar o seu país no *Congresso da Associação Francesa para adiantamento das sciências*, realizado em Limoges (1890). Em 1892 representou Portugal no *Congresso de Antropologia Criminal de Bruxelas*, do qual foi presidente honorário. Em 1894 foi-lhe cometida a reforma da Casa de Correcção de Lisboa. Em 1895, viu discutidas e aplaudidas três memórias que enviou ao *Congresso Penitenciário de Paris.* Em 1897, a Universidade de Lovaina proclamou-o doutor em filosofia e letras *(honoris causa).* Em 1901 era professor do Liceu de Angra do Heroismo, do qual foi depois Reitor. Em 1914, deu grande brado a sua coragem pessoal. Na escarpa da costa de S. Mateus de Calheta (Ilha Terceira), debatia-se entre cachopos, já desfalecido, um pobre homem. O Dr. Deusdado, que passava com o seu curso em excursão de estudo, viu aquela agonia e lançou-se, sem hesitar, às ondas furiosas. O desgraçado foi salvo assim. A vida do Dr. Ferreira Deusdado em tudo atesta, pois, grande talento, grande

saber e nobilíssimo carácter, segundo cumpria ao homem de génio, mas sectàriamente olvidado, que, nos últimos estertores da Escola Realista, plenamente desnacionalizadora, emergiu com intensidade e brilho como um dos maiores precursores da Nova-Reconstrução.

10 — Muitos scientistas e pedagogos avultaram em vários períodos desta escola, embora quási todos dum modo indirecto e até às vezes mais ou menos sectário e político. Merecem referência: *Ramalho Ortigão, Ferreira Deusdado, Mariano de Carvalho* (*Questões de hoje*); *J. F. Trindade Coelho* (*Abc do povo* e *Manual político do cidadão português*); *Sena Freitas* (*Lutas de Pena*); *D. Maria Amália Vaz de Carvalho*, no livro *Os nossos filhos*, de colaboração com seu marido, *Gonçalves Crespo*; *Júlio Denis* (*Inéditos e Esparsos*); *Mota Veiga* (*Conferências religiosas*); *Cónego Avelino da Costa Pinto* (*O livro das Famílias Cristãs*); *Dr. Luís Maria da Silva Ramos* (na *Estrêla d'Alva*); Padre *Manuel Fernandes Santana*, etc. Na pedagogia e na sociologia, *Simões Dias*, *José Augusto Coelho* (*A Reforma do Ensino Primário*, *Evolução geral da sociedade ibérica*, etc.); *Padre J. Lourenço de Matos* (*Livro do Soldado Português*, *O Evangelho*, *Cartilha Católica*); *Abundio da Silva* (*O Dever Presente*, *O Capital-Salario*, etc.); *José Falcão* (*Cartilha do Povo*); *Augusto Fuschini* (*Liquidações Políticas* e *O Futuro* e *O Presente de Portugal*); *Heliodoro Salgado*,

Costa Goodolfim, *Bernardo Moreira de Sá*, *Azedo Gneco*, *Conceição Fernandes*, *F. Gomes da Silva*, etc., deixaram obras variadas, mas algumas um pouco carecidas de método.

Epistológrafos

Os mais notáveis são: *Camilo, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Júlio Denis, Antero de Quental, Trindade Coelho, Cândido de Figueiredo, Silva Pinto*, etc.

Jornalistas

1 — O jornalismo foi evolutindo no sentido de maior clareza e precisão, mas perdeu bastante a vernaculidade e a saúde moral. O partidarismo deu-lhe energias negativas da verdadeira nacionalização, e até lhe abastardou o critério, cada vez mais avassalado por despejados pessoalismos. Os empresários do louvor ou do vitupério medraram como nunca, estabelecendo o elogio mútuo com mais descaro do que os românticos, e consolidando o facciosismo ao serviço de misteriosos poderes. A imprensa, proclamando-se eco da opinião, tornou-se simples expressão de vontades partidárias, e sectárias, ou instrumento da plutocracia, educando tão superficial como venenosamente a consciência do público. Para isso, explorou com gula o sensacionalismo dos crimes e dos desastres, o escândalo das difamações ousadas, as tendências scépticas e frívolas da época. De ordinário, os artigos de fundo astutamente delineados revelaram tanta decadência mental e moral como os discursos dos últimos parlamentares, cada vez menos correctos, substanciais e patriotas, cada vez mais rudes, ou frívolos e inúteis.

2 — **António Enes** foi modelar de concisão, bom-senso e moderado vigor. Fundou e dirigiu *O Dia*, que mais tarde *José Augusto Moreira*

d'Almeida (1869-1925) dirigiu com grande poder de ironia e com ênfase vernácula, excedendo decerto *José d'Alpoim*, seu antecessor, que foi tão retórico, mas mais limitado de erudição e orientação filosófica.

3 — **Mariano Cirilo de Carvalho** impôs-se como primacial nos seus artigos e notas, algumas geniais de penetração irónica, no *Diário Popular*. Sóbrio de estilo, às vezes incorrecto, mas chispante de conceitos e poderosa lógica, a sua pena imperava pelo imprevisto da ironia, pela grande aptidão dialética e pela justeza serena dos botes.

4 — *Mariano de Carvalho* (1836-1905) foi um professor eminente, um notável estadista e parlamentar. Tinha uma incontestável primazia em questões económicas e financeiras. Como tradutor, foi incorrecto e apressado.

5 — **Emidio Navarro** atestou no jornal *Novidades* predicados de grande batalhador. Não manejava a ironia penetrante, como Mariano. Preocupava-se mais com a forma, a-pesar-de escrever sempre à pressa, como sucedia ao director do *Popular*. Mas no seu verbalismo, às vezes magnífico, palpitavam ideias e sentimentos que empolgavam a opinião. Propendia para o tom enérgico e vigoroso, e tinha o arcabouço de um formidável polemista que não perdoa nunca ao adversário nem o próprio silencio (1).

(1) O seu livro *Quatro dias na Serra da Estrela* revela um escritor poderoso pelo colorido e pela análise.

6 — *Emidio Navarro* (1864-1905) foi um estadista operoso e um parlamentar distinto.

7 — Além de *Simões Dias*, jornalista de valor, inconfundível pela sobriedade do estilo, pela profundeza das ideias e pela nobreza dos sentimentos, avultou *Carlos Lobo d'Avila* (+ 1895), que, parlamentar vivo, elegante, primoroso, revelou também no jornal *O Tempo* qualidades primaciais de lógica e expressão correcta e brilhante. *José Barbosa Colen* (1849-1917) e *Urbano de Castro* (1850-1902) emergiram com muita distinção, mas em plano inferior àqueles.

8 — **José Lourenço de Matos** — firmou o seu nome no *Portugal*, diário católico de Lisboa, em artigos célebres pelo poder e beleza verbal, pela elevação dos pensamentos e da fé ardente que lhe agigantava as faculdades mentais. Robusto pelejador, vibrava a ironia e desfechava a dialéctica com tamanho desassombro, e quási sempre tão irrespondivelmente, que semeou à sua roda inimizades inclementes. Algumas delas foram tão rancorosas, que ainda lhe perseguem hoje a memória, cobrindo-a de desprimores e injustiças.

9 — **O Padre J. L. de Matos** (+1916) colaborou no *Correio da Noite*. Director do *Portugal*, desempenhou com notável superioridade um importante papel político. Morreu, perseguido e caluniado, não só pelos seus adversários, como por muitos que, mais ou menos, professavam os seus ideais. Ao ameaçá-lo uma morte

horrorosa em outubro de 1910, valeu-lhe a magnanimidade dum adversário leal, que, auxiliado generosamente pelo Dr. António José d'Almeida, logrou conduzi-lo à fronteira. Assim se internou em Badajoz, regressando meses depois à Patria, onde o mataram menos as hostilidades cruentas dos adversários do que a doblez sinistra de muitos que julgara amigos. O Padre Matos morreu de desgosto por não lhe permitirem emigrar para o Brasil, aonde o chamavam para dirigir um grande diário católico. Era um homem simples e abnegado, elevadamente virtuoso, a-pesar-da sua combatividade poderosa. Contudo, os sectários fizeram do seu nome um símbolo de fanatismo, imoralidade e hipocrisia.

10 — **Emídio de Oliveira** foi um publicista de estilo sugestivo em alguns livros *A caça do leopardo*, etc., e em várias traduções. Como jornalista, assinalou-se vivaz e elegante, ágil e primoroso, na *Folha Nova*, jornal republicano. Para o fim da vida, teve uma verdadeira primazia como cronista semanal do *Jornal de Noticias*, diário do Pôrto, pela delicadeza do sentimento, pela frescura e graça' dos conceitos e pela correcção do estilo.

11 — E. de Oliveira (1853-1920) viveu como um boémio janota e pródigo de amáveis ironias. Mais scéptico do que sectário, mas fundamentalmente bom, tentava-o de preferência a arte pela arte. Era avêsso a qualquer profunda filosofia. A flor da sua lapela andava sempre como que

orvalhada de fresco, e assim era a sua fisiono mia, iluminada por um sorriso mais subti ainda do que permanente. Nos ultimos ano: da existência, revelava, porém, uma decepçã muito melancólica que lhe espiritualizava bas tante a arte.

12 — **Manuel Alves da Veiga** e **João Cha gas** defenderam o ideal republicano com ardo e fervor, mas por processos diferentes. O pri meiro era mais disciplinado de ideias e senti mentos. Revelou-o no seu jornal *A Discussão* O segundo, mais sentimental, mas menos pro fundo, utilizou uma grande veemência sonora recortada pelos figurinos da imprensa demagó gica da França e depois apegou-se à maneira d Eça de Queiroz nas suas crónicas, cada vez mai moderadamente políticas, e das quais fez livro bastante interessantes. Pouco feliz no romanc *Os crimes da sociedade*, e mais ditoso nas *Carta políticas*, polemista de qualidades superficiais mas com ironias felizes, mais ou menos espon tâneas, teve a arte de explorar o sensacionalism à custa do ideal politico (1).

---

(1) Na imprensa de Lisboa vários jornalistas se distin guiram na defesa do mesmo ideal. Silva Lisboa, José Felix He riques Nogueira, Osório de Vasconcelos, Carrilho Videira, Fra cisco Gomes da Silva, Cecílio de Sousa, Azedo Gneco, C. Pedros B. Pinheiro, Elias Garcia, etc., foram continuados, numa dec dência visivel, mas com ardor faccioso, por Alves Correia, Fran Borges, Faustino da Fonseca, José do Vale, Andrade Neves, Go çalves Neves, F. Boto Machado, e outros — grandes culpados no im pério depressivo da verrina e da incorrecção formal. Campos J nior é uma das excepções honrosas na fidalguia do combate. Na im

SÍNTESE

A literatura portuguesa nada ganha de essencial nesta escola, a não ser uma tendência salutar para a substituïção de idealismos hiperbólicos e estéreis por estudos de disciplinado realismo. Mas esta mesma tendência, excelentemente fecunda, se a orientasse um verdadeiro espírito scientífico, de-pressa se abastardou à mercê do espírito estrangeiro, que, desorientador no

---

prensa do Pôrto, depois de Borges de Avelar, Urbano Loureiro, Agostinho Albano, Manuel Carqueja, e o Conde de Samodães, vem Luís Botelho, (autor dum livro requintado — Farrapos); António Maria Lopes Teixeira (+ 1927) (com boas qualidades de poeta e cronista); J. A. de Oliveira Alvarenga (+ 1902), crítico perspicaz; João Ramos (que pontificou nas crónicas internacionais): João Novais (1860-1919), com boas qualidades de poeta parnasiano; José Victorino Ribeiro (muito erudito e penetrante em assuntos económicos): Gualdino de Campos, Firmino Pereira, Manuel Frutuoso, (modelar na orientação filosófica e na pureza do estilo), e João de Vasconcelos (revista Vida e Saúde (+ 1919), etc. Na imprensa das províncias (Minho, Beira, Douro e T. os Montes), ombrearam com os melhores os jornalistas Martins Capela (Braga); o cónego Egídio de Azevedo; José A. G. Teixeira, visconde de G. Teixeira, José de Vasconcelos Noronha, António Veríssimo de Azeredo Osório, Francisco de Moura Seco, António Osório de Vasconcelos, Manuel Cardoso de Girão, P.e Macário Pinto de Sousa Coutinho (1836-1919), popularissimo abade de Pemude; Cassiano P. P. Neves, Bernardino Zagalo, etc. (Lamego): Diogo de Macedo, romancista apreciável e erudito (Regoa); António Victorino da Mota (Vila Real de T. os Montes); vários articulistas do Viriato (Viseu); do Campeão das Províncias (Aveiro); da Aurora do Minho (Viana), etc.; O *Visconde de Ouguela* (fidalgo jacobino e maçon) em livros elegantes; *Felizardo de Lima*, sempre convulso e radical, e *Graça e Cruz*, medíocre, são o tipo, o 1.º do primor venenoso, o 2.º do fanatismo desvairado, e o 3.º do partidarismo tendencioso. No fundo eram mais panfletários do que verdadeiros publicistas ou jornalistas. E não se deve negar ao *V. de Ouguela* uma grande cultura e boa arte de dizer.

Romantismo, se impôz no Realismo como despejadamente desnacionalizador.

O espírito estrangeiro provou assim mais uma vez que é perigoso recorrer cegamente a êle, por mais sedutores que sejam os programas com que finge querer beneficiar o nosso espírito nacional. A sua finalidade única e certa é demolir.

A poesia, se deixou de ser subjectivista, tornou-se tão friamente objectivista que se converteu em prosa rimada, às vezes abstrusa, ou em montão de rimas meramente descritivas e cultoras da arte pela arte mais ôca e pedante. Muitas vezes ridícula nas torturadas originalidades simbolistas, só teve vibração nas apóstrofes sectárias e ímpias, satanizando monstruosamente o amor do Belo e do Bom.

E assim, ou se tornou monótona e artificiosa em parnasianismos, que de-pressa esqueceram, como simples e pretenciosos exercícios métricos, ou ganhou o valor de simples arma panfletária e sectária, estruturalmente desnacionalizadora e mais ultra-romântica do que de-veras realista.

Quando assim não foi em alguns poetas que, por felicidade, se aproximaram comovidamente do sentimento nacional, ou que tiveram muita arte na expressão de várias torturas filosóficas — a nossa poesia, depois de fracassar nas aspirações de scientífica, foi excessivamente plagiária como poucas vezes, e assim escassamente digna do aprêço e respeito, pela sua inconsciência, mais ou menos voluntária.

A prosa ganhou algumas qualidades — clareza, leveza, rítmo, mas logo se afundou em barbarismos e subtilezas de conceitos, em pretensões irrisórias de expressão filosófica e nova. A tortura dos poetas contagiou os prosadores, que, na ânsia da novidade, exageraram não só a côr e o som, como a profundeza analítica e a vida descritiva. Inverteu-se não só o Romantismo como o proprío Gongorismo. Deu-se ao conceito torturado as honras de pensamento. Os rasgos convulsos duma nevrose mais artificial do que sentida, tiveram o nome de verdadeiro sentimento. Enfim, a arte pela arte conquistou tal domínio, que a crítica, a história, a própria sciência pura, foram rebaixadas até à categoria minúscula de simples pretextos.

— O romance alcançou um predomínio exagerado. Mas, afectando procurar a realidade pura, alvejou quási exclusivamense as realidades más, e sempre à luz duma análise arbitrária e miope. Os Românticos hiperbolizavam qualidades e defeitos dentro da fantasia sem regra. Os Realistas avistaram só defeitos, mas sempre dentro da baixeza e da bestialização, como que fatal, da humanidade. Enfim, os Românticos, ainda mantiveram um certo espírito religioso e patriótico. Os Realistas — com raras excepções — mofaram da Religião e da Pátria, da Moral e da dignidade humana.

Nesta corrente desnacionalizadora, a língua ganhou apenas riquezas exóticas, e a filosofia, subordinada ao mais despótico materialismo determinista, converteu-se em aglomerado de sínteses baratas e negativistas, com uma pompa ridícula de sciência experimental e tacanha de finalidade. Enfim, a Moral e a Pedagogia, renegando da base católica e verdadeiramente scientífica, tornaram-se ou muito convencionais e formalistas, ou despejadamente acessíveis a todos os delírios libertários.

OITAVA ÉPOCA

A NOVI-RECONSTRUÇÃO

(1915...)

OITAVA ÉPOCA

1 — **Carácter de Raça** — Scepticismo profundo, deplorável incompreensão do valor das tradições, superficialidade leviana, passionalismo desenfreado, amoralismo progressivo, às vezes dissimulado em altruismos vistosos.

2 — **Carácter da Época** — (Aspecto social-político). O duelo monstruoso entre a Alemanha e a Inglaterra resolve-se a favor da segunda por causa da intervenção dos Estados-Unidos, rivais da hegemonia de Londres, mas receosos das formidáveis consequências da vitória germânica. Nesse duelo, a Bélgica e a França oferecem o principal campo da luta, sendo cruelmente dilaceradas e sacrificadas. E os outros aliados da Inglaterra sofrem geralmente muito mais do que o povo inglês. A Grande Guerra demonstra, enfim, que a hegemonia da Europa continua nas mãos dos anglos-saxónios, os quais, instrumentando habilmente a anarquia latina, a convertem mais uma vez em sua defesa ingénua e passiva, afectando depois acudir com generosidade a quem lhes serviu de instrumento. A Alemanha, que debelitara a Rússia e vários povos da Europa com propagandas anarquistas, tem de reconhecer-se vencida, e aceita, com fingida resignação, o regimen demagógico, enquanto a França, cada vez mais debilitada, sofre o predomínio crescente do mesmo regimen, que converte a aparente vencedora numa verdadeira vencida. Mas a Europa latina começa a despertar. A Itália e a Espanha, valorizando as suas instituições e as suas boas reservas étnicas, avistam com lucidez e fôrça de carácter a grandeza do ideal tradicionalista, e nêle se retemperam, dando um golpe ousado e firme no liberalismo. Na propria França, a-pesar-das múltiplas intrigas alemãs, o nacionalismo se alevanta com notável energia, embora o maculem exagêros deploráveis e contraproducentes, que a

Igreja tem de reprimir. A pulverização da Europa em pequenas repúblicas e a fraqueza da Russia — a-pesar-das aparentes grandezas belico-terroristas dos *soviets* — favorecem perigosamente as ambições orientais, acarinhadas às escondidas pela Alemanha — que sonha ser a próxima futura reguladora dos destinos europeus à custa da anarquia dos vários povos. Mas o nacionalismo latino, estimulado pelos admiráveis exemplos da Itália e da Espanha, pretende libertar-se, pouco a pouco, do mau sonho liberalista, e promete reconstruir a Europa dentro do puro espirito sinárquico.

3 — **Carácter da Época** — (Aspecto literário). Em tôda a Europa predomina, dia a dia, o espírito tradicionalista que, aliás, tem sido há dois séculos a grande fôrça da Inglaterra e da Alemanha.

São vivos ainda quási todos os homens de letras que representam nas várias nações europeias êsse espírito fecundo e superiormente scientífico.

Em França, continua-se com admirável consciência a obra de *Fustel de Coulanges* e de *La Tour du Pin;* e os eruditos compreendem cada vez melhor os trabalhos filosóficos, nem sempre seguros, mas profundos, de *Saint-Yves-d'Alveydre*, muito desconhecidos pelo vulgo. Similhantemente se caminha na Itália e na Espanha para o mesmo fim literário e filosófico, mas sem tão ostensivo vigor, porque a reconstrução política dêsses países, cada vez mais auspiciosa e sólida, não oferece tão rudes ensejos de combatividade. Em parte por análogo motivo, os reconstrutores da Alemanha e os nacionalistas de Inglaterra não são muito estimulados no sentido da luta viva. Mas tambem há a razão de que êsses povos, habilíssimos políticos, não querem fortalecer com escritos seus, em proveito das outras nações, o que o seu egoísmo deseja valorizar em exclusivo proveito próprio, como sua fôrça principal e maravilhosa.

4 — **Carácter do meio português** — As extremas consequências do liberalismo dividem Portugal em dois campos — o dos devaneadores desnacionalizados que pretendem começar a Historia portuguesa em 1820, com a sua época de ouro desde 1910 até hoje — e o dos tradicionalistas, que vêm começar a História na vitória de Ourique, e consideram o nosso tempo

uma época de irredutível, ainda que lenta, recoustrução, reabilitadora das verdadeiras tradições nacionais.

Os primeiros não hesitam em sacrificar, mais ou menos conscientemente, a Pátria e a Raça ao triunfo maior do espírito estrangeiro. Os segundos, repelindo o espírito anárquico, sanguinário e sacrilegamente internacionalista dos primeiros, pretendem restaurar a tradicional República do regionalismo e do municipalismo e a tradicional Monarquia com um chefe hereditário e legítimo. Os primeiros discutem regimens. Os segundos entendem que o único govêrno estável e scientífico é a aliança do que há de bom em cada um dos sistemas governativos. Enfim, os primeiros mantêm a questão partidária, ainda que redunde em prejuizo da nacionalidade: os segundos querem a nacionalidade forte e livre de sectarismo, querem todas as classes na posse das suas liberdades ligítimas, e que sejam afastados todos os despotismos — o despotismo sinistro à Marquês de Pombal, e o despotismo mistificador e ainda mais funesto, das oclocracias, guardas-avançadas da Anarquia.

5 — **Os precursores** — Na literatura, entre os precursores dos tradicionalistas de hoje — vulgarmente chamados *integralistas*, e que seria mais rigoroso e scientífico chamar *sinarquistas* — alteiam-se os nomes de: *José Acurcio das Neves*, grande parlamentar e notável publicista — defensor valoroso de El-Rei D. Miguel I cujo espírito sinarquista conheceu profundamente; *Manuel Francisco de Barros* e *Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa*, *Visconde de Santarem*, *Fr. Fortunato de S. Boaventura*, já com referência noutro lugar e *José Agostinho de Macedo*, estudado já noutra parte. Se defenderam — e Macedo com excessiva violência — a causa do miguelismo, o seu ideal não era o despotismo, era a restauração das liberdades tradicionais. O despotismo, viam-no antes na *Outorga* arbitrária duma Carta que a Nação não pedira, e que só as Côrtes, constituidas livremente pelos Três Estados, podiam e deviam redigir com autoridade legítima. Á ditadura miguelista, consideravam-na como uma necessidade dura e até calamitosa, mas temporária, para se desarmar e esmagar a conjura internacionalista que minava Portugal.

6 — Um grande nome merece lugar distinto ao pé daque-

les. É o de *António Ribeiro Saraiva* (1800-1890), autor de numerosos escritos (*D. Miguel em Roma*, várias poesias e artigos, cartas a Castilho, etc.). Este grande português seria, como quere António Sardinha, um romântico na literatura, mas, honesto no seu romantismo, aproveitou dele apenas o que não podesse brigar com o sentimento nacional. E assim mostrou a Garrett, a Herculano, a Castilho e a outros, como é que os portugueses podiam ser *românticos*, à maneira dos alemães — fortificando com admirável solidez a fé e o sentimento nacional. A luta heroica e honesta de Ribeiro Saraiva pelo nosso tradicionalismo, luta que sustentou até morrer nonagenário no seu exílio de Londres, é admirável pelo brilho, pelo saber e pela disciplina dos princípios.

7 — **José da Gama e Castro** impõe-se, porém, como o Precursor mais sistemático e profundo dos tradicionalistas contemporâneos. O seu livro magistral *O Novo Príncipe*, com três edições — a 1.ª antes de 1841, a 2.ª em 1841 e a 3.ª em 1921 — encara superiormente a nossa vida política. Divide-se em 11 Secções; *Os direitos do homem* (Liberdade, Igualdade, etc.). *História eterna de civilização das Nações.* (Origens dos Govêrnos, o progresso, o antagonismo político), *O optimismo político.* (Despotismo, absolutismo, democracia, etc.) *O Espírito das Monarquias.* (Poder divino dos Reis, direitos inauferíveis do Príncipe, etc.) *O Leal Conselheiro.* (Relações entre o Principe e os vassalos, Causas da Revolução de 1820, etc.) *A Política Religiosa. A religião e o govêrno, a Inquisição e a tolerância.* (De Vocação da Nobreza nas monarquias, as Ordens militares, etc). *A Fôrça Pública.* (O Exército, a Marinha, os Magistrados, etc.) A Instrução Pública. (A Universidade, a liberdade de imprensa, etc. (*Princípio de economia política*). (A população, a dívida pública, etc.). *O Comércio.* (Causas de decadência do comércio em Portugal, Inglaterra e Portugal, inconvenientes dos sistemas proibitivos, etc.). E na *Conclusão*, se parece acreditar ter prègado no deserto, também avista o abalo salutar que tem convertido aos bons princípios bastantes liberalistas exaltados. Linguagem despretenciosa, muito rica de ideias. Excelente disciplina mental e moral.

8 — **Manuel Ferreira-Deusdado** — (já estudado noutro lugar) continuou com raro talento e superior consciência a propaganda tradicionalista, aplicando-lhe a sua alta capacidade de filósofo. Sòlidamente tomista, deu bases sólidas ao espírito dos novi-reconstrutores em obras de filosofia pura, em brilhantes trabalhos históricos, literários e scientíficos. Estilo vernáculo, opulento e sugestivo.

9 — **Sá Chaves** — (+ 1919) nos *Subsidios para a historia militar das nossas lutas civis*, com um estilo vivo e animado, com um critério imparcial e penetrante). *Gama Barros* (1833-1925) na sua monumental *Historia da Administração Publica em Portugal*, com saber intenso, estilo sóbrio, e critério profundíssimo). **D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos** (1851-1925) em muitos e magníficos trabalhos de crítica literária e histórica; (1) *Adriano Xavier Cordeiro* (1880-1919) em profundos estudos sobre questões como a dos vínculos; *Alberto*

(1) D. Carolina Michaëlis, era alemã. Nasceu em Berlim, de pais alemães. Desposou o erudito escritor, ainda vivo, sr. Joaquim de Vasconcelos. Foi de uma compleição débil, excessivamente nervosa e enfermiça. Por isso mesmo, assombra a fecundidade da sua pena em assuntos de tão áspero labor. Obras principais: *Fonética e notas gramaticais a respeito da redacção espanhola da lenda de Crescência. Ilustrações ao Cid de Herder, Estudos àcerca da criação de palavras em romance, Investigações Etimológicas*, etc. escritas primitivamente em alemão. São notabilíssimas todas as suas *Notas Vicentinas* e é assombroso de saber e critério o seu trabalho sôbre *Sá de Miranda*. Traduziu e anotou superiormente a obra de Guilherme Stork sôbre Camões. Nas *Prelecções de Filologia* deixou lições profundas. O seu livro *A Infanta D. Maria de Portugal e as suas Damas* merece o culto de todos os Portugueses pelo alevantada justiça feita às nossas mulheres ilustres. Reivindicadora adorável e prestigiosa de muitas nossas glórias nacionais colaborou, sem fins políticos, mas com eficaz profundeza, na obra obra novi-reconstrutora. (Vid. a magistral conferência *D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos* escrita e lida pelo Dr. Mendes dos Remédios no Salão Nobre da Faculdade de Sciências da Universidade do Pôrto em 15 de Maio de 1926. Foi publicada em *separata* da Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coímbra «*Biblos*», n.º 5 do vol. II, Maio de 1926).

Sampaio, poderosa estrutura de historiador (1), e outros, reforçaram a corrente tradicionalista, reconstruindo a história e a filosofia dentro de princípios positivos e elevadamente nacionalistas.

10 — **António Sardinha** (1888-1925) assumiu, pouco a pouco, a categoria de Mestre. Polígrafo notável, a princípio bastante artista pela arte, mas de-pressa inspirado pelo sentimento mais puro da sua missão, assinalou em tudo o que escreveu o caminho evolutivo do seu espírito, e com tão admirável naturalidade e verdade, com tanta sinceridade e nitidez, que parece encarnar como poucos a evolução mental e moral do nosso povo. Poeta de vôo superior, depois que se apartou de vez de meras tendências parnasianas (*A Epopeia da Planície*, *Quando as nascentes despertam*, *Na côrte da Saüdade*, *Chuva da Tarde*, *Era uma vez um menino*, etc.), por grande amor-pátrio e por superior orientação filosófica, se devotou ardentemente à história e à crítica social-política (*O Valor da Raça*, *A Questão Ibérica*, *Ao princípio era o Verbo*, *Aliança Peninsular*, *Ao ritmo*

---

(1) *Alberto Sampaio* (1841-1908) foi natural de Guimarães e filho do Dr. Bernardino de Sampaio Araujo e de D. Emilia Ermelinda Cardoso Teixeira. Formou-se em Direito em 1863. Foi da geração de Antéro e Teófilo. Recusou a cadeira de deputado, alegando *que seria incapaz de falar diante de 20 pessoas juntas*. Colaborou na *Revista de Guimarães*, e nos *Vimaranis monumenta historica*, na *Portugalia*, na *Gazeta de Portugal*, de T. de Vasconcelos e na *Provincia*, de Oliveira Martins. Foi grande amigo do sábio Martins Sarmento, em cujos trabalhos se baseou. Guarda-livros do Banco de Guimarães de 1874 a 1876, dedicou-se depois com ardor aos estudos históricos e à agricultura. As suas obras estão coligidas nos *Estudos historicos e economicos*, em 2 vols. e que constam de 3 partes: *Historia e economia nacionais*, *O Minho rural e industrial* (1.º vol.), *Estudos biograficos e bibliograficos* (2.º vol.). No 1.º vol. há os seguintes trabalhos: *Vilas do Norte de Portugal*, *As Póvoas maritimas*, *O Norte maritimo*, *Hontem e hoje*, *A propriedade e a cultura no Minho*, *O presente e o futuro da viticultura do Minho*, *Resposta a uma pergunta: Convirá promover uma exposição industrial em Guimarães?* *Um exemplo de colonização actual por fogo morto*. O *Apendice* da obra tem grande valor.

de Ampulheta, Na feira dos mitos, etc.). Vigoroso jornalista, combativo por índole, mas fidalgo por compleição, autor de eruditos e belos prefácios para obras de vários géneros, crítico nem sempre prevenido contra sugestões facciosas, mas dotado de puro amor de justiça, A. Sardinha nunca deixou desvirtuar o ideal superior que professava e que orientou, por vezes, com extraordinário senso político. Interessante de auto-psicologia desartificiosa e franca em várias páginas, escritas com modelar elegância e pureza — raras vezes difusas e ainda menos vezes contraditórias — evidencía nas suas obras um elevado poder concepcional, que, disciplinado com modelar perfeição, dispõe também da maior influência sugestiva e persuasiva e de um fundo de erudição intensa. Os seus defeitos — alguma tibieza em reabilitações na crítica, a sua transigência com o novi-paganismo, que se infiltrou, mais ou menos, no novi classicismo, enfim, alguns resíduos de pessoalismo e alguns formalismos de arte pela arte — devem-se principalmente à nossa mesologia, que lentamente se transforma, resistindo ainda, quanto póde, ao novo espírito. Se A. Sardinha tivesse vivido mais tempo, êsses defeitos teriam sido aniquilados completamente pelo poder das qualidades.

11 — Do espírito de António Sardinha deriva quási toda a legião de novi-reconstrutores (1) que, pela pena, têm abalado o meio social-político do nosso país, impelindo-o para a Sinarquia.

(1) Dizemos *quási toda*, porque, antes de A. Sardinha, outros impulsionaram a novi-reconstrução, embora o fizessem apenas por meio do jornalismo, ou como professores, ou valorizando apenas o seu convivio pessoal com os estudiosos. Dos já finados citaremos, como muito operosos nesse sentido, *Manuel Ferreira Cardoso* (médico, professor e poeta, já citado); *António José da Costa Flórido* (médico e professor lamecense), e *Padre Gaspar José da Costa Flórido* (tio, muito erudito, do precedente). Estes e outros defendiam ostensivamente o verdadeiro legitimismo, fundamentalmente sinárquico, proclamando principios idênticos em tudo aos de A. Sardinha. E, se na nossa História déssemos lugar aos vivos, poderiamos citar illustres e antigos professores, alguns notáveis médicos e jurisconsultos, que, desde 1891, vem propagando, serena e tenazmente, os mesmos ideais puros, sem qualquer facciosismo partidário.

Mas é justo recordar que *Herculano*, *Garrett*, e *Castilho*, a-pesar-de românticos, nos deixaram em horas felizes, a visão mais surpreendente dos elementos indispensáveis ao nosso resurgimento nacional.

Os próprios realistas nos prestaram um serviço semelhante, numa espécie de pressentimento insufocável. *Antero de Quental* — quando foi decaíndo do idealismo sentimental que o exaltara — *Ramalho Ortigão*, que nos seus últimos escritos nitidizou e ampliou verdades e princípios nacionalistas, mais ou menos afirmados nas primeiras obras; *Eça de Queirós*, na sua fase, que chamaremos penitente; *Oliveira Martins*, a espaços, pouco depois da cruel desilusão com o liberalismo, mas com maior consciência, quando avistou a progressão minaz da demagogia; enfim, *Fialho de Almeida*, chocado rudemente por deploráveis realidades políticas que lhe inspiraram, segundo o espírito do seu tempo, um fervor devéras colérico pelo tradicionalismo puro, *Gomes Leal* *Angelina Vidal* e o próprio *Guerra Junqueiro* deram, para o fim da vida, mostras evidentes e até angustiadas da visão da verdade sinárquica. As suas reconsiderações, mais ou menos desvirtuadas e até apupadas e ridiculizadas pelo sectarismo indignado, semearam, mais do que parece, profundas simpatias pela causa do tradicionalismo nacional.

Do próprio *Camilo* pretendeu Fernando de Campos derivar uma corrente similar, ainda que só o seria dentro de uma espécie de caprichosa inconsciência.

E nem só êsses românticos e êsses realistas tiveram um grande pressentimento da futura reconstrução sinárquica. Políticos como *António Alves Martins*, Bispo de Vizeu (1) como *José Maria do Casal Ribeiro*, depois de desvairado pela demagogia, como o próprio *Augusto Fuschini*, nos momentos lúcidos deixados pela febre ingènuamente liberalista, que por fim o inutilizou, avistaram a verdade sinárquica, senão como uma realidade mais ou menos imediata, como um sistema, social e político, superior ao do velho absolutismo e ao do consticionalismo liberal. O inêxito das suas visões foi devido principalmente a deixarem-se

(1) Por exemplo, no *Nove de Outubro*.

convencer pelos sectários de que o seu realismo sàdio não passava de idealismo quimérico (1).

12 — Sob o influxo de tantos factores, mais ou menos directos, a nossa literatura contemporánea acentua, dia a dia, com grande lógica e auspiciosa finalidade, o seu carácter novi-reconstructor, e, portanto, saüdàvelmente eclético.

O progressivo descrédito dos verbalistas e artistas pela arte, o cansaço do público com artificialismos estéreis e ôcos e com amoralismos torpes, às vezes à sobreposse, enfim, o anelo, cada vez mais vivo, pela reabilitação do nosso espírito tradicionalista, demonstram que a *literatura oficial* — apadrinhada e glorificada pelo liberalismo e por um ou outro tradicionalista transviado — vive apenas da influência sectária e das várias conseqüências de uma sugestão demorada e complexamente vitoriosa.

A nossa arte literária procura com ardor as fontes tradicionais na sua pureza. Exagera-se talvez ainda a simplicidade formal. Há porventura ainda bastantes exibicionismos puristas. Predominará demais um novi-paganismo funesto. Mas abre-se já muito auspiciosamente, o caminho *do meio termo* que assegura sempre a todos os trabalhos honestos a solidez, a fecundidade, e o brilho puro.

Assim como na vida política o espírito sinarquista, inimigo certo de extremismos, sempre nocivos, embora inconscientes, pretende colher da Monarquia e da República o que cada uma tem de mais duradouro, scientífico e nacionalista, assim os novi-reconstructores literários, colhendo no Romantismo e no Realismo o que essas duas escolas podem oferecer de útil à nacio-

(1) Com essa astúcia, e com a exploração intrigante de despeitos e emulações pessoais, tem conseguido o sectarismo desunir bastantes legionários dos bons princípios. Mas essa táctica é de valor perfuntório, embora obtenha ainda as mais ingénuas consagrações de meros artistas pela arte, venenosamente estrangeirados. Os princípios hão-de regenerar cristãmente os homens.

nalidade, pretendem encontrar uma arte elevada, vigorosa e bela, completamente emancipada do espírito estrangeiro.

13 — Um dos sinais certos da novi-reconstrução com bases mais sólidas do que as da reconstrução dos árcades, é o inegável progresso dos processos críticos. A crítica, ainda incapaz de vencer todas as satânicas e teimosas influências do pessoalismo, que por vezes desune e apouca os melhores espíritos, já manifesta com bastante disciplina a necessidade basilar de emitir os seus juizos fora das sugestões, mais ou menos predominantes, devidas ao partidarismo e ao pessoalismo. Se os velhos vícios parecem ainda contagiar muito a nossa crítica, as próprias naturais evoluções da novi-reconstrução irão aniquilando, como que por meio da asfixia, êsses resíduos duma obra essencialmente desorientadora e desnacionalizadora

14 — Enfim, o penhor mais sólido da reconstrução, e com benefício estrutural da própria crítica, é sem dúvida a proeminência cada vez mais gloriosa e fecunda, da filosofia tomista — soberana de verdadeiro Realismo.

Só assim, repelindo-se a filosofia nefasta e excessivamente idealista que apoiou em Portugal, durante séculos, o espírito estrangeiro, os novi-reconstrutores podem esperar que a sua arte literária seja vigorosamente portuguesa e superiormente humana, forte de substancialidade para ser deveras bela de fórma.

15 — É igualmente um sinal auspicioso de ressurgimento a orientação da nossa Sciência contemporânea, que naturalmente se baseia no puro espírito filosófico. Animada por uma filosofia cada vez mais saudável e pura, a Sciência emancipa-se, com notável coragem, do falso scientismo que em Portugal, depois de envenenar e esterilizar o movimento romântico, veio converter o Realismo em simples instrumento de desnacionalização e de amoralidade, e, portanto, em desvirtuamento e rebaixamento da Arte, e em adulteração da verdadeira Sciência.

16 — Tudo nos indica, enfim, que a literatura portuguesa vai realizar com esplendor e solidez os seguintes trabalhos de reconstrução fundamental: *a*) reconstituição austera da nossa história política, social, religiosa, literária, artística e sciêntifica; *b*) continuação das obras dos nossos maiores génios dentro

da revivescência plena e honesta do espírito e do sentimento nacional ; *c*) integração completa do nosso scientismo na filosofia católica e na sciência pura ; *d*) remodelação profundamente pedagógica da Arte, do Ensino e da Moral segundo as normas positivas daquela sciência e daquela filosofia.

ADENDA, mas não melhor...

Na época da reconstrução arcádica, merece referência o brasileiro *Francisco de Melo Franco* (1753-1823) autor do poema REINO DA ESTUPIDEZ. Pouco talento poetico. Mordacidade cruenta. Alveja os lentes da Universidade de Coimbra. Na mesma época se distinguiu *Romão Francisco António Creyo*, que em 1796 publicou umas Fábulas apreciáveis, Naturalidade e graça.

Na época romântica, merecem referência: *Cipriano Leite Pereira Jardim*, Visconde de Monte São (1841-1913) autor dos *Contos e Lendas*, com um prefácio de Urbano de Castro, das *Lendas e Baladas*, de belas traduções de poesias alemãs, e do drama *Camões* (1), intensamente dramático. Deixou manuscritas as obras *A corda do enforcado* (opereta em 3 actos) *Os ignorados* (comédia) *A virtude triunfante* (comédia em 3 actos) *O Raio do Sol* (comédia num acto) e *Rafael*, poema dramático, em cujo frontispício se intitulava o *último dos românticos*. Foi filho de Manuel dos Santos Pereira, 1.º Visconde de Monte São (lente de filosofia e autor de várias obras 1818-1887) e de D. Guilhermina Amália Leite Ribeiro Freire. Formado em matemática, foi deputado e Par do Reino. Morreu general de divisão reformado. Prestou grandes serviços à aeronáutica. Era irmão de Luís Jardim, Conde de Valenças, lente da Universidade de Coimbra.

(1) Representou-se no Teatro de D. Maria II, quando do Tri-centenário de Camões.

v. Trad. Poesia. — Cipriano Jar

Muito talento, fantasia viva e intensa erudição — *D. Luís da Câmara Leme* (1817-1904) autor dos *Elementos de Arte militar* e da boa monografia — *Lourenço Marques*. — *António da Costa Paiva, Barão de Castelo de Paiva* (1806-1879) distinto naturalista, autor de boas obras sciêntificas — *Francisco Luís Gomes* (1829-1869) autor dos *Brahmanes*, etc., homem de muito talento e erudição, que Júlio Dinis (*Inéditos e Esparsos*) faz avultar, quando conta como o encontrou, quási moribundo, na ilha da Madeira; *Luís da Silva Mousinho de Albuquerque* (1846) autor do poema *Rui, o Escudeiro* e das *Observações para servirem para a história geológica das ilhas da Madeira, Pôrto Santo e Desertas*: *Joaquim Pedro Cardoso Casado Giraldes* (1845) autor dum bom Compêndio de *Geografia* e da *Estatística Histórico-Geográfica das ilhas da Madeira e Pôrto Santo* — *Afonso de Castro* (1824-1885) lamecense, autor de alguns opúsculos vibrantemente políticos, e *D. Mariana Xavier da Silva*, poetisa e prosadora, que publicou em 1881 *Na Madeira-Oferendas* (em prosa e verso).

Na mesma época romântica merece maior referência *Francisco de Azevedo Teixeira de Aguilar, conde de Samodães* (1828-1918) notável redactor da *Palavra*, autor de várias obras originais e traduzidas. Estilo vernáculo e elegante. Era formado em matemática e foi honrado estadista. As obras sociais religiosas deveram-lhe serviços incomparaveis. Dotado de grande coragem moral e dum saber extenso e intenso, foi uma das figuras mais veneradas do seu tempo. E *Alfredo de Matos Angra* (1845-1927) também merece carinhosa referência, como romântico que nunca se desvairou com o falso realismo. Jornalista brilhante (no *Comércio do Pôrto*) escreveu *Neblinas da tarde* (versos) *A Sobrinha do major*, *A Fidalguinha*, *O meu romance*, *Amor em guerra aberta*, *Maria Natália* (romances), e *Narciso com dois pés* (opereta) *A minha outra metade* etc.

Na época realista, merece referência desenvolvida o padre *Manuel Fernandes de Santana* (1861-1910) filho de Francisco Fernandes e de D. Ana Pereira Fernandes de Santana. Era madeirense. Foi um ornamento da Companhia de Jesus. Sábio

orientalista e grande scientista, ardente apóstolo e escritor eminente, escreveu, além do *Materialismo em face da sciência*, as obras magistrais — *Questões de biologia*, *Curso de Religião*, *Apologética* e o *Evangelho segundo S. Mateus*. Linguagem castiça e incisiva.

Na mesma época merecem referência *Carlos Ramiro Coutinho*, *visconde de Ouguela*, escritor elegante, mas subtilmente sectário, e *Manuel de Arriaga* (1844-1917) o primeiro presidente constitucional da República Portuguesa. Foi primoroso poeta e prosador elegante (*Harmonias sociais*, Na *Primeira Presidência da Republica Portuguesa*, etc.) E ainda: *Jaime Constantino de Freitas Moniz* (1836-1917) eloqüente defensor de José Cardoso Vieira de Castro e um dos nossos mais brilhantes oradores forenses e academicos, além de autor da tese — *Da natureza e extensão do progresso considerado como lei da humanidade e aplicação especial dessa lei ás belas letras*, de vários relatórios e projectos sôbre instrução, etc.—*José Júlio Rodrigues* (1843-1893), químico notável, que deixou muitas obras scientíficas — *Carlos França*, finado ha pouco, autor do livro *A epidemia colérica da Madeira* (Muito saber e exposição elegante) *João de Freitas Branco* (1854-1910) notável crítico literário e tradutor de dramas vários das literaturas nórdicas — *D. José Leite de Faria* (1927) Bispo de Bragança e Miranda, vigoroso apologista, polemista e jornalista. *Luís Derouet* (1880-1927) jornalista revolucionário, que dirigiu o jornal o *Mundo*, e que, sendo director da Imprensa Nacional, morreu assassinado por um libertário.—*José Maria Santos* (*Santonillo*) (, 1927) que se notabilizou no antigo *Correio da Noite*, pela elegância e vivacidade, cortez, mas substancial e fina, do estilo. Escrevia com especial proficiência sôbre tauromaquia.

É um reparo final! . . .

Literatos da Ilha da Madeira

Com grande injustiça da nossa crítica, são geralmente ignorados no continente português os nomes dos seguintes literatos madeirenses, alguns dêles com mérito igual e até superior ao de vários consagrados:

(SÉCULO XV-XVIII)

Francisco Alcoforado — Foi escudeiro do Infante D. Henrique e escreveu *Relação do descobrimento da Ilha da Madeira*, traduzida em francês (1671) e em inglês (1675). *Fr. Gregório Baptista* (último quartel do Séc. XV). Deixou *Sermões* e *Completas da Vida de Cristo*. Estilo vernáculo. *D. Sebastião de Morais* (n. em 1534). Prelado que escreveu em italiano, com rara elegância, *a Vida e Morte da Princesa D. Maria de Portugal*, Princesa de Parma (A princesa era neta de D. Manuel I). *Tristão Gomes de Castro* (1543-1611) autor de *Argonautica da Cavalaria. Façanhas de Lesmundo*. Foi bom poeta latino. *Padre Manuel Constantino* (+ 1614). Escreveu várias obras em latim novi-clássico. *Padre Luís de Morais* (+ 1622). Jesuita notável, escreveu com primor a *Prégação da beatificação de S. Francisco Xavier*.— *Belchior de Teive* (Séc. XVI-XVII) notável genealogista. *Cónego Jerónimo Dias*

Leite (Séc. XVI XVII). Escreveu *Historia e informação dos ilustres capitães da Ilha da Madeira.* O Dr. Gaspar Frutuoso confessa ter-se aproveitado muito dessa obra para escrever as *Saudades da Terra.—Fr. Remigio da Assunção* (+ 1634). Escreveu vários tratados de Moral em latim e em português. *Fr. João Pinto da Victória* (Séc. XVI-XVII). Escreveu *Vida del Fr. Juan Sanz* e *Jerarchia carmelitana. Henrique Henriques de Noronha* (1667-1730). Escreveu *Nobiliário genealógico de famílias madeirenses.* Talento superior e profunda erudição histórica. *Nicolau Francisco Xavier da Silva* (+ 1754). Foi um erudito notabilíssimo. *Francisco de Vasconcelos Coutinho* (Séc. XVI-XVII). Escreveu os poemas *Feudo do Parnaso* e *Hecatombe metrico.* Muito gongórico.

(SÉCULO XVIII-XIX)

João Pedro de Freitas Pereira (1760-1825). Escreveu *Apontamentos históricos e geográficos sôbre a Ilha da Madeira.* Grande valor subsidiário. *Inácio Correia Drumond* (1768-1830); deixou poesias apreciáveis. **Manuel Caetano Pimenta de Aguiar** (1765-1832). É uma figura notável. Filho do Dr. Bartolomeu Luís Pimenta de Aguiar e de D. Maria Felicia de Carvalho, foi um militar valoroso. *É o precursor de Garrett* na criação do teatro nacional. Menos primoroso de estilo do que o autor de *Fr. Luís de Sousa,*

mas com qualidades maiores de dramaturgo, escreveu dez tragédias em versos (*Virginia, D. João I, A Conquista do Peru, A morte de Socrates*, etc). Foi de 1826 a 1828, um parlamentar eloqüente. *António Joaquim Gonçalves de Andrade* (1765-1868). Foi Deão da Sé do Funchal. Muito talentoso e erudito, anotou a tradução dos *Fastos de Ovidio* por A. F. de Castilho e a edição da *História Insulana*, de António Cordeiro.

D. Fr. Joaquim de Menezes Ataíde (1765--1828). Foi Par do Reino em 1826, Arcebispo titular de Meliapor e Governador da Diocese do Funchal. Muito erudito e com grande talento poético. *João António Monteiro* (1769-1834). Ilustre mineralogista, escreveu modelares obras scientificas. *Cónego Jerónimo Alvares da Silva Pinheiro* (1770-1861). Foi um jornalista distinto. Usava o pseudónimo *Estrêla do Norte*. **Francisco Alves da Nobrega** (1772-1806). Foi um poeta notabilissimo, que excedeu Bocage nos sonetos e competiu com Filinto Elísio nas odes. Deixou dois volumes de *Rimas*. Muita fluência, harmonia e sentimento. É conhecido na Madeira pelo nome de *Camões pequeno*. *Luís José Baiardo* (1775-1821). Secretário de D. Fr. Joaquim de Menezes Ataíde, publicou como suas muitas poesias do ilustre prelado. Os versos da sua lavra eram muito medíocres. *Joaquim de Oliveira Alvares* (1776-1835). Escreveu a valiosa obra *Estatística do Brasil*. *Luís António Jar-*

dim (1780-1825). Foi poeta apreciável. Deixou o volume *Colecção poética.*

Joaquim José Ferreira de Freitas (1781--1831).—Foi o redactor do célebre periódico *Padre Amaro*, que se publicou em Londres. Escreveu: *Memória sobre a conspiração de Gomes Freire* (onde defende a atitude do general Beresford) e *Coup d'oeil sur l'état politique du Brésil.* Esta sua obra foi contraditada por Alfredo de Bauchamp na *História do Brasil.* Mas F. de Freitas replicou com tal superioridade, que Bauchamp confessou-se vencido. Escreveu ainda a *Biblioteca histórica, politica e diplomatica da Nação Portuguesa* (que não passou do 1.º Volume) e o opúsculo *O Bota-fora do catavento, ou a cabeça do bacalhau fresco*, em linguagem tão elegante, que a princípio julgaram ser trabalho de A. Garrett. *Nicolau Caetano Bettencourt Pita* (1788-1857). Foi um jornalista erudito e vigoroso. **José António Monteiro Teixeira** (1759--1876). Foi um grande poeta satírico, rival de Nicolau Tolentino. Escreveu: *Obras poéticas, Ouvres poétiques, Nouveau recueil de poésies en français.*

(SÉCULO XIX-XX)

Fr. José Cupertino—Em 1823 tinha fama de prègador eminente. *Servero Drumond Menezes* (1802-1867), deixou poesias e tratados de Direito. *Padre João Crisostomo Espinola de Macedo* (1828), foi discípulo de J. A. de Ma-

cedo na polémica, mas defendendo o liberalismo. Excessivamente verrinoso. *António Gil Gomes* (1803-1868), foi apreciável filósofo (*Elementos de Filosofia racional*).—*Alexandre Luís da Cunha* (1803-1852) escreveu com penetração—*Os E. U. da America Setentrional em 1830 e 1831*.—*Justino António de Freitas* (1804-1865), foi o pai do estadista A. C. Barjona de Freitas. Escreveu belas obras de Direito. *Marceliano Ribeiro de Mendonça* (1805-1866). Foi notável filósofo, filólogo e professor. *D. Maria do Monte de Santana e Vasconcelos* (1809-1884). Escreveu dois belos romances—*O Cura de S. Lourenço* e *Bernardo e a mesa de prata de D. Diniz*. *Paulo Perestrelo da Camara* (1810-1854). Deixou obras eruditas. **Luís da Costa Pereira** (1818-1893). Figura superior. Foi o maior discípulo de João de Lemos. Escreveu no *Trovador*. No *S. João Poetico de Coimbra*, recitou a poesia *Branca Alvarinho* como primeiro poeta do grupo, depois de J. de Lemos. Foi dramaturgo, actor, director e comissário régio do Teatro de D. Maria II e professor no Conservatório. Camilo chamava-lhe *o mestre da scena do seu tempo*. Escreveu o romance *Mistério de Almas*, o livro em prosa e verso *Reflexos* e belas *Leituras sôbre astronomia*. Morreu na obscuridade. *Jacinto António de Sousa* (1818-1880). Foi lente da Universidade de Coimbra e escreveu bons tratados de Botânica. **Patrício Moniz** (1820-1896). É considerado a maior mentalidade madeirense

de todos os tempos. Admirável teólogo, alto filósofo, eminente professor, pregador genial, que têm comparado ao Padre António Vieira, foi também talentoso publicista e vigoroso polemista. Escreveu *Teoria da afirmação pura* e *Reflexões sôbre a carta do sr. A. Herculano*. *João Maria Moniz* (1822-1898). Botânico distinto. *António Correia Heredia* (1822-1898). Jornalista notável. Bons opúsculos sôbre serviços públicos. *Luís Nicolau de Atouguia* (1.º quartel do sec. XIX). Publicou em 1821 *Colecção de algumas obras poéticas*. Sentimento e boa arte. *Jacinto Santana e Vasconcelos de Moniz Bettencourt*, 2.º *Visconde das Nogueiras* (1824-1887). Foi notável como poeta, como polemista e como parlamentar. Dotado de génio extravagante e grande fôrça física, foi celebrado por Camilo e outros como invulgar individualidade. *Álvaro Rodrigues de Azevedo Portugal* (1825-1898), muito sectário *(O livro dum democrata. Esboço crítico literário. Curso Elementar de Recitação)*, foi muito benemérito no seu *Romanceiro do Arquipélago da Madeira*. *João Fortunato de Oliveira* (1828-1878). Foi bom lírico (Flores agrestes). *João da Nobrega Soares* (1831-1890). Ilustre polígrafo (comediógrafo, geógrafo, historiador, etc.). *José Bettencourt da Câmara* (1844-1875). Distinto jornalista. *Francisco Clementino de Sousa* (1846-1896) O *Faustino Xavier de Novais* da Madeira. Excelente poeta satírico. *Augusto Cesar de Freitas* (

1874). Jornalista eminente. Colaborou no jornal *Revolução de Setembro* de A. R. Sampaio, que o admirava. Mas morreu indigente num hospital. *José Carlos de Faria e Castro* (1835-1910). Escreveu: *O Estado e o seu ambito, L'épopée maritime des Portugais, V. da Gama et Camoëns.* Muita erudição. *Pedro Maria Gonçalves de Freitas* (1836-1915). Jornalista brilhante. **Agostinho de Ornelas Esmeraldo Rolim de Moura** (1836-1901). Escreveu a bela *Memória sôbre a residência de C. Colombo na Ilha da Madeira* e traduziu do original alemão o *Fausto* de Goethe. Tradução muito mais fiel do que a de Castilho, que aproveitou uma versão francesa. Mas, se em algumas páginas atingiu a perfeição artística, foi no estilo muito mais desigual do que *Castilho. Cónego Alfredo Cesar de Oliveira* (1840-1908) foi distinto polígrafo e parlamentar. Era muito político. — **Luís António Gonçalves de Freitas** (1858-1904) foi notável polígrafo. As suas *Obras Completas* constam de 19 volumes, nos quais, porém, não estão incluidas todas as produções.

Também merecem referência: *Padre Manuel Nunes* (1848-1892). Grande prègador e poeta satírico. *João da Camara Lemos de Vasconcelos, 1.º Visconde e 1.º Conde de Canavial* (1829-1902) ilustre jornalista e autor de obras scientíficas (em francês), e os líricos, *Joaquim Pestana* (1840-1909), *Francisco Vieira* (1850-1899), *João Pestana Junior* (1918)

nas *Nuvens de Lágrimas*, *Luís de Ornelas Pinto Coelho* (1843-1920) na *Harpa Madeirense* e nas *Folhas dispersas*, etc. *Francisco António Ferreira* (1870-1912), com o pseudónimo de *Campos Verde*, publicou excelentes gazetilhas. *José Vicente Barbosa du Bocage* (1823-1907) ilustre escritor scientífico, o poeta *António Policarpo de Passos Sousa* (1836-1875) e *António Vicente Varela* (1854-1903) notabilíssimo jornalista, eram da Ilha da Madeira, como o eram *Luís Figueira de Albuquerque* (1818-1904) distinto economista, *José Leite Monteiro* (1841-1920) jurisconsulto ilustre, *Alípio Ferreira* (1837-1915) autor das novelas *Um sacrilegio, romance em capítulos*, etc. (1).

(1) *Vid.* principalmente o ***Elucidário Madeirense***, pelo P.e Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Menezes. Funchal, 1921-1925, obra magistral em 2 volumes.

ÍNDICE

Pág.

Nota preambular . . . . . I a III
Introdução 5

PRIMEIRA ÉPOCA: *Época da Formação – (Escola Provençal):*

A Raça, a Época, o Meio — A língua e a literatura — A arte provençal 11
Os nossos trovadores 20
Os primeiros prosadores 25
Síntese 28

SEGUNDA ÉPOCA: *Época de Consolidação – (Escola dos poetas palatinos e cronistas):*

Época de consolidação — Modificações da Raça, da Época e do Meio 31
A Escola dos poetas palatinos 34
Os Poetas 35
Prosadores 40
Historiadores 43
Síntese 49

TERCEIRA ÉPOCA: *Época de Perfeição – (Escola Italiana ou Quinhentista):*

A Epopeia 66
Poesia lírica 81
Poetas dramáticos 108
Historiadores e outros prosadores 124
Livros de viagens 141
Oradores 147
Filosofia moralista 151
Romancistas 157
Os filólogos 161
Publicistas scientíficos 166
Síntese 170

QUARTA ÉPOCA: *Época de Decadência – (Escola seiscentista ou gongórica):*

Academias 186
Poesia épica 189
Poetas líricos 201
Poetas satíricos 205
Poetas dramáticos 209
Os Prosadores 215
Historiadores 217
Livros de viagens 227
Os Oradores 229
Filósofos e moralistas 235
Alegoristas bucólicos 237
Epistológrafos 239
O jornalismo 240
Filólogia 242
Síntese 244

Pág.

QUINTA ÉPOCA: *Época de Reconstrução — (Escola Arcádica ou Francesa):*

Poetas da Arcádia Lusitana ou Ulissiponense 269
Poetas da Nova Arcádia 274
Poetas da Arcádia Ultramarina 289
Poetas independentes das Arcádias 295
Poetisas 301
Arte e poesia dramática 304
Historiadores 311
Oradores 322
Epistológrafos 324
Filologia 325
Homens de sciência e filósofos 327
Síntese 330

SEXTA ÉPOCA: *Época de Desorientação — (O Romantismo):*

O Romantismo. 345
Poetas. 349
Escritores dramáticos 370
Romancistas 377
Historiadores 390
Historiadores da literatura — Críticos da literatura e da arte — Filólogos, bibliófilos e scientistas . . 400
Viagens e impressões 406
Polemistas e jornalistas. 409
Filósofos, moralistas e pedagogos 412
Oradores sacros 415
Oradores parlamentares 418
Oradores forenses. 420
Síntese. 422

SÉTIMA ÉPOCA: *Época de Desnacionalização:*

Poetas. 442
Autores dramáticos 480
Historiadores 485
Romancistas e contistas 494
Eloqüência 514
Eloqüência parlamentar 515
Eloqüência sacra 517
Eloqüência académica 518
Críticos, Polemistas e Filólogos 520
Filósofos, scientistas e moralistas 531
Epistológrafos 541
Jornalistas 542
Síntese 547

OITAVA ÉPOCA: *A Novi-Reconstrução (1915 . . .)* . . . 551

ADENDA 564

106
3 9001 02205 1455

BARCODE
INSIDE